

Eles Nunca me Disseram ***Isso* na Igreja!**

Um apelo a ler a Bíblia com novos olhos

Greg S. Deuble

2ª edição © 2010 - 1ª edição © 200
Restoration Fellowship
www.restorationfellowship.org

Atlanta Bible College
800-347-4261 • 404-362-0052

Edição revisada ISBN 978-0-9673249-8-2 (anteriormente 0-9673249-5-5)

Eles Nunca me Disseram
Isso na Igreja!

Um apelo a ler a Bíblia com novos olhos

Greg S. Deuble

Título original em inglês:

**“They never told me
this in church!”**

Tradução (Translation)

Fernando Coutinho Sánchez
Osorno – Machalí
Chile
agosto de 2024
(ferjosousan@gmail.com)

Todas as citações bíblicas deste estudo em português foram retiradas da Almeida Corrigida Fiel de 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. Salvo indicação em contrário. Estas citações estão em *itálico*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo da Escritura estão incluídas em [Colchetes].

Todas as palavras em grego, hebraico, aramaico ou outras línguas não portuguesas estão em “*ITÁLICO*” entre aspas e/ou transliteradas para português.

Tabela de Conteúdo

Introdução à segunda edição	4
Prefácio	6
Com graça	8
Introdução	9
Um: OUTRA DESCOBERTA	16
Dois: OUTRO MUNDO	41
Três: OUTRO DEUS	49
Quatro: OUTRO SEÑOR	86
Cinco: OUTRO JESÚS	97
Seis: OUTRO ESPÍRITU	179
Sete: OUTRA ESPERANZA	198
Oito: OUTRO EVANGELIO	239
Epílogo	283
Apêndice 1: Adonai y Adoni	287
Apêndice 2: Miguel e Jesus	288
Apêndice 3: Agência Divina	292
Bibliografia	293

Introdução à Edição Revista e Atualizada

Pensando que já tinha terminado de navegar na grande livraria cristã, o velho estava prestes a sair pela porta. Este homem é pastor há mais de 50 anos na tradição evangélica e protestante e liderou missões evangelísticas em todo o mundo e na Austrália durante todas estas décadas. Ele próprio é autor de vários livros cristãos de grande sucesso. Não sabia que este dia seria um daqueles dias decisivos que de vez em quando “acontecem” na vida de todos. Ao sair da loja, os seus olhos pousaram subitamente no que mais tarde descobriu ser o último exemplar de *Eles Nunca me disseram isso na igreja!* (Esta grande cadeia de livros cristãos estava prestes a proibir o meu livro, mas falaremos mais sobre isso em breve.) De qualquer forma, o Espírito de Deus falou diretamente ao seu coração dizendo-lhe que deveria comprar o livro. Ele obedeceu à orientação do Espírito. O resto é história, como se costuma dizer. Todo o paradigma bíblico deste pastor mudou radicalmente ao ler as verdades contidas nestas páginas. Você foi libertado para ver a verdade simples e unificadora de que o Deus da Bíblia é um e não um misterioso e inexplicável três em um, e que Jesus é o Seu Filho Unigénito. Agora abana a cabeça, como todos nós que já fomos vítimas de uma tradição não examinada, e pergunta-se como é que esteve tão errado durante tanto tempo. Agora alegra-se com os “novos olhos” que Deus, nosso Pai, teve o prazer de conceder a todos os que chegam às suas Escrituras com um espírito ensinável, uma mente honesta, a verdadeira oração para que Ele nos guie para Si e para longe do engano, e o compromisso de lhe obedecer custe o que custar.

Foi o próprio Senhor Jesus que disse: “*Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!*” (Mateus 6:23) – ou seja, se o seu paradigma estiver errado, o seu entendimento será sombrio. A sua cabeça ficará confusa e o seu coração pesado. A nossa visão do mundo determina a nossa alegria e realização pessoal. E o que é verdade para o indivíduo é igualmente verdade para o corpo que conhecemos como Cristianismo.

Quando nunca me disseram isso na igreja! foi publicado pela primeira vez em 2006. Eu estava convencido de que as verdades contidas nas suas páginas continham a semente do poder para fazer a diferença para o Reino de Deus nestes últimos dias. No entanto, estava muito nervoso. É muito bom manter certas visões, mas uma vez impressas, estarão lá para o mundo ver e permanecerão a preto e branco durante muito tempo. Na verdade, lembro-me de ter dado uma cópia a um tio e a uma tia, muito queridos que eu sabia que estavam profundamente preocupados com os relatos que ouviam. Teria ela perdido a fé depois de se entregar aos santos? Nem imaginam como me regozijejei diante do Senhor quando o meu tio me ligou depois de ler todos os dias e me disse com entusiasmo ao telefone: “Greg, este livro é incrível!” Estava tão entusiasmado que tive a impressão de que iria mesmo deslizar pelo telefone e fazer uma dança feliz à minha frente. Note-se que foi criado na Igreja Católica Romana e também frequentou muitas igrejas evangélicas na sua vida adulta. O seu testemunho foi e continua a ser: “Este livro tirou-me quase 70 anos de névoa teológica da cabeça!” E tal como o pastor que mencionei anteriormente, o meu querido tio ainda abana a cabeça perguntando-se como é que as verdades simples e libertadoras deste livro foram enterradas durante tanto tempo sob a tradição da Igreja.

Também podem imaginar a minha alegria quando o livro foi posto à venda na *Amazon Books* e a primeira crítica chegou. Pode ainda ler no site deles:

O livro de Greg Deuble, *Eles Nunca me disseram isso na igreja!* É um sucesso de bilheteira. Em 50 anos de estudo da Bíblia e tendo lido centenas de livros, classificaria este entre os 5 primeiros! Que emoção ler um livro que não tem rodeios e deixa a verdade cair onde pode. Direto e sem rodeios, permite saber em termos inequívocos o que é necessário para se tornar um futuro participante do Reino de Deus que se avizinha sob o Senhor Messias Jesus. Este livro deveria estar na estante de todos os crentes e ser lido e relido com frequência. Esperemos que milhares e milhares encomendem este livro; Se o fizerem, terão um verdadeiro tesouro nas mãos.

Seria-me possível incluir nesta introdução a esta segunda edição revista um grande número de testemunhos de pastores, padres, estudiosos da Bíblia e acadêmicos, e um bom número dos seus crentes “médios”, cuja visão do mundo e caminhada com Deus foram revolucionadas, renovado e até ressuscitado. O mais comovente para o meu coração é o de uma senhora que estava prestes a converter-se ao Islão. Ela afirma o quão sombria a sua alma estava neste momento de desespero. Mas de alguma forma ele conseguiu. e mais uma vez, o resto é história. Ela testemunha que este livro a levou a um conhecimento profundo e alegre do único e verdadeiro Deus do céu e da terra através do Seu Messias, Jesus, nosso Senhor.

Ora, seria negligente da minha parte não referir que tem havido oposição por parte dos poderes constituídos. Isto não foi certamente inesperado. Anteriormente indiquei que uma das duas maiores livrarias cristãs da Austrália colocou o meu livro nas prateleiras por um período de dois anos. Esta foi uma incrível janela de oportunidade que Deus na Sua Soberania abriu. No entanto, o comprador académico (chamo-lhe porteiro!) daquela livraria escreveu-me uma breve nota afirmando que as suas lojas “não encomendarão mais exemplares do seu livro *Eles Nunca me disseram isso na igreja!* O livro causou-nos problemas consideráveis e decidimos não o armazenar mais nas nossas prateleiras”. Respondi que esperava e rezava para que revissem esta decisão decepcionante. Seria muito gratificante vê-los permanecer no verdadeiro espírito dos reformadores evangélicos que tão lealmente promovem. Sim, é gratificante vê-los defender um diálogo razoável. Certamente que a Verdade não tem nada a temer de um exame honesto à luz de Deus? Até ao momento este tutor não reverteu a sua decisão. Posso identificar-me com a tristeza e a raiva do meu Mestre para com aqueles hipócritas que deliberadamente mantiveram os necessitados e sedentos longe da sua mensagem libertadora.

Este livro chega até si graças à dedicação e ao trabalho árduo (outra vez!) de Sarah Buzzard (agora casada como Sarah Jiménez) e do seu pai, Anthony. Estou convencido de que isto chega até si como resultado da liderança do Espírito Santo de Deus. Estou convencido de que o tem nas mãos como um presente milagroso do próprio Deus. Ao lê-lo, é a minha fervorosa oração diante do Deus e Pai do meu Senhor e meu Salvador Jesus Cristo, que a sua palavra vivificante abençoe e mude a sua vida, trazendo-o com grande alegria ao seu glorioso Reino.

Àquele a quem o Seu próprio Filho abençoado chamou o “*único Deus verdadeiro*” (João 17:3) seja glória cada vez mais!

Greg Deuble

Prefácio

Greg Deuble escreveu um livro poderoso. A minha esperança é que isto desencadeie uma revolução muito necessária. O autor não pretende trazer nada além de conforto cristão, embora a natureza da sua tarefa nas páginas que se seguem o envolva num ministério de “perturbar aqueles que estão confortáveis”.

A minha esperança é que os paroquianos de todas as denominações aceitem o desafio que Greg coloca aos seus colegas clérigos. Quando isto acontece, as reações podem incluir uma combinação de gemidos de horror e gritos de alegria: dor ao descobrir que muito do que a maioria de nós aprendeu na igreja, na verdade, não tem quase nada em comum com o Jesus que professamos seguir, mas alegria pela descoberta.

Foi o falecido e ilustre professor de Bíblia, *F.F. Bruce*, que sabiamente observou em correspondência comigo que “as pessoas que aderem à crença na Bíblia (como aderem) muitas vezes aderem de facto a uma escola tradicional de interpretação ‘*sola scriptura*’. Os protestantes evangélicos podem ser tão servidores da tradição como os católicos romanos ou os cristãos ortodoxos gregos; ao longo dos anos, descobri que esta observação mordaz acerta em cheio.

Greg Deuble detectou na sua volumosa leitura uma série de citações igualmente reveladoras que apoiam incisivamente a sua convicção de que a Igreja se afastou muito das intenções do seu fundador, Jesus. A de um proeminente estudioso da Bíblia, *Norman Snaith*, alerta-nos para o grave dano que foi causado à fé cristã original:

A nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos das ideias dos filósofos gregos tem sido amplamente difundida ao longo dos séculos e em toda a parte destrutiva para a essência da fé cristã... Nem a teologia católica nem a protestante se baseiam na teologia bíblica. Em cada caso, temos um domínio da teologia cristã pelo pensamento grego... afirmamos que não pode haver lei (teologia) até que tenhamos chegado a uma visão clara das ideias distintivas tanto do Antigo Testamento (AT) como do Novo Testamento. NT) e a sua diferença com as ideias pagãs que dominaram largamente o pensamento “cristão”.

Há certo tipo de pessoas que provavelmente não deveriam ler este livro! Refiro-me àqueles que não conseguem aceitar a ideia de que grandes grupos de paroquianos possam ter sido enganados sobre questões fundamentais da teologia. Ou aqueles que apoiam os seus pontos de vista com alguns “textos de prova” em vez da ampla evidência da Bíblia. Mas o leitor mais aventureiro terá uma maravilhosa viagem de descoberta, com *Greg Deuble* como seu guia ao longo do caminho que evidentemente lhe trouxe tanta alegria.

O nosso autor realizou uma revisão completa de muito do que aprendeu em criança, ao formar-se na Faculdade Bíblica. Isto não significa de forma alguma que tenha abandonado a fé nas Sagradas Escrituras. Longe de lá. Não há nada de moderno ou enigmático na sua abordagem. Em vez disso, aprendeu a ler a Bíblia a partir da sua própria perspectiva hebraica, e livrar-se de demasiada bagagem tradicional tornou a Bíblia ainda mais brilhante e reveladora. Sendo um honesto estudante da verdade, acredito que *Greg* foi recompensado com uma visão invulgar. Tem um talento especial para chegar ao cerne dos problemas. Trouxe muito apoio académico moderno ao seu argumento, e as citações retiradas das suas extensas leituras são impressionantes. Acrescenta

uma boa dose de humor australiano aos seus escritos ao convidar-nos a reexaminar todas as questões importantes da teologia bíblica. O calor pessoal e o toque pastoral do autor são evidentes em tudo o que escreve.

Este não é um livro teológico empoeirado. É um apelo apaixonado para que levemos a sério as palavras gravemente perturbadoras de Jesus sobre os perigos de pregar “em seu nome”, e até mesmo de realizar atos carismáticos “em seu nome”, apenas para sermos rejeitados após o regresso de Jesus (*Mateus 7:21* e segs.). Há muito a ganhar em empreender o exercício “Bereano” para o qual *Greg Deuble* nos convida. Existe, como afirma, “outra” e convincente forma de olhar para todos os principais temas bíblicos. O autor forneceu-nos um compêndio de teologia bíblica que nos permite tornar-nos leitores ávidos da Bíblia, apreciando a verdade recém-aprendida. Leremos o texto das Escrituras através de lentes hebraicas, o que é razoável, uma vez que o nosso Salvador era um judeu que recitava um credo judaico e afirmava ser o Messias hebreu.

No meu país, cerca de 2% da população de Londres vai à igreja com alguma regularidade. O restante aparece na igreja para ser “incubado, emparelhado e enviado”. Esta é uma tragédia de enormes proporções. Acredito que o livro de *Greg Deuble*, amplamente distribuído, poderá desencadear um regresso ao Deus da Bíblia e a Jesus, o destemido e incansável proclamador do Evangelho do Reino e da imortalidade. Tenho a certeza que seria o desejo do autor. Espero sinceramente que muitos bons óleos e o desafio do reexame que o *Greg* seja gentil e hábil em oferecer a todos nós.

Anthony F. Buzzard, MA (Oxon.) MA Th.
Atlanta Bible College and Restoration Fellowship

Com agradecimentos

Dedico este livro a diversas pessoas cujo incentivo foi inestimável ao longo do percurso. Em primeiro lugar, agradeço a **Sir Anthony F. Buzzard**, cujo gentil e experiente contacto inicial comigo me abriu os olhos para o que nunca me foi dito na igreja. Embora tenha tido o cuidado de reconhecer adequadamente o trabalho de *Anthony*, foi impossível citar integralmente a sua erudição, uma vez que grande parte do material provém do seu contacto pessoal comigo. Se há outro cuja paixão é maior pelo Reino de Cristo, ainda não o conheci. Estou profundamente grato pelas muitas horas que o *Anthony* dedicou às sugestões editoriais.

Estou também profundamente grato a **Sarah Buzzard**, filha de *Anthony*. A *Sarah* passou horas e horas a formatar e a rever o texto.

Gostaria de agradecer o apoio do meu próprio irmão **Jeff Deuble**. Ter o apoio de um irmão tão piedoso tem sido um tónico para a minha alma.

O meu filho **Andrew Deuble** prestou assistência pessoal e profissional no design da capa. Um pai não poderia desejar nada melhor.

Outros grandes apoiantes foram **Charles Hunting** e **Jack Townsend**, que generosamente contribuíram com o seu tempo e recursos para tornar este projeto possível.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer a duas mulheres muito especiais na minha vida. Em primeiro lugar, a minha querida esposa **Chris** concedeu-me muitas horas necessárias para realizar esta tarefa. Sacrificou-se enormemente durante os nossos mais de trinta anos de casamento, sem nunca pensar em si própria.

Por fim, quero prestar homenagem à minha própria mãe, **Fay Deuble**, que foi a primeira a mostrar-me e a ensinar-me a amar e a honrar o Deus da Bíblia.

Introdução

Foi o romance do ano, um rasgador de fios. [1] Um thriller baseado na heresia de que Jesus casou com Maria Madalena e que os seus descendentes sobreviveram até aos dias de hoje. O best-seller de *Dan Brown*, “*The Da Vinci Code*” (O Código Da Vinci), vendeu uns impressionantes 25 milhões de exemplares em 44 línguas em todo o mundo, o suficiente quando empilhados uns sobre os outros para formar uma montanha 100 vezes mais alta do que o Evereste, ou para se estender de uma ponta à outra. novamente, e então ainda teremos tempo de sobra para fazer mais uma ousada peregrinação às portas do Vaticano! (Este facto irá impressionar o Vaticano à luz da sua directiva tardia aos seus fiéis para não comprarem ou lerem o livro!) E ainda estamos a contar. A tese do autor é que Jesus era apenas um homem, grande e talentoso, mas totalmente humano. A sua divindade é uma ficção promovida pela Igreja para reforçar a sua autoridade. Mais ainda, este homem Jesus terá casado com a “caída” Maria Madalena e teve também uma filha com ela, estabelecendo assim uma linhagem real que perdura até aos dias de hoje, com os descendentes do casal ainda entre nós. As pistas, insiste o autor, encontram-se nas famosas pinturas de *Leonardo Da Vinci*, sobretudo em “*The Last Supper*” (A Última Ceia). A mensagem central de *O Código Da Vinci*, de *Brown*, é que “quase tudo o que os nossos pais nos ensinaram sobre Cristo é falso”.

Há pelo menos três ingredientes intemporais que fizeram de *O Código Da Vinci* o romance mais popular de sempre: uma teoria da conspiração, a questão do Jesus histórico e muita ação imaginativa. Não espero que o meu livro: *Eles Nunca me disseram isso na igreja!* vendeu 25 milhões de cópias (RISOS!), embora contenha dois dos três ingredientes que *Dan Brown* tão bem utilizou. Embora não esteja a escrever ficção, o meu livro envolve uma conspiração em torno de Jesus, o Cristo. Jesus de Nazaré foi a figura mais influente da história do mundo. Isto é sugerido pelo vigor do debate sobre o sentido da sua vida dois mil anos após o seu nascimento. É verdadeiramente surpreendente que passado todo este tempo a pessoa de Jesus (o) Cristo ainda capte a imaginação popular e académica. Escrevo com a convicção de que a questão central que o nosso mundo enfrenta hoje continua a ser a antiga questão que Jesus colocou aos seus seguidores: “Quem dizeis que Eu sou?” Nas últimas décadas, surgiram numerosos livros best-sellers e uma série de estudos académicos que reexaminaram esta questão crítica à luz de materiais antigos recentemente descobertos.

O cristão médio não está ciente de que por volta de 1975 começou a ocorrer uma mudança básica no campo dos estudos do Novo Testamento (NT) em resposta a estes materiais recém-descobertos. Um estudioso do NT chamado *Robert W. Funk* fundou o Seminário Jesus nos Estados Unidos. Este grupo de estudiosos, linguistas e historiadores do NT reúne-se anualmente e tem estado na vanguarda de um reexame revolucionário da cristologia. Funk escreve que ainda não é claro qual será a nova imagem de Jesus, “no entanto, é claro que está a acontecer uma revolução”. Até agora, esta avaliação revolucionária está largamente limitada aos ambientes académicos. No entanto, um ataque aos bancos era inevitável. Embora a maioria dos cristãos não esteja ciente de que uma revolução tão inovadora entre os estudiosos e historiadores do NT esteja em curso, a um nível mais pragmático deveríamos ser capazes de ler os “sinais dos tempos”. “A era cristianizada chegou ao fim e com ela a colonização e o imperialismo do Ocidente cristão. Agora habitamos uma aldeia global. Nessa cidade, aqueles de nós com herança cristã ou judaica devem competir num mercado global de ideias e reivindicações.” [2] Temos de unir Jesus com Buda, Lao-tsé,

Confúcio, Gandhi, Maomé, a “espiritualidade” da Nova Era e muitos outros. Este é um desafio que todo o amante da Bíblia deve aceitar. A incapacidade de enfrentar estes desafios condenará a Igreja a um atraso tão estagnado como o proverbial “*billabong*” australiano [3] numa grande seca. Encontramo-nos numa encruzilhada. Enfrentamos uma luta entre as forças da luz e das trevas. Acho isso estimulante. Não é menos um desafio que o que Jesus e os seus apóstolos enfrentaram ao pregarem as Boas Novas do Reino de Deus, pois no primeiro século o mundo adorava um panteão com uma infinidade de deuses e deusas.

Douglas Lockhart em “*Jesus the Heretic*” (Jesus, o Herege) observa que o impacto do secularismo e destes novos materiais significa que o Cristianismo perdeu o seu domínio sobre a imaginação humana; Simplesmente já não é respeitado. As pessoas estão a despertar para o facto de que o cristianismo tradicional as abandonou e não estão dispostas a ser enganadas por doutrinas “que não têm base na realidade nem a energia psíquica que lhes resta para manter a farsa religiosa em curso”. *Lockhart* defende que o ataque deste novo intelectualismo deixou a nossa sociedade com a sensação de que a história do evangelho não está a conseguir inspirar a mente ocidental porque se tornou nada mais do que uma série de “contos de fadas culturalmente sagrados”. [4] Nos últimos 50 anos, esta perda de respeito deixou um vazio espiritual e, quando se trata do Cristianismo, já não existe um ceticismo saudável, mas um cinismo amargo nascido da derrota interior. Se estas observações estiverem corretas, e creio que estão corretas, a nossa resposta à questão sobre a identidade de Jesus de Nazaré e a sua mensagem determinará a direção que a nossa sociedade do século XXI tomará. É tão grande. Já não é aceitável que os cristãos vivam em:

complacência infundada ou... autoconfiança presunçosa. Vivendo numa espécie de sonho metafísico, os guardiões do cristianismo “ultrapassado” tropeçam de uma explicação inútil dos acontecimentos do NT para outra... Jesus não fez sexo; Jesus era onisciente... Jesus é Deus (etc.). Tais sentimentos escapam facilmente dos lábios quando a mente foi invadida pela vertigem espiritual devido à subnutrição intelectual. [5]

Quero examinar se “quase tudo o que os nossos pais nos ensinaram sobre Cristo é falso”, como insiste *Dan Brown*. É minha firme convicção que grande parte disto é verdade, que a ficção se misturou com a verdade. O verdadeiro Jesus de carne e osso tem sido tratado como um pedaço de barro que é empurrado e afastado do contexto histórico por séculos de mitos acumulados.

Existe uma opinião generalizada de que a “fé apostólica uma vez entregue aos santos” construiu uma Igreja forte que levou o paganismo de volta aos cantos escuros do mundo então conhecido. *C.S. Lewis* captou imaginativamente este retiro num dos seus romances, aprisionando o grande mago Merlin num bloco de gelo. Cristo está no trono; o Diabo e todas as suas obras estão mais ou menos controladas. Pelo menos esta é a teoria. Mas e se, em vez de ser banido, uma grande dose de paganismo fosse realmente absorvida pela fé cristã? O que aconteceria se a fé apostólica pura, firmemente enraizada em Jesus de Nazaré, fosse cedo demais divorciada do seu contexto histórico? Muitos excelentes estudiosos da Bíblia defenderam um argumento aparentemente indiscutível de que o Jesus da história judaica foi enterrado sob gerações de mitos acumulados; O Jesus da história foi suplantado pelo Cristo da mitologia. Vale a pena refletir sobre o conhecido dito do *Cónego Goudge*, que considerava que a infiltração das ideias romanas e gregas na igreja cristã representa “um desastre do qual nunca recuperámos, nem na doutrina nem na prática”. Poderia ser realmente verdade que “o Jesus histórico, o rabino que outrora caminhou pela terra, depois morreu e voltou (à vida), e que em breve regressaria para inaugurar o seu Reino, estava a desaparecer para segundo plano como uma figura?”, como afirma *Richard Rubenstein?* [6] Ou, como diz outro:

A história de como a filosofia grega, com a sua síntese de racionalismo e misticismo, penetrou e permeou retoricamente [isto é, persuasivamente] a tradição cristã, alterando para sempre a fé cristã, é praticamente um segredo aberto na medida em que exala os poros da literatura do século XIX. O segredo aberto continua a ser mantido, sem dúvida, devido às suas implicações surpreendentes. [7]

O facto de o cristão médio de hoje estar tão inconsciente deste facto surpreendente de que “o Cristianismo tal como o temos hoje é uma forma de mitologia greco-romana” é a prova de que novas vozes que exigem integridade devem ser ouvidas. [8] Ou, como disse outro: “Em nome do verdadeiro Senhor da história, os falsos deuses na igreja e na sociedade devem ser constantemente desmistificados de novo”. [9] Talvez as palavras da personagem fictícia de *Dan Brown, Sir Leigh Teabing*, contenham, afinal, demasiada verdade. *Teabing* alega: “Muitos estudiosos afirmam que a Igreja primitiva roubou literalmente Jesus aos seus seguidores originais, sequestrando a sua mensagem humana, envolvendo-a num manto impenetrável de divindade e usando-a para expandir o seu próprio poder.” [10] Historiadores e teólogos “conservadores” sérios e respeitados, como *N.T. Wright*, reconhecem ainda que “não é apenas possível, mas muito provável, que a igreja tenha distorcido o verdadeiro Jesus e precise de se arrepender disso e redescobrir quem é realmente o seu Senhor”. [11] Este espectro de vozes, desde os “liberais” aos “conservadores”, é unânime.

Grande parte do NT foi escrito para alertar para a possibilidade de uma aquisição. “*AMADOS, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo*” (1 João 4:1). “*há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo*” (Gálatas 1:7). “*Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo*” (2 Coríntios 11:3). O nosso próprio Senhor alertou para os lobos que viriam em pele de cordeiro. Evidentemente, enquanto o Filho do Homem semeava a semente do glorioso Evangelho do Reino, o Inimigo já estava no seu enalço, espalhando joio (*Mateus 13:25*).

Cresci nas “*Churches of Christ*” (Igrejas de Cristo). Aprendi desde cedo que a nossa posição era a do NT. Isto foi reforçado para mim na Faculdade Bíblica, onde aprendi que nos estávamos a esforçar para restaurar a Igreja do Novo Testamento. A nossa é uma herança de reforma. Costumávamos ser um povo vibrante, desafiando o “status quo” com o grande lema: Nenhum livro exceto a Bíblia. Cada vez que o nosso povo se mudava para um novo distrito, o “sistema” sentia-se ameaçado. Estávamos convencidos de que tínhamos a verdade; Não é que acreditássemos que éramos os únicos cristãos, mas que éramos apenas cristãos. Representamos o melhor do cristianismo evangélico tradicional e popular: a Bíblia é a Palavra de Deus, a nossa única regra de fé; Deus é Trindade em unidade, Pai, Filho e Espírito Santo; Jesus Cristo é o segundo membro desta Santíssima Trindade, Deus encarnado que teve de encarnar para morrer pelos nossos pecados; Jesus ressuscitou e está agora no céu aguardando a Sua Segunda Vinda, quando Ele trará de volta todos os santos que já morreram e foram para o céu com Ele para governar a terra; Todos os incrédulos serão condenados ao tormento eterno no fogo do inferno. O batismo do crente foi uma parte fundamental do ensino de Jesus sobre a conversão. Com essa herança em mente, escrevo este livro. *Eles Nunca me disseram isso na igreja!* representa uma reavaliação destas questões para a pessoa média. Não é um livro profundamente académico, embora se baseie nos melhores estudos disponíveis. Conta uma história que a maioria dos cristãos de hoje desconhece: quão significativamente as ideias pagãs infetaram “a fé que outrora foi dada aos santos”.

Para ilustrar como este livro surgiu, deixem-me usar um exemplo familiar da vida desportiva quotidiana na Austrália: sou um grande fã de “rugby league”. É um jogo difícil, rápido e comovente para o homem da classe trabalhadora. Como jogador, aprendi que uma das piores coisas que pode fazer ao suporte que corre ao seu lado é “vender-lhe o passe do hospital”. Aqui está o seu companheiro de equipa a correr ao seu lado. Ele segura a bola. Você é o jogador suporte dele. O perigo é que um jogador adversário esteja a correr a toda a velocidade na sua direção. Está coberto. Está a um segundo da colisão. Será abordado. Mas o seu companheiro de equipa passa-lhe a bola de qualquer maneira. Em que trabalha? Tirar os olhos da bola, deixá-la cair e perder uma posse de bola inestimável para a equipa? Ou apanha a bola com as duas mãos sabendo que nessa fração de segundo não se conseguirá defender e será esmagado até perder os sentidos? É uma sensação horrível receber um passe de hospital.

Toda a minha vida joguei na equipa “cristã ortodoxa”. (“ortodoxo” significa “pensamento correto”). Na verdade, defendi a causa evangélica “ortodoxa” com cada grama do meu ser. Subscrevi os credos tradicionais da Igreja: o Credo Niceno, o Credo dos Apóstolos, o Credo Atanasiano, o Credo Calcedónio, o Credo das Igrejas de Cristo: “Não há credo senão Cristo”. Eu estava a correr com todos os meus outros companheiros “ortodoxos” e estava em boa companhia, por isso pensei, voltando para junto de Jesus e dos apóstolos. Mas tudo isto mudou dramaticamente para mim numa noite fatídica. Conheci um homem que me perguntou: “Acredita na Trindade?” Sem pestanejar, disse com absoluta convicção: “Claro que acredito firmemente na Trindade”. Este homem, *Sir Anthony F. Buzzard* (que gentilmente escreveu o “Prefácio” deste livro) fez-me algumas perguntas bem direcionadas que me deixaram completamente perplexo. Eram questões que não tinha considerado em toda a minha vida cristã anterior, nem mesmo na faculdade bíblica. Eram como raios certos que atingiram o seu alvo. Para usar a analogia do futebol, estava no chão, sem fôlego. Nunca fui tão atingido que a minha estrutura de crenças pudesse ser tão tendenciosa e cheia de erros como outras. Tinha acabado de conseguir o passe do hospital. Eu precisava disto, porque me tirou da minha ortodoxia inquestionável. E agora, quando me levantar para jogar à bola, vou jogar para a equipa “cristã heterodoxa”! (“heterodoxo” significa “pensar diferente”).

Não é fácil reexaminar as nossas crenças mais queridas. Tornamo-nos feroz e emocionalmente ligados ao nosso “Deus”. Não só isso, mas há muitos à nossa volta que subscrevem o nosso dogma. Somos família. Deus é o nosso Deus. Todos pertencemos um ao outro. Muitas vezes tentei imaginar como deve ser nascer numa comunidade muçulmana, hindu ou budista. Provavelmente não é diferente de nascer numa comunidade de Testemunhas de Jeová, ou numa comunidade Baptista, ou numa comunidade Católica Romana, ou numa comunidade da Igreja de Cristo. Para aqueles que levam a sua fé a sério, é difícil acreditar que a sua perspetiva possa conter erros flagrantes. Fazer com que uma pessoa de qualquer religião questione a sua posição é quase impossível. Levantar questões sobre crenças de longa data significa muitas vezes disparar sobre o mensageiro antes de a questão receber qualquer tipo de audiência justa. No entanto, o próprio Senhor disse que é possível anular a Palavra de Deus nas nossas vidas porque nos recusamos a abandonar a tradição humana que foi transmitida (*Marcos 7:13*). Identifico-me com o autor que disse: “Para mim, a parte mais difícil (e mais entusiasmante) da investigação sobre os primórdios cristãos foi desaprender o que eu pensava saber e abandonar os pressupostos que tinha como garantidos”. [12]

Este livro é o resultado de anos de agonia em oração diante de Deus Pai. É o resultado de anos de intenso estudo e busca das Escrituras. Foi uma viagem ao mesmo tempo ameaçadora e libertadora. Muitas das minhas antigas fortalezas teológicas foram atacadas. Mas todo o pensamento deve ser levado “*cativo todo o entendimento à obediência de Cristo*” (2 Coríntios 10:5). Estou perfeitamente consciente de que muitos de vós que lerem isto o farão com o mesmo espírito que eu já tive. Tornei-me um polícia teológico, e qualquer doutrina ou prática que não seguisse esta fé que nos veio dos próprios apóstolos era suspeita. Era como um polícia no gatilho que dá um tiro no pé sem sequer tirar o coldre primeiro. Para leitores autoconfiantes como eu, recomendo um ou dois momentos de autorreflexão honesta. Pergunte a si mesmo se conhece alguém que nunca se enganou sobre nada. Não? Então poderemos dizer com confiança que a ilusão, o engano e o erro fazem parte da nossa condição humana. Por isso, devemos caminhar com humildade, pois Deus só promete graça e sabedoria a quem sabe que precisa de ajuda. É minha oração que *Eles Nunca me disseram isso na igreja!* Encontrará o seu caminho para muitos que procuram um caminho espiritual autêntico e que, acima de tudo, clamam do fundo do coração: “Ó Deus, abre os meus olhos. Se fui enganado, desengane-me, custe o que custar, quero ver-te!

Escrevo isto, então, para quem o lê com o mesmo espírito “nobre” que os bereanos tinham, “*porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim*” (Atos 17:11). Não escrevo com a ideia de ter o monopólio da compreensão. Sou um companheiro peregrino. Como discípulo de Cristo, ainda estou a aprender. Se no final do dia, depois de ler este livro, achar que as minhas ideias são muito pouco convencionais, então sugiro que o meu livro terá servido um bom propósito. Talvez a minha heresia tenha servido para fortalecer a sua ortodoxia! E embora escreva para desafiar o reexame da nossa amada fé “tradicional”, no final do dia, estou convencido de que o Cristianismo emergirá de uma pesquisa histórica e teológica honesta, mais sólida e genuína. Esta tem sido certamente a minha experiência desde o meu encontro naquela noite agitada.

Douglas Lockhart sublinha que quando são transmitidos na televisão documentários que questionam a eficácia da fé cristã durante a Páscoa:

A reação da Igreja é, por vezes, bastante histérica. Metaforicamente, as portas estão trancadas e as janelas gradeadas para salvar os “fiéis” da contaminação. No final de um programa específico da BBC, há muitos anos, existia um número de telefone para o qual os cristãos podiam ligar para obter orientação, uma “linha de apoio” para lidar com as suas dúvidas e medos *esperados*. Isso intrigou-me. O que aconteceu ao espírito que outrora animou os cristãos e os fez convidar as mandíbulas dos animais a devorá-los? Onde estava a certeza inabalável, a mandíbula saliente da fé inabalável? O que aconteceu para reduzir tanto a certeza cristã que poderia ser tão facilmente ameaçada? A única conclusão a que cheguei foi que muitos cristãos se aperceberam, no fundo, que as boas novas eram fatalmente erradas. [13]

Não concordo com esta conclusão (ou outras) a que *Lockhart* chega. A minha convicção é que as Sagradas Escrituras foram escritas por homens a cujos corações Deus falou pelo seu Espírito. São como “uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que o dia amanheça”, quando Deus cumpre tudo o que prometeu através dos Seus santos profetas e apóstolos, e garantido através do Seu Filho, Jesus nosso Senhor. Mas acredito que é tempo de os cristãos enfrentarem honestamente estes desafios. Já não é aceitável que os cristãos fiquem chateados quando alguém está a agitar o velho barco da fé com perguntas imparciais. A atitude de que o barco não deve afundar, mesmo que isso implique tirá-lo da água, já não vai funcionar. Se, como adverte *Lockhart*, os cristãos não

tomarem uma posição a favor da erudição sólida e da discriminação espiritual, ver-se-ão intelectualmente abandonados e presos numa Igreja disposta a sacrificar o crescimento e a descoberta, na crença errada e arrogante de que nada pode nem deve ser acrescentado (ou subtraído) do corpus cristão.

O polémico bispo *John Shelby Spong* (polémico porque defende a ordenação de homossexuais praticantes, a negação da ressurreição corporal literal de Jesus e afirma que a sua missão é redefinir radicalmente o que é a moralidade, “resgatando a Bíblia do fundamentalismo”) na introdução a um dos seus livros escreveu:

Decidi há muito tempo que não podia mais sacrificar o conhecimento e a verdade para proteger os fracos e os religiosamente inseguros. Vejo outro público que a igreja parece ignorar. Este público é composto por homens e mulheres brilhantemente educados que encontram na igreja um deus demasiado pequeno para ser o Deus da vida para eles, um conhecimento demasiado restrito para ser convincente, ou uma superstição demasiado óbvia para ser considerada seriamente. [14]

Não endosso as interpretações e conclusões de *Spong*, mas juntamente com o bispo percebo que os meus filhos, agora crescidos, fazem parte desse público. E quero que encontrem na igreja cristã um evangelho que leve a sério os desafios contemporâneos da ciência moderna e dos estudos bíblicos. Quero para eles um Evangelho livre das restrições vinculativas e ofuscantes das tradições feitas pelo homem, um Evangelho que tenha poder contemporâneo para adorar o Deus da verdade e da vida, o Deus de Jesus Cristo que não precisa de ser protegido escondendo-se atrás de alguns Postura anti-intelectual devido ao medo da luz. Jesus desafiou os estereótipos do seu tempo. Eu faria isso de novo se estivesse fisicamente aqui. Quero dizer que, juntamente com qualquer outra pessoa pensante interessada na verdade cristã, tenho um investimento espiritual na descoberta da verdade e também no conhecimento da natureza e da gravidade das mentiras, se forem mentiras. *Lockhart* escreve pateticamente:

nem considero que a minha posição contra as afirmações do Cristianismo sobre Jesus seja uma impertinência espiritual. Na verdade, sinto o contrário. Sinto profundamente que muitos dos que afirmam tê-lo em grande estima prestaram um péssimo serviço a Jesus, o Nazareno. Tudo o que vejo é um prisioneiro de olhos tristes da imaginação cristã, fechado dentro de um paradigma que não tolerava nem toleraria agora. [15]

Talvez, como se costuma dizer, parte da nossa abordagem tradicional se tenha perdido na tradução. Então, vamos ver se conseguimos descobrir o que é esse algo!

O que pode perder? Talvez já não tenha a certeza em que acreditar. Ou talvez acredite sinceramente que possui a Verdade. Se for a Verdade de Deus, não tem nada a temer da luz. Porque a verdade é leve. E a sabedoria, de Deus “*que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia*” (Tiago 3:17). A verdade de Deus é pura, não misturada (com a filosofia humana); é bondoso, não rude (rude ou dominador); e é razoável, não teimoso. Aquele que detém a verdade em sã consciência não tem nada a temer de uma investigação honesta. Deixá-lo-ei decidir se este livro passa no teste de Tiago. E a minha oração é que também possa encontrar a alegria do choque de uma viagem oportuna ao hospital. A melhor parte é o que nunca te contam na igreja!

Notas Finais

- [1] “*Ripper of a yarn – a truly gripping story*” (Thread Ripper (Destripador de hilos): Uma história verdadeiramente emocionante).
- [2] *Robert W. Funk*, “*Honest to Jesus: Jesus for a New Millennium*” (Honesto com Jesus: Jesus para um Novo Milénio), Sydney, Australia: Hodder & Stoughton, 1996, p. 66-67.
- [3] **Billabong**: Palavra aborígine australiana que significa remanso estagnado. Forma-se quando um ramo do rio é cortado da sua fonte principal.
- [4] *Douglas Lockhart*, “*Jesus the Heretic: Freedom and Bondage in a Religious World*” (Jesus, o Herege: Liberdade e Escravidão num Mundo Religioso), Melbourne, Victoria: Element, 1997, p. 1.
- [5] *Ibíd.*, págs. 5-6.
- [6] *Richard E. Rubenstein*, “*When Jesus Became God: The Epic Fight over Christ's Divinity in the Last Days of Rome*” (Quando Jesus se tornou Deus: a luta épica pela divindade de Cristo nos últimos dias de Roma), Nova York: Harcourt Brace & Co., 1999, p. 146.
- [7] *Robert Hach*, “*Possession and Persuasion: The Rhetoric of Christian Faith*” (Possessão e Persuasão: A Retórica da Fé Cristã), 2000, p. 120. Veja o site dele em www.ereflector.blogspot.com
- [8] *J. Harrold Ellens*, “*The Ancient Library of Alexandria and Early Christian Theological Development*” (A Antiga Biblioteca de Alexandria e o Desenvolvimento Teológico Cristão Primitivo), citado em Hach, “*Possession and Persuasion*” (Possessão e Persuasão), p.120.
- [9] *Karl-Josef Kuschel*, “*Born Before All Time? The Dispute over Christ's Origin*” (¿Nascido antes de todos os tempos? A Disputa sobre a Origem de Cristo), Nova York: Crossroad, 1992, p. 488.
- [10] *Dan Brown*, “*The Da Vinci Code*” (O Código Da Vinci), Australia: Random House, pág. 316.
- [11] *N.T. Wright*, “*Who Was Jesus?*” (Quem foi Jesus?) Londres: SPCK, 1992, p.18.
- [12] *Elaine Pagels*, “*Beyond Belief: The Secret Gospel of Thomas*” (Além da Crença: O Evangelho Secreto de Tomé), Nueva York: Random House, 2003, pág. 181.
- [13] *Lockhart*, p. 6.
- [14] *John Shelby Spong*, “*Born of a Woman: A Bishop Rethinks the Birth of Jesus*” (Nascido de uma mulher: um bispo reconsidera o nascimento de Jesus), Harper San Francisco, 1992.
- [15] *Lockhart*, 9.

Um **OUTRO ENCOBRIMENTO**

Um aceno de cabeça é tão bom como um piscar de olho a um cavalo cego.

Os vencedores sorriem e podem escrever a sua própria história. Os perdedores simplesmente perdem e a sua história raramente é contada. As gerações seguintes aprendem muitas vezes apenas uma história distorcida. O simples peso dos números pode abafar a história da minoria. A passagem dos séculos pode entorpecer a consciência coletiva. Mais uma vez, se me permitem citar *Sir Leigh Teabing*, de *Dan Brown*: “Pela sua própria natureza, a história é sempre uma narrativa unilateral”. [1] Ou, para usar as palavras de Napoleão: “O que é a história senão uma fábula consensual?” Para ilustrar como a história pode ser criada, e não apenas contada, basta recordar como Hollywood criou histórias de “vaqueiros e índios” para contar “como o Ocidente foi conquistado”, e não “como o Ocidente se perdeu”. A história escrita pelos vencedores esconde tanto quanto revela. O meu objetivo neste capítulo é mostrar que há muita história da igreja que o cristão médio desconhece. O tempo e a maioria conspiraram para pintar um quadro falso. O facto de a maioria dos cristãos de hoje acreditar que detém a fé apostólica pura originalmente entregue à Igreja é uma prova do sucesso da fraude que a história “oficial” da Igreja nos legou.

Em 1945, no Egipto, foi descoberto um esconderijo de antigos escritos “cristãos”, chamados documentos de *Nag Hammadi*, que revolucionaram completamente a nossa compreensão da igreja cristã nos primeiros séculos. A história de *Nag Hammadi* começa no ano 367 d.C., quando um bispo de Alexandria, excessivamente zeloso, chamado *Atanásio*, emitiu uma carta de Páscoa. *Atanásio* exigiu que os sacerdotes do Egipto destruíssem todos os “escritos secretos” que não estivessem em conformidade com a sua lista de “cânones” aceitáveis. (“Canon” é um termo de carpinteiro que significa “guia” e era uma corda com um peso preso a ela, usada para verificar se uma parede estava direita). A lista de escritos cristãos aceitáveis de *Atanásio* continha a maior parte dos 27 livros que compõem o nosso NT. Mas alguém não seguiu a orientação de *Atanásio* e reuniu dezenas destes livros proibidos (mais de cinquenta na verdade), selou-os num frasco pesado de quase dois metros de altura e enterrou-os numa encosta perto de *Nag Hammadi*, a cerca de 600 quilómetros a sul do Cairo. Mil e seiscentos anos depois, um tal *Muhammad Ali* (não o pugilista, este tipo era egípcio!) tropeçou neles. Contudo, a descoberta de *Ali* foi, em termos de boxe, o equivalente a um golpe poderoso no plexo solar da crença contemporânea.

Os escritos de *Nag Hammadi* abriram a proverbial caixa de Pandora. Confirmam que o Cristianismo nos primeiros séculos não era uma organização monolítica. Havia uma enorme diversidade dentro das igrejas de todo o Império Romano. Parece que o atual número desconcertante de igrejas cristãs e divisões é apenas um pálido reflexo da cena caleidoscópica durante os séculos II e III d.C. O Cristianismo na era post-apostólica estava em estado líquido. Com a morte dos apóstolos e a destruição de Jerusalém como lar espiritual da sua fé, os cristãos foram espalhados por toda a parte. Havia grupos de crentes por todo o império e igrejas maiores em grandes cidades como Roma, Antioquia, Corinto, Éfeso e Alexandria. Cada vez mais gentios foram convertidos e todo o carácter das igrejas mudou. Os fios da igreja-mãe judaica que os embalava estavam bem cortados. “Havia alguma comunicação entre os centros, mas nada que se

assemelhasse a uma Igreja universal integrada”. [2] O Cristianismo rapidamente aceitou a cultura predominantemente helenística (grega) que o rodeava. A diversidade tornou-se a ordem do dia. A confusão das ideias gregas com a herança hebraica da igreja apostólica:

Começou muito cedo, já em *Clemente de Alexandria* [ca. 150-215 d.C.] e *Orígenes* [ca. 185-254 d.C.] e surgiu do facto de estes estudiosos serem primeiro, helenistas e depois, cristãos. Foi ajudado pelo facto de todos os homens até *Jerónimo* [ca. 347-420 d.C.] tendia a ler a Bíblia Grega como um livro grego, e com olhos helenísticos... O resultado disto foi que, desde uma fase muito inicial, o próprio Cristianismo tendeu a sofrer com uma tradução dos Profetas e em Platão. [3]

Assim, a difusão e a confusão tornaram-se galopantes: havia cristãos que acreditavam num só Deus. Outros acreditavam que existiam dois deuses, um inferior ao outro. Alguns aceitaram as Escrituras Hebraicas como a única revelação do único Deus verdadeiro. Outros equiparam os escritos dos apóstolos e dos seus delegados às Escrituras antigas. Alguns cristãos sustentavam que, de alguma forma, Cristo era homem e Deus; outros diziam que era um homem, mas não Deus; e outros ainda insistiram que era um homem em quem Deus habitou temporariamente. Alguns cristãos acreditavam que a morte de Cristo tinha trazido a salvação ao mundo e outros afirmavam que a sua morte tinha sido acidental, enquanto outros acreditavam que Cristo nunca tinha realmente morrido. Alguns grupos celebravam a Eucaristia como uma “simples refeição” de comunhão, enquanto outros a celebravam de uma forma mais macabra, acreditando que estavam a comer e a beber carne e sangue verdadeiros. Algumas igrejas afirmaram que com a morte dos apóstolos cessaram as visões e novas revelações; outros afirmaram que o Espírito Santo ainda estava a falar à igreja numa nova profecia. *Elaine Pagels* sublinha que houve várias regiões e igrejas que reivindicaram os santos padroeiros como inspiração: houve os cristãos de Tomé, os cristãos de João, os cristãos de Pedro e até os cristãos de Maria Madalena: “Vários grupos cristãos validaram os seus ensinamentos declarando lealdade a um apóstolo ou discípulo específico e reivindicando-o (e, por vezes, a ela) como seu fundador espiritual.” [4] Isto não é surpreendente, porque já em 50 ou 60 d.C. O apóstolo Paulo protestou aos Coríntios porque um grupo disse: “Somos de Paulo”, e outro grupo disse: “Somos de Apolo”, enquanto outros ainda disseram: “Somos de Pedro” (*I Coríntios 1:12*). Por outras palavras, o Cristianismo não foi uma estrutura monolítica nos séculos II e III. Durante estes séculos II e III, e especialmente desde que a igreja de Jerusalém foi arrasada pelos romanos em 70 d.C., não existia tal coisa como “a santa mãe igreja de Roma”. Cada região, incluindo as congregações locais, podia acolher uma variedade de teologias e doutrinas. “Ainda não existia uma ‘ortodoxia’ estabelecida, isto é, nenhum sistema teológico básico reconhecido pela maioria dos líderes eclesiásticos e leigos.” [5] Havia muitas vozes concorrentes:

O Cristianismo primitivo incorporou uma série de formas divergentes, nenhuma das quais representava a clara e poderosa maioria dos crentes contra todos os outros. Em algumas regiões, aquilo que mais tarde se chamaria “heresia” era na verdade a forma original e única de cristianismo... Nesta medida, “ortodoxia”, no sentido de um grupo unificado que defende uma doutrina apostólica aceite pela maioria dos habitantes. Os cristãos em todo o lado não existiam nos séculos II e III. [6]

Um filósofo pagão, *Celso*, escrevendo no século II, observou que no princípio, quando os cristãos eram poucos, tinham convicções comuns. No entanto, depois de todos os apóstolos terem morrido e de o número de cristãos se ter multiplicado por todo o Império Romano, observou que estes logo se dividiram em muitas e variadas seitas que tinham em comum apenas o nome de

cristão. A história de como um destes grupos concorrentes se tornou o partido dominante e impôs a sua autoridade ao resto da cristandade é algo que hoje é desconhecido para a maioria. É um facto histórico surpreendente que os cristãos que defenderam aquilo a que hoje chamamos Ortodoxo e dominante, nos séculos II e III, “na maior parte dos casos... representassem uma posição minoritária”. [7] Certamente que os defensores posteriores do que se tornou o partido maioritário e “ortodoxo” (os vencedores!) foram capazes de escrever a sua história, apagar outras histórias para preservar a sua posição e depois insistir que representavam a opinião da maioria dos eleitores. Cristãos a partir dos apóstolos. Mas nestes dois primeiros séculos críticos “aquilo que mais tarde veio a ser conhecido como ortodoxia foi simplesmente uma das várias interpretações concorrentes do Cristianismo no período inicial”. [8] Acontece que esta foi a forma adotada por Roma, a igreja e a região que foi capaz de utilizar os seus recursos administrativos e económicos superiores para obter vantagens estratégicas. Por isso, a ideia geralmente aceite de que a igreja primitiva era um corpo unificado, católico (literalmente, universal), e que a heresia estava sempre em curso, necessita de revisão, porque “os grupos mais tarde rotulados como heréticos viam-se como ortodoxos e por vezes atacavam grupos que mantinham as suas crenças, opiniões que eles próprios consideravam aberrantes”. [9] Temos simplesmente de reconhecer “que o Cristianismo primitivo é muito mais diverso do que quase qualquer pessoa esperava”. [10]

Os “Padres da Igreja” – os bispos e professores respeitados que testemunharam e explicaram o Cristianismo nos primeiros séculos post-apostólicos – são frequentemente encontrados, após um exame mais atento, a defender pontos de vista que mais tarde parecem decididamente duvidosos. Por exemplo, embora o cristianismo tenha sido inicialmente muito positivo e libertador para as mulheres, não tardou muito para que os padres da igreja, influenciados pelas atitudes pagãs que os rodeavam, comesçassem a denegrir as mulheres e até a afastá-las da vida da igreja. As cartas de Jerónimo são “cheias de ódio pelas mulheres, o que por vezes parece perturbador”. [11] *Tertuliano* (que mais tarde abandonou a igreja) também critica as mulheres como sedutoras do mal, um perigo eterno para a humanidade:

Não sabe que cada um de vós é uma Eva? A sentença de Deus sobre este seu sexo permanece nesta época: a culpa tem necessariamente de viver também. Você é a porta de entrada do diabo; Você é que abre o selo daquela árvore proibida; é o primeiro desertor da lei divina; Tu é que convenceste aquele a quem o diabo não teve coragem de atacar... Destruíste tão despreocupadamente o homem, a imagem de Deus. Por causa do seu deserto, até o Filho de Deus teve de morrer. [12]

Agostinho concordou: “Qual é a diferença”, escreveu a um amigo, “se na esposa ou na mãe? “A Eva continua a ser a tentadora com que devemos ter cuidado em qualquer mulher”. [13] Se os padres da igreja se tivessem desviado tão rapidamente do exemplo e dos ensinamentos de Jesus e dos seus apóstolos sobre esta questão, não deveríamos ficar surpreendidos que estes “campeões da ortodoxia” tenham sido capazes de reescrever doutrinas apostólicas essenciais, doutrinas que mais tarde foram condenadas. *Clemente de Alexandria*, por exemplo, afirmou que Jesus comia não porque precisasse de alimentos, mas simplesmente porque queria convencer os discípulos de que tinha realmente um corpo. *Orígenes* acreditava que o corpo de Jesus podia facilmente mudar de aparência à vontade, isto é, que parecia ter um corpo humano quando lhe convinha (teoria chamada “docetismo” de uma palavra grega que significa “aparecer”). Na verdade, *Orígenes* foi posteriormente acusado de heresia. Tinha uma certa noção de que o Espírito Santo inseria contradições no Evangelho de João para surpreender o leitor e obrigá-lo a mergulhar no sentido

mais profundo e oculto das coisas; Embora João diga a verdade, não é uma verdade literal, mas uma verdade espiritual! Estes foram tempos claramente difíceis para a igreja cristã, pois os líderes não conseguiam acertar. Muitas das suas opiniões foram posteriormente rotuladas de “heresias”, mas não somos informados abertamente deste lado da história. Estes são apenas uma amostra representativa daqueles que foram os arquitetos da ortodoxia dominante de hoje.

Tentaram ordenar os chamados livros apócrifos e misturá-los com as Escrituras divinamente inspiradas... que aqueles que foram testemunhas oculares e ajudantes da Palavra transmitiram aos nossos antepassados. (Portanto) pareceu-me bem... expor ordenadamente os escritos canonizados e transmitidos... considerados livros divinos. [16]

Foi nesse momento que alguém levou a pá para as colinas de *Nag Hammadi*, como foi referido no início deste capítulo. Como diz *Lockhart*, tudo no jardim de Deus que parecia limpo e ordenado, na realidade não o era. Quando o número de evangelhos cristãos foi reduzido para quatro e outros escritos sagrados também foram removidos da lista de leituras recomendadas da Igreja, sectores inteiros da comunidade de fé ficaram chocados e rebelaram-se. Antes do anúncio do cânone fixo existia um grande e crescente conglomerado de comunidades cristãs, todas elas em amplo acordo:

Após o anúncio, muitas destas comunidades não só foram prejudicadas pelas restrições textuais de Roma, como descobriram (quando a notícia finalmente chegou) que as suas inclinações textuais específicas as tinham empurrado para a categoria de “hereges”. Que choque deve ter sido! Deitar-se uma noite e estar no rebanho, mas acordar no dia seguinte e descobrir que tinha sido classificado como “traidor”. Cristãos num dia, hereges no outro! [17]

O maior grupo de não-conformistas afetados por esta Acção foram os gnósticos. Estes “conhecedores” (a palavra grega “*gnoses*” significa conhecimento) ensinavam que existia um conhecimento interior e oculto, apenas disponível para os seus membros, mas não aberto ao resto da comunidade cristã. Só os seus iniciados gnósticos tinham consciência do significado mais profundo dos ensinamentos de Cristo. Ainda assim, até ao momento em que Roma fez os seus pronunciamentos sobre a “heresia”, os escritores cristãos tendiam a considerar os gnósticos não como pagãos, mas como “criadores de facções”, importando ensinamentos falsos para a comunidade dos cristãos. Até então, as doutrinas gnósticas mereciam tanto repreensão como refutação. [18] Mas a partir de então, qualquer pensamento diferente era oficialmente considerado “heresia” que deveria ser punida.

Assim, vemos que a noção geralmente aceite de que os grandes credos da Igreja que evoluíram desde o Concílio de Niceia em 325 d.C. doravante são a prova de que o cristianismo maioritário “ortodoxo” triunfou sobre os “hereges” da época, não resiste ao escrutínio histórico. A ideia comum de que *Ário*, um dos principais intervenientes na disputa de Niceia, era o líder de um pequeno grupo dissidente “herético” porque não acreditava que Jesus fosse o Deus incriado, demonstra o sucesso que o trabalho na neve teve [19]. Pois é um facto da história da igreja que, juntamente com *Ário*, os crentes em Deus como uma Pessoa, isto é, os cristãos unitaristas, “no início do terceiro século ainda formavam a grande maioria”. [20]

No seu livro “*When Jesus Became God*” (Quando Jesus se tornou Deus), *Richard Rubenstein* sublinha que o Concílio de Niceia não foi um concílio universal nem verdadeiramente “católico”. Apenas cerca de 250 bispos estiveram presentes, e quase todos eram da metade oriental do Império Romano. Na verdade, havia apenas um punhado de bispos ocidentais neste concílio de Niceia. Mais de metade dos bispos da igreja estavam desaparecidos! O adversário jurado de *Ário* era

também de Alexandria, no Egito. Era um homem ruivo muito baixo que em breve se tornaria o bispo mais poderoso da cristandade. Já lhe fomos apresentados: *Atanásio*. Anos depois de Niceia ter votado que Jesus era totalmente Deus e totalmente homem, o Credo Atanasiano declarou que a verdadeira fé católica era:

Que possamos adorar um só Deus como Trindade, e Trindade em Unidade, sem confundir as Pessoas nem dividir a substância, porque há uma Pessoa do Pai, outra do Filho, e outra do Espírito Santo, mas a divindade do Pai, e do Filho e do Espírito Santo são todos um só, glória igual, majestade coeterna.

No entanto, parece que até mesmo *Atanásio* teve problemas com as suas próprias definições, pois escreveu mais tarde que, relativamente à divindade do “*Logos*”, “quanto mais pensava, menos compreendia; e quanto mais escrevia, menos capaz era de expressar os meus pensamentos.” Abordando este pedaço de verbalismo incompreensível (que Deus é uma Trindade em unidade com Pessoas que não devem ser confundidas e a Sua substância não deve ser dividida), o Concílio de Niceia atribuiu-lhe um anátema, tornando-o obrigatório para toda a igreja: “O Santo A Igreja Católica e Apostólica anatematiza aqueles que dizem que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, e que antes de ser gerado, não o era, e que foi feito do nada, ou de outra substância ou essência, e é criado, ou em mudança, ou alterável.

Comentários de Lockhart:

Ao todo, um pacotinho apertado que rolou a inevitável bola da heresia, as chamas a subir, os gritos e os brados de seres humanos inocentes no ar fétido das prisões húmidas. Porque um Concílio da Igreja composto por pessoas como *Atanásio* o tinha dito, Jesus já não era o Messias Judeu, o Servo Sofredor de Isaías, o homem arquetípico... era o Deus Judeu alienígena calçado num corpo físico e libertado como um pagão reformado. [21]

Agora vem o verdadeiro choque. Apenas alguns anos depois de Niceia, onde *Atanásio* e o Imperador *Constantino* impuseram o seu credo (muitos dos bispos de Niceia não concordaram, mas assinaram sob coação), realizou-se outro concílio conjunto que reverteu completamente o Credo Niceno a favor de *Ário*.

Notas de *Rubenstein*:

O concílio conjunto de Rimini-Selêucia (359) contou com a presença de mais de quinhentos bispos do Oriente e do Ocidente. Se alguma reunião merece o título de “ecuménica”, isso parece qualificá-la, mas o seu resultado – a adoção de um credo ariano – foi posteriormente repudiado pela Igreja. Os concílios cujos produtos foram posteriormente considerados pouco ortodoxos não só perderam o rótulo “ecuménico” como desapareceram praticamente da história oficial da igreja. [22]

Rubenstein prossegue, referindo que durante mais de meio século o documento que hoje é recitado numa versão alterada em todo o mundo como representativo da Ortodoxia – o Credo Niceno – dividiu, na verdade, violentamente a comunidade cristã. Parece que os bispos presentes em Niceia foram obrigados a assinar sob alguma pressão: afinal – o exército imperial romano estava acampado no exterior! Todos, exceto dois ou três bispos e alguns sacerdotes, cederam. *Ário* e esses outros foram excomungados. Mas o debate não desapareceu. Nas décadas que se seguiram, houve muita intriga e idas e vindas, à medida que um lado e depois o outro ganhavam temporariamente o domínio. Dentro de alguns anos, quando o “Arianismo” se tornou ainda mais

popular, *Constantino* achou politicamente conveniente mudar de lado! Desta vez exilou todos aqueles que discordavam de *Ario*! Na verdade, *Constantino*, ao aproximar-se do fim da vida, foi batizado pelo bispo ariano de Nicomédia.

Constantino presidiu à assembleia dos bispos em Niceia e, segundo a Enciclopédia Britânica, “propôs pessoalmente a fórmula crucial que exprime a relação de Cristo com Deus no credo emitido pelo concílio, ‘de uma só substância com o Pai’”. É um facto. que muitos dos bispos presentes se opunham à doutrina da Trindade e tinham tomado o partido de *Ario*, que era bastante hábil a argumentar com base nas Escrituras que o Filho estava separado e subordinado a Deus. No entanto, *Constantino* tomou o partido de *Atanásio*, cuja teoria de que o Filho era “feito da mesma matéria” que o Pai foi imposto à assembleia. A “Enciclopédia Académica Americana” observa que “embora esta não tenha sido a primeira tentativa de *Constantino* de reconciliar facções no Cristianismo, foi a primeira vez que usou o cargo imperial para forçar um acordo”. Um bispo escreveria depois de Niceia a lamentação: “Cometemos um ato ímpio, ó Príncipe, ao subscrevermos uma blasfémia por medo de ti”. É certo que alguns historiadores não concordam que *Constantino* fosse autoritário. Salientam que quando *Constantino* viu as cicatrizes e as feridas de bispos e padres que tinham sido torturados pela sua fé em Cristo, na verdade andou por aí a beijar essas cicatrizes. Por conseguinte, estes historiadores sustentam que tais guerreiros da fé não teriam cedido a qualquer coação, pois perderam olhos e membros por causa das suas crenças. A maioria dos historiadores, no entanto, entende que *Constantino* era um político talentoso, cujo historial de intrigas e vacilações ao longo dos anos dependia de qual o partido (os arianos ou os atanásios) que parecia ter a vantagem em determinado momento. Este álbum fala por si. Após a conclusão do Concílio de Niceia, *Constantino* aliou-se a *Atanásio* contra *Ário* e, *Ário* foi exilado para a Ilíria. É também um facto que depois do Concílio de Niceia este imperador “cristão” regressou a casa e mandou sufocar a sua esposa, assassinar a sua sogra *Fausta* e o seu filho *Crispo*. Permaneceu deliberadamente não batizado até ao leito de morte para que pudesse continuar a sua intriga política e ainda receber o perdão da Igreja ao ser batizado no último momento.

A linha temporal que se segue oferece um pouco da história de forma esquemática para ilustrar quão veementemente a doutrina da Trindade e a pessoa e a natureza de Jesus Cristo foram questionadas em todo o Império Romano. Não se tratava simplesmente de decidir de uma vez por todas a divindade de Jesus, votando numa reunião de conselho artificial. Agora observe as maquinações. [23]

325 d.C. — O Imperador *Constantino* convoca o Concílio de Niceia porque o Império estava a ser dilacerado por disputas internas da Igreja sobre a pessoa e a natureza de Cristo. O Cristianismo teve tanto sucesso que todo o Império estava a ser afetado por esta disputa. *Constantino* queria unificar o seu domínio. Considerava-se o sumo sacerdote da religião pagã do *Sol Invicto* e considerava-se um deus encarnado. É sabido que *Constantino* era um adorador do sol e só se “converteu” ao cristianismo no seu leito de morte. Foi então convocado um conselho de bispos da Igreja para resolver o diferendo que ameaçava um cisma político em todo o império.

328 d.C. — *Atanásio* torna-se bispo de Alexandria.

328 d.C. — *Constantino* recorda *Ário* da Ilíria.

335 d.C. — *Constantino* coloca-se do lado de *Ário* e exila *Atanásio* para junto de Trier.

336 d.C. — Os bispos orientais reúnem-se em Constantinopla com a presença do imperador. “Este foi o quarto concílio desde o regresso de *Ário* do exílio para pronunciar a sua teologia ortodoxa.”

337 d.C. — O novo imperador *Constâncio* ordena o regresso de *Atanásio* a Alexandria.

339 d.C. — *Atanásio* foge de Alexandria ao saber que está prestes a ser expulso como herege.

341 d.C. — Este ano realizam-se dois concílios em Antioquia. Durante este tempo, a Primeira, a Segunda e a Terceira Confissões Arianas foram escritas numa tentativa de produzir uma doutrina formal de fé para se opor ao Credo Niceno.

343 d.C. — No Concílio de Sardica, os bispos orientais exigem a deposição de *Atanásio*.

346 d.C. — *Atanásio* é devolvido a Alexandria.

351 d.C. — Um segundo concílio anti Niceno é realizado em Sírmio.

353 d.C. — Durante o Outono realiza-se um concílio em Carneiro dirigido contra *Atanásio*.

355 d.C. — Realiza-se em Milão um concílio que condena de novo *Atanásio*.

356 d.C. — *Atanásio* é deposto a 8 de fevereiro e inicia o seu terceiro exílio.

357 d.C. — Convoca-se o Terceiro Concílio de Sírmio onde se concorda que o Pai é maior do que o Seu Filho subordinado. (Para os interessados, os termos técnicos que exprimem estas ideias, “*homousios*” e “*homoiousios*”, que denotam “feito da mesma matéria” e “feito de matéria semelhante”, foram evitados por serem termos antibíblicos).

359 d.C. — O concílio de Selêucia afirma que Cristo é «semelhante ao Pai», mas não especifica em que é que o Filho é semelhante ao Pai.

361 d.C. — Realiza-se um concílio em Antioquia para afirmar a posição de *Ário*.

380 d.C. — O Imperador *Teodósio*, o Grande, declara o Cristianismo como a religião oficial do Império.

381 d.C. — O I Concílio de Constantinopla analisa a controvérsia desde Niceia. O imperador *Teodósio*, o Grande, estabelece o credo niceno como padrão para o seu reino. O Credo Niceno é reavaliado e aceite com o acréscimo de cláusulas sobre o Espírito Santo e outros assuntos.

Assim, à primeira vista – e ao contrário dos equívocos populares – podemos constatar que o Credo Niceno não se limitou a formalizar o que a Igreja já ensinava. O conflito alastrou de um lado para o outro. O que antes era considerado “ortodoxo” foi mais tarde um anátema. No final do século IV, *Hilário*, bispo de Poitiers, escreveu desanimado:

Todos os anos, ou melhor, todas as luas, criamos novos credos para descrever mistérios invisíveis. Arrependemo-nos do que fizemos, defendemos quem se arrepende, anatematizamos quem defendemos. Condenamos a doutrina dos outros em nós próprios ou a nossa na dos outros; e ao despedaçarmo-nos, fomos a causa da ruína um do outro. [24]

O conflito dividiu bispos e congregações por todo o império. Quando um facção da Igreja tentou oficializar os seus pontos de vista, houve grande agitação. O conflito também afetou os filhos e netos de *Constantino* quando lhe sucederam como imperador. Como afirma *Elaine Pagels*:

Embora a revolução de *Constantino* apoiasse as reivindicações dos bispos católicos de que a sua Igreja, triunfante pela graça de Deus, era a única que oferecia a salvação, seria ingénuo presumir que o Cristianismo se tornou agora, de facto, uniforme e homogéneo. Mesmo um olhar sobre as controvérsias e os desafios dos séculos IV e V mostra que não foi esse o caso. O que esta revolução conseguiu foi aumentar a autoridade dos bispos identificados como católicos e estabelecer o seu consenso, expresso através de declarações de credo, como definidor dos limites da nova fé legítima. [25]

Ou, como diz outro comentador, com o tempo:

o judaico-cristianismo que foi dominante durante décadas... foi cada vez mais posto de lado e eventualmente rotulado como herético, [mas] as confissões de um cristianismo marginal [i.e. O Cristianismo Helenizado que acreditava que Jesus era o Deus pré-existente] em breve se tornaria numa espécie de teologia normativa... Duzentos anos se passariam, um grande cisma na Igreja e a destruição do Cristianismo por acusações de heresia e caças por parte dos hereges, antes disso, no Concílio de Niceia em 325, o “problema intelectual” aqui levantado foi traduzido num regulamento que era vinculativo para a Igreja. [26]

Assim, o que antes era o coração do verdadeiro judaico-cristianismo tornou-se cada vez mais marginalizado. A teologia dominante de uma Igreja fiel ao seu Senhor e aos seus apóstolos foi-se degradando cada vez mais. O primeiro historiador da igreja, Eusébio, nascido cristão gentio no final do século III, “já podia fazer comentários depreciativos sobre os círculos judaico-cristãos”. [27] Em síntese, é evidente que já no século III aqueles cristãos que não acreditavam que Jesus Cristo era totalmente Deus e não tinham uma pré-existência pessoal antes do seu nascimento estavam a ser rotulados como ímpios! [28]

Sempre me ensinaram que quando chegámos ao século IV, *Ário* era um herege chato, e graças a Deus a Igreja marcou-o assim e baniou-o. Típicos deste equívoco são os comentários de *Josh McDowell* e *Bart Larson*, que chegam ao ponto de dizer que até ao aparecimento de *Ário* (318-320 d.C.) o debate sobre a Divindade de Cristo mal levantou uma sobrancelha. Só com a chegada de *Ário* “a questão se tornou uma questão teológica importante dentro da igreja”. [29] Isto simplesmente não é verdade. Na verdade, a verdade é que *Ário* era considerado por muitos como o “conservador ortodoxo”! *Richard Rubenstein* escreve: “Na perspectiva do nosso tempo, pode parecer estranho pensar nos ‘hereges’ arianos como conservadores, mas enfatizar a humanidade de Jesus e a alteridade transcendente de Deus nunca pareceu herético no Oriente”. [30] A verdade é que após incontáveis anos de intriga, debate e interferência política, a religião histórica ou “convencional” de hoje emergiu destes dias de *Constantino*.

Como resultado de Niceia, o Cristianismo foi descriminalizado; mas apenas a marca de Roma! As almas livres que se opunham a isto por consciência eram cada vez mais marginalizadas. Roma tornou-se o centro oficial da ortodoxia cristã, e qualquer desvio desta ortodoxia tornou-se uma heresia, em vez de ser simplesmente uma diferença de opinião ou de interpretação. Em Niceia, a Divindade de Jesus e a natureza precisa da sua divindade foram estabelecidas por um “voto”. É justo dizer que o cristianismo tal como o conhecemos hoje não deriva, em última análise, do tempo de Jesus, mas do Concílio de Niceia. E na medida em que Niceia foi em grande parte obra de *Constantino*, o Cristianismo está necessariamente em dívida para com

ele. Mas isto é muito diferente de dizer que Constantino era cristão ou que “cristianizou o Império”. [31]

É certo que *Constantino* demonstrou uma grande tolerância para com as igrejas cristãs. Através do Édito de Milão do ano 313, proibiu a perseguição de todas as formas de monoteísmo no Império. Na medida em que isto incluía o Cristianismo, *Constantino* tornou-se uma espécie de salvador para as congregações sitiadas que sofreram séculos de tormento imperial. Também é verdade que *Constantino* concedeu novos privilégios à hierarquia eclesiástica. Permitiu que altos dignitários da igreja se tornassem parte da administração civil. Isto abriu o caminho para a Igreja consolidar o seu poder secular. *Constantino* chegou a doar o Palácio de Latrão ao bispo de Roma, ajudando assim Roma a consolidar a sua supremacia sobre outros centros cristãos importantes, como Alexandria e Antioquia. Mas apesar de tudo isto, *Constantino* manteve-se um devoto, não do Deus cristão, mas do deus sol (*Sol Invictus*), que tinha sido introduzido no império a partir de fontes sírias e continha elementos do culto de Baal e Astarte. “Com efeito, ele postulou o deus sol como a soma de todos os atributos de todos os outros deuses e, por isso, incluiu pacificamente os seus potenciais rivais sem necessidade de os erradicar. Em suma, poderiam ser acomodados sem qualquer atrito indevido”. [32] Assim se explica que *Constantino* pôde construir uma igreja cristã numa parte da cidade e, noutra, erguer estátuas da deusa-mãe Cibele e do *Sol Invictus*, o deus sol; este último à semelhança de *Constantino*, com os mesmos traços! Tudo isto significa que *Constantino* era o mestre político. Aspirava ao sincretismo nos seus domínios e o culto do *Sol Invictus* era conveniente para a coesão do império. Tal religião de Estado incluía todos os que estavam sob o seu guarda-chuva, alcançando esse objetivo maravilhosamente.

E assim vemos que o flirt da Igreja com *Constantino* teve um preço elevado. É um facto histórico que após este flirt com *Constantino*, os imperadores subsequentes exerceram um controlo significativo sobre a(s) Igreja(s), tendo uma palavra a dizer na seleção de candidatos para o cargo de bispo. Por exemplo, em Constantinopla, através de um procedimento eclesiástico pelo qual o clero diocesano submeteu três nomes à consideração imperial para o cargo de bispo, foi o imperador que deu a aprovação final ao seu candidato aprovado. E mesmo este elemento residual de escolha comunitária era frequentemente anulado pela imposição de um estranho favorecido pelo imperador. “Assim, as principais sedes episcopais do mundo antigo tardio, as de Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Roma e Constantinopla, eram geralmente ocupadas por candidatos aceitáveis para as autoridades seculares”. [33] A Igreja vendeu a sua alma.

Mas porque é que a Igreja engoliu isso? Porque é que a Igreja modificou os seus próprios princípios de fé e prática para aproveitar esta oportunidade de paz e prosperidade? Tendo resistido às espadas, às chamas e às feras durante séculos, porque é que a Igreja estava tão disposta a dormir com *Constantino*, por assim dizer? A resposta óbvia é que a Igreja era composta por seres humanos que sofreram terrivelmente pelas suas crenças durante gerações. Agora tinham a oportunidade de serem respeitáveis, de serem aceites nas estruturas sociais da época. É claro que isto foi em troca de um compromisso e de um relaxamento do dogma. Era obviamente difícil recusar tais concessões sedutoras, especialmente quando eram oferecidas acompanhadas de poder, aceitação, estatuto social e prosperidade. Estas armadilhas são atraentes tanto para a Igreja como para o mundo. Mas será esta explicação suficiente?

O Culto Imperial

Para avaliar estes acontecimentos “sagrados”, devemos colocá-los no seu contexto “secular”. A Igreja Cristã em evolução não se desenvolveu num vazio cultural e político. Como sempre, “o mundo” infiltrou-se na Igreja. Durante os primeiros séculos, todo o Império Romano estava cada vez mais tecido em torno do culto de *César*. O que começou com hesitação, logo ganhou impulso. O culto do imperador desenvolveu-se durante o reinado de *Augusto*, que por razões de política de Estado aceitou a deificação. Autorizou a construção de templos nos quais era adorado. *Augusto* foi formalmente decretado Filho de Deus (*Divi Filius*) pelo Senado. Após a sua morte no ano 14 d.C. Foi deificado pessoal e diretamente por decreto senatorial. A princípio, o culto ao imperador foi visto com desconfiança. Mas depressa começaram a surgir regularmente inscrições brilhantes, como esta do ano 7 a.C.: “*César*, que reina sobre os mares e continentes, Júpiter, que detém de seu pai Júpiter o título de Libertador, Senhor da Europa e da Ásia, Estrela de todos”. Grécia, que nasce com a glória do grande Júpiter, Salvador.”

As moedas de *Júlio César* mostram o seu espírito a ascender como um cometa para ocupar o seu lugar entre as divindades eternas. Uma moeda de *Tibério César* aclama-o como “*pontifex maximus*” (Sumo Pontífice), supremo construtor de pontes entre a terra e o céu, e sumo sacerdote do seu povo imperial.

Caio Calígula (37-41 d.C.) ficou obcecado com a noção da sua divindade, e os seus rastejantes empregados fizeram o seu jogo. *Suetónio* relata que *Lúcio Vitélio*, legado da Síria, ao regressar a Roma no final do seu mandato, adorou o Imperador prostrando-se no chão e só apareceu diante dele com a cabeça coberta por um véu. *Suetónio* relata ainda que *Caio*:

Começou a arrogar-se uma majestade divina. Ordenou que todas as imagens dos deuses famosos pela sua beleza ou pela veneração que lhes era prestada, entre elas a de Zeus Olímpio, fossem levadas para a Grécia, para lhes serem retiradas as cabeças e substituídas pelas suas... templo e sacerdotes, com vítimas escolhidas em honra da sua divindade. No seu templo havia uma estátua de ouro, a imagem exata de si mesmo... As pessoas mais opulentas da cidade ofereceram-se como candidatos à honra de serem seus sacerdotes, e compraram-na sucessivamente por um preço imenso. [34]

Um imperador posterior, *Domiciano* (81-96 d.C.), insistiu que os seus governadores lhe comessem a escrever cartas: “Nosso Senhor e nosso Deus ordena”. *Suetónio* diz-nos que se tornou uma regra “que ninguém deveria chamar-lhe outra coisa, por escrito ou falado”. [35] É fácil perceber como uma Igreja Cristã cada vez mais Gentia (especialmente após a destruição de Jerusalém e da terra da Palestina pelos Romanos em 66-70 d.C.) não tinha “nenhuma objeção profunda a prestar honras divinas a Jesus”. [mas] havia uma disposição natural mais forte para o fazer. No devido tempo, em alguns círculos cristãos sob influências gnósticas, o resultado foi um movimento em direção ao dualismo, e o monoteísmo só foi salvo pela complexa doutrina da Trindade. [36]

Isto é, em vista do culto imperial, era inevitável que, para muitos cristãos não judeus, Jesus, o Rei Messias judeu, se tornasse o Senhor Cristo no sentido gentio, isto é, a Divindade. *Schonfield* observa que:

Por mais estranho que possa parecer para aqueles que pensam na divindade de Jesus num sentido religioso, foi o carácter messiânico do Cristianismo que contribuiu diretamente para a sua deificação entre os crentes gentios. O messianismo representava a convicção de que a ordem mundial existente seria em breve derrubada. O império governado por *César* e pelas

suas legiões desapareceria, e no seu lugar estaria o Reino de Deus governado pelo Messias e pelo seu povo. O Cristianismo identificou o Messias com Jesus. Houve “outro rei”, outro imperador, para quem a lealdade foi transferida. [37]

A tendência generalizada dos cidadãos do Império para acreditar que os deuses desciam para as relações sexuais (tanto no seu significado sexual como comercial) criou um ambiente em que a deificação de figuras de culto era comum. Depois de curarem um coxo em Listra, Paulo e Barnabé enfrentaram uma multidão frenética que gritava: “Os deuses desceram até nós em semelhança de homens”. Aclamaram Barnabé como Zeus e Paulo como Hermes (*Atos 14:11, 12*). E depois de uma poderosa oração, os gregos de Cesareia saudaram o rei *Agripa I* com as palavras: “*Voz de Deus, e não do homem!*” (*Atos 12:22*). A posterior deificação de Jesus como Deus ou como Senhor Deus é compreensível neste contexto cultural. E como veremos em breve nos próximos capítulos:

Os cristãos continuam hoje preocupados com as doutrinas contraditórias da Igreja, que surgiram do esforço infeliz para misturar ideias pagãs e judaicas incompatíveis... O Cristianismo foi transformado pela assimilação de ideias e modos de pensamento estrangeiros. No processo, deixou de ser um guia fiável para os seus próprios começos. [38]

Os autores de *O Legado Messiânico* concordam também que existe uma explicação cultural para “a destruição final do Jesus histórico” que não é tão facilmente compreendida. Relatam que um importante livro sobre este tema apareceu em 1982, “*Constantine versus Christ*” (Constantino versus Cristo), de *Alistair Kee*, professor sénior de Estudos Religiosos na Universidade de Glasgow. *Kee* estabelece de forma bastante convincente que Jesus, de facto, não desempenhou qualquer papel na religião de *Constantino*. Mas se ignorou Jesus, *Constantino* reconheceu certamente o princípio do messianismo. Na verdade, fez mais do que reconhecer isso; assumiu o papel do Ungido. Para *Constantino*, o Messias era precisamente o que tinha sido para os judeus da Palestina no início da era cristã: um rei guerreiro como David e Salomão, um soberano e governante que reinaria sabiamente sobre um reino temporal, consolidando a unidade nacional com sanção divina para o legitimar. Para *Constantino*, Jesus tentou ser precisamente esse Messias. E Constantino viu-se a seguir – com muito mais sucesso – os passos de Jesus, realizando aquilo que Jesus aparentemente não conseguiu realizar. Como diz *Kee*: “A religião de *Constantino* remete-nos para o contexto do AT. É como se a religião de Abraão... se tivesse finalmente cumprido não em Jesus, mas em *Constantino*”. E “*Constantino* no seu tempo foi o cumprimento da promessa de Deus de enviar um rei como David para salvar o seu povo. É este modelo, tão poderoso e tão pré-cristão, que melhor descreve o papel de *Constantino*”.

A crença de *Constantino* de que era um messias não é assim tão surpreendente, tendo em conta o facto de ser um rei pagão. Mas, segundo *Kee*, o que é surpreendente é que a Igreja Romana tenha aceite o papel que *Constantino* se arrogou. A igreja romana da época estava bastante disposta a concordar com a conceção que *Constantino* tinha de si próprio como um Messias genuíno e um Messias mais bem-sucedido do que Jesus. Estava também bastante disposto a reconhecer que o Messias não era um salvador pacífico, etéreo, semelhante a um cordeiro, mas um rei legítimo e irado, um líder político e militar que presidiu não a algum nebuloso reino dos céus, mas a domínios terrenos muito reais. Em suma, a Igreja reconheceu em *Constantino* precisamente o que o messianismo teria significado para Jesus e os seus contemporâneos. Assim, por exemplo, *Eusébio*, bispo de Cesareia, uma das principais figuras teológicas do seu tempo e colaborador pessoal próximo do imperador, diz de *Constantino*: “Fortalece-se no seu modelo de governo monárquico, que o governante de Todos tem dado à raça humana apenas dos que estão na terra.” *Eusébio* é

muito taxativo quanto à importância da monarquia: “A monarquia supera todos os outros tipos de constituição e de governo. Porque antes a anarquia e a guerra civil são o resultado da alternativa, uma poliarquia baseada na igualdade. Por esta razão existe um só Deus, não dois, nem três, nem mais.” Na verdade, Eusébio vai muito mais além. Num discurso pessoal ao Imperador *Constantino*, este declara que o “*Logos*” está corporizado no Imperador. Na verdade, *Eusébio* atribui a *Constantino* um estatuto e uma virtude que deveriam ser reservados apenas a Jesus: “Soberano temente a Deus, a quem único de todos aqueles que aqui estiveram desde o princípio dos tempos, o Deus universal e governante omni. Ele próprio recebeu poder para purificar a vida humana.” Como *Kee* comenta perspicazmente sobre este discurso de *Eusébio*: “Desde o princípio do mundo, foi apenas a *Constantino* que foi dado o poder da salvação. Cristo é posto de lado, Cristo é excluído e agora Cristo é formalmente negado”. E “*Constantino* é agora o único salvador do mundo. A cena é do século IV, não do primeiro. O mundo, espiritual e material, não foi salvo até *Constantino*.” Para *Kee*, as implicações são inevitáveis. Jesus não é mencionado. “É claro que a vida e a morte de Cristo não têm qualquer eficácia neste esquema de coisas... A salvação do mundo é agora alcançada através dos acontecimentos da vida de *Constantino*”. [39]

A conclusão a que chegaram os autores de *O Legado Messiânico* é que quando a Igreja se comprometeu com *Constantino*, o Jesus histórico foi oficialmente destruído, negado e perdido. Embora eu ache que estes autores vão longe demais ao sugerir que a Igreja e *Constantino* estavam a erguer um baluarte eficaz contra qualquer possibilidade de um descendente direto de Jesus reivindicar o trono davídico (Jesus não se casou e não tem descendência carnal, uma vez que, de acordo com os profetas, morreu sem filhos físicos, como diz *Atos 8:33*), têm um ponto válido baseado na realidade histórica. Isto é, é extraordinário encontrar a Igreja Romana (1) a tolerar a total indiferença de *Constantino* para com Jesus; (2) ceder à apresentação que *Constantino* faz de si próprio como Messias; e (3) reconhecer a definição de messianismo – isto é, uma figura militar e política – incorporada por *Constantino*. Por outro lado, talvez no século IV isto não fosse tão extraordinário, porque tais atitudes não eram tão incongruentes com a fé cristã como hoje parecem. Talvez no século IV os cristãos tenham reconhecido, muito mais claramente do que os seus congéneres modernos, até que ponto tais atitudes se conformavam com os factos históricos. O Jesus histórico ainda não tinha desaparecido completamente sob o peso dos acrescentos posteriores. Para a Igreja do século IV, teria havido quase certamente alguma admissão relutante e arrependida de que *Constantino* era um Messias que tinha tido sucesso onde Jesus falhou, e que o Messias representado por *Constantino* e Jesus era na verdade uma figura militar e política, um rei. com mandato para governar. [40]

Douglas Lockhart chegaria à mesma conclusão. Cita a análise de *Don Cupitt* de que a estrutura da doutrina clássica de Cristo no século IV revela uma extensa paganização da fé, do culto e da organização social no seio da Igreja. Uma iconografia pagã de Cristo estava a desenvolver-se sob a pressão das necessidades políticas, e a filosofia helenística da realeza estava na base de tudo:

Tal como Deus era para o cosmos e o rei para o estado, o “*Logos*” divino habitou no rei e por sua vez tornou-se rei por associação. O rei, agindo divinamente e como pastor do seu povo, era visto como uma espécie de Deus encarnado, um elo de ligação entre o céu e a terra, e o divino “*Logos*” como Deus encarnado foi promovido a Imperador cósmico universal que, compreensivelmente, validou cada ação do seu substituto quase divino. Um pequeno e elegante pacote que rapidamente concedia dignidade e privilégios, roupas e insígnias aos principais ministros da Igreja e, por sua vez, permitia ao rei apresentar-se como o representante

terreno de Deus. Tomando de empréstimo muito do ritual da corte, estes importantes ministros da Nova Ordem Cristã conseguiram enterrar Jesus, o Judeu, pela segunda vez. [41]

A conclusão inevitável, então, é que a adoração do imperador se tornou uma parte importante da receita em desenvolvimento para a compreensão da Igreja sobre Jesus, o Messias. Longe de ser um bastião impenetrável da fé, outrora entregue aos santos, a Igreja tornou-se uma esponja porosa que absorveu inevitavelmente a cultura envolvente. *Don Cupitt* capta o *pathos* destes acontecimentos quando diz: “Quase o único vestígio que resta de Jesus é o seu rosto semita escuro, olhando com uma tristeza compreensível a partir do seu novo cenário incongruente”. [42]

A batalha sobre a “ortodoxia” prosseguiu muito depois da morte de *Constantino*. O Império Romano foi dividido entre os seus dois filhos. E é um triste facto deste período que “ao pedirem apoio ao Estado Romano, os bispos e teólogos tenham ligado o seu destino ao resultado da luta entre *Constâncio*, imperador do Ocidente de Niceia, e *Constâncio*, governante ariano de Niceia. [43] É também um facto que o Credo de Niceia nestes dias “se tornou uma fonte de discórdia violenta na comunidade”. [44] Assim, a doutrina da Trindade foi formulada durante as lutas pelo poder do século IV d.C. Mais tarde, sob a influência do imperador *Teodósio* (379-395), esta tornou-se a doutrina “ortodoxa” do cristianismo romano, imposta sob pena de morte. No século VI, o imperador *Justiniano* acrescentou a negação do batismo infantil à categoria criminal, também punível com a morte. Tragicamente, então, “o triunfo do cristianismo niceno foi seguido por uma campanha violenta para impor a nova ordem aos estrangeiros”. [45] E “a defesa dos pontos de vista arianos... e a posse de escritos arianos tornar-se-iam crimes puníveis com a morte”. [46] Assim, o Cristianismo metamorfoseou-se gradualmente. Infelizmente:

O cristianismo que se uniu e tomou forma na época de Constantino era na verdade um híbrido contendo importantes linhas de pensamento derivadas do mitraísmo e da adoração do sol. O Cristianismo, tal como o conhecemos, está em muitos aspetos mais próximo destes sistemas de crenças pagãos do que das suas próprias origens judaicas. [47]

Estas conclusões são confirmadas pela pá do arqueólogo. No seu fascinante livro “*Excavating Jesus*” (Escavando Jesus), os autores *Crossan* e *Reed* observam que quanto mais as camadas do mundo de Jesus se movem desde o primeiro século (ou seja, o tempo arqueológico mais recente) a “tendência é diminuir a sua identidade judaica; a outra [tendência] é aumentar o seu estatuto social.” Seja olhando para a literatura desses séculos ou escavando na terra, “quanto mais distantes as camadas estão do tempo de Jesus, mais cristãs tendem a tornar-se”. Em suma, “as camadas arqueológicas posteriores que comemoram a vida de Jesus tendem a apagar sinais do seu judaísmo... e a substituí-los por características de Roma ou de Bizâncio. Por outro lado, quanto mais longe Jesus está do contexto galileu do primeiro século, mais elitista e majestoso se torna.” [48]

A mesma metamorfose se verifica na evolução dos apóstolos. Foi descoberto um conjunto de capitéis ornamentados esculpido por trabalhadores franceses e escondidos desde 1187, quando o sultão *Saladino* expulsou os cristãos da Terra Santa. Retratam cenas da vida dos apóstolos, “mas os apóstolos parecem europeus, não semitas, os seus acessórios parecem medievais, não antigos, e as suas roupas são reais, não camponesas”. [49] Estas são observações reveladoras.

Santo Agostinho?

Em linha reta, são cerca de 1.600 quilómetros desde a Nazaré até Niceia. No entanto, como escreve *Funk*:

É um mundo distante se pensarmos não no espaço geográfico, mas na relação de Jesus como professor e sábio judeu com os debates teológicos e as intrigas políticas que tiveram lugar em Niceia. Os trezentos anos que separam a morte de Jesus do concílio de Niceia foram repletos de intrigas, controvérsias, lutas, martírios, conflitos, sucessos, triunfos.

Por outras palavras, observa *Funk*, quando o movimento cristão chegou a Niceia, 300 anos após a sua morte, Jesus de Nazaré tinha desaparecido para segundo plano. O iconoclasta original (um iconoclasta é alguém que quebra imagens, alguém que ataca crenças acarinhadas) que subverteu o mundo primário foi substituído por um ícone que pertence às expectativas e esperanças populares desse mundo. O encantador imediatismo do seu mundo secundário (o Reino de Deus) foi substituído pelo realismo político do império de Constantino. [50] A Igreja estabelecida, em vez de viver na energia e na liberdade de espírito que caracterizaram o seu início apostólico, deteriorou-se agora em pronunciamentos movidos pelo medo da sua burocracia. Talvez a concha estivesse lá. Mas o poder e a vida interior de Jesus foram sepultados. Nas palavras gráficas de *Lockhart*, “a psicopatologia de uma futura Igreja que iria repetidamente despedaçar o seu próprio coração vivo e comê-lo vivo estava firmemente estabelecida”. [51] Um dos “santos” mais venerados que deu substância a esta nova direção foi *Agostinho de Hipona*. A influência de Agostinho no cristianismo moderno é quase incomparável. Não compreendo como é que este homem ainda é venerado hoje, à luz do que sabemos sobre ele. Com a ascensão ao poder político da Igreja Romana, foi *Agostinho* quem forneceu a justificação teológica para as medidas obrigatórias adotadas pelo Estado contra as minorias cristãs. [52] Qualquer pessoa que não concordasse com a linha partidária da Igreja era apelidada de herege e rotulada de louca ou insana. As igrejas que albergavam estes espíritos livres foram encerradas com a vingança de Deus pela “ira primorosamente dirigida dos homens”. [53]

A paganização da Igreja Cristã foi completa:

De criminoso crucificado por Roma, Jesus por procuração acabou no trono dos Césares! Mas o que Jesus. Não o Jesus que conhecemos do NT. Não o Jesus que... amava as crianças. Não o Jesus que clamou pela rejeição de Jerusalém à sua mensagem messiânica... Não, outro Jesus deslocou os Césares: o Jesus da imaginação faminta de ortodoxia... O demiurgo encarnou-se e estava à solta, e que Deus te ajude se não. Não dobre o joelho. De perseguidos, os cristãos tornaram-se perseguidores, com o seu Jesus insuflado de ego a dominar os corações dos homens e das mulheres por dentro! Não há como escapar a este Jesus – este Jesus apoiou totalmente a reivindicação de poder da Ortodoxia. [54]

Como *Lockhart* espirituosamente observa, a forma como o Cristianismo foi capaz de mudar Roma de crenças pagãs (!) para um estado que tinha como foco central o fracassado Messias Judeu foi “uma coragem surpreendente, quando se pensa nisso”! [55]

É claro que todo o regime necessita de apoio intelectual para se justificar. Um dos gigantes desta nova Igreja “Católica”, como já foi assinalado, foi *Agostinho de Hipona*. Foi o responsável por fortalecer a crença de que o homem, por natureza, está intrinsecamente contaminado com o pecado original de Adão. *Funk* observa: “A noção de *Agostinho* de que as consequências do pecado de Adão são transmitidas através do esperma masculino é uma das grandes tragédias da história teológica”. [56] Quase sozinho, terminou três séculos de insistência em que o homem à imagem de Deus tem livre arbítrio e o poder de fazer o bem. Agora, os seres humanos já não tinham a

capacidade de escolher livremente arrepender-se e acreditar no Evangelho. A inversão do conceito de liberdade humana por parte de *Agostinho* foi ofensiva para muitos cristãos da época. Esta controvérsia foi tão grande “que eclodiram tumultos nas ruas de Roma em 417 d.C. entre apoiantes e opositores da doutrina do pecado original”. [57] Aqueles que sustentavam a crença anterior de que Deus tinha dotado os homens da capacidade de tomar decisões morais foram logo condenados como hereges. A visão de que “a alma se governava a si mesma em breve desapareceria, e a tradição rabínica que via a humanidade feita à imagem viva do Rei Universal desapareceria com muitas outras sombras da influência judaica”. [58]

Outra das doutrinas “ortodoxas” defendidas por *Agostinho* foi a doutrina da Trindade. No entanto, “confessa” que foi levado a procurar a verdade de Deus depois de ler “aqueles livros dos [neo] platônicos”. [59] Foram estes livros (provavelmente as *Enéadas de Plotino*) que o convenceram da Divindade literal de Jesus! [60] Antes dessa época, a sua visão de Cristo era semelhante à de *Fotino de Sírmio*. [61] Ou seja, *Agostinho* acreditava na humanidade completa e intransigente de Jesus antes de ser persuadido pela filosofia neoplatônica de que Jesus tinha pré-existido como o próprio Deus. *Agostinho*, então, não obteve a sua crença na Trindade das Escrituras, mas, como admite honestamente, dos Gregos! “Os filósofos neoplatônicos cujos pensamentos e escritos desempenharam o papel mais influente na história de *Agostinho* foram *Plotino* (c. 204-270 d.C.) e o seu discípulo *Porfírio*.” [62] A este respeito, é elucidativo notar que o professor de *Orígenes* foi *Amônio Saccas*, que foi professor de *Plotino*. Não é difícil observar a influência inicial dos filósofos gregos sobre os padres da igreja. *Justino Mártir*, por exemplo, chama a *Heraclito*, *Sócrates* e outros filósofos gregos cristãos antes de Cristo. E outro pai da igreja, *Clemente de Alexandria*, estava tão mergulhado na filosofia pagã que considerava um dom divino levar os homens a Cristo! [63] Explicou: “A filosofia grega purifica a alma e prepara-a antecipadamente para a recepção da fé, sobre a qual a Verdade constrói o edifício da Gnose”. [64] E *Clemente*, que é homenageado como santo pela Igreja Romana, escreveu volumes sobre os “gnósticos” a quem chamou “verdadeiros cristãos”. Declarou: “Só o gnóstico é verdadeiramente piedoso... O verdadeiro cristão é o gnóstico”! [65]

Que esta nova Igreja triunfante foi um afastamento da Igreja que o Senhor Jesus fundou, é provado pelos séculos de perseguição violenta que se seguiram. Esta doutrina não produziu o “fruto do Espírito”, mas as “obras da carne” (*Gálatas 5:19-23*). No final do século IV, “cristãos” fanáticos queimaram a grande biblioteca de Alexandria. A Ortodoxia tornou-se tacanha e até violenta. Possuir um livro classificado como herético era ser um criminoso. Os bispos cristãos, anteriormente perseguidos por Roma, comandavam agora as autoridades civis. No século V, o abade do Mosteiro *Branco de Panópolis*, no Egito, costumava ameaçar os dissidentes com: “Farei com que reconheçais... *Arcebispo Cyril*, ou então a espada matará a maioria de vós”. [66] Não muito depois, a Europa mergulhou na Idade Média. Falando metaforicamente, a Igreja trancou as portas para que os fiéis se pudessem proteger da contaminação exterior. Em vez das igrejas de Cristo espalhadas por todo o império, tivemos a Igreja da Intolerância. Durante mais de mil anos, muitos cristãos “de fora” pereceram porque se mantiveram leais à verdade bíblica de que Deus é um e Jesus é o Seu Filho. Com uma história tão triste, não podemos duvidar que Jesus, o Cristo, sofreu um mau serviço por parte daqueles que se dizem seus representantes. Nas palavras contundentes de *Lockhart* novamente: “Tudo o que vejo é um prisioneiro de olhos tristes da imaginação cristã trancado dentro de um paradigma que não tolerou e não toleraria agora”. [67]

A Igreja é levada à tentação

Para avaliar até que ponto estes acontecimentos históricos afastaram a Igreja Cristã do espírito de Jesus de Nazaré, seu fundador, e dos seus apóstolos, façamos uma breve pausa para os colocar numa perspetiva teológica. O batismo de Jesus por João no Jordão foi um momento decisivo. Todos os quatro escritores do evangelho o mencionam. Até agora, Jesus tem esperado como o Messias designado. Ora, no seu batismo nas águas, é publicamente marcado como o Cristo, o Messias. Deus unge-o com o Espírito. Imediatamente, “o Espírito leva-o ao deserto”, onde jejua e ora durante 40 dias. No final destes dias, quando está seriamente enfraquecido, Satanás aproxima-se dele e inicia uma série de tentações: “Se és o Filho de Deus, então...” Muitos comentadores entendem que o tentador lhe disse: “És tu tens a certeza de que tudo isto não é uma farsa? Tem a certeza de que não está apenas a imaginar que é o Filho de Deus? A ideia é que uma forma segura de paralisar as ações de um homem é fazê-lo duvidar do seu destino. Se naquele momento Jesus tivesse permitido que uma dúvida crescesse como uma úlcera na sua mente, não teria conseguido continuar. Mas não tenho assim tanta certeza de que esta seja a melhor forma de compreender o que se passa aqui. Parece que Jesus compreendeu a sua própria identidade e destino desde muito cedo. Aos 12 anos, conheceu a sua relação única com Deus como Pai (*Lucas 2:49*). Existe uma interpretação alternativa.

A conjunção “se” é frequentemente traduzida no NT por “desde”, e tomada desta forma o diabo diz a Jesus: “*Já que és o Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão*”. O Diabo não questiona se Jesus é o Filho de Deus. A sua tentação cabe na mente de Jesus muito mais do que isso. Sugere que, uma vez que Jesus é de facto o Filho de Deus, o verdadeiro Messias, porque não expressar esta filiação em ações para satisfazer as suas próprias necessidades? Jesus enfrenta a escolha entre exprimir a sua convicção de filiação em termos materialistas e de autoengrandecimento, ou exprimi-la em termos de uma obediência ao seu Pai que só poderia terminar na cruz. Por outras palavras, o ataque de Satanás foi para fazer com que Jesus expressasse incorretamente a sua filiação. Esta tentação peculiar deve ter exercido uma grande atração sobre Jesus. Ao longo do seu ministério foi profundamente tentado a evitar o caminho do sofrimento e da humilhação e a tomar o trono que lhe pertencia por decreto de Deus (por exemplo, *Salmos 2:7-12*). É significativo que, quando Pedro protestou mais tarde que Jesus, como Messias, não deveria escolher este modo de sofrimento e de morte, Jesus respondeu com uma repreensão selvagem: “*Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens*” (*Mateus 16:23*). Todo o plano de redenção de Deus para a humanidade dependia de Jesus seguir o caminho egoísta de Satanás ou o caminho sacrificial do Pai. Felizmente, o Campeão da nossa Fé escolheu o caminho da cruz. Não usaria o poder ou o privilégio pessoal para alcançar os objetivos de Deus. O seu Pai cuidaria dele e finalmente justificá-lo-ia diante do mundo. Mas o que significa isto para a nossa história até agora?

No seu livro “*Possession and Persuasion: The Rhetoric of Christian Faith*” (Possessão e Persuasão: A Retórica da Fé Cristã), *Robert Hach* desenvolve esta ideia em relação às tentações paralelas que a Igreja tem enfrentado. A recusa de Jesus em transformar pedras em pão pode ser vista como a sua relutância em permitir que os seus milagres, como alimentar as multidões com alguns pães e peixes, incitassem os seus contemporâneos ao fervor religioso e político. A recusa de Jesus em saltar do pináculo do Templo pode representar a sua rejeição de um messianismo que sanciona o ritual e a hierarquia do templo. A recusa de Jesus em adorar o Diabo em troca dos reinos deste mundo sugere a sua rejeição do papel do Messias como figura real que levaria a nação judaica

à supremacia política sobre toda a Terra através dos meios equivocados da conquista militar. Por outras palavras, a missão de Jesus, ao rejeitar estas noções populares do Reino de Deus, era a de reorientar radicalmente os seus discípulos para a natureza do seu Reino ainda futuro. O seu Reino seria um Reino baseado na persuasão da compreensão, do amor, do serviço e da igualdade. Simplificando, o Diabo tentava tentar Jesus a “adotar uma agenda messiânica que lançasse os seus seguidores num rumo de conquista global religiosa, política e militar”. [68] Ora, eis o problema, de acordo com *Hach*:

Embora Jesus tenha resistido com sucesso à tripla tentação de construir um império global em cumprimento da sua missão messiânica, o mesmo não se pode dizer do Cristianismo. A história do Cristianismo é (com alguns desvios notáveis do guião) a história da sua queda nas mesmas tentações sobre as quais Jesus prevaleceu: no seu desejo de poder e autoridade mundial, a Igreja, primeiro, apelou às necessidades físicas e materiais, por vezes através de supostas operações milagrosas, para estabelecer e fazer cumprir o seu governo real; Em segundo lugar, ele estabeleceu os seus próprios sistemas de adoração no templo (agora chamados de “missas” ou “cultos de adoração” e realizados em templos chamados “catedrais” e “igrejas”), juntamente com “cambistas” de vários tipos, para apelar ao emocional e às necessidades psicológicas. os desejos dos seus súbditos tanto por sensação como por absolvição; e terceiro, aliou-se ao Estado para impor o seu senhorio às massas, apelando [(como atesta o *Grande Inquisidor de Dostoievski* em “*The Brothers Karamazov*” (Os Irmãos Karamazov)] aos seus medos neuróticos e infantis de liberdade e responsabilidade. Jesus resistiu, o Cristianismo fez renascer e perpetuou a falsa esperança messiânica de conquista mundial que caracterizou o Judaísmo do primeiro século... Já em meados do século II EC, a comunidade cristã começou a adotar as estruturas de autoridade gentílicas. casamento com o Estado sob a forma do Império Romano do século IV [69].

Também não é difícil documentar como os “cristãos” discutiram violentamente e até se massacraram uns aos outros nos últimos dois mil anos sobre como certas passagens das Escrituras deveriam ser interpretadas:

Na fusão da tradição cristã, este é um princípio que se tem mantido constante. No passado, quando os Padres da Igreja ou outros se deparavam com uma das várias ambiguidades e contradições bíblicas, *especulavam* sobre o seu significado. Eles tentaram interpretá-lo. Uma vez aceite, a conclusão da sua *especulação* (isto é, a sua interpretação) seria consagrada como dogma. Com o passar dos séculos, passou a ser considerado um facto assente. Tais conclusões não são de todo um facto. Pelo contrário, são especulações e interpretações congeladas numa tradição, e é esta tradição que se confunde constantemente com os factos. [70]

A longa e brutal história da Igreja é testemunho destas verdades. Ainda em 1697, *Thomas Aikenhead*, um jovem de 18 ou 20 anos e estudante de medicina na Universidade de Edimburgo, foi executado por enforcamento por alguns comentários descuidados sobre a Trindade. Não lhe foi permitido que nenhum advogado se defendesse e o seu pedido de clemência foi indeferido. Uma história gráfica para ilustrar o quão distante do espírito de Jesus se tornou a “Igreja” diz respeito a um dos “super-heróis” da Reforma Protestante – *João Calvino* – e ao que os historiadores da Igreja chamaram “o caso *Servet*”. Durante as discussões com as pessoas interessadas, perguntei-lhes muitas vezes se conheciam a história de *Miguel Servet*. Até agora todos, incluindo alguns ministros e pastores, indicaram ignorância. Não me ensinaram sobre esta parte extraordinariamente trágica da história de *Calvino* na igreja ou mesmo na escola de teologia. O tratamento implacável de *Servet* por *Calvino* foi o único acontecimento que levou à consolidação do poder de *Calvino* em Genebra,

por um lado, e à sua difamação como tirano sanguinário, por outro. Contudo, é um facto histórico que “o julgamento e execução de *Miguel Servet* como herege influenciaram, mais do que qualquer outro evento, a reputação póstuma de *Calvino*”. [71] Antes de comentar, explico detalhadamente a triste história dos últimos momentos da vida de *Miguel Servet*. Isto vem da introdução de um livro escrito pela equipa de marido e mulher *Lawrence e Nancy Goldstone* intitulado “*Out of the Flames*” (Fora das chamas):

Pouco depois do meio-dia, num dia frio e chuvoso de finais de outubro de 1553, teve início uma procissão na Câmara Municipal de Genebra, no oeste da Suíça, na fronteira com a França. À sua frente estavam dignitários locais: magistrados de toga e chapéu, membros do conselho municipal, clérigos de toga e o tenente criminal, o chefe da polícia. Imediatamente atrás deles estava uma onda de oficiais montados e uma guarda de arqueiros montados. Depois vieram os cidadãos da cidade, primeiro os burgueses abastados, depois os comerciantes e artesãos e, finalmente, uma multidão das classes mais baixas da cidade. O seu destino era uma encosta em *Champel*, a cerca de um quilómetro e meio das muralhas da cidade.

No meio daqueles suíços de pele clara, destacava-se um homem, um prisioneiro. Era um homem de cerca de quarenta anos, moreno, quase mourisco, sujo e fraco, com uma barba longa e desgrenhada e roupas esfarrapadas. Foi cercado por uma multidão de pastores que o incitaram a confessar os seus pecados. Um velho clérigo caminhava ao seu lado, sussurrando-lhe ao ouvido. O prisioneiro orou silenciosamente em resposta. A aparência despenteada do prisioneiro desmentia o seu estatuto de um dos mais proeminentes médicos e pensadores da Europa. O seu nome era *Miguel Servet* e o seu crime foi publicar um livro que redefiniu o Cristianismo de uma forma mais tolerante e inclusiva. Embora este livro contivesse, quase como uma reflexão tardia, uma grande descoberta científica (que um século mais tarde impulsionaria a medicina para a era moderna), naquela tarde de outubro de 1553 ninguém em Genebra sabia ou se importava.

Miguel Servet arriscou a sua vida e a sua posição para publicar este livro... Pouco depois da sua publicação, foi preso pelos inquisidores franceses e condenado à morte. Na véspera da sua execução, fez uma fuga ousada e evitou a captura durante meses. Estava a caminho de Itália, onde estaria em segurança, mas preferiu parar em Genebra. Ali, a sua pele escura traiu-o. Foi reconhecido enquanto orava na igreja e preso.

Antes que os seus apoiantes pudessem vir em sua defesa, *Miguel Servet* foi atirado para uma cela escura, sem ar e infestada de vermes, onde foi mantido durante setenta e cinco dias, sem lhe ser permitido mudar de roupa, roupa de cama e, muitas vezes, água e alimentos. O seu acesso ao mundo exterior limitou-se à participação forçada num ostentoso julgamento-espetáculo, onde ficaria frente a frente com o seu acusador, talvez a mente mais brilhante da Reforma. Defendeu-se de forma brilhante, mas a qualidade dos seus argumentos nunca importou. O destino de *Servet* ficou selado desde o momento em que foi reconhecido. Foi considerado culpado de acusações apresentadas por um conselho e procurador escolhido a dedo pelo seu arquirrival e inimigo jurado, *Jean Chauvin*, um obscuro humanista falhado que se reinventou como o reformador João Calvino e se tornou virtual ditador da grande cidade. A 26 de outubro de 1553, Miguel Servet foi condenado “a ser levado para Champel e aí queimado vivo no dia seguinte juntamente com os seus livros”.

A tortura e a crueldade não eram estranhas à justiça do século XVI. Existia uma hierarquia estrita de punição, desde relativamente indolor a terrivelmente agonizante, dependendo da gravidade do crime. Os caluniadores tiveram as línguas cortadas e os ladrões foram empalados. A pena por homicídio (decapitação) era considerada relativamente caridosa. Mas de todos os

castigos, o pior foi ser queimado vivo, pelo que este horror foi reservado para o crime mais terrível que existiu: a heresia. Os hereges eram especialmente odiados porque não só colocavam as suas próprias almas em perigo mortal, mas também as de pessoas inocentes infetadas pelos seus ensinamentos.

Hollywood costuma usar a queima como efeito especial. A vítima é conduzida até uma estaca no topo de uma enorme pilha de madeira e amarrada com cordas. Tochas são trazidas; A pilha de madeira pega fogo e enormes chamas sobem imediatamente e envolvem o corpo. A vítima grita enquanto a fogueira explode e as chamas saltam cada vez mais alto, ardendo furiosamente. A câmara gira para cima enquanto o fumo sobe para o céu, e compreende-se que tudo acabou, que a vítima já não sofre.

Só Hollywood cometeu um erro. Nunca terminou rapidamente. O objetivo de arder na fogueira era submeter o condenado a uma dor prolongada, horrível e insuportável. Era este o tipo de dor que aguardava *Miguel Servet...* e ele sabia-o.

Quando *Servet* foi conduzido à colina de Champel, a estaca e a pira eram feitas de madeira fresca, madeira verde, ramos recém-cortadas com as folhas ainda presas. Sentaram-no num tronco e acorrentaram-no a um poste. O seu pescoço estava amarrado com uma corda grossa. Na sua cabeça colocaram uma coroa de palha embebida em enxofre. Acorrentado ao seu lado estava aquele que se pensava ser o último exemplar disponível do seu livro, tendo o resto sido zelosamente caçado e destruído. As ideias deveriam ser queimadas juntamente com o homem. Não houve fuga.

O fogo estava aceso. A madeira verde não arde facilmente, não rugue. Fuma e chia, ardendo de forma irregular e lenta. E é por isso que a vida de *Miguel Servet* não se extinguiu rapidamente numa parede de fogo ardente. Em vez disso, foi assado lentamente, agonizantemente consciente o tempo todo, enquanto o fogo subia centímetro a centímetro. As chamas atingiram-no, o enxofre escorreu-lhe nos olhos, não por minutos, mas durante meia hora inteira. “Pobre de mim, não posso acabar com a minha vida neste incêndio”, os espectadores ouviram-no gemer. Finalmente, gritou uma última oração a Deus, e depois as suas cinzas misturaram-se com as do seu livro. [72]

Depois de ler a história do assassinato judicial de *Servet*, é chocante ver como alguns historiadores até hoje se esforçam para varrer este terrível acontecimento para debaixo do tapete. A participação de *Calvino* é racionalizada: era “um filho do seu tempo” que não pensava em exterminar os “hereges” (livres-pensadores); *Servet* foi o único herege que *João Calvino* foi queimado vivo; *Calvino* foi historicamente condicionado e por isso deve ser contextualizado; Os motivos de *Calvino* eram puros, pois queria salvar a comunidade em geral da infeção da heresia; *João Calvino* foi apenas a principal testemunha e “conselheiro técnico” das autoridades de Genebra; *Calvino* tentou alterar o modo de execução para uma decapitação mais humana, mas foi ignorado; e outros crimes da época são ignorados pelos historiadores. Isto só prova que os próprios historiadores têm interesses em que trabalhar! [73] Em 1903, foi erguido um monumento de granito no local da execução de *Servet*. A sua inscrição condena “um erro que pertencia ao seu século”. É incrível percebermos que *Calvino* foi mais tarde considerado o defensor da verdadeira fé nos círculos protestantes!

Esta “racionalização” foi utilizada pelos nazis no julgamento de Nuremberga. Estavam apenas a cumprir ordens; foram condicionados pela política da Alemanha e de Hitler, etc. No entanto, os procuradores de Nuremberga rejeitaram, com razão, todas estas “racionalizações” e os culpados

foram justamente condenados como totalmente responsáveis pelas suas ações. O mesmo para *Calvino*. Apresento-vos este trágico “caso *Servet*” para ilustrar o espírito tão comum que a Igreja e a sua doutrina têm demonstrado ao longo dos séculos. Jesus disse: “*or seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus*” (*Mateus 7:16, 17*). Não me cabe a mim julgar as pessoas que professam o nome de Cristo. Mas tenho de ser honesto e colocar a questão sobre *João Calvino*, tão venerado e respeitado entre milhões de cristãos até hoje: Será que um homem como este estará no Reino de Deus? Um seguidor de Jesus não deveria ser como Jesus, que certamente não era filho dos seus dias maus? Jesus não pertencia às estruturas de autoridade, nem civis nem religiosas. Muito menos cometeu violência contra qualquer vizinho, fosse amigo ou inimigo. E as Escrituras são claras ao dizer que “*nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele*” (*1 João 3:15*). Embora Deus seja quem acabará por lidar com *Calvino*, estou disposto a dizer que a Igreja e a doutrina que é culpada de tais “frutos” são malignas na sua essência. Infelizmente, “*todos os principais organismos cristãos cuja história remonta ao século XVI têm sangue generosamente derramado sobre as suas credenciais. Católicos Romanos, Luteranos, Reformados e Anglicanos: todos condenaram e executaram os seus Servetas.*” [74]

Com o esboço acima, aqui está um pequeno teste para verificar se está a par da tendência geral até agora:

Verdadeiro ou falso?

- *Atanásio*, o sacerdote (e mais tarde bispo de Alexandria) que foi um interveniente-chave no poder na formulação do Credo Niceno, impôs as suas ideias incitando a violência coletiva, a intriga política e o assassinato dos seus oponentes.
- *Agostinho* (354-430) defendeu o massacre dos Donatistas, justificando-o em nome da promoção da unidade da Igreja.
- *Martinho Lutero*, mais tarde na sua vida, defendeu o incêndio de casas e sinagogas, livros de orações e “*Talmuds*” daquilo que ele chamou de “este fardo diabólico insuportável: os Judeus” que se recusaram a converter-se ao Cristianismo.
- *João Calvino* perseguiu pessoalmente e acabou por autorizar a tortura até à morte por queimadura lenta de um homem chamado *Miguel Servet*, que se recusou a curvar-se às interpretações de *Calvino* sobre a Trindade.
- O sucessor de *Calvino*, *Beza*, rejeitou quaisquer apelos à tolerância religiosa e considerou a liberdade religiosa “um dogma muito diabólico porque significa que todos devem ir para o inferno à sua maneira”.
- *Melancthon*, assistente de *Martinho Lutero* nos dias da Reforma, redigiu um memorando exigindo a morte dos Anabatistas (aqueles que acreditavam que o batismo oficial das crianças no âmbito do sistema era inadequado).
- O reformador suíço *Zwingli* lançou uma campanha em 1525 para afogar os anabatistas.

Se respondeu falso a alguma destas perguntas, ficou preso no tradicional trabalho de neve. Porque é um facto trágico na história da Igreja que alguns dos nossos maiores santos, teólogos e reformadores tenham sido culpados de tais crimes e atitudes hediondas. Estes factos da história não nos são contados na igreja, mas podem ser verificados através de pesquisas mais aprofundadas em vários livros. [75] Para aqueles que não querem ou são incapazes de o fazer, a declaração sucinta de *Karen Armstrong* é que para recriar o seu mundo religioso, os reformadores religiosos recorreram por vezes a medidas extremas e até à violência. Em particular, refere que *Lutero*, *Zwingli* e *Calvino* poderiam ser intransigentes a tal ponto que qualquer pessoa que se opusesse aos seus ensinamentos veria os seus livros “heréticos” queimados, e que no caso de *Calvino* e *Zwingli*, estavam dispostos a matar os dissidentes. [76]

Nem devemos ficar surpreendidos com estas coisas, pois elas são ampliadas muitas vezes quando consideramos outros resultados perturbadores do programa da “Igreja” ao longo das gerações. Os cristãos não só se colocaram uns aos outros à espada e ao fogo, como também fizeram cruzadas contra aqueles que o seu Senhor e Mestre lhes disse para amarem e trazerem para o rebanho de Deus. A triste história dos “cruzados cristãos” que foram à guerra contra os muçulmanos na chamada Idade Média ainda hoje irrita o Islão. A história da Inquisição é outro exemplo disso. E quantas vezes ouvi os meus colegas de trabalho, em conversas gerais, dizerem que não têm qualquer interesse pela religião porque a religião causou mais guerras e assassinatos do que qualquer outra causa? *Howard Thurman* perguntou uma vez a *Mahatma Gandhi*: “O Sr. Gandhi, quem é o maior inimigo de Cristo na Índia de hoje? A resposta de uma só palavra do *Mahatma* foi “**Cristianismo**”! O australiano médio e, na verdade, o ocidental médio concordam obviamente. As pessoas já não se preocupam em conhecer e amar Jesus. O teólogo alemão *Rudolf Bultmann* disse que os ossos de Jesus estão a apodrecer algures na Palestina; Não tinha a certeza se poderíamos encontrar o Jesus histórico. Disse que nem se importava com o que se passava no coração e na mente de Jesus. A sociedade moderna, ao que parece, adotou este credo, porque o Cristianismo tradicional está presente [77] onde vivo.

Tal como na área médica, quando vacinamos os nossos filhos contra diversas doenças, injetando-lhes uma dose artificial da doença real, para que possam desenvolver anticorpos, o mesmo acontece no reino espiritual. Uma vez injetados de fantasia e falsidade, os nossos corações tornam-se imunes à realidade. Sim, também detesto “religião”. Foram os religiosos que crucificaram Jesus. O diabo ama a religião. Mas tenho uma ligeira suspeita de que ele teme que o verdadeiro Jesus das histórias do evangelho volte a emergir sob a pesada carga de bagagem teológica que carrega há gerações. Como *Lockhart* afirma novamente com tanta veemência: “Há um sentido em que é necessário que Jesus, que morreu há tantos séculos, morra uma segunda vez, não pelos pecados do povo, mas pelos pecados da Igreja que o fez mais do que ele nunca quis ser. [78]

Ao longo dos séculos, milhões de pessoas morreram porque a sua lealdade à Bíblia as impediu de aceitar as fórmulas antibíblicas de Niceia e Calcedónia. Não podiam aceitar o Ser trino de “Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo”. Por mais impressionante que possa parecer, não se encontra nas Escrituras. Se esta fórmula trinitária criada no século IV veio do Espírito Santo, porque produziu séculos de ódio e derramamento de sangue? Porquê as “*obras da carne*” e não os “*frutos do Espírito*”? Num capítulo posterior analisaremos quem é Jesus, se é “Deus Filho” ou “Filho de Deus”. Por enquanto, na nossa breve revisão da história da igreja, é importante notar que a Bíblia advertiu que uma visão falsa de quem é Jesus fomentaria um espírito anticristão. O apóstolo João

escreveu: “Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo” (1 João 4:2, 3).

Quando João nos diz que a mensagem dos falsos mestres é “o espírito do anticristo”, resolve-nos um problema: porque é que aqueles que acreditam nos ensinamentos “ortodoxos” da Igreja dominante sempre perseguiram aqueles que, com bons conhecimentos bíblicos? de consciência pura diante de Deus, pediram para diferir da linha aceite? A razão, segundo João, é que o ensinamento acima possui o espírito do anticristo. Consegue imaginar aqueles primeiros apóstolos e discípulos de Jesus, aqueles primeiros cristãos a perseguir e a ameaçar com violência qualquer um que rejeitasse a sua mensagem? Fazer a pergunta é dar a resposta. É certo que hoje a Igreja não tortura nem assassina pessoas como *Miguel Servet* (pelo menos no Ocidente democrático), mas aqueles que ousam fazer perguntas e não seguem a linha do partido são ostracizados e vítimas de mais difamação subtil. Isto por si só deveria ser suficiente para nos fazer reexaminar toda a lógica. Finalmente a nossa sociedade sente-se livre da antiga escravidão a que nos conduziram os nossos Padres da Igreja. Mas em vez de produzir uma fé mais pura, a sociedade está a tornar-se mais secular. Alguns são ateus. Alguns são agnósticos. Muitos estão a experimentar ideais “espirituais” alternativos. Mas, em todo o caso, “deve considerar-se que a Igreja é uma das principais causas da promoção (da intolerância) que condena veementemente”. [79] Como disse Jesus: “*se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens*” (Mateus 5:13).

É tempo de nós, na Igreja, ouvirmos esta outra versão da história. A visão generalizada da Igreja de que a oposição à doutrina da Trindade se limita a “seitas” como as Testemunhas de Jeová não é verdadeira. Este é um mito público. Alguns dos maiores pensadores de todos os tempos opuseram-se à doutrina da Trindade. *Sir Isaac Newton, John Locke, Isaac Watts e John Milton* opuseram-se à ideia de que Deus é três em um. *Thomas Jefferson* foi também um vigoroso antitrinitário. A maior parte do meu próprio movimento Igrejas de Cristo desconhece totalmente que, nos nossos primeiros dias nos Estados Unidos, os nossos membros consistiam num número significativo de crentes unitaristas, isto é, crentes que acreditavam que Deus é um, e não três. As pessoas das Igrejas de Cristo desconhecem em grande parte que um dos nossos maiores líderes, *Barton W. Stone*, era um antitrinitário assumido. O mais surpreendente é que quando ele e *Alexander Campbell* apertaram as mãos em Cane Ridge, unindo as suas respetivas igrejas numa única comunhão, todos o fizeram como “irmãos no Senhor”. O testemunho do próprio *Barton Stone* é que “deparei-me com a doutrina da Trindade... Esforcei-me por acreditar nela, mas não consegui subscrevê-la conscientemente”. [80] O próprio *Alexander Campbell* negou a doutrina da filiação eterna de Cristo, pelo que tinha reservas quanto à Trindade. Muito poucos sabem também que naquela época da história americana o movimento Unitarista era tão popular dentro das principais igrejas protestantes que ameaçava mudar a face de toda a Igreja Cristã naquele continente. Estava tão confiante no seu sucesso que *Thomas Jefferson* previu que “no futuro não haverá um jovem na América que não morra como unitarista”. A famosa universidade americana de Harvard tornou-se um bastião destas visões unitárias. É uma tragédia que o próprio movimento unitarista tenha sucumbido a um intelectualismo que o divorciou das suas amarras bíblicas e tenha ficado atolado na areia movediça do racionalismo, da filosofia humana e da descrença.

Sim, os vencedores estão felizes e podem escrever a sua própria história. Os perdedores só perdem. Mas é necessário? Há outra grande história para contar por aí. Talvez, afinal de contas, o verdadeiro Jesus da história judaica possa falar com a mesma autoridade que outrora surpreendeu as multidões que o ouviam. Até os seus inimigos ficaram impressionados. “*Nunca homem algum falou assim como este homem*”, admitiram (João 7:46). Antes que seja tarde demais, a Igreja tradicional deve permitir que Jesus, o Messias, o Jesus que viveu na história, o Jesus da Bíblia, regresse à nossa existência humana. Os nossos corações clamam por autenticidade. Para além dos ventos tempestuosos da persuasão “ortodoxa”; para além dos terremotos dos concílios eclesiásticos “oficiais”; para além dos fogos (muitas vezes literais) das perseguições “principais”, é possível que ainda possamos ouvir aquela palavra autêntica: “*Ouvistes que foi dito aos antigos..., eu, porém, vos digo*” (Mateus 5:21, 22). Talvez, se ouvirmos o mandamento de Deus Pai: “*Este é o meu Filho muito amado; ouça-o! Filho amado, escuta-O!*”, “*ouviremos a voz do nosso Deus*”.

Notas Finais

- [1] Dan Brown, pág. 343.
- [2] Hugh Schonfield, “*The Passover Plot*” (O enredo da Páscoa), pág. 275.
- [3] N.H. Snaith, “*The Distinctive Ideas of the Old Testament*” (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento), Gran Bretaña: The Epworth Press, 1944, pág. 161.
- [4] Pagels, pág. sesenta y cinco.
- [5] Bart D. Ehrman, “*The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament*” (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras: O Efeito das Controvérsias Cristológicas Iniciais no Texto do Novo Testamento), Oxford University Press, 1993, pág. 4.
- [6] Walter Bauer, “*Rechtgläubigkeit und Ketzerei im ältesten Christentum*” (Ortodoxia e Heresia no Cristianismo Antigo), citado por Ehrman, pág. 7.
- [7] Ehrman, pág. 8.
- [8] *Ibid.*, pág. 8.
- [9] *Ibid.*, pág. 10.
- [10] Pagels, pág. xxxi.
- [11] Karen Armstrong, “*A History of God: The 4000-year Quest for God*” (Uma História de Deus: Os 4000 Anos de Busca de Deus). Londres: mandarin, 1993, pág. 145.
- [12] *Ibid.*, pág. 145.
- [13] *Ibid.*, pág. 145.
- [14] Lockhart, pág. 266.
- [15] Pagels, pág. 111.
- [16] *Ibid.*, pág. 176, Ênfase original.
- [17] *Ibid.*, pág. 267.
- [18] Benjamin Walker, “*Gnosticism: Its History and Influence*” (Gnosticismo: sua história e influência), Northamptonshire: Crucible, 1989, p. 22.
- [19] “*Snow job*” (Trabalho na neve): Um bom encobrimento que sugere ser cego por uma tempestade de neve, equivalente a um golpe.
- [20] “*Encyclopedia Britannica*” (Enciclopedia Britânica), 11ª ed., vol. 23, pág. 963.
- [21] Lockhart, pág. 131.
- [22] Rubenstein, pág. 75.
- [23] Juan Baixeras, “*So What is This Truth of the Nicene Creed?*” (Qual é, então, esta verdade do Credo de Niceia?) www.geocities.com/Athens/Olympus/5257. Usado com permissão.
- [24] E. Gibbon, “*The Decline and Fall of the Roman Empire*” (O declínio e a queda do Império Romano), Penguin Classics, 1976.
- [25] Rubenstein, pág. 134.
- [26] Pagels, pág. 180.

- [27] *Kuschel*, págs. 392-393.
- [28] *Ibid.*, pág. 395.
- [29] *McDowell y Larson*, “*Jesus: A Biblical Defense of His Deity*” (Jesus: Uma Defesa Bíblica de Sua Divindade), San Bernadino, CA: Here's Life Publishers, Inc., 1983, pág. 80, O sublinhado é meu.
- [30] *Ibid.*, pág. 395.
- [31] *Rubenstein*, pág. 74.
- [32] *Michael Baigent, Richard Leigh y Henry Lincoln*, “*The Messianic Legacy*” (O legado messiânico) N.S.W., Australia: Transworld Publishers, 1987, págs. 57-58.
- [33] *Judith Herrin*, “*The Formation of Christianity*” (A Formação do Cristianismo), Londres: Fontana Press, 1987, pág. 63.
- [34] *Suetonio*, “*Cayo*”, XXII.
- [35] *Suetonio*, “*Domit*”, xiii.
- [36] “*The Messianic Legacy*” (O legado messiânico), pág. 59.
- [37] *Schönfield*, pág. 228.
- [38] *ibid.*, pág. 226.
- [39] *ibid.*, pág. 226.
- [40] *Baigent et al*, “*The Messianic Legacy*” (O legado messiânico), págs. 65-66.
- [41] *ibid.*, pág. 27.
- [42] *Don Cupitt*, “*The Myth of God Incarnate, quoted in Jesus the Heretic*” (O mito de Deus encarnado, citado em Jesus, o Herege), pág 27.
- [43] *Rubenstein*, pág. 169.
- [44] *ibid.*, pág. 181.
- [45] *ibid.*, pág. 226.
- [46] *ibid.*, pág. 223.
- [47] “*The Messianic Legacy*” (O legado messiânico), pág. 60.
- [48] *John Dominic Crossan y Jonathan L Reed*, “*Excavating Jesus: Beneath the Stones, Behind the Texts*” (Escavando Jesus: Sob as Pedras, Por Trás dos Textos), San Francisco: Harper, 2001, pág. 14.
- [49] *ibid.*, pág. 24.
- [50] *Funk*, págs.45, 256.
- [51] *Lockhart*, pág. 268.
- [52] *Joachim Kahl*, “*The Misery of Christianity: A Plea for Humanity Without God*” (A miséria do cristianismo: um apelo pela humanidade sem Deus), Middlesex, Inglaterra: Pelican Books, 1971, p. 63.
- [53] *Lockhart*, pág. 261.
- [54] *ibid.*, págs. 292-293.
- [55] *ibid.*, pág. 292.
- [56] *Funk*, pág. 313.
- [57] *Lockhart*, pág. 190.
- [58] *ibid.*, pág. 191.
- [59] *Confess.* VII.20.
- [60] *Confess.* VII.9; VIII.2.
- [61] *Confess.* VII.19.
- [62] “*The Confessions of St Augustine*” (As Confissões de Santo Agostinho), traduzido por Maria Boulding, Londres: Hodder & Stoughton, 1997, p. 16.
- [63] “*Clement of Alexandria*” (Clemente de Alexandria), xia iii.
- [64] *Stromata* 6:26; veja também 7:55 y 6.109.
- [65] *Stromata* 7:1.
- [66] “*Biblioteca Nag Hammadi*”, ed. *James M. Robinson*, San Francisco: Harper & Row, 1988, pág. 20.
- [67] *Lockhart*, pág. 9.
- [68] *Hach*, pág. 127.
- [69] *Ibid.*, págs. 39-40.
- [70] “*The Messianic Legacy*” (O legado messiânico), pág. 30.
- [71] *Alister E. McGrath*, “*A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture*” (Uma Vida de João Calvino: Um Estudo na Configuração da Cultura Ocidental), Oxford: Blackwell, 1993, pág. 115.
- [72] *Lawrence y Nancy Goldstone*, “*Out of the Flames: The Remarkable Story of a Fearless Scholar, A Fatal Heresy, and One of the Rarest Books in the World*” (Out of the Flames: A história notável de um erudito

- destemido, uma heresia fatal e um dos livros mais raros do mundo), Nueva York: Broadway Books, 2002, págs. 1-4
- [73] *McGrath*, pág. 115.
- [74] *ibid.*, págs. 116-120.
- [75] *Richard E. Gade*, “*A Historical Survey of Anti-Semitism*” (Panorama histórico do antissemitismo), Grand Rapids: Baker Book House, 1981. Além disso, *Roland H. Bainton*, “*The Travail of Religion Liberty: Nine Biographical Studies*” (Os Desejos da Liberdade Religiosa: Nove Estudos Biográficos), Filadelfia: Westminster Press, 1951 y “*The Reformation of the Sixteenth Century*” (A Reforma do século XVI), Boston: Beacon Press, 1952. Outra boa leitura a este respeito é *Will Duran*, “*The Story of Civilization from Wycliff to Calvin: 1300-1564*” (A História da Civilização de Wycliff a Calvino: 1300-1564), Nueva York, Simon & Schuster, 1957.
- [76] *Karen Armstrong*, “*The Battle For God: Fundamentalism in Judaism, Christianity and Islam*” (A Batalha por Deus: Fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e Islã), Londres: Harper Collins, 2000, p. 65.
- [77] “*On the Nouse*” (No nariz): em desgraça, a ponto de ser bastante desagradável. Fedorento.
- [78] *Lockhart*, pág. 180.
- [79] *Schönfield*, pág. 13
- [80] *James Mathes*, “*Address to the Christian Churches*” (Discurso às Igrejas Cristãs), Obras do Élder B.W. Stone, 2ª edición, vol. 1.

Dois OUTRO MUNDO

Olhai para a rocha de onde fostes cortados, e para a caverna do poço de onde fostes cavados. Olhai para Abraão, vosso pai (Isaias 51:1-2).

Viajei para o estrangeiro pela primeira vez quando tinha dezassete anos. Foi uma viagem aos Estados Unidos. A primeira vez que vi neve. Foi mágico. A primeira vez que vi negros americanos na vida real. Pá, eles eram altos? A primeira vez que estive em casas com aquecimento central, achei-as demasiado quentes. Uma noite, desmaiei pela cortina do duche mesmo na casa de banho. Quando acordei, pensei que tinha morrido e estava na sala de espera prestes a ver Deus. Foi a primeira vez que comecei a perceber que a minha “gíria” soava estranha para os outros. Na verdade, descobri que poderia ser totalmente embaraçoso. Lembro-me de uma vez ter pedido “um elástico”. Foi um pedido inocente para o que mais tarde descobri ser chamado de “arrasto” nos Estados Unidos. Mas que olhares me deram! Outra noite estávamos a comer num restaurante. À volta da mesa estavam todos os tipos de pessoas dignas de igreja. Uma certa senhora pediu-nos para lhe ligarmos no dia seguinte para tomarmos algumas providências. “Vou fazer-te cócegas [1] de manhã”, foi a promessa, momento em que a mesa dos americanos caiu numa gargalhada incontrolável. O que é que foi tão engraçado? Noutra ocasião, o funcionário da alfândega do aeroporto reparou que a minha mala só tinha um sapato. “Onde está o seu outro sapato?” refletiu com um sorriso. “Está noutro porto”, respondi inocentemente. Ele disse: “Mas não há navios num raio de quilómetros!” (Nem alguns australianos sabem que em Queensland um “porto” é uma mala, abreviatura de tronco!) Hoje em dia, viajar pelo mundo é comum e este tipo de erros e histórias são familiares a todos nós. No entanto, os mal-entendidos dentro da mesma língua e época são ainda frequentes. Pergunte a um inglês em que equipa de futebol joga e ele dir-lhe-á o nome de uma equipa de futebol. Pergunte a um americano qual a equipa de futebol que apoia e pensará que ele se está a referir ao que os australianos chamam erradamente de “grade”. Pergunte a um sul-australiano qual o time de futebol que eles apoiam e eles pensarão que estão se referindo ao “*Australian Rules Football*”, o que nós, nortistas, às vezes chamamos pejorativamente de “*ping-pong aéreo*”, mas pergunte a outro norte-australiano qual time de futebol eles apoiam e eles podem dar uma de duas respostas: eles pensarão que estão se referindo à *Rugby Union* ou à *Rugby League*. Aqui vemos que a palavra “futebol”, dependendo da nacionalidade ou localidade, pode significar pelo menos um de cinco códigos diferentes. [2] Embora hoje estejamos muito mais familiarizados com as *diferenças* culturais e linguísticas, a compreensão mútua é ainda um desafio.

Mitos bíblicos de longa data têm sido promovidos no nosso pensamento popular porque tais diferenças culturais e linguísticas não são compreendidas. Alguns exemplos disso serão suficientes. Se perguntássemos quantos homens vieram prender Jesus no Jardim do Getsémani, o consenso geral seria provavelmente de cerca de cinquenta, no máximo. Havia alguns oficiais judeus, representantes do Sumo Sacerdote, um contingente de guardas do templo e um pequeno “grupo” de soldados romanos, como indica a tradução King James (*João 18:3*). Mas porque tendemos a pensar em números tão pequenos? Isto porque a palavra tradicionalmente traduzida por “bando de homens” ou, como dizem algumas traduções modernas, “um número de homens”

ou mesmo “coorte romana”, na verdade não sugere mais do que quarenta ou cinquenta homens. A palavra grega para “bando” é “*speira*”, mas para os nossos ouvidos modernos, a sua tradução como “coorte” permanece bastante vaga e inespecífica. Mas quando verificamos a organização do exército romano ficamos a saber que uma legião era composta por 6.000 soldados, e uma “coorte” ou “*speira*” era um décimo de uma legião, ou seja, 600 soldados. É evidente que a prisão de Jesus no jardim não foi um acontecimento pequeno e silencioso, no qual apenas participou um pequeno “grupo” de homens. Este simples exemplo mostra como uma palavra pode, quando não compreendida adequadamente no seu contexto histórico, fomentar gerações de falsas impressões.

Ou tomemos outro breve exemplo. Temos a noção de que os dois criminosos crucificados de cada lado da cruz de Jesus eram ladrões. No entanto, a palavra traduzida por “ladrões” é a palavra grega “*lestai*” e embora possa significar “ladrão”, no contexto da crucificação romana não é isso que significa. A justiça romana não executava ladrões. A crucificação era para os crimes capitais de sedição, traição, insurreição, rebelião e anarquia. Os dois crucificados com Jesus morreram por causa da revolução política. Eram “combatentes da liberdade”. Na verdade, um dos discípulos de Jesus chamava-se Simão, o Zelote, e antes de Jesus o chamar, Simão era um daqueles revolucionários políticos, os “*sicarii*”, que transportavam punhais escondidos. Judas Iscariotes foi também um desses bandidos. Estas adagas foram utilizadas para assassinatos políticos (esfaqueamentos à queima-roupa). Estes “*lestai*” ou “homens com punhais” eram o nosso equivalente a terroristas armados. Contudo, como esta palavra foi traduzida durante gerações como “ladrão”, temos uma conceção errada dos companheiros de Jesus na cruz. Estes exemplos simples ilustram como, ao longo dos séculos, os teólogos e os estudiosos da Bíblia se depararam com problemas de tradução ou, para ser mais preciso, de tradução incorreta. Quando um nome, palavra, frase, sentença ou declaração passou do hebraico ou aramaico falado para o grego escrito, para o latim escrito e depois para uma língua moderna, tornou-se completamente divorciado do seu significado original. [3] Isto não quer dizer que o grande número de traduções em inglês não seja preciso ou seja amplamente fiável. A questão é que ainda precisamos de compreender que as diferenças culturais podem fornecer nuances que não foram necessariamente pretendidas pelos autores originais da Bíblia.

O fundamento da nossa Bíblia é o AT. Na verdade, os três primeiros trimestres. É lógico que se interpretarmos mal este fundamento hebraico, construiremos um sistema de erro. A arte da leitura bem-sucedida envolve, muitas vezes, deixar o último quarto de um livro coincidir com os três primeiros. Tal como o grande final da Bíblia, o NT concorda e é consistente com a sua herança do AT. Pode parecer uma simplificação excessiva dizer que a Bíblia é um livro hebraico e deve ser abordada através de “olhos hebreus”. Foi escrito dentro da cultura e das formas de pensar do Médio Oriente. Para compreender a sua mensagem, devemos familiarizar-nos com as formas de pensar, as expressões idiomáticas, a cultura e os costumes daqueles que viveram nos tempos bíblicos. Todo o leitor sincero da Bíblia compreende isso. Fazê-lo é o desafio. Já tivemos oportunidade de observar o comentário de *Snaith* de que, desde os dias imediatamente post-apostólicos do século II, “o próprio Cristianismo tendeu a sofrer uma tradução dos Profetas para *Platão*”. [4] O livro marcante de *Snaith* chegou a esta conclusão: “A nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos das ideias dos filósofos gregos tem sido difundida ao longo dos séculos e em todo o lado destrutiva para a essência da fé cristã”. [5] *Snaith* faz soar o alarme ainda mais vigorosamente quando faz a surpreendente observação de que se a sua tese estiver correta:

Portanto, nem a teologia católica nem a protestante se baseiam na teologia bíblica. Em cada caso, temos um domínio da teologia cristã pelo pensamento grego... defendemos que não pode haver lei (teologia) até que tenhamos chegado a uma visão clara das ideias distintivas tanto do AT como do NT e da sua diferença em relação a elas. [6]

É um facto que nenhum dos primeiros padres da igreja era judeu. No entanto, nas suas polémicas contra os Judeus, salienta *John Shelby Spong*, eles levaram a sério as Escrituras Judaicas fora do contexto para justificar a sua posição. O bispo escreve: “Foi uma reviravolta estranha e irónica numa história fatídica observar cristãos gentios a espancar judeus com a clava do próprio livro sagrado do judeu”. Um erudito judeu levantou-se para protestar contra o mau uso do seu texto sagrado. O seu nome era Trifão e não resta nenhuma cópia intacta da sua obra. Sabemos isto apenas pela resposta de um desses pais da igreja gentios, chamado Justino, que escreveu um artigo chamado “*Dialogue with Trypho*” (Diálogo com Trifão). [7] Tudo isto significa que muitos séculos se passaram desde que as Escrituras foram escritas, grande parte da intenção original ficou soterrada sob a acumulação de gerações de tradição humana. Isto não quer dizer que tenhamos um registo muito fidedigno do que os autores de ambos os Testamentos escreveram. Nós fazemos. Mas cada um dos meus capítulos deste livro mostrará que não existe uma única doutrina importante defendida pela corrente principal do cristianismo de hoje que não tenha sofrido um rude golpe aos olhos hebreus.

Assim, para começar a nossa viagem, vamos testar quão claros são os nossos “olhos hebreus”. Quero dedicar-lhe um pouco de tempo porque é fundamental para a nossa compreensão de quem é Jesus. Quando estava a começar a compreender estes princípios, escrevi a um pastor da minha própria denominação Igrejas de Cristo e mostrei-lhe o que estou prestes a discutir. Reconheceu imediatamente o quanto dependia dele e não gostou, rejeitando-o completamente, não porque fosse antibíblico, mas porque afetava grandemente a sua querida visão do nosso Senhor Jesus Cristo. A opinião deste ministro de que, sendo Jesus Deus, aparece no AT é muito comum. Não é novo. *Ireneu*, tão influente como arquiteto da Ortodoxia moderna, começou a ensiná-la no século II. *Ireneu* acreditava que onde quer que as Escrituras Judaicas mencionassem a palavra de *Deus*, ou mesmo onde mencionassem o próprio *Senhor Deus*, encontraríamos Jesus Cristo. *Ireneu* argumentou que, quando Deus falou a Abraão, foi “o nosso Senhor, palavra de Deus, que falou” – não apenas a Abraão, mas a todos os patriarcas e profetas: “Certamente... o Filho de Deus está implantado em todos os lugares”. a certa altura a conversar com Abraão; noutro momento, com Noé, dando-lhe as dimensões da arca... Noutro momento, orienta Jacob na sua viagem e fala com Moisés desde a sarça ardente”. [8]

Ireneu declarou que aquele que o profeta Ezequiel viu no trono rodeado de anjos era Jesus Cristo. No Génesis, quando “*formou o SENHOR Deus o homem [Adão] do pó da terra*” (*Génesis 2:7*), *Ireneu* declarou que “o Senhor Deus” que criou a humanidade no Paraíso era “o nosso Senhor Jesus Cristo, que Ele se tornou carne’ (*João 1:14*) e foi pendurado na cruz.” *Ireneu* teve ainda a ousadia de dizer que os judeus que não identificaram “a palavra do Senhor” na Bíblia Hebraica como Jesus Cristo não eram verdadeiros adoradores de Deus! Declarou: “Os judeus afastaram-se de Deus, não tendo recebido a sua palavra, mas imaginaram que podiam conhecer o Pai... sem a palavra, ignorando o Deus que falou em forma humana a Abraão e depois a Moisés”. [9]

Como os judeus não reconheceram Jesus como “o Deus que falou em forma humana” aos seus antepassados, *Ireneu* acreditava que Deus os deserdava. Vamos testar esta noção popular de que

Jesus aparece no AT à luz destas mesmas Escrituras usadas por *Ireneu*. Precisaremos de olhos hebreus para compreender corretamente a mensagem.

O Princípio da Agência

Na história de Moisés e da sarça ardente em *Êxodo 3*, quem é aquele que aparece a Moisés e lhe fala? Antigamente a minha resposta era típica da grande maioria na Igreja. Claro que foi o próprio Deus, Javé, que falou com Moisés. Afinal, o texto refere que “Deus chamou-o do meio da sarça e disse-lhe: “*Moisés, Moisés!*” (versículo 4).

Ainda mais convincente é o versículo 6, onde o mesmo orador diz: “*Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus*”. Certamente foi o próprio Jeová Deus que apareceu a Moisés e falou pessoalmente?

Mas o que fazemos com o versículo 2 que introduz esta narrativa afirmando que “*apareceu-lhe o anjo do SENHOR em uma chama de fogo do meio duma sarça*”? Muitos estudiosos têm declarado que este anjo é o próprio Deus, até mesmo o Cristo pré-existente. Dão muita importância ao artigo definido e salientam que se tratava de um anjo em particular, e não de um anjo qualquer. Típicas desta escola de pensamento seriam estas palavras de *R.A. Torrey*:

O Anjo de Jeová no AT, que apareceu frequentemente e foi visto por Abraão, Manoá e outros, era uma Pessoa Divina, Deus em forma humana. Na Bíblia é feita uma clara distinção entre “um anjo de Jeová” e “O Anjo de Jeová (ou Jeová)”. A Versão Autorizada nem sempre preserva a distinção; a Versão Revista, seguindo o texto hebraico do AT e o texto grego do NT, fá-lo sempre: e “O Anjo de Jeová (ou Jeová)” é uma Pessoa Divina. [10]

Este é um trabalho sofisticado que ignora o texto hebraico, como veremos. Porque se nos voltarmos para o comentário do NT sobre este incidente, veremos como os hebreus entendiam as suas próprias Escrituras. Mas antes de passarmos à exposição inspirada deste incidente, devemos compreender algo importante sobre a mente judaica.

Uma característica comum da Bíblia Hebraica é o conceito (alguns até lhe chamam “lei”) de agência judaica. Todos os estudiosos e comentadores do AT reconhecem que, no costume judaico, sempre que um superior encomendava um agente para agir em seu nome, o agente era considerado a própria pessoa. Isto está bem expresso na “*The Encyclopedia of the Jewish Religion*” (Enciclopédia da Religião Judaica):

Agente (hebraico, *Shaliah*): O ponto principal da lei judaica de agência está expresso na máxima: “o agente de uma pessoa é considerado a própria pessoa” (Ned. 72B; Kidd, 41b). Assim sendo, qualquer ato praticado por um mandatário devidamente nomeado considera-se praticado pelo mandante, que, por isso, assume total responsabilidade pelo mesmo com a consequente ausência total de responsabilidade por parte do mandatário. [11]

Assim, no costume hebraico, sempre que um agente era enviado para agir em nome do seu senhor, era como se o próprio senhor estivesse a agir e a falar:

No pensamento hebraico, a personalidade de um patriarca estendia-se a toda a sua família, às suas esposas, aos seus filhos e esposas, às suas filhas, aos servos da sua família e até, num

certo sentido, à sua propriedade... Num sentido especializado, quando o patriarca, como senhor de sua casa, designava o seu servidor de confiança como sua “*mala*” (seu mensageiro ou anjo), o homem era dotado da autoridade e dos recursos de seu senhor para representá-lo plenamente e conduzir negócios em seu nome. No pensamento semita, este representante-mensageiro era concebido como se fosse pessoalmente (e por palavras suas) a presença do remetente. [12]

Um equivalente na nossa cultura ao costume judaico de agência seria alguém autorizado a agir como agente ou, mais fortemente, alguém a quem fosse concedida uma procuração duradoura. Esse agente tem poderes praticamente ilimitados para agir em nome da pessoa que o nomeou. Este representante designado fica delegado para realizar todos os assuntos comerciais na ausência ou incapacidade da pessoa que lhe atribuiu o cargo. Com esta “lei de arbítrio” hebraica em mente (um agente é considerado o principal), passemos agora a responder à nossa pergunta: Quem é aquele que aparece a Moisés e fala com ele? O mártir Estêvão era um homem “cheio do Espírito Santo”. Vamos ouvir o seu comentário sobre o incidente da sarça ardente. Afirma claramente que foi “*o anjo do Senhor no deserto do monte Sinai, numa chama de fogo no meio de uma sarça*” (Atos 7:30). À medida que Moisés se aproximava deste fenómeno, “*quando viu isto, se maravilhou da visão; e, aproximando-se para observar, foi-lhe dirigida a voz do Senhor; Dizendo: Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó... E disse-lhe o Senhor: Tira as alpacas dos teus pés, porque o lugar em que estás é terra santa*” (Atos 7:31-33).

Claramente este é um exemplo de agência. É um anjo que aparece a Moisés e é o anjo que fala. Mas tenha em mente que este anjo fala até por Deus na *primeira pessoa*. O anjo do Senhor diz: “Eu sou Deus”. O anjo distingue-se de Deus, mas é identificado com Ele. Aos olhos dos hebreus é perfeitamente natural considerar o agente como a própria pessoa. No pensamento hebraico, a homenagem prestada ao agente ou representante de Deus é, em última análise, uma homenagem prestada ao próprio Deus.

Há outro exemplo de arbítrio em *Êxodo 7*. Deus diz a Moisés que “*Eis que te tenho posto por deus sobre Faraó, e Aarão, teu irmão, será o teu profeta*” (*Êxodo 7:1*). Moisés deveria comparecer perante o rei do Egito com toda a autoridade e apoio do próprio céu. Então Deus diz: “*Assim diz o SENHOR: Nisto saberás que eu sou o SENHOR: Eis que eu com esta vara, que tenho em minha mão, ferirei as águas que estão no rio, e tornar-se-ão em sangue*” (versículo 17). Mas repare-se com atenção que apenas dois versículos depois o Senhor diz a Moisés: “*Toma tua vara, e estende a tua mão sobre as águas do Egito... para que se tornem em sangue*” (versículo 19). Deus diz que Ele próprio golpeará as águas com o bastão nas Suas próprias mãos. No entanto, foi a mão de Aarão quem realmente segurou a vara. Foi Aarão quem atingiu o Nilo. Claramente, Aarão não é o Senhor Deus. Aarão é um agente de Deus, no lugar do próprio Deus. Há identificação do agente com o seu Mandante. Em termos bíblicos, Moisés e Aarão são “Deus” (hebraico, “*elohim*”) para o Faraó!

Existem muitos exemplos deste tipo no AT. Na verdade, um agente de Deus é chamado Deus, ou o próprio Senhor. Em *Gênesis 31:11-13* Jacob disse às suas mulheres: “*E disse-me o anjo do Deus em sonhos... Eu sou o Deus de Betel*”. Eis um anjo a falar como se fosse o próprio Deus. Ele fala na primeira pessoa: “*Eu sou o Deus de Betel*”. Jacob estava confortável com este conceito de agência.

No capítulo seguinte, Jacob lutou com “*um homem*” até ao amanhecer, mas diz que “*Tenho visto a Deus face a face*” (*Gênesis 32:24-30*). Então foi este o momento em que Deus apareceu a

Jacob como homem, um acontecimento chamado teofania? Talvez, como alguns sugeriram, tenha sido na verdade o próprio Senhor Jesus, como segundo membro do Deus triuno, a lutar com Jacob?

De modo algum, de acordo com *Oseias 12:3, 4* (KJV), que diz: “*Como homem, ele [Jacó] lutou com Deus; Ele lutou com o anjo e derrotou-o*”. Assim, aquele que é chamado “homem” e “Deus” no Génesis é identificado como um anjo em Oseias. Este é um exemplo perfeito de agência judaica onde o agente é considerado o principal.

Aqui está outro exemplo. *Êxodo 23:20-23* é sobre a viagem de Israel pelo deserto:

“Eis que eu envio um anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que te tenho preparado. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não o provoques à ira; porque não perdoará a vossa rebeldia; porque o meu nome está nele. Mas se diligentemente ouvires a sua voz, e fizeres tudo o que eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos, e adversário dos teus adversários. Porque o meu anjo irá adiante de ti, e te levará aos amorreus, e aos heteus, e aos perizeus, e aos cananeus, heveus e jebuseus; e eu os destruirei”.

Aqui o anjo do Senhor tem o nome de Javé: “O meu nome está nele”. Isto mostra que no pensamento hebraico um agente pode tomar o nome ou o título do seu principal. Quando Deus diz que o Seu nome estava no anjo, isso significava que a autoridade de Deus estava investida no anjo. Tudo o que o anjo disse e fez foi, na verdade, o que o próprio Deus disse e fez. Ao obedecer ao anjo, os israelitas estavam na realidade a obedecer a Deus.

A propósito desta história de peregrinação no deserto, compare estes dois versículos do Êxodo:

“E o SENHOR ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, para que caminhassem de dia e de noite” (*Êxodo 13:21*).

“E o anjo de Deus, que ia diante do exército de Israel, se retirou, e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles” (*Êxodo 14:19*).

Um versículo diz que era o próprio Senhor ali na coluna de nuvem e na coluna de fogo. O versículo paralelo diz que era o anjo que ali estava. Assim, cada vez que o anjo se movia, era para os israelitas como se o próprio Deus estivesse ali. Seguir este representante angélico de Jeová era seguir o próprio Deus.

Este conceito de agência tem, por vezes, causado dificuldades aos nossos tradutores da Bíblia. A palavra hebraica para “Deus” (*elohim*) tem uma vasta gama de significados possíveis. Dependendo do contexto, pode significar a Divindade Suprema, ou “um deus” ou “deuses” ou ainda “anjos” ou “juizes” humanos. Esta dificuldade reflete-se em versículos como *Êxodo 21:6*:

A KJV diz: “Então o seu senhor o levará perante os juizes”.

A NVI diz: “Então o seu senhor deverá levá-lo perante os juizes”.

Mas a NASB diz: “Então o seu senhor o levará a Deus”.

O mesmo acontece com a RSV: “Então o seu senhor o levará a Deus”.

Claramente, porque os juízes de Israel representavam Deus como Seus agentes, são chamados “Deus”, “*elohim*”. Quando o escravo fez o seu voto perante estes representantes humanos de Deus, ele estava na verdade a fazer um voto vinculativo perante Jeová. Os agentes eram como Deus.

Outro exemplo do AT. Em *Juízes 6:11-13* “*Então o anjo do SENHOR veio, e assentou-se debaixo do carvalho*” enquanto Gedeão malhava o trigo quando “*o anjo do SENHOR lhe apareceu*”, cumprimentou Gedeão com as palavras: “*O SENHOR é contigo, homem valoroso*”. Podemos ouvir a incredulidade de Gedeão quando diz ao anjo: “*Ai, Senhor meu, se o SENHOR é conosco, por que tudo isto nos sobreveio?*” Agora repare-se na alteração do texto no *versículo 14*: “*Então o SENHOR olhou para ele, e disse: Vai nesta tua força, e livrarás a Israel das mãos dos madianitas; porventura não te enviei eu?*” Neste ponto, Gedeão objeta e dá desculpas sobre o porquê de não ter conseguido resgatar Israel dos seus inimigos. “*E o SENHOR lhe disse: Porquanto eu hei de ser contigo, tu ferirás aos madianitas como se fossem um só homem*”. Repare como o anjo que fala em nome de Deus, na verdade, usa o pronome pessoal de primeira pessoa. E o texto diz claramente que quando o anjo olhou para Gedeão foi o próprio Deus que olhou para ele: “*E o Senhor olhou para ele*”. Gedeão não fica confuso sobre quem está a observar ou a falar com ele. Pois quando “o anjo do Senhor desapareceu da sua vista”, exclamou: “*pois vi o anjo do SENHOR face a face*” (*versículo 22*). Sabemos que o anjo de Jeová é o agente, e não literalmente Deus, porque as Escrituras são absolutamente claras de que nunca ninguém viu o próprio Deus (*João 1:18; 1 Timóteo 6:16; 1 João 4:12*).

Muitos estudiosos não tiveram em conta esta forma hebraica de ver as coisas. Identificaram literalmente o anjo do Senhor com o próprio Deus. Toda a confusão se dissipa quando entendemos a lei judaica de agência: “o agente de uma pessoa é considerado a própria pessoa”.

Um último exemplo muito claro do AT do princípio hebraico de agência. Vem de *Deuterónimo 29*. Moisés convoca todo o Israel e diz-lhes: “*E chamou Moisés a todo o Israel, e disse-lhes: Tendes visto tudo quanto o SENHOR fez perante vossos olhos, na terra do Egito, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra; As grandes provas que os teus olhos têm visto, aqueles sinais e grandes maravilhas*” (*versículos 2-3*).

Moisés continua a recitar ao povo tudo o que Deus fez por ele. Mas repare-se que no *versículo 6*, enquanto continua a recitar todas as maravilhas de Deus, Moisés muda subitamente para a primeira pessoa e diz: “*Não comeste pão, nem bebeste vinho nem bebida forte, para que soubesses que **Eu sou o Senhor teu Deus***”.

É óbvio que o próprio Deus não está a falar pessoalmente ao povo. Moisés está a pregar. Mas Moisés, como agente de Deus, pode falar *como se fosse* o próprio Senhor. O que está a acontecer aqui? Deus está a falar através do Seu homem, o Seu representante designado. Portanto, pode passar de falar na terceira pessoa, “Jeová fez isto e aquilo por ti”, para a primeira pessoa: “Eu sou Jeová, o teu Deus, a fazer isto e aquilo”.

Vejamos como o conhecimento deste princípio nos ajuda com outras dificuldades aparentes, incluindo aparentes contradições em todas as Escrituras. Tomemos um ou dois exemplos do NT. Uma história que criou um problema para muitas mentes é a da cura do servo do centurião. No relato de Mateus (*Mateus 8:5-13*) é o próprio centurião que vai ter com Jesus e lhe implora que cure o seu servo. O próprio centurião diz: “*Senhor, o meu criado jaz em casa, parálítico, e violentamente atormentado*” (*versículo 6*).

Contudo, o relato paralelo de Lucas (*Lucas 7:1-10*) diz que o centurião não foi pessoalmente falar com Jesus. Na verdade, enviou ou comissionou “alguns anciãos judeus” como seus agentes. Estes anciãos judeus suplicaram a Jesus em nome do centurião, dizendo: “*É digno de que lhe concedas isto, Porque ama a nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga*” (*versículos 4-5*).

Então, quem veio realmente a Jesus aqui? Estes escritores dos evangelhos estavam confusos? Talvez os detratores tenham razão ao dizer que a Bíblia está cheia de erros e contradições? De nada! A dificuldade torna-se clara quando compreendemos a mente hebraica por detrás destas Escrituras. A resposta para quem realmente esteve diante de Jesus são os presbíteros. Foram enviados pelo centurião. Mas Mateus, na língua hebraica típica, tem ali o *próprio* centurião e a *falar na primeira pessoa* diante de Jesus. O agente é como o próprio diretor.

Vejamos outro exemplo. Um dia, a mãe de dois discípulos de Jesus, Tiago e João, aproxima-se de Jesus com um pedido bastante ousado: “*Dize que estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino*” (*Mateus 20:21*). Contudo, o registo paralelo em *Marcos (10:35-37)* diz-nos que Tiago e João foram os que expressaram pessoalmente este pedido: “*Mestre, queremos que nos faças o que te pedirmos... Concede-nos que na tua glória nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda*”.

Novamente devemos perguntar-nos: Quem está realmente aqui antes de Jesus fazer este pedido ousado? Se compreendermos o conceito hebraico de arbítrio, a resposta é que Tiago e João pediram à sua mãe que fosse falar com Jesus em seu nome. Mas, na forma típica hebraica, Marcos diz, sem pensar em contradição, que foram os discípulos que falaram pessoalmente com Jesus. O agente é como o próprio diretor.

Vejamos apenas mais um exemplo. Em *Atos 12*, o apóstolo Pedro está na prisão prestes a ser executado. Mas, enquanto dormia, “*E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão; e, tocando a Pedro na ilharga, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E caíram-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: Cinge-te, e ata as tuas alparcas... e segue-me*” (*Atos 12:7, 8*). O Pedro pensou que estava a sonhar. Ao seguir o anjo que passava pelos guardas, através do portão de ferro que “*lhes abriu por si mesma*”, Pedro “*não sabia que era real o que estava sendo feito pelo anjo*” (*versículo 9*).

Agora a igreja estava reunida numa casa e orava pela libertação de Pedro. Pedro começou a bater à porta de casa de Rode, a criada, foi abrir a porta. Ficou tão surpreendida ao encontrar Pedro ali parado que correu para o interior para avisar toda a gente, sem primeiro abrir a porta, para deixar o fugitivo entrar. As pessoas que oravam pensaram que Rode estava louca e tinha visto um fantasma. Mas enquanto Pedro continuava a bater à porta, a realidade finalmente prevaleceu. Assim que Peter entrou, pode imaginar a agitação naquele lugar. Pedro fez um gesto com a mão para que todos se calassem. Contou-lhes a sua incrível história. E o que é que ele disse? “*contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão*” (*versículo 17*).

Então, quem é que realmente tirou Peter da prisão? O anjo ou o Senhor? O texto diz que ambos o fizeram. Mas sabemos que o Senhor enviou o anjo para fazer o verdadeiro trabalho. Para a mente hebraica, foi realmente o Senhor quem resgatou Pedro.

É pena que estudiosos como *Ireneu* e *R.A. Torrey* (citado acima) não reconhece este simples conceito hebraico. Poderiam ter evitado a crença antibíblica de que “o anjo do Senhor” é na verdade o próprio Deus, ou o próprio Jesus num estado pré-humano. [13] O anjo como

representante de Deus é claramente distinto de Deus, mas tem todo o poder e apoio de Deus em tudo o que diz e faz. Este anjo comissionado pode até falar na primeira pessoa como se fosse o próprio Deus a falar. O mesmo se aplica aos juízes judeus. Estar diante destes magistrados humanos era estar diante de “Deus” e ouvir os Seus juízos. Mas nunca nenhum hebreu considerou que o juiz *era* Deus. É evidente que devemos esforçar-nos por compreender a Bíblia de acordo com a sua própria cultura, época e modo de pensar.

O significado de tudo isto (e há outros exemplos do AT e do NT que poderíamos citar) é que o princípio do arbítrio tem enormes ramificações para a nossa compreensão de quem é Jesus e quais eram os seus propósitos e reivindicações. Jesus afirmou representar Deus como nenhum outro antes ou depois dele. Afirmava ser o único porta-voz de Deus, seu Pai, e proferir as últimas palavras de Deus. Afirmou agir em total acordo e harmonia com Deus como nenhum outro. Afirmou ser o Filho de Deus, o Cristo ou Messias, o agente do Pai. O NT afirma que quem vê Jesus vê o Pai. Quem escuta Jesus Filho, escuta as palavras do próprio Deus.

O NT põe de lado esta teoria de que o anjo do Senhor era Jesus na sua pré-existência em *Hebreus 1*: “*HAVENDO Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho*” (versículos 1-2). Portanto, o Filho de Deus não falou nos dias do AT! Naqueles tempos, Deus falava de várias maneiras e apenas em “porções”, seja por visão, por profeta ou por anjo. Só depois de Jesus Cristo ter nascido e aparecido “nestes últimos dias” é que ouvimos Deus falar “no seu Filho”. Isto é axiomático: Jesus Cristo não era o mensageiro de Deus antes de aparecer como homem, nascido de Maria, na história.

Notas Finales

- [1] *Tingle*: Um telefonema.
- [2] *Códigos de fútbol*: los distintos tipos de fútbol.
- [3] “*The Messianic Legacy*” (O legado messiânico), pág. 70.
- [4] *Snaith*, pág. 161.
- [5] *Ibid.*, pág. 187.
- [6] *Ibid.*, pág. 188.
- [7] *Spong*, pág. 75.
- [8] *Pagels*, pág. 152.
- [9] *Ibid.*, pág. 153.
- [10] *RA Torrey*, “*The God of the Bible*” (O Deus da Bíblia), Nueva York: George Doran Co., 1923, pág. 45.
- [11] *R.J.Z. Werblowsky, G. Wigoder*, Nueva York: Adama Books, 1986, pág. 15.
- [12] *R.A. Johnson*, “*The One and the Many in the Israelite Conception of God*” (O Único e Os Muitos na Conceção Israelita de Deus), citado por *Juan Baixeras*, “*The Blasphemy of Jesus of Nazareth*” (A Blasfêmia de Jesus de Nazaré).
- [13] A identificação do anjo do Senhor com um segundo membro pré-existente da divindade é completamente excluída em *Juízes 13:16*. Aqui o anjo distingue-se expressamente de Deus, insistindo para que o sacrifício seja oferecido não a ele, o anjo, mas a Deus: “*e se fizeres holocausto o oferecerás ao SENHOR*”.

Três **OUTRO DIOS**

Filinhos, guardai-vos dos ídolos (1 João 5:21).

Para muitos cristãos, a doutrina da Trindade é confusa, mas aceitam-na “pela fé” porque a Igreja “sempre a ensinou”. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são adorados como três Pessoas distintas dentro da Divindade, cada uma com uma função diferente: o Pai planeou a nossa salvação, o Filho executou o plano e o Espírito Santo aplica o plano a nós pessoalmente hoje. Esta doutrina é capaz de evitar o triteísmo completo, estabelecendo a condição de que as três divindades são todas da mesma substância e, portanto, são, em última análise, uma só. O que eu não sabia quando cresci é que esta é apenas uma interpretação da doutrina da Trindade. Na verdade, existem diferentes tradições sobre a Trindade. Para simplificar, podemos notar que existem dois grupos principais de trinitarianos: os que enfatizam a unidade de Deus e os que enfatizam a trindade de Deus. Aqueles que enfatizam a unidade de Deus tendem a evitar descrever o Ser de Deus como “pessoas”. “Pessoa” sugere um centro individual de consciência com mente, vontade e emoções. Claramente, para nos mantermos fiéis à tese central da Bíblia do monoteísmo, este grupo diz que não podemos falar de três centros de consciência, três “eus” divinos. Sugerem que talvez seja mais correto falar de um “modo de estar” ou de um “modo de estar”. Na verdade, podemos falar do único Deus que existe de três maneiras ou modos diferentes. O Deus único pode revelar-se de diferentes formas. Deus pode estar presente com o seu povo através da unidade da Palavra, do Espírito e do Filho. Esta visão não é tão popular hoje. Levada ao extremo, esta versão é chamada Modalismo e significa que o Pai é o Filho é o Espírito. Esta posição extrema foi considerada “herética” pelos principais trinitarianos!

O segundo grupo pode ser designado por “trinitarianos sociais”. Em contraste com a ênfase na unidade de Deus que subsiste de três formas, este grupo sustenta que Deus é uma sociedade divina de três. Aqui a Trindade é vista como uma comunidade de entidades totalmente pessoais e divinas. A essência divina concretiza-se em três Pessoas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são unificados pela sua divindade comum ou “essência divina”. Esta é a versão da doutrina da Trindade na qual cresci a acreditar. Juntamente com a maioria dos cristãos, pude adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo como três Pessoas distintas dentro da Divindade. Como disse antes, a cada “membro” da Trindade foi atribuído um papel diferente: o Pai planeou a nossa salvação, o Filho executou o plano e o Espírito Santo aplica o plano a nós pessoalmente hoje. Agora acho difícil ver como é que o trinitarismo social pode evitar a acusação de ser triteísta.

Se ainda não está confuso, espere, porque há mais. Um subtema essencial da doutrina da Trindade é que Jesus Cristo tem duas naturezas: a sua “natureza divina” celestial e a sua “natureza humana” terrena. Esta é a doutrina “ortodoxa” de que é preciso acreditar para ser salvo. Confesso que nunca me ocorreu que estas proposições sejam contradições impossíveis. Por um lado, temos três “quem” num “o quê” (a Divindade como Trindade) e por outro lado temos um “quem” em dois “o quê” (Jesus nas suas duas naturezas).

Quanto à proposição de que Deus é um Ser em três Pessoas, *Martyn Lloyd-Jones*, que foi um dos maiores pregadores do século XX após a tradição reformada, afirma que “Nenhum ser humano teria pensado que a doutrina da Trindade vem diretamente da Bíblia”. Mas depois, surpreendentemente, acrescenta: “devemos simplesmente olhar para isto com admiração, espanto e adoração, e ficar maravilhados com isto”, embora “nenhuma declaração explícita desta doutrina seja feita [na Bíblia!]”. [1] Existem dois pontos de preocupação levantados pela afirmação de *Lloyd-Jones*. Em primeiro lugar, parece ignorar a história. É bastante impreciso afirmar que “nenhum ser humano teria pensado na doutrina da Trindade”. A título de registo histórico, os Babilônios já tinham uma trindade no seu *Ea-Damkina-Marduk*, os Egípcios já tinham pensado numa trindade em *Osiris-Ísis-Hórus*, e os Gregos tinham *Zeus-Perséfone-Zagreus*. [2] Sem dúvida, em sua defesa, *Lloyd-Jones* salientaria que se estava a referir à Trindade Cristã com a sua crença num Deus existente numa “essência” nas três Pessoas. Contudo, mesmo neste sentido, a sua afirmação de que nenhum ser humano jamais teria inventado este Deus cristão permanece imprecisa. Na verdade, os gnósticos adotaram as trindades babilônica, egípcia e grega, e transformaram-nas numa unidade de essência que o cristianismo mais tarde incorporou na sua doutrina oficial. Os gnósticos especularam que dentro da essência unitária de Deus existem três manifestações (ou Pessoas). *Benjamin Walker* diz: “Isto é afirmado gnosticamente como se segue. A Divindade refletiu, chamando-se a si mesma de dentro de si, e assim foi. E o que era, tinha três partes: “*Nous*”, ‘mente’, “*Ennoia*”, ‘pensamento’ ou ‘ideia’, e “*Logos*”, ‘palavra’ ou ‘razão’”. [3] Os autores de “*The Mysteries of Jesus*” (Os Mistérios de Jesus), *Timothy Freke* e *Peter Gandy* concordam: “A mitologia gnóstica incluía uma Santíssima Trindade mais natural e equilibrada de Deus Pai, Deus Filho e da deusa mãe Sofia”. Escrevem também que:

A noção de uma trindade divina não se encontra no Judaísmo, mas é prefigurada pelo paganismo. Aristóteles escreve sobre a doutrina pitagórica que “o todo e tudo o que nele existe é compreendido pelo número três, porque o fim, o meio e o princípio têm o número do todo, isto é, a trindade”. Centenas de anos antes, um texto egípcio antigo faz Deus proclamar: “Sendo Um, tornei-me Três”. Outro diz: “Três são todos os deuses, *Amon, Ra, Ptah*; não há ninguém como eles. Escondido no seu nome *Amon*, ele é *Ra*, o seu corpo é *Ptah*. Manifesta-se em *Amon*, com *Rá* e *Ptah*, todos os três unidos.” [4]

Portanto, está estabelecido que a doutrina cristã posterior do Deus único na Trindade tem um paralelo em vários sistemas de crenças pré-cristãos.

A segunda parte da afirmação de *Lloyd-Jones* de que a doutrina da Trindade “vem diretamente da Bíblia” e que “devemos simplesmente olhar para ela com surpresa, admiração e adoração, e maravilhar-nos com ela”, embora “Nenhuma declaração explícita seja feita desta doutrina [na Bíblia!]”, parece-me extraordinário. Então, devemos adorar no santuário de uma doutrina que vem diretamente da Bíblia, *mesmo que não se encontre nenhuma declaração explícita sobre ela em qualquer parte da Bíblia?* Parece confuso? Contraditório? Eu teria pensado que o que os mortos revelam, de que uma doutrina é inventada pelo homem, é que é confusa. *Martyn Lloyd-Jones* antecipa alguns problemas com isto, pelo que se apressa a acrescentar que acreditar na Trindade não significa que existam três Deuses, porque isso seria triteísmo. Cita alguns versículos bíblicos para mostrar que a Bíblia ensina que existe apenas um Deus (*Deuteronomio 6:4; João 10:30; Tiago 2:19*) e diz novamente de forma confusa: “Então, considerando esta grande e abençoada doutrina da da Santíssima Trindade, quer compreendamos finalmente ou não o que dizemos, devemos continuar a dizer que não acreditamos em três Deuses. Só há um Deus”. [5]

Qual é a explicação de Lloyd-Jones e como sai da situação em que se colocou? Ele tem de recorrer a uma crítica da própria linguagem bíblica, minando a sua própria crença na suficiência da revelação de Deus:

Qual é então o problema? Ora, o problema, mais uma vez, deve-se à *insuficiência da linguagem*. Temos de falar de “pessoas” porque não podemos pensar numa categoria superior às pessoas, e quando pensamos em pessoas pensamos em indivíduos e estamos a separá-los. *Mas, dado que a Bíblia usa estas expressões, elas significam obviamente algo diferente*. Agora não pretendo compreender. Ninguém entende. As maiores mentes da Igreja ao longo dos séculos têm lutado com isso e tentado explicá-lo... Dizem que Deus é um, mas que Deus, que é um, em Sua natureza mais íntima existe como três pessoas. [6]

Agora devo dizer que tenho muitos livros de *Martyn Lloyd-Jones* na minha biblioteca. É um dos meus expositores bíblicos favoritos. Costumo citá-lo com aprovação. Não encontrará um homem de Deus mais completamente comprometido com a autoridade das Escrituras. Ele acredita na exatidão da Bíblia, pois ela chegou até nós diretamente por inspiração do próprio Deus. Acho que não está a ser deliberadamente desrespeitoso para com a revelação de Deus. Mas este é um exemplo clássico de um homem cuja mente, neste momento, está a ser controlada pela mão pesada da tradição. E a sua última declaração deixa-me a coçar a cabeça. Reparou na técnica subtil que ele usa para explicar o nosso problema com a doutrina da Trindade? O nosso problema é que a Bíblia significa “algo diferente” quando fala de “pessoas” do que nós, humanos, queremos dizer. Pensamos em indivíduos quando pensamos em pessoas, mas quando as Escrituras falam de Pessoas dentro da Divindade, isso tem um significado completamente diferente! Em suma, Lloyd-Jones tenta convencer-nos de que Deus é incapaz de se dirigir a nós numa linguagem clara, direta e inequívoca. Espera um minuto. O Todo-Poderoso não pode falar claramente? Se somos criaturas racionais e se espera que “ouçamos a palavra do Senhor”, certamente que a Maior Mente de todas pode falar connosco de forma inteligente usando o significado comum das palavras? A alternativa é acreditar que Deus é livre de quebrar todas as regras gramaticais e de vocabulário para se revelar. Neste caso, a Bíblia é uma revelação escorregadia!

Anthony F. Buzzard expõe o nosso ponto de vista sem rodeios:

A língua tem certas formas de dizer coisas que não permitem ambiguidade ou incerteza. É claro que isto não se aplica a todas as palavras que usamos, mas algumas coisas são claramente claras. Quando dizemos branco não queremos dizer preto e quando dizemos olá não queremos dizer adeus. Se falamos de cubos de gelo quentes ou de círculos quadrados não faz sentido: estamos a dizer disparates e toda a gente sabe disso. Se não desfrutássemos de uma moeda comum de significado na linguagem que usamos, o mundo inteiro ficaria paralisado e resultaria numa enorme confusão, muito maior do que a que já estamos a testemunhar! – Ocorreria. [*Buzzard* recorda então aos seus leitores as palavras divertidas de *Humpty Dumpty*, que disse num tom bastante desdenhoso]: “Quando uso uma palavra, ela significa exatamente o que escolhi: nem mais, nem menos”. [7]

É certo que quando Deus fala connosco, Ele não pretende que utilizemos o princípio de *Humpty Dumpty* e inventemos os nossos próprios significados privados para se adequarem às nossas teorias e tradições criadas pelo homem. É axiomático que desde o início a fé cristã se proclama a revelação da “Palavra” de Deus. Isto significa que a fé cristã é uma mensagem dirigida à compreensão humana, utilizando linguagem e lógica universalmente reconhecidas. Nas palavras de *Romanos 10:17*, “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de [ou pela mensagem anunciada por] Cristo”.

É recebendo inteligentemente as Suas palavras que recebemos a vida de Jesus (*João 6:63*). Nesta parábola-chave do semeador e da semente, Jesus faz da recepção inteligente da mensagem do seu Reino a condição-chave para a salvação (*Mateus 13:19; Marcos 4:11, 12*). Crer na mensagem revelada de Deus através dos Seus apóstolos é receber o Seu Espírito (*Gálatas 3:2*). Portanto, acreditar no Deus da Bíblia é acreditar na Sua palavra falada através dos Seus profetas e principalmente através do Seu Filho Jesus (*Zacarias 7:12; Hebreus 1:1, 2*). O resto deste capítulo baseia-se no princípio simples de que Deus nos disse de forma inequívoca, clara e simples muitas e muitas vezes na Bíblia quem Ele é; Deus disse-nos que Ele é um Ser, uma Pessoa.

Abaixo estão alguns versículos da Bíblia Hebraica que ensinam isto de forma inequívoca: “*Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR*” (*Deuteronomio 6:4*). Este foi e continua a ser o primeiro versículo bíblico que todo o menino e menina judeu aprende. É chamado “*Shema Yisrael*” (“*Ouve, ó Israel*”). É o versículo que une a vida e a comunidade judaica. Todo o judeu devoto o recita diariamente. Pronunciam o “*Shemá*” ao morrer. É a sua confissão e a sua marca ao longo dos séculos. Foi esta crença de que o seu Deus era a única Divindade Suprema que distinguiu os israelitas de todas as nações vizinhas que abraçaram o politeísmo. Foi para esta crença que Deus chamou o idólatra Abrão de Ur dos Caldeus para que este se tornasse o pai da nação hebraica. Foi esta fé que Josué desafiou a recém-fundada nação de Israel a aderir; Tinham de escolher entre regressar e servir os antigos deuses do outro lado do rio ou servir o único Deus verdadeiro. “*Serviremos a Jeová*”, afirmaram, “*porque ele é o nosso Deus*” (*Josué 24:18*). “*Jeová é um*” é, portanto, a clássica declaração de monoteísmo de Israel, a mais elevada confissão de fé do Judaísmo. Fala da singularidade e exclusividade de *Yahweh*, de que Ele é uma pessoa integral, e não divisível. O “*Dicionário do Intérprete da Bíblia*” diz-nos que existem duas formas válidas de interpretar o “*Shema*” de *Deuteronomio 6:4*:

É possível traduzir: “*Yahweh, nosso Deus, é um só Yahweh*”, caso em que o “*Shema*” afirma que *Yahweh* não pode ser dividido em várias manifestações de *Yahweh* (poli-Yahwismo), como os Baals de diferentes santuários [ou poderíamos acrescentar a Trindade do Cristianismo Niceno posterior]. Ou podemos traduzir: “*Yahweh é o nosso Deus, só Yahweh*”, caso em que o “*Shema*” afirma que *Yahweh* é o único Deus [veremos em breve que Jesus afirmou este credo em *João 17:3*]. [8]

Ambas as nuances ocorrem noutras passagens do AT. A Pessoa de Deus é indivisível e Ele não tem outra na Sua espécie porque Ele é único e singular. É um único Indivíduo divino:

“*A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus; nenhum outro há senão ele... Por isso hoje saberás, e refletirás no teu coração, que só o SENHOR é Deus, em cima no céu e em baixo na terra; nenhum outro há*” (*Deuteronomio 4:35, 39*).

“*Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum deus há além de mim*” (*Deuteronomio 32:39*).

“*fora de mim não há Deus... Eu sou o SENHOR que faço tudo, que sozinho estendo os céus, e espraio a terra por mim mesmo*” (*Isaías 44:6, 24*).

Estes versículos poderiam ser multiplicados muitas vezes. Do princípio ao fim, a Bíblia Hebraica ensina o monoteísmo unitário estrito. Há um Deus. E este verdadeiro Deus é o único Javé. É o único supremo, sem rivais. E em qualquer língua um significa um, não é?

Palavras Ensinadas Por Deus Ou Pelos Homens?

A questão crucial sobre a identidade de Deus e quantas pessoas constituem a Sua Divindade deve ser respondida através de um apelo que utilize linguagem bíblica. A Bíblia diz-nos mais do que adequadamente quem é Deus e é muito confuso importar linguagem completamente antibíblica para a discussão. Como a história da igreja tem mostrado, quando tal linguagem antibíblica é introduzida, as próprias declarações claras da Bíblia sobre a unidade de Deus perdem-se numa nuvem de confusão. Afirmamos que as múltiplas declarações nas Escrituras de que Deus Todo-Poderoso é “um só Senhor” podem ser feitas usando a linguagem da própria Bíblia. Não é necessário recorrer a palavras ou explicações extra bíblicas. Contudo, em contraste direto com essa linguagem monoteísta unitária, as declarações trinitárias sobre o Ser de Deus requerem palavras e definições extra bíblicas: união coeterna, coigual, coessencial e hipostática das duas naturezas, três em um, um. em três, “*homoousios*” ou “da mesma substância”, não gerados, para citar apenas alguns! Isto alerta-nos para um conflito imediato com o objetivo declarado do apóstolo Paulo, que afirma inequivocamente que “*também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas em palavras ensinadas pelo Espírito, acomodando-se [interpretando/comparando] ou espiritualmente a o espiritual*”. (1 Coríntios 2:13).

Podemos observar esta progressão (!?) a partir das declarações bíblicas simples e inteligíveis sobre o Deus da Bíblia e o Seu Filho, o nosso Senhor Jesus, o Messias, através de um breve estudo das declarações de credo da Igreja à medida que evoluíram no período pós-moderno. séculos. Com o passar dos séculos, estas declarações de fé tornam-se cada vez mais complexas e artificiais:

O ANTIGO CREDO ROMANO, AD + ou – 100

Acredito no todo poderoso Deus Pai;
E em Cristo Jesus, seu único Filho, nosso Senhor;
Que nasceu do Espírito Santo e da virgem Maria;
Crucificado sob Pôncio Pilatos e sepultado;
Ao terceiro dia ressuscitou dos mortos;
Ele subiu ao céu;
Ele está sentado à direita do Pai;
De lá virá julgar os vivos e os mortos;
E no Espírito Santo, a santa Igreja,
A remissão dos pecados, a ressurreição da carne.

CREDO DOS APÓSTOLOS, século II d.C.

Acredito em Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra.
Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor.
Foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu da virgem Maria.
Sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morreu e foi sepultado.
Ele desceu aos mortos. Ao terceiro dia ressuscitou.
Ele subiu ao céu e está sentado à direita do Pai.
Ele virá de novo para julgar os vivos e os mortos.
Acredito no Espírito Santo, na santa Igreja Católica, na
comunhão dos santos,
o perdão dos pecados, a ressurreição do corpo e a vida eterna. Amém.

CONSTANTINOPLA, 381 d.C.

Cremos em um só Deus, o Pai, o Todo-Poderoso,
Criador do céu e da terra, de tudo o que se vê e do que não se vê.
Cremos em um só Senhor, Jesus Cristo, o único Filho de Deus,
Eternamente gerado do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz,
Deus verdadeiro do Deus verdadeiro, gerado, não feito, um só ser com o Pai,
Por ele foram feitas todas as coisas.
Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu do céu;
Pelo poder do Espírito Santo nasceu da virgem Maria e fez-se homem.
Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos;
Sofreu, morreu e foi sepultado.
Ao terceiro dia ressuscitou em cumprimento das Escrituras;
Ele subiu ao céu e está sentado à direita do Pai.
Ele voltará em glória para julgar os vivos e os mortos,
E o seu reino não terá fim.

Cremos no Espírito Santo, Senhor, doador da vida,
Quem procede do Pai e do Filho.
Com o Pai e o Filho é adorado e glorificado.
Ele falou através dos profetas.

Acreditamos numa santa Igreja Católica,
Reconhecemos um batismo para o perdão dos pecados.
Aguardamos a ressurreição dos mortos,
E a vida do mundo vindouro. Amém.

Este credo Niceno-Constantinopla é o único credo ecumênico aceite como oficial pelas igrejas católica romana, ortodoxa oriental, anglicana e protestante tradicional. Este credo oficializou a terminologia dos partidários da “ortodoxia” nicena, ou seja, de que existe “uma essência divina, três Pessoas” (*mia ousia, treis hypostaseis*). Este credo afirma que as três Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, são distintas umas das outras, mas iguais na sua eternidade e poder. Isto confirmou a proclamação nicena de que Cristo Jesus era “da mesma essência do Pai” sem levantar suspeitas de modalismo. A “*Encyclopedia Britannica*” (Enciclopédia Britânica) observa perspicazmente: “Embora esta doutrina parecesse tornar problemática a unidade de Deus, forneceu uma resposta para... *a questão da relação de Cristo com o Pai. Agora tornou-se necessário esclarecer a segunda questão – a relação do divino e do humano dentro de Cristo*”. [9] O debate acirrou-se agora sobre as supostas “duas naturezas” de Jesus Cristo. A criação de três Pessoas numa “essência” divina teve agora de separar as “duas naturezas” (uma divina e outra humana) na pessoa de Jesus. Esta controvérsia alastrou durante o século V. A resolução foi que antes da sua encarnação Cristo tinha uma natureza, mas depois da encarnação havia duas naturezas inextricavelmente unidas numa só pessoa. A declaração real veio em 451 d.C.:

CALCEDONA, 451 d.C.

Nosso Senhor é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, de proporções de alma e de corpo, consubstancial ao Pai em segundo lugar com a Divindade, e consubstancial a nós em segundo lugar com a humanidade; todos eles como se fôssemos pecado; gerado antes de todos os tempos pelo Pai segundo da Divindade, nestes últimos dias para nós e para a nossa salvação nasceu da virgem Maria, mãe de Deus segundo da humanidade; um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, para ser feito em duas naturezas, sem confusão, imutável, indivisível, inseparável, sem que a união de modo algum elimine a distinção das naturezas, mas antes perca a propriedade de toda a natureza. preservado e concorrente numa só pessoa e subsistência; não separado nem dividido em duas pessoas, mas um mesmo Fílon, e unigênito, Deus, ou Verbo, ou Senhor Jesus Cristo.

Vejam como com o passar do tempo foram inventadas formulações humanas, foram cunhadas novas linguagens e fraseologias para explicar a Trindade (algumas destas palavras são tão novas que até o meu corretor ortográfico no computador me faz lembrar)! Este artigo de fé dito essencial e primário não se encontra em nenhum oráculo divino das Escrituras, mas depende das explicações dos homens. Um exercício informativo que o leitor pode querer tentar é rever os credos anteriores, sublinhando cada palavra e frase que foi introduzida, para além do credo simples e belamente claro do próprio Jesus que se encontra em *Marcos 12:29-31*. O contraste é realmente gritante.

O que Deus nos disse sobre Si mesmo é livremente revelado e ensinado nas palavras da Bíblia, palavras ensinadas pelo Espírito Santo (*1 Coríntios 2:12, 13*). Não há necessidade de apelar à “sabedoria humana” exterior! Os estudiosos trinitarianos reconhecem este conflito. *Millard Erickson*, um conhecido teólogo sistemático “ortodoxo” que escreveu extensivamente sobre a Trindade, admite que embora a doutrina seja defendida com grande veemência e vigor:

Não é ensinado de forma clara ou explícita em nenhuma parte das Escrituras, mas é amplamente considerada uma doutrina central, indispensável à fé cristã. Neste sentido, vai contra o que é virtualmente um axioma [ou seja, uma verdade dada e evidente] da doutrina bíblica, nomeadamente, que existe uma correlação direta entre a clareza bíblica de uma doutrina e a sua transcendência para a fé e a doutrina. vida da Igreja. [10]

Se esta afirmação não nos surpreende o suficiente, Erickson prossegue fazendo esta surpreendente admissão:

A questão, porém, é esta. Afirma-se que a doutrina da Trindade é uma doutrina muito importante, crucial e até básica. Se é realmente assim, não deveria ser afirmado em algum lugar mais claro, direto e explícito na Bíblia? Se esta é a doutrina que constitui especialmente a singularidade do Cristianismo, comparada com o monoteísmo unitário, por um lado, e o politeísmo, por outro, como pode estar apenas implícita na revelação bíblica? Em resposta à queixa de que várias partes da Bíblia são ambíguas ou pouco claras, ouvimos frequentemente uma afirmação como: “São os assuntos periféricos que são confusos ou nos quais parecem haver materiais bíblicos contraditórios. As crenças fundamentais são reveladas de forma clara e inequívoca.” Contudo, este argumento parece falhar-nos no que diz respeito à doutrina da Trindade. Pois eis um assunto aparentemente crucial sobre o qual as Escrituras não falam alto e claro... pouca resposta direta pode ser dada a esta acusação. É improvável que se possa demonstrar que qualquer texto das Escrituras ensina a doutrina da Trindade de forma clara, direta e inequívoca. [11]

Deixe o leitor fazer uma pausa e considerar novamente o que foi dito acima! Admitir que o chamado artigo de fé essencial e primário não se encontra em nenhum oráculo divino, mas

necessita e depende das explicações dos homens, deveria fazer soar um forte sinal de alerta aos ouvidos de qualquer estudante honesto da Bíblia. *O Trinitariano deve afastar-se da linguagem revelada da Bíblia para justificar um ensino que não está claramente expresso em nenhuma parte das Escrituras!*

Douglas McCready, outro estudioso reformado, reconhece estas dificuldades linguísticas enfrentadas pelos crentes na Trindade:

Do lado conservador, o problema da interpretação das provas parece ser, muitas vezes, o de ler nos textos bíblicos as conclusões do credo dos primeiros concílios da igreja. Dado que se considera que estes credos foram construídos sobre uma base de evidência bíblica, trata-se de um raciocínio circular ilegítimo. Os credos têm o seu devido lugar na proclamação da pré-existência de Cristo, mas não é para justificar interpretações particulares do texto bíblico; São sempre os textos bíblicos que devem justificar o conteúdo e a redação dos credos. Além disso, estes credos não estão escritos na linguagem do NT, mas na do Helenismo, embora esta terminologia helenística tenha sido transformada com o propósito de defender os ensinamentos do NT contra os conceitos filosóficos helenísticos. Em todo o caso, é ilegítimo ler conclusões teológicas posteriores em textos do NT, por mais tentador que seja. [12]

McCready oferece excelentes conselhos quando nos adverte contra a leitura de outras conclusões teológicas nos textos do NT. Contudo, com o peso de uma longa tradição exercendo pressão deste lado dos credos da Igreja, este é agora um conselho virtualmente impossível para a maioria dos cristãos de hoje. Os protestantes sempre disseram que os textos bíblicos devem ser primários e primordiais. Mas mesmo os protestantes têm as suas próprias tradições de interpretação. Pelo menos *McCready* é suficientemente honesto para admitir que a linguagem do Helenismo tem sido utilizada para reforçar e defender o NT! *McCready* observa que foi *Hans Kung* quem disse que “a primeira mudança paradigmática no Cristianismo ocorreu quando questões especulativas sobre a natureza de Deus e de Jesus substituíram a cruz e a ressurreição como centros do pensamento cristão. A linguagem da metafísica helenística substituiu a da Bíblia e a cristologia 'de cima' substituiu a cristologia 'de baixo'. “*McCready* justifica a sua aceitação da linguagem helenística alegando que *Kung* ignora que uma das razões pelas quais os primeiros teólogos cristãos usaram a linguagem helenística foi que ela era a língua da cultura em que a igreja primitiva existia e que procurava evangelizar”. [13] Além disso, “o partido ortodoxo foi forçado a usar linguagem helenística para refutar o pensamento helenístico do partido ariano e preservar a cosmovisão bíblica”. [14] Assim, os escritos bíblicos, que nos foram dados em “palavras não ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito”, necessitam agora de linguagem especulativa para comunicar eficazmente a verdade de Deus! Nesta ocasião, *Hans Kung* é certamente mais perspicaz ao observar que esta metodologia representa “a primeira mudança paradigmática no Cristianismo”, que na mente de qualquer amante da Bíblia deveria fazer soar um alarme estridente.

Deixe-me colocar isto de forma bastante gráfica. Se eu, como crente no monoteísmo unitário da Bíblia, não conseguisse encontrar a palavra “um”, aplicada a Deus em qualquer lugar, ficaria profundamente perturbado. Se cada versículo que li dissesse “Deus é três” e eu decidisse ignorá-lo e dissesse: “Não, Deus é um. Embora diga que há três em todo o lado, eu sei que é um” certamente ninguém me prestaria atenção. Contudo, a verdade surpreendente é que “um” é encontrado numa infinidade de passagens do Antigo e do Novo Testamento que falam da identidade de Deus. No entanto, a palavra “três” não se encontra em lado nenhum da Bíblia em

relação a Deus ou a qualquer nome/título de Deus. Certamente que esta é uma indicação clara de que a doutrina da Trindade é uma doutrina de inferência, unida ao acaso. Não é claramente ensinado nas páginas das Escrituras. Baseia-se na “sabedoria humana” e não numa linguagem bíblica claramente revelada.

Nem podemos apelar ao velho ditado de que “é um mistério que deve ser aceite pela fé”. Um estudo da forma como o NT utiliza a palavra “mistério” mostra que o contrário é que é verdade. Um “mistério” é um segredo anteriormente desconhecido e não revelado que Deus revelou agora abertamente ao seu povo. aqui ficam alguns exemplos:

“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, Mas que se manifestou agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé” (Romanos 16:25, 26).

“A vós vos é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas” (Marcos 4:11).

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos)” (Romanos 11:25).

“Eis aqui vos digo um mistério” (1 Coríntios 15:51).

“Descobrimo-nos o mistério da sua vontade” (Efésios 1:9).

“para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho” (Efésios 6:19).

“O mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos seus santos” (Colossenses 1:26).

Cada um destes exemplos (e muitos outros poderiam ser dados) mostra que, *no entendimento bíblico, um mistério é aquilo que Deus revelou e falou abertamente*. Um mistério é um segredo aberto para que todos o possam compreender. Não há mistério não declarado que deva ser assumido com fé. Os mistérios de Deus são-nos dados para compreender! Visam a mente, a compreensão.

A título pessoal, tive a oportunidade de entrar numa grande e conhecida capela em Auckland, Nova Zelândia. A seguinte declaração de fé foi afixada no átrio do seu grande complexo de edifícios:

A TRINDADE

Gostaria de compreender a doutrina da Trindade? Não pode! Esta é a conclusão de centenas de teólogos ao longo dos últimos 1600 anos. A Trindade é um mistério... As nossas capacidades lógicas comuns falham quando tentamos compreendê-la... é duvidoso que a mente humana inventasse algo tão contrário às suas próprias capacidades. Por outro lado, ainda não compreendemos a Trindade... estamos perante um mistério... O conceito da Trindade é ideal para a meditação. Porque não o conseguimos compreender, somos forçados a ir além do domínio da nossa compreensão e a entrar no reino do próprio Deus.

Compare esta declaração de fé com o entendimento da Bíblia sobre o que é um mistério. Pelo menos esta igreja é honesta o suficiente para dizer que não podemos compreender a doutrina da Trindade, que a nossa lógica humana falha quando tentamos. Note-se também a natureza “mística” da Trindade porque “somos forçados a ir além do domínio da nossa compreensão para o reino do próprio Deus”. Que é isto senão pura especulação filosófica grega, a mesma tendência contra a qual o NT adverte? A metafísica não tinha regras sólidas para os gregos.

A realidade não era real, pelo que quase tudo poderia existir no mundo supostamente “real” e ser explicado simplesmente como algo para além da compreensão dos humanos que ocupam o mundo “irreal” (fenomenal). Uma espécie de lógica geral foi empregue na interpretação metafísica, mas o resultado desta análise “lógica” não tinha de ser lógico em si mesmo. [15]

Podemos colocar a questão desta forma: se a doutrina da misteriosa Trindade fosse verdadeira, seria a única doutrina crucial na Igreja que *não* é claramente ensinada na Bíblia e a única doutrina necessária para a salvação que depende de palavras inventadas por homens inteligentes. O trinitário *Emil Brunner* expressa muito bem esta constatação:

Nunca foi intenção das testemunhas originais de Cristo no NT apresentar-nos um problema intelectual – o das Três Pessoas Divinas – e depois dizer-nos para adorarmos silenciosamente este mistério dos “Três em Um”. Não há qualquer vestígio de tal ideia no NT. Este “*mysterium logicum*”, o facto de Deus ser Três e, no entanto, Um, é completamente deixado de fora da mensagem da Bíblia. [Este mistério] não tem qualquer ligação com a mensagem de Jesus e dos Seus Apóstolos. Nenhum Apóstolo teria pensado que existem Três Pessoas Divinas, cujas relações mútuas e unidade paradoxal estão para além da nossa compreensão. Nenhum “*mysterium logicum*”, nenhum paradoxo intelectual, nenhuma antinomia da Trindade na Unidade, tem lugar no seu testemunho. [16]

Unidade Composta

Quando era adolescente, o primeiro livro que li que estabeleceu sistematicamente quem é Deus foi “*The God of the Bible*” (O Deus da Bíblia), de *R.A. Torrey*. O seu livro foi muito influente para convencer a minha jovem mente de que, embora exista apenas um Deus no AT e no NT, esse Deus existe, no entanto, em três Pessoas. O primeiro argumento que *Torrey* apresenta em apoio desta proposição é que a palavra hebraica traduzida por “um” denota uma unidade composta, e não uma unidade simples. *Torrey* cita então uma série de versos que supostamente suportam esta noção. *Torrey* ilustra esta crença amplamente difundida de que “um” pode significar “mais do que um”. “*Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne*” (*Génesis 2:24*).

Torrey declara: “Ora, a palavra hebraica traduzida por ‘um’ nesta passagem é a mesma palavra traduzida por ‘um’ em todas as passagens que declaram que existe apenas ‘um Deus’, e pode ver-se claramente nesta passagem que não há ninguém Deus. Pretende-se uma unidade simples, mas uma unidade composta: *dois*, marido e mulher, sendo ‘*um*’”.

Torrey passa então para outro versículo: “*E o SENHOR disse: Eis que o povo é um*” (*Génesis 11:6*):

A mesma palavra hebraica para “um” é aqui usada. Aqui é-nos dito que um grande número de pessoas é um só povo; São ao mesmo tempo muitos e *um*. Encontramos um

uso semelhante para a palavra grega “um” no NT. Leia, por exemplo, *1 Coríntios 3:6-8*: “*Eu plantei, Apolo regou... o que planta e o que rega são um.*” Aqui somos claramente informados de que duas pessoas diferentes são “uma só”. Abra *1 Coríntios 12:13*: “*Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito*”. Aqui somos claramente informados de que todos os que se tornaram membros da igreja viva através do batismo no Espírito Santo são todos “um”, juntos. [17]

Com uma aplicação “lógica”, *Torrey* defende então que quando a Bíblia chama a Deus um, refere-se a uma unidade composta. Ou seja, podem existir múltiplas Pessoas dentro de uma única Divindade, porque “um” pode na verdade significar “muitos”! Quando era jovem, encontrei este argumento de que “um” não significava necessariamente uma unidade simples, mas poderia significar uma unidade composta, bastante revelador. Só quando li o livro do Professor *Buzzard*, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), quase trinta anos depois, é que fiquei abalado com esta deturpação do claro pronunciamento das Escrituras. *Buzzard e Hunting* escrevem:

Este argumento envolve uma falácia facilmente detetável. “*Echad*” [a palavra hebraica para “um”] aparece cerca de 970 vezes na Bíblia Hebraica e em nenhum caso a palavra em si tem uma sugestão de pluralidade. Significa estritamente “um e não dois ou mais”. “*Echad*” é um adjetivo numérico e, por vezes, encontra-se naturalmente modificando um substantivo coletivo – uma família, um rebanho, um grupo. Mas devemos observar cuidadosamente que o sentido de pluralidade reside no substantivo composto e não na palavra “*echad*” (um).

No início do Génesis aprendemos que “os dois se tornarão uma só carne” (*Génesis 2:24*). A palavra “um” significa aqui precisamente um e nada mais (uma só carne e não duas “carnes”!). Um cacho de uvas é isso mesmo – um e não dois cachos. Assim, quando se diz que Deus é “*um só Senhor*” (*Deuterónimo 6:4*), Ele é um só Senhor e nada mais.

Imagine-se se alguém afirmasse que a palavra “um” significa “composto” nas palavras “um tripé”. Suponha-se que alguém pensava que “os únicos Estados Unidos da América” implicava que “um” tinha, na verdade, um significado plural. O raciocínio enganador é óbvio: a ideia de pluralidade pertence às palavras “tripé” e “Estados”, e não à palavra “um”. É um subterfúgio transferir para “um” a pluralidade que pertence apenas ao substantivo seguinte. Seria semelhante a dizer que “um” significa realmente “cem” quando aparece na combinação “uma centopeia”! [18]

Portanto, simplesmente não é verdade dizer que “um” não significa “um”, mas pode ser composto. Os léxicos hebraicos da Bíblia não definem “um” como “mais do que um”. Este argumento da unidade composta não é utilizado pelos estudiosos da língua hebraica. De facto, “*echad*” é utilizado mais de 900 vezes na Bíblia Hebraica (é o adjetivo mais utilizado na Bíblia Hebraica) e nunca há dúvida de que pode significar algo mais do que “um” ou “um só”.

A expressão de que o homem e a sua mulher serão “uma só carne” fala simplesmente da sua união física e da sua unidade ideal de propósito. O casal é como se fosse um só. Continuam a ser um casal, não dois casais! (Lembro-me de uma mãe na Tasmânia comentar este versículo: “os dois se tornarão uma só carne”. Ela apontou para um dos seus filhos e disse: “É assim que dois se tornarão uma só carne!” Ela tinha razão.) A ideia era válida. da unidade de propósito encontra-se em *Ezequiel 37* onde “uma vara” se junta a “outra vara” e “*e se tornem uma só vara na tua mão*”

(*versículo 17*). Nesta parábola retratada, o profeta aprende que os dois reinos serão como se fossem uma só vara, idealmente unidos no seu propósito.

Elohim – O Nome Hebraico de Deus

Bem, esse foi o primeiro pedaço de “terreno sólido” em que a minha doutrina da Trindade se baseou durante todas aquelas décadas. O próximo pedaço de terra sólida (?) que *R.A. Torrey*, permita-me salientar que a palavra hebraica do Antigo Testamento usada mais frequentemente como nome ou título de Deus tem forma plural. Esta é a palavra “*elohim*”, e traduzida literalmente seria “Deuses”.

Torrey diz:

Por exemplo, *Deuterónimo 6:4* traduzido à letra diria: “*Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor*”. Porque é que os judeus, com o seu intenso monoteísmo, tinham um nome plural para Deus?... *Foi utilizado um nome plural para o Deus único, apesar do intenso monoteísmo dos judeus, porque existe uma pluralidade de pessoas num só Deus*. Divindade. Esta é uma explicação racional deste facto indubitável, e nenhuma outra explicação é tão racional. [19]

Ora, antes de refutar isto especificamente, é instrutivo notar que os pais cristãos (aqueles escritores post-apostólicos dos primeiros séculos), que estavam ansiosos por encontrar provas da Trindade no AT, nunca apelaram para este argumento da palavra “*elohim*”. Este facto em si é bastante suspeito para aqueles que procuram encontrar uma pluralidade de pessoas dentro do Deus da Bíblia. O argumento para a terminação plural em “*elohim*” remonta a cerca de 1000 d.C. É uma invenção relativamente recente.

R.A. Torrey e muitos dos que usam este argumento não nos dizem que “*elohim*” é usado de várias formas nas Escrituras. Não é apenas utilizado para descrever o Todo-Poderoso, mas também deuses pagãos individuais e até mesmo seres humanos poderosos. Como observámos no capítulo anterior, “*elohim*” pode ser traduzido por Deus, deus, anjos, juízes ou até mesmo um ser humano que atua como representante ou agente de Deus. Por exemplo, os filhos de Hete chamam a Abraão “poderoso príncipe”, sendo a palavra “poderoso” “*elohim*” (*Génese 23:6*). Algumas traduções dizem que Abraão é aqui chamado “príncipe de Deus”. Vejamos outro exemplo. Em *Êxodo 4*, o Senhor diz a Moisés que “será como Deus” (“*elohim*”) para o seu irmão Aarão. Moisés terá as palavras de Deus na sua boca e será o representante de Deus para Aarão. Eis um caso em que um ser humano individual é chamado de “*elohim*”. Novamente em *Êxodo 7:1* o Senhor diz a Moisés: “*te tenho posto por deus por Deus [“elohim”] sobre Faraó*”. Ninguém se atreve a sugerir que existe uma pluralidade de pessoas dentro de Moisés porque ele é chamado “*elohim*”, ou seja, representante de Deus. O deus pagão Dagon é também chamado de “*elohim*” na Bíblia Hebraica. Os filisteus lamentaram que o Deus de Israel estivesse a tratar “Dagom, nosso deus [“*elohim*”] com severidade” (*1 Samuel 5:7*). Dagon era uma divindade pagã única. O mesmo se aplica ao único deus pagão chamado Quemós: “*Não possuirias tu aquilo que Quemós, teu deus [“elohim”] desapaosasse de diante de ti?*” (*Juízes 11:24*). O mesmo se aplica à única divindade chamada Baal.

A língua hebraica tem muitos exemplos de palavras no plural, mas cujo significado é singular. Em *Génese 23*, Sara, mulher de Abraão, morre. O texto hebraico diz: “*E FOI a vida [plural] de Sara cento e vinte e sete anos*” (*versículo 1*). Mesmo o verbo no plural que acompanha o nome no

plural não significa que Sara tenha vivido várias vidas. Os hebreus nunca ensinaram a reencarnação nem a pluralidade de pessoas. Outro exemplo deste tipo de anomalia na língua hebraica encontra-se em *Gênesis 43*. Depois de José ter chorado ao ver os seus irmãos, lemos que José “lavou o rosto” (plural). Este é outro caso em que na língua hebraica o substantivo plural funciona como um substantivo singular com um significado singular, a não ser, claro, que José fosse um ser humano multifacetado. O mesmo em *Gênesis 16:8*, onde Agar foge “dos rostos” (plural) da sua senhora Sara. Trata-se de “anomalias” da língua hebraica que os estudiosos do hebraico compreendem claramente e traduzem corretamente para uma forma singular em inglês. Tomemos como exemplo a palavra “professor” (*adonim*). A terminação -im é plural. Então, o que pensam os tradutores de versículos como o seguinte de *Gênesis 39*? “E ele [José] estava em casa do seu senhor [palavra plural “adonim”] o egípcio. E viu o seu senhor [palavra plural “adonim”] que o Senhor estava com ele” (versículos 2-3). Depois, nos versículos 7-8 do mesmo capítulo, lê-se que “a mulher do seu senhor” (palavra plural “adonim”, com significado singular) olhou com luxúria para José, mas este “recusou e disse à mulher do seu senhor...”. Versículo 16: “o seu senhor [“adonim” plural] voltou para casa”. Em todos estes casos, a palavra plural para professor (“adonim”) é combinada com verbos e pronomes singulares. Ninguém sugere nem por um minuto que Potifar era um ser multipessoal ou que a sua mulher era uma pluralidade de pessoas só porque a palavra hebraica que os descreve é plural! A melhor explicação é que os hebreus usavam uma forma de expressão chamada “plural de majestade”. Simplificando, isto significa que alguém cuja posição era de dignidade foi mencionado desta forma como um sinal de honra. O plural atuou como meio de intensificação:

“A ideia fantasiosa de que “*elohim*” se referia à Trindade de pessoas na Divindade dificilmente encontra apoio entre os estudiosos. Ou é o que os gramáticos chamam o plural de majestade, ou denota a plenitude da força divina, a soma dos poderes demonstrados por Deus”. [20]

““*Elohim*” deveria ser explicado como um plural intensivo, denotando grandeza e majestade”. [21]

“Os primeiros dogmáticos eram da opinião de que uma doutrina tão essencial como a da Trindade não podia ser desconhecida dos homens do AT... Nenhum teólogo moderno... pode manter tal ponto de vista por mais tempo. Só uma exegese imprecisa, que ignore os fundamentos mais imediatos da interpretação, pode ver referências à Trindade no plural do nome divino “*elohim*”. [22]

“*Elohim*” aparece cerca de 2.500 vezes na Bíblia Hebraica e, dependendo do contexto, é traduzido de várias formas como Deus, deus, deusa, deuses ou juizes humanos. Temos palavras em inglês que também podem ter significado no plural ou no singular, dependendo do contexto. Tomemos como exemplo a palavra “ovelha”. Eu sei que quer dizer pluralidade quando me diz: “Estas ovelhas estão perdidas” por causa do pronome plural “estas” e do verbo plural “estão”. Mas se me disser: “Esta ovelha está perdida”, sei que se está a referir a um indivíduo específico porque o pronome “isto” é singular, tal como o verbo “é”. O mesmo se aplica à palavra hebraica “*elohim*”. A terminação hebraica – “im” tem uma forma plural, mas pode ter um significado singular. Como podemos saber? Tal como podemos fazer em inglês por causa do contexto. A verdade simples é que sempre que o Deus único da Bíblia Hebraica é mencionado, a palavra “*elohim*” é acompanhada por pronomes pessoais e verbos singulares.

Para além da forma plural “*elohim*”, a Bíblia Hebraica tem também duas palavras singulares para Deus, “*El*” e “*Eloah*”. Ambos se referem ao único e verdadeiro Deus de Israel. (Veja-se, por exemplo, *Génesis 17:1*; *Êxodo 34:6*; *Josué 3:10*; *Isaiás 5:16* para “*El*” e *Deuterónimo 32:15*; *Neemias 9:17*; *Salmo 50:22*; *114:7*; *Isaiás 44:8* para “*Eloá*” nos léxicos hebraicos).

A tradução grega mais antiga da Bíblia Hebraica é designada por Septuaginta (LXX). Foi traduzido por 72 eruditos hebraicos por volta de 250 a.C. em Alexandria, no Egito. O rei do Egito, *Ptolomeu Filadelfo*, patrocinou este enorme projeto. Segundo o historiador judeu Josefo, os tradutores judeus faziam o seu trabalho à beira-mar em condições idílicas, com bastante comida. Ora, aqui está o facto revelador. Sempre que a palavra “*elohim*” se refere ao Deus de Israel, a Septuaginta utiliza o singular e não o plural. Visto que *Génesis 1:1* é consistente, isto é válido. Estes hebreus que traduziram as suas próprias Escrituras para grego simplesmente não faziam ideia de que o seu Deus poderia ser mais do que um indivíduo ou um Ser multipessoal!

O problema para aqueles que querem acreditar que o Deus do AT é um Ser multipessoal é que não há qualquer menção a qualquer diversidade em Yahweh. Deuterónimo 6:4, o “*Shema Israel*”, não pode ser manipulado para defender a “diversidade na unidade” de Deus pela simples razão de que:

no “*Shema*” a palavra “um” qualifica a palavra “*Yahweh*” (SENHOR) e não a palavra “Deus” [como traduzido no grego de *Marcos 12:29*]. O Trinitarianismo quer argumentar que *Yahweh* é um Ser tripessoal? Se assim for, então *Yahweh* não é apenas o Pai, mas todas as três pessoas da Trindade! Assim, as três pessoas seriam manifestações do único *Yahweh* (aquilo a que em teologia se chama “modalismo” ou “sabelianismo”). Ou será que os trinitarianos querem realmente sustentar que *Yahweh* na Bíblia Hebraica é um ser multipessoal, ao contrário da própria Bíblia? Se não, qual é o sentido de toda a longa discussão sobre “unidade” e “diversidade” no que diz respeito ao “um” em *Deuterónimo 6:4*? [23]

A mesma coisa acontece quando chegamos ao NT. O NT em parte alguma sugere uma pluralidade no significado de “*elohim*” quando reproduz referências ao Deus Único como “*ho theos*”, o Deus Único. “*elohim*”, referindo-se ao Deus de Israel, nunca é reproduzido nos LXX ou no NT grego como “*theoi*” (Deuses). Mais sobre este assunto em breve. Quanto à afirmação do Sr. *Torrey* de que os judeus usaram a palavra plural “*elohim*” para Deus “porque há uma pluralidade de pessoas dentro da Divindade” e “nenhuma outra explicação é tão racional”, deixarei que seja você a decidir.

Pronomes plurais para Deus

Isto é o que diz respeito ao segundo pedaço de “terreno sólido” no qual a minha crença na Trindade se baseou durante todas estas décadas. Vejamos o terceiro argumento de *Torrey*. É outro pedaço de areia movediça onde muitos tradicionalmente plantam os pés. É o argumento de que:

No AT, Deus usa pronomes plurais quando fala de Si. Fá-lo no primeiro capítulo da Bíblia em *Génesis 1:26*, onde está escrito: “*E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*”. Costuma dizer-se que a doutrina de que existem três pessoas na Divindade se encontra no NT, mas não no AT, mas aqui no primeiro capítulo do AT... No versículo 26 deste primeiro capítulo do AT, é claramente ensinada a pluralidade de pessoas na Divindade. Vemos novamente a mesma coisa na visão de Deus que Jeová deu a Isaiás no 6^{to}

capítulo de Isaías, onde lemos no versículo 8: “Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” Estes não são os únicos casos em que Jeová é retratado no AT usando pronomes plurais quando fala de Si mesmo, mas são suficientes para provar este ponto. [24]

É incrível a quantidade de crentes sinceros que mencionam isso. Então, vamos perguntar-nos se é realmente esse o caso. Quando Deus diz “*Façamos o homem à nossa imagem*”, estamos a ser ensinados que a Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo está a criar os seres humanos em conjunto?

Este é um caso clássico de ler no texto uma noção pré-concebida (chama-se a isto *eisegese*, enquanto que o método correto é ler o texto, chamado *exegese*). Como é que quando lemos que Deus disse “*Façamos o homem à nossa imagem*”, a nossa mente pensa imediatamente que diz “*Vamos fazer três*”? (Certamente que isto é o resultado de um condicionamento durante um longo período de tempo). O versículo não diz nada sobre Deus falar com o Filho ou com o Espírito Santo. Diz simplesmente que Deus se dirigiu a outra ou outras pessoas para além de Si próprio. O “*nós*” pode referir-se apenas a um outro, ou a muitos outros. Mas, só por uma questão de argumentação, mesmo que se trate de um caso de um Deus “*plural*” a falar, Deus está a *referir-se* a outra pessoa para além de Si próprio como o orador! Mas quem é esse alguém ou quem são esses outros a quem Deus está a falar aqui?

Os hebreus compreenderam que Deus se dirigiu à sua corte celeste, a hoste angélica, e permitiulhes observar o desenvolvimento da sua obra-prima na criação da humanidade. Isto é bastante razoável, porque há outras ocasiões em que Deus envolve anjos na Sua obra. Este é certamente o caso em *Isaías 6*, onde Deus é visto no seu templo celestial com os querubins e toda a corte celestial. Aí Deus pergunta: “*A quem enviarei e quem irá por nós?*” (*versículo 8*). É certamente o caso em *1 Reis 22:19, 20*, onde o Senhor é visto “*Vi ao SENHOR assentado sobre o seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua mão direita e à sua esquerda*” e pergunta à corte celestial “*Quem induzirá Acabe, para que suba, e caia em Ramote de Gileade? E um dizia desta maneira e outro de outra*”.

Vamos então voltar para *Génesis 1:26*. Será razoável sugerir então que Deus de alguma forma confiou os anjos a Si mesmo quando criou Adão? Afinal, não há dúvida de que os anjos têm uma semelhança com o próprio Deus, pois sempre que aparecem aos homens na terra, parecem ser homens que também foram feitos à imagem de Deus (ver, por exemplo, *Génesis 18:2; Lucas 24:4; Atos 1:10*). Os anjos também são feitos à imagem do seu Criador. Por isso, não é absurdo sugerir que Deus poderia dizer aos anjos: “*Façamos o homem à nossa imagem*”. Ora, antes que objete e diga que é absurdo sugerir que os anjos ajudaram Deus a criar Adão, deixe-me apressar-me a acrescentar isto. Não acredito nem por um momento que os anjos tenham ajudado Deus a criar o homem, apenas que Deus lhes disse para observarem! O texto é muito claro que foi isso que aconteceu. Porque o explicativo *versículo 27* diz: “*E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.*” O texto hebraico utiliza os pronomes singulares e, o verbo singular criar, sugerindo que o próprio Deus agiu sozinho na criação de Adão e Eva enquanto as hostes angélicas olhavam com admiração. Isto é corroborado em *Job 38:4, 7*, onde Deus diz que quando lançou os alicerces da terra “*e todos os filhos de Deus jubilavam?*” Os filhos de Deus são, obviamente, anjos, como confirmam *Job 1:6* e *2:1*. Há uma declaração axiomática em *Isaías 44* de que o Senhor Deus criou “*todas as coisas*” por Si mesmo: “*Eu sou o*

SENHOR que faço tudo, que sozinho estendo os céus, e espraio a terra por mim mesmo” (Isaías 44:24).

O próprio testemunho de Deus é que a obra da criação, “os céus”, “a terra” e “todas as coisas” foram obra somente d’Ele. vez a Deus (*elohim*) o Criador. A forma verbal hebraica está na terceira pessoa do singular masculino sempre que lemos “Deus criou” ou “Deus disse” ou “Deus fez”. Na prosa hebraica, o verbo precede, geralmente, o substantivo. Aqui em *Génesis 1:1*, antes de chegarmos à palavra Deus (*elohim*), lemos a terceira pessoa do singular masculino “criou” (*bara*), o que indica imediatamente que o sujeito (Deus) é uma entidade única. Ninguém, além de Deus, criou. Ele próprio fez isso.

Mas também é claro que, quando criou Adão e Eva, disse aos anjos para observarem com admiração. Desta forma, as hostes celestes participaram como espectadores do milagre da criação do homem. Ora, se ainda não está convencido de que o Deus da criação é um só Deus e não três num só, aqui fica o comentário do nosso Senhor Jesus a *Génesis 1:26*. Certamente ele resolverá isso por nós. Em *Mateus 19:4* Jesus responde aos fariseus e diz: “*Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez...?*” Segundo o próprio Jesus, o Deus criador não foi “Nós que os fizemos desde o princípio”, mas uma Pessoa Ele! Jesus não se inclui na criação de Adão em *Génesis 1*. Portanto, a única questão que resta é se aceitamos o testemunho de Jesus ou se nos apegamos à nossa própria interpretação tradicional.

Um facto claro e simples passa aqui despercebido. Apenas quatro vezes no AT Deus fala no plural, como aqui em *Génesis 1:26*. (As outras ocasiões são *Génesis 3:22; 11:7* e *Isaías 6:8*). Contudo, o facto esmagador é que sempre que o AT fala de Deus, ele fá-lo usando *pronomes singulares*. Na verdade, mais de 11.000 vezes os pronomes no singular dizem-nos que Deus é uma Pessoa. Milhares e milhares de vezes Deus autointitula-se “eu” ou “mim”. Milhares e milhares de vezes quando a Bíblia fala de Deus na terceira pessoa diz “Ele” ou “Seu” ou “Seu”. Deus nunca dá a entender que tem três anos.

Os lexicógrafos hebraicos são também unânimes em afirmar este facto: Os verbos que se seguem a “*elohim*”, o Deus único, são verbos singulares. E cada vez que o nome pessoal de Deus, “*Yahweh*”, aparece 6.800 vezes, é sempre acompanhado de verbos e pronomes no singular.

Como diz o professor *Anthony Buzzard*: “A Bíblia Hebraica e o NT contêm mais de dez mil pronomes e verbos singulares que descrevem o Deus Único. Não existe linguagem mais clara ou mais óbvia para fornecer um testemunho do monoteísmo unitário de Israel e de Jesus”. [25]

Como refere novamente *Anthony Buzzard*: “Parece que seria necessário suspender todas as faculdades críticas para chegar a acreditar que Deus não é uma só Pessoa. As leis da gramática e da lógica teriam de ser postas de lado. Os pronomes singulares já não significariam o que sempre denotam na comunicação normal”. [26] Na língua hebraica, tal como na nossa língua, os pronomes pessoais singulares e os verbos singulares denotam uma pessoa – não uma pluralidade e, certamente, não três!

A única alternativa a esta revelação clara que a Escritura nos dá sobre o Ser de Deus é descartar o método histórico-gramatical de uma exegese sólida e propor que Deus não usa palavras como nós! Podemos acreditar na afirmação de *Martyn Lloyd-Jones* de que a linguagem é simplesmente inadequada para nos dizer quem é Deus. Mas a consequência desta abordagem é que poderíamos muito bem rejeitar o resto da Bíblia como uma fonte fidedigna de revelação divina. Em última

análise, trata-se de propor um Deus incapaz de comunicar ao nível dos nossos padrões humanos. Ou é demasiado complicado e escorregadio, para dizer o mínimo.

Aqueles que ainda se agarram a este punhado de textos para provar que Deus é uma Trindade porque diz “deixa-nos” fá-lo-ão com base num princípio gramatical indiscutível: insistem que “nós” e “nosso” são pronomes plurais e devem ser levados a sério. Mas ao mesmo tempo descartam os milhares e milhares de versículos que falam de Deus com pronomes pessoais e verbos singulares! Nas raras ocasiões em que Deus diz “deixa-nos”, há *milhares de vezes* que Ele se chama “eu”. Tal ignorância das provas é uma indicação clara de que todas as faculdades críticas estão suspensas. Porque não confiar no princípio indiscutível da gramática de que “eu” e “eu” e “seu” e “ele” nos seus milhares de referências ao Deus único devem ser levados a sério? Não corremos o risco de ignorar provas esmagadoras, incluindo o testemunho bíblico que consideramos sobre a corte angélica celestial?

Este tipo de lógica condenatória não se adequa à causa trinitária, pelo que, naturalmente, nunca é notado. Também convenientemente ignorado (como já foi referido) é o verbo singular repetido três vezes em *Génesis 1:27* para “criou”, que enfatiza que só o próprio Deus criou o homem. “Além disso, em todas as referências subsequentes a este ato de Deus ao criar os seres humanos, as Escrituras falam sempre dele no singular, seja no *Génesis (5:1; 9:6)* ou no resto das Escrituras (*Job 35:10; Salmo 100:3; 149:2; Isaías 64:8; Atos 17:24, etc.*)”. [28]

Devemos rejeitar o argumento de *R.A. Torrey* de que Deus usa pronomes plurais quando fala de Si mesmo. Em *Génesis 1:26*, Deus não está a falar “de Si mesmo”. Ele está a falar para o Seu público. Sempre que Ele fala “de Si mesmo, Ele usa o pronome pessoal da primeira pessoa e um verbo no singular. Este é um facto bíblico incontornável.

Para terminar esta secção, vejamos dois exemplos clássicos do que estamos a defender. A primeira é de *1 Reis 18*: “*Só o SENHOR [pronome singular] é Deus [elohim], Só o SENHOR [singular] é Deus [elohim]*” (versículo 39). E *2 Samuel 7*, literalmente do texto hebraico: “*ó SENHOR Deus [singular] tu mesmo és [singular] Deus [elohim], e as tuas palavras [singulares] são verdade*” (versículo 28).

Não há um único versículo em todas as Escrituras que utilize a palavra “Deus” para indicar um Ser três em um. Não um. Este é um facto surpreendente. É certamente incrível que no mesmo livro que afirma ser divinamente inspirado, se esta doutrina da Trindade é considerada tão fundamental, não haja um único exemplo entre cerca de 12.000 ocorrências da palavra Deus e do Seu nome pessoal *Yahweh*. em que “Deus” significa “três Pessoas numa só” sempre que Deus fala como “eu” ou “mim”. Isso é importante. Ou talvez os escritores da Bíblia não O tivessem imaginado como três Pessoas, afinal?

Uma Explicação Matemática (ou metafísica)

É evidente que Deus não pode ser três e um no mesmo sentido. Para além do truque de brincar com o significado das palavras, alguns trinitarianos recorreram a outra explicação de como Deus pode ser um Deus e três. Recorrem a uma explicação filosófico-matemática. Novamente nos voltamos para *R.A. Torrey* como típico deste ponto de vista.

Não pensamos que Deus seja três e um no mesmo sentido. Em que sentido pode então ser três e um ao mesmo tempo? Uma resposta *perfeitamente* satisfatória a esta questão é manifestamente possível pela própria natureza do caso. Primeiro, porque... “Deus é Espírito”, e os números aplicam-se principalmente ao mundo físico ou material, e devem sempre surgir dificuldades quando tentamos conceber o ser espiritual em formas de pensamento materiais. Segundo, porque Deus é Infinito e nós somos finitos. Ele habita na luz da qual nenhum homem se pode aproximar (*1 Timóteo 6:16*) e, por isso, a nossa tentativa de uma explicação filosófica da Trindade de Deus é uma tentativa de colocar os factos do Ser Infinito em formas de pensamento finitas, uma forma de pensamento.

Além disso, o número só tem importância no domínio do finito. É um facto matemático bem conhecido que quando se entra no reino do Infinito, os números finitos perdem o seu significado e valor. Qualquer pessoa que tenha algum conhecimento considerável de matemática sabe que um dividido pelo Infinito não é nada, e também que três dividido pelo Infinito não é nada. Bem, como coisas iguais à mesma coisa são iguais entre si, um como numerador com Infinito como denominador é igual a três como numerador com Infinito como denominador, cancele o denominador comum, Infinito, e tem, um é igual a três. . Ora, um não é igual a três, mas mostra que quando se entra no reino do Infinito, os números finitos perdem o seu significado e valor. [29]

Isto pode parecer convincente às nossas mentes ocidentais, mas será, como sugere *Torrey*, “uma resposta *perfeitamente* satisfatória” ao dilema de como Deus pode ser três e um ao mesmo tempo? É irónico que rejeite qualquer “explicação filosófica da Trindade”, mas se volte imediatamente para uma explicação filosófica, ainda que matemática, para provar o seu ponto de vista. Antes de abordarmos especificamente a “resposta satisfatória” de *Torrey* sobre o Ser de Deus, observemos quão típica é a sua resposta à nossa pergunta. Os trinitarianos dirão sempre que o Ser de Deus é um mistério e que *devemos aceitar a Trindade pela fé. Ou seja, querem que acreditemos no inefável, ou seja, no indescritível e indizível.* Neste ponto, não posso melhorar a excelente resposta de *Robert Hach* a este argumento quando diz que apelar para um mistério que deve ser aceite pela fé é:

Não compreender os conceitos bíblicos de revelação e fé. A revelação é, por definição, a revelação de um mistério: uma vez revelado, deixa de ser um mistério (ver *Efésios 1:9, 10; 3:1-6; Colossenses 2:2, 3*); Se permanecer um mistério, então não foi revelado. Por outras palavras, a revelação de Deus corresponde à compreensão do homem. O facto de o Trinitarismo permanecer um mistério para a compreensão humana, *apesar de ter sido supostamente revelado por Deus, é o argumento mais forte contra a sua consideração como uma revelação de Deus: se Deus o tivesse revelado, seria compreensível.* Apesar da teologia trinitária, quando se trata do ser de Deus, o facto de as palavras não poderem torná-lo compreensível significa que não existem palavras para isso; portanto, não foi revelado; “*As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre*” (*Deuterónimo 29:29*). Do ponto de vista bíblico, existem tanto “coisas secretas” como “coisas reveladas”, sendo as últimas coisas que estão sujeitas à compreensão humana, sendo as primeiras coisas... que não o são.

Além disso, dizer que a Trindade é um mistério incompreensível a ser *aceite pela fé* é substituir a fé apostólica, que é uma questão de persuasão, através do entendimento, por uma fé mística que deve encontrar outros meios além do entendimento para entrar na realidade. o coração, sendo as alternativas uma variedade de formas mais ou menos coercivas de posse, tanto

autoritárias como místicas. (A história do cristianismo trinitário é um testemunho brutal da verdade desta observação). [30]

É precisamente esta a posição do apóstolo Paulo: “*Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis*” (2 Coríntios 1:13). Para Paulo não existe doutrina cristã revelada e incompreensível. Não existe nenhum “mistério esotérico da Santíssima Trindade”. O objetivo declarado de Paulo é escrever-lhe “nada além do que lê” e “nada além do que... compreende”. Não está a promover um enigma inescrutável. Ele não escreve sem enigmas. Está tudo em cima da mesa, por assim dizer. Portanto, se a fé apostólica só pode basear-se no que foi revelado, estamos agora em condições de abordar a “resposta *perfeitamente* satisfatória” de *Torrey* sobre como Deus pode ser três em um. (Aliás, tem havido tentativas “ocidentais” semelhantes de “ilustrar” como é o “Deus triuno”, comparando-o à água que pode “existir” em três formas, seja líquida, gelada ou vapor, dependendo da temperatura. Esta é uma adaptação “científica” do modelo da Trindade de Agostinho visto em paralelo com a alma humana, com a sua memória, compreensão e vontade. Para Agostinho, o Deus Trino é uma unidade tríplice. A memória, a compreensão e a vontade são todas funções do. totalidade. Este é o mesmo tipo de abordagem metafísica que a abordagem matemática de *Torrey* e é tão indigna da revelação de Deus sobre si mesmo como é dada nas Escrituras, como veremos).

Antes de mais, recordemos que, para a mente hebraica profundamente alicerçada na sua Bíblia, não haveria forma de reduzir o Senhor a um “quê” ou a uma “essência”, muito menos a uma fórmula matemática. Esta é uma categoria estrangeira, gentia (grega), que é indigna do Deus pessoal revelado no AT. Para a mente hebraica, como já foi observado, há muitas coisas sobre Si mesmo que Deus não escolheu revelar-nos. Estas são “as coisas secretas” e é uma especulação tola aventurar-se por lá (*Deuterónimo 29:29*). Deus é “santo”, isto é, “outro” e não pode estar limitado nem à nossa linguagem humana nem à nossa compreensão humana. A crença e a literatura judaica do primeiro século “nunca foram... uma análise do ser interior de Deus, uma espécie de declaração numérica sobre, por assim dizer, como Deus era por dentro”. [31] É extremamente difícil para nós, “ocidentais”, incluir no nosso padrão de pensamento que a revelação bíblica de Deus não é metafísica.

Talvez uma parte importante do nosso problema seja a própria palavra “espírito”. Para as nossas mentes ocidentais, a palavra “espírito” evoca imagens daquilo que é imaterial e invisível. Falamos de espíritos e fantasmas. Esta é a nossa forma de descrever o que pertence “lá”. O que é “espiritual” é intangível, mas não deixa de ser muito “real”. Por outro lado, pensa-se que “matéria” é tudo o que é visível, palpável, mutável, temporário. Numa correspondência privada comigo, *Robert Hach* observa que:

A principal falácia em praticamente todas as análises que li sobre a “natureza” de Deus é a ocidentalização do termo “Espírito”. Sempre que o texto “Deus é Espírito [ou espírito]” é abordado, ou o conceito de Deus como um “ser espiritual”, ou o tópico geral da “espiritualidade”, o pressuposto inquestionável (e, portanto, tácito) é que “o Espírito” (ou “espírito”) é uma espécie de *substância* eterna e invisível. [32]

Portanto, qualquer discussão sobre a essência de Deus inclui termos metafísicos ou platónicos. Esta abordagem é estranha à estrutura hebraica e bíblica.

Hach defende que, para os nossos ouvidos ocidentais, a palavra “espírito” transmite uma infeliz nuance de significado que é bastante estranha às suas origens hebraicas. Ele continua:

Os teólogos cristãos do século II (que eram gentios, tipicamente educados em conceitos filosóficos gregos) reinventaram retoricamente o conceito de “espírito”: o “espírito” hebraico como verdade inspirada *por Deus a respeito do futuro prometido* por Deus foi mudado para o “espírito” grego como o realidade metafísica/mística *da presença eterna de Deus*, conceito herdado de *Platão*. [33]

Em contraste com tais categorias metafísicas, a Bíblia Hebraica diz que Deus só pode ser conhecido pelas Suas ações, pela Sua obra, pelos Seus feitos. Conhecemos Deus porque Ele agiu e está a agir na história do espaço-tempo. Sabemos como é Deus porque falou através dos profetas. Nós “vemos” Deus nas Suas obras poderosas na nação de Israel na Bíblia Hebraica. Deus era conhecido por Israel pelo que fez na sua história, unicamente pela sua entrada numa relação de aliança com eles: “*Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão*” (Êxodo 20:2). Portanto, para a mente hebraica explorar o tema da teologia é entrar num reino dinâmico, onde a vida é vivida e definida pelo envolvimento de Deus nos assuntos quotidianos. A Pessoa de Deus só pode ser conhecida no contexto da relação com o Seu povo. Ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob, ou seja, o Deus que se revelou nas histórias pessoais destes homens. Não é o Deus do pensamento especulativo ou da teologia sistemática: “*Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel*” (Salmos 103:7). A teologia do AT é fundamentalmente teologia histórica. No NT vemos Deus supremamente nas Suas palavras e milagres no Seu Filho: “*Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo*” (2 Coríntios 5:19). A fé de Israel contrasta, então, com as categorias modernas do pensamento especulativo. Como diz o *N.H. Snaith* no seu livro emblemático do século XX, “*The Distinctive Ideas of the Old Testament*” (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento):

O Deus dos hebreus estava essencialmente ativo no mundo que criou. Consideramos de extrema importância que este facto seja reconhecido em toda a teologia do AT. Não era um Deus estático no sentido dos filósofos. Os hebreus nunca pensaram que ele estivesse separado do mundo, num esplêndido isolamento. Qualquer ideia deste tipo entre os hebreus foi um desenvolvimento de tempos muito posteriores e pertence ao período em que os judeus foram influenciados pelas especulações dos gregos. [34]

Embora Deus fosse santo e transcendente para os hebreus, isso não significava que fosse remoto ou passivo: “*eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti*” (Oseias 11:9). Na verdade, Ele era “outro” e diferente de qualquer outra pessoa, fosse “deus” ou “carne”, mas Jeová foi também sempre o Deus vivo que esteve soberana e dinamicamente envolvido no Seu mundo, aqui e agora. Israel foi chamado a responder ao cuidado e libertação de Deus com fidelidade e gratidão, e a recordar, recitar e confessar sempre as Suas poderosas palavras e ações. A revelação bíblica de Deus, então, é simplesmente a forma como podemos saber o que Deus fez na história e o que Ele está a fazer na história, tal como é revelado através dos Seus profetas, dos Seus apóstolos e principalmente através do Seu Filho.

Esta é talvez uma boa razão, como sugere *Hach*, para rejeitar a tradução ocidental (neste caso latina) “espírito” em favor de uma compreensão mais hebraica de “respiração” (a palavra latina *Spiritus* significa “respiração” ou mesmo “vento”). Quando Deus falou com os Seus profetas e apóstolos, foi como se lhes estivesse a infundir a Sua mensagem, possuindo-os através da Sua palavra. Por isso, ouvir a mensagem dos profetas e dos apóstolos é receber o sopro e a presença de Deus nas nossas vidas. Dizer “Deus é sopro” (em vez de “Deus é espírito”) é voltar a enfatizar a

noção bíblica de que Deus está a soprar a Sua presença/espírito nas nossas vidas quando ouvimos a Sua palavra e acreditamos na Sua obra (particularmente a Sua palavra e o trabalho em Cristo).

Apreciar a diferença fundamental entre a compreensão hebraica e helenística de Deus é reconhecer que a Bíblia não analisa o Ser de Deus em termos metafísicos. A forma hebraica de revelar Deus é usar *metáforas* e não *metafísica*. Deus utiliza objetos concretos do quotidiano e ideias familiares às pessoas comuns para ilustrar o que é abstrato e intangível n'Ele mesmo. O Deus Único não deve ser reduzido a fórmulas e essências. Embora seja verdade que “Deus é Espírito”, não devemos pensar que isso significa que pode ser reduzido a algum tipo de fórmula/substância etérea, impessoal, metafísica ou matemática. Deus não é um “quê”. Assim, não podemos dividir três (Pessoas) por um Infinito (do “Espírito”) e obter um, como diz R.A. O Torrey gostaria que fizéssemos isso. Esta pode ser “uma resposta *perfeitamente* satisfatória” sobre como Deus pode ser três em um se começarmos com a suposição de que Deus existe como tal no Seu próprio Ser, mas isto não funciona quando falamos sobre o Deus da Bíblia Hebraica. Permitam-me que deixe Robert Hach, cujos pensamentos sobre este assunto reconheço livremente e com gratidão, ter a última palavra:

O que Deus é *em* é de Deus está para além da compreensão humana e, por isso, não está sujeito à revelação: não há palavras para revelar o Ser literal de Deus para além da confissão fundamental de fé israelita: “**Yahweh** nosso Deus, **Yahweh** é um” (Deuterónimo 6: 4; Marcos 12:29). Além disso, qualquer tentativa de descrever o Ser de Deus em termos literais só pode equivaler a um absurdo teológico, tal como a inclusão incompreensível de três Pessoas dentro de um Ser, sendo a segunda Pessoa 100% Deus e 100% homem. Só Deus sabe quantas pessoas inteligentes foram levadas a rejeitar a fé cristã por causa da deturpação eclesiástica de Deus como um absurdo teológico. [35]

Será que isso realmente importa?

Então será assim tão importante acreditarmos que Deus é uma Pessoa ou que é três em um? Afinal, esta é apenas uma questão académica para os teólogos? Faz alguma diferença prática o que acreditamos sobre a Pessoa do Deus da Bíblia? Considere o seguinte.

- Jesus Cristo, o fundador do Cristianismo, disse que isto é importante. Um dia, um certo escriba reconheceu a sabedoria de Deus em Jesus. Então, perguntou a Jesus: “Qual é o principal de todos os mandamentos?” (Marcos 12:28). Jesus respondeu dando o Credo Unitarista-Monoteísta que Israel recitava e acreditava há mais de 1.500 anos. Como já foi observado, é chamado “*Shema Israel*” e fala da unidade de Deus. Para Jesus, esta é a revelação inquestionável do Deus de Israel e do seu Deus. Este ponto de partida inegociável para o reconhecimento da identidade do Deus de Israel foi considerado tão fundamental que deve ser ensinado a todas as crianças (Deuterónimo 6:7). Assim, segundo Jesus, o fundador do Cristianismo, o primeiro e mais importante de todos os mandamentos de Deus: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes” (Marcos 12:29, 30). Segundo o próprio Jesus, a maior verdade em toda a Bíblia, aliás, em todo o mundo, é o facto de “Deus ser um”. (Teologicamente falando, esta doutrina descreve a unidade de Deus.) Devemos ouvir isto, ou seja, prestar atenção, considerar e obedecer com inteligência. O que Jesus disse foi que Jeová, o nosso Deus, é um só Jeová. E “um” é aquela palavra hebraica “*echad*” que significa único, singular,

solitário. Jesus não diz aqui nada sobre a pluralidade no Deus Único. Certamente, se Deus fosse uma Trindade de Pessoas, Jesus teria deixado as coisas claras. Este foi o momento de Jesus lançar a nova doutrina da Trindade de Deus. Eis a sua oportunidade de ser incluída na Divindade: “Ouve, ó Igreja, o Senhor teu Deus é Três em Um! Amará a Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo de todo o coração! Mas não, o credo deles é a fé dos profetas. A sua fé baseia-se na tradição unitária monoteísta de Israel. Confesse que Jeová é o único Senhor. E amá-lo-á com todo o seu coração, com todo o seu entendimento e com todas as suas forças. Esta verdade é para Jesus o fundamento de toda a revelação divina, “a mais importante de todas”. Esta é a declaração central de Jesus Cristo sobre o Ser de Deus. Deus é um só Jeová, um só Senhor.

O leitor atento notará que, quando o escriba repetiu a declaração de Jesus, fê-lo de forma ligeiramente diferente. O escriba disse (dependendo do texto grego utilizado): “Bem, professor, o senhor disse realmente que **Deus** é um” ou “Disse mesmo que **Ele** é um”. Por outras palavras, quando tanto Jesus como o escriba se referem ao Deus de Israel, “Senhor” e “Deus” são sinónimos. Isto é importante, porque alguns têm a conceição errada de que *Deuterónimo 6:4* diz que existe um Senhor (YHWH, Jeová), mas não que existe um Deus (*elohim*), afirmando assim que pode haver mais do que um Deus individual dentro de um. Contudo, este diálogo entre Jesus e o escriba demonstra que ambos acreditavam que o Deus de Israel era apenas um Indivíduo, o Senhor Deus, e Ele é o único Jeová verdadeiro (YHWH). Podemos muito bem perguntar-nos: se este é o primeiro e central mandamento do fundador do Cristianismo, será também a nossa confissão? O credo de Jesus era o credo unitário de Israel. O que está aqui em causa é a questão da obediência a Cristo. Se o nosso Deus não é o Deus da Bíblia Hebraica, o Deus do nosso Senhor Jesus Cristo, estamos a cambalear no caos de acreditar noutro Deus. Jesus repete e subscreve a mesma verdade fundamental que Moisés estabeleceu como cerne de toda a religião. Assim, ao fazer deste o mandamento mais importante e o primeiro de todos, Jesus tornou a fé no único Deus verdadeiro, o Pai de Jesus, essencial ao Evangelho. Não nos podemos dar ao luxo de estar errados sobre este, o maior de todos os mandamentos.

Sempre que o homem se recusa a aceitar a linguagem simples e a revelação de Deus sobre si mesmo e recorre à filosofia para a descrever, tece uma teia complicada. Compare a simplicidade do credo de Jesus com a complexidade daqueles que se esforçam por “explicar” a Trindade. Um tal *William Beveridge* foi um bispo anglicano ortodoxo do século XVII e falou por muitos quando se queixou das complexidades impossíveis da visão trinitária de Deus. O bispo diz:

Devemos considerar a ordem destas pessoas na Trindade descritas nas palavras que temos diante de nós em *Mateus 28:19*. Primeiro o Pai e depois o Filho e depois o Espírito Santo; cada um dos quais é verdadeiramente Deus. Este é um mistério em que todos somos obrigados a acreditar, mas que, no entanto, devemos ter muito cuidado ao falar dele, pois é fácil e perigoso cometer um erro ao exprimir uma verdade tão grande como esta. Se pensarmos bem, quão difícil é imaginar uma *natureza* numericamente divina em mais do que uma *pessoa* divina. Ou três pessoas divinas em não mais do que uma mesma natureza divina. Se falamos sobre ele, como é difícil encontrar palavras para o exprimir. Se eu disser que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três, e cada um deles é um Deus diferente, é falso. Posso dizer que Deus Pai é um só Deus, e o Filho é um só Deus, e o Espírito Santo é um só Deus, mas não posso dizer que o Pai é um só Deus e o Filho é outro Deus e o Espírito Santo é um terceiro Deus. . . Posso dizer que o Pai gerou outro que é Deus; No entanto, não posso dizer que Ele tenha gerado outro Deus. Posso dizer que do Pai e do Filho vem outro que é Deus; Contudo, não posso dizer que outro Deus procede do Pai e do Filho. Porque, embora a sua natureza seja a mesma, as suas

peçoas são diferentes; e embora as suas peçoas sejam diferentes, a sua natureza permanece a mesma. De modo que, embora o Pai seja a primeira peçoas na Divindade, o Filho a segunda, e o Espírito Santo a terceira, ainda assim o Pai não é a primeira, o Filho a segunda, e o Espírito Santo um terceiro Deus. É muito difícil exprimir corretamente um mistério tão grande; ou fornecer a essa verdade elevada expressões apropriadas e apropriadas dela, sem se afastar dela num sentido ou noutra. [36]

Quão complicado o tornamos. Depois de ler afirmações como esta, voltar ao credo de Jesus de que “Deus é Um” é (pensamos) como respirar ar puro e fresco. Vejamos, de forma breve, quão central foi este credo para toda a vida de Jesus e para a sua caminhada com o seu Deus e Pai.

Ninguém, Exceto Deus, É bom

Um dia, um “*Certo homem de posição*” aproximou-se de Jesus e perguntou-Lhe: “*Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?*” (*Lucas 18:18*). Jesus respondeu: “*Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus*” (*versículo 19*). A explicação tradicional que me ensinaram é que Jesus interrompeu este jovem porque ele precisava de perceber que Jesus era realmente Deus. É como se Jesus dissesse: “Não percebeis quem Eu sou? Eu sou o próprio Deus. Não me chame “bom” sem se lembrar disso. Reconheça com quem está a falar!” Parece um pouco tenso? Embora admita que a resposta de Jesus seja difícil, acredito que há uma explicação melhor. Jesus estava a dizer que ele próprio não é Deus. Este é o sentido natural e óbvio, por isso vamos examiná-lo com mais detalhe.

A palavra grega para “bom” aqui é “*agathos*”. É um adjetivo que, segundo um léxico, se refere adequadamente à “excelência interior”. [37] Quando usado para se referir a Deus, refere-se ao facto de Ele ser completa, perfeita e essencialmente bom. [38] Jesus diz que só Deus é “*agathos*” ou bom. Refere-se à santidade de Deus, à sua “alteridade”, aquilo que o distingue de toda a sua criação. A nível prático, significa que Deus não pode deixar de ser bom, Deus não pode pecar, nem sequer pode ser tentado a pecar. Só Deus é “incorrutível” e imortal (*1 Timóteo 1:17*).

Por outro lado, Jesus rejeita para si a descrição de “*agathos*”, aquela qualidade interior de perfeição que pertence apenas a Deus. “No fundo, rejeita este atributo divino da santidade e, pelo lado negativo, rejeita a incorruptibilidade”. [39] Isto significa que Jesus era um ser humano real e tinha a escolha de ser bom ou mau. As tentações de Jesus foram reais; Podia ter sucumbido e fracassado. Porque não era “*agathos*”, nem bom, nem Deus no sentido absoluto da palavra. Isto significa que estava sujeito à corrupção (*Atos 2:27*). Mas também significa que as suas vitórias foram reais. A Bíblia ensina que Jesus aprendeu a obediência (*Hebreus 5:8*). Deus, o Pai, nunca teve de aprender a ser bondoso.

Na verdade, Jesus possuía uma certa bondade. A sua bondade foi única na história da humanidade. Sabemos que Jesus “*crecia [aumentava] m sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens*” (*Lucas 2:52*). Esta foi a bondade sem pecado que foi originalmente possível para Adão. Esta é a bondade que o qualificou para ser o Bom Pastor que deu a vida em sacrifício por nós. Mas a palavra que O descreve como “*o Bom Pastor*” (*João 10:11*) é uma palavra grega diferente, “*kalos*”, que significa moralmente excelente e digno de reconhecimento. [40] Este (segundo) tipo de bondade descreve certamente o nosso Salvador.

Então, o que significa tudo isto? É evidente que quando o jovem se dirigiu a Jesus como “bom instrutor”, Jesus ficou ofendido. A sua resposta indica, na verdade, uma reprimenda: “Porque é que me chama bom? Ninguém é bom, exceto só Deus.” (A frase crucial “*ei me heis ho theos*” também pode ser traduzida por, “mas o único Deus”, que é uma forte declaração unitarista monoteísta dos lábios de Jesus: “Ninguém é bom, exceto o único Deus.”) Como o Trinitariano *Raymond E. Brown* afirma: “o texto distingue fortemente entre Jesus e Deus, e que uma descrição de si mesmo, à qual Jesus se opôs, era aplicável a Deus. A partir deste texto nunca se suspeitaria que o evangelista se referia a Jesus como Deus”. [41] Certamente não honramos o Senhor Jesus quando lhe atribuímos o que Ele próprio rejeitou e o que pertence apenas ao seu Pai que está nos céus? Se se procura a confirmação de que esta é a interpretação correta, então só precisamos de voltar a Apocalipse 15. Após a sua ressurreição e ascensão ao céu, Jesus é visto a liderar a adoração dirigida a Deus, seu Pai. Todos os santos vitoriosos de Deus cantam “*e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso!... Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo*” (versículos 3-4). Mesmo agora, no céu, a confissão do Senhor Jesus é que “só” o seu Pai é santo. Como Cordeiro de Deus, Jesus ainda adora a Deus, seu Pai, como o único que é bom. Só o seu Pai, o Senhor Deus Todo-Poderoso, é a fonte de toda a excelência moral. É muito melhor concordar com o nosso Senhor Jesus e confessar que só há um que é bom, que é Deus. Jesus rejeita a identificação de si mesmo com o único Deus verdadeiro e bom.

O Pai é o Único Deus verdadeiro

Bem no final da vida, à sombra do Getsémani, Jesus ora ao Pai. Ouça a sua própria confissão de fé: “*E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (João 17:3).

Mais uma vez, segundo o fundador do Cristianismo, o seu Pai é “*o único Deus verdadeiro*”. “*Único*” significa único, solitário, singular, singular. “*Verdadeiro*” significa real, genuíno. Segundo o próprio Jesus, o seu Pai é o único Deus genuíno. Não existe outro Deus deste tipo. Quanto a si mesmo, Jesus afirma simplesmente ser o Cristo, isto é, o Messias que Deus enviou. É um triste facto da história que Agostinho tenha achado este versículo tão problemático que propôs alterar o texto para dizer: “Para que te conheçam a ti e a Jesus Cristo, a quem enviaste, como o único Deus verdadeiro”. Assim, com uma autoridade sublime e arbitraria, *Agostinho* classifica Jesus como o segundo membro da Trindade! Comentando *João 17:3*, *Agostinho* escreveu:

Consequentemente, então, o Espírito Santo é também entendido, porque é o Espírito do Pai e do Filho, como o amor substancial e consubstancial de ambos. Porque o Pai e o Filho não são dois Deuses, nem o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três Deuses; *mas a própria Trindade é o único Deus verdadeiro*. E, no entanto, o Pai não é o mesmo que o Filho, nem o Filho é o mesmo que o Pai, nem o Espírito Santo é o mesmo que o Pai e o Filho; pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três [pessoas], mas a própria Trindade é um só Deus. Se, então, o Filho o glorifica da mesma forma “como lhe deste poder sobre toda a carne”, e o deu, “para que possa dar a vida eterna a todos os que lhe deste”, e “este é a vida eterna, para que te conheçam”, assim, então, o Filho te glorifica, dando-te a conhecer a todos aqueles que Lhe deste. [42]

Portanto, segundo *Agostinho*, Jesus não tinha a ordem correta das palavras quando orava. *Agostinho* assume tragicamente a responsabilidade de corrigir o nosso Senhor Jesus! Mas noutra

ocasião *Agostinho* escreveu: “Se acreditas no Evangelho o que gostas e rejeitas o que gostas, não acreditas no Evangelho, mas em ti mesmo”. Pena que não tenha mantido as suas próprias convicções. Bem, faça a sua escolha. Quem seguirá? *Agostinho*? Ou Jesus, o seu Senhor e fundador da sua Igreja? Será a Trindade o único Deus verdadeiro? Ou será o Pai o único Deus verdadeiro? O próprio Jesus não era trinitário, porque para ele o Pai é “o único Deus verdadeiro”. Isto não é apenas uma questão de semântica, porque de acordo com Jesus Cristo “conhecer” o seu Pai como o único Deus verdadeiro e conhecer Jesus Cristo a quem Deus enviou é “vida eterna”. Quanto a Jesus, identifica-se como “Jesus Cristo”, a quem Deus enviou. “Jesus Cristo” não é nome e apelido, como *John Smith*, por exemplo. É um nome próprio e um título. Diz-nos que Jesus é o Messias, porque o título “*Cristo*” é a palavra grega para o título hebraico “*Messias*”. A entrada na vida da Era Vinda depende de saber que Jesus é o Messias que o único e verdadeiro Pai Deus “enviou”.

Alguns argumentaram que a palavra “enviado” implica que Jesus existia no céu antes da sua vinda. Mas a Bíblia também diz que João Batista foi “enviado” por Deus (*João 1:6*). Isto não significa que João desceu do céu ou que o seu nascimento tenha preexistido de alguma forma; apenas que foi comissionado por Deus. Quando Paulo escreveu: “*vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei*” (*Gálatas 4:4*), devemos entender o conceito de envio como o da comissão divina pelo seu trabalho messiânico único. O envio do Filho:

Deve ser visto no contexto dos profetas que Deus enviou antes disso. A ideia então é que Deus já não se contenta com um profeta, mas envia o seu próprio filho que é maior que os profetas. Ele envia do céu? Isto não é mencionado uma única vez... Pelo contrário, o filho enviado nasceu sob a lei, ou seja, numa época em que a “Torá” já estava em vigor... O que Paulo escreve sobre o envio do filho não pode de forma alguma uma situação deve ser compreendida antes do início da história. [43]

Assim, Jesus é o Messias, o Filho ungido ou comissionado, enviado para revelar o único Deus verdadeiro. Segundo Jesus, entrar na vida da era vindoura depende deste conhecimento. É claro que isto não significa simplesmente conhecimento sem ação subsequente e mudança de estilo de vida. Não apenas um assentimento mental à verdade central de que o Pai de Jesus é o único Deus verdadeiro e que Jesus é o Seu Messias comissionado e destinado a governar esta nova ordem mundial. Não. Significa amar este Deus de todo o coração, viver apenas para a Sua glória e honrar o Seu Filho com a nossa fé e obediência.

Que diferença prática faz acreditar na unidade pessoal de Deus? Segundo o próprio Jesus, significa que podemos amar a Deus com todo o nosso coração. Podemos ter um relacionamento caloroso, pessoal, amoroso, verdadeiro e íntimo com Ele através de Jesus, o Messias. É difícil amar uma abstração filosófica. Eis a causa raiz de grande parte do fracasso prático do Cristianismo durante os últimos dois mil anos. A teologia ergueu uma barreira entre Deus e o seu povo. Certamente que há hoje uma grande necessidade de regressar ao credo simples, ao credo unitário e unificador de que Deus, nosso Pai, é Um, e de que Jesus é o Seu Messias enviado para nos trazer para a vida da Era Vinda? Isto leva-nos à segunda parte da conversa de Jesus com aquele escriba em *Marcos 12*.

• **É evidente que existe uma ligação muito prática entre amar o Deus único e amar o próximo como a nós mesmos.** A segunda parte do mandamento mais importante é “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (*Marcos 12:31*). O escriba fica impressionado com a resposta de Jesus

e afirma-a: “Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios (versículos 32-33). Jesus afirma que “Não há outro mandamento maior do que estes” (versículo 31). Este escriba que veio ter com Jesus fez-lhe uma pergunta direta e Jesus deu-lhe uma resposta direta e honesta. Amar o único Deus verdadeiro é uma experiência unificadora. Mas a teologia criada pelo homem tornou difícil conhecer Deus e amá-Lo. Dizer que três são um e um é três é uma abstração filosófica que divide a unidade de Deus. Nenhum homem entende isso. Deus também não nos pede para acreditar nisso. Mas podemos amar um Deus pessoal e podemos amar o nosso próximo. A triste história de não amar o Pai como o único Deus verdadeiro tem sido o fracasso da Igreja em amar adequadamente o mundo. Aqui há uma ligação definida e uma sequência divinamente revelada. Em primeiro lugar, saiba que Deus é um. Em segundo lugar, *amá-lo* com todo o nosso ser. Terceiro, amar o próximo como a nós mesmos.

A Bíblia ensina que todas as formas de injustiça social, como o homicídio, o adultério, o roubo, a mentira e o engano, os maus-tratos a pais e filhos, são o resultado de não amarmos o único Deus de todo o coração. Amar e honrar o verdadeiro Deus é ter um profundo respeito pela Sua criação. Um dos propósitos declarados no livro do Apocalipse para Deus impor o juízo final a este mundo incrédulo é “o tempo de destruíres os que destroem a terra” (*Apocalipse 11:18*). O sábio observou que é o justo quem respeita os seus animais (*Provérbios 12:10*). E de acordo com o apóstolo Paulo, os nossos males sociais são o resultado da nossa confusão e fracasso teológico, porque a “impiedade” precede sempre a “injustiça” (*Romanos 1:18*). O pecado encontrará sempre uma oportunidade quando os homens não se mantêm fiéis ao único e verdadeiro Deus de Israel. Isto significa simplesmente que a adoração humana de falsos deuses, isto é, a idolatria, é, em última análise, infidelidade ao Deus da Bíblia. O resultado será sempre o fracasso em amar o mundo de Deus e o nosso próximo. A história do nosso fracasso em fazê-lo é testemunho suficiente do quanto compreendemos mal o primeiro e o segundo grandes mandamentos. A adoração de um falso deus só trouxe desunião por toda a parte.

- Há outra razão bíblica pela qual acreditar que Deus é um é muito mais do que uma simples questão de correção mental. De acordo com a Bíblia, esta grande verdade será **a doutrina fundamental na era vindoura**. Quando o Senhor Jesus regressar à terra na glória do seu Pai, o mundo experimentará mudanças radicais de natureza espiritual (religiosa), bem como mudanças físicas (ambientais) e políticas. De acordo com uma profecia notável em *Zacarias 14:9*, haverá um reconhecimento universal da unidade da pessoa de Deus: “E o SENHOR será rei sobre toda a terra; naquele dia um [echad] será o SENHOR, e um será o Seu nome”.

No dia em que o Senhor Jesus regressar à terra, Jeová será reconhecido como um, e o Seu nome será um. “*Interpreter’s Bible*” (A Bíblia do Intérprete), comentando esta passagem, diz que quando o Reino de Deus for estabelecido em toda a Terra, “a confissão de fé judaica, o “*Shema*” de *Deuteronomio 6:4*, tornar-se-á o credo universal. [44] Como vimos, *Deuteronomio 6:4* é o credo fundamental da fé de Israel e do próprio Jesus. Mais uma vez encontramos a palavra hebraica “*echad*” que significa “um”. Se olharmos para o *versículo 7*, apenas dois versículos antes desta notável predição no *versículo 9*, temos novamente a palavra “*echad*”. Este versículo é traduzido: “*Porque será um dia único, conhecido do Senhor*”. Aqui, “*echad*”, a palavra para “um”, traduz-se, na verdade, como “único”. Apenas dois versículos abaixo, no *versículo 9*, têm exatamente o mesmo significado ao descrever quem será o único Deus. Lemos que nesse dia único “o Senhor

será o único, e o seu nome será o único”. No Reino do Messias o Senhor, que é Jeová, será “único”, o único da sua espécie.

O Trinitarianismo, a ideia de que Deus é três em um, é um desenvolvimento post-bíblico que acabou por se tornar o credo da Igreja do século IV. Fez parte da apostasia que se desenvolveu a partir do século II e que acabou por alcançar o estatuto de credo sob *Constantino*. Mas quando Cristo regressar, o mundo regressará à doutrina fundamental de que “*Deus é Um*”. *Zacarias 14:9* prediz que o “*Shema*” será o credo fundamental da Era Vinda. Os outros credos da cristandade serão eliminados!

Um dos heróis da Reforma, um verdadeiro grande mártir da história cristã e um homem que enfatizou a unidade de Deus foi *Francisco David*, da Transilvânia. Ordenado pelo *Rei Stephen Báthory*, príncipe do país, a nunca mais pregar no seu púlpito, *Francis David* desafiou o decreto real e encerrou o que acabou por ser o seu último sermão dizendo: “O que quer que os homens digam, um dia ficará claro. *Francis David* foi julgado por heresia e condenado a “prisão perpétua”. Morreu cinco meses depois na masmorra de um castelo próximo. Um dos ministros calvinistas presentes no julgamento de *David* fez um longo discurso instando o rei a impor a pena de morte e ameaçando-o com a ira de Deus caso não o fizesse.

Faz alguma diferença se confessamos ou não a unidade de Deus hoje? Definitivamente, porque com esta fé demonstramos que somos filhos desta era que está para vir. Aqueles que afirmam estar a procurar a glória do Seu Reino vindouro deveriam certamente estar a promover agora os ideais daquela época. Pois chegará o dia em que o Senhor Jesus “*quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai... então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram, para que Deus seja tudo em todos*”. (*1 Coríntios 15:24, 28*). A maioria dos cristãos evangélicos tem um grande interesse pela profecia bíblica. Mas ouvi pouca menção ao futuro reconhecimento mundial da unidade e singularidade da Pessoa de Deus. Este é certamente um aspeto negligenciado da profecia do fim dos tempos!

- **A bem do Evangelho de Cristo** devemos eliminar esta doutrina antibíblica. O mundo está profundamente dividido sobre quem é Deus. As dificuldades que a nossa raça humana enfrenta são, antes de mais, religiosas. Milhões de judeus e mais de mil milhões de muçulmanos sentem repulsa por este estranho ensinamento de que Deus é três em um. Isto cria uma barreira e um obstáculo para que estas pessoas preciosas cheguem ao verdadeiro conhecimento do Deus da Bíblia. Um dos temas recorrentes no Alcorão é que não se deve fazer “parceiros” com Alá, porque “*o seu Deus é um só Deus*” (*Sura 16:1, 22*). O Alcorão apresenta Abraão como “*verdadeiramente um modelo, devotamente obediente a Alá e fiel na fé, e não uniu deuses a Alá*” (*Sura 16:120*). O Islão foi uma reação histórica à idolatria da Igreja Católica Romana dos dias pós-Niceia. Mas o principal pomo de discórdia do Islão foi a insistência da Igreja em que três Pessoas coiguais constituem o único Deus.

O mesmo se aplica aos judeus. Para estes, a crença de que Jesus de Nazaré crucificado e ressuscitado não é apenas o Messias, mas também da mesma substância que Deus “parece algo radicalmente antijudaico; “Sentem que é algo que contradiz totalmente o monoteísmo estrito, particularmente como expresso no ‘*Shema Yisrael*’ que os judeus piedosos dizem todos os dias, na verdade, é uma blasfémia”. [45] Há certamente uma necessidade urgente de repensar a forma como a Bíblia fala de Jesus como o Filho de Deus para eliminar as objeções judaicas válidas ao Evangelho. Não é de estranhar que o “fruto” de uma teologia que apresenta um Deus multipessoal

seja o fracasso em conquistar uma audiência com milhões de pessoas cuja crença fundamental é que Deus é um.

• Finalmente, sob esta questão de saber se existe alguma diferença entre acreditar ou não na Trindade, eu diria que a Bíblia ensina muito claramente que **o Cristianismo apostólico insiste numa compreensão correta de Deus para a salvação**. Não posso fazer melhor do que *Buzzard e Hunting* aqui:

Um dos conceitos mais devastadores que invadiu a Igreja moderna é que as crenças de uma pessoa são insignificantes enquanto ama a Deus e ao próximo. Afinal, todas as versões de religião não promovem a adoração do mesmo Deus? O facto bíblico claro é que as Escrituras insistem na verdade, em oposição ao erro, como base da adoração e da própria salvação. Paulo ligou expressamente a salvação a uma correta compreensão da identidade de Deus e de Jesus: *“orque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador; Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”* (1 Timóteo 2:3-5). A ligação entre a crença correta, isto é, bíblicamente ortodoxa, e a salvação é aqui inevitável, bem como nas declarações de Paulo em que *“crer na verdade”* é nitidamente contrastado com ser mau, e onde a salvação depende de receber *“o amor da verdade”*. (2 Tessalonicenses 2:10-13). [46]

Um dos desafios agonizantes com que luto, mesmo muito depois de ter chegado ao conhecimento de que o Deus da Bíblia é um, e não três, é este: e quanto à grande maioria dos cristãos que acreditam sinceramente na Trindade? Eu já fui um deles, um crente comprometido com a Bíblia. Acreditava que Jesus Cristo é coigual e coeterno com Deus Pai. Mais do que isso, amava o “Filho eterno”. E qualquer pessoa que não o confessasse estava, acreditava ele sinceramente, numa posição perigosa diante de Deus. Então, como tratará Deus aqueles que são sinceros, mas sinceramente enganados? Admito que esta é ainda uma questão desconcertante para mim. Mas, a partir da luz atual que tenho, o que posso dizer é que *“o Juiz de toda a terra”* fará o que é certo e justo com cada pessoa que já viveu (*Gênesis 18:25*). Posso também dizer, com base na autoridade das Escrituras, que não há salvação, nem posição correta diante de Deus e, portanto, não há entrada no Seu Reino eterno sem Cristo Jesus (*Atos 4:12*). Só Jesus, o Messias, é o agente de salvação autorizado por Deus. Todos os outros nomes e autoridades são enganadores, mentirosos e ladrões (*João 10:1-15*). Há *“muitos falsos cristos”* que podem até fazer sinais e prodígios, *“e possível fora, enganariam até os escolhidos”* (*Mateus 24:24*) e há outros evangelhos cujos expoentes correm o risco de serem amaldiçoados por Deus (*Gálatas 1:8, 9*).

Afinal, o *R.A. Torreys* e *Martyn Lloyd-Jones* e *J.I. Packers* e outros membros da Igreja eram todos homens piedosos, comprometidos com a honra de Deus e cujas vidas demonstram claramente uma santidade e uma beleza que refletem a glória de Deus. Certamente que estas pessoas sinceras estão salvas? Este é o ponto que me causa consternação. A única coisa em que me posso apoiar é que *“o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade”* (2 Timóteo 2:19). Deus conhece o seu. E evidentemente só são deles aqueles que, tendo aprendido o ensino apostólico, nele permanecem, porque *“Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus”* (2 João 9).

Existe a percepção no “mundo da igreja” de que qualquer pessoa que não acredite na Trindade e qualquer pessoa que não confesse que Jesus é o Senhor Deus do AT está perdida para sempre, sem esperança de entrar no Reino dos Céus. Desde que escrevi a primeira edição deste livro, tenho-me

perguntado frequentemente: “Acredita seriamente que os monoteístas unitários entrarão no Reino de Deus?” A minha resposta é que estarei em muito boa companhia nesse Reino. Afinal, Moisés, um crente no Ser unitário de Deus, estará lá (*Deuterónimo 6:4*)! Haverá David, que sabia a diferença entre o único Senhor Deus e o Senhor Messias (*Salmos 110:1*)! Haverá Isaías, Jeremias, Daniel e todos os profetas fiéis, que sabiam que o Deus de Israel era um Senhor, e não três! Haverá nesse Reino os apóstolos que nada sabiam sobre uma Trindade misteriosa e não revelada. E, sobretudo, estará presente o próprio Jesus, o fundador do cristianismo que confessou que o seu Pai é “o único Deus verdadeiro”! (*João 17:3*). Como crente de que Deus é uma Pessoa, um Senhor, estarei em muito boa companhia.

Se o crente está em processo de salvação, então todos nós estamos a crescer ao nosso nível de compreensão. Graças a Deus não seremos salvos quando chegarmos a um entendimento completo e perfeito de todas as doutrinas. Com este critério nenhum de nós entraria nesse Reino glorioso. Todos nós iniciamos o caminho da fé. Agora todos nós vemos apenas “*Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido*” (*1 Coríntios 13:12*). Contudo, não haverá crentes trinitários no Reino. Todos se terão convertido para ver o que o profeta Zacarias prediz: “*E o SENHOR será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o SENHOR, e um será o seu nome*” (*Zacarias 14:9*). No Reino do Messias, o Senhor que é o seu Deus e Pai será universalmente reconhecido na Sua glória única e incomparável como o único Deus verdadeiro. (Compare com *1 Coríntios 15:28*: “*E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas [ou seja, a Deus, o Pai], então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram, para que Deus seja tudo em todos*”).

A crença na Trindade é necessária para a salvação? Dificilmente. Se a doutrina da Trindade fosse verdadeira e exigisse crença para a própria salvação, pode-se notar que é completamente única no sentido em que todas as outras doutrinas cristãs essenciais são claramente ensinadas na Bíblia, enquanto a Trindade é de alguma forma humanamente construída e “derivada de tudo o que a Bíblia ensina”. Isto significa que somos convidados a aceitar um ensino que seria a única doutrina desarticulada e não anunciada da fé cristã, baseada numa construção humana das Escrituras! É evidente que os trinitarianos acreditam realmente, e em última análise, têm de defender, a ideia de que a Bíblia não tem de ser específica sobre certas doutrinas cristãs essenciais!

Do princípio ao fim, a revelação unânime da Bíblia é que a verdade importa. É necessário “receber o amor da verdade para sermos salvos” (*2 Tessalonicenses 2:10*). Deus é o Deus “*Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*” (*1 Timóteo 2:4, 5*). Para Paulo, a salvação é conhecer a verdade, definida aqui como conhecer o “único Deus” e o único mediador que é “o homem Messias Jesus”. Esta é precisamente a confissão do próprio Jesus de que a vida eterna é “*que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (*João 17:3*). Inextricavelmente entrelaçado no AT e no NT está o testemunho unido de que devemos conhecer este Deus Único e o Seu Filho Jesus, o Messias. Não existem muitas formas diferentes de ser salvo. Não existem muitos caminhos que levem ao Deus da Bíblia. O único Deus que diz que por mais bem-intencionados que sejamos, não temos a liberdade de inventar o nosso próprio caminho até ao Seu trono. Caim tentou desde o início e Deus rejeitou-o (*Génese 4:5*). Falhar aqui é convidar à divisão, ao paganismo e ao politeísmo, que são inimigos da verdade e da liberdade, como a história tem demonstrado.

Talvez, ao ler as últimas páginas, perceba como me tenho debatido com esta questão desafiadora: “E a grande maioria dos cristãos que acreditam sinceramente na Trindade?” Não tem sido fácil para mim, mas de uma coisa estou absolutamente certo: os trinitarianos que insistem que o Deus da Bíblia é uma “Trindade” *não se parecem com Jesus, que não era trinitariano!* Deus para Jesus era apenas e sempre o Pai, o único *Yahweh* Deus do AT. Falar desse Deus Pessoal em linguagem trinitária como sendo uma “essência” ou uma “substância” é contrário à linguagem de Jesus, para não dizer contrário à lógica, pois uma substância não é um “ele”, mas um “isso”! “Assim”, como *Chang* salienta, ‘o Trinitarianismo reduziu’ Deus a um ‘isso’ ... A igreja precisa de regressar a *Yahweh* e pôr fim a todas as distorções do conceito de Deus. Só então poderemos ser libertados do mal da mentira e regressar à verdade que só pode ser encontrada em *Yahweh*”. [47] Ou, como *Anthony Buzzard* afirma sucintamente no seu último livro, se Jesus nos fornece a única definição correta de Deus, então “Abandonar o credo de Jesus deve ser equivalente a abandoná-lo”. [48] Certamente é altura de abandonarmos a nossa própria teologia e voltarmos ao monoteísmo unitarista que afirmamos seguir... Ou pelo menos sermos suficientemente honestos para admitir que temos um Deus diferente daquele que Jesus conheceu e amou!

Se permitirmos que o nosso Senhor e Rei tenha aqui a última palavra, ele diz claramente: “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João 4:23, 24). Quem é que Jesus declara serem os “verdadeiros adoradores”? Ele insiste: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai...” Se queremos estar entre os verdadeiros adoradores, devemos, com Jesus, adorar o seu Pai. Evidentemente, Jesus não diz que aqueles que adoram “Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo, três Pessoas num só Deus” são os verdadeiros adoradores. Aqueles que adoram o Pai como o “*único Deus verdadeiro*” são-no. O adorador do Deus Único, o Pai, tem a afirmação do próprio Jesus de que é o verdadeiro adorador.

Este é o padrão bíblico do princípio ao fim. A chamada Oração do Pai Nosso, a oração modelo, ensina-nos, “*Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus...*” (Mateus 6:9). Este padrão de oração e adoração prescrito pelo nosso Senhor Jesus é seguido e sancionado por todos os exemplos dados nas Escrituras. Veja o seguinte:

“*Ora, o Deus de paciência e consolação vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, Para que concordes, a uma boca, glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Romanos 15:5, 6).

“*Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Efésios 3:14).

“*Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Efésios 5:20).

“*Ora, a nosso Deus e Pai seja dada glória para todo o sempre. Amém*” (Filipenses 4:20).

“*raças damos a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós*” (Colossenses 1:3).

“*Dando graças ao Pai*” (Colossenses 1:12).

“*E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai*” (Colossenses 3:17).

Esta lista não é, de forma alguma, exaustiva. Mas basta mostrar que, com o nosso Senhor Jesus, devemos adorar e orar ao *Pai*. Este é o padrão habitual de oração e adoração no NT. Eles oraram ao Deus Único através do nome ou da autoridade de Jesus Cristo. Evidentemente que não tinham consciência de que o Espírito Santo era Deus (uma terceira Pessoa), porque onde é que em todas as páginas da Bíblia os santos oram ao Espírito Santo? E onde, em todas as páginas das Escrituras, os adoradores de Deus cantam ao Espírito Santo, como é o costume geral na cristandade de hoje? Os adoradores do NT eram cristãos ignorantes? Ou talvez estivessem mais bem informados sobre quem são os verdadeiros adoradores que o Pai procura? Poderá perguntar-se: e aquelas passagens onde o Senhor Jesus é adorado? Ou onde ora ao Senhor Jesus? Certamente que esta é uma prova positiva de que Jesus é Deus porque só Deus deve ser adorado? (As palavras de Jesus são frequentemente usadas para apoiar esta crença: “*Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás*” (Mateus 4:10), como se Jesus quisesse dizer: “Eu sou o Senhor teu Deus, adora-me apenas.” Mas este significado é totalmente incongruente e não tem paralelo no registo do NT). Depois, claro, há a própria diretriz de Deus, o Pai, aos anjos a respeito de Jesus, o Filho de Deus: “*E todos os anjos de Deus o adorem*”. (Hebreus 1:6). O facto de Jesus ser adorado por Tomé ao cair a seus pés e honrá-lo com a confissão: “*Meu Senhor e meu Deus!*” para muitos, apresenta a prova final de que Jesus é Deus (João 20:28).

Para tudo isto existe uma solução muito simples. Mais uma vez isto é uma falta de compreensão da cultura bíblica; uma falha em ler a Bíblia através dos olhos hebraicos. No AT, a principal palavra hebraica para adoração é “*shachah*”. Ocorre cerca de 170 vezes, mas o que é surpreendente é que apenas cerca de metade deste número se refere à adoração de Deus como Deus. Este facto está oculto nas nossas traduções para o inglês. Os tradutores preferem dizer “curvar-se diante” ou “reverência” quando “*shachah*” se refere à homenagem prestada a pessoas nobres, sejam anjos ou homens, mas dizem “adoração” quando o objeto é Deus. Esta é uma falsa distinção que o texto original não suporta. Estes são apenas alguns exemplos:

Ló “adorou” os dois estrangeiros que pareciam viajantes normais quando entraram em Sodoma (Génesis 19:1).

Abraão “adorou” os líderes gentios da terra onde vivia (Génesis 23:7).

Jacob “adorou” o seu irmão mais velho, Esaú (Génesis 33:3).

Os irmãos de José “adoraram-no” (Génesis 43:26).

Rute “adorava” Boaz (Rute 2:10).

David “adorou” Jónatas (1 Samuel 20:41).

David “adorou” o rei Saul (1 Samuel 24:8).

Mefibosete caiu com o rosto por terra e “adorou” David (2 Samuel 9:6).

Abigail “adorava” David, o proscrito (1 Samuel 25:23, 41).

Toda a congregação “adorava” o rei (1 Crónicas 9:20).

Estes são apenas alguns exemplos de muitos que poderiam ser citados para mostrar a relutância dos tradutores em traduzir consistentemente “*shachah*” como “adoração” quando a adoração de pessoas importantes era obviamente uma característica comum da cultura hebraica. Nas Escrituras,

a adoração é oferecida a Deus e aos homens. Não há nenhuma palavra especial no AT para “adoração” reservada exclusivamente a Deus. Mas há alguma relutância em traduzir esta palavra de forma coerente. Se procurar as traduções em português dos versículos acima, descobrirá que não usam a palavra “adoração” (*shachah*). Preferem dizer “curvado”, “venerado” ou “prestado homenagem” em vez de “adorado”. Esta incoerência de tradução criou a falsa impressão de que só Deus pode ser adorado.

Então, como explicamos isto à luz do mandamento claro de que devemos adorar apenas a Deus Pai como primeiro mandamento e ao próprio Jesus? Afinal, será isto uma contradição? De maneira nenhuma. A resposta é que sempre que os homens “adoravam” outros homens, era uma adoração *relativa*. Na maioria dos exemplos acima fica claro que os adorados eram os representantes de Deus. Mais uma vez voltamos ao princípio da agência judaica. Os israelitas não tiveram dificuldade em oferecer este culto proporcional ou *relativo* aos que vinham em Nome de Deus, com a mensagem de Deus. É óbvio que o primeiro mandamento “*Não debes curvar-te [shachah] diante deles nem os servis*” não é uma proibição contra uma adoração relativa daqueles que são dignos dela. Se este foi o caso, então obviamente todos estes homens e mulheres piedosos do AT pecaram gravemente. Deus até promete um dia vindouro em que fará com que os nossos inimigos “*eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés*” (*Apocalipse 3:9*). Tal adoração dos santos por decreto de Deus é claramente uma adoração relativa e proporcional. É perfeitamente legítimo homenagear quem o merece. É por isso que muitos judeus não achavam errado “adorar” Jesus nos Evangelhos porque o reconheciam como um profeta de Deus, ou o Messias enviado por Deus. Mas é absurdo pensar que estas pessoas boas acreditavam que Jesus era Jeová Deus só porque O adoravam. Quando viram e ouviram as maravilhas de Jesus, glorificaram a Deus através d’Ele (*Mateus 9:8; 11:27; 28:18; Lucas 7:16; 9:11; 10:22*). Isto encaixa com todo o ensino do NT de que é Deus Pai que receberá glória através do Seu Filho Jesus (*Efésios 1:3, 6, 12; 1 Pedro 1:3; Hebreus 13:15*, etc.). A exaltação de Cristo é o meio para atingir um fim mais elevado. Porque através dele toda a adoração é dirigida, em última análise, ao seu Deus e Pai. Adorá-Lo como Senhor Messias é, portanto, uma adoração divinamente agradável, mas subordinada ou relativa. É instrutivo ler que no Reino vindouro o Senhor Jesus orquestrará a adoração dos seus irmãos em supremo louvor ao seu Pai. Ele “*Anunciara*” o Nome de Deus aos seus “*irmãos*” e “*Cantar-te-ei louvores no meio da congregação*” (*Hebreus 2:12*). Aí, nesse Reino glorioso, Jesus Cristo continuará a ser um alegre adorador de Deus, seu Pai. Aí adora o Pai como o Senhor Deus, o único bom e santo (*Apocalipse 15:3, 4*). Assim, só o único Deus e Pai é absolutamente adorado. Qualquer outra adoração divinamente designada é uma homenagem a outras pessoas que não o próprio Deus. Jesus está entre os dignos de tal adoração porque é adorado como o único Messias, o Filho e agente supremo de Deus.

O primeiro mandamento adverte contra a adoração de deuses rivais ou de falsos representantes desses deuses rivais. O Senhor não pode tolerar isso. É por isso que Jesus rejeitou a homenagem ao Diabo quando lhe ofereceram os reinos deste mundo. Foi por isso que Jesus aceitou a adoração de Tomé porque conhecia o decreto de Deus relativo ao Messias. Jesus conhecia a profecia: “*Servi ao SENHOR com temor, e ... Beijai o Filho*” (*Salmos 2:11, 12*). Jesus sabia que Deus, seu Pai, tinha decretado: “*prostrai-vos diante dele todos os deuses*” (*Salmos 97:7*). Jesus sabia que os mensageiros angélicos de Jeová no passado tinham recebido adoração relativa de homens e mulheres que agradavam a Deus. Jesus sabia que os agentes do único Deus verdadeiro podiam ser tratados como se fossem Deus. E Jesus sabia que era o Filho e o agente supremo de Deus, quanto maior é a sua dignidade! Como “Filho Unigénito” a quem o Pai tinha “selado” e comissionado,

sabia que quem o honrasse honraria também o Pai. Este foi o decreto do seu Pai (ver *Salmos 2:11, 12; 97:7*). E Jesus disse que quem viu o Filho viu o Pai.

Adoração de Tomé a Jesus Ressuscitado como “Meu Senhor e Meu Deus”

É por isso que Jesus não repreendeu Tomé quando este caiu a seus pés e adorou o Senhor ressuscitado. Não porque Jesus soubesse que era Jeová Deus e Tomé tivesse finalmente percebido esse facto. Antes, foi um tributo oferecido a Jesus como Messias ordenado por Deus. Jesus pode ser adorado como o Senhor Messias. Na verdade, é claramente isto que o escritor João quer dizer ao narrar este incidente, uma vez que os dois versículos seguintes dizem que estas coisas “*oram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo (Messias), o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome*” (*João 20:31*). Dizer que Tomé adorava Jesus como Deus Todo-Poderoso é contradizer diretamente o propósito declarado de João ao escrever todo o seu Evangelho. Quando Tomé caiu aos pés de Jesus e O adorou, reconheceu finalmente que o Jesus ressuscitado era o Senhor Messias há muito prometido. A linguagem de Tomé estava impregnada de conceitos do AT. Lembra-se de quando David saiu da gruta e chamou o rei Saul: “*Meu senhor e meu rei*” (*1 Samuel 24:9*)? Da mesma forma o Messias Rei deve ser adorado e adorado pela sua noiva: “*Então o rei se afeiçoará da tua formosura, pois ele é teu Senhor*” (*Salmos 45:11*). A língua de Tomé pertence à mesma tradição hebraica. Ele quer dizer a mesma coisa. Tomé dirige-se ao legítimo rei de Israel, o Senhor agora ressuscitado e vitorioso. Nós apenas temos que pensar como os judeus do primeiro século mergulhados nos seus profetas do AT! “*Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é CRISTO, o Senhor*” (*Lucas 2:11*). Os magos acreditavam que o menino Jesus era o rei de Israel. Traziam os seus presentes de ouro, incenso e mirra para o adorar: “*Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo... prostrando-se, o adoraram*” (*Mateus 2:2, 11*). “*a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo*” (*Atos 2:36*). A adoração é oferecida a Jesus porque Ele é o Messias, o Filho de Deus, o rei de Israel. Já vimos que, no entendimento judaico, a palavra “Deus” pode referir-se a alguém que representa o Deus Todo-Poderoso (*Êxodo 7:1*, etc.). O rei de Israel podia ser chamado “deus” porque representava Deus para o povo. Tomé conhecia as profecias do AT de que o Messias seria chamado “deus”, porque representaria Jeová na perfeição. A adoração de Tomé era a de um judeu profundamente enraizado na fé do AT de que Deus é um só Jeová e que o Messias também é chamado de “deus” num sentido relativo e real, em vez de absoluto. O Salmo 45:7 diz sobre o Messias: “*Tu amas a justiça e odeias a impiedade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros*”.

Evidentemente, este ungiu tem um Deus acima de si: Jeová é o seu Deus. Pensando bem, não foi isso que o próprio Jesus disse alguns versículos antes de receber a adoração de Tomé? “*Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus*” (*João 20:17*).

Exaltado no céu neste momento, Jesus ainda chama ao Senhor Deus Todo-Poderoso “*meu Deus*” e “*meu Pai*” (ver *Apocalipse 3:2, 5, 12*). O Senhor Deus é ainda chamado “*teu Deus e Pai*” (*Apocalipse 1:6*). No Apocalipse há sempre “*o nosso Deus*” e “*o Seu Cristo*” (*Apocalipse 12:10; 20:6*) ou “*o Senhor Deus Todo-Poderoso e Cordeiro*” (*Apocalipse 6:16; 21:22; 22:1, 3*). Sim, num bom entendimento hebraico, o culto de Tomé conserva esta distinção bíblica:

Senhor e Messias = Senhor e rei = Senhor e deus

Por isso, é perfeitamente legítimo que os cristãos que amam o Senhor Jesus como seu Salvador e Messias orem a Ele. (Ele disse: “*Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei*”, *João 14:14*). E o apóstolo Paulo apelou diretamente ao Senhor Jesus em oração por uma necessidade pessoal premente em *2 Coríntios 12:8*). É perfeitamente legítimo que os cristãos no culto cantem e entoem melodias “*ao Senhor no vosso coração [pois isto é] Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo*” (*Efésios 5:19, 20*). [49] Mas só o Pai pode ser adorado como Deus Todo-Poderoso. Como disseram *Buzzard e Hunting*:

A “adoração” pode ser oferecida aos reis como representantes de Deus, e até mesmo aos santos glorificados (*1 Crônicas 29:20*; *Apocalipse 3:9*). Por isso, é falacioso argumentar que, porque Jesus é “adorado”, deve ser Deus. Jesus pode ser “adorado” como o Messias. Só o Pai é adorado como Deus. O mesmo verbo grego serve ambos os sentidos de “adoração”. [50]

E dos mesmos autores:

Como Messias, Jesus, o representante credenciado do Criador, é honrado em associação com o Deus Único, seu Pai (*Apocalipse 5:12, 13*). Mas também se junta aos santos no cântico de louvor do Cordeiro ao Pai (*Apocalipse 15:3*). Ele é o princípio e o fim do grande plano de salvação de Deus (*Apocalipse 1:17*). Contudo, Ele morreu (*Apocalipse 1:18*), um facto que significa claramente que Ele não pode ser Deus, uma vez que Deus não pode morrer. Só o Deus Todo-Poderoso é o próprio Deus. Em *Apocalipse 1:8* o Pai é o Alfa e o Ómega e o Senhor Deus Todo-Poderoso. Este último título (“o Senhor Deus Todo-Poderoso”) não é dado a Jesus em lado nenhum, apesar das tentativas de algumas Bíblias com letras vermelhas de aplicar este versículo ao Filho, perpetuando a antiga confusão do Messias com Deus. [51]

Sim, importa o que creditamos sobre o único Deus da Bíblia e o Seu Filho. Jesus Cristo, fundador da sua Igreja, disse que isto importa. O seu credo é que o seu Pai é “o único Deus verdadeiro” e que o seu próprio Messias é o único Deus comissionado. É importante porque a nossa relação com Deus depende de conhecer este único Deus verdadeiro e o Seu Filho. Define este conhecimento como “vida eterna”. É importante porque o nosso mundo está perdido e precisa desta mensagem que pode unir todos sob o único Deus da Bíblia. É importante porque determina se somos considerados verdadeiros e adoradores de acordo com o modelo bíblico. É importante porque é o grande e único dia da Era Vinda, “*Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai*” (*Filipenses 2:10, 11*). A adoração que prestamos ao nosso glorioso Senhor Jesus Cristo é uma adoração que, em última análise, é prestada ao seu Deus e ao nosso Deus, ao seu Pai e nosso Pai.

Notas Finais

- [1] *Martyn Lloyd-Jones, “God the Father, God the Son: Great Doctrines Series”* (Deus Pai, Deus Filho: Série Grandes Doutrinas), Londres: Hodder & Stoughton, 1996, págs. 84-85.
- [2] *Walker, “Gnosticism: Its History and Influence”* (Gnosticismo: Sua História e Influência), pág. 73.
- [3] *Ibid.*, pág. 30.
- [4] *Timothy Freke y Peter Gandy, “The Jesus Mysteries: Was the Original Jesus a Pagan God?”* (Os Mistérios de Jesus: O Jesus Original era um Deus Pagão?) Londres: Harper Collins, 1999, págs. 100-101.

- [5] Lloyd-Jones, “*God the Father; God the Son*” (Deus o Pai, Deus o Filho), pág. 86.
- [6] *Ibid.*, pág. 86.
- [7] Lewis Carroll, “*Through the Looking-Glass*” (Através do Espelho), Focus on the Kingdom, 6:12.
- [8] “*The Interpreter’s Dictionary of the Bible: An Illustrated Encyclopedia*” (Dicionário do Intérprete da Bíblia: Uma Enciclopédia com Ilustrações), Nueva York: Abingdon Press, 1962, vol. 2, pág. 427.
- [9] 22:372, O sublinhado é meu.
- [10] Millard J. Erickson, “*God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity*” (Deus em Três Pessoas: Uma Interpretação Contemporânea da Trindade), Grand Rapids: Baker Books, 1995, p. 11.
- [11] *Ibid.*, págs.108-109.
- [12] Douglas McCreedy, “*He Came Down From Heaven: The Preexistence of Christ and the Christian Faith*” (Ele Desceu do Céu: A Pré-existência de Cristo e a Fé Cristã), Intervarsity Press, 2005, pág. 48.
- [13] *Ibid.*, pág. 49.
- [14] *Ibid.*, pág. 69.
- [15] Richard R. Hopkins, “*How Greek Philosophy Corrupted the Christian Concept of God*” (Como a Filosofia Grega Corrompeu o Conceito Cristão de Deus), Horizon Publishers, 2005, pág. 115.
- [16] Emil Brunner, “*The Christian Doctrine of God, Dogmatics*” (A Doutrina Cristã de Deus, Dogmática), Filadelfia: Westminster Press, 1949, vol. 1, pág. 226.
- [17] R.A. Torrey, “*The God of the Bible*” (O Deus da Bíblia), pág. 63.
- [18] Anthony Buzzard y Charles Hunting, “*The Doctrine of the Trinity: Christianity’s Self-Inflicted Wound*” (A Doutrina da Trindade: A Ferida Auto-Infligida do Cristianismo), Lanham, Nueva York: International Scholars Publications, 1998, págs. 25-26.
- [19] R.A. Torrey, “*The God of the Bible*” (O Deus da Bíblia), pág. 64.
- [20] William Smith, “*A Dictionary of the Bible*” (Um Dicionário da Bíblia), ed. Peloubet, pub MacDonald. Co., 1948, pág. 220.
- [21] “*The American Journal of Semitic Language and Literature*” (Revista Americana de Língua e Literatura Semítica), 1905, vol. XXI, pág. 208.
- [22] “*The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*” (A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog do Conhecimento Religioso), vol. 12, pág. 18.
- [23] Eric H.H. Chang, “*The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*” (A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog do Conhecimento Religioso), Xlibris, 2009, pág. 46, Ênfase original.
- [24] R.A. Torrey, “*The God of the Bible*” (O Deus da Bíblia), págs. 65-66.
- [25] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), págs. 17-18.
- [26] Anthony Buzzard, “*Focus on the Kingdom*” (Enfocados em el Reino), vol. 6, núm. 4, pág. 5.
- [27] Chang, “*The Only True God*”, (O Único Deus Verdadeiro), págs. 211-212.
- [28] *Ibid.*
- [29] R.A. Torrey, “*The God of the Bible*” (O Deus da Bíblia), págs. 74-75.
- [30] Robert Hach, “*Possession and Persuasion*” (Possessão e Persuasão), pág. 116.
- [31] N.T. Wright, “*Who Was Jesus?*” (Quem foi Jesus?) pág. 49.
- [32] 18 de diciembre de 2004.
- [33] Robert Hach, “*Possession and Persuasion*” (Possessão e Persuasão), pág. 17.
- [34] N.H. Snaith, “*The Distinctive Ideas of the Old Testament*” (As Idéias Distintivas do Antigo Testamento), pág. 47.
- [35] Robert Hach, em seu artigo “*The Biblical Concept of Mediation*”, (O Conceito Bíblico de Mediação), apresentado na Conferência Teológica da Faculdade Bíblica de Atlanta, 2005.
- [36] Obispo Beveridge, “*Private Thoughts, part 2*” (Pensamentos Particulares, Parte 2), págs. 48-49, citado por Charles Morgridge, “*The True Believer’s Defence Against Charges Preferred by Trinitarians for Not Believing in the Deity of Christ*” (A Defesa do Verdadeiro Crente contra as Acusações Preferidas dos Trinitários de Não Acreditar na Divindade de Cristo), Boston: B. Green, 1837, pág. 16.
- [37] G. Abbott-Smith, “*A Manual Greek Lexicon of the New Testament*” (Um Manual Léxico Grego do Novo Testamento), terceira ed., Edimburgo: T & T Clark, 1950, p. 2.
- [38] Joseph Henry Thayer, “*A Greek-English Lexicon of the New Testament*” (Um Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento), Nueva York: American Book Company, 1889, p. 2.
- [39] Sidney Hatch, “*Brief Bible Studies*” (Estudos Bíblicos Breves), vol. 23, núm. 1, 1992.
- [40] “*A Critical Lexicon and Concordance*” (Um Léxico Crítico e Concordância), segunda ed., revisada, Londres: Longmans, Green & Co. 1886, pág. 336.

- [41] *Raymond Brown, "An Introduction to New Testament Christology"* (Introdução à Cristologia do Novo Testamento), Nueva York: Paulist Press, 1994, p. 174.
- [42] *"Homilies on John"* (Homilias Sobre João).
- [43] *Kuschel, "Born Before All Time?"* (Nascido antes de todos os tempos?) págs. 274-275.
- [44] *"The Interpreter's Bible"* (A Bíblia do Intérprete), VI, pág. 1112.
- [45] *Kuschel, "Born Before All Time?"* (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 514.
- [46] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity"* (A Doutrina da Trindade), pág. 299.
- [47] *Chang, "The Only True God"* (O Único Deus Verdadeiro), pág. 391-392
- [48] *Anthony Buzzard, "Jesus Was Not a Trinitarian"* (Jesus Não Era Trinitário), Restoration Fellowship, 2007, p. 61.
- [49] Alguns podem perguntar como sabemos que "o Senhor" aqui é Jesus e não o Pai. Em *1 Coríntios 8:6*, Paulo já nos estabeleceu que há "um só Senhor, Jesus, o Messias". É lógico que, doravante neste livro, quando Paulo fala do "Senhor" sem qualquer outra qualificação, ele está realmente falando do Senhor Jesus. O mesmo se aplica em *Efésios*. Já em *Efésios 4*, Paulo nos disse que há "um só Senhor" e, portanto, há "um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por todos e em todos" (*versículos 5-6*). Mais uma vez, é claro que o "único Senhor" que é Jesus difere do "um só Deus, o Pai". Novamente, é razoável supor em *Efésios* que sempre que Paulo fala do "Senhor" sem mais reservas, ele está se referindo a Jesus Cristo e não ao Pai.
- [50] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity"* (A Doutrina da Trindade), pág. 203.
- [51] *Ibid.*, pág. 134.

Cuatro OUTRO SEÑOR

*DISSE o SENHOR ao meu Senhor: “Assenta-te à minha
mão direita, até que ponha os teus inimigos por
escabelo dos teus pés” (Salmo 110:1, RSV)*

No início deste livro mencionei uma noite fatídica e um encontro transformador com um professor bíblico britânico que reside agora no *Atlanta Bible College*, nos Estados Unidos, *Anthony Buzzard*. O *Anthony* perguntou-me: “Acredita na Trindade?” Sem pestanejar, respondi afirmativamente. Não foi toda a gente que fez isso? Exceto, claro, aquele radical Ario e os seus descendentes modernos, as Testemunhas de Jeová. Mas cresci ao lado da maioria. Neste caso eu pertencia à verdadeira e comprovada tradição da Igreja. Além disso, nunca tive um momento de ansiedade em relação à verdade da Trindade. Pregava esta doutrina do púlpito com grande confiança e convicção. Não tive qualquer problema em confundir aqueles que duvidavam. Nunca senti um momento de consternação intelectual ou emocional com isso. Até àquele fatídico encontro. Então, o que é que me fez perder o equilíbrio naquela noite?

Simplificando, foi o versículo citado no início deste capítulo. *Salmo 110, versículo 1*. Depois de todo o meu estudo bíblico e formação teológica, o *Anthony* surpreendeu-me. Não sabia que num texto chave do AT existem dois Senhores? “**DISSE o SENHOR ao meu Senhor**” O primeiro SENHOR é Jeová, que nas suas 6.800 aparições se refere sempre ao único Deus supremo. Este Deus é também chamado “*Adonai*”, Senhor Deus, 449 vezes. O segundo Senhor (a quem Jeová se dirige no *Salmo 110:1*) é “*adoni*”, que nas suas 195 aparições nunca significa o Deus supremo, mas refere-se sempre a um superior humano (ou ocasionalmente angélico). “*Adonai*” e “*adoni*” mostram-nos a distinção bíblica entre Deus Todo-Poderoso e o homem.

Nessa noite inesquecível aprendi que este versículo do AT é o versículo mais citado nas páginas do NT. Portanto, deve ser um versículo muito significativo. Onde está o seu significado? O Messias no *Salmo 110:1* é tratado com um título humano, e não com um título divino! O Messias não é igual a Jeová Deus.

Ele é o Senhor Messias, não o Senhor Deus! De acordo com a Bíblia Hebraica, existem *dois* Senhores. Não é à toa que me senti uma “tainha atordoada”! [1]

Vamos dar uma vista de olhos a alguns versículos do AT que nos mostram a clara distinção aqui mencionada. Em *Génesis 15:2*, Abraão ora a Deus e diz: “*Senhor Jeová [Adonai Yahweh]*, que me hás de dar? Pois ando sem filhos”, Noutra oração, o servo de Abraão dirige-se a Deus: “*Ó SENHOR, Deus de meu senhor Abraão, dá-me hoje bom encontro, e faz beneficência ao meu senhor Abraão!*” (*Génesis 24:12*). A segunda palavra para “meu senhor” aqui é “*adoni*”, que por qualquer léxico hebraico padrão significa “senhor”, “mestre” ou “proprietário”. Outro exemplo encontra-se no discurso de David aos seus homens depois de ter cortado a orla do manto do rei Saul e a sua consciência o estar a incomodar: “E disse aos seus homens: O SENHOR [aqui a palavra é *Yahweh*, Senhor Deus] me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor [*adoni*]” (*1 Samuel 24:6*). Mais um exemplo será suficiente. É muito sangrento. Dois homens decapitaram Is-

Bosete, filho de Saul, pensando que tinham feito um favor a David. Ao apresentarem a cabeça decepada a David, estes dois homens anunciaram: “*assim o SENHOR [Yahweh, que é o equivalente a Jeová] vingou hoje ao rei meu senhor [adoni], de Saul e da sua descendência*” (2 Samuel 4:8). [2]

Eis as palavras de alguns dos melhores comentadores hebreus: “‘*Adonai*’ e ‘*Adoni*’ são variações de apontar para distinguir a referência divina da humana”. [3]

“A forma “*Adoni*” (“meu senhor”), um título real (1 Samuel 29:8), deve ser cuidadosamente distinguida do título divino “*Adonai*” (“Senhor”) usado para *Yahweh*. ‘*Adonai*’, a forma especial plural [o título divino] distingue-o de “*adonai*” [com vogal breve] = ‘*meus senhores*’”.

“Senhor no AT é usado para traduzir “*Adonai*” quando aplicado ao Ser Divino. A palavra [hebraica]... tem um sufixo [com indicação especial] presumivelmente para distinguir... entre a denominação divina e humana”. [5]

“O hebraico “*Adonai*” denota exclusivamente o Deus de Israel. Está atestado cerca de 450 vezes no AT... “*Adoni*” [é] dirigido aos seres humanos (*Génesis 44:7; Números 32:25; 2 Reis 2:19*, etc.). Temos de assumir que a palavra “*Adonai*” recebeu a sua forma especial para a distinguir do uso secular de “*adon*” [isto é, *adoni*]. A razão pela qual [Deus é tratado] como “*Adonai*” [vogal longa] em vez do normal “*adon*”, “*Adoni*” ou “*adonai*” [vogal curta] pode ter sido para distinguir *Yahweh* de outros deuses e de senhores humanos. [6]

“A forma ‘ao meu senhor’, “*l’adoni*”, nunca é utilizada no AT como referência divina... O facto geralmente aceite é que a declaração massorética distingue as referências divinas (*adonai*) das referências humanas (*adoni*). [7]

Voltemos ao *Salmo 110:1*. Se David, o salmista, esperasse que o Messias fosse o SENHOR Deus, não teria usado “o meu senhor” (*adoni*), mas o termo usado exclusivamente para o Deus Único, “Jeová – *Adonai*”. Em nenhuma ocasião “*adoni*”, “meu senhor”, se refere ao Senhor Deus. Esta distinção é geralmente preservada nas nossas traduções para português, escrevendo “*Adonai*” como “Senhor” e “*adoni*” como, “meu senhor”. Infelizmente, porém, muitas traduções inglesas que preservam fielmente esta distinção noutros lugares colocam o segundo “senhor” com maiúscula apenas no *Salmo 110:1*. Isto é injustificado. Dá a impressão enganadora de que a palavra é o título divino, “*Adonai*”. Não é. Várias publicações deturpam aqui os factos e relatam que o segundo “senhor” vem do hebraico “*Adonai*”, o que não é o caso. Alguns, porém, mantêm a distinção correta mesmo aqui (sabendo que é prejudicial à posição trinitária de que Jesus é Deus). A Versão Revista traduz fielmente: “*O Senhor diz ao meu senhor: Senta-te à minha direita*” (também em RSV e NRSV).

O eminente estudioso do NT, *George Eldon Ladd*, traduz o versículo desta forma: “*O Senhor [Yahweh] disse ao meu Senhor [Messias], assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés*”. [8]

O Dr. *William Barclay* afirma que o *Salmo 110* foi universalmente aceite como messiânico e que “O primeiro Senhor é Deus, pois Deus é quem fala; O segundo Senhor é o Messias, o conquistador libertador e o campeão triunfante que está para vir”. [9]

A maioria, embora reconheça a distinção, parece ter medo de realmente a expressar por medo das suas implicações para a cristologia. Depois traduzem parcialmente, mantendo a capitalização enganadora no segundo “senhor”: “*O Senhor diz ao meu Senhor: Sente-se à minha direita*” (de acordo com KJV, NASB, NKJV).

Tanto os fariseus como Jesus sabiam que este versículo inspirado era crucial para a compreensão da identidade do Messias prometido. Jesus citou-o para mostrar que o Messias seria tanto filho (descendente) do Rei David como “senhor” de David (ver *Mateus 22:41-46; Marcos 12:35-37; Lucas 20:41-44*). Se David tivesse profetizado que o Messias seria o Senhor Deus, teria usado a palavra exclusivamente para designar o único Deus verdadeiro, “*Adonai*”. Isso não aconteceu. Em vez disso, usou a palavra hebraica para designar os superiores humanos, mas nunca o Senhor Deus, “*adoni*”, que significa “meu professor” ou, “meu senhor”. Portanto, o Salmo dá-nos uma chave indispensável sobre quem é o Messias.

É sobre esta definição fundamental do estatuto de Jesus que se constrói toda a cristologia do NT. Jesus é o senhor a quem David se dirigiu profeticamente como “meu senhor” (*adoni*). Jesus é certamente “*kyrios*” (senhor), mas não é certamente o Senhor Deus. Este título, “*adoni*”, distingue invariavelmente um superior humano do Deus Único no AT. É uma distinção clara e coerente. [10]

Este versículo-chave, então, mais citado do que qualquer outro no NT, autoriza o título de “senhor” para Jesus. A falta de compreensão desta distinção levou à ideia errada de que sempre que o NT chama “Senhor” a Jesus, isso significa que ele é o Senhor Deus do AT:

Jesus, com base no *Salmo 110:1*, é o senhor de David (“meu senhor”) e, por isso, “*nosso Senhor Jesus Cristo*”. O Pai de Jesus continua a ser apenas o único Senhor Deus, que é também “*o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo*” (*Efésios 1:17*). Portanto, “Deus” e “senhor” sinalizam uma diferença crucial de posição. O Messias não é “Deus coigual”. [11]

Ocasionalmente, será objetado que esta distinção entre “*Adonai*” e *adoni* foi uma adição tardia ao texto hebraico pelos massoretas, por volta de 600 a 700 d.C. e, portanto, pouco fiável. Esta objeção deve ser considerada à luz do facto de os tradutores hebraicos da Septuaginta (a LXX) por volta de 250 a.C. Eles reconheceram e mantiveram cuidadosamente esta distinção hebraica no seu trabalho. Nunca traduziram o segundo “senhor” do *Salmo 110:1* (“meu senhor”, *kyrios mou*) para significar Divindade. O primeiro SENHOR do *Salmo 110:1* (o SENHOR, *Ho Kyrios*) foi sempre reservado ao único Deus, Jeová. À luz desta evidência incontestável, a visão sinceramente sustentada (mas falsa) de que Jesus é o Senhor Deus do AT deveria render-se à confissão bíblica de que ele é o Senhor Messias, ungido unicamente pelo Senhor Deus de Israel. Observamos que os apóstolos mantêm regularmente esta distinção.

1 Coríntios 8:6

Paulo dá a sua declaração definitiva sobre a Divindade no livro de Coríntios. Faz uma clara distinção entre o Senhor Deus e o Senhor Messias: “*e que não há outro Deus, senão um só... Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de [ek] quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo [dia] qual são todas as coisas, e nós por ele*” (1 Coríntios 8:4, 6).

Note-se como Paulo distingue aqui cuidadosamente entre o “único Deus, o Pai” e o “único Senhor”, isto é, “Jesus Messias”. Paulo não estragou o seu credo monoteísta judaico unitário. A sua confissão baseia-se diretamente na distinção dos dois Senhores no Salmo 110:1, o Senhor Deus (*Yahweh*) e o Senhor Messias (*adoni*). Jesus é o Senhor Cristo divinamente designado, por oposição ao Senhor Deus. Infelizmente para aqueles que defendem a doutrina da Trindade, esta declaração de credo da pena do apóstolo não apoia a ideia inventada de que o Deus Único é três em um. Paulo não diz positivamente que “para nós, cristãos, há um só Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo”.

Esta confissão de *1 Coríntios 8:6* de que “há um só Senhor, Jesus Messias” para os cristãos do primeiro século:

Foi um título que Jesus recebeu na sua exaltação, em virtude da sua ressurreição... Foi o Senhor exaltado que a todos suplantou. outros “senhores” e absorveu o seu significado e governo no que respeita tanto ao cosmos como à redenção... Paulo está a falar principalmente do novo entendimento e do novo estado de coisas trazido aos crentes pelo Senhorio de Cristo, sobre as relações entre Deus, Cristo, os crentes e as coisas criadas que agora pertencem. Paulo não está a fazer uma declaração sobre o ato da criação no passado, mas sim sobre a criação tal como os crentes a veem agora. [12]

Kuschel concorda. Diz que em Paulo o “Senhor Jesus Cristo” nunca é uma figura protológica (que poderia então ter estado envolvido na criação do mundo desde o princípio), mas é sempre já uma figura escatológica. O Senhor – com base na sua ressurreição – foi designado por Deus em poder (*Romanos 1:3* e segs.). A confissão “Jesus é Senhor” tornou-se a confissão universal depois de Jesus ter sido exaltado por Deus (*Filipenses 2:11*). Por causa da sua ressurreição e exaltação, Cristo vive agora no caminho de Deus, que é a forma de estar no Espírito (*1 Coríntios 6:11; 15:45*).

Por outras palavras, quando Paulo fala em *1 Coríntios 8:6b* do Senhor Jesus Cristo, refere-se naturalmente ao Senhor exaltado, que na forma do Espírito está presente aqui e agora. O que temos é uma soteriologia universal que abrange toda a criação. A esfera de governo de Cristo já não é limitada.

Isto significa que “esta passagem é sobre a mediação da nova criação... A fórmula cristológica em *1 Coríntios 8:6b*, portanto, não deve ser entendida cosmológica e protologicamente, mas escatologicamente e em termos do presente”. *1 Coríntios 8:6* diz-nos que Deus – o Pai – é passado e futuro, princípio e fim, origem e objetivo, criador (*ek*) e consumidor (*eis*) do mundo e dos seres humanos. Pelo contrário, Cristo é o governante da terra, trazendo a libertação ao presente, porque é o mediador (*día*) de uma nova criação (*2 Coríntios 5:7*), de uma nova aliança (*2 Coríntios 3:6*) e é para ambos Senhor de todos aqueles “deuses e senhores” com que os homens se comprometem no presente. Mas, como diz *Kuschel*, “o próprio Senhor Jesus Messias existe para Deus e, em última análise, estará sujeito ao único Deus, o Pai, para que Deus, o Pai, possa ser tudo em todos” (*1 Coríntios 15:28*). “Aqui Jesus Cristo é certamente o mediador de Deus no estabelecimento da nova criação, mas evidentemente não é o mediador divino da criação do Génesis, antes do tempo”. Isto “proíbe-nos de interpretar *1 Coríntios 8:6b* como uma divergência do monoteísmo judaico”. [13]

Todos os santos do NT mantiveram esta distinção entre o Deus único e o Senhor Messias. Quando a grávida Maria visitou a sua prima Isabel, foi recebida com esta saudação: “E de onde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? [isto é, o Messias]” (*Lucas*

1:43). Sugerir que Isabel acreditava que Maria carregava o Senhor Jeová no seu ventre é desafiar qualquer sentido de história social e cultural apropriado a esta judia. Tal ideia nunca teria passado pela mente hebraica. A saudação de Isabel é o primeiro eco do *Salmo 110:1* no NT. Esta foi também a confissão dos anjos aos pastores, quando lhes anunciaram a notícia de grande alegria porque “na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é **CRISTO, o Senhor**” (*Lucas 2:11*). Mais tarde, no mesmo capítulo, foi dito ao idoso Simeão que “que ele não morreria antes de ter visto o Cristo [o Ungido] **do Senhor** [isto é, o **Messias** de *Yahweh*]” (*Lucas 2:26*).

Jesus Chamado por Títulos Dados a Deus

E aqueles versículos do AT que se referem ao Senhor Deus, mas se aplicam a Jesus no NT? Esta é uma boa pergunta e a resposta gira em torno da ressurreição e glorificação de Jesus à direita de Deus.

Até à sua ressurreição, Jesus era o Messias, mas não era oficialmente “o Senhor Jesus Messias”. O termo “Senhor” quase nunca é utilizado por Mateus e Marcos em passagens narrativas e apenas três vezes por *João* (4:1; 6:23; 11:2), mas cerca de 15 vezes por *Lucas* (por exemplo, 7:13; 10). Estas raras ocasiões em que o escritor chama a Jesus “o Senhor” devem ser reconhecidas como declarações pós-ressurreição, uma vez que o autor se recorda daqueles acontecimentos da vida de Jesus de Nazaré antes de este ser crucificado e ressuscitado. *Dunn*, numa nota de rodapé, ilustra lindamente o princípio: Algo semelhante poderia ser dito de um dos primeiros-ministros da Grã-Bretanha: “O primeiro-ministro *Wilson* estudou economia em Oxford”. Ninguém interpreta mal a frase como significando que *Harold Wilson* já era primeiro-ministro quando estava em Oxford (embora este seja o significado mais “natural” da frase). Qualquer pessoa que o leia, consciente ou inconscientemente, interpreta-o como dizendo (numa linguagem mais precisa): “*Harold Wilson*, que mais tarde se tornou primeiro-ministro, estudou Economia em Oxford”. [14] Da mesma forma, quando os autores dos Evangelhos falam de Jesus no seu ministério pré-ressurreição, por vezes chamam-Lhe “o Senhor”.

Embora muitas pessoas se dirigissem a Jesus como “Senhor” nas narrativas evangélicas, esta era utilizada como uma forma educada de se dirigir a Ele, equivalente a “Senhor”. (Algumas Bíblias em inglês traduzem a palavra “*kyrios*” desta forma e captam o significado na perfeição.) Mas a chave para a história da palavra (“Senhor” como título para o Messias) encontra-se no Evangelho de *João*, onde a palavra é usada para se referir a Jesus. nas porções narrativas dos primeiros 15 capítulos apenas três vezes, mas nas histórias de ressurreição dos dois últimos capítulos é utilizado nove vezes. “O evangelista sente-se à vontade para falar de Jesus como Senhor *depois da sua ressurreição*, mas não considera adequada a designação no ministério anterior. Isto sugere que o título pertence principalmente a Jesus como Ressuscitado e Ascendido”. [15]

Muito bem. Porque Jesus se tornou Senhor num sentido universal não reconhecido antes da sua ressurreição. A exaltação de Jesus à direita de Deus significa que “*Deus o fez Senhor e Cristo*” de uma forma cósmica abrangente que não era a sua antes (*Atos 2:36*). Jesus está agora “à direita de Deus” – um estatuto de que não gozava anteriormente – “*O qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências*” (1 *Pedro 3:22*). Nos dias da sua carne, Jesus foi ungido e, no entanto, sofreu, embora fosse o Messias, o Filho de Deus. Mas agora, na sua exaltação, “Jesus torna-se o Messias num novo sentido: ele

começou o seu reinado messiânico como rei davídico. “Assim, a exaltação de Jesus à direita de Deus não significa nada menos do que a sua entronização como rei messiânico”. [16] Este é o significado de *Romanos 1*, onde nos é dito que o Evangelho de Deus se refere ao Seu Filho “*Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, Declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor*” (versículos 3-4). Muito claramente, é a ressurreição que distingue Jesus “*com poder*” como o Filho. Ele já era o Filho antes da sua ressurreição (*Mateus 1:20; Lucas 1:35*). Era um descendente direto de David “segundo a carne”. Viveu em verdadeiras fraquezas e limitações humanas. Mas desde a sua ressurreição houve uma mudança definitiva. O poder da sua filiação e estatuto real começou a fazer-se sentir. Vive agora no reino do poder e da glória de Deus. Por isso, a cristologia da igreja apostólica “deve ser formulada em termos [destas] expectativas judaicas”. [17]

Com esta informação estamos em condições de responder à nossa pergunta: Quando o NT transfere do AT títulos e versículos que se referem claramente a Jeová, o Deus Único, para Jesus Cristo, não temos, por isso, o direito de dizer que Jesus é o Deus Jeová? Afinal, é surpreendente descobrir, por exemplo, que onde o profeta Joel fala do Dia do Senhor (Javé) e invoca o nome do Senhor (*Yahweh*) para a salvação, Pedro diz que isso significa invocar o nome do Senhor (Javé). o nome de Jesus de Nazaré (*Atos 2:20, 21; 4:10-12*). Certamente que podemos concluir que isto significa que Jesus é o Senhor do AT? De nada! A solução bíblica é que Deus Pai sempre foi Senhor, mas agora Jesus foi “**feito... Senhor**”. Isto significa que:

Jesus, como Senhor, assumiu o exercício de determinadas funções divinas. Ele derramou o Espírito (*Atos 2:33*); tornou-se objeto de fé (*2:21; 3:16*); dá arrependimento e perdão (*5:31*); ele é o Santo (*3:14*); o autor da vida (*3:15*); o destinatário da oração (*4:29*); será o juiz do mundo (*10:42*); e está à direita de Deus para receber o espírito do primeiro mártir (*7:55, 59*).

[18]

Ou seja, o senhorio de Jesus é uma prerrogativa divina *concedida* a Jesus. Deus convidou-o a partilhar o Seu mesmo trono. Jesus tornou-se aquele através de quem Deus colocará sob controlo todo o poder rebelde no mundo e no universo. É por isso que Pedro cita o *Salmo 110:1* no seu sermão de Pentecostes: “*DISSE o SENHOR [Yahweh] ao meu senhor [Messias]: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.*” Por causa da sua exaltação, Jesus está tão próximo de Deus que exerce muitas das prerrogativas divinas. Citando as palavras de outro eminente estudioso, por causa da sua ressurreição “o exaltado Jesus cumprirá no futuro funções que são na verdade funções do próprio Deus”. [19] Tudo isto significa que Jesus, pela sua ressurreição, exerce agora a plena igualdade funcional com Deus. É por isso que o NT utiliza versículos do AT que falam do Senhor Deus e os transfere para Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus, o agente e representante perfeito do seu Pai. E no sentido hebraico, como já vimos, “o agente é como o próprio principal”.

À luz disto, o que devemos fazer com a afirmação tradicional de que, a menos que acreditemos que Jesus é o Senhor Deus do AT, não poderemos ser salvos? Falando de *Romanos 10:9*, “*Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo*”, *Martyn Lloyd-Jones* afirma que o texto ensina dois pontos essenciais. A primeira é que Jesus é o Senhor, e a segunda é que Deus o ressuscitou dos mortos. Estes são os dois elementos absolutamente essenciais da fé cristã. Não há salvação a não ser que tenhamos

clareza sobre eles. Mas é precisamente aqui que *Lloyd-Jones* comete um erro fundamental e clássico. Ele afirma:

A palavra traduzida por “Senhor” é utilizada na tradução grega do AT para representar a palavra hebraica “YHWH” (Jeová) – o nome pelo qual Deus desejava ser conhecido pessoalmente... então esta afirmação, “que, se ele confessar com o seu falar Jesus como Senhor”, significa: “Se confessares com a tua boca que Jesus é Jeová (YHWH)!” Jesus é o Senhor Deus Jeová!... Você diz: “A minha fé está em Jesus, Jesus de Nazaré, mas eu digo que Ele é Deus, Ele é Jeová”. Esta é a confissão cristã. [20]

É triste para mim ler tais estudiosos eruditos a fazerem afirmações tão infundadas e enganadoras. Se querem ser coerentes, o que acham das confissões dos primeiros cristãos do NT que chamavam a Jesus “Senhor”, mas não faziam ideia de que o chamavam Jeová? Um ou dois exemplos serão suficientes. Quando Maria Madalena encontrou o túmulo de Jesus vazio, chorou de profunda emoção, pois pensou que alguém tinha roubado o corpo. Ela não reconheceu que o Jesus ressuscitado estava mesmo à sua frente. Jesus disse-lhe: “*Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor [grego. kurios, “Senhor”], se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei*” (*João 20:15*). Aqui Maria, pensando que Jesus não é um dignitário superior ao jardineiro, chama-Lhe “Senhor”. Ninguém no seu perfeito juízo acreditaria nem por um momento que Maria pensava que o jardineiro era Jeová, o Senhor Deus! Os tradutores traduzem aqui corretamente a palavra Senhor por “Senhor”. O carcereiro filipense dá o mesmo nome a Paulo e Silas, os prisioneiros sob a sua responsabilidade. O carcereiro cai a seus pés e chama-lhes Senhores. Em *João 4*, a mulher junto ao poço acaba de encontrar Jesus. Jesus ainda nem lhe disse que é o Messias. Mas ela dirige-se-lhe como Senhor: “*Senhor [kurios, “Senhor”], u não tens com que a tirar, e o poço é fundo*” (*versículo 11*). *Martyn Lloyd Jones* não tem, evidentemente, consciência de que a única palavra grega para Senhor pode ser aplicada tanto a Deus como ao homem. Em que sentido deveria então ser interpretada a confissão de “Jesus é Senhor”?

“Senhor” no Livro dos Atos

A resposta mais segura é ver como os cristãos apostólicos o entenderam. Um bom local para consultar é o livro dos Atos. Este livro apresenta-nos um testemunho claro e unificado do testemunho dos apóstolos. É significativo que em parte alguma dos Atos os apóstolos digam que acreditar que Jesus é Jeová, o Senhor Deus, é um requisito essencial para a salvação. Pedro, a quem foram dadas as chaves do Reino, chamou a Jesus “*homem aprovado por Deus*” (*Atos 2:22*). A Bíblia afirma que depois do seu sermão no dia de Pentecostes, cerca de 3.000 pessoas foram salvas. Se Pedro achava que era essencial acreditar que Jesus era Deus Todo-Poderoso, não o disse neste primeiro sermão. Se era necessário crer na Trindade para entrar no Reino de Deus, então Pedro esqueceu-se de mencionar este facto essencial neste dia definitivo. Isto prova que não é necessário acreditar que Cristo é Deus para ser salvo. Ao pregar a estes judeus, Pedro apresenta um Messias que é descendente do Rei David (*versículo 30*). Teria apodrecido e decaído na sepultura como qualquer outro homem se Deus não o tivesse ressuscitado dos mortos (*versículos 24-32*). Porque Deus autenticou “este Jesus” ao ressuscitá-lo (anulando assim o veredicto nacional que o acusava de blasfémia, isto é, afirmando ser o Messias de Deus), Jesus é agora “*exaltado pela destra de Deus*” (*versículo 33*). Deus selou assim “*esse Jesus, a quem vós crucificastes*” (*versículo*

36) e declarou-O “*Senhor e Cristo [Messias]*” à nação de Israel e “*a todos os que estão longe*” (isto é, também aos gentios, *versículo 39*). A prova da Sua Messianidade é que o Espírito Santo foi derramado. Todo o judeu acreditava que o alvorecer da nova era messiânica traria um poderoso derramamento do Espírito de Deus. Este público judeu sabia que as declarações de Pedro significavam que o Deus dos seus pais, Jeová, tinha ressuscitado Jesus em cumprimento das profecias do AT sobre o Cristo. A sua compreensão de que “Jesus é Senhor” foi governada pela sua compreensão do cumprimento messiânico do *Salmo 110*, conforme citado aqui por Pedro em Atos. Nenhum judeu unitário monoteísta teria interpretado as declarações de Pedro em *Atos 2* como significando que o Messias era Jeová Deus. Deve ser interpretado com olhos hebreus. Este mesmo padrão é seguido ao longo dos Atos.

No capítulo seguinte, Pedro chama a Jesus tudo menos Senhor Deus. Jesus é chamado duas vezes “*servo*” de Deus (*Atos 3:13, 26*); o “*Cristo*” de Deus (*versículos 18, 20*); “*o príncipe da vida*” (um título em parte alguma da Bíblia aplicado a Deus, *versículo 15*); o “*profeta*” que Moisés predisse (*versículos 22, 23*). De facto, Pedro tem muito cuidado para não confundir a identidade do Senhor Deus e deste Jesus que é o Senhor Messias. Repare-se no *versículo 13* onde Pedro diz: “*O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus de nossos pais, glorificou o seu Filho Jesus, a quem entregastes e negastes diante de Pilatos, quando este tinha decidido libertá-lo*”. Esta mesma expressão “*o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob*” aparece em Êxodo 3:15 onde Deus diz a Moisés para anunciar ao povo que “*Jeová [YHWH], o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob, enviou-me a vós*” (*Êxodo 3:15*). O Deus de Abraão, Isaac e Jacob é igual ao Senhor (Jeová). Aqui em *Atos 3:13* é “*o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob, o Deus dos nossos pais*” que agora “*glorificou o seu servo Jesus*”. Então Jesus é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob, o Deus dos nossos pais? Absolutamente não! Isso tornaria o texto completamente absurdo. O Deus de Abraão glorificou quem? O mesmo? Não: o seu Servo Jesus. Jesus não é o Deus de Abraão. Jesus não é Jeová, o SENHOR. Ele é o ungido de Deus, o servo de Deus.

Em *Atos 10* surge novamente a mesma distinção. Pedro diz: “*Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele*” (*versículo 38*). Quem ungiu Jesus? Deus ungiu Jesus de Nazaré. E todo o propósito de ungir alguém é para que lhe sejam dados o poder e a capacidade de cumprir a sua comissão. Se ele dissesse: “*O rei ungiu o príncipe*”, não seria possível pensar que o príncipe era o rei. Da mesma forma, Jesus é o “*Autor da vida*” (*Atos 3:15*) a quem Deus ungiu. Jesus aplicou a Si mesmo a profecia messiânica de *Isaías 61* quando leu estas palavras na sinagoga: “*O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor [Jeová] me ungiu*” (*versículo 1; Lucas 4:16-21*). A pessoa que é ungida não é o SENHOR Jeová. Deus não precisa de ungir Deus! Jeová Deus unge Jesus, o Messias. É isto que Jesus afirma para si mesmo e que Pedro anuncia vezes sem conta.

Não temos aqui tempo nem espaço para examinar cada capítulo do livro dos Atos para o provar. Mas encorajo-o a fazer isso por si mesmo. Pegue num marcador colorido como eu fiz quando examinei este problema pela primeira vez e ficará surpreendido com o quão frequente e consistente é este tema. Qual foi a mensagem que Paulo pregou após a sua dramática experiência de conversão? O que é Jesus Jeová Deus? Claro que não, porque a sua mensagem era consistente com o resto do testemunho apostólico: “*E logo nas sinagogas pregava a Cristo, que este é o Filho de Deus*” (*Atos 9:20*). De facto, Paulo continuou a aumentar a sua força “*e confundia os judeus que*

*habitavam em Damasco, provando que aquele era o Cristo” (versículo 22). Ser Filho de Deus é ser o Messias: a mesma mensagem! Na verdade, enquanto o faz, pegue no marcador da mesma cor e leia o resto do NT. Ficará absolutamente espantado, como eu fiquei (mesmo depois de ter lido e estudado seriamente a Bíblia durante décadas!), com a distinção que as Escrituras fazem entre Deus, o Pai, e o Senhor Jesus Cristo. (Pode tentar *1 Coríntios 1:3; 8:6; 2 Coríntios 1:2; Filipenses. 1:2; 4:20; 1 Tessalonicenses 1:1; 3:13; 2 Tessalonicenses 1:2; 2:16; 1 Timóteo 1:2; 2 Timóteo 1:2; Tito 1:4; Gálatas 1:3*).*

Por outras palavras, não há nenhum versículo em todo o livro de Atos (ou em qualquer outro livro do NT) que exija que se acredite que Jesus é o Senhor Deus, Jeová, para entrar no Reino e ser salvo. Em todo o livro de Atos não há nenhuma pregação sobre a Trindade. No entanto, em Atos milhares de pessoas foram salvas de acordo com o registo bíblico. Isso deveria ser uma prova conclusiva de que a Trindade não fazia parte da doutrina apostólica primitiva. Também nunca deve ser ensinado que a menos que creiamos que “Jesus é o Senhor Jeová” não podemos ser salvos. O que é essencial para a salvação, ou seja, essencial para entrar no Reino de Deus quando ele vier, é confessar que Deus fez desse Jesus “*a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo [Messias, Rei]*” – (*Atos 2:36*). E essa confissão deve ser feita nos mesmos termos do oráculo inspirado de David no *Salmo 110:1*, onde o Senhor Messias não é o Senhor Deus.

A confissão “*Jesus é Senhor*” deve ser entendida no seu contexto judaico e nas circunstâncias de um período histórico claramente datado. Não deveria haver discussão sobre isso. Infelizmente, como vimos, devido às pressões da cultura e da política, a personalidade de Jesus foi transformada numa personalidade que nem ele nem os seus apóstolos reconheceriam. Não pode haver dúvidas razoáveis de que o Jesus adorado e em que se acredita hoje é um mito das mesmas proporções gigantescas do ídolo do sonho de Nabucodonosor (*Daniel 2*). Tal como o ídolo de Nabucodonosor, o Jesus de hoje é uma figura composta e contraditória, parte ouro, parte prata, parte bronze, parte ferro e parte barro. Ainda é possível extrair ouro. Mas se quisermos mantê-lo puro, devemos queimar a escória do pensamento helenístico e voltar a afirmar que Jesus é o Senhor Messias judeu. Qualquer outra confissão resultará em “outro Jesus”.

Não podemos dizer que não fomos avisados. O apóstolo João, quase certamente o último apóstolo vivo, advertiu que conceitos falsos sobre a pessoa de Jesus Cristo trariam consequências desastrosas. Deixou-nos uma prova segura: “*Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo*” (*1 João 4:2, 3*).

Historicamente, o “espírito anticristão” específico contra o qual João parece ter alertado foi o docetismo (do grego “*dokeo*” que significa supor ou parecer). Esta forma de gnosticismo grego afirmava que Jesus apenas parecia ter um corpo humano. Os docetistas disseram que o homem Jesus nasceu de Maria, mas a parte “Cristo” dele desceu do céu sobre ele no seu batismo. Pouco antes da sua crucificação, este Cristo celestial deixou o homem Jesus morrer sozinho. Os Docetistas ensinavam que o Filho de Deus, parte de Jesus, era uma emanção ou ser espiritual de Deus. Para combater esta perigosa doutrina, João escreveu (e desta vez vamos aproximar um pouco mais a tradução do que João realmente escreveu): “*Assim conhecereis o espírito de Deus. Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne vem do [verdadeiro] Deus. E todo o espírito que não confessa que Jesus não é de Deus*”.

Observe duas coisas em particular. Em primeiro lugar, as nossas versões inglesas dizem que Jesus Cristo veio “em carne”, mas o texto grego diz simplesmente “em carne”. Isto significa que Jesus Cristo era um ser humano real. Não parecia simplesmente ter, ou parecer ser, de carne e osso. Era totalmente humano, 100% homem. Em segundo lugar, todo o espírito que não confessa que Jesus (em particular) não é de Deus. O artigo definido antes de Jesus tem força demonstrativa e não deve ser esquecido. Qualquer espírito que não confesse este tipo de Jesus – um Jesus “em carne” ou humano – não provém do verdadeiro Deus. *João não diz apenas que “Jesus” era um ser humano. Diz também que “Cristo” era um ser humano. É Jesus Cristo que é humano!* (Note-se o que foi dito anteriormente no livro: “Cristo” é o título grego que significa “Messias”. Cristo não é um nome. É um ofício, um título.) Não existe parte Deus e parte homem. Não há aqui duas naturezas fundidas. A verdadeira confissão apostólica do NT é que Jesus (o) Cristo é um verdadeiro homem de carne e osso.

Os Docetistas criaram um Jesus diferente, um novo “Jesus Cristo”. O seu Jesus tinha duas partes, duas naturezas, uma humana e outra divina; sendo este último uma emanção ou ser espiritual de um Deus remoto no céu. Este seu anticristo era um deus *revestido* de natureza humana. Os Docetistas não podiam aceitar que Deus pudesse fazer de um homem o Messias, criando-o no seio de Maria através de um ato especial de criação. Também não podiam acreditar que Deus pudesse ungir este Jesus como o Messias ou o Cristo e depois ressuscitá-lo dos mortos depois de ter sido crucificado. Pensando bem, esta ideia doutrinária não parece nada diferente da noção moderna de um Jesus de duas naturezas, composto por 100% Deus e 100% homem (o que é 100% contradição). Muitos cristãos de hoje confessam que Jesus é o Messias, mas mais do que isso: dizem que também é Deus. O Jesus que João confessou foi substituído por uma curiosa “pessoa dupla”, totalmente Deus e ao mesmo tempo totalmente homem. Mortal, mas imortal. Tentador e, no entanto, como Deus, não tentador. Pré-existente e ainda em existência. Sendo Deus, não sabia o que Deus sabia (*Marcos 13:32*). De acordo com *1 João 4:2, 3* esta é a teologia (espírito) da oposição de Cristo. (Este falso espírito/doutrina culminará no Anticristo final, que alegará ser Deus encarnado como *2 Tessalonicenses 2:4* prevê). ser. Ele estava “na carne”. O Cristo é o homem Jesus em oposição ao único Deus (*1 Timóteo 2:5*). Todas as outras doutrinas de Cristo apresentam o espírito de um Cristo de oposição.

É surpreendente notar o que João escreveu na sua segunda carta. É semelhante, mas com uma diferença interessante: *“Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo”* (*2 João 7*).

João mudou o verbo do pretérito em *1 João 4:2, 3* para um particípio aqui presente na sua segunda carta. Possivelmente está a referir-se à Segunda Vinda de Jesus do céu: *“Jesus Cristo vem em carne”*, ou seja, está a regressar à terra como ser humano! Gosto do comentário de *Sidney Hatch*:

aqui pensamos em *Hebreus 13:8*: *“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente”*.
 Ontem aquele Homem que morreu por nós no Calvário e depois ressuscitou dos mortos. Hoje aquele Homem que ascendeu e glorificou está sentado à direita do seu Pai celeste. Amanhã o Homem que vem com poder e grande glória. [21]

O versículo não diz, como muitos gostam de pensar, que Jesus Cristo é “o mesmo desde a eternidade, hoje e para sempre”. Afirmar positivamente que Jesus, o Messias, é o mesmo “ontem”, e “ontem” é um ponto definido na história passada, e não uma eternidade eterna. Além disso,

“Jesus” é o nome dado ao ser humano à nascença. Mesmo os crentes na Trindade não acreditam que Jesus tenha preexistido ao seu nascimento humano! É bastante claro que o Jesus humano cresceu fisicamente e amadureceu mental e espiritualmente. Isto significa que Jesus, o Messias, mudou ontem, o que é uma prova positiva de que não pode ser o Deus Eterno! O conforto que este texto de Hebreus nos dá é que devemos imitar a fé vitoriosa de Jesus, o Messias. A ordem no versículo 7 acima é que devemos “*Lembra-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai.*” E, claro, o exemplo supremo daquele cujo exemplo e fé seguimos é o homem Jesus.

Ah, da próxima vez que sair à rua numa noite estrelada e olhar para o céu, lembre-se que “lá em cima”, à direita de Deus Pai, está um Homem em glória. E lembre-se que este Homem é a garantia de que todos os que o confessarem fielmente neste dia serão conformados à sua imagem quando ele voltar. Este Homem glorificado é o Cabeça da nova criação de Deus. Ele é a garantia do alvorecer de uma Nova Era. O Salmo 110:1 foi cumprido. O Senhor (*Yahweh*) colocou o senhor humano de David (*adoni*) à sua direita, no céu. Ali exaltado como nosso Senhor Messias, o homem Jesus aguarda o momento em que regressará ao planeta Terra para reinar no trono de David sobre um mundo renovado. Este é o Senhor Messias que a Bíblia confessa. Todos devemos abraçar este Salvador e mais nenhum outro.

Notas Finais

- [1] “*Stunned mullet*” (Salmonete aturdido): Um peixe fora d’água em um novo ambiente, com uma pitada de dormência.
- [2] Veja ou Apêndice 1 para mais exemplos do OT.
- [3] *Brown, Driver, Briggs, “Hebrew and English Lexicon of the Old Testament”* (Léxico Hebraico e Inglês do Antigo Testamento), bajo “*adon*” (señor).
- [4] “*Lord*” (Senhor), “*International Standard Bible Encyclopedia*” (Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional), pág. 157.
- [5] “*Lord*” (Senhor), “*Hastings Dictionary of the Bible*” (Dicionário Hastings da Bíblia), vol. 3, pág. 137.
- [6] “*Dictionary of Deities and Demons in the Bible*” (Dicionário de Divindades e Demônios na Bíblia), pág. 531.
- [7] *Wigram, “The Englishman’s Hebrew and Chaldee Concordance of the Old Testament”* (Concordância Hebraica e Caldéia do Antigo Testamento do Inglês), pág. 22.
- [8] *G.E. Ladd, “A Theology of the New Testament”* (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 339.
- [9] *Barclay, “Jesus as They Saw Him”* (Jesus como eles o viam), pág. 41.
- [10] *Buzzard and Hunting, “The Doctrine of the Trinity”* (A Doutrina da Trindade), pág. 48.
- [11] *Ibid.*, pág. 49.
- [12] *Dunn, “Christology in the Making”* (Cristologia em Processo), pág. 181.
- [13] *Kuschel, “Born Before All Time?”* (Nascido Antes de Todos os Tempos?) págs. 289-290.
- [14] *Dunn, “Christology in the Making”* (Cristologia em Processo), pág. 334, nota al pie 121.
- [15] *Ladd, “A Theology of the New Testament”* (Uma teologia do Novo Testamento), pág. 338.
- [16] *Ibid.*, pág. 335.
- [17] *Ibid.*, pág. 337.
- [18] *Ibid.*, pág. 339.
- [19] *Kuschel, “Born Before All Time?”* (Nascido Antes de Todos os Tempos?) pag. 269.
- [20] *M. Lloyd-Jones, “Romans: Exposition of Chapter 10, Saving Faith”* (Romanos: Exposição do Capítulo 10, Fé Salvador), “*Banner of Truth*” (Estandarte da Verdade), Edimburgo, 1997, págs. 93-94.
- [21] *Sidney Hatch, “Brief Bible Studies”* (Breves estudos Bíblicos), vol. 26, núm. 2, 1966, pág. 20.

Cinco OUTRO JESUS

“Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofreríeis” (2 Coríntios 11:4)

Em sua introdução a *“The Passover Plot”* (A Trama da Páscoa), o *Dr. Schonfield* sabiamente dá o tom para o debate sobre a identidade e missão de Jesus com estas palavras:

A única forma de podermos esperar conhecer o verdadeiro Jesus é primeiro tomarmos consciência d’Ele como homem do seu tempo, do seu país e do seu povo, o que requer um conhecimento íntimo de todos os três. Devemos recusar resolutamente separá-lo do seu meio e deixar que as influências que o influenciaram nos influenciem. Temos de marcar nele os traços pessoais, individuais, agradáveis ou desagradáveis, que nos transmitem os atributos e as idiossincrasias de uma criatura de carne e osso. Só quando este judeu galileu nos tiver impactado nos... aspetos (naturais)... da sua mortalidade é que teremos o direito de começar a cultivá-lo e a estimar o seu valor, permitindo-lhe comunicar-nos a imaginação da sua mente e as motivações das suas ações. [1]

Schonfield relatou que muitos cristãos com quem falou nem sequer sabiam que o termo “Cristo” era simplesmente uma tradução grega do título hebraico Messias, e de alguma forma pensavam que se referia à Segunda Pessoa da Trindade. “A palavra ‘Cristo’ estava tão ligada à ideia de Jesus como Deus encarnado que o título ‘Messias’ foi tratado como algo curiosamente judaico e sem associação.” Ele escreveu:

Tenho perguntado muitas vezes aos meus amigos cristãos: “Não basta acreditar num só Deus, Senhor de todos os espíritos, e aceitar Jesus como seu mensageiro messiânico?” Mas parecia que, do ponto de vista deles, o messianismo de Jesus tinha apenas a ver com os judeus e não significava nada na sua experiência. Muitos nem sequer sabiam que Cristo era simplesmente uma tradução grega do título hebraico Messias (o Ungido), e presumiam que isso tinha a ver com a natureza celestial da Segunda Pessoa da Trindade. Levei muito tempo a perceber que quando falávamos de Deus não falávamos a mesma linguagem e que havia um problema grave de comunicação. [2]

N. T. Wright, bispo de Durham, concorda: “Um dos erros mais persistentes em toda a literatura sobre Jesus dos últimos cem anos é usar a palavra ‘Cristo’, que significa simplesmente ‘Messias’, como se fosse um título ‘divino’”. [3]

“Mashiach”

Na língua judaica, um “messias” (hebraico, *mashiach*, um “ungido”) podia referir-se a um profeta, sacerdote ou rei que estava consagrado ao serviço de Deus. Os hebreus acreditavam que quando Deus ungiu aquela pessoa, ela estava equipada para fazer a obra de Deus porque recebeu uma medida do Espírito Santo. Deus designou tais agentes para posições sagradas. Assim, na

Bíblia Hebraica existem vários “messias”, numerosos “ungidos” ou “Cristos”. Doze vezes o Rei Saul é chamado de “*mashiach*” (1 Samuel 12:3, 5; 24:6 – duas vezes, 10; 26:9, 11, 16, 23; 2 Samuel 1:14, 16, 21). David é assim designado seis vezes (2 Samuel 19:21; 22:51; 23:1; Salmos 18:50; 20:6; 28:8). Um sacerdote é chamado “messias” quatro vezes (Levítico 4:3, 5, 16; 6:22). O rei reinante é chamado “ungido” três vezes (Lamentações 4:20; Salmos 84:9; 89:38). Os patriarcas são designados duas vezes (Salmos 105:15; 1 Crônicas 16:22); Salomão uma vez (2 Crônicas 6:42); outrora um possível rei (1 Samuel 16:6). E até o rei pagão Ciro já foi chamado de “messias” em Isaías 45:1! A vinda ou prometido, o “Messias” supremo, é assim chamado nove vezes (1 Samuel 2:10, 35; Salmos 2:2; 89:51; 132:10, 17; Daniel 9:25, 26; Habacuque 3:13). Portanto, houve muitos “Cristos” que precederam Jesus, mas ele é o “Cristo” supremo. No NT, os cristãos são chamados de “ungidos”, isto é, “Cristos” (ver 2 Coríntios 1:21). Não há qualquer indicação de que o título messias designe a Divindade. Ser messias é ser agente do Deus único. Como máximo e maior “*Mashiach*”, Jesus combinou na sua pessoa os ofícios de profeta, sacerdote e rei. Na verdade, Deus Pai ungiu-o acima de todos os seus antecessores, acima dos seus companheiros (Hebreus 1:9). Nunca ocorreu a um judeu pensar que Jesus, como Messias, fosse também de alguma forma um segundo membro da Divindade agora encarnada, que Deus, o Filho, vagueasse em carne humana, tendo-se tornado homem. De acordo com o seu uso no AT, o termo Messias, o Ungido, indica um chamamento para um cargo. Certamente, “não era o título de um aspeto da Divindade”. [4] Esta é uma invenção gentílica posterior que surgiu ao ignorar o contexto judaico de Jesus e ao inventar uma doutrina chamada Encarnação: a ideia de que um segundo membro da Trindade, Deus Filho, se tornou um ser humano. Como diz Lockhart, o Cristianismo ignorou o “Messias” e transformou teologicamente o “Cristo” no “Homem-Deus”. “Jesus como o ‘Messias’ é um ser humano; Jesus como o ‘Cristo’ é algo completamente diferente. Esta doutrina sustenta que as duas naturezas, a natureza divina e a natureza humana, estavam tão intrinsecamente fundidas que Jesus era simultaneamente todo humano e todo divino, uma combinação de opostos absolutamente impossível de explicar ou compreender. [5] À medida que Don Cupitt capta o problema da natureza dual de Jesus, “é como se Jesus fosse um momento Clark Kent e o próximo Super-Homem”. [6] Ou, como Lockhart concisamente refere, acreditar em duas naturezas como um literalismo é “o equivalente a ser solicitado a acreditar que Jonas engoliu a baleia, e não Jonas a baleia”. [7]

Quando um crente católico romano sincero chama a Maria “a mãe de Deus”, os cristãos de herança protestante encolhem-se. Diverte-nos a perspetiva impossível de que um dia o Deus Todo-poderoso se tenha aproximado humildemente da jovem judia Maria com o pedido: “Maria, por favor, podes ser minha mãe?” Na nossa perspetiva “objetiva” e distante dos “estranhos” é fácil perceber como este mito de Maria transgride os limites bíblicos. Podemos ver a um quilómetro de distância como a tradição posterior levou Maria a ser uma virgem perpétua, que posteriormente nunca teve relações sexuais com o seu marido José (embora as Escrituras ensinem que teve filhos com José após o nascimento de Jesus). Podemos detetar o segundo mito de Maria que diz que a própria Maria foi concebida imaculadamente, o que significa que sempre esteve sem pecado, e supostamente (e sem qualquer justificação bíblica) sem morrer foi milagrosamente elevada aos lugares celestiais para ser glorificada ao lado dela. Filho. como “corredentora” (a doutrina romana oficial da Assunção). Contudo, é muito mais difícil do “nosso” lado do cerca detetar como o mito de Cristo também foi criado. Quando Jesus é chamado “Deus Filho”, vemos com a mesma facilidade como isso transgride o registo bíblico? Veremos em breve que na Bíblia Jesus é chamado Filho de Deus, algo muito diferente em significado de Deus Filho. E quando nos tempos post-

bíblicos Jesus era chamado “o Deus-homem”, não vemos o ponto cego evidente na nossa visão grega, porque a Bíblia nunca o descreve dessa forma. Jesus chama-se “homem” (*João 8:40*) e os apóstolos chamam-lhe “homem” (*Atos 2:22; 1 Timóteo 2:5*). É constantemente contrastado e distinguido de Deus, seu Pai. A Bíblia Hebraica previu que Jesus seria um homem (*Isaias 53:3*). Mas as Escrituras nunca usam o termo “Deus-homem” para nos dizer quem é Jesus. A língua grega da época tinha uma palavra perfeitamente boa para “Deus-homem” (*theiosaner*), mas nunca aparece no NT. Então, porque persistimos nestes termos extra bíblicos? Porque continuamos a usar linguagem antibíblica para descrever Jesus? Ou isso realmente importa?

É certo que dizemos que somos muito rápidos a detetar o argueiro no olho da teologia de outra pessoa, mas quão cegos somos para a trave que está na nossa própria. Maria não é a mãe de Deus, segundo as Escrituras. E Jesus não é Deus o Filho, nem é o “Homem Deus” segundo a Bíblia. E em parte alguma Ele é chamado “Deus de Deus”, como lhe chamava o credo Niceno posterior. Os protestantes que se dizem pessoas da Bíblia deveriam saber que a controversa palavra extra bíblica usada em Niceia, “*homoousios*”, que significa “de igual substância”, “não provém das Escrituras, mas, sobretudo, dos sistemas gnósticos”. [8] O resultado foi que tal terminologia introduziu noções estranhas na compreensão cristã de Deus. Por outras palavras, “ocorreu uma mudança de paradigma que marcou uma época entre as Escrituras e Niceia”. [9] Neste capítulo interrogamo-nos sobre como e em que sentido é Jesus o Filho de Deus? Antes de o fazer, deixem-me dizer brevemente algo sobre o segundo grande ensinamento tradicional a que aludi no início do Capítulo 3: a saber, que existem “duas naturezas” encontradas no nosso Senhor Jesus. O Concílio de Calcedónia em 451 d.C. tente explicar desta forma:

Nosso Senhor é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, de alma e corpo razoáveis, consubstancial ao Pai segundo a Divindade, e consubstancial a nós segundo a humanidade; em tudo como nós sem pecado; gerado antes de todos os tempos pelo Pai segundo a Divindade, e nestes últimos dias para nós e para a nossa salvação nasceu da Virgem Maria, mãe de Deus segundo a humanidade; um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigénito, para ser reconhecido em duas naturezas, inconclusiva, imutável, indivisível, inseparável, sem que a união de modo algum elimine a distinção das naturezas, mas antes perca a propriedade de toda a natureza. preservado e concorrente numa só pessoa e, uma única subsistência; dividido ou dividido em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho, e unigénito, Deus, o Verbo, o Senhor Jesus Cristo.

Mais uma vez, o notável pregador *Martyn Lloyd-Jones* diz estar impressionado com esta declaração surpreendente e admite que:

...está para além da razão; Está para além da nossa compreensão. Como tivemos de dizer em relação à doutrina da Trindade e a muitas outras doutrinas, a nossa tarefa é submetermo-nos à Bíblia.... Devemos parar de tentar abranger o infinito com a nossa razão finita, na verdade, com a nossa razão pecaminosa. razão, e devemos receber a verdade tal como ela nos é dada.

[10]

Mais uma vez quero dizer que enfrentar o mistério claramente revelado nas Escrituras é uma coisa, mas enfrentar a contradição criada pelo homem é outra bem diferente. Quem é Jesus, o Cristo? Há pelo menos mil milhões de pessoas no mundo que negam categoricamente que Jesus seja, em qualquer sentido, o Filho de Deus. Para os muçulmanos é uma absoluta blasfémia chamar a Jesus Filho de Deus. O Alcorão afirma:

Eles [cristãos] dizem: “O Misericordioso tomou um filho!” Na verdade, apresentaste algo muito monstruoso! Com isto os céus estão prestes a explodir, a terra a partir-se em pedaços e as montanhas a desabar em completa ruína, o que atribuiu um filho ao Compassivo. Pois não está de acordo com a majestade do Compassivo que Ele gere um filho (Sura 19:88-92).

Um grande grupo que reivindica o nome de cristão afirma que Jesus é o próprio Pai. No Livro de Mórmon, o capítulo que encabeça o Livro de Mosias afirma: “Cristo é tanto o Pai como o Filho”: “E porque habita na carne, será chamado Filho de Deus, sendo o Pai e o Filho – o Pai, porque foi concebido pelo poder de Deus; e o Filho, por causa da carne; tornando-se assim o Pai e o Filho – e são um só Deus, sim, o mesmo Pai Eterno do céu e da Terra” (Mósias 15:2-4).

Poderá surpreender alguns leitores saber que esta doutrina, conhecida por modalismo, é defendida hoje por alguns sectores da igreja pentecostal. Teve origem nos primeiros debates cristológicos post-apostólicos e foi também chamado de “*patripassianismo*”. Para os modalistas, Cristo era o próprio Pai, descido à terra em carne humana. Com efeito, o próprio Pai desceu até à Virgem, dela nasceu, sofreu, foi até Jesus Cristo.

No entanto, falando de um modo geral da Igreja Cristã em geral, existem três pontos de vista sobre a filiação de Jesus: a visão Nicena ou Atanasiana, a visão Ariana e a terceira visão que por vezes é chamada de visão Sociniana, em homenagem a *Fausto Socinus*, um reformador religioso italiano que ministrou especialmente na Polónia. Em vista desta história, que Filho de Deus devemos confessar? Quem é o Filho do Deus bíblico?

A Visão de Niceia

Muitos historiadores e teólogos da Igreja tentaram traçar como a morte de Jesus, quando foi abandonado por Deus e pelo homem na cruz, levou, apenas 300 anos depois, à confissão de que ele não era outro senão o Deus que criou o universo e que agora “*sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder*” (*Hebreus 1:3*). Porque em 325 d.C., com o apoio do mesmo poder romano que o crucificou, o Jesus judeu foi oficialmente proclamado como sendo da “natureza” de Deus Pai, “Deus de Deus, Luz da Luz, Verdadeiro Deus do Verdadeiro Deus”. Jesus é “gerado, não feito”, “de uma só substância com o Pai”, e por Ele foram feitas todas as coisas no céu e na terra. Um Concílio Eclesiástico posterior em Constantinopla em 381 d.C. Acrescentou que Jesus “nasceu do Pai antes de todos os tempos”. Depois, no ano 451 d.C., no Concílio de Calcedónia foi acrescentada a famosa fórmula de que Jesus era “verdadeiro Deus, verdadeiro homem” e era “consustancial ao Pai segundo a Divindade, o mesmo consustancial a nós segundo a humanidade. pelo Pai na sua divindade, mas nos últimos dias ele próprio, para nós e para a nossa salvação, nasceu de Maria, a Virgem, portadora de Deus, na sua humanidade”.

Assim, formulada essencialmente no século IV, esta visão fala de “Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo”. Historicamente, esta interpretação “católica” tem sido promovida por decreto e pela força. Os que não confessaram foram ameaçados de excomunhão da Igreja Católica. E no século VI, o imperador romano *Justiniano* decretou que qualquer pessoa que não confessasse a fé nesta Trindade e nas “duas naturezas” de Jesus Cristo seria executada.

A crença de que Jesus é “o Filho eternamente gerado”, o segundo membro da Divindade, foi defendida por *Agostinho* e prevalece hoje na igreja tradicional, tanto católica romana como

protestante. É a visão de que Jesus, o Filho de Deus, existe desde a eternidade como o “Filho eternamente gerado”.

Charles Swindoll é um evangélico bem conhecido, com audiência mundial de rádio e leitores através dos seus numerosos livros populares. É reitor do famoso “*Dallas Theological Seminary*” (Seminário Teológico de Dallas). No seu livro “*Jesus: When God Became Man*” (Jesus: Quando Deus se tornou homem), *Swindoll* tipifica a crença universalmente aceite da igreja na história do Natal da Encarnação:

No dia 25 de dezembro, as empresas fecham as portas, as famílias reúnem-se e as pessoas de todo o mundo recordam o nascimento de Jesus de Nazaré... Muitas pessoas assumem que a existência de Jesus começou como a nossa, no ventre da sua mãe. Mas será isso verdade? A vida começou para ele com aquela primeira lufada de ar da Judeia? Poderá um dia de dezembro marcar realmente o início do Filho de Deus? Ao contrário de nós, Jesus existia antes do seu nascimento, muito antes de haver ar para respirar... muito antes de o mundo nascer.

Swindoll continua com evidente entusiasmo:

Jesus nunca existiu; no seu nascimento terreno ele simplesmente assumiu a forma humana... Eis um pensamento incrível: o bebé que Maria segurava nos braços mantinha o universo no lugar! Os pequenos lábios recém-nascidos que arrulhavam e choravam outrora formaram as obras dinâmicas da criação. Estes pequenos punhos já lançaram estrelas para o espaço e planetas em órbita. Aquela bela carne infantil já albergou o Deus Todo-Poderoso... Como um bebé comum, Deus veio à terra... Está a ver a criança? O que está a ver é a Encarnação: Deus vestido com panos... Imagine-o no passado nebuloso antes da criação, pensando em si e planeando a sua redenção. Visualize esse mesmo Jesus, que teceu os intrincados padrões do seu corpo, tecendo para si uma veste humana... Há muito tempo que o Filho de Deus mergulhou de cabeça no tempo e flutuou connosco durante cerca de 33 anos. embrulhado. [11]

Portanto, aqui, na interpretação tradicional da igreja, temos um Jesus que existia antes do seu nascimento; um Jesus que nunca existiu; um Jesus que, mesmo em bebé, continuou a segurar o universo (que criou originalmente) nas suas pequenas mãos enquanto arrulhava; um Jesus que é o filho-Deus que precisa de mudar as fraldas no mesmo corpo que ele próprio tricotou como roupa para si. O proeminente anglicano Dr. *Jim Packer* descreve a Encarnação - quando Deus se tornou homem, o Filho divino se tornou judeu, o Todo-Poderoso apareceu na terra como um bebé indefeso, incapaz de fazer mais do que deitar-se, olhar, contorcer-se e fazer barulho, necessitando de ser alimentada, mudada e ensinada como qualquer outra criança. “Aquele que criou o homem estava agora a aprender o que é ser homem. Aquele que criou o anjo que se tornou o diabo estava agora num estado em que podia ser tentado – na verdade, não podia deixar de ser tentado – pelo diabo”. [12]

Esta compreensão nicena de Jesus Cristo é a visão que finalmente, depois de muita oposição, triunfou sobre as opiniões concorrentes. É a visão “tradicional” da igreja adotada até aos dias de hoje.

A Visão Ariana

Tem o nome do sacerdote *Ário* (falecido em 336 d.C.). A história da Igreja difamou de tal modo *Ário* que o seu nome se tornou sinónimo de heresia desprezível. Mas é difícil localizar exatamente

o que *Ário* ensinou, porque eventualmente as suas obras “heréticas” foram destruídas. Tudo o que realmente temos sobre as suas crenças é o que os seus inimigos escreveram sobre ele. E é sabido que os vencedores escrevem a história a partir da sua posição vencedora. Mas essencialmente esta visão ariana sustenta que Jesus preexistiu ao seu nascimento como um “deus” menor. Jesus foi gerado por Deus Pai, algum tempo antes da criação do universo no Génesis. As Testemunhas de Jeová, com a sua ideia de que Jesus era um arcanjo (Miguel, para ser mais preciso), são os principais proponentes desta ideia hoje, embora a sua visão vá além da opinião de *Ário*. Não vou perder tempo nesta posição aqui, porque as Escrituras ensinam claramente que o Filho de Deus não era nem é um anjo (*Hebreus 1:4-14*). [13] Nos séculos III e IV, a compreensão de *Ário* estava bastante generalizada (como já foi observado no capítulo um).

A Visão Sociniana

Deste ponto de vista, a filiação de Jesus deriva de uma criação real no ventre de Maria na história. Jesus pessoalmente não preexistiu à sua própria existência humana. É um verdadeiro ser humano, embora seja um ser humano único. Jesus chamou-se “o Filho Unigénito”. Deus, o Pai, através de um ato especial de criação, trouxe-o à existência. Jesus é o Filho de Deus por um milagre biológico.

Jesus “saiu” (grego: *ek*) de Maria e não simplesmente passou “através” dela da eternidade para o tempo e depois regressou à sua vida anterior na eternidade. De forma milagrosa, Deus Pai criou o ser humano, o Último Adão. Geneticamente falando, Jesus é totalmente humano, embora seja um ser humano especialmente criado.

À luz destas diferentes interpretações, será apropriado perguntar quando confessamos Jesus como o Filho de Deus, que Filho estamos realmente a professar? Esta não é uma questão meramente académica. É crucial porque o próprio Jesus Cristo veio construir a sua Igreja sobre a rocha sólida de uma compreensão informada e esclarecida da sua verdadeira identidade. “Quem dizes que eu sou?” Foi a sua pergunta curiosa aos seus discípulos. É esta terceira visão – a de que o Filho de Deus veio à existência em Maria através de um milagre divino – que quero examinar com algum detalhe, porque é a opinião que nunca me foi contada na igreja. É uma visão poderosa que dá um excelente sentido à Bíblia, como espero demonstrar.

O último Adão

A Bíblia conta a história de dois homens. O primeiro homem, Adam, estragou tudo. O segundo homem, Jesus Cristo, veio juntar tudo de novo, porque Deus “... *que propusera em si mesmo... De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra*”. (*Efésios 1:9, 10*).

É evidente que Adão, “o homem vermelho da terra”, como o seu nome hebraico sugere, era originalmente geneticamente perfeito. Isto é, não tinha uma natureza pecaminosa e vivia em harmonia com Deus, consigo próprio, com a sua mulher e com o mundo. Colocado na terra pelo seu Criador para ser o Seu agente, o Seu representante, o senhor de Deus na terra, este homem escolheu rebelar-se contra Deus e, assim, arrastou-se a si próprio e a todos os seus descendentes para baixo e para longe da vida e da bondade de Deus. Aquele que tinha originalmente refletido a

glória de Deus era agora um ser decaído, capaz apenas de gerar filhos “desfigurados” ou “marcados” à sua semelhança pecaminosa (*Gênesis 5:3*). Assim, o Adão original é o “único homem” através do qual o pecado e a morte entraram neste mundo (*Romanos 5:12*). Adão “estragou tudo” para si e para todos os que vieram depois dele.

No entanto, logo no início, quando o pecado contaminou a espécie humana, Deus propôs a solução. Houve um anúncio profético de que um dia um salvador, um redentor viria numa gigantesca missão de resgate. “A descendência” da mulher viria e esmagaria a Serpente que tinha tentado Adão e enganado Eva (*Gênesis 3:15*). Mas porque chamaria Deus ao vindouro Salvador “descendência”? Quando Deus criou todo o tipo de plantas e animais, deu-lhes a capacidade reprodutiva para produzirem “segundo a sua espécie”. As Escrituras dizem que tinham “semente neles” (*Gênesis 1:12*). Deveriam “frutificar e multiplicar-se” e encher toda a terra segundo as suas respectivas espécies. E se se tivesse mantido fiel ao seu Senhor, Adão teria produzido uma raça de pessoas felizes e geneticamente perfeitas que viveriam em bela harmonia com o Criador e com toda a criação. Mas, infelizmente, a sua rebelião significou que todos os seus descendentes, incluindo eu e você, carregariam a sua imagem caída. Mas graças a Deus, fiel à sua promessa, trouxe ao mundo um outro “Adão”. Ao contrário do primeiro Adão, esta “semente” de Eva irá gerar uma nova humanidade à sua imagem perfeita. Hoje Jesus está a produzir frutos “segundo a sua espécie”, um novo corpo de humanos que estão a fazer o que Adão deveria ter feito originalmente: amar a Deus com todas as suas forças e amar o próximo como a si mesmo. Esta nova humanidade, com Jesus como Cabeça, entrará na nova Era do Reino que há de vir.

Ora, é aqui mesmo que surge um ponto crítico de diferença entre as nossas duas principais visões de quem é Jesus como Filho de Deus. Que tipo de homem é exatamente este “Filho de Deus”? A primeira visão, a visão da maioria, a visão que me foi contada na igreja, a visão nicena, é que a salvação da humanidade só poderia ter sido alcançada se o próprio Deus se tivesse tornado homem e pago o preço da nossa redenção. O conceito de que Deus deve nascer como homem para que ocorra um sacrifício válido pelo pecado é designado por doutrina da Encarnação.

Sem ser demasiado académica e técnica, a doutrina da Encarnação afirma que em certo sentido Deus, sem deixar de ser Deus, se tornou homem para salvar a humanidade. O Novo Dicionário Bíblico resume desta forma:

Parece significar que o Criador divino se tornou uma das suas próprias criaturas... Quando o Verbo “se fez carne”, a sua divindade não foi abandonada, reduzida ou contraída, nem deixou de exercer as funções divinas que antes eram suas. ... A Encarnação do Filho de Deus, então, não foi uma diminuição da divindade, mas uma aquisição da humanidade. [14]

É importante perceber que embora a “Encarnação” seja considerada um princípio básico do Cristianismo, muitos estudiosos admitem que o termo e o conceito que transmite não aparecem em lado nenhum da Bíblia. Um desses estudiosos é *James D.G. Dunn*, que diz: “A encarnação, no seu sentido pleno e próprio, não é algo diretamente apresentado nas Escrituras”. [15]

Por outras palavras, é uma doutrina construída para além dos limites da Bíblia. Foi formulado durante vários séculos de debate e agitação em massa na era post-apostólica. “*The Oxford Dictionary of the Christian Church*” (O Dicionário Oxford da Igreja Cristã) verifica este facto:

A doutrina, que tomou forma clássica sob a influência das controvérsias dos séculos IV e V, foi formalmente definida no Concílio de Calcedónia de 451. Foi moldado em grande parte pela

diversidade de tradições nas escolas de Antioquia e Alexandria Outros refinamentos foram adicionados nos períodos patrístico e mais tarde medieval. [16]

Os autores de “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor) explicam com mais detalhe:

A razão pela qual os concílios e os sínodos levaram centenas de anos a desenvolver a doutrina da Encarnação é que ela não é declarada nas Escrituras, e os versículos utilizados para a apoiar podem ser explicados sem recorrer a uma doutrina que se assemelhe mais a a mitologia pagã do que com a mitologia pagã. . Ensinar aos Judeus que Deus desceu sob a forma de um homem teria ofendido completamente aqueles que viveram no tempo de Cristo e dos Apóstolos, e contradiria grandemente a sua compreensão das Escrituras Messiânicas... Esta doutrina é derivada mais proeminentemente do Evangelho. em particular da frase em *João 1:14* (KJV): “*e o Verbo se fez carne*”. Mas será que “a palavra” era sinónimo de “o Messias” no entendimento judaico? Dificilmente. Os judeus terão entendido que significava “plano” ou “propósito”, o que foi declarado clara e especificamente em *Génesis 3:15*: uma “semente” de uma mulher que destruiria as obras do Diabo. Este plano de Deus para a salvação do homem “fez-se finalmente carne” em Jesus Cristo. Este versículo não estabelece uma doutrina da Encarnação contrária a todas as expectativas proféticas, nem um ensinamento de pré-existência. É um ensinamento do grande amor de Deus ao realizar o Seu plano para salvar a humanidade do seu pecado. [17]

Muitas profecias indicam que aquele que vem surgirá da “semente”, da linhagem da humanidade, e em particular da linhagem Abraâmica e Davídica. O Messias seria da cadeia biológica dentro da família humana, especificamente de linhagem judaica: “*O SENHOR teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu* [literalmente, irmãos]; *a ele ouvireis*” (*Deuterónimo 18:15*).

Nesta passagem Moisés prediz que o Messias vindouro seria uma pessoa “*como eu*”, criado “entre” o povo de Israel, e que Deus não falaria diretamente ao povo, porque este tinha medo que se Deus falasse sem mediador eles morressem (*versículo 16*). O “*profeta*” vindouro seria um homem de quem se diz que Deus “*e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar*”. “*E será que qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele*” (*versículos 18-19*). Dizer que o Messias é o próprio Deus é contradizer todo o ponto desta profecia. Porque anuncia que o porta-voz último de Deus não é expressamente Deus, mas um ser humano. O Novo Testamento diz que Jesus foi quem cumpriu esta profecia (*Atos 3:22; 7:37*).

O primeiro versículo do NT diz que Jesus Cristo é “*filho de David, filho de Abraão*” (*Mateus 1:1*). No dia de Pentecostes o apóstolo Pedro confirma esta expectativa hebraica de que o Prometido seria um ser humano. Como David era um profeta, sabia que “*um dos seus descendentes*” se sentaria no trono davídico (*Atos 2:30*). Literalmente, Pedro disse que o Salvador prometido seria “*do fruto dos seus lombos*”. Compreensivelmente, nenhum judeu que acreditasse nestas Escrituras alguma vez imaginou que o bebé nascido em Belém seria o próprio Jeová transformado num bebé humano. A doutrina cristã central da Encarnação, tal como é ensinada hoje, é, portanto, estranha à Bíblia. Sugerimos que este facto exige uma atenção urgente por parte de todos os amantes de Deus, de Jesus e da Bíblia.

Além disso, Jeová Deus diz claramente que Ele não é um homem (*Números 23:19; Jó 9:32*). Portanto, verifica-se o contrário: se uma pessoa é um homem, então não pode ser Deus. Tomemos

outro versículo claro: “*Porque os egípcios são homens, e não Deus; e os seus cavalos, carne, e não espírito*” (Isaías 31:3). Note-se aqui que os homens e os cavalos são colocados na categoria única de “carne”. Mas Deus “*o Santo de Israel*” (Isaías 31:1) está numa esfera completamente diferente. Para usar as próprias palavras de Jesus: “*Deus é Espírito*” (João 4:24). Com base na autoridade do próprio Jesus, sabemos que as categorias de “carne” e “espírito” nunca devem ser confundidas ou misturadas, embora, é claro, o Espírito de Deus possa ter impacto no nosso mundo. Jesus disse: “*O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito*” (João 3:6). E “Deus é Espírito”. A doutrina da Encarnação confunde estas categorias. O que Deus separou, o homem uniu!

Uma das acusações que o apóstolo Paulo levantou contra o homem pecador é que “*mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis*” (Romanos 1:23). Já nos ocorreu, enquanto estamos sentados na igreja a ouvir como o glorioso Criador se fez homem, que poderíamos ser culpados da mesma coisa? A doutrina da Encarnação reduziu o Deus incorruptível à nossa própria imagem corruptível. Somos feitos à imagem de Deus, e não o contrário.

É apropriado aqui expressar este contraste em termos mais claros. A característica definidora do Deus Criador é a Sua santidade absoluta. Deus é completamente diferente e tão absolutamente transcendente sobre a Sua criação que qualquer confusão é proibida. Então, aqui está a questão. Será possível que este Deus eterno e santo que é Espírito se possa tornar num cão ou num gato? Que tal uma flor ou uma árvore? Ou que tal algo inanimado como uma pedra? Até mesmo fazer a pergunta é ficar surpreendido com a sua impossibilidade e absurdo. Tudo isto são coisas criadas que Deus fez. Então, como é que nos tornámos tão condicionados que podemos aceitar com alegria a proposição igualmente desonrosa de que Deus poderia transformar-se numa criatura de carne e osso?

Um dos nomes mais famosos associados a esta teoria da Encarnação é *Atanásio*. *Atanásio* foi o sacerdote que confrontou *Ário* quando a igreja post-apostólica estava a formular os credos confessados pela corrente principal do cristianismo até aos dias de hoje. *Atanásio* disse que Deus pode escolher fazer o que quiser e que para a nossa salvação Deus escolheu tornar-se homem. *Atanásio* insistia que Jesus Cristo não é uma das criaturas de Deus, mas sim o próprio Deus encarnado em forma humana. Escusado será dizer que este tipo de raciocínio atinge o cerne da identidade de Jesus como homem, eliminando-o completamente da nossa espécie humana.

No seu livro “*When Jesus Became God*” (Quando Jesus se tornou Deus), *Richard Rubenstein* insiste no tema:

Pode Deus fazer qualquer coisa que Ele decida fazer? – Claro, exceto aquelas coisas que são incompatíveis com o ser Deus. Pode escolher ser mau ou ignorante? Poderá ser o diabo ou nada? Não, o Deus cristão é o Deus Eterno de Israel, Criador do Universo. *Atanásio* afirma que este Deus absolutamente transcendente foi transformado em homem, sofreu, morreu e depois ressuscitou. Esta mistura de Criador e criatura não parece pagã? O bispo reconhece isto e tenta evitar as suas implicações. Por exemplo, insiste que Deus não criou Jesus, como acreditam os arianos, nem o adotou como Seu Filho, mas antes o “gerou” da sua própria natureza. Como ele diz, a ideia de Deus gerar descendência com os seres humanos através de meios naturais é demasiado repugnante para qualquer cristão contemplar. Por isso, apressa-se a acrescentar que o método utilizado pelo Pai para gerar o Filho está para além da compreensão humana. [18]

Rubenstein acrescenta ironicamente:

Em efeito! Tudo o que está relacionado com esta teoria está para além da compreensão humana. O bispo ridiculariza os arianos por dizerem que Jesus, sendo uma criatura de Deus, tinha o poder de crescer ou diminuir em virtude, e que escolheu ser virtuoso através do exercício da sua vontade excepcionalmente poderosa. Não, diz *Atanásio*, Cristo, sendo Deus, era perfeito por natureza e não podia mudar como os humanos. Mas como pode Jesus ser chamado de virtuoso se não tinha o poder de escolher? Como poderia ele ser um modelo de comportamento humano se fosse incapaz de mudar? A resposta: este é um assunto que está para além da compreensão humana! [19]

Então *Rubenstein* comenta, com razão:

O problema não é apenas que a teoria de *Atanásio* confunde Deus com a Sua criação, mas também afasta Jesus inteiramente da sociedade humana, do universo da convulsão moral, e coloca-O nos céus imutáveis. Se Cristo não é uma criatura escolhida e mutável, pelo menos um pouco como nós, como podemos esperar imitá-lo? E se ele é o próprio Deus, e não o nosso representante e intermediário, como pode intervir em nosso favor?... O que, pergunta-se, teria Jesus feito com isto? [20]

Lockhart também aponta e expressa apropriadamente este dilema:

“Se o ‘*Logos*’ é inerentemente perfeito e incapaz de mudança, progresso ou sofrimento, não é mais capaz de mediar do que o próprio Deus transcendente”. [21]

Esta é uma enorme dificuldade para a teoria da Encarnação. A Bíblia ensina claramente que Deus não pode ser tentado por coisas más (*Tiago 1:13*). Deus não pode pecar. Deus é sempre fiel ao seu caráter justo e imutável. Só ele é bom. Portanto, se Jesus Cristo é plenamente Deus, então as suas tentações que foram “*como nós, em tudo foi tentado*” (*Hebreus 4:15*) não poderiam ter sido tentações reais. Se ele fosse Deus, então teria de vencer automaticamente. Mas as Escrituras descrevem claramente Jesus como um homem limitado pelas suas fronteiras humanas, que obteve a vitória através da luta e da obediência ao seu Pai.

No entanto, esta doutrina confusa da Encarnação do Deus eterno é considerada essencial para a nossa salvação. *Martyn Lloyd-Jones*, o grande teólogo reformado, é um exemplo típico desta abordagem. Diz que toda a “doutrina da nossa redenção depende, em última análise, dela [da Encarnação]. Se Ele não tivesse assumido a nossa natureza humana, não nos poderia ter salvo”. Esta posição reflete a posição dominante da Igreja, nomeadamente, que “o eterno Filho de Deus, a segunda Pessoa na Santíssima Trindade, assumiu sobre Si a natureza humana”, para efetuar a nossa salvação. [22]

O Paradigma de Adão

Contudo, sustentamos que esta teoria da Encarnação destrói o surpreendente paralelo entre o primeiro Adão e o último Adão e, de facto, desqualifica Jesus para ser o nosso Salvador:

Romanos 5:12-19 define claramente um paralelo crítico e lógico entre *Adão* e Jesus Cristo no contexto da redenção da humanidade. Uma consequência importante da doutrina de que Deus se tornou homem é que destrói este paralelo fundamental, uma vez que *Adão* dificilmente é comparável a um ser eternamente pré-existente. Antes, foi um ser criado à imagem d’Aquele

que o criou, Deus. Adão não era “totalmente homem e totalmente Deus”, “100 por cento homem e 100 por cento Deus”, “coigual a Deus Pai”, ou “da mesma substância que o Pai”. Adão foi um ser criado e capacitado que decidiu desobedecer a uma ordem direta de Deus, com consequências terríveis para si e para toda a humanidade. [23]

Resumidamente, mostrarei a partir das Escrituras que Jesus, tal como Adão, foi um homem criado, tal como Adão antes dele foi um homem criado. Mas, por enquanto, deveria ser suficiente ver que um problema crítico com esta visão da Encarnação é que não há previsões do Antigo Testamento indicando que o próprio Deus se tornaria homem. (Mais tarde veremos alguns versículos que supostamente ensinam isto.) Mas por agora vamos perceber claramente isto:

Jesus não poderia ter qualquer vantagem intrínseca sobre Adão, ou a sua qualificação como Redentor seria legalmente anulada. Foi o último Adão, não o primeiro Deus-homem. As diferenças entre Adão e Jesus eram circunstanciais, não essenciais: Adão começou alto e sem umbigo; Jesus começou curto com um umbigo. Adão foi criado totalmente formado e plenamente capaz de compreender a voz de Deus. Jesus teve de aprender com os seus pais. Adão não teve de sofrer a indignidade de um nascimento humilde e ser considerado ilegítimo, filho de gente comum. Adam só tinha de se vestir, cuidar do jardim e cuidar da sua mulher. Teve de evitar comer o fruto, ou morreria e causaria a morte a todos os seus descendentes. Jesus teve de beber o cálice do sofrimento e morrer para ressuscitar e vencer a morte e tornar possível que outros comessem o “fruto” da vida eterna. [24]

Os trinitarianos sustentam que Cristo deveria ser o Deus infinito; Caso contrário, como poderia a morte de um homem finito salvar a humanidade? Certamente que um homem só pode morrer ou redimir outro homem, argumenta-se. Devo ser honesto e dizer que já acreditei sinceramente nesta linha de raciocínio. Vejo agora que isto representa uma completa falha na compreensão dos ensinamentos da Bíblia sobre a forma como a morte de Jesus salva. Eis o testemunho de outro que também percebeu a falácia deste argumento:

O erro deste tipo de raciocínio tornou-se evidente para mim quando percebi a verdade em *João 3:14, 15*: “*E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna*”. Isto refere-se ao incidente registado em *Números 21:7-9*, no qual as pessoas morreram por mordeduras de cobras venenosas. Deus ordenou a Moisés que fizesse uma serpente de bronze e a colocasse num poste para que todos a vissem; Aqueles que acreditaram olhando foram salvos do veneno das serpentes. Jesus compara este incidente à fé nele: “*E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna*” (*João 3:14, 15*). O ponto aqui deveria ser extremamente claro: a salvação dos milhares que olharam para a serpente de bronze não teve nada a ver com nada inerente àquela serpente – eles foram salvos por Deus através da fé na Sua promessa de que qualquer um que olhasse seria salvo: “*E disse o SENHOR a Moisés: Faze-te uma serpente ardente, e põe-na sobre uma haste; e será que viverá todo o que, tendo sido picado, olhar para ela*” (*Números 21:8*). O versículo seguinte confirma que aqueles que tiveram fé para olhar viveram. O mesmo é verdade para todos aqueles que procuram a salvação em Jesus através da fé (*Hebreus 12:1, 2*); É o poder salvador de Deus em Cristo que a salva do pecado e da morte. Portanto, não é algo inerente à constituição de Cristo que salva, mas é Deus nosso Pai (Javé) que nos salva em Cristo e através de Cristo. Porque a salvação é inteiramente obra de Deus; é pela fé e só através da Sua graça... Deixamos de apresentar adequadamente a soteriologia bíblica (doutrina da salvação) se não deixarmos claro

que Deus nosso Pai é o autor último ou fundamental da nossa salvação enquanto Jesus é o mediador, ou instrumental, agente da nossa salvação. [25]

É claro que não devemos ignorar o facto de que Jesus era uma pessoa sem pecado, sempre e plenamente agradável a Deus. Por isso, ele é inteiramente adequado à tarefa de morrer por cada pessoa humana. Só ele se qualifica como “*e um só Mediador entre Deus e os homens*”, mas ele próprio continua a ser “*Jesus Cristo homem*” (1 Timóteo 2:5).

Se Jesus ia cumprir os requisitos certos para nos redimir, fosse o que fosse Adão fosse, Jesus Cristo também tinha de ser. É por isso que Jesus Cristo teve de ser um ser humano criado, com uma natureza única, plenamente humano. Não deve ter nenhuma vantagem injusta por ter “duas naturezas”. Adam claramente não tinha isso.

E para ir ainda mais longe, como aceitamos então que este “Deus encarnado” pudesse morrer na cruz pela nossa redenção? Deus não pode morrer. Ele é imortal (1 Timóteo 6:16). Insistir que Jesus era o “Deus-homem” cujo sangue tinha um valor “infinito” por causa da Encarnação é provocar enormes dificuldades e contradições. Para “explicar” esta impossibilidade, os trinitarianos sustentam que Jesus tinha realmente “duas naturezas”, a divina e a humana, e que quando morreu foi apenas a natureza humana que morreu. Mas nas palavras de *Anthony Buzzard*:

Se Jesus fosse Deus e Deus fosse imortal, Jesus não poderia ter morrido. Perguntamo-nos como é possível sustentar que “Jesus” não representa a pessoa inteira. Nada na Bíblia sugere que Jesus seja apenas o nome da sua natureza humana. Se Jesus é a pessoa completa e morreu, Ele não pode ser uma Divindade imortal. Parece que os trinitarianos sustentam que só a Divindade é suficiente para fornecer a expiação necessária. Mas se a natureza divina não morreu, como é assegurada a expiação segundo a teoria trinitária? [26]

Tudo isto nos traz de volta ao ponto de partida da nossa pergunta original: Como e de que forma é Jesus o Filho de Deus? Que tipo de homem é? É significativo que ele próprio nunca tenha afirmado ser Jeová Deus. Mas afirmou representar perfeitamente Deus, seu Pai, ser o Seu mensageiro.

Como ensina o NT, o primeiro Adão é o tipo ou modelo do último Adão, Jesus Cristo (*Romanos 5:14*). O Redentor vindouro tinha de corresponder em todos os sentidos ao modelo original, Adão. Paulo afirma-o expressamente em *1 Coríntios 15*: “*Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual*”. (versículos 45-46).

Os trinitarianos que identificam o “*homem celestial*” em *1 Coríntios 15:47* com um Cristo pré-existente não percebem qual é o contexto:

...centra-se na ressurreição e assenta numa sequência de contrastes paralelos – (físico/espiritual, terreno/celeste, primeiro homem / segundo homem – onde é bastante claro que a segunda metade de cada contraste se refere ao estado de ressurreição Isto inclui a descrição do segundo homem como “do céu”, porque é precisamente a sua imagem celestial que fornece o modelo para o estado de ressurreição dos outros (*1 Coríntios 15:49*). Paulo já o deixou claro anteriormente no mesmo capítulo: Cristo na sua ressurreição é as “*primícias dos que dormem*”; ressuscitado é o arquétipo da humanidade ressuscitada (*15:2-23*). E no contexto imediato fez tudo (seja por que motivo for) para insistir que o espiritual não precede o físico (*15:46*). Portanto, em relação ao (primeiro) Adão, Cristo é o último Adão (*15:45*). O seu

argumento seria uma completa confusão se fosse entendido como significando que “o segundo homem do céu” era na verdade o pré-existente e, portanto, na verdade o primeiro, antes de Adão. [27]

Vale a pena notar que esta citação aparece no prefácio de Dunn à segunda edição do seu livro. É a sua resposta àqueles que continuaram a desafiar a sua exegese que “o homem do céu” não pode ser uma referência à suposta crença do apóstolo Paulo em Jesus como o Filho de Deus eternamente existente. *Dunn* confessa que o facto de os seus críticos não terem tomado nota completa do contexto da ressurreição em *1 Coríntios 15* é “surpreendente”. Devo acrescentar que também me identifico plenamente com a sua frustração quando tais regras exegéticas óbvias de contexto são ignoradas para sustentar uma teoria infundada.

O homem físico precede o homem espiritual! A teologia tradicional inverteu a ordem. Segundo Paulo, o Filho de Deus não precedeu Adão no tempo. Jesus é o segundo Adão. No livro post-apostólico II Clemente, escrito no início do século II, alguns já começavam a sabotar o programa de Deus. II Clemente 9:5 diz: “Cristo, o Senhor que nos salvou, *sendo primeiro espírito, tornou-se carne*”.

Harnack, o conhecido historiador da Igreja, comenta esta afirmação: “Este é o credo teológico e filosófico fundamental sobre o qual se baseiam todas as especulações trinitárias e cristológicas da Igreja dos séculos seguintes e, por isso, é a raiz do sistema de doutrina ortodoxa. dogmática. [28]

Harnack prosseguiu descrevendo este desenvolvimento fatídico como “a história da substituição do Jesus histórico pelo Cristo pré-existente, do Cristo da realidade pelo Cristo fictício na dogmática, a tentativa vitoriosa de substituir o mistério da pessoa de Cristo pela própria pessoa”. Ou, como outros já disseram:

Para redimir a humanidade, Jesus teve de ser o que Adão era antes da sua queda. Jesus Cristo é o Último Adão, um homem como Adão que foi capaz de desfazer o que Adão fez. O Último Adão, morrendo na cruz, sacrificou-se como oferta pelo pecado que o primeiro Adão introduziu no mundo. Este paralelo Adâmico estabelece uma das verdades bíblicas mais fundamentais a respeito de Cristo, que nos permite ver toda a extensão da Bíblia: dois homens, dois jardins, dois mandamentos, duas decisões, duas mortes, dois resultados universais, duas raças de pessoas. e dois paraísos. [29]

Portanto, a ordem de aparecimento é bastante clara: Adão primeiro, Cristo depois. Cristo é o último Adão. Adão precede Cristo. Adão não era uma cópia de um Cristo celestial pré-existente, mas “um tipo daquele que *havia de vir*” (*Romanos 5:17*). Como verdadeiro homem, Jesus foi modelado segundo o modelo de Adão! No entanto, em contraste com este modelo bíblico, será sem dúvida uma grande surpresa para a maioria dos que lêem isto e acreditam que Jesus nasceu como o Menino-Deus (como citado acima em *Swindoll, Packer, et al*) que a teologia da Encarnação oficial ensina que Jesus não era “um homem”, mas antes um “homem” impessoal. *Esse é o ensinamento trinitário oficial. Propõe que Jesus, o Filho de Deus, tem natureza humana, mas não é uma pessoa humana!* No Concílio de Calcedónia (451 d.C.), a Ortodoxia ensinou oficialmente que Deus, o Filho, estava unido a *uma natureza humana sem pessoa*. O “ego” de Jesus (isto é, o seu verdadeiro centro de personalidade) é a sua Divindade porque é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Porque o Filho de Deus não teve princípio, mas simplesmente veio através

de Maria, Ele simplesmente assumiu uma natureza humana impessoal; portanto, Jesus não tem um verdadeiro ego humano ou centro pessoal. Um comentador coloca desta forma:

Ora, a doutrina da Encarnação é que em Cristo o lugar da personalidade humana é substituído pela Personalidade Divina de Deus, o Filho, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Cristo possui uma natureza humana completa *sem personalidade humana*. A Personalidade Divina eterna e incriada substitui uma personalidade n'Ele criada. [30]

Portanto, a verdade chocante da doutrina oficial da Encarnação é que Jesus é desumanizado. Acontece que ele na verdade não é como o primeiro homem, Adão, afinal não é como nós, não é um homem, mas “homem” num sentido genérico e nebuloso. De acordo com o modelo bíblico, isto *desqualifica* Jesus de ser o “descendente da mulher”, o descendente genuíno de David, e significa que ele não pode ser o nosso Salvador!

A ideia cristã tradicional de que Jesus é Deus encarnado cria também outras incoerências desnecessárias. É presumir que, de alguma forma, quando estava a crescer, se tornou consciente de ser uma Divindade dentro de si mesmo. Durante a maior parte da sua juventude e vida adulta, Jesus teve de esconder de alguma forma o seu estatuto de Divindade de todos os que conheceu. Teve que suprimir os seus poderes latentes. Ele não deve realizar nenhum milagre ou curar nenhum doente, para que as pessoas comuns que o rodeiam – incluindo a sua própria família – não tenham ideia do seu verdadeiro ego e identidade como Jeová Deus.

Se antes do batismo era o mesmo que depois, isso dificilmente deixaria de se manifestar nos primeiros anos. Depois de Jesus ter sido aceite como Deus, não tardou muito para que os cristãos se apercebessem desta dificuldade, e produziram uma série de livros que pretendiam narrar autenticamente as maravilhas que ele realizou em criança... Mas é bem evidente que não houve tais feitos, e nada que indicasse que o jovem Jesus, filho de José, fosse diferente do que parecia. [31]

Isto é, Jesus era autenticamente humano. Passemos agora a ver como este homem, Jesus, o Cristo, veio a existir.

A Origem de Jesus Cristo

Lembro-me que uma vez um homem sincero me contou a história de como Jesus veio para nos salvar. Aparentemente o Arcanjo Gabriel estava preocupado. Percebeu que o “eterno Filho de Deus” estava desaparecido no céu. Para onde foi ele? A ansiedade surgiu rapidamente entre todos os anjos. Os rumores abundavam. Então Gabriel apareceu diante do trono de Deus para perguntar onde estava o Filho de Deus. Então Jeová contou o segredo a Gabriel. Por causa do Seu grande amor pela humanidade perdida, o Seu Filho concordou nos Seus conselhos eternos em deixar o céu. Ele estava prestes a nascer como um bebé humano para que os homens pudessem ser redimidos. E é melhor que Gabriel se apresse a anunciar este mistério alucinante à Virgem Maria!

No momento em que este homem me contou esta pequena fantasia, fiquei impressionado com a facilidade com que os verdadeiros amantes da Bíblia conseguem engolir um mito tão encoberto como se fosse a verdade do evangelho. Para as pessoas da igreja principal, Jesus Cristo é o segundo membro da Divindade. Nunca houve um tempo em que o “Filho eterno” não existisse. Ele é Deus. Antes de se tornar homem, Ele foi o Criador dos céus e da terra.

A explicação oficial é que Jesus é “o Filho de Deus gerado eternamente”. Veremos em breve que isto é uma contradição nos termos, porque, por definição, ser gerado significa ter um início. É impossível ter um início sem princípio. Pior ainda, é uma contradição flagrante das Escrituras. Falando do Seu Filho nesse maravilhoso Salmo Messiânico, Deus diz: “*Tu és meu Filho, eu hoje te gerei*” (*Salmos 2:7*). Deus afirma que o Seu Filho foi gerado “*hoje*”, isto é, no tempo. Mas a tradição da igreja diz que Jesus é “gerado eternamente”, fora do tempo, e nunca houve um tempo em que Jesus não existisse! Podemos muito bem perguntar, então, se nenhum versículo das Escrituras chama a Jesus o eterno Filho de Deus, de onde veio este ensinamento? E porque é que não há versículos bíblicos que falem de Jesus ser gerado pelo Pai na eternidade? Deve ser importante, porque sem ela não há doutrina da Trindade! O silêncio da Bíblia sobre este assunto é ensurdecedor.

Este tipo de explicação da “língua bifurcada” tem as suas raízes na tradição da igreja dos primeiros tempos post-apostólicos. *Atanásio* escreveu:

Também não é correto procurar como Deus gera e qual a forma de gerar. Pois um homem deve estar fora de si para se aventurar em tais questões; Sendo algo inefável e típico da natureza de Deus e conhecido apenas por Ele e pelo Filho, exige que seja explicado por palavras. É melhor permanecer calado e acreditar na perplexidade do que não acreditar por causa da perplexidade.

Esta terrível tentativa de encobrir uma contradição direta da Bíblia deveria alertar-nos para a forma como as Escrituras têm sido seriamente mal utilizadas. Na verdade, não é apenas *Atanásio* que confessa a sua incapacidade de expor adequadamente esta complexa doutrina, mas reconhece que os padres conciliares de Niceia também ficaram perturbados pelo facto de não terem conseguido responder a *Ário* em categorias puramente bíblicas (!). [32]

Assim, traçamos a forma como *Atanásio* e o Concílio de Niceia deram o mote. Desde então, a tradição da Igreja tem ditado que “Deus, cuja natureza e existência estão acima do tempo, não pode gerar no tempo” (*João de Damasco*). Assim, por decreto destes homens, a tradição proibiu posteriormente Deus de agir no tempo e na história dentro do Seu próprio mundo! Disseram a Deus o que Ele não podia fazer! Outro, *Gregório Nazianzo*, está igualmente perdido numa névoa de explicações débeis: “Mas não admitiremos que nem os anjos possam conceber a maneira da geração do Filho, muito menos vós. Devo contar como correu? Foi de uma forma conhecida pelo Pai que gerou e pelo Filho que foi gerado. Tudo o que seja para além disso está escondido por uma nuvem e escapa à sua escassa visão”.

Um dos primeiros grandes defensores desta visão dominante e tradicional foi *Orígenes* (já demos conta das ligações de *Orígenes* com o platonismo). Vejamos como também ele foge ao testemunho claro das Escrituras. Livra-se do significado evidente da palavra “hoje” para dar lugar à sua própria teologia:

Cristo como Filho. Quando as palavras lhe são dirigidas: “*Tu és meu Filho, eu hoje te gerei*”, isto é dito por Deus, com quem todo o tempo é hoje, porque não há noite para Deus, como eu considero, e não há amanhã, nada além do tempo que se estende, juntamente com a Sua vida que não tem princípio nem pode ser visto. Hoje é para Ele o dia em que o Filho foi gerado e, por isso, não se encontra o início do Seu nascimento, nem o dia do Seu nascimento. [33]

Com que facilidade estes homens explicam o significado claro das palavras. E a Igreja reverenciou estes homens. Não acredito que Deus diga tal disparate. Deus não pode mentir.

Também acredito que as Escrituras são as palavras inspiradas de Deus (2 *Timóteo* 3:16). Jesus também acreditou nisso. Disse que as Escrituras não podem ser anuladas. O que está escrito está escrito e devemos ouvi-lo com inteligência. Por isso, não somos livres para fazer as nossas próprias interpretações particulares (2 *Pedro* 1:20). Em qual vai acreditar? “Hoje” refere-se ao tempo ou à eternidade? “Gerado” significa ser originado ou significa não ter princípio? Devemos acreditar que o dia do seu nascimento não pode ser encontrado?

Mateus e Lucas sobre o Nascimento de Jesus, ou Filho de Deus

Mais importante ainda, o que credenciamos aos apóstolos? Mateus surge como: “*LIVRO da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão*” (*Mateus* 1:1). A KJV traduz por “*O livro da geração de Jesus Cristo*”. A palavra grega aqui traduzida por “genealogia” é a palavra “gênese”. A palavra “gênese” significa “origem”. As primeiras palavras da Bíblia em *Gênesis* 1 dizem “*no princípio*”.

Mateus diz-nos que este é o livro de origem – ou *genealogia* – de *Jesus Messias*. *Gênesis* 2:4 recorda-nos: “*Estas são as origens [literalmente, estas são as gerações, as origens], quando foram criados; no dia em que o SENHOR Deus fez a terra e os céus*”. Assim como o universo material não é eterno, mas tem um ponto de partida, Jesus, o Filho de Deus, tem um princípio.

Mateus continua a explicar a linhagem de Jesus Cristo: “De Abraão nasceu Isaac”. Espera um minuto. Embora esta seja uma tradução razoável do que Mateus escreveu, não é suficientemente precisa e obscurece algo de vital importância. Pelo menos a antiga KJV é aqui precisa quando traduz: “*Abraão gerou Isaac; e Isaac gerou Jacob; e Jacob gerou Judas*”.

Não há aqui dúvidas sobre o significado. Abraão gerou Isaac. Abraão gerou Isaac. Isaac não existia antes de ser gerado. Então Isaac “gerou” Jacob. Mesmo significado. Isaac teve um filho. E assim nasceu Jacob. Na verdade, Mateus utiliza esta palavra “gerou” ao longo da sua genealogia antes de chegar ao nascimento humano de Jesus um total de 39 vezes. E em cada caso sabemos exatamente o que Mateus quer dizer. O pai procriou, gerou, deu vida a um filho.

A mesma palavra “gerou” é utilizada para se referir à existência, à origem de Jesus Cristo. Não é curioso que as nossas traduções não reflitam isso? No *versículo* 16 a KJV diz que de Maria “*nasceu Jesus, que é chamado o Cristo*”. Uma tradução igualmente válida do que Mateus escreveu é “*Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo*”, embora o sentido natural neste caso seja provavelmente o de que Jesus nasceu de Maria. Segundo Mateus, Jesus nasceu e passou a existir, foi procriado, teve a sua origem da mesma forma que entendemos que todos os outros desta genealogia tiveram a sua origem. Bem, não exatamente da mesma forma! Porque Mateus continua a explicar algo único sobre a procriação de Jesus: “*O nascimento de Jesus Cristo foi assim...*” Uau! Não foi isso que Mateus escreveu. Escreveu isto: “*A gênese de Jesus Cristo foi a seguinte...*”

[34]

Aí está de novo – a origem de Jesus! Este é o “hoje”, o momento da história em que Jesus começa a existir. Ao contrário de todos os outros bebês humanos da lista de Mateus, este bebê não tem um pai humano para o gerar. Não. O anjo aparece em sonhos a um José preocupado, que se interroga como é que Maria se meteu numa situação destas ao ponto de engravidar, quando ele sabe perfeitamente que não teve relações sexuais com ela. A explicação é dada no *versículo* 20

[Tradução VKJ]: “*pois o que nela foi concebido procede do Espírito Santo*”. Mais uma vez devemos protestar contra a forma como os tradutores lidaram com o que Mateus escreveu. O que ele escreveu foi isto: “porque o que nela foi concebido vem do Espírito Santo”. É a mesma palavra que Mateus usou ao longo deste capítulo para indicar procriação. Poderíamos traduzi-lo com precisão desta forma: “*Pois o que nele é gerado vem do Espírito Santo*”. Esta é a ação de Deus Pai que gera o Seu Filho.

Eis, pois, a geração do Filho de Deus na história na terra. Mas há ainda mais naquilo que Mateus nos diz. Os nomes de quatro mulheres aparecem na lista antes de chegar a Maria: “Zera de Tamar” (*versículo 3*) “Boaz de Raabe” (*versículo 5*) “e Obed de Rute” (*versículo 5*); “Salomão para aquela que foi esposa de Urias” (*versículo 6*). Mais uma vez não temos qualquer problema em perceber o que isto significa. A palavra grega traduzida por “para” nestes quatro casos é “*ek*” e significa “fora de”. A mãe produz o óvulo do qual nasce o seu bebê. Agora é dada a mesma explicação para o menino Jesus de Maria. *Versículo 16*: “*Maria, da qual [grego ek: de] Jesus nasceu*”. Assim notamos que Jesus saiu de Maria, não através de Maria. Mais uma vez, Jesus teve origem numa verdadeira linhagem humana, por assim dizer. Por outras palavras, não existe um Filho pessoalmente pré-existente que entre no seio de Maria desde a eternidade e passe para o tempo. Ele vem “de” Maria, tal como todos os bebês vêm das suas mães. (Curiosamente, certos gnósticos afirmaram que Cristo não veio de Maria, mas veio através dela “como água por um cano” [35].

Esta geração ou início do Filho de Deus é descrito de forma ainda mais precisa, se possível, no relato de Lucas. Gabriel anuncia à virgem Maria: “*Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus*” (*Lucas 1:35*).

Gabriel conta-nos que o filho de Maria será concebido de forma milagrosa. O poder do “*Espírito Santo*” irá eclipsá-lo. (Não há artigo definido antes de “Espírito Santo” em grego.) Isto indica que a presença de Deus, o seu poder iniciador, é a causa da conceção e geração de Jesus. *Raymond E. Brown* diz que isto “seria consistente com uma teologia de uma nova criação na qual o Espírito de Deus, ativo na primeira criação da vida (*Gênesis 1:2*), estivesse novamente ativo”. [36] Não percamos de vista a importância do que aqui é dito, quer por Gabriel através de Lucas, quer por *Brown*. A Virgem Maria foi concebida pelo “poder do Altíssimo”. *Brown* prossegue dizendo que não deveríamos entender esta geração de uma forma “quase sexual”, como se Deus tomasse o lugar de um princípio masculino ao fazer com que Maria concebesse. Há mais uma conotação de criatividade. A Maria não é estéril; antes, é uma virgem que não teve relações sexuais com um homem e, por isso, a criança é inteiramente obra de Deus: uma nova criação – O Espírito que vem sobre Maria é diretamente paralelo ao Espírito de Deus que se moveu sobre as águas antes da criação em *Gênesis 1:2*. A terra estava vazia e desordenada quando aquele Espírito apareceu; Assim, o ventre de Maria ficou vazio até que, pelo Espírito, Deus o encheu com um filho que era Seu Filho. No anúncio do nascimento de João Batista ouvimos falar de uma saudade e de uma oração por parte dos pais que queriam muito ter um filho; mas como Maria é uma virgem que ainda não viveu com o marido, não há desejo humano nem expectativa de ter um filho – é a surpresa de uma nova criação surpreendente. Já não se trata do pedido humano e do cumprimento generoso de Deus; Esta é uma iniciativa de Deus que vai para além de tudo o que um homem ou uma mulher já sonhou. [37]

Em contraste com os credos do Cristianismo que nos dizem para acreditar que o nosso Senhor era eterno e incriado, Gabriel diz o contrário – o Filho de Deus começou no ventre de Maria. Estamos a lidar com a geração do Filho de Deus no ventre de Maria através do Espírito criativo de Deus. Como diz Brown, só nos escritos do século II encontramos os conceitos lucano e jónico (mal compreendidos) combinados numa encarnação de uma divindade pré-existente no ventre da virgem Maria. [38] Lucas não pensa num Filho de Deus pré-existente. Portanto, Lucas não acreditava na Trindade e hoje seria excluído da filiação de quase todas as igrejas.

Dois Nascimentos?

É certo que existe possivelmente uma outra ocasião na vida de Jesus em que se diz que foi “gerado”. Alguns comentadores dizem que o dia da sua ressurreição/coroação é uma geração. O decreto profético do *Salmo 2* (“*Tu és o meu Filho; hoje Eu te gerei*”) não se aplica à sua concepção/nascimento, mas à sua ressurreição/exaltação à direita do Pai. A evidência do NT para esta afirmação é escassa e, na melhor das hipóteses, duvidosa. A única passagem que consigo localizar que daria essa impressão é *Hebreus 1:3-5*. Aqui, depois de afirmar que Jesus ressuscitou dos mortos e “*assentou-se à destra da majestade nas alturas*” (*Hebreus 1:3*), a geração de Jesus é citada no *Salmo 2*. Alguns alegam que nesta base a geração da chegada de o Filho para o céu através da ressurreição é uma geração simbólica. Portanto, uma vez que a ressurreição de Jesus não iniciou o seu início pessoal, por que razão o relato de Lucas sobre o nascimento de Jesus também não deveria ser tomado metaforicamente? Tomado desta forma, indicaria que Jesus (que supostamente existia desde a eternidade) só entrou agora numa nova fase da sua existência através da Encarnação. Portanto, a sua concepção não é um verdadeiro começo pessoal. O seu nascimento é simbolicamente importante, mas não marca a sua origem pessoal. A concepção virginal de Jesus é simplesmente uma linguagem metafórica para adoção. Esta é uma proposta válida?

Em pelo menos duas ocasiões distintas, o Pai falou desde o céu, dizendo: “*Este é o meu Filho muito amado*”. Estas declarações públicas – uma no seu batismo e outra na sua transfiguração – não estabeleceram a filiação de Jesus; antes, confirmaram abertamente o que já era um facto, a saber, que Jesus era verdadeiramente o Filho de Deus. Nem o batismo nem a transfiguração deram a Jesus um novo estatuto. O propósito destes anúncios públicos não era mostrar ao mundo que o Pai estava a adotar Jesus como Seu Filho. Estes acontecimentos apenas revelaram uma filiação já real desde a sua concepção. Mas será que este raciocínio pode ser aplicado ao anúncio de Deus na coroação de Jesus (“*Tu és meu Filho; hoje Eu te gerei*”) se foi realmente um anúncio pós-ressurreição? Quando Deus colocou Jesus à sua direita no céu, foi uma confirmação – na mesma linha dos anúncios do Pai no batismo e no Monte da Transfiguração – para todos no céu e na terra de que aquele que tinha sido rejeitado pelos homens era verdadeiramente Seu Filho. Mas haverá algo mais do que o simples reconhecimento universal de Jesus como Seu Filho agora ressuscitado? A sua ressurreição é uma geração (metafórica)? Se sim, como pode haver dois nascimentos: um na concepção e outro na coroação? Felizmente, podemos recorrer a outras passagens paralelas do NT em busca de luz.

O *Salmo 2* é também citado no NT em *Atos 13:33*. Aqui não há dúvida de que o decreto do Pai: “*Tu és o Meu Filho; Hoje eu te gerei*” é uma referência à concepção/início físico de Jesus e ao ministério da sua vida. Quando o apóstolo Paulo anuncia “*a promessa que foi feita aos pais*” (*Atos 13:32*), conta como Deus, o Pai, “*ressuscitou Jesus*” (*versículo 33*) em cumprimento do Seu

decreto no *Salmo 2*. Isto refere-se claramente -se à geração física de Jesus, porque só no versículo seguinte é introduzida a ressurreição de Jesus: “*E que o ressuscitaria dentre os mortos, para nunca mais tornar à corrupção...*” (*versículo 34*). (Este ponto perde-se para os leitores da Versão King James, onde há um infeliz erro de tradução. A palavra “novamente” aparece no *versículo 33* onde não tem o direito de estar. Isto dá a impressão de que a citação do *Salmo 2* se refere à ressurreição de Jesus quando diz: “*Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus*”. O original grego não introduz a palavra “de novo” até ao *versículo 34*, onde, como observámos, a ressurreição aparece pela primeira vez).

Anteriormente no sermão de Paulo encontramos a mesma expressão que Deus “*levantou-lhes como rei a Davi*” (*Atos 13:22*). Assim como Deus levantou David para o serviço real, Deus levantou Jesus para o ministério como um descendente literal de David. Isto também encontra eco no AT, onde Deus promete “suscitar” um descendente depois de David “*o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino*” (*2 Samuel 7:12*). Mais uma vez, o decreto de Deus para ressuscitar Jesus como um verdadeiro descendente de carne e osso de David é uma referência não à ressurreição, mas ao seu verdadeiro nascimento físico e vida. A nossa conclusão é que, tendo em conta tanto o contexto do AT como outras referências do NT ao decreto de Deus, a geração do Filho refere-se sempre ao início físico de Jesus.

Talvez outra chave que nos ajude a responder à nossa questão se encontre na introdução da carta aos Romanos. Aqui é-nos dito o que diz respeito ao Evangelho: “*Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, Declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos*” (*Romanos 1:3, 4*).

Eis dois “como” que esclarecem a nossa questão. A primeira diz que “segundo a carne” o Filho de Deus nasceu (literalmente, *veio a existir*) de descendência davídica. É um verdadeiro ser humano. Como Paulo afirma em *Gálatas 4*, Deus enviou (comissionou) o Seu Filho “*nascido [de novo, literalmente, vindo à existência] de uma mulher*” (*Gálatas 4:4*). (Se Jesus sempre existiu como o Filho eterno antes do seu nascimento, estas declarações são falsas.) O segundo “de acordo” diz que Jesus é “*declarado ser capaz de ser o Filho de Deus segundo um espírito de santidade pela sua ressurreição*”. Note-se que a ressurreição não constitui Jesus como Filho de Deus, mas antes anuncia – “com poder” – uma filiação já estabelecida. Jesus Cristo é o único homem até agora que experimentou dois reinos de existência. Como Filho de Deus “segundo a carne”, Jesus viveu em fraqueza e humildade nesta terra. Poucos conheciam a sua verdadeira identidade. Mas depois de ser ressuscitado e levado para a direita de Deus, este Filho entrou numa *nova fase de existência*. A sua coroação introduziu-o – pela primeira vez – no reino do Espírito e da imortalidade. A ressurreição de Jesus é uma poderosa confirmação de que as suas afirmações de ser o Filho Unigénito de Deus eram verdadeiras. É uma melhoria significativa em relação a uma filiação já usufruída; como Filho de Deus, o seu estatuto é intensificado. A sua ressurreição pode ser chamada de “geração espiritual”, que o marca “**com poder para ser o Filho de Deus**”. Mas isso aconteceu depois de o Filho ter sido literal e fisicamente gerado em Maria. Esta conceção em Maria marca a geração física que inicia a sua existência real como Filho de Deus; No entanto, pode falar-se da sua coroação como uma “geração espiritual” que inicia uma nova *fase* na sua filiação. *Raymond Brown* está bastante convicto de que a geração de Jesus como Filho de Deus no ventre de Maria deve ser interpretada literalmente. O seu raciocínio é que a “vinda” do Espírito Santo em *Lucas 1:35b* (o que explica porque é que a criança é chamada “santa” em *1:35d*) e a “sombra” pelo

poder do Altíssimo em *1:35c* (o que explica porque é que a criança é chamada Filho de Deus em *1:35d*) “na verdade gera a criança como Filho de Deus – não há aqui adoção”. [39]

O professor *Anthony Buzzard* enfatiza ainda mais isto:

Nestes versículos [*Lucas 1:35*], sob a autoridade do emissário de Deus, somos apresentados a uma declaração clara sobre a origem de Jesus como Filho de Deus. A concepção milagrosa de Maria, segundo Lucas, foi a causa imediata da filiação divina de Jesus. É “*por causa disto*” (*Lucas 1:35*) – a concepção de Maria através do poder do Espírito Santo de Deus – que Jesus deveria ser chamado Filho de Deus. Um comentador francês desta passagem traduz muito bem o grego “*dio kai*” por “*c’est précisément pourquoi*” (“é precisamente por essa razão”, “por essa mesma razão”) será chamado Filho de Deus. Não é difícil perceber que a visão de Lucas sobre a filiação de Jesus está em desacordo com a ideia tradicional de que alguém que já existia como Deus e Filho de Deus entrou no seio de Maria. Se assim fosse, a concepção de Jesus não seria a causa da filiação divina de Jesus. Ele já teria sido o Filho de Deus. [40]

Noutro artigo, *Anthony Buzzard* torna este ponto ainda mais revelador:

A mensagem é simples e clara. O Filho de Deus do anúncio de Gabriel não é outro senão um Filho de Deus divinamente criado, que vem à existência – gerado – como Filho no seio materno. Todos os outros aspirantes à filiação divina e ao messianismo podem ser seguramente excluídos. Um “Filho de Deus” que fosse filho *natural* de José não poderia, segundo a evidência de Gabriel, ser o Messias. Tal pessoa não responderia ao Filho que é filho com base numa intervenção divina única na cadeia biológica. Da mesma forma, falso para a definição de Gabriel do Filho de Deus seria um filho que *pré-existia* à sua concepção. Tal filho não poderia de modo algum corresponder ao Messias apresentado por Gabriel, cuja existência se baseia num ato criativo histórico por parte do Pai. Gabriel não apresenta um Filho de Deus em transição de um estado de existência para outro. Anuncia a origem milagrosa e o início do Messias... A concepção e a geração marcam o ponto em que começa a existir um indivíduo, um indivíduo que antes não existia! [41]

Gabriel informa-nos então que o poder criador de Deus iniciou o seu Filho inequivocamente nascido na história. Não há aqui uma geração metafórica. Como disse outro erudito: “Ele [Deus] estava a criar um ser humano, o último Adão, e não um segundo Deus ou uma segunda pessoa de um Deus trino. Desta forma, a humanidade de Nosso Senhor, por criação especial, vinha de Deus e de Maria e ele era completa, inteira e puramente humano”. [42]

Quando Deus soprou no corpo sem vida de Adão, este tornou-se uma alma vivente. O facto de o espírito ou sopro de Deus ter animado Adão não significava que Adão se tivesse tornado um homem com duas naturezas, que fosse totalmente Deus e totalmente homem. Não, ele era pura e *completamente humano*. Da mesma forma, quando Deus cobriu Maria e pelo seu poder criou Jesus a partir do ovo da sua mãe, Jesus não se tornou um homem com duas naturezas. Era também pura e inteiramente humano, como Adão. Para aqueles que se opõem a este surpreendente paralelo com Adão, é informativo notar que Lucas tira esta mesma lição apenas alguns versículos mais tarde. Traça a linhagem de Jesus, o Filho de Deus, até Adão, que também é chamado “filho de Deus” (*Lucas 3:38*)! Deus, que criou o primeiro “*filho de Deus*” – Adão – agora, por um milagre especial, cria também o último Adão – Jesus – que também é designado “Filho de Deus”.

Na Cristologia Nicena, esta concepção/geração de Jesus não dá existência ao Filho de Deus. No esquema tradicional, a concepção de Jesus é simplesmente o início da sua carreira terrena. Mas

para Gabriel o milagre é a razão e a base da própria existência do Filho. Jesus é o Filho de Deus “por esta mesma razão” ensinada tão belamente por nada mais nada menos que o arcanjo em *Lucas 1:35*:

Toda a natureza do Salvador está aqui em causa. Será ele realmente um ser humano, ou teve o benefício de bilhões de anos de existência consciente, antes de decidir tornar-se um homem?... O Filho de Deus, Messias e Salvador, é definido em termos teológicos precisos por Gabriel, colocando o fundamento de todo o NT e o cumprimento das promessas do Antigo... Jesus é o Filho de Deus apenas numa base: a sua existência milagrosa no seio de Maria. Este foi o ato criativo de Deus, iniciando a Sua nova criação e fornecendo o modelo de filiação cristã para todos nós. Embora obviamente não tenhamos nascido sobrenaturalmente, como Jesus, ainda assim, nós, como Ele, devemos receber um nascimento sobrenatural do espírito, nascendo de novo sob a influência do Evangelho... Um Filho de Deus que já é o Filho de Deus Antes de sua concepção na sua mãe, era um personagem essencialmente não humano. De acordo com este esquema revisto, o que passou a existir em Maria não foi de modo algum o Filho de Deus, mas uma natureza humana criada acrescentada a uma Pessoa já existente. [43]

Um livro definitivo, “*The Virgin Birth in History and Faith*” (O Nascimento Virginal na História e na Fé), foi escrito em 1941 por *Douglas Edwards*. O próprio *Edwards* era trinitário, o que significa que acreditava que Jesus era o segundo membro da Trindade eterna. Contudo, ele recusa-se a usar o nascimento virginal para esta crença. Diz categoricamente que:

O NT nunca liga o Nascimento Virginal com a Divindade de Cristo... As narrativas da Natividade... ligam o Nascimento Virginal não com a Divindade de Jesus Cristo, mas com a Sua “Cristandade” e a Sua Humanidade... longe de marcá-Lo como Deus. – O seu nascimento “do Espírito” permite-lhe ser *o Homem para quem o Reino é uma realidade visível*. [44]

Nada poderia ser mais claro, segundo *Edwards*:

Os apóstolos não acreditavam que Jesus era Deus porque tinha nascido de uma virgem, nem esperavam que os outros acreditassem na sua Divindade com base nisso... Não foi a *Divindade* de Cristo que atestou o nascimento milagroso. Não teria ocorrido aos primeiros cristãos apelar ao nascimento virginal como prova da divindade de Cristo. Também não o atraem muito. [45]

J.O. Buswell concorda:

A noção de que o Filho foi gerado pelo Pai na eternidade passada, não como um acontecimento, mas como uma relação inexplicável, tem sido aceite e continuada na teologia cristã desde o século IV... Examinamos todos os casos em que este “gerado” ou “nascido” ou palavras relacionadas aplicam-se a Cristo, e podemos dizer com confiança que *a Bíblia não tem nada a dizer sobre “gerar” como um relacionamento eterno entre o Pai e o Filho*. [46]

Raymond Brown chega ao ponto de dizer que *Lucas 1:35* é um embaraço positivo para a crença dominante: “*Lucas 1:35* embaraçou muitos teólogos ortodoxos, uma vez que na teologia da pré-existência uma concepção do Espírito Santo no ventre de Maria *não* provoca a existência do Filho de Deus. Aparentemente, Lucas não tem conhecimento de tal cristologia; a concepção está causalmente relacionada com a filiação divina para ele”. [47]

O estudioso do Novo Testamento e crítico textual *Bart Ehrman* diz: “Na verdade, não há nada na narrativa de Mateus, aqui ou em qualquer outro lugar do Evangelho, que sugira que ele conhecia ou subscrevia a noção de que Cristo existia antes do seu nascimento. [48]

Por agora, vamos deixar o assunto em casa. “Gerar” significa trazer à existência, fazer existir. Dizer que o Filho foi “eternamente gerado” é como falar de círculos quadrados. Não pode começar e não começar ao mesmo tempo! Como salientou *Anthony Buzzard*, é duvidoso que esta expressão contenha mais significado do que “cubos de gelo quentes”.

Onde está então a doutrina “tradicional” da geração eterna do Filho que se encontra nas Escrituras? *A visão tradicional diz que o Filho foi gerado, mas nunca veio à existência* – era eterno. Tal linguagem eclesiástica é um absurdo ilógico. *Se não há geração eterna do Filho, então não há Filho eterno. A Ortodoxia quer que acreditemos que o Pai não foi gerado e não teve princípio, mas que o Filho foi gerado e também não teve princípio!* É certamente claro que é tortuoso atribuir significado a palavras que nenhum léxico suporta. Isto é simplesmente brincar com as palavras e fazê-las significar o que diz que significam.

Outras “explicações” são oferecidas para justificar o credo tradicional. Cristo é o Filho de Deus “gerado, não criado” e “gerado antes de todos os mundos”, mas isto destrói o significado de “gerar”, que é uma forma de criação ou procriação. O conhecido *C.S. Lewis* defende a causa tradicional e pergunta o que significam estas palavras:

Um dos credos diz que Cristo é o Filho de Deus “gerado, não criado”; e acrescenta “gerado por seu Pai antes de todos os mundos”. Poderia deixar claro que isto não tem nada a ver com o facto de que quando Cristo nasceu na terra como homem, esse homem era filho de uma virgem? Agora não estamos a pensar no nascimento virginal. Estamos a pensar em algo que aconteceu antes da criação da natureza, antes do início do tempo. “Antes de todos os mundos” Cristo é gerado, não criado. Que significa?

Não usamos muito as palavras *gerando e gerar* no inglês moderno, mas todos sabem o que significam. Gerar é tornar-se pai de; criar é fazer. E a diferença é esta. Quando se engendra, engendra-se algo da sua própria espécie. Um homem gera bebés humanos, um castor gera pequenos castores e um pássaro gera ovos que eclodem em crias de passarinho. Mas quando o faz, faz algo diferente de si mesmo. Um pássaro faz um ninho, um castor constrói uma barragem, um homem faz um dispositivo sem fios... ou pode fazer algo mais parecido consigo próprio do que um dispositivo sem fios – digamos, uma estátua... Esta é a primeira coisa a esclarecer. O que Deus gera é Deus; assim como o que o homem gera é o homem. O que Deus cria não é Deus; assim como o que um homem faz não é um homem. É por isso que os homens não são filhos de Deus no sentido em que Cristo o é. Podem ser semelhantes a Deus em certos aspetos, mas não são coisas do mesmo tipo. São mais como estátuas ou imagens de Deus. [49]

Lewis entra aqui no habitual emaranhado helenístico/filosófico, mas podemos pelo menos começar por sustentar a sua afirmação de que “gerar é tornar-se pai de”. Estamos a trabalhar a partir da mesma definição. Jesus teve um início, embora um início “que ocorreu antes da criação da Natureza, antes do princípio dos tempos”. Contudo, a explicação de *Lewis* levanta pelo menos dois problemas. Em primeiro lugar, *sem qualquer garantia bíblica para o fazer*, situa a geração de Jesus como Filho numa eternidade passada. Como acabámos de ver, Mateus e Lucas situam o nascimento de Jesus no tempo – na Palestina do primeiro século, três meses depois da gravidez de Isabel – e em vez disso – no seio de Maria. Não há uma única palavra na Bíblia que ensine que Jesus foi gerado na eternidade. Nem um.

Em segundo lugar, *Lewis* faz a afirmação arbitrária de que Deus gera Deus. Isto significaria que o Deus não gerado gera uma pessoa não gerada. Isto contradiz diretamente o significado de “gerar” e o facto bíblico de que Jesus era o Filho Unigénito de Deus. *Lewis* não explica o entendimento da

Bíblia sobre o que significa ser o Filho de Deus. A sua distinção entre “gerar” e “criar” poderia ser bastante válida – se estivéssemos a trabalhar no domínio da filosofia e da metafísica gregas. Mas agora não estamos a trabalhar nessa área. Agora pensamos com mentes hebraicas. Porque ao gerar Jesus através da cobertura milagrosa do Espírito de Deus, Deus está a operar uma nova criação. Na mentalidade hebraica, a geração de Jesus foi a criação do Filho de Deus, como vimos. E aqui está a chave de que precisamos para obter clareza. Encontra-se na própria definição da Bíblia e no pano de fundo da descrição “Filho de Deus” e é para este entendimento particular que nos voltaremos agora.

Filho de Deus

Um dos principais teólogos sistemáticos do mundo (e à data em que escrevo ainda está vivo) é o *Dr. Colin Brown*, do Seminário Fuller. O *Dr. Brown* é um dos principais contribuidores para a “*International Standard Bible Encyclopedia*” (Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional). *Brown* fala de “um equívoco sistemático da linguagem do Filho de Deus nas Escrituras”. Na verdade, *Brown* diz: “Poderíamos perguntar-nos se o termo ‘Filho de Deus’ é em si um título divino. “Há certamente muitos casos na linguagem bíblica em que não é definitivamente uma designação de divindade”. Em seguida, ilustra esse ponto com a Bíblia. Este termo é utilizado para descrever Adão, o vice-regente criado por Deus na terra (*Lucas 3:38*); é utilizado para designar a nação de Israel e o rei de Israel (*Êxodo 4:22; Oseias 11:1; Salmos 2:7; 2 Samuel 7:14*, etc.); e na sua forma plural para designar até anjos (*Job 1:6; 2:1; 38:7*). Então diga:

À luz destas passagens no contexto, o título “Filho de Deus” não é em si uma designação de divindade pessoal ou uma expressão de distinções metafísicas dentro da Divindade. Na verdade, para se ser “Filho de Deus” é preciso ser outro ser que não Deus! É uma designação para uma criatura que indica uma relação especial com Deus. Em particular, denota o representante de Deus, o vice-regente de Deus. É uma designação da realeza, que identifica o rei como filho de Deus. [50]

Na verdade, para se ser “Filho de Deus” é preciso ser outro ser que não Deus! Isto é facilmente demonstrado pela forma como a Bíblia utiliza o termo “filho de Deus”. Mas em nenhum destes casos é um título que designe a Divindade no sentido “tradicional” ou “ortodoxo”. É claro que a filiação de Deus significava algo muito diferente para a mente judaica dos escritores da Bíblia e para a mente gentílica posterior.

Quando Jesus perguntou aos seus discípulos: “*Quem dizeis que Eu sou?*” Pedro respondeu: “*Tu és o Cristo*” (*Marcos 8:29*). Lucas expande a confissão de Pedro ao “*Cristo de Deus*” (*Lucas 9:20*). E Mateus tem a descrição mais completa: “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!*” (*Mateus 16:16*). É bastante evidente que estes dois títulos Cristo (hebraico, *Messias*) e Filho de Deus são intercambiáveis. Um define o outro. O “Filho de Deus” de Mateus é sinónimo de “Cristo”.

Esta confissão de Pedro deve ser entendida no seu contexto judaico. O quadro de referência de Pedro era a sua Bíblia Hebraica. E nessa Bíblia os títulos “Cristo” e “Filho de Deus” referem-se ao rei de Israel. Por exemplo, vemos isso claramente no Salmo 2, um Salmo messiânico amplamente considerado. Neste Salmo temos “o SENHOR”, que é Jeová Deus. Temos também o “Seu Ungido [Messias]” (versículo 2). Deus declara esta palavra profética: “Estabeleci o meu rei em Sião, o meu santo monte!” (versículo 6). O versículo seguinte diz que Deus chama a este Rei

Messiânico “Meu Filho” (versículo 7). Para os judeus que aguardavam o cumprimento da promessa divina do Messias, o prometido seria tanto Rei como Filho de Deus. Estas três descrições encontram-se na pessoa de Jesus de Nazaré. O *Ungido* (hebraico, *Messias*; grego, *Cristo*) é o Rei, é o Filho. “O título ‘Filho de Deus’ usado para Jesus tem origem na ideologia real israelita.” [51] E quando Pedro reconheceu isso, Jesus felicitou-o por ter sido abençoado. O Pai revelou-lho. “A filiação de Jesus a Deus não é descrita como uma ‘natureza divina’, mas como resultado da criação/eleição divina e é plenamente desenvolvida na obediência de Jesus ao Pai.” Como *Schonfield* se esforça por salientar vezes sem conta: “Jesus é o Homem arquetípico, o Filho arquetípico de Deus”. E como *Frances Young* tão astutamente observa: “Quando Paulo escreveu: ‘Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo’, é improvável que tenha imaginado uma conclusão nicena”. [52] Para resumir até aqui temos:

Filho de Deus = Rei = Messias = Cristo

A Blasfêmia de Jesus

Uma vez que os títulos “Rei de Israel”, “Messias/Cristo” são sinónimos de “Filho de Deus”, o que achamos de João 10, onde os judeus estão prestes a apedrejar Jesus por “blasfêmia”? A nossa Bíblia diz: “*Os judeus responderam-lhe: Não te apedrejamos por uma boa obra, mas por blasfêmia, e porque tu, sendo homem, te fizeste Deus*” (João 10:33).

Para os nossos ouvidos apegados à tradição, isto soa como se Jesus estivesse a afirmar ser Deus. Mas foi? Faria sentido naquela terra e naquela época que os judeus que eram monoteístas unitaristas estritos acusassem Jesus de ser o próprio Jeová? Infelizmente, mais uma vez temos de esclarecer uma simples questão de tradução. O grego aqui não tem o artigo definido antes da palavra “Deus”. Não acusaram Jesus de se afirmar “o Deus”, isto é, o Senhor Deus. O texto grego também não coloca o “D” em maiúsculas para Deus. Nenhum judeu acreditaria nisso nem por um momento. Fazê-los dizer que Jesus afirmou ser Deus (o Ser Supremo) é simplesmente ler no texto aquilo que é historicamente anacrónico e absurdamente fora do contexto. Quando lemos a palavra “Deus”, a nossa mente ocidental pensa imediatamente na Divindade Suprema. Mas no mundo antigo a palavra “Deus” era muito mais ambígua e o contexto determinava sempre o seu significado. Na verdade, os judeus acusaram Jesus de que reivindicava uma autoridade sem precedentes para falar diretamente em nome de Deus. Não o reconheceram como o Messias e consideraram as suas afirmações escandalosas e falsas.

O apóstolo Paulo dá-nos uma boa pista sobre este uso generalizado e popular da palavra “deus” quando nos diz que na sua sociedade havia “*muitos deuses e muitos senhores*” (1 Coríntios 8:5). Numa ocasião, o próprio Paulo teve de dissuadir multidões de o adorarem a Ele e a Barnabé. A multidão gritou: “*Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós*” (Atos 14:11). Mais tarde, na sua vida, Paulo foi mordido por uma cobra venenosa. Os habitantes locais esperavam que Paulo inchasse e morresse, mas quando não apresentava efeitos nocivos, as mesmas pessoas mudaram de ideias e começaram a dizer que Paulo era “*um deus*” (Atos 28:6). Os tradutores sabem que os nativos não pensavam que Paulo fosse “Deus”, por isso escreveram que Paulo era “um deus”. Outro exemplo: em Atos 12, o rei Herodes fez uma comovente oração e o povo gritou: “*Voz de Deus, e não de homem*” (versículo 22). Os tradutores não escreveram “A voz

de Deus...” porque é evidente que aqueles pagãos não disseram que Herodes falava com a mesma voz de Deus. Isto é muito claro para qualquer pessoa.

Poderíamos referir muitos mais exemplos em que o contexto determina a que “Deus/deus” se refere. Evidentemente, a Bíblia, refletindo a linguagem comum da sua época, chama “Deus/deus” a vários seres. Sempre que a Bíblia fala que a única Divindade Suprema é o Deus incriado, geralmente utiliza o artigo definido. O Pai de Jesus é geralmente chamado “o Deus” (grego: *ho theos*). De facto, cerca de 1.350 vezes no NT, sempre que a Divindade Suprema, o Pai, é mencionada, é chamado “o Deus” com o artigo definido.

Antes de regressarmos à nossa passagem em *João 10*, onde os judeus acusam Jesus de blasfémia, dizendo que ele afirma ser “Deus”, vamos fixar este facto claramente nas nossas mentes usando uma ilustração simples. Se eu lhe dissesse que o ministro o visitava hoje, poderia pensar que me referia a um ministro do governo. Por outro lado, pode pensar que me estou a referir ao ministro da igreja local. Ou até pode pensar que eu quis dizer que o (Primeiro) Ministro do nosso país viria falar consigo. Só o contexto o ajudará a fixar na sua mente a que ministro me refiro. A palavra “ministro” por si só é bastante ambígua. Da mesma forma, no mundo antigo a palavra “Deus” era uma palavra flexível cujo significado era determinado pelo contexto mais amplo.

Em *João 10:24* o contexto é claro. Os judeus dizem a Jesus: “*Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo [o Messias], dize-no-lo abertamente*”. Jesus expõe as credenciais que o marcam como o Messias há muito prometido. As suas obras realizadas pela autoridade do Pai provam a sua afirmação de ser o ungido, o Messias. Mas estes judeus endurecidos que se recusam a acreditar que ele é o Messias não o ouvirão porque não são suas ovelhas (*versículo 26*). As suas verdadeiras ovelhas que ouvem a sua voz estão seguras (*versículo 28*). Neste assunto, Jesus diz: “*Eu e o Pai somos um*” (*versículo 30*). Ou seja, um em propósito e missão. A palavra grega para alguém aqui é neutra (*hen*) e refere-se às obras ou propósitos de que Jesus fala: manter as ovelhas em segurança. (Compare-se *1 Coríntios 3:8* onde “*Ora, o que planta e o que rega são um*”, isto é, um em propósito ou um em missão.) O exegeta católico *Karl-Josef Kuschel* diz sobre este versículo:

Até a exegese católica vê agora que João não pretendia fazer afirmações metafísicas sobre a unidade do Pai e do Filho... devemos ter cuidado para não insistir no versículo sobre a unidade, como fizeram os cristãos dos séculos posteriores na controvérsia sobre a Trindade. ...Positivamente, João está preocupado com uma unidade de revelação entre o Pai e o Filho...Essencialmente, temos uma unidade de vontade e de ação entre Deus e Jesus...uma unidade de atividade...Assim, ao definir a unidade, João não está preocupado com especulações mitológicas ou conceptualizações metafísicas da Divindade de Jesus, do ser divino, ou da natureza divina... Ele não está preocupado em saber que antes da Encarnação existiam duas pessoas divinas pré-existentes que estavam unidas numa só natureza divina. Esta forma de conceber as coisas é estranha a João... A afirmação nada tem a ver com afirmações dogmático-especulativas sobre a relação das naturezas dentro da Divindade. [53]

Muito bem. Sempre que o próprio Deus é chamado um, é utilizado o masculino (*heis*) (ver, por exemplo, *Gálatas 3:28; Efésios 4:6* em grego). Basta dizer então que aqueles que tentam fazer com que Jesus queira dizer que ele e o Pai são um só na *essência ou na natureza* estão a ler o texto, e não fora dele. Isto é impor novamente as categorias greco-ocidentais à mente hebraica que nunca pensou em Deus em termos de essência.

Neste ponto, os judeus estão prontos a apedrejar Jesus por blasfêmia “*porque tu, sendo um homem, finges ser...*” (“o Deus” ou “um deus”? Qual será?) Com outros comentadores, sugiro que deve ser traduzido no sentido de que Jesus se está a fazer passar por “um deus” (como traduziram *Atos 28:6 e 14:22* que vimos anteriormente). Isto porque não há um artigo definido e nos dois versículos seguintes os tradutores seguem o bom senso: “*Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses? Pois, se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida...*” (*João 10:34, 35*).

Eis outra razão pela qual os tradutores erram quando dizem que Jesus afirmou ser “Deus”. Veja-se o versículo 36: “*Aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?*”

Se Jesus estivesse a afirmar ser “Deus”, então certamente teria dito diretamente: “Eu disse que sou (o) Deus”! Mas não. Ele diz: “*Eu disse que sou o Filho de Deus*”. Como discutido acima, ser o Filho de Deus significa que não é Deus! O ponto central de Jesus é que, se Deus no AT chamou os juízes humanos que foram comissionados para agir em seu nome de “deuses”, então quanto mais deveria aquele que é “santificado” e “enviado” com autoridade ser chamado de “deuses”? do pai? Filho de Deus. Esta interpretação de que os judeus acusam Jesus de ser “um deus” – isto é, de ser o representante ou agente do único e verdadeiro Deus de Israel – enquadra-se em todo o contexto. Recorde-se, os judeus pediram a Jesus que não os mantivesse em suspense, mas que lhes dissesse claramente se Ele era o Messias (*versículo 24*). Jesus faz exatamente isso. Diz-lhes que é o Filho de Deus. E como já vimos, na Bíblia os títulos “Filho de Deus” e Cristo (Messias) são praticamente sinónimos. Em *João 10:22-36* os judeus acusam Jesus de afirmar representar Deus e ser o seu porta-voz. Jesus nega explicitamente ser Deus. É pena que os tradutores tenham obscurecido tudo isto, injetando a sua própria teologia no texto, dando assim a impressão de que Jesus afirmava ser o próprio Deus, o Senhor do AT.

Eu sou

Mas e as grandes declarações de Jesus sobre “*eu sou*”? especialmente aquela clássica em *João 8:58*, onde Jesus diz: “*Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, EU SOU*”. Certamente aqui Jesus faz a mesma declaração a si mesmo que Jeová Deus fez em *Êxodo 3*, onde o Senhor diz a Moisés na sarça ardente: “*EU SOU QUEM EU SOU*”. Certamente Jesus afirma ser o ANTIGO EU SOU do AT como afirma a crença trinitária?

Ora, aqui está algo muito óbvio que nunca me foi dito na igreja (ou na escola de teologia). Esta expressão dos lábios de Jesus “*Eu sou*” (grego, *ego eimi*) aparece em todo o Evangelho de João e em nenhum outro texto de João pode significar EU SOU o Deus do AT. Volte a *João 4:25, 26*, por exemplo. A mulher junto ao poço disse a Jesus: “*A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo.*”. E Jesus disse-lhe: “*Sou Eu que falo contigo*”. Reparará que na maioria das Bíblias a palavra ele está em itálico. Isto significa que os tradutores forneceram corretamente uma palavra em inglês que não está em grego, mas que, no entanto, torna o significado pretendido bastante claro. Aqui Jesus diz à mulher – no contexto da sua pergunta sobre o Messias – que ele é o Messias, o Cristo. “*Sou eu que falo contigo*” Em grego lê-se “*ego eimi*”. Jesus diz simplesmente: Eu sou ele, o Messias. Definitivamente não “EU SOU é Aquele que fala contigo!”

Em *João 9*, Jesus cura o cego. Mas será este realmente o mendigo que andava às apalpadelas no escuro? Algumas pessoas disseram: “*Sim, é ele*”. Outros disseram: “*Não, ele apenas se parece com ele*”. Mas o mendigo diz: “*ego eimi*”! E os tradutores não têm qualquer problema em escrever: “Sou eu”. Então, porque é que os tradutores não são consistentes? Porque não aproveitar o que este homem diz como EU SOU? Porque é claro que não afirma ser o Deus do AT. Dizer “eu sou” (*ego eimi*) não faz de alguém Deus na Bíblia!

Ou veja *João 8:24, 28*, onde a frase exata “*eu sou*” aparece e os tradutores fornecem o verdadeiro significado colocando em itálico a pequena palavra “*he*”, porque é claro que significa simplesmente “*Eu sou o Messias*”. *Versículo 28*: “*Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem EU SOU, e que nada faço por mim mesmo; mas isto falo como meu Pai me ensinou*”. Jesus não pode estar a dizer que o Filho do Homem, que nada pode fazer sem o Pai, será visto como o EU SOU quando morrer. Deus não pode morrer. A explicação consistente e natural é que Jesus afirma ser o Messias. Ele é o agente devidamente autorizado de Deus.

Na realidade, o EU SOU de *Êxodo 3* apresenta-se como EU SOU O QUE SOU ou SEREI O QUE SEREI. Jesus não disse isso! *Anthony Buzzard* explica:

É importante notar que Jesus não usou a frase revelar o nome de Deus a Moisés. Na sarça ardente, o Deus Único declarou o Seu nome como “Eu sou o que sou” ou “Eu sou o Auto existente” (*Êxodo 3:14*). A frase na versão grega do AT diz “*ego eimi ho hown*”, o que é bem diferente do “eu sou ele” usado por Jesus. [54]

O que Jesus está a dizer a estes judeus é simplesmente: “*antes que Abraão existisse, EU SOU*”, isto é, “Eu sou o Messias”. Repare-se no contexto em *João 8:56* onde Jesus diz: “*Abraão, teu pai, alegrou-se por ver o meu dia*”. Isto é, pela fé Abraão olhou em frente e viu a vinda do Messias antes de ele aparecer na história. Ele acreditava na promessa de que Deus enviaria o Prometido. Por outro lado, estes judeus não acreditavam que Jesus fosse o seu Messias. Afirmaram ser descendentes de Abraão. Jesus disse que isso era impossível porque não o reconheceram como o seu Messias. Mas Jesus afirma que, mesmo antes de Abraão nascer, ele é Aquele que sempre esteve no plano de Deus. Isto Abraão acreditou e viu. O Messias preexistia no plano de Deus e, portanto, na mente crente de Abraão, porque confiou na promessa de Deus. Jesus, definitivamente, não disse: “Antes de Abraão existir, eu existia”. Além disso, Jesus não disse: “Antes de Abraão nascer, EU SOU AQUELE QUE SOU”.

A conclusão é inevitável. A afirmação de Jesus: “Antes de Abraão nascer, Eu sou ele” é a afirmação direta de que ele é o há muito prometido, o Messias, Aquele em questão. Jesus é o Salvador na promessa de Deus mesmo antes de Abraão nascer. Em cada um dos outros exemplos citados, alguns tradutores acrescentam a palavra “ele” à frase “eu sou”. Porque não ser consistente também aqui em *João 8:58*? A única razão para não o fazer é o preconceito tradicional. O que Jesus disse é isto: “*antes que Abraão existisse, EU SOU*”, ou seja, sou o Messias que Abraão esperava. Esta é uma afirmação muito razoável de alguém que pensa que Deus tinha o Messias em mente desde o início.

Eu sou o caminho, a verdade e a vida

Neste ponto, é apropriado mencionar outra declaração “eu sou” de Jesus, que é frequentemente utilizada para apoiar a noção de que Jesus afirmava ser Deus. Jesus diz: “*Eu sou o caminho, e a verdade e a vida*” (João 14:6). Certamente que esta é uma reivindicação de ser a Divindade Suprema?

A primeira coisa a ter em conta é que esta afirmação não é a afirmação completa. O resto do que Jesus diz é que, devido ao seu estatuto mediador único de Filho, “*ninguém vem ao Pai senão por Mim*”. Jesus está simplesmente a anunciar que é o mediador de Deus, o único agente autorizado de Deus para se aproximar. Noutro lugar, as Escrituras ensinam-no claramente: “*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*” (1 Timóteo 2:5).

Por definição, um mediador deve ser uma pessoa separada das outras duas partes que procuram chegar a um acordo (ver *Gálatas 3:20*). Para se qualificar como mediador entre Deus e os homens, é preciso ser *homem*! Deus não pode ser o mediador. *João 14:6* ensina esta verdade com precisão. Não diz nada sobre Jesus ser Deus. Simplesmente que ele é o mediador de Deus para todos aqueles que querem chegar ao Pai através do anúncio do seu Evangelho.

A segunda coisa a notar nestas afirmações “Eu sou” é que todo o contexto do Evangelho de João nos diz como e porquê Jesus é “*o caminho, a verdade e a vida*”, nomeadamente porque esta autoridade lhe foi dada pelo Pai. O Pai “*deu ao Filho todo o juízo*” (João 5:22). O Pai “*deu também ao Filho ter a vida em si mesmo*” (João 5:26). A própria confissão de Jesus é suficientemente clara: “*e eu vivo pelo Pai*” (João 6:57). Jesus disse: “*Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma*” (João 5:30). É sobre “*o Filho do Homem*” que “*a este o Pai, Deus, o selou*” (João 6:27). Poderíamos multiplicar muitas vezes estas afirmações de Jesus. O Seu testemunho é que Ele está subordinado ao Pai. O seu testemunho é que tudo isto lhe veio da mão do Pai. As suas obras, as suas palavras, a sua própria vida são o resultado da iniciativa de Deus. E precisamente porque estas coisas lhe são dadas, Jesus pode dizer que é o caminho, a verdade e a vida, e que ninguém pode chegar ao Pai senão pela sua mediação. As afirmações “Eu sou” não provam a sua divindade; provam que Deus é a fonte de tudo. Jesus recebeu essas coisas e, portanto, não pode ser o próprio Deus. Por definição, o Pai de Jesus possui todas as coisas e nada lhe pode ser dado.

Um estudioso mostra que considerar estas declarações do EU SOU como significando que Jesus afirma ser Deus Todo-Poderoso, roça o ridículo. Referindo-se a *João 8:28* (onde Jesus diz: “*então conhecereis quem EU SOU, e que nada faço por mim mesmo*”), Barrett escreve: “É intolerável que Jesus seja obrigado a dizer: ‘*Eu sou Deus, o Deus supremo do Antigo Testamento, e sendo Deus, faço o que me mandam*’” [55]

E em *João 13:19, 20*, onde Jesus diz: “*Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou.... Na verdade, na verdade vos digo: Se alguém receber o que eu enviar, me recebe a mim, e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou*”. O mesmo autor salienta ironicamente que seria igualmente intolerável se Jesus dissesse: “Eu sou Deus e estou aqui porque alguém me enviou”. [56] Talvez fosse sensato deixar de dizer que estas declarações “eu sou ele” de Jesus significam que ele afirma ser Deus.

João Capítulo Um

Ah, posso ouvir uma objeção. E quanto a *João 1* (os teólogos chamam-lhe prólogo), onde se lê: “*NO princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez*” (*João 1:1-3*).

A primeira coisa a dizer é que o apóstolo João não irá contradizer nada do que Mateus e Lucas (ou o AT) disseram sobre a origem e a pessoa do seu amado Senhor Jesus. As Escrituras são um testemunho harmonioso e belamente tecido da Verdade de Deus. Se Mateus e Lucas nos dizem inequivocamente que Jesus teve um princípio pelo poder milagroso de Deus no ventre de Maria, então João não nos vai dizer que Jesus, o Filho, não teve princípio, que sempre pré-existiu pessoalmente como Deus e foi o segundo membro da eterna Trindade. Tal contradição destruiria a unidade apostólica e o testemunho das Escrituras que, segundo Jesus, não pode ser quebrado.

Com este princípio em mente, devemos primeiro olhar para o que o Prólogo de João não diz. João não escreveu: “No princípio era o Filho e o Filho estava com Deus e o Filho era Deus”. (Algumas traduções fazem esta afirmação ousada mesmo que o texto não a justifique de todo.) Mas a nossa tradição herdada atrai automaticamente os nossos olhos para esse ritmo. Uma das razões pelas quais tendemos a dar-lhe este significado é o próprio facto de as nossas traduções terem colocado um “P” maiúsculo para “Palavra”. O P maiúsculo determina inconscientemente que pensamos que João se está a referir a uma pessoa quando fala sobre “a Palavra”. Mas para aqueles que não estão familiarizados com o grego do NT, tenham a certeza de que não é assim. Todas as letras dos primeiros manuscritos gregos são maiúsculas. (Estes manuscritos são chamados unciais. Outros manuscritos são escritos em letras minúsculas.) Assim sendo, o que o tradutor decidir fazer na sua tradução terá uma grande influência na forma como a iremos ler. João escreveu “a **P**alavra” ou “a **p**alavra”? Determinaremos isso depois de discutirmos primeiro alguns outros detalhes.

O próximo ponto técnico que precisamos de esclarecer é que no grego do NT, como em muitas línguas modernas, como o francês, o alemão e o espanhol, todos os substantivos recebem género. Não temos isso em inglês porque os objetos são neutros. Mas nestas línguas estrangeiras um pronome deve sempre concordar com o substantivo a que se refere em género, número e caso. Qualquer pessoa que tenha algum conhecimento de francês, espanhol ou alemão sabe-o perfeitamente. Por exemplo, em alemão a palavra “*mesa*” é um substantivo masculino. Mas nenhum alemão, quando fala por um momento à mesa, pensa que se trata de uma pessoa quando diz: “Ajudem-me a mover esta mesa porque *ela* é pesada”. No grego do NT, um objeto pode ser masculino, feminino ou neutro.

Ora, no grego do NT, “a palavra” (*logos*) acaba por ser do género masculino. Portanto, o seu pronome – “ele” nas nossas traduções para o português – é uma questão de interpretação, não de tradução. João escreveu sobre “a palavra” que “ele” estava no princípio com Deus? Ou escreveu sobre “a palavra” que “ela” estava no princípio com Deus? Como já foi dito, no grego do NT o “*logos*” ou palavra é um substantivo masculino. Não há problema em inglês usar “*he*” para se referir a este substantivo masculino se houver uma boa razão contextual para o fazer. Mas haverá aqui boas razões para transformar “a palavra” em “ele”?

É um facto que todas as traduções inglesas do grego anteriores à versão King James de 1611 eram lidas desta forma: “*No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Foi no princípio com Deus. Todas as coisas passaram a existir através dele e fora dele nada do*

que já existiu passou a existir. A vida estava nele; e a vida era a luz dos homens”. Na verdade, existem muitas traduções inglesas da KJV que se referem a “logos” como “aquilo”. As pessoas das Igrejas de Cristo ficarão, sem dúvida, surpreendidas ao saber que o seu estimado *Alexander Campbell* traduziu *João 1:1* como:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Isso foi no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nenhuma criatura foi feita. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilhou nas trevas; mas a escuridão não o admitiu”. [57]

Ler desta forma significa, naturalmente, que “a palavra” não é uma pessoa. Esta é uma tradução muito aceitável. Na verdade, vou agora mostrar que é preferível pelas seguintes razões.

A palavra “logos” aparece muitas e muitas vezes neste mesmo Evangelho de João. E em nenhum outro lugar os tradutores colocam isto em maiúscula ou usam o pronome pessoal masculino “ele” para concordar com isto! Sabem que o contexto não o permitirá. Tomemos *João 2:22*, por exemplo, que diz: *“Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isto; e creram na Escritura, e na palavra que Jesus tinha dito”.* “A palavra” aqui claramente não é Jesus, a própria pessoa, mas sim a sua mensagem. Outro exemplo: *João 4:37* traduz “logos” por “ditado”: *“Porque nisto é verdadeiro o ditado...”*. Outro: *“E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse” (João 4:50)*. Ou então tome *João 6:60*, que diz: *“Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?”* E assim sucessivamente para muitos outros casos neste mesmo Evangelho.

O resto do NT é o mesmo. “Logos” é traduzido de várias formas como “o apanharem nalguma palavra” (*Lucas 20:20*), “preguntarei” (*Mateus 21:24*), “trabalhan” (*1 Timóteo 5:17*), “palavra” (*Gálatas 5:14*), “palavra” (*Lucas 4:32*), “assunto” (*Atos 15:6*), “razão” (*Atos 10:29*). Portanto, não há absolutamente nenhuma razão para que *João 1* diga que “a palavra” é a própria pessoa de Jesus, a não ser, claro, que os tradutores queiram deixar claro um ponto. Em todos os casos, o “logos” é um “aquilo”.

Existem mesmo fortes evidências que sugerem que o próprio João reagiu àqueles que já estavam a fazer um mau uso do seu Evangelho, afirmando que o próprio Jesus era a Palavra que pessoalmente pré-existia no mundo. Mais tarde, quando escreveu a sua introdução a *1 João*, deixou claro que o que existia no início não era um “quem”. Expressou-o assim: *“O QUE era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida...”*.

Por quatro vezes Juan diz que o que era desde o início, era um “quê”! Aqui os pronomes relativos são neutros, e não masculinos. E para evitar toda a confusão quanto ao seu significado, diz mesmo que era *a palavra da vida* que estava no princípio com Deus. Certamente Juan é o seu melhor intérprete do que quer dizer. A sua introdução em *1 João* é a sua resposta ao mal-entendido que os gnósticos promoviam até então, a saber, o erro que transformou Jesus num redentor celestial pré-existente, uma mistura de carne e espírito, humano e divino, em vez de um 100% sendo humano.

Estes argumentos, por mais significativos que sejam, começam a assumir fortes proporções quando consideramos a seguinte informação vital. Isto é, a formação do apóstolo João estava nas Escrituras Hebraicas. É certamente uma exegese melhor ler o prólogo do Evangelho de João tendo

em mente o seu contexto hebraico. E se voltarmos ao AT, poderemos facilmente descobrir a estrutura do entendimento de João sobre “a palavra”. Na Bíblia Hebraica “palavra” *nunca é uma pessoa*. “Palavra” significa sempre “promessa” ou “decreto” ou “proposta” ou “plano” ou “mensagem” ou simplesmente “palavra”. (Veja, por exemplo, *Génesis 41:37; Judas 3:19; Daniel 9:25; Salmo 64:5, 6; Isaías 8:10*) Na verdade, “a palavra” é usada cerca de 1.450 vezes na Bíblia Hebraica. Por aqui. Nem uma única vez se refere a um Filho de Deus pré-existente. Nem uma vez isso significa uma pessoa. Nem uma vez!

Os hebreus compreendiam certamente que a palavra de Deus era o equivalente à Sua presença e poder pessoal. O que é anunciado está quase feito (*Génesis 1:3, 9, 11*, etc.). Ele zela pela Sua palavra para a executar e cumprir (*Jeremias 1:12*). A palavra de Deus traz a garantia de que Ele a apoiará com ações (*Isaías 55:10, 11*). Nenhuma palavra dele falhará. A Sua palavra transporta o Seu poder. A sua palavra é como o seu trabalho. A palavra de Deus é Deus na Sua atividade no entendimento hebraico. Quando “*a palavra do Senhor veio a Jonas*” instruindo-o a ir à cidade de Nínive e aí pregar, Jonas fugiu “*da presença do SENHOR*” (*Jonas 1:1-3*). Aqui a palavra de Deus, que é a Sua vontade revelada, é equivalente a Deus a expressar-se. Quando Deus contou a Jonas o Seu plano ou a Sua vontade e Jonas desobedeceu, para a mente hebraica Jonas fugiu do próprio Deus.

O escritor do Evangelho de João deve ter permissão para usar as suas categorias e modos de pensar nativos. Devemos respeitar a sua origem hebraica. Na época em que o seu Evangelho foi composto, os comentários aramaicos das Escrituras Hebraicas, conhecidos como “*targums*”, usavam o termo “*memra*” (a palavra) para descrever a atividade de Deus no mundo. O “*memra*” (palavra):

...tem a mesma função que outros termos técnicos como “glória”, “Espírito Santo” e “*Shekinah*”, que enfatizam a distinção entre a presença de Deus no mundo e a realidade incompreensível do próprio Deus. *Tal como a Sabedoria divina, a “Palavra” simbolizava o plano original de Deus para a criação.* Quando Paulo e João falam de Jesus como tendo algum tipo de vida pré-existente, não estavam a sugerir que Ele fosse uma segunda “pessoa” divina no sentido trinitário posterior. Estavam a indicar que Jesus transcendeu modos de existência temporais e individuais. Como o “poder” e a “sabedoria” que representava eram atividades derivadas de Deus, de alguma forma expressava “o que existia desde o princípio”. *Estas ideias eram compreensíveis num contexto estritamente judaico, embora os cristãos posteriores de origem grega as interpretassem de forma diferente.* [58]

O facto de João nos apresentar “a palavra” de Deus em termos personificados está muito de acordo com a sua cultura hebraica. Por exemplo, o prólogo de João mostra paralelos óbvios com *Provérbios 8:22-30*, onde a Sabedoria é personificada (mas nunca hipostasiada, nunca transformada numa pessoa real). Outro exemplo que talvez esteja mais de acordo com a imagem de João encontra-se no Salmo 147:15, onde se lê: “*O que [Deus] envia o seu mandamento à terra; a sua palavra corre velozmente*”. Aqui a ordem/palavra de Deus é verdadeiramente personificada, mas não hipostasiada.

É também digno de nota que muitos comentadores acham que *João 1:1-14* é poético no seu estilo literário. E uma regra básica de interpretação é que a poesia contém linguagem metafórica que não deve ser excessivamente literarizada. Assim sendo, deve-se permitir que a introdução poética de João faça uso da linguagem figurada de acordo com tal personificação. Um “*logos*” personificado não é uma ideia revolucionária para o João! *Roger Haight* sustenta este sentimento

quando escreve: “Uma coisa é certa: o Prólogo de João não representa o conhecimento descritivo direto de uma *entidade* divina ou de um ser chamado Verbo, que desceu e se tornou um ser humano. Ler uma metáfora como discurso literal é uma interpretação errada”. [59]

Esta interpretação de uma “palavra” não pessoal também não é uma compreensão de “João acaba de chegar” à Igreja. Alguns dos primeiros padres da igreja partilhavam desta opinião. O comentário de *Orígenes* a João diz: “*logos* – só no sentido da expressão do Pai que veio a ser expressa num Filho quando Jesus foi concebido”. Da mesma forma, *Tertuliano*: “É costume do nosso povo dizer [a partir de *João I*] que a palavra da revelação estava com Deus”. [60] Para estes padres da igreja, a “palavra” ainda não era entendida como um Filho pessoalmente pré-existente.

Ou como o eminente professor de Novo Testamento *T.W. Manson* resume lindamente:

Duvido muito que o João pensasse no “*Logos*” como uma personalidade. A única personalidade em palco é Jesus, filho de José de Nazaré. Esta personalidade encarna o “*Logos*” de forma tão completa que Jesus se torna uma revelação completa de Deus. Mas em que sentido usamos a palavra “encarnado”?... Para João, cada palavra de Jesus é uma palavra do Senhor. [61]

À luz deste contexto, é muito melhor interpretar o prólogo de João como significando que no princípio Deus tinha um plano, um sonho, uma grande visão para o mundo, uma razão pela qual criou todas as coisas. Esta palavra ou plano expressa quem Ele é. Vamos ilustrar. Eis um homem que adora pescar. Sonho pescar o dia todo. Mas por profissão é canalizador. O que o mantém ativo durante a semana, quando escava valas e repara tubagens, é que o fim de semana se aproxima. É isso que te acelera e inspira. Ele escapará a toda esta rotina e em breve irá conduzir até à costa para pescar. Isso dura anos. Mas um dia esse homem passa por um daqueles momentos da vida a que chamamos explosão cerebral. Porque não comprar uma pequena cabana de praia à beira da água? E porque não ter o seu próprio barco? Nasce um sonho. A partir daí trabalha como um homem possuído. Trabalha muitas horas extra para conseguir o dinheiro necessário para realizar o seu sonho. Na verdade, até desiste da maior parte dos fins de semana de pesca para poder ganhar dinheiro extra para comprar a casa e o barco dos seus sonhos. Ah, claro, ele tira uma folga de vez em quando para sair e sair da fila. Ele está a manter o sonho vivo. Quando os peixes não estão a picar, a sua mente divaga. Pode “ver” a barraca deles na praia. Pode visualizar o seu próprio barco. E depois de todos os anos a trabalhar como canalizador, consegue “ver” o objetivo. Conta a todos os que querem ouvir falar da sua tenda de praia, do seu barco e da sua vida de pescador. Ninguém duvida da sua intenção. Mas um dia, para surpresa de todos, o nosso canalizador desapareceu. Onde está? “Oh”, dizem eles, “Não sabe? Ele mudou-se para o litoral. “Vive num barraco na praia e pesca no próprio barco”. O seu sonho – que até agora o *acompanhava* ou estava dentro da sua *mente* – tornou-se realidade. Era, poderíamos dizer, “o bebé dela”, a sua preocupação preferida, e tornou-se realidade!

A Palavra estava com Deus

Há boas evidências nas Escrituras Hebraicas de que as preposições “com” (*im* e *et*) descrevem frequentemente a relação entre uma pessoa e o que está no seu coração ou na sua mente. Temos uma expressão comum em inglês quando dizemos: “O que se passa contigo?” ou “O que é que ela

tem de errado?” Algo está a acontecer dentro de alguém. Eis alguns exemplos deste uso da preposição hebraica “com”. [62]

“Estou (com), sozinho = na consciência de alguém, seja de conhecimento, memória ou propósito”

Números 14:24: “*demonstrou um espírito diferente*” (operando na sua mente).

1 Reis 11:11: “*Porque isto esteve em ti [Salomão]*” (o que desejas).

1 Crônicas 28:12: “*Deu também o projeto de tudo o que tinha*” (na sua mente).

Job 10:13: “*Estas coisas escondeste*” (escondidas no teu coração).

Job 23:10: “*Ele conhece o caminho que Eu percorro*” (o caminho que eu conheço).

Job 23:14: “*Ele certamente cumprirá o que determinou para mim*” (Ele tem muitos destes propósitos).

Job 27:11: “*Não esconderei as coisas que dizem respeito ao Todo-Poderoso*” (Os seus propósitos).

Salmo 50:11: “*as criaturas do campo são minhas*” (conhecidas por Mim, no Meu pensamento e cuidado).

Salmo 73:23: “*Eu estive sempre contigo*” (nos seus pensamentos).

“Et: diz-se que um sonho ou palavra de Javé está com o profeta”

Gênesis 40:14: “*Mas quando tudo estiver bem para ti, lembra-te de mim*” (literalmente, “*lembra-te de mim contigo mesmo*”). A palavra era o que Deus tinha em mente.

2 Reis 3:12: “*A palavra do Senhor está com ele*” (2 João 2: a verdade está “*connosco*”; Gálatas 2:5: a verdade “*permanece convosco*”).

Isaías 59:12: “*Pois as nossas transgressões permanecem connosco*” (na nossa consciência). (Compare João 17:5, a glória que Jesus tinha com Deus, presente na mente de Deus, como o Seu propósito.)

Jeremias 23:28: “*O profeta que tenha um sonho*” (o profeta que tem um sonho).

Jeremias 27:18: “*se a palavra de Jeová estiver com eles*”.

Job 14:5: “*Certamente os teus dias estão determinados, e o número dos teus meses depende de ti*” (conhecido por ti).

Provérbios 2:1: “*e entesourei dentro de ti os meus mandamentos*” (= contigo).

Provérbios 11:2: “*com os humildes está a sabedoria*”.

Em vista deste uso e formação do hebraico, *Anthony Buzzard* sugere uma tradução precisa de João 1:1, 14 como segue: “*No princípio Deus tinha um Plano e o Plano foi estabelecido como o*

Decreto de Deus e o Plano expressou plenamente a mente de Deus. ...e o Plano encarnou no Messias Homem Jesus”.

A Bíblia diz, “como imaginou no seu coração, assim é ele” (*Provérbios 23:7*). Deus não é diferente. Porque antes de criar algo, tinha esse sonho com ele. Esta palavra foi totalmente expressiva do próprio. E quando Ele criou o universo e o propósito dos tempos, agiu de acordo com o Seu plano mestre, o Seu sonho. Como diz Pedro: “*pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus, e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste*” (2 Pedro 3:5). João expressa uma ideia semelhante em *Apocalipse 4:11*: “*porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas*”. Isto concorda com o AT. Por exemplo, no *Salmo 33:6, 9* é-nos dito que “*Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus*”. Deus falou e foi feito. Ele comandou e o mundo manteve-se firme. Havia poder divino na palavra falada de Deus. Tudo isto significa simplesmente dizer que a palavra grega para logos é de género masculino, mas não se refere a um Filho de Deus pessoalmente pré-existente. “A palavra” para Juan é “isso”, e não “ele”. Numa ocasião, Jesus recebeu o nome de “a Palavra de Deus” e isso está em *Apocalipse 19:13*. Este nome foi-lhe dado depois da sua ressurreição e ascensão, mas procuraremos em vão encontrá-lo antes do seu nascimento.

Só quando chegamos ao *versículo 14* do prólogo de João é que este “logos” se torna pessoal e se torna o Filho de Deus, Jesus, o ser humano. “*E o Verbo se fez carne*”. O grande plano que Deus tinha no Seu coração antes da criação é finalmente cumprido. Seja bem claro que *não* diz que Deus se fez carne. De nada. Diz que “a palavra” se fez carne. O plano mestre de Deus é agora realidade no homem Jesus. Jesus é a expressão final e plena de tudo o que a sabedoria de Deus planeou “no princípio”.

Esta é também a conclusão do estudo definitivo sobre a “*Christology in the Making*” (Cristologia em Formação). Ouça a descoberta de *James Dunn*:

A conclusão que parece emergir da nossa análise até agora é que só a partir do *versículo 14* é que podemos começar a falar do “Logos” pessoal... Antes do *versículo 14*... estamos a lidar com personificações e não com pessoas, ações personificadas. de Deus, em vez de um ser divino individual enquanto tal. A questão é obscurecida pelo facto de termos de traduzir o “Logos” masculino como “ele” ao longo do poema. Mas se traduzirmos o Logos masculino como “a expressão de Deus”, tornar-se-ia mais claro que o poema não pretendia necessariamente que o Logos dos *versículos 1-13* fosse considerado um ser divino pessoal. Por outras palavras, o significado revolucionário do *versículo 14* pode muito bem ser o facto de marcar... *a transição da personificação impessoal para a personalidade real*. Esta é, aliás, a natureza surpreendente da afirmação do poema. Se ele tivesse simplesmente afirmado que um ser divino individual se tinha tornado um homem, teria havido menos surpresa. É o facto de o poeta do “Logos” ter tomado uma linguagem que qualquer judeu pensativo reconheceria como a linguagem da personificação e Identificação *com* uma pessoa particular, como uma pessoa particular, que seria surpreendente: a manifestação de Deus feita homem! A expressão de Deus não vem simplesmente através de um indivíduo em particular, mas na verdade torna-se essa pessoa, Jesus de Nazaré! [63]

Existem alguns estudiosos gregos do Novo Testamento que observam que João foi muito específico no que escreveu no *versículo 1*. Escreveu “*e o Verbo era Deus*”. Não escreveu “e a palavra era Deus”. Por outras palavras, estes estudiosos tomam aqui Deus (em grego, *theos*) no sentido de adjetivo. A palavra exprime Deus, tinha o carácter de Deus, era divina no seu carácter. É

a diferença entre “O professor era o homem” e “O professor era um homem”. A Nova Bíblia Inglesa capta lindamente este sentido do adjetivo: “*e o que Deus era, era a palavra*”. A tradução de Moffat também funciona bem com “*o logos era divino*”. Como diz definitivamente Dunn: “Em nenhum lugar, nem na Bíblia nem na literatura extra canônica dos judeus, a palavra de Deus é um agente pessoal ou está em vias de se tornar tal”. [64] “O “logos” do prólogo transforma-se em Jesus; Jesus era o “logos” feito carne, não o “logos” enquanto tal”. [65]

Pode muito bem ser que João realmente mencione o nascimento virginal – isto é, o início da existência de Jesus – no seu prólogo, antes do *versículo 14*. Os versículos em consideração são normalmente lidos da seguinte forma: “*Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus*” (João 1:12, 13).

Tal como se lê nas nossas Bíblias modernas, refere-se ao novo nascimento que os cristãos experimentam através da fé em Cristo: A nossa relação com Deus através de Cristo não é algo de origem humana, nem de força de vontade humana, nem de gênio humano; nossa salvação é tudo o que Deus faz através do Seu Filho. No entanto, um dia li que talvez não tenha sido isso que o João escreveu originalmente. Segundo vários estudiosos da Bíblia, é muito provável que estes versículos tenham sido alterados. Não há dúvida de que foram objeto de muito debate inicial. Por exemplo, *Tertuliano* acusou os gnósticos valentinianos de terem alterado o texto para o ler tal como acabei de o citar e como o encontramos na maioria das traduções modernas. Segundo *Tertuliano*, o verbo plural “eram” deveria ser, na realidade, o verbo singular “era”. Neste caso, o versículo seria assim: “*Mas a todos os que o receberam deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, mesmo aos que creem no seu nome, que não nasceu do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus*”.

Como pode ver, este verbo no singular muda completamente o significado. Em vez de os cristãos nascerem pela vontade de Deus, agora é o próprio Cristo que nasce pela iniciação de Deus. *Tertuliano* acusa assim os gnósticos de tentarem eliminar a ideia do nascimento milagroso de Jesus (“que ele nasceu”) relacionando-a com a sua própria experiência (“que eles nasceram”). Em apoio deste entendimento, *Ireneu* e *Justino Mártir* argumentam a favor do singular, para sustentar que Jesus não foi um homem simples, nascido naturalmente, mas foi concebido milagrosamente pela ação de Deus. Um ponto forte a favor desta leitura é que estas três referências são anteriores a qualquer um dos nossos manuscritos existentes do NT. No entanto, com toda a honestidade, ainda tem de ser dito que o júri ainda não decidiu neste caso, ou atualmente inclina-se ligeiramente a favor do verbo plural tal como aparece nas nossas Bíblias modernas (mas não na Bíblia de Jerusalém).

Devo confessar, no entanto, que sempre que leio estes versículos no plural, eles parecem um pouco incongruentes, um pouco deslocados, embora o sentido plural esteja perfeitamente de acordo com o ensino bíblico de que a nossa salvação vem inteiramente da graça de Deus. Na minha opinião, o sentido mais natural é entender uma referência ao nascimento de Jesus sem a vontade humana. Se o tomarmos no plural (ou seja, se falarmos do novo nascimento dos cristãos), ele aponta de forma intrigante para o óbvio: que o nascimento espiritual “de Deus” dos crentes não tem nada a ver com relações sexuais, carnis. Desejo ou vontade masculina! Quanto mais se reflete sobre isto, mais intrigante se torna o facto de João ter diferenciado três vezes mais a regeneração espiritual da geração física! Lida naturalmente, no singular, a passagem é uma declaração exata do nascimento

virginal, pois Jesus nasceu “de Deus” sem a agência, vontade ou desejo humano natural. O versículo seria então uma forte declaração da geração virginal de Jesus e confirmaria que João não pretendia apresentar um Filho pré-existente, como mais tarde se pensou erroneamente. Sem provas textuais mais fortes, a questão permanece indecisa, embora esta nuance pareça mais natural e convincente.

1 João 5:18

No entanto, há um versículo que João escreveu que fala claramente da geração de Jesus no tempo. Infelizmente, a Versão King James é baseada em um texto corrupto e diz: “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas aquele que é gerado por Deus guarda-se a si mesmo, e o maligno não o toca*” (1 João 5:18).

Isto é como se o cristão nascido de Deus fosse mantido longe das intrigas de Satanás. Com *Douglas Edwards* e as traduções modernas, rejeitamos esta leitura variante porque:

... Em nenhum lugar em qualquer dos Testamentos se diz que uma criatura de Deus, seja judeu ou cristão, se mantém absolutamente só para si. Pode pedir-se a um cristão que “*conserva-te a ti mesmo puro*” (1 Timóteo 5:22), ou aos cristãos que “*Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus*” (Judas 21); mas, quer no AT quer no NT, um homem nunca é considerado como o seu próprio guardião, nem é dito a ninguém, exceto a Deus, que “*guarde*” outro. [66]

Muito bem. É sempre Jeová que é o teu guardião (*Salmo 121:4-8*). No NT a frase é usada apenas para Deus e Cristo (*João 17:11, 12, 15*). No entanto, o significado muda completamente se a lermos mais corretamente preservada no original grego: “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca*” (1 João 5:18).

Lido desta forma, o texto diz-nos que o Cristo que nasceu ou foi gerado por Deus mantém o cristão seguro. Jesus prometeu que mantê-los seria uma prova do seu cuidado com as suas ovelhas (*João 10:27, 28*). Vamos analisar este ponto com mais detalhe. A primeira parte do versículo 1 João 5:18 diz, “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca*”, lê-se literalmente no texto original, “*ninguém que é nascido de Deus*” e refere-se a um acontecimento passado com consequências presentes (isto é, em tempo verbal). Refere-se claramente ao novo nascimento que todo o cristão experimentou. O novo nascimento, que começou num momento passado, tem consequências contínuas para o crente – ele/ela não pratica habitualmente o pecado. Esta frase foi usada para se referir ao cristão seis vezes antes na carta de João, e em cada uma destas seis ocasiões João usou o tempo grego perfeito. Contudo, aqui, na segunda parte de 1 João 5:18, chegamos a uma frase única. Esta segunda parte do versículo diz corretamente, “*mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo*”. (Desta vez João muda os seus tempos e usa o que se chama *aoristo*). Esta é uma referência a um acontecimento passado que ocorreu de uma vez por todas e nunca mais se repetirá, nomeadamente, a geração sobrenatural do próprio Jesus Cristo. Ele nasceu num momento definido na história passada. João afirma que Jesus “*foi gerado de Deus*”.

Qual é o significado deste facto para a nossa discussão atual? Simplesmente, mostrar que João é coerente com Mateus e Lucas ao afirmar que a existência de Jesus começou no momento da sua concepção. Jesus foi gerado por uma criação divina. Em vez de nascer, como os outros homens, de uma relação sexual, de um desejo carnal ou da vontade de um marido, Cristo foi gerado por Deus.

Isto é coerente com a nossa interpretação do “*logos*” de João no prólogo do seu Evangelho. João não se contradiz, dizendo num lugar que Jesus era o eterno Filho de Deus sem começo, e depois noutro lugar esquece o que escreveu e diz que Jesus Cristo começou num ponto definido da história.

O Mundo foi Feito Através Dele

Talvez eu possa ouvi-lo objetar neste ponto: Certamente os *versículos de João 1:10 e 11* deste prólogo parecem causar um grande problema para esta interpretação. Estes versículos dizem: “*Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam*”.

Não estará isto a implicar que o mundo foi feito por Jesus, o Filho? Se Ele criou o mundo, tinha de estar vivo antes do início do mundo, não será que isto mostra que, afinal, o “*logos*” era de facto uma Pessoa pré-existente? Temos de nos lembrar do que João já escreveu, ou seja, do seu contexto (hebraico). Não podemos permitir que os nossos olhos ocidentais comecem a ler outras ideias no texto. O “*logos*”, o plano mestre de Deus, a sua sabedoria está por detrás da criação de todas as coisas. Talvez João tivesse em mente este versículo do AT de *Provérbios 3,19*: “*O SENHOR, com sabedoria fundou a terra; com entendimento preparou os céus*”.

Não existe nada que não estivesse na Sua mente desde o início. Através da Sua palavra, do Seu “entendimento”, todas as coisas passaram a existir (*João 1:3*). Que pensamento incrível e reconfortante é saber que este universo se baseia num propósito e numa sabedoria que se baseia no próprio Ser do nosso Deus Eterno! Tal como toda a criação evidencia Mente e desenho inteligentes, toda a história não é acidental. E qual o propósito da história? Segundo João, é Jesus Cristo. Deus fez o mundo com ele no centro da sua mente e plano. Jesus é, como diz um comentador, o “diâmetro” dos séculos. [67] Vamos explorar brevemente este pensamento antes de responder à pergunta em *João 1:10, 11* sobre se Jesus existiu pessoalmente antes da criação do mundo, e também o seu Criador.

Para onde vai o nosso mundo? Qual é o objetivo da história? Na verdade, existe algum fim pré-determinado? A Escritura soa alto e claro, SIM! “*todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra*” (*Efésios 1:9, 10*). Assim, quando Deus Pai criou o universo, fê-lo com o Seu Filho no centro do Seu plano. Deus propôs reunir, resumir toda a criação em Cristo. Ele é o Senhor de todos os tempos. Um dia o objetivo será alcançado. Todo o joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor “*para glória de Deus Pai*” (*Filipenses 2:11*).

“*Depois virá o fim [do grego, telos: meta, consumação, ato final], quando [Jesus Cristo] tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força... E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram [ao Pai], para que Deus seja tudo em todos*” (*1 Coríntios 15:24, 28*).

Ser cristão é saber que o nosso Senhor Jesus é o diâmetro, o propósito do universo. O Seu Reino está a chegar! Este é o propósito de Deus e não será frustrado. Outro versículo que diz a mesma coisa é *Hebreus 1:2*. Diz que Deus “nomeou” o seu Filho como “herdeiro de todas as coisas” e que foi “por meio dele que fez o(s) mundo(s)”. Infelizmente, as nossas traduções não são

totalmente precisas e perdem o impacto do autor. O que o autor escreveu não foi que através de Jesus Deus fez o(s) “mundo(s)”, mas sim as “eras”. Obtemos a nossa palavra inglesa “eon” desta palavra grega. Examinaremos isto com mais detalhe em breve, mas por agora é suficiente saber que Deus planeou completar o Seu propósito para toda a criação através da atuação do Seu Filho Jesus. A preposição usada em relação a Jesus e ao mundo, ou às eras, é “através” (do grego “*dia*”, de onde verá que vem a nossa palavra espanhola diâmetro). Aqueles que sabem dizem-nos que “*dia*” é a “preposição de circunstâncias concomitantes” e significa agência instrumental. Simplificando, isto significa que “*dia*” denota o meio pelo qual uma ação é executada. E as Escrituras dizem-nos que Deus, o criador, está a cumprir o Seu propósito, o Seu “*logos*”, através de Jesus Cristo. Jesus é o Agente, o Mediador do plano mestre de Deus. Jesus é sempre visto como secundário ou subordinado ao Pai.

Assim, vemos na sua introdução a Hebreus que o autor diz que Deus fala agora através de Jesus (*Hebreus 1:1*). Deus redime através de Jesus e salva o mundo através de Jesus (*Hebreus 1:3*). Este foi o testemunho claro de Jesus (por exemplo, *João 5:19-27*). Jesus é o canal através do qual Deus vem até nós. Jesus é a ponte entre Deus e nós.

Há exceções ocasionais a este uso geral da preposição “*dia*”. Por vezes, diz-se que as bênçãos nos chegam através de Deus (por exemplo, *1 Coríntios 1:9*; *Hebreus 2:10*). Mas é geralmente feita uma distinção clara entre a atividade iniciadora de Deus e os meios pelos quais Deus realiza essa atividade. As preposições utilizadas para a ação de Deus são “*hipo*” e “*ek*”, que apontam para causalidade ou origem primária. Vamos solidificar esta ideia na nossa mente olhando para um ou dois versículos que destacam a diferença: “*Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de [ek, ‘de’] quem é tudo e para quem nós vivemos*”. [*eis*, ‘a’]; *e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele*” (*1 Coríntios 8:6*).

As preposições são sinais que indicam a direção de uma passagem. Os autores de “*Um só Deus e um só Senhor*” alertam-nos que:

Note-se o uso distinto e separado das preposições gregas “*ek*” em relação a Deus e “*dia*” em relação a Cristo. Isto deveria chamar a nossa atenção e impedir-nos de ignorar estes sinais importantes no nosso caminho para uma ideia pré-concebida (e talvez sermos multados por violar as leis da lógica). “*Ek*” indica algo que sai da sua fonte ou origem e indica movimento a partir do interior. Lembre-se desta última frase, porque é fundamental para compreender a exatidão deste versículo. Por outras palavras, todas as coisas vieram do coração amoroso de Deus, ou do “interior” de Deus, por assim dizer. Isto concorda com *Gênesis 1:1* que diz: “*NO princípio criou Deus os céus e a terra*”. Ambos os versículos dizem que a fonte de “*todas as coisas*” é o único Deus verdadeiro, o Criador dos céus e da terra e o Pai do Senhor Jesus Cristo. [68]

Em contraste com este “único Deus e Pai” de quem todas as coisas têm origem, ao “único Senhor, Jesus Messias” é dada a preposição “*dia*”, que significa “através”. Por outras palavras, Jesus é o agente de Deus através de quem Deus realiza o Seu plano para as nossas vidas. Este é o padrão constante em todo o Novo Testamento. Deus, o Pai, é a fonte, a origem de todas as bênçãos, e Jesus, o Seu Filho, traz-nos estas bênçãos de salvação:

“*E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo*” (*2 Coríntios 5:18*).

“*Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... nos abençoou... em Cristo. em amor; E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo*” (*Efésios 1:3-5*).

“Porque **Deus** não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, **por** nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5:9).

“No dia em que **Deus** há de julgar os segredos dos homens, **por** Jesus Cristo, segundo o meu evangelho” (Romanos 2:16).

“Que [**Deus**]... nos salvou e chamou... com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada **em** Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos” (2 Timóteo 1:9).

“Bendito seja o **Deus** e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, **pela** ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pedro 1:3).

“o **único Deus**, nosso Salvador, **mediante** Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!” (Judas 25).

“Jesus, o Nazareno, varão aprovado por **Deus** diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou **por intermédio** dele entre vós” (Atos 2:22).

Os textos poderiam multiplicar-se. Deus Pai é sempre a fonte e a origem de todas as obras, obras e salvação que nos chegam através da mediação do seu Filho. *Dele* tudo nos chega por meio de nosso Senhor Jesus Cristo para que todo o louvor seja dirigido a Deus Pai. *Kuschel* observa ainda o papel crítico que estas preposições desempenham na compreensão do NT da distinção essencial entre o Deus único – o Pai – e o único Senhor – Jesus, o Messias. Comentando *1 Coríntios 8:6* onde Paulo diz que para nós cristãos, “*todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele*”, diz ele:

Deus, Pai, é passado e futuro, princípio e fim, origem e meta, criador (*ek*) e consumidor (*eis*) do mundo e dos seres humanos. Cristo, por seu lado, é o presente, o centro, a vida; Ele é o governante da terra que traz a libertação no presente, e que como mediador (*dia*) de uma nova criação (2 *Coríntios 5:17*), de uma “nova aliança” (2 *Coríntios 3:6*), também pode ser o Senhor de todos aqueles “deuses e senhores” que governam no presente. Consequentemente, o teológico “*ta panta*” [“todas as coisas”] poderia referir-se à primeira criação do mundo; pelo contrário, a “*ta panta*” cristológica refere-se (como é habitual em Paulo) às circunstâncias prevaletentes no presente. [69]

Armados com esta informação vital, podemos passar à nossa questão original sob este título. Quando lemos em *João 1:10* que “*Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu*”, as Escrituras indicam que o próprio Jesus criou o mundo, afinal? De modo algum, se considerarmos todo o contexto uniforme que temos vindo a considerar. O Pai é a única origem e Criador de “todas as coisas”. Em contraste, Jesus é o Senhor Messias comissionado pelo Pai, através de quem o plano de Deus para o mundo se está a concretizar. Toda a Bíblia, do princípio ao fim, afirma categoricamente que Deus criou o universo e todas as eras com Jesus Cristo no centro do Seu propósito eterno. Jesus é o *diâmetro* que o atravessa completamente. E a tragédia que este versículo realça é que embora Jesus, o Messias prometido, tenha vindo ter com os judeus que conheciam a intenção de Deus, estes não o reconheceram quando apareceu. Os judeus ansiavam, oravam e ansiavam por Aquele que viria de acordo com a promessa de Deus e introduziria esta esperança gloriosa ao mundo, mas estavam cegos pelas suas tradições religiosas criadas pelos homens. Os judeus que ansiavam pelo prometido Reino de Deus e pelo prometido Senhor Messias, que finalmente uniria toda a história mundial sob Deus, perderam isso. “O mundo

foi feito **por meio dele**”, isto é, com Cristo em mente. Tudo será reunido, resumido nele, mas até hoje o nosso mundo não vê isso nem conhece Aquele que, no propósito de Deus, realizará o objetivo da criação na sua Segunda Vinda.

Foi esta mensagem que os apóstolos pregaram com um efeito tão revelador. Tome como exemplo *Atos 2:23*: “*Tu mataste-o, que foi entregue pelo conselho predeterminado e pela presciência de Deus, pregando-o numa cruz pelas mãos de pessoas iníquas*”.

O que Deus determinou pela sua vontade desde antes do início dos tempos chegou ao presente histórico em Jesus Cristo. Jesus de Nazaré é aquele que desde o início foi predestinado para esta função.

Ao mesmo tempo, isto não pode ser entendido como uma afirmação de Cristo como pré-existente. É o propósito divino para Cristo que “existiu” desde o início, não aquele em quem deveria ser cumprido; assim como Paulo pode falar do propósito divino igualmente determinado para aqueles que creem em Cristo (*Romanos 8:28-30*). Não está envolvido qualquer pensamento sobre a preexistência pessoal de Cristo ou dos crentes. [70]

Jesus existia antes de João Batista?

Ao continuarmos com a introdução de João, encontramos outra afirmação frequentemente utilizada para justificar a fé no Filho eterno de Deus. João Batista testemunha no *versículo 15*: “*Este era aquele de quem eu dizia: O que vem após mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu*” (*João 1:15*). Aqui – de acordo com muitas das nossas traduções – lemos claramente que Jesus existia antes de João Batista. E sabemos que João Batista foi concebido seis meses antes do anjo Gabriel dizer a Maria que ela teria uma concepção milagrosa pelo Espírito Santo de Deus. Dado que João Batista era seis meses mais velho do que Jesus e, no entanto, a sua palavra inspirada – de acordo com algumas versões inglesas – é que Jesus existia antes dele, certamente que o Batista acreditava que Jesus era anterior ao seu próprio nascimento porque era o segundo membro da Divindade?

Qual é a resposta a isso? Pode o Filho de Deus, que é o Jesus individual, ser maior e mais pequeno do que o seu primo João Batista? Mais uma vez é uma questão de tradução. O grego também pode ser lido – e é, por isso, traduzido em algumas versões inglesas, como a Versão Revista, Roterdão e a Bíblia de Genebra – “*pois ele é o primeiro [grego, protos] com respeito a mim*” (KJV), que significa “Ele é o melhor que eu”, o meu superior, o meu chefe. A superioridade de Jesus sobre João Batista reside no facto de ser o Messias há muito prometido e estar destinado a governar o mundo quando Deus inaugurar o seu Reino. O grego é ambíguo e “primeiro” pode referir-se tanto à posição como ao tempo. Um pouco mais tarde, no *versículo 30*, o Batista volta a declarar: “*Após mim vem um homem que é antes de mim, porque foi primeiro do que eu...*”.

Mesma dificuldade. “Porque ele existia antes de mim” ou “porque ele está antes de mim em posição”? O grego para este versículo é o mesmo do *versículo 15*, pelo que não há necessidade de o traduzir de forma diferente. É minha convicção que o significado é: “apresentou-se porque é meu superior”. Alguns podem achar que não podemos ser dogmáticos neste momento, por isso vamos examinar mais provas.

Pré-existência “ideal” judaica

Na língua inglesa, e certamente na forma como os jovens na Austrália falam, falamos muitas vezes de algo que aconteceu no passado como se estivesse a acontecer no presente. Por exemplo, uma testemunha de um assalto a um banco pode dizer: “E aqui estou eu, na fila, a tratar da minha vida, quando um ladrão de bancos encapuçado irrompe pela porta. Ele diz-nos a todos para nos baixarmos. Ele agita a sua arma e ameaça-nos. Depois aproxima-se do caixa e grita: 'Dá-me o dinheiro!'” Entendemos que os acontecimentos descritos ocorreram no passado, embora a narração esteja no presente. Falar de acontecimentos passados no presente é uma particularidade da língua inglesa*.

A maioria das línguas tem peculiaridades. A mente e a língua hebraica têm uma particularidade a que os falantes de inglês não estão habituados. Fazem o oposto do que acabei de descrever. Costumam usar o pretérito ou o presente para falar até sobre acontecimentos futuros. A razão é que os judeus acreditavam que tudo o que estava determinado na mente de Deus existia antes de aparecer na história. Deus é o Deus que chama as coisas que não existem como (já) existentes (*Romanos 4:17*). Deus prometeu a Abraão que lhe daria a terra prometida e que seria pai de muitos descendentes: “Sai... para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação” (*Gênesis 12:1, 2*). Deus repetiu esta promessa a Abraão várias vezes: “E disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do Norte, e do Sul, e do oriente, e do ocidente; Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre”. (*Gênesis 13:14, 15*). Ora, aqui está algo incrível. O cumprimento é tão certo que, por vezes, esta linguagem preditiva está no pretérito, como se já se tivesse cumprido: “À tua descendência tenho dado [em hebraico, *dei*] esta terra” (*Gênesis 15:18*). Tornou-se uma característica comum do pensamento hebraico que tudo o que Deus tinha decretado já existia (em plano e propósito) antes de se materializar na terra. “Quando o judeu desejava designar algo como predestinado, falava disso como se já existisse no céu.” [71]

No versículo acima mencionado, onde Deus “*chama aquelas coisas que [ainda] não existem como [já] existentes*”, o contexto refere-se a Isaac, que era “*real no pensamento e propósito de Deus antes de ser gerado*”. [72] As Escrituras dizem-nos que Jesus Cristo “*era conhecido antes da fundação do mundo, mas apareceu nestes últimos tempos*” por causa de nós que cremos na palavra de Deus (*1 Pedro 1:20*). Isto não significa que Jesus tenha preexistido pessoalmente ao seu aparecimento na terra, porque no mesmo capítulo descobrimos que os cristãos também estiveram na “*presciência de Deus Pai*” (*1 Pedro 1:2*). As palavras “*pré-conhecimento*” e “*pré-reconhecido*”, substantivo e verbo, são exatamente as mesmas. Pedro utiliza precisamente a mesma ideia para se referir tanto aos cristãos como a Jesus. Os cristãos não preexistem no céu antes de nascermos na terra. Nem Jesus. “É o propósito divino para Cristo que ‘existia’ desde o princípio, não aquele em quem deveria ser cumprido; assim como Paulo pode falar do propósito divino igualmente predeterminado para aqueles que creem em Cristo (*Romanos 8:28-30*).” [73]

Da mesma forma, a Bíblia fala de Jesus como o Cordeiro de Deus que foi crucificado antes do mundo começar (ver *Apocalipse 13:8*). É claro que todo o leitor da Bíblia sabe que Jesus foi crucificado sob Pôncio Pilatos, na Palestina, no primeiro século. Mas Deus ordenou que a sua crucificação acontecesse ainda antes de criar o universo.

*{Nota do tradutor (N.T.) E na língua portuguesa também.}

Portanto, na mente de Deus e no entendimento hebraico, o que veio a ser já tinha acontecido. O futuro profético foi falado no passado. Podemos chamar-lhe “**pretérito profético**”. O que Deus decretou, Ele diz que já está feito.

Um dia o Senhor Jesus, na sua Segunda Vinda, dirá ao seu povo: “*Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo*” (Mateus 25:34). Na linguagem de Paulo, esta esperança está “guardada para vós nos céus”, o que significa que está na promessa e no plano de Deus e o seu cumprimento é certo (Colossenses 1:5). Esta esperança é tão certa que Paulo pode até falar dos cristãos como já glorificados (Romanos 8:29, 30, olhando para os tempos passados). Na verdade, este plano surgiu na mente de Deus “segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos” (2 Timóteo 1:9). “O presente foi proposto há ‘séculos atrás’, a menos que assumamos que dar e receber, ‘nós’ e ‘Cristo Jesus’ eram todos igualmente pré-existentes.” [74] Esta esperança para os cristãos entrem na vida da era vindoura que Deus “prometeu antes dos tempos dos séculos” (Tito 1:2):

Aqui fica ainda mais claro que o que se acredita ter acontecido “há séculos atrás” é a promessa de Deus; e é esta promessa de vida eterna que foi manifestada. Na verdade, o texto diz que foi a sua palavra que ele manifestou – isto é, não Cristo o “Logos”, mas a palavra da promessa, cumprida em Cristo e agora oferecida no “*kerygma*” [mensagem]. Por outras palavras, voltamos ao ponto de partida – Cristo como o conteúdo da palavra da pregação, a personificação do plano predeterminado de salvação, o cumprimento do propósito divino. [75]

Um exemplo clássico desta forma de pensar é o tabernáculo que Moisés construiu no deserto. Moisés foi instruído para o construir de acordo com um “modelo” que Deus lhe mostrou no monte (Números 8:4). Moisés foi então instruído para ordenar sacerdotes de acordo com as instruções claras de Deus. O sumo sacerdote também tinha de seguir este modelo de Deus. O NT diz que estes servos e este tabernáculo servem de “*exemplo e sombra das coisas celestiais*” (Hebreus 8:5). E o facto de Jesus ter agora tomado assento à direita de Deus no céu, como nosso Sumo Sacerdote, prova que está a servir em nosso favor como “*Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem*” (Hebreus 8:2). A ideia é que as instituições que Deus revelou a Moisés eram meras cópias das reais e verdadeiras que existiam muito antes no céu. Isto é, existiam no céu porque existiam na mente e no planeamento de Deus antes de Deus os revelar na terra.

Na verdade, os judeus aplicaram este pensamento a muitos dos seus grandes tesouros nacionais. Eles desenvolveram:

... a ideia de uma Jerusalém, divina, pré-existente, preparada por Deus nos lugares celestiais, ali desde todos os tempos, e preparada um dia para descer entre os homens. A casa velha é removida e removida, e uma casa nova e maravilhosa que o Senhor construiu vem e toma o seu lugar (1 Enoque 90:28, 29). A Jerusalém pré-existente foi mostrada a Adão antes de ele pecar. [76]

E no mesmo tom judaico, João fala da nova Jerusalém, a cidade santa, “*que de Deus descia do céu*” (Apocalipse 21:10). O que João transmite não é que já exista uma cidade literal construída algures no céu que será transplantada do espaço exterior (não mais do que Jesus foi crucificado no céu antes de morrer na terra). Em vez disso, na boa tradição judaica, João está a dizer que haverá uma cidade renovada de Jerusalém na terra quando o Messias regressar. Isto certamente “se materializará” e certamente será cumprido porque Deus o prometeu. O plano de Deus é tão

absolutamente certo e não pode ser frustrado por nada que o homem possa fazer, que João possa “vê-lo” e descer. A cidade preexiste num estado “ideal”, isto é, na promessa de Deus, mas ainda não no estado espaço-temporal atual.

Portanto, se aplicarmos tudo isto às declarações de João Batista: “*Este era aquele de quem eu dizia: O que vem após mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu*” (João 1:15), e “Depois de mim vem “*que é antes de mim, porque foi primeiro do que eu*” (João 1:30), veremos o que isto significa, não que Jesus seja um ser celestial pré-existente, “mas como aquele que cumpriu o plano predeterminado de salvação de Deus, como aquele que, por meio de Deus, é o meio de salvação do homem pela sua morte e ressurreição”. [77] João Batista foi apenas o precursor, preparando o caminho para Jesus, o Cristo. O papel do Batista era o de apontar aos homens “*o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*”. Jesus tem, portanto, uma posição superior a João e, neste sentido, estava “antes” de João. Dadas as duas possibilidades de tradução do grego aqui, devemos preferir aquela tonalidade de significado que melhor se adapta ao contexto judaico de João Batista, que melhor se adapta ao contexto mais amplo das Escrituras, e assim sugerir a melhor tradução: “Aquele a quem Ele vem depois”. mim e tem uma posição mais elevada do que eu, porque estava acima de mim no plano de Deus [para salvar o mundo].” Jesus não existiu pessoalmente antes de João Batista, nem existiu conscientemente no céu antes de aparecer na história na terra. Existia “idealmente” no decreto e propósito de Deus com tanta certeza. É a preexistência “mais de uma ideia e propósito na mente de Deus do que de um ser divino pessoal”. [78] O Messias:

... está presente na mente de Deus e escolhido antes da criação, e de tempos a tempos revelado aos justos para seu conforto; mas ele não é divino nem realmente pré-existente. É nomeado e escondido desde o início nos pensamentos secretos de Deus, para finalmente ser revelado no Fim dos Tempos como o Homem ideal que justificará a criação do mundo por Deus. [79]

O Filho do Homem já estava no céu antes

Esta linha de pensamento leva-nos naturalmente a duas outras expressões difíceis ditas pelo próprio Jesus no Evangelho de João: “*ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu*” (João 3:13). E “*se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?*” (João 6:62).

Se lermos estas afirmações com as nossas lentes tradicionais (gregas), voltaremos a ter dificuldades, pensando que Jesus disse que vivia com o Pai no céu antes de transferir a sua existência para o ventre de Maria na terra. Para compreendermos o que Jesus está a dizer, devemos olhar novamente para o seu “Judaísmo”. É significativo que Jesus aqui se chame “*Filho do Homem*”. Este título aparece cerca de 82 vezes no NT e, com duas exceções, todas as ocorrências se encontram nos Evangelhos. E em todas, exceto nas duas exceções (*Atos 7:56 e Apocalipse 1:13*), este título vem dos lábios do próprio Jesus. Compreendemos então que ocupava um lugar muito querido no seu coração. Temos a obrigação de descobrir porque é que Jesus se deleitou em chamar-se “o Filho do Homem”. O AT fornece o pano de fundo, e quando o examinamos podemos ver que Jesus não inventou o título a partir do nada.

No AT, “filho do homem” significa simplesmente um ser humano e, muitas vezes, aparece estritamente paralelo à palavra “homem” (ver *Números 23:19; Isaías 56:2; Jeremias 49:18; Salmos 8:4; Salmos 146:3*, etc.). Em Ezequiel há um uso um pouco mais especializado da frase

“filho do homem”. Aqui aparece mais de 90 vezes, e sempre como um discurso de Deus a Ezequiel. “Filho do homem”, diz Deus a Ezequiel, “*põe-te em pé, e falarei contigo*” (2:1). “*Filho do homem, come o que achares; come este rolo, e vai, fala à casa de Israel*” (3:1). “*disse-me ainda: Filho do homem, vai, entra na casa de Israel, e dize-lhe as minhas palavras*” (3:4). Em Ezequiel, o título aponta para a humanidade de Ezequiel, com toda a ignorância, fragilidade e mortalidade que a acompanham, em contraste com a glória, a força e o conhecimento de Deus.

Alguns comentadores aproveitaram este uso e sugeriram que quando Jesus se autointitulou “filho do homem”, estava a falar em termos da parte humana da sua natureza, e que quando usou o termo “filho de Deus” estava a falar em termos da parte divina da sua natureza. Isto não pode ser por duas razões óbvias. Em primeiro lugar, é de facto quando utiliza o termo “filho do homem” que Jesus faz muitas das suas maiores e mais divinas declarações e reivindicações. Em segundo lugar, dividir a vida de Jesus em momentos em que falou humanamente como o Filho do Homem e divinamente como o Filho de Deus é deixá-lo com uma personalidade dividida.

Outros comentadores sugerem que o título significa que Jesus se considerava o Homem Representativo, o Homem em quem a humanidade encontra o seu auge e o seu exemplo. *William Barclay* cita *F.W. Robertson*: “Não havia qualquer peculiaridade nacional ou idiossincrasia individual em Jesus. Não era filho de judeu, nem filho de carpinteiro; não é fruto do modo de viver e de pensar daquele século específico. Ele era o Filho do Homem.” *William Barclay* desmascara imediatamente isto dizendo:

... esta teoria assenta em duas razões. Em primeiro lugar, é demasiado abstrato para ter surgido no mundo do pensamento do NT. É violência simplesmente arrancar Jesus do seu contexto cultural. Em segundo lugar, devemos notar mais uma vez que foi precisamente em termos do Filho do Homem que Jesus fez muitas das suas afirmações e declarações mais sobre-humanas.

[80]

Um terceiro grupo de comentadores sugere que Jesus usa o título de Filho do Homem para se contrastar deliberadamente com as visões nacionais que os judeus tinham de um Messias que era uma figura sobrenatural de poder e um operador de maravilhas apocalípticas. Esta imagem da identidade do Filho do Homem como o agente divino através do qual Deus estabeleceria o Seu governo mundial de justiça e paz é retirada de Daniel 7:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído”
(Daniel 7:13, 14).

Alguns sugerem que quando Jesus se autointitulou Filho do Homem, estava a apresentar-se como um ser humano humilde e desprezioso, sem aspirações à grandeza profetizada como Daniel viu. Sustentam que ele não afirmava ser este rei guerreiro celestial, por quem a nação de Israel esperava e orava. Mais uma vez *William Barclay* quebra esta linha de pensamento quando diz:

O único facto que torna esta sugestão impossível é que parece que, de facto, Filho do Homem era um título messiânico, e um título envolvido numa das imagens mais sobre-humanas do Messias em todo o pensamento judaico. Se o título Filho do Homem tivesse algum significado

messiânico contemporâneo, era exatamente o oposto de uma figura humana simples e humilde.

[81]

Não há dúvida de que a origem última do título Filho do Homem está no livro de Daniel. Em *Daniel 7* o vidente tem uma visão dos grandes impérios que até então dominavam o mundo mediterrânico. Vê estes impérios sob o simbolismo das feras; São tão insensíveis, tão cruéis, tão bestiais que não podem ser tipificados de outra forma. Lá estava o leão com asas de águia; lá estava o urso com três costelas na boca; ali estava o leopardo com quatro asas e quatro cabeças; havia o quarto animal sem nome com dentes de ferro, hediondo, terrível, irresistivelmente forte. Estes representavam os impérios que até então dominavam, todos eles de tal selvajaria que as feras eram a única imagem deles. Mas os seus dias terminaram e o seu poder foi quebrado. Então o poder mundial é entregue por Deus nas mãos de um poder que não é nem bestial nem selvagem, mas gentil e humano, e que pode ser tipificado e simbolizado na figura de um homem. Daniel prediz que os santos, o povo de Deus tanto do AT como do NT, possuirão o Reino. Isto significa que o sonho de Israel se tornará finalmente realidade. Esta nação passou por coisas indescritíveis. Foram tratados brutalmente. Mas a tão esperada era messiânica vai nascer. E naturalmente, na visão de Daniel, cresceu a esperança na consciência nacional de Israel de que esta Nova Era seria criada pelo seu herói nacional, o Messias, o Filho do Homem. O título Filho do Homem torna-se um título para o Messias.

Jesus tomou esse título para Si. Quando se autointitulou Filho do Homem, estava a dizer “Eu mesmo”. Compare a sua pergunta “*Quem dizem os homens ser o Filho do homem?*” (*Mateus 16:13*) com o paralelo em *Marcos 8: “Quem dizem os homens que eu sou?”* (versículo 27). Uma análise dos contextos mostrará que Jesus usou este título para fazer algumas das suas maiores afirmações e declarações. O Filho do Homem é o salvador do mundo (*Lucas 19:10*). O Filho do Homem ressuscitará dos mortos (*Mateus 17:9*). O Filho do Homem herdará a glória do Reino de Deus (*Mateus 19:28*) e virá à terra e ressuscitará os mortos para julgamento (*Mateus 24:30; Marcos 13:26; Lucas 17:26, 30*). O Filho do Homem virá à terra com todo o poder dos anjos de Deus (*Mateus 13:41; 16:27, 28*).

No entanto, houve uma reviravolta surpreendente no enredo que nem os discípulos nem os seus ouvintes conseguiram compreender na altura. Foi o facto de que o Filho do Homem sofreria e seria tratado vergenhosamente pelos chefes de Israel e pelos cruéis gentios. O Filho do Homem morreria. Usou o título em relação à humilhação e ao sofrimento, mais do que a qualquer outra ligação (*Mateus 17:12, 22; Marcos 8:31; 10:33; 14:21, 41; Lucas 9:44; 18:31; 22: 22, etc.*). Foi depois de Jesus ter revelado esta reviravolta no sofrimento do Filho do Homem que Pedro repreendeu Jesus: “*Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso*” (*Mateus 16:22*). Para Pedro e os seus companheiros discípulos, toda a consciência judaica da glória majestosa e divina do Filho do Homem nada tinha a ver com a rejeição, a humilhação e a crucificação como um criminoso comum. Esta era uma contradição impossível nos termos. Declarações como esta deixaram os seguidores de Jesus perplexos. Mas desde o início que sabia que iria enfrentar um duplo destino. Era verdadeiramente o Filho do Homem, o Messias destinado ao triunfo final sobre todos os inimigos de Deus. Mas foi também o Servo sofredor, que deve alcançar a glória através da cruz. Por isso, Jesus “tomou este título de Filho do Homem e recuperou-o... O Filho do Homem é o título que contém em si a vergonha e a glória de Jesus Cristo”. [82]

Com este breve contexto, estamos agora em condições de interpretar as desconcertantes declarações de João de que “ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem” e “se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?” (João 3:13; 6:62). É claro que Jesus não usou o título de Filho do Homem no vazio. Toda a sua vida foi baseada no que estava escrito nas Escrituras do AT, ou seja, na profecia. “*Em verdade o Filho do homem vai, como acerca dele está escrito*” (Mateus 26:24; Marcos 14:22). “*como está escrito do Filho do homem, que ele deva padecer muito e ser aviltado*” (Marcos 9:12).

Como poderia então Jesus ter dito que o Filho “subiu ao céu”? Simplesmente porque foi isso que lhe foi previsto em Daniel. Seguindo um princípio bem estabelecido do pensamento hebraico, pode dizer-se que os atos de Deus já aconteceram, uma vez fixados nos conselhos divinos. O pretérito inesperado “ascendeu” pode ser explicado como um pretérito de determinação no plano divino. Assim, “ninguém [como está escrito no livro de Daniel] está destinado a subir ao céu, exceto aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que [na visão do futuro de Daniel] está no céu”. A frase final “que está no céu” (omitida em algumas versões) está bem documentada e pode muito bem ser original; A sua omissão em alguns manuscritos deveu-se à dificuldade de compreender como é que Jesus podia dizer que estava no céu durante o seu ministério na terra. A dificuldade desaparece quando se tem em conta a referência especial à profecia de Daniel. O Filho do Homem é identificado com a figura que se vê no céu no livro de Daniel. Ele está ali não porque estivesse realmente vivo antes de nascer, mas porque Deus lhe concedeu uma visão do seu destino futuro. No momento em que falou, Jesus ainda não tinha subido ao céu; mas Daniel profetiza a ascensão com tanta certeza que Jesus pode dizer que ascendeu, isto é, que está destinado a fazê-lo. [83]

Quando Jesus pergunta: “se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?” Acreditamos que ele é visto na visão celestial de Daniel do Messias na glória futura. Esta é a glória que terá o Messias, destinado a ressuscitar dos mortos e a sentar-se à direita poderosa de Deus. Jesus está a apreender pela fé a imagem de Deus da glória da sua ascensão, naquilo que foi escrito. Uma consideração adicional que prova que estes versículos não apoiam a doutrina de que Cristo é o “eterno Filho de Deus” no céu antes do seu nascimento é que o “Filho do Homem” é *uma pessoa humana* que preexiste (no decreto de Deus na forma de visão) no céu. Mesmo os trinitarianos não afirmam que o Filho do Homem, o Jesus humano, existiu antes da sua conceção. Assim, estabelecemos novamente o entendimento hebraico e o pano de fundo destas palavras de Jesus, a saber, que Deus chama aquelas coisas que ainda não existem como se existissem. Tal pai tal filho!

João 6:62

Particularmente em referência à pergunta de Jesus em João 6:62: “e se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?” a discussão relevante começa no versículo 22. Depois de Jesus ter alimentado milagrosamente a multidão, pediram-lhe um sinal para acreditar que Ele é realmente o Messias de Deus. Jesus repreende a multidão por o procurar por razões puramente temporais. Adverte a multidão para procurar antes o alimento que dura para a vida eterna. Este pão que “*permanece para a vida eterna*” vem através daquele em quem o Pai “*Deus, o selou*” (versículo 27). A multidão interroga-se como podem fazer obras que agradam a Deus, e Jesus diz-lhes que devem acreditar “*naquele que ele [o Pai] enviou*” (isto é, comissionado) (versículo 29). Ser “enviado” é ter o “selo” de Deus. A partir deste momento, a questão que se coloca é se Jesus

cumpra este requisito: será ele o “enviado” de Deus? Isto mostra que ele “se encaixa”, por assim dizer, porque, tal como o maná que Deus enviou “do céu”, também Jesus “desceu do céu” (*versículo 38*).

Estará Jesus a referir-se à crença comum de que pessoalmente pré-existia no céu antes do seu nascimento como homem em Belém? Ou existe uma explicação contextual melhor?

É digno de nota quantas vezes nos versículos seguintes aparecem as frases intercambiáveis “do céu”, “do céu”, “de Deus”, “de Deus”, “do Pai” e “enviado”. Tanto o maná do AT como Jesus são “do céu” ou “de Deus”. Então, o que quis Jesus dizer com esta expressão?

Não nos resta adivinhar porque se trata de uma fraseologia/imagem hebraica clássica. Esta expressão “do céu” é bastante comum na língua hebraica. O batismo de João também é dito “do céu” (*Lucas 20:4*). Diz-se que os nossos corpos ressuscitados são “do céu” (*2 Coríntios 5:2*). Diz-se que todo o dom bom e todo o dom perfeito “desce do céu” (*Malaquias 3:10; Tiago 1:17; 3:17*). Tudo isto significa que tudo o que vem “do céu” é dado e operado por Deus e pela Sua autoridade. Nem o maná, os dons e as bênçãos, o ministério de João, nem os nossos corpos ressuscitados pré-existiram literalmente no céu antes de descerem à terra. Existem no propósito de Deus que fizeram/fazem. Existem no plano de Deus, sim. Existem nas suas promessas, certamente. Mas não literalmente na eternidade passada, antes de se materializar na terra na história.

Ora, na mesma linha, quando Jesus diz que desceu “do céu”, pretende certamente que a sua pessoa e ministério sejam comissionados por Deus, sancionados pelo Pai, e sejam a provisão milagrosa do Senhor para os homens famintos. A preexistência pessoal não é a questão. A questão em discussão é se Jesus é o agente autorizado (Filho) do seu Pai ou não; Será ele um impostor ou vem mesmo de Deus? O selo de Deus está sobre ele? Que sinal dará para comprovar as suas credenciais?

Neste contexto, Jesus afirma que o sinal supremo de que é “de Deus” ou “do céu” é que no último dia “ressuscitará” todos os que “comem e bebem” dele. A ressurreição testará as suas credenciais, por assim dizer. Repetidamente nesta mesma passagem Jesus menciona a ressurreição dos mortos como o grande sinal:

“E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia... porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia... Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia... Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia... Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu; não é o caso de vossos pais, que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre” (*João 6:39, 40, 44, 54, 57, 58*).

Com este contexto da ressurreição do último dia para todos os que acreditaram em Jesus, o Filho de Deus, chegamos ao crítico *versículo 62*: e “se visseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava?” A maioria dos leitores de hoje interpreta isto como significando que Jesus está a dizer que ascenderá de volta ao céu para desfrutar do tipo de glória pré-existente que tinha com Deus Pai antes da sua Encarnação. Tendo em conta todo o contexto da ressurreição da sepultura, esta parece uma ideia descontextualizada, até mesmo estranha, a que Jesus não se refere.

A palavra do *versículo 62*, “subir” em grego significa simplesmente “subir”. [84] Dado o contexto acima da ressurreição dos mortos, e todo o entendimento hebraico que temos considerado, Jesus pode simplesmente estar a perguntar se eles ficariam ofendidos se o vissem “ressuscitar” (da morte da terra), ou seja, ressuscitar e estar onde estava antes, ou seja, vivo de novo na terra. É possível que Jesus esteja a anunciar que a sua própria ressurreição dos mortos seria uma prova de que ele é realmente “de Deus”.

Para alguns intérpretes, isto pode ser um exagero de importância, uma vez que a ressurreição de Jesus não se chama ascensão. Parece-me bem. Mas não tenho assim tanta certeza de que o contexto da ressurreição ao longo deste capítulo, como já foi salientado, desqualifique totalmente esta nuance.

Há aqui outras informações relevantes que provam que Jesus não estava a falar da sua pré-existência pessoal antes de Belém. No *versículo 51* Jesus define o pão que desceu do céu como “a minha carne”. *É a sua carne que preexiste no céu!* Isto diz-nos que é o Jesus humano, o filho do homem, que pré-existe. Além disso, repare-se que Jesus afirma que “*vereis o Filho do Homem subir para onde estava antes*”. O “Filho do Homem” é um ser humano! e nem mesmo os trinitarianos afirmam que o Filho do Homem, o Jesus humano, o homem de carne e osso, existia antes da sua conceição! Portanto, afirmar que *João capítulo 6* mostra que Jesus existiu pessoalmente no céu antes de vir à terra é demais para a posição trinitária. É muito melhor cingirmo-nos à explicação já dada, isto é, que a preexistência de Jesus era “ideal”.

A conclusão, dependendo do contexto, parece clara: Jesus não está a anunciar que desceu de uma existência pessoal consciente no céu antes da sua própria vinda humana. Também não está a dizer que assumirá novamente qualquer glória pre-encarnada ou pré-humana quando “ascender” novamente. Acredita firmemente na palavra profética de que “o Filho do Homem” ressuscitará dos mortos e se sentará na glória prometida da futura Era Messiânica, tal como a palavra profética predisse.

A Glória Que Jesus Teve Junto Do Pai Antes De O Mundo Existir

Em *João 17*, Jesus ora pouco antes de ser preso no jardim:

“Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (*João 17:4, 5*).

Se alguma vez houve uma declaração que demonstrasse a preexistência pessoal de Jesus com o Pai no céu antes de vir à terra, é certamente esta. Mais uma vez, devemos alertar contra a pressa, porque “no modo bíblico de falar e pensar, alguém pode ‘ter’ algo que está prometido no plano de Deus antes de realmente o ter”. [85] Já vimos este princípio em ação, onde o plano e as promessas de Deus estão expressos no “**pretérito profético**”. Deus prometeu a Abraão: “*Eu dei-te esta terra*”. Deus diz aos cristãos: “*E nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus*” (*Efésios 2:6; Romanos 8:30*). Já temos estas coisas no plano e propósito de Deus – embora (ainda) não as tenhamos! As Escrituras dizem-nos que temos a vida eterna como uma posse presente, embora aguardemos claramente o dia da nossa entrada na vida da Era Vinda, seja pela ressurreição daqueles que já estão mortos, seja pelo arrebatamento dos

vivos. Deus chama as coisas que não existem como se já existissem (*Romanos 4:17*). Claramente, no pensamento hebraico, a glória que Jesus tinha com Deus antes de o mundo existir é a glória que estava presente na mente e no propósito de Deus desde o início. (Consulte a secção acima sob o título **João Capítulo Um** para ver como isto é comum no uso hebraico).

Quando examinamos o resto da oração de Jesus, torna-se bastante claro que a glória que Jesus afirma ter tido “*com o Pai antes de o mundo existir*” é uma glória em perspectiva. Jesus está a usar o peculiar modo hebraico de pensar e de falar, em que o pretérito é usado para falar do futuro. Para confirmar isto, basta seguir a oração de Jesus. Jesus fala como se já tivesse concluído a sua obra: diz: “*tendo consumado a obra que me deste a fazer*” (*versículo 4*). É muito óbvio que ainda não terminou a obra porque a sua crucificação ainda não ocorreu e o seu grito na cruz: “*Está consumado*”, ainda não foi proferido. Jesus fala então como se os discípulos já O tivessem glorificado completamente (através do seu ministério de pregação), embora a ressurreição ainda não tivesse ocorrido: Ele ora: “*e neles sou glorificado*” (*versículo 10*). Jesus diz também “*eu já não estou mais no mundo*” (*versículo 11*), embora Ele esteja claramente ainda no mundo. Na sua própria mente, através da fé na promessa do seu Pai, já está sentado no céu, tendo sido ressuscitado. Jesus diz que já enviou os discípulos ao mundo para pregar: ora: “*também eu os envie ao mundo*” (*versículo 18*), embora isso só tenha acontecido plenamente depois da ressurreição. Jesus ora pelos seus discípulos e “*por aqueles que pela tua palavra hão de crer em mim*” (*versículo 20*). Isto é, ore pelas futuras gerações de cristãos que virão à fé em Cristo no futuro. Ore para que “*E eu deilhes a glória que a mim me deste*” (*versículo 22*). Ele ora para que todos estes crentes “**que me deste**” (toda a futura comunidade de fé) “*para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me amaste [escolheste] antes da fundação do mundo*” (*versículo 24*). A mesma glória prometida a Jesus já foi dada às gerações de crentes que ainda vão nascer! A glória que o Pai prometeu a Jesus antes do início do mundo já foi dada àqueles que confiarão no Seu Nome no futuro. A promessa de Deus é igual à posse. Tal como Jesus tinha prometido aos seus discípulos perseguidos que “*porque é grande o vosso galardão nos céus*” (*Mateus 5:12*), mesmo que ainda não o tivessem recebido, Jesus, à sombra da sua cruz, agarrava-se à promessa de Deus. para o mesmo. Deus tinha prometido a Jesus que depois do seu sofrimento viria a glória. Sabendo que seria ressuscitado, Jesus “*suportou a cruz, desprezando a afronta*” porque em breve se sentaria “*à destra do trono de Deus*” (*Hebreus 12:2*). Esta glória que o seu Pai lhe tinha prometido diante do mundo, Jesus reza agora ao Pai para que a cumpra.

É necessário examinar cuidadosamente o uso do pretérito em *João 17*. Há indicações claras neste capítulo de que os pretéritos podem de facto descrever não o que realmente aconteceu, mas o que está destinado a acontecer, porque Deus já o decretou. futuros divinamente planeados podem ser descritos no passado. [86]

O grande comentador bíblico *Henry Alford* observa que “o nosso Senhor aguarda com expectativa o fim da sua carreira consumada e considera-a como passada”. [87] Por outras palavras, ao longo desta oração, Jesus emprega o pensamento hebraico clássico. O plano predeterminado de Deus está praticamente completo.

É realmente incrível o quão profundamente enraizada está a noção de que Jesus Cristo viveu conscientemente no céu antes de vir à terra. Algumas traduções para inglês foram bastante parciais e contribuem para este equívoco profundamente enraizado. Tomemos, por exemplo, os seguintes versículos (citados da Nova Versão Internacional – NVI): “*Jesus sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e que viera de Deus e estava voltando para Deus...*” (*João*

13:3). O único problema é que o texto grego não diz que Jesus voltou para Deus. Simplesmente diz que Jesus ia em direção a Deus. Os tradutores substituíram a palavra “voltar” sem qualquer razão textual.

A mesma impressão infeliz é encontrada em João 16: “*Eu vim do Pai e entrei no mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai*” (versículo 28). Também aqui nos deparamos com o mesmo problema: a palavra “voltar” não aparece no todo texto grego. O que Jesus realmente disse é o seguinte: “*Vim do Pai e entrei no mundo; agora estou deixando o mundo e indo para o Pai*”. Em João 20:17 Jesus não disse: “*Ainda não voltei ao Pai*”, como relata a NVI. Mais uma vez vemos o viés de ideias preconcebidas sobre a origem de Cristo.

Quando Jesus diz que “*saiu do Pai*”, não devemos interpretar isso como significando que Ele estava vivo com Deus antes de vir à terra. Era bastante comum os judeus dizerem que algo vinha “*de Deus*” ou “*do céu*” se Deus fosse a sua fonte. Portanto, João Batista era um homem “*enviado de Deus*” (João 1:6). Quando Deus disse a Israel que os abençoaria, prometeu “*abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção*” (Malaquias 3:10). Isto é claramente uma figura de retórica. Ninguém esperava que Deus derramasse literalmente coisas do céu. Significa simplesmente que Deus era a fonte de todas as bênçãos que eles receberiam. Da mesma forma, é-nos dito que toda a dádiva boa e perfeita vem “*do alto*” e “*descendo do Pai*” (Tiago 1:17). Um dos exemplos mais claros deste modo de falar típico judaico ocorre quando Jesus foi desafiado pelos seus adversários: “*Com que autoridade fazes isto? e quem te deu tal autoridade?*” (Mateus 21:23). Jesus responde habilmente a esta interrogação fazendo-lhes uma pergunta: “*O batismo de João, de onde era? Do céu, ou dos homens?*” (versículo 25). “Este versículo esclarece a expressão: as coisas podem ser ‘*do céu*’, isto é, de Deus, ou podem ser ‘*dos homens*’. A expressão é a mesma quando usada com Jesus. Jesus é “*de Deus*”, “*do céu*” ou “*do alto*”, no sentido em que Deus é literalmente o seu Pai celeste e, por isso, a sua origem”. [88]

“O Deus Unigénito”?

Ao continuarmos na introdução de João (João 1) ao seu Evangelho, nos deparamos com o versículo 18. É um verso que também gerou muita discussão, porque houve uma disputa sobre o que João escreveu originalmente. Escreveu, como dizem algumas das nossas traduções: “*Ninguém jamais viu a Deus; o único Deus que está no seio do Pai, Ele [o filho] lhe deu a conhecer*”? Ou escreveu “*o Deus unigénito, que está no seio do Pai...*”?

Um dos melhores críticos textuais contemporâneos, Bart D. Ehrman, discute isto no seu importante livro A Corrupção Ortodoxa das Escrituras. Ehrman é capaz de mostrar razões convincentes pelas quais a leitura “o Deus unigénito” representa uma corrupção do que João escreveu. (Para os interessados, esta variante do texto encontra-se apenas na tradição alexandrina e não se saiu bem em praticamente todos os outros representantes de qualquer outro grupo textual, seja ocidental, cesariano ou bizantino. E mesmo dentro do grupo alexandrino existem evidências do “Filho unigénito”) No entanto, Ehrman sustenta que é em bases internas que brilha a real superioridade do “Filho Unigénito”:

O problema, claro, é que Jesus só pode ser o único Deus se não existir outro Deus; mas para o quarto Evangelho, o Pai é também Deus. Na verdade, mesmo nesta passagem se diz que o

“*monogenes*” [unigénito] reside no seio do Pai. Como pode o “*monogenes Theos*” [Deus unigénito], o Deus único, manter uma tal relação com (outro) Deus? [89]

Não só isso, mas *Ehrman* interroga-se sobre o que “o Deus unigénito” teria significado para o seu público do primeiro século. Não teria feito sentido no seu contexto judaico-cristão. Além disso, *Ehrman* diz que a leitura “o Filho unigénito” é, sem dúvida, a genuína, porque “coincide perfeitamente com a forma como “*monogenes*” [unigénito] é utilizado em toda a literatura jónica. Em três outras passagens de João, “*monogenes*” serve como modificador, e em cada ocasião é usado com “*huios*” [filho] (*João 3:16, 18; 1 João 4:9*.)” [90] Este é um ponto poderoso que mesmo aqueles que preferem a leitura “o Deus unigénito” (devido a preconceitos teológicos!) reconhecem. A conclusão? “Parece haver poucos motivos para questionar a leitura que se encontra em praticamente todas as testemunhas fora da tradição Alexandrina. O prólogo termina com a afirmação de que ‘o Filho único que está no seio do Pai, o Pai deu-O a conhecer’”. [91] Portanto, para *Ehrman*, esta leitura variante, “o Deus unigénito” representa uma corrupção do texto. Como já foi abordado anteriormente neste capítulo, Deus não pode ser gerado porque não teve princípio. Se Jesus fosse chamado Deus aqui, é um Deus unigénito, e alguém que é gerado não é Deus. Podemos ter a certeza de que Jesus não é chamado Deus eterno aqui.

Cristo é “Deus acima de tudo, bendito para sempre” (Romanos 9:5)?

Um versículo frequentemente utilizado para justificar a crença de que Jesus Cristo é Deus lê-se na maioria das traduções modernas desta forma:

“Porque eu mesmo poderia desejar ser anátema de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto, e as promessas; Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém” (Romanos 9:3-5).

Traduzido desta forma, parece que Paulo está a ensinar que Jesus, o Cristo, é Deus porque “é Deus sobre todas as coisas, bendito para sempre”. É uma passagem particularmente comovente porque Paulo está consternado com o facto de os seus irmãos judeus, com todas as vantagens da sua herança, terem rejeitado Jesus como seu Messias. Paulo chega ao ponto de dizer que preferia ser amaldiçoado, privado de todas as bênçãos de Israel e do seu Messias, se ao menos conseguisse convencer os judeus a converterem-se e a serem salvos. No meio desta passagem emocionante, Paulo irrompe em profundos elogios. Mas louvor a quem? Cristo como Deus? Ou Deus, o Pai de Cristo? “A quem se dirige este louvor é uma das questões mais controversas da exegese da cristologia paulina”. [92] A razão para esta disputa é que existem duas formas de traduzir o texto grego, dependendo do local onde o tradutor coloca a pontuação. Poderá dizer: “eles [os israelitas] têm patriarcas, e deles segundo a carne vem o Cristo que é sobre todos como Deus, é louvado para sempre. Amém”. Visto desta forma, este é obviamente um louvor inequívoco a Cristo como Deus Supremo. Em alternativa, e igualmente legitimamente, pode ler-se o texto: “*E deles [os israelitas] vem Cristo segundo a sua origem física. Deus, Senhor de todos, seja louvado para sempre. Amém*”. Esta interpretação dirige louvor a Deus Pai. É claro que, à luz de ambas as possibilidades, teremos de apelar a considerações mais vastas.

Os exegetas que preferem atribuir louvor a Cristo como Deus (uma interpretação cristológica) admitem que esta visão sofre do problema de que Paulo em mais lado nenhum chama a Cristo

Deus. *Kuschel* sublinha que “na nossa análise do texto até agora também não encontramos um único ditado em Paulo que aponte nesse sentido (nem mesmo em *Filipenses 2:6*). Em Paulo, Jesus Cristo é essencialmente o Senhor exaltado, que após a sua ressurreição é designado por Deus para a sua dignidade divina.” Paulo nunca perde de vista o facto de que Deus, o Pai, é sempre e em última instância o superior do Messias (*1 Coríntios 15:28*). Por outras palavras, *Kuschel* defende que “o contexto mais amplo da teologia paulina já torna mais provável uma interpretação teológica, em vez de cristológica, de *Romanos 9:5*”. [93]

Mas e quanto ao contexto mais imediato aqui em *Romanos 9*? Penso que é este contexto mais próximo que é decisivo em que direção vamos caminhar. Numa passagem em que Paulo justifica a sua posição cristã contra a maioria dos judeus que rejeitam Jesus como o Messias, pareceria estranho dizer que Jesus é Jeová Deus. Isto seria como agitar a proverbial bandeira vermelha contra um touro. Francamente, seria uma tática que não resultaria, dada a cultura e o contexto em que Paulo atuava. Apelar a Cristo como Deus numa passagem onde Israel é o ponto focal é anómalo. Como refere *Dunn*, “uma doxologia de Cristo como deus nesta fase seria ainda mais incomum no contexto do pensamento de Paulo do que uma mudança inesperada na construção gramatical. Mesmo que Paulo abençoe Cristo como “deus” aqui, o significado de “deus” permanece incerto” (particularmente à luz da nossa discussão anterior sobre as várias formas como “deus” é usado nas Escrituras). [94]

Anthony Buzzard observa que “o mais notável é o facto de que durante toda a controvérsia ariana, este versículo não foi utilizado pelos trinitarianos contra os unitaristas. “Ele claramente não atestou que Jesus era o segundo membro da Divindade”. [95] Independentemente da forma como o leitor prefere ler *Romanos 9:5* (como louvor a Cristo como Deus Todo-Poderoso, ou como louvor a Deus Pai), deve ser considerado surpreendente que uma doutrina tão crítica como a Trindade dependa de pontos tão delicados. gramática. (Este mesmo raciocínio se aplica a outros versículos exegeticamente “duvidosos”, como *Tito 2:13* e *2 Pedro 1:1*). Onde Paulo atribui louvor a Deus com a mesma fórmula, é sempre louvor a Deus Pai “*Ao qual seja dada glória para todo o sempre. Amém*” – *Gálatas 1:4, 5*. Pensando bem, mesmo no final deste mesmo livro de Romanos, Paulo mantém o seu louvor unitário: “*Ao único Deus, sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém*” (*Romanos 16:27*). É altamente improvável que tão cedo, no espaço de alguns capítulos, se contradissesse!

É Deus o único Salvador?

Imagino que agora esteja a discutir comigo e a dizer algo do género: Bem, se Jesus não é Deus em carne humana, o que diz das Escrituras que dizem que só Deus pode salvar? Se Jesus não é Deus, como podemos ser salvos? Afinal, Deus diz: “Eu, eu, Jeová; “*Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há Salvador*” (*Isaias 43:11*). Se Jesus não é Deus então existem dois salvadores! E isto é algo que a Bíblia exclui claramente aqui.

Já vimos que um forte argumento contra a ideia de que Deus se tornou homem para nos redimir é que não existe uma única profecia do AT que a sustente. Nenhum versículo prediz que o próprio Deus se tornaria homem para nos salvar. Acontece exatamente o contrário. Os profetas predisseram *um ser humano que, sob a unção do Espírito de Deus, nos resgataria*.

Onde está a solução? Ah, agora vamos ler isto através dos nossos olhos hebreus e ver que diferença faz. Lembra-se daquela máxima que os judeus tinham sobre a lei da agência de que “o agente é como o próprio principal”? Aplica-se aqui mesmo.

Voltemos a *Êxodo 23*. Recorde-se que utilizámos este capítulo anteriormente para ilustrar a lei hebraica do arbítrio. Vimos que o anjo do Senhor agiu em lugar de Deus. O que o anjo fez e disse foi na verdade o que o próprio Deus fez e disse, pois, “*o meu nome está nele*” (*versículo 21*). No *versículo 23*, Jeová explicou: “*Porque o meu anjo irá adiante de ti, e te levará aos amorreus, e aos heteus, e aos perizeus, e aos cananeus, heveus e jebuseus; e eu os destruirei*”. O anjo foi o instrumento através do qual Deus destruiu os inimigos.

Agora vamos continuar com o capítulo. Deus disse aos israelitas: “*Enviarei o meu terror adiante de ti, destruindo a todo o povo aonde entrares, e farei que todos os teus inimigos te voltem as costas. Também enviarei vespões adiante de ti, que lancem fora os heveus, os cananeus, e os heteus de diante de ti*” (*versículos 27-28*).

Ao nosso entendimento, isto soa como se fosse o próprio Senhor a fazer a obra. Mas depois chegamos ao *versículo 31*: “*porque darei nas tuas mãos os moradores da terra, para que os lances fora de diante de ti*”. Por isso, Deus espera que os israelitas expulsem os seus inimigos. Há aqui uma contradição? Será que o próprio Deus expulsará os Seus inimigos ou os israelitas farão o mesmo? Observamos o princípio vezes sem conta. Deus diz que agirá quando, na realidade, capacitará os seus anjos e o seu povo para fazer o trabalho.

Este tipo de conversa tem um profundo sentimento hebraico. As ações atribuídas diretamente a Deus são, de facto, executadas pelos seus agentes comissionados. Tomemos outro exemplo: “*o SENHOR... os livrou por meio de Jeroboão*” (*2 Reis 14:27*).

Mais uma vez vemos a clara distinção entre Deus, que é o Autor supremo da libertação, e o Seu agente designado, que neste caso foi o Rei Jeroboão. Ou então tome este versículo: “*Tu os entregaste nas mãos dos seus inimigos, que os afligiram. Mas eles clamaram a ti no tempo da sua tribulação, e tu os ouviste desde o céu. Na tua grande misericórdia lhes deste libertadores para os livrar das mãos dos seus inimigos*” (*Neemias 9:27*).

Mais uma vez vemos a clara distinção entre Deus, que é o Autor supremo da libertação, e o Seu agente designado, que neste caso foi o Rei Jeroboão. Ou então tome este versículo: “*Por isso os entregaste na mão dos seus adversários, que os angustiaram; mas no tempo de sua angústia, clamando a ti, desde os céus tu ouviste; e segundo a tua grande misericórdia lhes deste libertadores que os libertaram da mão de seus adversários*” (*Neemias 9:27*).

Comentando isto, os autores de “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor) apresentam este ponto pertinente:

Deus, Cristo e outros são chamados “salvadores”, mas isso claramente não os torna idênticos. O termo “salvador” é utilizado para muitas pessoas na Bíblia. Isto é difícil de ver nas versões inglesa e noutras línguas porque, quando usado para homens, os tradutores traduzem quase sempre como “libertador”. Isto por si só mostra que os tradutores modernos têm uma tendência trinitária que não existia nas línguas originais. A única razão para traduzir a mesma palavra como “Salvador” quando aplicada a Deus ou a Cristo, mas como “libertador” quando aplicada aos homens, é fazer com que o termo pareça exclusivo de Deus e de Jesus, quando na verdade não o é. Este é um bom exemplo de como o verdadeiro significado das Escrituras pode ser

obscurecido se os tradutores não forem cuidadosos ou se forem teologicamente tendenciosos.

[96]

Tem sido frequentemente argumentado que o próprio nome Jesus, que significa “*Yahweh salva*”, prova que Jesus é Jeová porque “*porque ele salvará o seu povo dos seus pecados*” (Mateus 1:21). Mas a lógica não se aplica de forma consistente porque o nome Josué do AT significa “*Yahweh salva*”. Nunca ouvi ninguém que acredita em a Divindade de Cristo argumentar que Josué era Deus encarnado. Sabemos que no AT Josué foi o homem designado por Deus para libertar Israel. À medida que Josué e Israel avançavam em obediência à sua palavra, Deus salvou-os. Da mesma forma, na questão da nossa salvação, Deus enviou o Seu Filho para a batalha. Através de Jesus Deus salvou-nos. É por isso que Deus e Jesus são chamados Salvador. Mas a Bíblia nunca perde de vista o facto de que Deus, o Pai, é o *Autor* supremo da nossa salvação através do Seu Filho.

Esta mesma linha de raciocínio aplica-se à cura do paralítico em *Marcos 2*. Esta é uma das Escrituras mais comumente utilizadas que supostamente prova que Jesus deve ser Deus, porque “*Quem pode perdoar pecados, senão Deus?*” (versículo 7). Quando Jesus declara que o homem foi perdoado/curado, os fariseus dizem que Jesus está a “blasfemar” porque afirma ser Deus. Mas um pouco de atenção cuidadosa aos detalhes mostrará que Jesus não afirma ser uma Divindade. Em vez disso, está a reivindicar “autoridade”. Ele diz: “*para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados ...*” (versículo 10). O relato paralelo no relato de Mateus é que, uma vez que o povo viu Jesus curar o paralítico, “*maravilhou-se, e glorificou a Deus, que dera tal poder aos homens*” (Mateus 9:8). Notamos que Jesus afirma ser “o Filho do Homem”, isto é, o Messias humano, com o direito dado por Deus de pronunciar o perdão. Não muito tempo depois, Jesus confere aos outros homens – os seus apóstolos – a mesma autoridade para perdoar os pecados: “*Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos*” (João 20:23). Se só Deus pode perdoar os pecados, então Deus, Jesus e os apóstolos são todos Deus! Além disso, não há nenhum ensinamento na Bíblia que diga que só Deus pode perdoar. Até os cristãos são ordenados a perdoar os pecados uns dos outros (*Efésios 4:32; Colossenses 3:13*). O facto de os fariseus dizerem que só Deus pode perdoar pecados não torna esta doutrina bíblica estabelecida. Os fariseus tinham muitas vezes doutrinas erradas e eram muitas vezes corrigidos pelo nosso Senhor Jesus. Esta foi uma dessas ocasiões.

Tradicionalmente, argumenta-se que, porque Jesus é chamado Emanuel, que traduzido significa ‘Deus conosco’, Jesus é Deus encarnado. Mas um pouco mais de reflexão irá desmascarar este raciocínio muito rapidamente. O nome de Elias significa literalmente “Deus é Jeová”, mas ninguém diz que o profeta era realmente Jeová. Bithia significa “*filha de Jeová*”, mas ninguém contesta que deva ser irmã de Jesus (*1 Crónicas 4:18, KJV*). O nome de Eliabe significa “*o meu Deus é o meu Pai*”, mas ninguém diria que Eliabe é o Messias. contesta que deva ser Deus encarnado. Se o nome de Jesus, “Emanuel”, prova a sua Divindade, então Elias, Joel, Eliabe, Eli, Eliú e Itiel são também o próprio Deus. compreendida. Para aqueles de nós que amamos o Senhor Jesus, o seu nome é significativo e amado e traz grande alegria porque nos comunica a maravilhosa verdade de que, como Filho de Deus, ele é aquele que foi nomeado Salvador Através dele, Deus está conosco e nos salva.

Aqueles que acreditam que Jesus só pode ser o nosso Salvador se for Deus, apelam por vezes para a profecia de *Jeremias 23*: “*Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o seu nome, com o qual Deus o chamará: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA*” (*Jeremias 23:6*).

Não diz isto que o salvador vindouro será: “o Senhor Justiça nossa”, isto é, o próprio Deus? Isto é facilmente respondido quando reparamos que alguns capítulos depois temos esta profecia em *Jeremias 33*: “*Naqueles dias Judá será salvo e Jerusalém habitará seguramente; e este é o nome com o qual Deus a chamará: O SENHOR é a nossa justiça*” (versículo 16).

Aqui a cidade de Jerusalém recebe o mesmo título do redentor anterior. Nunca ouvi ninguém argumentar que a cidade de Jerusalém também deve ser o próprio Deus porque tem o mesmo título de Jeová. Os olhos hebraicos são necessários para evitar confusão. Por isso, é falacioso raciocinar que, porque Jesus é chamado “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (*Apocalipse 19:16*), tem necessariamente de ser o próprio Deus Todo-Poderoso. O facto de Artaxerxes ser chamado “rei dos reis” e de o próprio Deus chamar a Nabucodonosor “rei dos reis” não coloca estes homens na mesma liga que o Messias Jesus, nem significa que tenham a mesma natureza que ele. A designação “rei dos reis” é, obviamente, uma forma de falar muito hebraica que nada tem a ver com equivalência de natureza. Os hebreus também podiam falar de um “*servo dos servos*”, que significa simplesmente o mais baixo dos mais baixos (*Gênesis 9:25*). No livro de Daniel, Deus dirige-se a Nabucodonosor: “*Tu, ó rei, és rei de reis; a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força, e a glória*” (*Daniel 2:37*).

Da mesma forma hebraica, quando as Escrituras designam Jesus Cristo como “Rei dos reis e Senhor dos senhores”, a mensagem transmitida é que Deus também lhe deu o Reino, o poder, a força e a glória da Era para Vir. A igualdade de estar com o Deus que dá o Reino não entra na equação, nem para Nabucodonosor nem para Jesus. Se, como já foi observado, a partilha da mesma nomenclatura de Deus não prova uma identidade literal com o próprio Deus, o mesmo se aplica à partilha dos mesmos títulos. Embora Jesus possa partilhar o título de “rei dos reis e Senhor dos senhores” com Deus, seu Pai, existe um título reservado exclusivamente a Deus, o Pai. Nenhum outro indivíduo, incluindo o Senhor Jesus, recebeu o título de “Deus dos deuses” (compare, *Deuteronomio 10:17*). Este título, como “o Senhor Deus” (por exemplo, *Apocalipse 1:8*), é sempre reservado ao único Deus verdadeiro, que é o Pai.

Em *Zacarias 14* temos uma profecia notável que os cristãos aguardam com expectativa. Trata-se de um dia ainda futuro em que o próprio Deus sairá e lutará contra as nações do mundo que se reunirão contra Israel e a cidade santa de Jerusalém. Esta é popularmente conhecida como a Batalha do Armagedão. Nesse dia, precisamente quando os inimigos parecem prontos para desferir o golpe final, o próprio Deus intervirá na história do mundo e “*E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul*” (*Zacarias 14:4*). Os pés que provocam este terramoto na Bíblia Hebraica são os pés do Senhor. No entanto, os cristãos acreditam que esta é uma referência ao regresso do próprio Jesus Cristo na Segunda Vinda para inaugurar o Reino de Deus na terra. O argumento é que, uma vez que os pés de Jesus são chamados pés de Deus, então Jesus deve ser o próprio Deus. À luz do que vimos até agora, isto não pode ser. Se tivermos em mente o princípio da agência judaica, compreenderemos corretamente que “os pés de Jesus são chamados pés de Deus, exatamente da mesma forma que a mão de Aarão é chamada mão do Senhor em *Êxodo 7:17-19*”. [97]

O Hino de Filipenses

A maioria dos cristãos lê *Filipenses 2:5-11* como ensinando que Jesus Cristo sempre preexistiu como Deus, mas por amor humilhou-se a ponto de se tornar homem para que através da sua Encarnação pudesse morrer na cruz para redimir a perda da humanidade. Após esta incrível missão de abnegação, Jesus regressou para junto do seu Pai na glória do céu, onde sempre esteve antes. Poucos sabem que esta interpretação tradicional da igreja é como um rio que transbordou e há muito abandonou o seu curso original. Ao longo dos séculos, o canal da tradição penetrou profundamente a tal ponto que a intenção e o significado originais ficaram durante muito tempo restritos ao fundo do “*Grand Canyon*” (Gran Cañón) da “ortodoxia”. Só aquele cujo coração e mente estão abertos está preparado para considerar outras possibilidades. Talvez estas palavras de *Karl-Josef Kuschel* nos possam ajudar a explorar outras opções sonoras de interpretação. Poucos, diz *Kuschel*, parecem estar conscientes de que:

... Os exegetas de hoje chegaram à conclusão radicalmente oposta de que o hino aos Filipenses não fala de modo algum da preexistência de Cristo. Na verdade, um número crescente de estudiosos atuais do Novo Testamento questiona corretamente as premissas da exegese até agora e não consegue ver a preexistência, muito menos a Encarnação, no hino de Filipenses.

[98]

Obviamente precisamos de dar uma nova vista de olhos a estes versículos. Eles leem:

Tende em vós a mesma atitude que houve também em Cristo Jesus, que, embora existisse em forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo a ser conquistado, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, e sendo feito em a semelhança dos homens. E, tomando a forma de homem, humilhou-se, tornando-se obediente até à morte, até à morte de cruz. Por isso também Deus O exaltou soberanamente e Lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e para que toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (*Filipenses 2:5-11*).

Antes de examinarmos os detalhes, vamos dar um passo atrás e examinar as definições. Vejamos, em primeiro lugar, o quadro geral. Basicamente, existem duas tradições diferentes que vão influenciar a nossa compreensão. Mais uma vez nos deparamos com o facto de podermos ver esta passagem com olhos gregos ou com olhos judeus. Tradicionalmente, os “olhos gregos” têm isso! Porque desde o século IV a Igreja adotou a cristologia pré-existente do sincretismo helenístico, o que significa simplesmente que Jesus era um ser divino que veio à terra para nos libertar. Alguns estudiosos chamam-lhe o mito do Redentor Gnóstico. No entanto, historicamente, e muito antes de esta visão grega prevalecer, os “olhos judaicos” – na igreja apostólica primitiva – já a tinham. Existem fortes evidências que sugerem que a igreja apostólica interpretou o hino de Filipenses à luz da tradição do AT: especificamente, Cristo é apresentado “à boa maneira judaica, como uma contraparte humana de Adão”. [99] Ou, como *James Dunn* refere na sua obra monumental, esta passagem é melhor entendida como uma expressão da “cristologia de Adão que foi difundida no cristianismo das décadas de 1940 e 1950”. [100] Eis uma ideia que merece mais exploração.

Existem outras passagens do NT que comparam e contrastam Adão e Cristo (por exemplo, *Romanos 5:12-21*; *1 Coríntios 15:21-22, 45-47*). *Filipenses 2:6-11* pode ser “uma das expressões mais completas que ainda possuímos” da cristologia adâmica deste período da igreja primitiva. [101] Embora o hino seja, obviamente, sobre Cristo, destaca-o e define-o no contexto do fracasso de Adão. A passagem pressupõe a escolha nefasta de Adão, a sua tentativa de “ser como Deus” e

a sua rebelião. Mas onde Adão se agarrou e falhou, Cristo “*Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus*”, mas rendeu-se à vontade de Deus, até ao ponto da humilhante crucificação, e foi, portanto, glorificado por Deus. Vamos então ver se a própria linguagem da passagem apoia a ideia de que os *capítulos 1-3 de Génesis* constituem o pano de fundo para o que está a ser dito. Lidos à luz deste contexto histórico-tradicional podemos observar os contrastes e as comparações entre Cristo e Adão. Veremos palavras e frases individuais em breve, mas por agora vamos examinar primeiro o quadro geral.

A primeira comparação é que Cristo “existia sob a forma de Deus”, tal como Adão também era “à imagem de Deus”. Muitos estudiosos salientam que as expressões “forma [*morphe*] de Deus” e “imagem [*eikon*] de Deus” são “quase sinónimos”. [102] Ou, “*Morphe e eikon* são termos equivalentes usados indistintamente na LXX”. [103] Assim, a primeira linha do hino diz-nos que Cristo partilhou a imagem e a glória de Deus tal como Adão fez antes da sua queda.

O paralelo seguinte é um contraste entre Adão e Cristo. “*Forma de escravo*” é evidentemente uma alusão ao destino de Adão após a queda. Quando pecou, Adão tornou-se escravo da maldição da natureza e da morte. Cristo, porém, aceitou voluntariamente a “*forma de escravo*”. Há outro par contrastante que aponta na mesma direção: “*semelhança de Deus*” refere-se provavelmente à tentação de Adão quando queria ser “*semelhante a Deus*” (*Génesis 3:5*), e “*semelhança de homens*” aponta, por sua vez, para o estado de Adão. depois de pecar. Alguns acham que estas comparações feitas por *Dunn* são demasiado prolixas, mas se continuarmos a segui-las, penso que serão consideradas como tendo algum mérito.

Se considerarmos o hino aos Filipenses como uma comparação, em certo sentido, entre Adão e Jesus, a passagem é um pedaço da cristologia adâmica do mesmo tipo que se encontra noutras partes do NT. Em:

... seria mais um exemplo da cristologia difundida em duas fases das primeiras comunidades judaico-cristãs... e, por isso, não estaria no contexto do mítico [i.e. tradição helenística], mas da tradição do AT. Portanto, não estamos aqui a tratar de uma figura celeste pré-existente. Pelo contrário, Cristo é a grande figura contrastante de Adão. Para ser mais específico, não foi Adão que quis tornar-se ainda mais semelhante a Deus e assim sucumbiu ao... pecado primordial? Não foi Adão que então, como castigo, teve de viver uma espécie de existência escrava? E o Cristo deste hino não é precisamente o oposto? Não renunciou voluntariamente a ser imagem de Deus? Não assumiu a forma de escravo, não como castigo, mas voluntária e obedientemente, para mais tarde ser designado por Deus à sua dignidade celeste? [104]

Então, esta é uma forma convincente de olhar para este hino? Não deve surpreender que se baseie em fortes imagens judaicas. Visto desta forma, a grande antítese do hino é o contraste entre Cristo e Adão: Adão, o homem ousado; Cristo, o homem que se humilhou. Adão, o homem que foi humilhado à força por Deus; Cristo, o homem que voluntariamente se humilhou diante de Deus. Adão, o homem rebelde, finalmente amaldiçoado por Deus; Cristo, o homem obediente, finalmente exaltado por Deus acima de tudo. Adão, que queria tornar-se semelhante a Deus, foi novamente transformado em pó; Cristo desceu ao pó, à cruz, e tornou-se Senhor do mundo. Assim, o hino aos Filipenses mostra-nos como Cristo é o novo Adão que inverteu tudo o que o velho Adão fez. Em breve:

Não se trata de uma pré-existência de Cristo com o esquema de uma cristologia em três etapas: pré-existência, humilhação, pós-existência. Em vez disso, o autor celebra toda a vida humana

terrena de Cristo como uma vida de entrega voluntária à humildade... à existência de um escravo e a uma morte vergonhosa. [105]

Por causa da sua vitória sobre o pecado do orgulho que derrubou Adão, Cristo é agora exatamente como Deus pretendia que o homem fosse. Agora tratam-no como se fosse Deus! Ele desfruta agora da incorruptibilidade de que Adão deveria desfrutar. E para o conseguir não usou o seu privilégio de Messias e Rei de Deus (*versículo 5*). Não reivindicou nenhuma vantagem especial porque era o Filho de Deus. Se compreendermos o hino com esta formação judaica, veremos que “o hino original representa uma tentativa de definir a singularidade de Cristo considerado precisamente como homem”. [106] Não ensina uma Divindade pré-existente, mas uma humanidade obediente.

O Cristo de *Filipenses 2:6-11* é, portanto, o homem que desfez o mal de Adão: confrontado com a mesma escolha, rejeitou o pecado de Adão, mas mesmo assim seguiu livremente o curso de Adão como um homem caído até ao amargo fim da morte; portanto, Deus deu-lhe não só o estatuto que Adão perdeu, mas o estatuto que Adão iria alcançar: o protótipo final de Deus, o último Adão. [107]

Esta interpretação geral ajusta-se maravilhosamente ao contexto. O apóstolo não começa o hino com esta exortação: “*De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus*” (Filipenses 2:5)? Como me posso relacionar com quem era supostamente o Deus Todo-Poderoso antes da sua existência como homem e quem durante a sua estadia aqui era o “Deus-Homem”? Este tipo de Cristo (grego) não é um modelo para mim. *Martyn Lloyd-Jones*, que promove a ideia tradicional de que este hino nos apresenta o “Deus-Homem”, afasta Jesus de nós. Ele escreve:

Não era simplesmente que lhe fosse possível não pecar, mas que não lhe era possível pecar. E essa é a diferença essencial entre Cristo e Adão; ... O primeiro Adão foi perfeito. Não havia pecado, mas o pecado era possível. Era possível que Adão não tivesse pecado, mas não se podia dizer dele que não lhe fosse possível pecar, porque pecou. Mas do Filho de Deus dizemos que não só lhe foi possível não pecar... como também não lhe foi possível pecar... porque Ele é o Deus-Homem. Não apenas humano, mas também divino. Mas ainda assim, porque o ser humano, sujeito à tentação, e o diabo o tentou. E assim vemos a importância de afirmar ao mesmo tempo a doutrina de Sua verdadeira humanidade e também a doutrina de Sua total ausência de pecado. O diabo tentou-o com todas as suas forças, de uma forma que mais ninguém jamais fez tentado. Era uma tentação real, mas ao mesmo tempo estava totalmente livre de pecado e não era possível ou deveria cair. Deus o enviou para ser o Salvador, e assim não poderia haver, e não houve fracasso. [108]

Mais uma vez, é difícil não imaginar que *Lloyd-Jones* está preso à sua teoria da Trindade e da Encarnação. Leia novamente a sua citação. Diz que “não era possível” que Jesus pecasse “porque Ele é o Deus-Homem”. “Não era possível que Jesus pudesse ou devesse cair.” Confusamente, porém, *Jones* diz que a tentação de Jesus foi “uma tentação real”. Se “não lhe era possível pecar” porque era o “Deus-Homem”, então Cristo não era nada parecido com Adão. O paralelo bíblico é destruído. E como pode ser “verdadeira tentação” se não há possibilidade de pecar? A Bíblia, por outro lado, indica que a possibilidade de fracasso era realmente muito real. No clímax da sua vida no Getsémani, por exemplo, Jesus transpira grandes gotas de sangue enquanto luta pela vitória. Mas *Douglas Lockhart* em “*Jesus the Heretic*” (*Jesus the Heretic*) salienta que, se partirmos de uma posição de “ortodoxia” encarnacional posterior, a oração de Jesus no jardim está repleta de

erros doutrinários, erros de autointerpretação que lhe teriam valido a fogueira. anos. mais tarde! Diz que este Jesus bíblico é claramente pouco ortodoxo segundo os nossos padrões tradicionais. Porque aqui no jardim do Getsémani é óbvio que Jesus não se considera Deus. Ele é certamente o Messias, aquele que oferece o sacrifício supremo, mas por tudo isto é tentado pela carne e pelo sangue. “Para ti tudo é possível”, reza, dando a entender que nem tudo é possível para ele. E depois, “não o que eu desejo, mas o que tu desejas”, indicando a submissão a Deus e não o cumprimento de um propósito que Ele mesmo criou. Eis o Filho de Deus a submeter-se a Deus, e não Deus a submeter-se a Deus. Jesus Cristo enfrentou então a mesma escolha arquetípica que Adão enfrentou. [109]

As suas palavras na cruz: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” divorciá-lo ainda mais da criação filosófica de que era totalmente Deus, pois como poderia Jesus, enquanto Deus, abandonar-se a si mesmo? (Diz-se que *Martinho Lutero* lutou com este “grito de abandono” durante dias. *Lutero* fechou-se no seu escritório em busca de significado. Finalmente deu um salto e exclamou: “Deus abandonado por Deus!”) Parece confuso?

Repito o que disse anteriormente neste capítulo: *se Jesus ia cumprir os requisitos certos para nos redimir, fosse lá o que fosse Adão, Jesus Cristo também tinha de ser. É por isso que Jesus Cristo teve de ser como Adão, um ser humano criado, com uma natureza única, plenamente humano. Não deve ter nenhuma vantagem injusta por ter “duas naturezas”. Adam claramente não tinha isso.*

A Forma de Deus

Com este quadro geral em mente, podemos agora abordar algumas das palavras e frases problemáticas desta passagem. As duas frases-chaves que têm sido muito importantes para aqueles que ensinam que Jesus Cristo era Deus antes da sua Encarnação são “existiu sob a forma de Deus” e “tornou-se sem reputação” (para ser “feito à semelhança dos homens”). Vamos olhar mais de perto.

Martyn Lloyd-Jones é representativo da crença dominante de que estes versículos ensinam que Jesus sempre existiu como Deus antes de assumir a forma humana. Ele diz:

Bem, vamos pegar nesta forma de palavra – “Quem, estando na forma de Deus” – o que é isto? A forma é a soma total das qualidades que fazem de uma coisa aquilo que ela é. Tomemos, por exemplo, um pedaço de metal; Este pedaço de metal pode ser uma espada ou um arado, embora seja o mesmo metal. E quando falo sobre “a forma” de uma espada, refiro-me ao que faz daquele pedaço de metal uma espada em vez de um arado. Portanto, se eu pegar numa espada, a derreter e a transformar em relha de arado, terei mudado a sua forma. Este é um ponto muito importante. [110]

Evidentemente, o grande pregador espera que acreditemos que, porque Jesus existiu “sob a forma de Deus”, sempre foi Deus, porque “a forma é a soma total das qualidades que fazem de uma coisa aquilo que ela é”. Contudo, podemos perguntar: Se Paulo queria nos dizer que Jesus era Deus, por que ele simplesmente não escreveu que Cristo “era Deus” em vez de “existir na forma de Deus”? O versículo não fala de Jesus Cristo, “que, sendo Deus”, pela simples razão de que Paulo está a dizer aos Filipenses que Jesus representava Deus, o Pai, de todas as formas possíveis.

Como se pode ver na afirmação de *Lloyd-Jones*, a palavra “forma” (*morphe*) é central na posição dos trinitarianos que acreditam que Jesus sempre foi Deus antes de se tornar homem. É certo que os léxicos oferecem significados contrastantes para esta palavra. O *Vine Lexicon* diz-nos que “metamorfose” se refere a uma “natureza interior e essencial”. No seu “*Expository Dictionary of New Testament Words*” (Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento), *Vine* cita *Gifford* com aprovação:

“*Morphe*” é propriamente a natureza ou essência, não em abstracto, mas como realmente subsistindo no indivíduo e retida enquanto o próprio indivíduo existir... Assim, na passagem que temos diante de nós, “*morphe theou*” [“forma de Deus”] é a natureza divina subsiste real e inseparavelmente na Pessoa de Cristo... Para a interpretação da “forma de Deus” basta dizer que (1) inclui toda a natureza e essência da Divindade. (2) que não inclui em si nada de “acidental” ou separável, tais como modos particulares de manifestação ou condições de glória e majestade, que podem a qualquer momento ser associados à “forma”. [111]

Por outro lado, muitos léxicos não concordam com a ideia de que “forma” significa a natureza interna e essencial. Dizem que “forma” significa “aparência exterior, forma”. Representativos desta definição são o “*Theological Dictionary of the New Testament*” (Dicionário Teológico do Novo Testamento) editado por Gerhard Kittel, o léxico de *Walter Bauer*, traduzido e revisto por *Arndt e Gingrich*, e o léxico de *Robert Thayer*. Este último observa que, embora alguns estudiosos tentem que “*morphe*” se refira ao que é intrínseco e essencial, em contraste com o que é exterior e acidental, “muitos rejeitam a distinção”. Assim sendo, é evidente que os estudiosos gregos estão em desacordo sobre se “forma” significa “natureza ou essência interna e essencial” ou se significa simplesmente “aparência ou forma externa”. Como podemos resolver esta diferença? Não é um problema tão difícil como parece. Tudo o que temos de fazer é recorrer aos escritores do período do NT e ver como eles usam invariavelmente a palavra. Pelos cinco exemplos seguintes, reconheço a minha dívida para com os autores de “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor). [112]

Ficámos a saber em **escritos seculares** que os gregos usavam “*morphe*” para descrever quando os deuses mudavam de aparência. *Kittel* sublinha que na mitologia pagã os deuses mudam de forma e aponta *Afrodite*, *Deméter* e *Dioniso* como três dos que o fizeram. Esta é claramente uma mudança na aparência, não na natureza. *Josefo*, contemporâneo dos apóstolos, utilizou “forma” para descrever o formato das estátuas.

Em segundo lugar, noutros lugares onde “*morphe*” é usado na Bíblia, é claro que significa aparência exterior. Em *Marcos 16:12* Jesus aparece aos dois discípulos que estão a caminho de Emaús “noutro modo”. Jesus não tinha uma “natureza interior e essencial” diferente, mas simplesmente uma aparência exterior diferente.

Em terceiro lugar, a tradução grega do AT, a **Septuaginta** (LXX), foi escrita por volta de 250 a.C., para os judeus de língua grega. A Septuaginta utiliza “*morphe*” diversas vezes e sem exceção refere-se à aparência exterior. Em *Job 4:15*, 16 *Job* diz: “*Então um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne. Parou ele, porém não conheci a sua feição; um vulto estava diante dos meus olhos [morphe]*”. “Forma” aqui refere-se claramente à aparência exterior deste espírito. Em *Isaias 44*, a palavra “*morphe*” refere-se à aparência exterior dos ídolos feitos pelo homem: “*O carpinteiro estende a régua, desenha-o com uma linha, aplaina-o com a plaina, e traça-o com o compasso; e o faz à semelhança [forma – morphe] de um homem...*” (versículo 13). Seria absurdo sugerir que “forma” se refere aqui à natureza interior e essencial do

ídolo, uma vez que o ídolo tem uma forma física que se assemelha à aparência de um homem. Em *Daniel 3*, os rapazes Sadraque, Mesaque e Abede-Nego recusaram-se a curvar-se diante da imagem de Nabucodonosor e é-nos dito que “*e mudou-se o aspecto [morphe] do seu semblante*” (*versículo 19*). A Bíblia NASB diz que “*a sua expressão facial*” mudou. Nada na sua natureza mudou, mas todos os que o viam sabiam que a sua aparência exterior mudava.

Em quarto lugar, os escritos intertestamentários dos judeus, chamados de **Apócrifos**, foram escritos entre o último livro de Malaquias do AT e o livro de Mateus do NT. Os católicos romanos têm hoje estes livros nas suas Bíblias, mas não aparecem nas Bíblias protestantes. Estes livros usam “*morphe*” exatamente da mesma forma que a Septuaginta – isto é, para se referirem à “aparência exterior”. Por exemplo, em “*A Sabedoria de Salomão*” temos: “*Os seus inimigos ouviram as suas vozes, mas não viram as suas formas*” (*18:1*). A palavra “*morphe*” nos livros apócrifos mostra que se refere sempre à forma exterior, e não à essência interior.

Quinto, “*morphe*” é a raiz de algumas **outras palavras do Novo Testamento** e é também utilizado em palavras compostas. Isto também acrescenta peso à ideia de que “*morfe*” se refere à forma ou manifestação exterior. Em *2 Timóteo 3:5* a Bíblia fala de homens que têm “*uma aparência [morfose] de piedade*”. O seu interior, as suas naturezas interiores eram más, mas tinham uma aparência exterior de serem piedosos. No Monte da Transfiguração, Cristo foi “*transformado*” (*metamorphomai*) diante dos apóstolos (*Mateus 17:2; Marcos 9:2*). Não viram Jesus adquirir uma nova natureza interior, mas viram a sua aparência exterior mudar profundamente. *2 Coríntios 3* diz-nos que os cristãos serão “*transformados*” (*metamorphomai*) à imagem de Cristo (*versículo 18*). Seremos semelhantes a Cristo e refletiremos a sua glória.

Kenneth Wuest observa que em grego “*koine morphe*” passou a referir-se a “uma posição na vida, uma posição que alguém ocupa, a sua posição”. E esta é uma aproximação de “*morfe*” neste contexto de *Filipenses 2*”. [113]

Quais são as nossas conclusões até ao momento? Todos estes usos antigos da palavra “forma” falam de aparência externa ou semelhança e não de essência interna e essencial. Argumentar que, porque Jesus “existia sob a forma de Deus”, tinha a natureza interna de Deus é agarrar-se a qualquer coisa para tentar provar um ponto pré-concebido. Tudo o que *Filipenses 2* ensina é que Jesus, o Messias, era o verdadeiro representante de Deus. Quando os homens olharam para ele, viram como é Deus. Como disse Jesus: “*Quem me vê a mim vê o Pai*” (*João 14:9*). Visto desta forma, podemos interpretar “a forma de Deus” e “a forma de um escravo” como significando papel ou estatuto. Observe a equivalência:

Jesus tinha a forma de Deus no sentido em que Ele tomou o lugar de Deus da mesma forma que vimos anteriormente (no capítulo dois) que Moisés se apresentou ao Faraó como Deus (*Êxodo 4:16; 7:1*). Moisés apareceu diante do Faraó “sob a forma de Deus”, isto é, no papel de Deus, mas este estatuto não significava que ele fosse realmente *divino na sua essência*. Da mesma forma, Jesus andou diante dos homens “sob a forma de Deus” como agente plenamente autorizado do seu Pai. É claro que a posição e o estatuto de Jesus como Messias são muito superiores aos de Moisés. Mas, mesmo assim, Jesus não afirmou que esta semelhança com Deus fosse algo que pudesse explorar em seu próprio benefício. Se *Filipenses 2* está ou não a estabelecer um paralelo no AT com Adão pode ser um ponto discutível para alguns. Mas uma coisa é absolutamente certa. A passagem enfatiza o enorme estatuto de que Jesus gozava como Messias homem (conforme apresentado no *versículo 5*). A lição é que apesar do seu papel de Deus (agente!), Jesus comportou-

se como um servo. Em resposta a andar na “forma de servo”, Deus elevou-o agora à Sua direita de glória como Senhor Messias. [114]

Antes de passarmos para a segunda principal expressão problemática deste hino, é apropriado dizer algumas palavras sobre a palavra “existiu” na nossa frase, “que *existiu* na forma de Deus”, ou como a Bíblia King James a traduz, “o qual, estando na forma de Deus”. Os trinitarianos têm dito muitas vezes que a palavra aqui para “existir” ou “ser” prova que Jesus Cristo preexistia como Deus antes de vir a este mundo. É uma simples questão de facto que o verbo “ser” aparece frequentemente aqui no NT e de forma alguma transporta o sentido de “existir na eternidade”. Foi o filósofo *Justino Mártir* quem primeiro aplicou a Jesus a palavra distintiva “preexistir” (do grego *prohyparchein*). Mas o NT nunca usa esta palavra. Certamente não é a palavra usada aqui em *Filipenses 2:6*. Vale a pena destacar a seguinte explicação mais técnica de *Kuschel*:

A frase “*ser como Deus*” (grego, *isa theou*) também não pode ser simplesmente traduzida com termos como “igualdade a Deus”, “ser como Deus”, como é frequentemente o caso. Isto exigiria a forma “*isos theos*”. O que temos no texto é o advérbio “*isa*”, e este significa simplesmente “semelhante a Deus”, “igual a Deus”. Portanto, não há nenhuma afirmação de que Cristo seja igual a Deus, e isto, por sua vez, vai contra uma interpretação em termos de pré-existência. Assim, tanto do ponto de vista histórico-tradicional como linguístico... não há justificação para interpretar a frase do hino em função do ser de Cristo. [115]

Como *Kuschel* observa noutra parte do seu maravilhoso livro:

Descobri que a palavra pré-existência não é uma expressão bíblica, mas um termo problemático utilizado na reflexão post-bíblica Procura sistematizar aquilo que para o NT não é um tópico de pensamento sistemático. Por outras palavras, uma cristologia atual que utiliza despreocupadamente o tema dogmático da “preexistência” e o introduz no NT, impondo ao NT uma ideia que não contém desta forma. [116]

Na verdade, podemos falar aqui ainda mais fortemente desta palavra para “existir” (*hyparchon*) ou “*estar na forma de Deus*”. *Kuschel* diz que é dada muito pouca atenção ao facto de o verbo “*hyparchon*” conter a palavra “*arche*”, origem. Portanto, “se também traduzirmos isto literalmente, poderíamos dizer: ‘Aquele que tem a sua origem no “mundo” de Deus’. Portanto, a questão ‘na forma’ não é uma afirmação sobre a essência, mas uma afirmação sobre a origem”. [117]

Ele Esvaziou-se a Si Mesmo

Vamos agora à segunda frase em *Filipenses 2* que causa dificuldade. É aquela que diz que Jesus Cristo “*não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo*” (versículos 6-7). É lamentável que a antiga *versão King James da Bíblia* tenha traduzido este versículo completamente errado. Diz que Jesus “*não achava que ser igual a Deus fosse algo a apreender*” e dá a impressão de que, como Deus pré-existente, Jesus não achava que houvesse algo de errado em ser considerado igual a Deus.

Por esta altura já deve ser claro que isto é exatamente o oposto do que se quer dizer. Todo o contexto da passagem é sobre ser humilde, colocar a vontade e a glória de Deus em primeiro lugar e servir os interesses dos outros acima dos seus próprios. Embora estivesse na “forma de Deus”, Jesus não considerava o estatuto que Deus lhe tinha dado como algo que pudesse ser explorado.

Este significado contrasta bem com o comportamento de Adão, que infelizmente considerava a igualdade com Deus algo a que se devia agarrar. Adão queria ser como Deus como ensina *Gênesis* 3:5. Adão tentou alcançar a igualdade com Deus. Mas Jesus não usurparia a autoridade de Deus para obter vantagens egoístas. Ele disse: “o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir” (*Mateus* 20:28), não para o arrebatamento! Quando o prenderam no jardim, disse: “Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?” (*Mateus* 26:53). Como Messias, Rei designado por Deus, tinha todo o direito de pedir proteção divina. Ele “esvaziou-se” de todos estes privilégios messiânicos.

Portanto, pode-se afirmar categoricamente que *Filipenses* 2:5-11 não tem nada a ver com Jesus Cristo ser Deus num estado pré-existente. A importância é, na verdade, muito simples e prática: como devem os cristãos comportar-se neste mundo? Não imitando o homem Adão, que perdeu tudo ao agarrar-se ao poder e à glória, mas imitando Jesus, o Messias (*versículo* 5), que através da humildade e obediência a Deus ganhou tudo e muito mais. Afinal, se Jesus já era Deus, então os *versículos* 9 a 11 não têm qualquer sentido. Não existe “Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra”, Porque se já era Deus, já o tinha antes de nascer! Não. É claro que Deus lhe deu uma nova posição, um novo nome (autoridade), uma nova posição que ele não possuía antes. O grego é aqui muito claro: “*dio kai*” significa (como em *Lucas* 1:35) “precisamente por esta razão”. Por que razão Deus exaltou Jesus à sua direita? “Portanto, Deus exaltou-o muito e deu-lhe um nome acima de todos os outros nomes, porque voltou para onde estava antes como Deus”? De nada! Recebe este estatuto como recompensa pela razão exata de que se humilhou e morreu. O seu status exaltado é uma recompensa. Se seguirmos o padrão do último Adão, também nós seremos exaltados por Deus quando Cristo regressar. É evidente, então, que “este hino não contém aquilo que muitos intérpretes procuram e encontram nele: uma afirmação independente sobre a pré-existência ou mesmo uma cristologia da pré-existência... Nenhuma pré-existência de Cristo diante do mundo”. pode ser reconhecido com um significado independente. mesmo em *Filipenses* 2”. [118]

O Hino dos Colossenses

Na medida em que os “tradicionalistas” a utilizam para justificar a crença num Cristo pessoalmente pré-existente, a passagem de *Colossenses* 1:15-19 está ao mesmo nível de *João* 1 e *Filipenses* 2. É fácil perceber como se chega a esta conclusão: quando a passagem é lida na estagnação da “ortodoxia”. Paulo escreveu:

“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam troncos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse” (*Colossenses* 1:15-19).

Devemos examinar cuidadosamente tanto o contexto geral como as frases específicas antes de nos apressarmos a concluir que o apóstolo está a ensinar que Jesus, o Filho de Deus, criou os céus e a terra e, portanto, é coigual a Deus, o Pai, o segundo membro da Trindade. Tudo o que vimos

até agora indicaria que Paulo não deu uma volta repentina na sua crença claramente expressa de que existe “*um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo*” (1 Coríntios 8:6; Efésios 4:5).

O contexto geral deve ser claramente tido em conta. O apóstolo está a “*dar graças ao Pai*” porque Ele “*nos tornou aptos para participar na herança dos santos na luz*”. “*Libertou-nos da autoridade das trevas e transportou-nos para o reino do seu Filho muito amado*” (versículos 12-13). Paulo está, portanto, a falar da nova criação que Deus realizou através do Seu Filho Jesus. Ele está a falar de coisas que se relacionam com “*a redenção, o perdão dos pecados*” (versículo 14) e “*a igreja*” (versículo 18) e como através do Filho, o Pai, Deus nos reconciliou “*consigo todas as coisas, tanto na terra como no céu, tendo feito a paz pelo sangue da sua cruz*” (versículo 20).

Como diz *Kuschel*: “O contexto direto do hino aos Colossenses é em si mesmo de natureza escatológica e representa a ‘viragem dos tempos’”. [119] Por outras palavras, “o Novo Testamento não representa simplesmente a ressurreição de Jesus como a reanimação de um cadáver, mas como o surgimento no tempo e no espaço de uma nova ordem de vida”. [120] Quando o Pai ressuscitou Jesus, não foi apenas um acontecimento histórico isolado. Mais importante ainda foi a injeção na história do início da “ressurreição escatológica”. [121] A vida eterna – a vida do século vindouro – está garantida em Cristo, que é “primícias” de todos os que hão de vir (1 Coríntios 15:23). Jesus é o primeiro de toda uma colheita de novas vidas que estão para vir! Agora há uma nova ordem de coisas. Uma nova era já começou em perspectiva. Sim, “*Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas á passaram eis que tudo se fez novo*” (2 Coríntios 5:17). Ser batizado em Cristo é já, em perspectiva, ser “*à semelhança da sua ressurreição*” (Romanos 6:5). Já estamos “*assentados com Cristo nos lugares celestiais*” (Efésios 2:6). Porque Cristo foi ressuscitado para a glória do Pai, já estamos “*glorificados*” na promessa (Romanos 8:30). Fomos transferidos para o “*reino do seu Filho muito amado*” (Colossenses 1:13).

Esta mudança tectónica ao longo dos tempos é o contexto deste hino de louvor. Estamos perante uma ordem de coisas completamente nova. As ondas desta mudança continental desde a ressurreição de Cristo estão a rolar em direção à costa distante do vindouro Reino de Deus com um poder semelhante ao de um tsunami. As antigas autoridades e estruturas foram abaladas, porque Cristo é agora a cabeça da nova criação de Deus. Uma nova dinastia foi inaugurada no universo de Deus. Este é o contexto cosmológico das frases individuais que vamos agora examinar.

Cristo a Imagem de Deus

Falando do “*seu Filho amado*” que nos trouxe “*a redenção, o perdão dos pecados*” (Colossenses 1:13, 14), o apóstolo diz-nos que “*O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação*” (versículo 15). Uma imagem, como sabemos, é uma representação visual ou cópia de um original. Esta palavra “imagem” implica que existe uma diferença de identidade entre a cópia e o original. Quando nos olhamos ao espelho compreendemos que não vemos o nosso “verdadeiro” eu, apenas uma imagem de nós próprios. Sei que não sou a pessoa que está atrás do vidro, mas realmente a pessoa que está em frente ao vidro. Esta palavra “imagem” é um indicador muito forte do facto de que Cristo, o Filho, não é Deus. Porque a imagem não pode ser o original, que neste caso é Deus Pai. A primeira frase, “*ele [o Filho] é a imagem do Deus invisível*” recorda-nos as palavras do próprio Jesus de que “*Quem me vê a mim vê o Pai*” (João 14:9). Jesus é o rosto e a voz de Deus, por assim dizer (1 Coríntios 4:6). Como *Kuschel* refere corretamente, “a

expressão ‘imagem’ não se refere à ‘essência de uma coisa’, mas à ‘função reveladora de Cristo’... Falar de ‘imagem’ é uma afirmação sobre revelação”. [122]

Como imagem de Deus, Cristo revela-nos o Pai. Mas o que é exatamente revelado? *Kuschel* é aqui bastante claro. À luz da ressurreição escatológica do Filho, Deus e a sua imagem, Cristo, devem ser pensados como pertencentes inseparavelmente. De aqui em diante:

... agora (após a mudança escatológica) já não se pode falar de Deus sem ter de falar de Jesus Cristo e *vice-versa*. Quem fala de Cristo fala ao mesmo tempo do próprio Deus. Em relação à criação, isto significa que não se pode conhecer verdadeiramente a nova criação como obra do Criador, a não ser em Cristo. Portanto, há dois lados: Deus dá-se a conhecer à imagem de Cristo, e a criação não pode ser conhecida como obra deste criador sem Cristo. [123]

Cristo, o primogénito de toda a criação

A frase seguinte – o Filho é “*o primogénito de toda a criação*” – tem sido objeto de aceso debate nos meios teológicos. Se “primeiro” na palavra “primogénito” significa apenas precedência no tempo, e se “criação” significa a criação original de *Génesis 1*, então o argumento a favor da preexistência pessoal de Cristo é forte. Cristo deve ter abandonado uma existência celestial anterior e ter-se tornado um ser humano. Mas será que a frase “*primogénito de toda a criação*” se enquadra neste conceito? Esta interpretação, como veremos agora, não se ajusta ao contexto quando novamente mantemos em mente o pano de fundo do AT.

A palavra “primogénito” chega ao NT com uma rica herança hebraica. Os hebreus tinham o costume de conferir privilégios especiais de primogenitura aos filhos mais velhos. O filho mais velho de um pai receberia a “parte dobrada” da herança familiar. A conhecida história de Jacob a enganar o seu pai Isaac para que lhe conferisse – em vez do primogénito Esaú – bênçãos familiares é típica desta cultura (*Génesis 27:32*).

Mas há outro significado na palavra “primogénito”. A palavra grega para “primeiro” pode significar primeiro no tempo ou primeiro no estatuto, independentemente da posição de nascimento. O “primogénito” pode designar aquele a quem é concedida a honra de chefe, ou seja, primeiro lugar. Este uso também pode ser encontrado na Bíblia Hebraica, quando Jacob convoca os seus filhos para lhes legar as suas bênçãos patriarcais, designa Rúben como “*meu primogénito... o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder*” (*Génesis 49:3*). Embora Rúben seja o primogénito no tempo, a ideia saliente é o seu estatuto superior e dignidade. Este é claramente o significado de *Jeremias 31:9*, onde Deus chama a Efraim o seu “primogénito”, embora o irmão de Efraim, Manassés, fosse o mais velho dos dois. Ou quando Deus chama a Israel o seu filho primogénito em *Êxodo 4:22* e ordena ao Faraó: “*Deixa ir o meu filho, para que me sirva*” (*versículo 23*), o conceito tem a ver com a precedência em importância de Israel sobre o Egito em relação à autoridade de Deus. Os planos estavam preocupados. O exemplo clássico desta ideia de preeminência de posição encontra-se no *Salmo Messiânico 89*, onde Deus, em palavras entusiásticas, fala do prometido futuro rei davídico, o Senhor Messias:

“*Ele me chamará, dizendo: Tu és meu pai, meu Deus, e a rocha da minha salvação. Também o farei meu primogénito mais elevado do que os reis da terra. A minha benignidade lhe conservarei eu para sempre, e a minha aliança lhe será firme, E conservarei para sempre a sua semente, e o seu trono como os dias do céu*” (*Salmos 89:26-29*).

Num espírito de profecia, Deus anuncia que a posição superior deste rei é uma questão de nomeação, não da hora do seu nascimento. Além disso, Deus faz do seu Rei designado “*o mais elevado* [em estatuto e posição] *do que os reis da terra*”. Portanto, quando o apóstolo aplica o termo “primogênito” ao Filho de Deus em Colossenses 1, está a usar uma descrição messiânica bem conhecida do AT. De facto, a expressão é repetida alguns versículos depois, onde Paulo escreve: “*E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos*” (versículo 18). Vale a pena destacar aqui a qualificação diferenciada. Enquanto no versículo 15 o Filho é o “*primogênito de toda a criação*”, aqui o Filho é o “*primogênito dos mortos*”. Se tivermos em conta o estilo literário hebraico de paralelismo, onde a mesma ideia é repetida, mas de forma ligeiramente modificada, é bastante razoável sugerir que os qualificativos “de toda a criação” e “dos mortos” significam a mesma coisa.

A ideia, então, é claramente que Jesus, o Filho de Deus, é o primeiro Homem da nova criação de Deus, porque é o primeiro homem que ressuscitou para a imortalidade. A ressurreição de Cristo é o início da ressurreição escatológica. A Sua ressurreição é a promessa e a garantia de que a nova ordem de realidade de Deus começou. A Igreja é essa nova comunidade em perspectiva. Isto confirma que o tema em discussão não é a criação dos céus e da terra no Génesis, mas sim a criação da Igreja, o corpo de crentes que constitui a nova humanidade de Deus, o Novo Homem (espécie). É por isso que “ele é o princípio” (“*arche*” que tem uma ambivalência e pode significar governante ou chefe, ou origem ou começo, *versículo 18*). De qualquer modo, Jesus, como o primeiro ressuscitado dos mortos, é a origem da nova criação de Deus e, como consequência desta prioridade na ressurreição, é também o mais elevado na categoria “*para que em tudo tenha a preeminência*” (versículo 18). No entanto, quer consideremos que o termo “primogênito” significa primeiro em relação ao tempo ou primeiro em relação à classificação, é pelo menos claro que “tomado em seu sentido natural, a expressão primogênito exclui a noção de um ser inciado e eterno. Nascer exige um começo”. [124] Para verificar as nossas descobertas até agora, devemos olhar para a segunda parte desta frase de que o Filho é “o primogênito de **toda a criação**”.

Cristo Cabeça da Nova Criação

As diversas traduções populares em inglês discordam quanto a saber se o Filho é “*o primogênito sobre toda a criação*” (como na NVI e na ARC), portanto o primeiro da categoria, ou se é “*o primogênito de toda a criação*”. (refletindo uma tradução literal do caso genitivo, como na KJV, RV e NASB), significando primeiro no tempo, o que se referiria a Cristo ser o primeiro ser criado da criação.

Obviamente que precisamos de um contexto mais amplo para determinar qual a nuance que melhor se adapta. É claro que Paulo continua a sua linha de pensamento no versículo seguinte, quando utiliza a conjunção “para”: “*Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam troncos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades – tudo foi criado por ele e para ele*” (versículo 16).

Jesus nunca tomou crédito pela criação original dos céus e da terra no Génesis. Ele não tinha dúvidas de que o universo era obra de Deus. – Mateus 19:4; Marcos 13:19). Observe aqui em Colossenses 1 que “todas as coisas” criadas não são “os céus e a terra” de acordo com Génesis 1:1, mas sim “todas as coisas que estão nos céus e [acima] na terra”. Estas coisas são definidas

como “tronos ou domínios ou governantes ou autoridades”. Evidentemente, Jesus recebeu autoridade para reestruturar os arranjos dos anjos, além de ser o agente para a criação do corpo de Cristo na terra, a Igreja. Este é o pensamento, como veremos em breve em *Hebreus 1*, onde os anjos são instruídos a adorar o Filho. É também o pensamento que Pedro menciona em *1 Pedro 3:21, 22* onde, depois de “a ressurreição de Jesus Cristo, que está à direita de Deus, tendo subido ao céu, depois de ter sido submetido a anjos, autoridades e poderes, ele”, o que está em disputa é a nova ordem messiânica que Deus trouxe através de Cristo Filho. Pouco antes de Sua ascensão ao céu pela poderosa mão direita do Pai, Jesus declarou que “todo o poder no céu e na terra me foi dado” (*Mateus 28:18*). Sua ressurreição deu a Jesus um novo status, “Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro” (*Efésios 1:21*).

Tudo isto para reiterar que este hino de louvor se refere à nova ordem de coisas que existe agora desde a ressurreição do Filho. Uma mudança escatológica dos tempos começou com a exaltação de Cristo à direita do Pai. Deus “E sujeitou todas as coisas a seus pés [do Cristo ressuscitado]” (*Efésios 1:22*). Paulo repete este pensamento no capítulo seguinte de *Colossenses*: “E estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade” (*Colossenses 2:10*). Nas palavras que vimos em *Filipenses 2*, Deus recompensou a morte obediente de Jesus na cruz, exaltando-o altamente e concedendo-lhe “E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra” (*Filipenses 2:8-10*).

É muito significativo que no versículo 18 Jesus alcance uma posição suprema, ou seja, uma posição que ainda não possuía. Logo, não pode ter pré-existido como Deus. Se o fizesse, o seu estatuto final seria mais uma descida de divisão do que a promoção descrita por Paul.

A frase “primogénito de toda a criação” deve “ser entendida em termos de uma escatologia completa... Porque Deus agiu desta forma no final em Cristo, ele já foi capaz de criar toda a criação nele, através dele e para ele”. [125] *Kuschel* é bastante claro ao dizer que “primogénito de toda a criação” é uma declaração sobre a posição de Cristo antes (sobre) toda a criação. [126] Cristo é o chefe de uma nova dinastia, de um novo Reino.

Estas atribuições de autoridade suprema a Cristo, sob Deus, sugere que quando Cristo veio sentar-se à direita de Deus, ele – por sua vez – estabeleceu, ou criou, um novo sistema de governo entre os seres angélicos, bem como preparou um lugar de honra e serviço dentro da casa de seu Pai para todo o seu povo fiel, tanto nesta era como na vindoura (*João 14:2, 3*). Tudo isto faz parte da “nova criação”. É esta nova criação que entendo ser o tema de *Colossenses 1:15-17*. Se esta visão estiver correta, a preexistência pessoal de Cristo não é de forma alguma o tema do nosso texto, contrariamente à interpretação popular. [127]

Vale a pena destacar neste ponto um importante ponto de (má) tradução que levou ao equívoco de que Jesus criou os céus e a terra em *Gênesis 1*. A versão King James diz no versículo 16 que “por ele foram criadas todas as coisas”. Não foi isso que Paulo escreveu. A tradução correta é a que demos acima, ou seja, “nele [em si] todas as coisas foram criadas”. A diferença de intenções é enorme. A antiga versão do KJV nos faria acreditar que Cristo foi o agente da criação dos céus e da terra no Gênesis, que Ele foi o instrumento da criação, que Ele estava pessoalmente presente antes do mundo começar. Estudiosos gregos de renome, como *J.H. Moulton* em “*Grammar of New*

Testament Greek” (Gramática do Grego do Novo Testamento), diz que *Colossenses 1:16* deve ser traduzido “*por causa dele* [de Jesus]”. [128] *The Expositor’s Greek Commentary*” (O Comentário Grego do Expositor) diz sobre este versículo: “*em auto*: Isto não significa ‘por ele’”. [129] Pela sabedoria, que mais tarde “se tornou” Cristo Jesus, todas as coisas foram criadas. Isto é simplesmente dizer que Jesus é a razão da criação. O final do *versículo 16* diz novamente a mesma coisa: “*todas as coisas foram criadas por meio dele e para ele*”, isto é, visando-o. Cristo, o Filho de Deus, agora exaltado, é o agente ou mediador da nova criação que Deus está a criar.

É por isso que “*ele existe antes de todas as coisas, e nele todas as coisas subsistem*” (*versículo 17*). Mas o que significa aqui “antes”: “*Ele é antes de todas as coisas*”? A palavra grega “*pro*” pode significar antes no sentido de lugar, significando “à frente de”, ou pode significar antes no sentido de tempo, significando “antes”, ou pode significar antes no sentido de “acima de tudo”. mais importante de tudo. A tradução da NASB tem aqui uma nota marginal que nos encorajaria a acreditar que se alude à pré-existência de Cristo; sua margem diz: “Ou existiu antes” de todas as coisas. Mas será que isso está correto? Esta mesma frase “antes de todas as coisas” (grego, *pro panton*) aparece noutros lugares, como em *1 Pedro 4:8*, onde Pedro escreve: “*Acima de tudo [pro panton]*, tende fervoroso amor uns pelos outros.” Aqui “acima de todas as coisas” não tem a ver com o tempo ou o lugar, mas com a forma como o amor cristão é preeminente sobre todas as outras virtudes. Portanto, antes de decidirmos qual o significado que melhor se ajusta a “antes” aqui em *Colossenses 1:17*, devemos observar o presente do verbo “é”. Isto não deve ser apressado. Não diz que Cristo “existia antes de todas as coisas”! A preexistência pessoal não é aqui discutida. Isto é confirmado no versículo seguinte: “*E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência*” (*versículo 18*).

O tema é a preeminência da posição na nova criação. Cristo está antes de todas as coisas no sentido definido de ter o primeiro lugar em tudo. Para que o leitor não perca o ponto principal, Paulo enfatiza duplamente esta nova posição de poder sobre todos, acrescentando o pronome pessoal ao verbo: “para que ele próprio venha a ter o primeiro lugar em tudo”.

Adoro a história do AT de como José foi levado após anos de sofrimento e humilhação e exaltado pelo Faraó ao primeiro lugar no Egito. A história sugere um belo tipo/paralelo com Cristo a ser exaltado pelo seu Deus e Pai para ser a Sua mão direita no Seu Reino. O Faraó anuncia a José:

“Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo, somente no trono eu serei maior que tu. Disse mais Faraó a José: Vês aqui te tenho posto sobre toda a terra do Egito. E tirou Faraó o anel da sua mão, e o pôs na mão de José, e o fez vestir de roupas de linho fino, e pôs um colar de ouro no seu pescoço. E o fez subir no segundo carro que tinha, e clamavam diante dele: Ajoelhai. Assim o pôs sobre toda a terra do Egito. E disse Faraó a José: Eu sou Faraó; porém sem ti ninguém levantará a sua mão ou o seu pé em toda a terra do Egito”. (Gênesis 41:40-44).

Que bela imagem do tipo de destaque e lugar de honra a que Deus exaltou o Senhor Jesus! Esta não foi uma posição que Cristo teve de ser sempre Deus desde a eternidade. Jesus é “o primogênito de entre os mortos; para que ele próprio tenha o primeiro lugar em tudo.” A sua autoridade é conferida, que lhe é dada pelo Pai, como atestam as Escrituras em toda a parte. “Cristo só obteve a condição de ‘preeminente em todas as coisas’ como consequência da sua ressurreição... Ao falar do primado de Cristo em relação a ‘todas as coisas’ devemos pensar antes de mais no Cristo

ressuscitado e exaltado. [não um Cristo que existia anteriormente antes da criação no tempo]”. [130]

Como Senhor supremo da nova ordem de criação de Deus, como o “chefe” dos mortos, chegará o dia em que a sua voz despertará os mortos e chamará todos os fiéis de Deus para entrarem na vida da Nova Era que se aproxima. Só no trono Deus, seu Pai, é maior que o Filho. Não admira que o autor possa dizer “*Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse*” (*Colossenses 1:19*). Não há limite para a medida da obra do Espírito de Deus e do plano que é executado através dele. O amor e a sabedoria de Deus estão tão completamente identificados com Jesus, e particularmente na cruz pela qual Deus reconciliou todas as coisas consigo mesmo (versículo 20), que em Cristo vemos realmente o mesmo poder, sabedoria e amor pelos quais Deus criou e pelo qual Ele sustenta o mundo. Cristo representa o que Deus é. Ele “incorpora, sem dúvida, o amor de Deus reflete tão claramente quanto possível o caráter do Deus único”. [131] Exaltado à direita do próprio trono de Deus, Cristo exerce agora as funções práticas da Divindade. Como diz *Dunn*, este hino aos Colossenses diz-nos que “Cristo revela agora o caráter do poder por detrás do mundo... Cristo define o que é a sabedoria, o poder criador de Deus – ele é a expressão mais completa e clara da sabedoria de Deus. Quase que poderia dizer que é o arquétipo”. [132] E talvez ainda mais claro:

Mais uma vez verificamos que aquilo que à primeira vista parece ser uma declaração direta da atividade pré-existente de Cristo na criação, se transforma, após uma análise mais detalhada, numa declaração um pouco mais profunda – não de Cristo como tal presente com Deus no início, nem de Cristo como identificado. com uma hipóstase pré-existente ou ser divino (Sabedoria) próximo de Deus, *mas de Cristo como corporizando e expressando* (e definindo) *aquele poder de Deus que é a manifestação de Deus na e para a sua criação*. [133]

Em conclusão, o hino aos Colossenses não faz uma declaração sobre o ato da criação no *passado*, mas sim sobre a criação, tal como os crentes devem vê-la *agora* à luz do novo estatuto de Cristo como Senhor ressuscitado. “O hino não pretende fazer uma declaração sobre a pré-existência ou vida terrena do Filho, mas antes uma declaração sobre o significado do Filho para a comunidade no presente”. [134]

Hebreus Capítulo Primeiro

Outra passagem do NT é facilmente apelada para demonstrar que Jesus Cristo é Deus Todo-Poderoso. É *Hebreus 1*. Neste capítulo, isoladas do seu contexto, frases individuais parecem justificar esta interpretação trinitária. Estas frases são: “*por quem fez também o mundo*” (versículo 2); “*E todos os anjos de Deus o adorem*” (versículo 6); “*Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos*” (versículo 8); “*E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás... Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão*” (versículos 10-12). Lidos isoladamente – fora do contexto – estes versículos parecem dizer que Jesus é (Jeová) Deus. Esta interpretação justifica-se? Muitos expositores pensam que não. *Kuschel* insiste que não precisamos de “interpretar a cristologia de Hebreus em termos tão extremamente ontológicos (à luz de Niceia!)”. [135] (Ontologia é o estudo da metafísica que trata da natureza do ser.) *Kuschel* comenta que “a maioria dos exegetas” não assume agora “um mito

de Cristo helenístico-sincretista extremamente desenvolvido como pano de fundo de Hebreus, nem os dilemas impostos ao texto. *Acredita-se que o material da tradição judaica helenística é suficiente para explicar a cristologia de Hebreus.* [136] Por outras palavras, somos advertidos para não rereer no texto o que nos foi ensinado pelas tradições posteriores.

Embora o debate se tenha centrado em quem é o verdadeiro autor de Hebreus, notamos que toda a sua habilidade literária e argumento teológico se devem ao mundo das ideias do AT. A razão pela qual o livro de Hebreus foi escrito foi para encorajar os crentes que sofriam uma perseguição feroz a permanecerem leais a Cristo. Estes crentes eram judeus convertidos a Cristo e deviam ser encorajados a ver a superioridade de Cristo sobre o antigo sistema de coisas judaico. Cristo é superior aos anjos (que mediarão a antiga aliança); É superior a Abraão, Moisés e Josué. Cristo é superior ao sacerdócio levítico e aos rituais e sacrifícios do templo. Esta superioridade reside no facto de Jesus ser o Filho de Deus ressuscitado, e não em ser Deus Todo-Poderoso. Se Jesus é o Todo-Poderoso em forma humana, então o autor poderia ter poupado muita tinta e papiro. Tudo o que precisei de fazer foi escrever que Jesus é superior a todos porque é Deus. Fim da discussão. Mas os primeiros versículos de Hebreus não permitem tal interpretação. Dizem:

“HAVENDO Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas” (Hebreus 1:1-3).

Dunn acredita que *Hebreus 1:1-3* é paralelo a *Colossenses 1:15-17*, que, como acabamos de ver, foi escrito tendo em mente a escatologia, e não a “*protologia*” (“Para os cristãos, a *protologia* refere-se ao propósito fundamental de Deus para a humanidade. Este argumento justifica-se porque se afirma explicitamente que o fim dos tempos já chegou; São “estes últimos dias” que estão em vista. Mais uma vez estamos a assistir à mudança escatológica dos tempos com o aparecimento de Cristo. Sob a antiga aliança, Deus falou em várias porções e de várias maneiras aos pais nos profetas. Em vez disso, fala agora através de um Filho. Uma das formas como Deus falou naqueles dias foi também através da mediação de anjos (ver *Hebreus 2:2*). Isto significa, entre outras coisas, que a mensagem de Deus a Israel não foi através de um Filho pré-existente que era um anjo, como acreditam as Testemunhas de Jeová (ensinam que Jesus era o Arcanjo Miguel). Nem pode significar – como pensam muitos trinitarianos – que Jesus era o “anjo do Senhor” que apareceu em numerosas ocasiões no AT. Na verdade, também não pode significar, de acordo com a “ortodoxia” nicena posterior, que Deus falou aos pais nos dias do AT através de um Filho pré-existente. Porque os primeiros versículos de Hebreus testemunham que antes do nascimento de Jesus não havia Filho de Deus como mensageiro de Deus aos homens. É axiomático que no AT Deus não falou através do Filho. Assim, sem rodeios: “O que emerge dos dois primeiros versículos do livro dos Hebreus é que Jesus não era o agente de Deus para Israel nos tempos do AT”. [137]

O Filho – através de quem Deus falou nestes tempos finais – foi feito “*herdeiro de tudo*” (*versículo 2*). Esta linguagem de delegar toda a autoridade em Jesus como Filho recorda-nos as muitas vezes em que Jesus disse que a sua autoridade Lhe tinha sido dada (*João 5:22, 26, 27*). E quando Lhe foi dada essa autoridade, essa nomeação? Foi-lhe dado após a sua ressurreição como recompensa pela sua obediência (ver *Atos 2:36; Filipenses 2:9-11; Romanos 1:4; Atos 17:31*).

A seguir vem a afirmação de que através deste herdeiro designado de todas as coisas Deus “*por quem fez também o mundo*” (versículo 2). A antiga tradução da KJV diz “*por aquele que fez o mundo*”. Mais uma vez, a forma como isto é traduzido predispõe as nossas mentes ligadas à tradição a seguir uma rotina gasta. Tendemos a pensar imediatamente na criação do Génesis no início do universo. Mas a palavra aqui usada para “mundos” é a palavra para “eras” (é a palavra de onde obtemos a nossa palavra inglesa *eon/s*). O escritor não está a falar sobre a criação dos céus e da terra no Génesis. Ele está a falar de períodos de tempo, épocas. No pensamento judaico, existiram classicamente duas grandes épocas. O primeiro é o século presente e maligno. A seguir será a era messiânica que se avizinha. E *Hebreus 1:2* fala do mundo – ou mais precisamente – da era messiânica vindoura. Prossegue dizendo-nos que através da morte sacrificial de Jesus na cruz, foi aberto um novo caminho para entrarmos na nova terra e nos novos céus do futuro Reino Messiânico, quando ele nascer.

Este “herdeiro designado de todas as coisas” é o agente, o mediador através de (*dia*), através de quem Deus – em perspetiva – trouxe a nova era messiânica. O Filho Escatológico “*O qual, sendo o esplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa*” (versículo 3).

O contexto escatológico e os participios presentes utilizados nestas declarações (literalmente: ele, sendo reflexo e selo) deixam claro que esta não pode ser uma declaração protológica sobre a preexistência ou uma declaração sobre a vida terrena do Filho, mas antes uma declaração sobre a significado do Filho para a comunidade no presente. [138]

A cristologia do contexto imediato... [indica] que *o autor está a pensar principalmente no Cristo exaltado*: Cristo é o Filho que é o clímax escatológico (“nestes últimos dias”) de toda a revelação anterior e mais fragmentária de Deus (versículos 1-2a); esta revelação culminante centra-se no seu sacrifício pelos pecados e na exaltação à direita de Deus (versículo 3d-e). [139]

Por outras palavras, não há aqui qualquer indicação, neste contexto do tempo do fim, de que Cristo seja visto como o Deus pré-existente, o Filho, segundo membro da Trindade. É certo que este Filho agora “*e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder*” (versículo 3b). Mas é a nova criação – a era messiânica – que é mantida unida pelo seu poder (autorizado e delegado). No Reino Messiânico tudo se baseará na palavra e no ensino de Cristo (note-se que quem nesta presente geração adúltera tiver “*se envergonhar de mim e das minhas palavras*” não partilhará a glória quando Jesus vier de acordo com *Marcos 8:38*). Sem Cristo e a sua palavra do Reino não há Era Messiânica para sustentar.

E nesta nova era até os anjos adorarão o Filho, porque ele “*Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles*” (versículo 4). Era isto que o Pai tinha decretado há muito tempo através dos profetas (versículo 5). Se houver alguma dúvida de que Cristo, o Filho, será adorado naquela gloriosa nova era, o autor dissipa tal questão prometendo que quando “*E outra vez [Deus], quando introduz no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem*”. (versículo 6). Na Segunda Vinda o decreto do Pai tornar-se-á história. Todo o joelho, seja no céu ou na terra, prestará homenagem ao Filho (ver *Salmos 2:12*). Então Jesus “*então se assentará no trono da sua glória*” (*Mateus 25:31*). Esta adoração de Jesus, o Filho, não faz dele Deus Todo-Poderoso: Mais tarde, em *Hebreus 2*, Jesus é visto a liderar os seus “irmãos” – a igreja redimida – na (última) adoração a Deus, o Pai (*Hebreus 2: 12, 13*). Este ato de adoração (relativa) de Jesus pelos anjos honrará o Pai, pois é Sua vontade que o façam (*Filipenses 2:9-11*). Então, o

ato final da adoração de Jesus a Deus Pai será “*Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força*” (1 Coríntios 15:24). Quando todas as coisas estiverem sujeitas a Cristo, incluindo as hostes angélicas, “*então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram, para que Deus seja tudo em todos*” (1 Coríntios 15:28). “Como representação da majestade divina do Pai, o título messiânico de ‘deus’ será aplicado a Jesus, como o foi outrora aos juízes de Israel que prefiguraram o Juiz supremo de Israel, o Messias” (Salmo 82:6). [140]

A designação de Jeová do seu Filho como “Deus” na citação do Salmo 45, “*O teu trono, ó Deus, é eterno e perpétuo*” (versículo 6) “não é especulação sobre a natureza divina proveniente da teologia da pré-existência, mas uma interpretação das declarações que se relacionam com o Cristo exaltado (‘reflexo’ e ‘selo’).” [141] Por outras palavras, a cristologia de Hebreus não é realmente uma cristologia de preexistência, mas principalmente uma cristologia de exaltação. O autor não se preocupa com o tempo primordial, mas com o estatuto de Cristo como regente no presente que garante a nossa salvação. O fundamento da nova era messiânica – os novos céus e a nova terra – serão firmemente colocados no trono do Messias:

“E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; E todos eles, como roupa, envelhecerão, e como um manto os enrolarás, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão” (Hebreus 1:10-12).

Argumentou-se que, uma vez que estas palavras citadas do Salmo 102, onde a sua referência original é a Jeová, se aplicam agora ao Filho ressuscitado, então Jesus deve ser Jeová. Se não tivermos o cuidado de seguir a intenção original do escritor, seria fácil perceber como estes versículos podem ser mal interpretados, significando que o Senhor Messias é aquele que originalmente criou o universo. Mas se voltarmos ao Salmo 102, ponto de referência do autor, rapidamente compreenderemos que o salmista fala também da vindoura era messiânica do Reino que terá como centro Jerusalém. Esta é uma profecia que “*Isto se escreverá para a geração futura; e o povo que se criar louvará ao SENHOR*” (Salmo 102:18).

O salmista antecipa o dia em que Jerusalém será restaurada sob o Messias. Será um tempo em que “*Então os gentios temerão o nome do SENHOR, e todos os reis da terra a tua glória*” (Salmo 102:15). Será um dia “*Quando os povos se ajuntarem, e os reinos, para servirem ao SENHOR*” (Salmo 102:22). Esse agente messiânico através do qual Deus falará será aquele que “*E ponho [literalmente, ‘plantará’] as minhas palavras na tua boca, e te cubro com a sombra da minha mão; para plantar os céus, e para fundar a terra, e para dizer a Sião: Tu és o meu povo*” (Isaías 51:16). O “*Word Bible Commentary*” (Comentário Bíblico de Word) diz o seguinte sobre esses versículos:

Isto não faz sentido se se refere à criação original (Génesis) ... Noutros casos, Deus age sozinho sem usar qualquer agente (Isaías 44:24). Aqui, o que está escondido na sua mão é o seu agente. Aqui, céu e terra referem-se metaforicamente à totalidade da ordem na Palestina. O céu significa a estrutura global mais alargada do império, enquanto a “terra” é a ordem política na própria Palestina. [142]

Tudo isto para voltar a enfatizar que a série de verdades mencionadas nestes versículos em Hebreus 1 se referem ao momento em que Deus reintroduz o Seu Filho agora glorificado, o Seu “*introduz no mundo o primogênito*” (Hebreus 1:6). Se ainda houver alguma dúvida de que esta é a interpretação correta, o escritor afirma em Hebreus 2:5 “*Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos*”.

Todos os anúncios proféticos em *Hebreus 1* referem-se à era messiânica vindoura! A sua preocupação não é a criação do antigo Génesis, mas o novo mundo em mente. Hebreus 1 fala sobre o Filho ser o rei de Israel e menciona um trono, um cetro e um Reino sem fim. Ele está a falar de “*dos bens futuros... isto é, não desta criação*” (*Hebreus 9:11*)! Nessa era messiânica, quando o Filho está sentado no seu trono, tem ainda Alguém acima de si, a quem chama o seu “Deus”: “*por isso Deus, o teu Deus, te ungiu Com óleo de alegria mais do que a teus companheiros*” (*Hebreus 1:9*).

Dito de outra forma, fazer com que *Hebreus 1:8-10* signifique que Jesus é Jeová Deus só porque é chamado Deus é criar enormes problemas aos trinitarianos. A razão é que afirma especificamente que o Filho tem um Deus que o ungiu. Se Jesus é Deus (Todo Poderoso) e tem um Deus acima dele, então existem dois Deuses! Isto é uma impossibilidade absoluta para os escritores das Escrituras.

Mais uma vez, notamos que a escatologia é o grande fator para a compreensão adequada das verdades expostas em *Hebreus 1*. O escritor de Hebreus, e na verdade todos os escritores do NT, entendem que, por causa da sua exaltação, Jesus está agora tão próximo de Deus. Além disso, o escritor de Hebreus é capaz de manter unidas tanto a era presente como a era futura numa tensão presente não resolvida. Embora não vejamos agora todas as coisas sujeitas ao Novo Homem, vemos pela Fé Jesus como o Senhor daquele novo dia (*Hebreus 2:8, 9*). Somos exortados a manter esta confissão firmemente até ao fim (*Hebreus 4:14*). Um dia, nesse Dia, entraremos na sua herança como co-governantes com Ele. No entanto, a tensão entre a iminência e a demora na espera do fim é característica de toda a escatologia bíblica. Este pode não ser o padrão de pensamento da mente moderna cientificamente treinada. Mas, a menos que tentemos pensar com a mente hebraica do século I por detrás deste livro, fá-lo-emos de forma violenta, impondo-lhe categorias analíticas modernas que perdem completamente o foco. Enquanto *Anthony Buzzard* nos desafia com estas palavras:

O escritor deve ter permissão para fornecer os seus próprios comentários. A sua preocupação é o Reino Messiânico, não a criação no Génesis. Porque não partilhamos a visão messiânica do NT como deveríamos, a nossa tendência é olhar para trás em vez de olhar para a frente. Devemos entrar em sintonia com a perspetiva completamente messiânica de toda a Bíblia.

[143]

Deus Poderoso, Pai Eterno

A evidência considerada até agora – particularmente de *João 1, Filipenses 2, Colossenses 1 e Hebreus 1* – leva-nos a afirmar com confiança que o testemunho unido do NT não justifica a crença tradicional de que Jesus, o Messias, existiu conscientemente no céu como Deus. o Filho antes do seu nascimento no tempo na terra. O que mostram é que o Messias prometido no AT seria um ser humano tão ungido pelo Espírito de Deus que através dele Deus inauguraria uma nova era de redenção e glória. Esta salvação é tão radical que é pensada em termos de uma nova criação que afeta toda a esfera da existência na terra e, na verdade, no céu. A vinda do Messias seria o fulcro da história, tão crucial que poderia ser considerada uma mudança de época. Este vindouro combinaria na sua pessoa os ofícios de profeta, sacerdote e rei. Representaria o Deus único perfeita e plenamente. A plenitude da sabedoria e do poder de Deus habitaria nele corporalmente. Ter visto

isto seria ter visto Deus cujo Espírito possuía em plena medida. Isto, é claro, não é mais do que aquilo que os profetas tinham predito muito antes.

Deste ponto de vista, devemos agora examinar duas grandes predições do AT em *Isaías 9* e *Miqueias 5* ao terminarmos este capítulo. Tornar-se-á evidente que estes textos têm sido tradicionalmente mal utilizados quando usados para ensinar a plena Divindade de Cristo. Para lhes fazer justiça, devemos descobrir o sentido pretendido pelos autores originais.

A primeira diz assim: “*Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz*” (*Isaías 9:6*).

Escrita entre 750 e 800 anos antes do nascimento de Jesus, esta profecia fala de uma criança que vai nascer e de um filho que vai ser dado. A teologia cristã tradicional quer que acreditemos que ele é o segundo membro da Divindade porque é chamado “Deus Poderoso, Pai Eterno”. Várias dificuldades se colocam na manutenção desta interpretação tradicional. Em primeiro lugar, a denominação “Deus Poderoso” (hebraico, *el gibbor*) é definida pelo principal léxico hebraico como “herói divino, refletindo a majestade divina”. [144] Refere-se aos “homens de poder e posição, bem como aos anjos”. É instrutivo notar que os tradutores judeus da Septuaginta (LXX) descreveram o Messias simplesmente como o “mensageiro de conselhos poderosos”. Outra autoridade hebraica reconhecida define “*gibbor*” como guerreiro, tirano, campeão, gigante, homem valente, homem poderoso. [145] Estas autoridades dizem-nos que “*gibbor*”, quando usado em associação com Deus, significa um guerreiro real com os atributos de Deus. Em *Ezequiel 31:11*, onde a NASB traduz a palavra como “um déspota”, a margem diz “*ou um poderoso*”. Em *Ezequiel 32* a frase volta a aparecer, mas os tradutores das nossas Bíblias em espanhol traduzem-na sabiamente por “*os poderosos*” porque se refere aos homens (*versículo 21*). Novamente em *Ezequiel 17* Deus diz que retirou “*os poderosos da terra*” (*versículo 13*).

O termo “Deus Poderoso” é um título real. O seguinte versículo de *Isaías 9* concorda com esta definição. O Messias reinará no trono de David. Ele governará com justiça e retidão para sempre por causa do zelo do Senhor dos Exércitos. Isaías distingue cuidadosamente entre este Messias e o seu Deus, não apenas nestes versículos, mas no resto do seu livro (por exemplo, *Isaías 49:5*, onde o Messias chama ao Senhor “meu Deus”). De qualquer modo, Isaías não escreveu – como muitos citam erradamente – que a criança que nasceria, o filho que seria dado, seria chamado Deus Todo-Poderoso. Terá sido uma palavra hebraica completamente diferente – *el shaddai* – usada exclusivamente para se referir a Jeová.

A próxima descrição de Isaías do Filho vindouro é “Pai Eterno”. Se os trinitarianos quiserem ser consistentes ao dizer que o termo “Deus Poderoso” prova que Jesus é Deus, então esta designação “Pai Eterno” prova que Jesus é Deus Pai, um argumento que prova demasiado! (Alguns até dizem isso. São chamados de modalistas. Isto simplesmente não pode ser porque significaria que Jesus é o pai de si mesmo!) Mas, novamente, este tipo de literalismo prova demais e não está de acordo com a mente ou o pensamento do autor judeu. Eis uma expressão comum no pensamento hebraico, como demonstrará uma pequena reflexão. Os reis eram chamados os pais da sua nação. Alguns capítulos mais tarde, em Isaías, Deus chama ao seu servo Eliacim “*pai para os moradores de Jerusalém, e para a casa de Judá*” (*Isaías 22:21*). Deus promete investir o rei Eliacim com um manto real e confiar-lhe a autoridade real (*Isaías 22:21*). Abraão é chamado “*nosso pai Abraão*” (*Romanos 4:1, 12, 16*) porque é o progenitor da raça hebraica.

A palavra “eterno” aqui também não significa necessariamente o que significa para nós, modernos. “Eterno” aos nossos ouvidos significa a eternidade passada, presente e futura, para todo o sempre. Mas para as mentes hebraicas pode carregar a ideia de estar relacionado com a era (futura). De acordo com o uso hebraico, a promessa de Isaías é que o futuro Filho será o progenitor da era vindoura do Reino de Deus. De acordo com o Léxico Hebraico, a palavra “eterno” em Isaías 9:6 significa “para sempre (tempo futuro)”. [146] De acordo com o *Dicionário de Strong*, a palavra é definida como “duração, no sentido de avanço ou perpetuidade”, e a *Concordância de Strong* dá a definição primária como “perpetuidade, para sempre, futuro contínuo”. [147] Em harmonia com estes significados, a Septuaginta (na versão Alexandrina) dá o título do Messias como “pai da era vindoura”. [148] A versão católica *Douay-Rheims* da Bíblia aqui chama curiosamente o Messias de “o pai do mundo vindouro”. [149] A mesma palavra é utilizada no *Salmo 37*: “Os justos herdarão a terra e habitarão nela para sempre” (versículo 29). Isto não pode significar que os justos existiram desde a eternidade e nunca tiveram um princípio. A intenção clara é que os justos nunca tenham fim. Claramente, o Messias prometido é o “pai eterno” do mundo vindouro, uma vez que tanto ele como os justos (filhos) viverão para sempre.

Um governante da Eternidade

A segunda profecia bem conhecida do AT, tradicionalmente usada para indicar que Jesus é o Deus eterno, diz: “E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (*Miqueias 5:2*).

Muitos trinitarianos afirmam que esta é uma prova clara de que Jesus é o Deus eterno. Na verdade, esta é uma profecia notável do próximo nascimento do Messias. Mas ensina ela que um Jesus pessoalmente pré-existente é o próprio Deus, porque diz que “as suas saídas são de há muito tempo, desde os dias da eternidade”? Alguém que sai dos “dias da eternidade” para a história deve ser certamente membro da Trindade? A frase “dias de eternidade” (hebraico, *y'may olam*) aparece apenas alguns capítulos depois, em *Miqueias 7*. Aqui é prometido ao povo de Deus que “o rebanho da tua herança, que habita a sós, no bosque, no meio do Carmelo; apascentem-se em Basã e Gileade, como nos dias do passado”. (*Versículo 14*). Ninguém compreenderia que a mesma frase significa que o povo de Deus costumava ser bem alimentado na eternidade. A mesma expressão encontra-se em *Deuterónimo 32*:

“Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos de muitas gerações: pergunta a teu pai, e ele te informará; aos teus anciãos, e eles te dirão” (Deuterónimo 32:7).

A frase “Lembra-te dos dias antigos” (*y'may olam*) não pode significar recordar desde a eternidade, porque instrui os israelitas a recordarem os dias que os seus pais e líderes conheciam. Este mesmo significado encontra-se em *Isaías 45:21; 63:9, 11; Amós 9:11*, etc. Em nenhum destes casos pode significar “eternidade”. Aquelas traduções que dizem que “a partida do vindouro governante de Israel será desde os dias da eternidade” são bastante infelizes. O profeta não sugeriu que Jesus iria emergir de uma preexistência pessoal de uma eternidade passada, mas simplesmente que a promessa do surgimento do Messias em Belém vem dos “tempos antigos”, isto é, remonta à antiguidade remota – em na verdade, remonta ao início da história humana, quando Deus prometeu a Eva que a sua “semente” esmagaria a cabeça do tentador (*Génesis 3:15*).

Conclusão

Lembro-me de quando tinha 17 anos e viajei para Hong Kong. Tenho um tio e uma tia lindos que generosamente me pagaram a mim, à minha mãe e ao meu irmão para viajarmos pela primeira vez para o estrangeiro. O choque cultural naquele lugar oriental surpreendeu a minha jovem mente. Das muitas imagens que enfrentei, há uma que jamais esquecerei. Na parede de uma igreja no cimo de uma montanha nos Novos Territórios, perto da fronteira com a China, estava pintado Jesus, o Cristo. Era chinês, com um rabo de cavalo cheio e um vestido tradicional chinês!

Surpreende-me que nós, humanos, sejamos bastante hábeis na construção de Jesus à nossa própria imagem. Não só o histórico Jesus de Nazaré foi metamorfoseado sob a influência do helenismo no “Deus-homem”, como a sua própria mãe, Maria, foi promovida ao estatuto de “Mãe de Deus” e “corredentora”, e os santos tornaram-se intercessores. Mas a maior consequência foi a doutrina inventada da Encarnação, onde se presume que o próprio Deus Eterno encarnou e se fez homem. Este desenvolvimento teve consequências desastrosas para o testemunho bíblico da unidade e singularidade de Deus. *Don Cupitt* observa que, uma vez criada esta doutrina da Encarnação de um Filho de Deus pré-existente, o culto do Cristo divino colocou, na verdade, a própria Divindade em segundo plano, porque quando Deus Pai foi afirmado, foi concebido em termos antropomórficos. A porta para o paganismo foi inadvertidamente reaberta. Não importa quão bem-intencionado, o foco da adoração mudou de Deus para o homem. Esta mudança acabaria por legitimar o culto do humanismo. A Divindade ficaria em segundo plano. A “alteridade” de Deus ou, como lhe chamam os teólogos, a transcendência de Deus perder-se-ia. A sua “santidade”, a sua “grandeza” tornar-se-iam controláveis e confortáveis. Deus é agora um homem! [150]

A cristologia correta – “a rocha” sobre a qual se funda a sua verdadeira Igreja segundo o próprio Jesus – é a confissão de Pedro de que ele é o Messias, o filho do Deus vivo (*Mateus 16:16*). Lucas registra a confissão de Pedro com uma ligeira, mas poderosa variação; diz que Jesus é “o Cristo de Deus” (*Lucas 9:20*). No NT grego há um artigo definido antes de “Deus”. Para ser corajosamente literal, Pedro confessou que Jesus é “o Messias de [do único e verdadeiro] Deus”.

Daqui se segue que o fracasso em manter a confissão bíblica de que Jesus é o Senhor Messias – e não o Senhor Deus – fomentou de alguma forma invertida o secularismo desenfreado da nossa época? Por enquanto, o Deus Todo-Poderoso e Eterno assumiu a forma humana e o mistério e a unidade suprema de Deus desmoronaram-se num conceito de proporções humanas agradáveis, ou seja, o nosso pequeno “eu”. Ao tornarmos Jesus plenamente Deus, fizemos do homem Deus? Esta tendência pode ser observada no desenvolvimento da arte a partir do século IV. O tabu judaico-cristão de representar Deus sob qualquer forma foi esquecido. O resultado foi focar a atenção em Jesus e longe da “alteridade” de Deus. O nosso sentimento de admiração na adoração, aquele que nos deveria tirar o fôlego, por assim dizer, foi severamente comprometido. A arte cristã antes de Constantino era hesitante, mas depois de Constantino tornou-se bastante elaborada. A Igreja tornou Jesus mais do que ele deveria ter sido e, no processo, degradou o Deus Pai que Ele veio revelar. O próprio Jesus muito bem nos perguntaria hoje, como fez ao jovem há muito tempo: “*Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus*” (*Lucas 18:19*). E mesmo agora, exaltado pelo trono do seu Pai no céu, Jesus ainda adora o Pai como Aquele “o único que é santo” (*Apocalipse 15:4*). São aqueles que adoram o Pai através do Seu Filho que são os “*verdadeiros adoradores*” (*João 4:23*).

A evidência tanto do AT como do NT, quando interpretada tendo em mente o contexto hebraico, não fornece qualquer suporte para a crença tradicional de um Cristo pessoalmente pré-existente (Niceno), que é o “próprio Deus de Deus” ou o Filho eternamente gerado. Nem a evidência fornece qualquer suporte para o Cristo Ariano que foi criado por Deus algures na eternidade antes do mundo começar. Jesus é o homem que nasceu no tempo. A sua origem ou gênese estava no seio da virgem Maria, engendrada por um ato criativo especial de Deus Pai. *Precisamente por esta razão* Jesus é o Filho de Deus (*Lucas 1:35*), o Rei a quem Deus autoriza. Os profetas hebreus predisseram que o Messias nasceria de uma “semente” ou linhagem humana e que, sob a unção de Deus, traria uma ordem nova, redimida e glorificada. O NT anuncia que o Senhor Jesus ressuscitado e exaltado inaugurou a prometida mudança de época. Em síntese, estes resultados demonstram que “uma lacuna profunda entre a evidência bíblica e a dogmática clássica já não pode ser escondida”. [151]

O estudioso judeu *Hugh Schonfield*, no seu livro “*Those Incredible Christians*” (Aqueles Incríveis Cristãos), resume lindamente o nosso capítulo. Escreve que a doutrina da Divindade de Jesus Cristo:

... é diametralmente oposto ao conceito judaico de Deus no tempo de Jesus, e ninguém que seja judeu, subscreva as Escrituras Hebraicas e procure a aceitação judaica, provavelmente se apresentará com um carácter tão contrário. Tomando como base a evidência de que a doutrina estava de acordo com as noções pagãs correntes, a inferência óbvia é que era uma intrusão de fontes gentias e não fundamental... Era estranha na sua derivação e o próprio Jesus não poderia tê-la considerado. O material do evangelho antigo mostra-o a exercer todo o cuidado extremo do judeu devoto ao proteger o nome de Deus da profanação e ao representá-lo como o único Ser adorado e descrito como bom. [152]

Opor-se a esta conclusão não é apenas uma questão de nuances doutrinárias. O testemunho da história confirma-o. Ainda no século II, os proponentes desta visão (de que Jesus era o Senhor Messias humano e não o Filho eterno, segundo membro da Divindade Trina) podiam ainda salientar que esta era a crença original sustentada “por todos os primeiros cristãos. próprios apóstolos”. [153] Foi fatal para a doutrina da Divindade de Jesus que os seus próprios apóstolos e os membros cristãos da sua família tivessem sustentado que ele não era mais do que um homem ungido unicamente desde o nascimento pelo Espírito de Deus, sendo assim o Messias. O que também conta muito é o testemunho dos historiadores da igreja de que estes apóstolos, anciãos e parentes originais de Jesus eram os porta-vozes do cristianismo judaico com jurisdição sobre toda a Igreja (antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C.). “Não foi, como alegaram os seus defensores, o cristianismo judaico que degradou a pessoa de Jesus, mas a Igreja em geral que foi enganada para o divinizar”. [154]

Os autores de “*The Jesus Mysteries*” (Os Mistérios de Jesus) apoiam a conclusão de *Hugh Schonfield* ao fazer a chocante afirmação de que a desconsideração desta abordagem estrangeira da doutrina da Igreja sobre Jesus, o Cristo, deixou a Igreja, sem o saber, no meio de uma mitologia pagã. Documentam exaustivamente os numerosos casos de povos e culturas antigas que rodeavam o Mediterrâneo e que tinham um grande número de crenças em supostos homens-deuses que vieram à terra para redimir a humanidade. Cada um destes mitos dos deuses redentores é anterior ao Cristianismo. Acreditava-se que Osíris do Egito tinha origem divina. “Representou para os homens a ideia de um homem que era ao mesmo tempo Deus e homem”. Na verdade, “o mito egípcio de Osíris é o mito primordial do misterioso deus-homem e remonta à pré-história. A sua história é tão antiga que pode ser encontrada em textos piramidais escritos há mais de 4.500 anos!

[155] Os gregos também tinham o seu deus-homem em Dioniso, que antecede a era cristã em centenas de anos. Numa antiga peça grega, Dioniso explica que velava a sua divindade numa forma mortal para a manifestar aos homens mortais. Diz aos seus discípulos: “Portanto, mudei a minha forma imortal e assumi a semelhança do homem”. [156] O deus-homem dos Persas chamava-se Mítras. Os babilónios, os romanos, os sírios e muitos outros povos antigos tinham os seus próprios mistérios pagãos entre Deus e o homem. Como já foi observado, estes mitos de deus-homem eram omnipresentes muito antes do aparecimento de Jesus de Nazaré. Os cristãos que acreditam que Jesus é o único Deus-homem Redentor entre as religiões estão simplesmente mal informados.

Esta história acrescenta um grande peso à nossa afirmação de que a Igreja abandonou a sua fundação hebraica e rapidamente absorveu o paganismo nos seus ensinamentos sobre a natureza de Jesus de Nazaré. No Concílio de Niceia no ano 325 d.C. C., o Cristianismo adoptou a sua própria versão de um “Deus-homem” que foi inspirado por estes mitos pagãos já existentes. Agora é o momento de aqueles que desejam permanecer fiéis à Bíblia abandonarem o uso do termo “Deus-homem” e o ensino que o acompanha. A palavra “Deus-homem” e tudo o que a acompanha não aparece no Novo Testamento. Devemos insistir na compreensão bíblica de Jesus como o homem unigénito/criado de Deus que pertence à mesma família de Adão e Abraão, Moisés e David. Este homem, pela sua justiça, foi ressuscitado para a imortalidade e exaltado à direita de Deus como o primeiro *homem* glorificado. Isto é algo totalmente único e diferente de todas as outras crenças sobre os homens-deus.

Se nos mantivermos fiéis ao modelo bíblico que analisámos ao longo deste capítulo, a singularidade de Jesus de Nazaré será preservada. Eis a maravilha da nossa fé: à direita de Deus há um homem verdadeiro, um homem real, um homem como tu e eu! Ele é a demonstração perfeita de tudo o que Deus Pai pode fazer através de um homem totalmente rendido à Sua vontade e cheio do Seu Espírito Santo.

Notas Finais

- [1] *Hugh Schonfield, “The Passover Plot”* (O Enredo da Páscoa), pág. 12.
- [2] *Ibidem*, pág. 12.
- [3] *N.T. Wright, “Who Was Jesus?”* (Quem foi Jesus?) pág. 57.
- [4] *Hugh Schonfield, “The Passover Plot”* (O Enredo da Páscoa), pág. 47.
- [5] Lockhart, “Jesus the Heretic” (Jesus o Herege), pág. 44.
- [6] *D. Cupitt, “The Myth of God Incarnate”* (O Mito de Deus Encarnado), citado em *Lockhart, “Jesus the Heretic”* (Jesus o Herege), pág. 137.
- [7] *Ibidem*, pág. 45
- [8] *Kuschel, “Born Before All Time?”* (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 500.
- [9] *Ibidem*, pág. 503.
- [10] *Lloyd-Jones, “God the Father, God the Son”* (Deus o Pai, Deus o Filho), pág. 283.
- [11] *Charles Swindoll, Jesús: “When God Became Man”* (Jesus: Quando Deus Se Fez Homem), citado em **Focus on the Kingdom**, ed. *Anthony Buzzard*. vol. 7, no. 3, dezembro de 2004, pág. 2.
- [12] *J.I. Packer, “Knowing God”* (Conhecendo a Deus), Londres: Hodder & Stoughton, 1973, pág. 50.
- [13] Veja o apêndice 2: “*Jesus and Michael*” (Jesus e Miguel).
- [14] “*New Bible Dictionary*” (Novo Dicionário Bíblico), Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975, pág. 560.
- [15] *James Dunn, “Christology in the Making”* (Cristologia em processo), Londres: SCM Press, 1989, pág. 4.
- [16] “*The Oxford Dictionary of the Christian Church*” (O Dicionário Oxford da Igreja Cristã), pág. 696.

- [17] Mark H. Graeser, John A. Lynn, John W. Schoenheit, *“One God and One Lord: Reconsidering the Cornerstone of the Christian Faith”* (Um só Deus e um só Senhor: repensando a pedra angular da fé cristã), Indianapolis: Christian Educational Services, 2003, pág. 353.
- [18] Rubenstein, *“When Jesus Became God”* (Quando Jesus se fez Deus), pág. 118.
- [19] *Ibidem*, pág. 119.
- [20] *Ibidem*, pág. 119.
- [21] Lockhart, *“Jesus the Heretic”* (Jesus, o Herege), pág. 21.
- [22] Lloyd-Jones, *“God the Father, God the Son”* (Deus Pai, Deus Filho), pág. 255 y seg.
- [23] Graeser et al, *“One God and One Lord: Reconsidering the Cornerstone of the Christian Faith”* (Um só Deus e um só Senhor: repensando a pedra angular da fé cristã), pág. 366.
- [24] *Ibidem*, págs. 366-377.
- [25] Chang, *“The Only True God”* (O Único Deus Verdadeiro), págs. 173-174, ênfases suo.
- [26] Buzzard and Hunting, *“The Doctrine of the Trinity”* (A Doutrina da Trindade), pág. 274.
- [27] Dunn, *“Christology in the Making”* (Cristologia em processo), Prólogo da segunda edição, pág. xviii, ênfase original.
- [28] Harnack, *“History of Dogma”* (Historia do Dogma), vol. 1, pág. 328, cursiva original.
- [29] Graeser et al, *“One God and One Lord”* (Um Deus e um Senhor), pág. 27.
- [30] Leslie Simmonds, *“What Think Ye of Christ?”* (O que você acha de Cristo?) citado em **Focus on the Kingdom**, ed. Anthony Buzzard, vol. 7, no. 3, pág. 5.
- [31] Schonfield, *“The Passover Plot”* (O Enredo da Páscoa), págs. 70-71.
- [32] Atanasio, *“Letters Concerning the Decrees of the Council of Nicaea”* (Cartas sobre os Decretos do Concílio de Niceia), 5.18-21; NPNF Serie 2, 4.161-164.
- [33] *“Commentary on John”* (Comentário sobre João), Libro 1, 32.
- [34] Estou ciente de que se trata de um texto controverso. Mas este não é o lugar para entrar em uma questão de crítica textual. Hoje, o consenso entre os críticos textuais é que Mateus escreveu Gênesis. Para uma discussão acadêmica deste controverso texto, ver *“The Orthodox Corruption of Scripture”* (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras), de Bart Ehrman.
- [35] De acordo com Ireneu no seu *“Against Heresies”* (Contra as Heregias) I, 7, 2.
- [36] Raymond Brown, *“The Birth of the Messiah: A Commentary on the Infancy Narratives in the Gospels of Matthew and Luke”* (O Nascimento do Messias: Um Comentário sobre as Narrativas da Infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas), Nueva York: Doubleday, Nueva York: Doubleday, 1993, pág. 299.
- [37] *Ibidem*, pág. 314.
- [38] *Ibidem*, pág. 314, nota ao pé 48.
- [39] *Ibidem*, págs. 313-314.
- [40] Buzzard and Hunting, *“The Doctrine of the Trinity”* (A Doutrina da Trindade), págs. 68-69.
- [41] Anthony Buzzard, **Focus on the Kingdom**, vol. 5, no. 7, pág. 1.
- [42] Sidney Hatch, *“Brief Bible Studies”* (Breves Estudos Bíblicos), vol. 25, n° 2, pág. 10.
- [43] Anthony Buzzard, **Focus on the Kingdom**, vol. 5, n° 7, pág. 3.
- [44] Douglas Edwards, *“The Virgin Birth in History and Faith”* (O Nascimento Virgem na História e na Fé), Londres: Faber & Faber Ltd., 1941, pág. 191.
- [45] *Ibidem*, pág. 190.
- [46] J.O. Buswell, *“A Systematic Theology of the Christian Religion”* (Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã), Zondervan, 1962, pág. 110.
- [47] Raymond Brown, *“The Birth of the Messiah”* (O Nascimento do Messias), pág. 291.
- [48] Ehrman, *“The Orthodox Corruption of Scripture”* (A corrupção ortodoxa das Escrituras), pág. 76.
- [49] C.S. Lewis, *“Mere Christianity”* (Mero Cristianismo), Nueva York: Macmillan Publishing Co, 1943, pág. 138.
- [50] Colin Brown, *“Trinity and Incarnation: In Search of Contemporary Orthodoxy”* (Trindade e Encarnação: Em busca da ortodoxia contemporânea), Ex Auditu 7, 1991, pág. 88.
- [51] Kuschel, *“Born Before All Time?”* (Nascido antes de todos os tempos?), pág. 236.
- [52] Lockhart, *“Jesus the Heretic”* (Jesus o Herege), págs. 172-173.
- [53] Kuschel, *“Born Before All Time?”* (Nascido antes de todos os tempos?) págs. 388-399.
- [54] Buzzard and Hunting, *“The Doctrine of the Trinity”* (A Doutrina da Trindade), pág. 220.
- [55] Barrett, citado em **Focus on the Kingdom**, ed. Anthony Buzzard, vol. 6, n° 1, pág. 2.
- [56] *Ibidem*, pág. 2.

- [57] *Alexander Campbell*, “*The Sacred Writings of the Apostles and Evangelists of Jesus Christ, Commonly Styled the New Testament, Translated from the Original Greek*” (Os Escritos Sagrados dos Apóstolos e Evangelistas de Jesus Cristo, comumente chamados de Novo Testamento, traduzidos do original grego), Brooke County, VA, 1826.
- [58] *Karen Armstrong*, “*A History of God: From Abraham to the Present: The 4000-year Quest for God*” (Uma História de Deus: De Abraão ao Presente: Os 4000 Anos de Busca de Deus), pág. 106, ênfasis añadido.
- [59] *Roger Haight*, “*Jesús: Symbol of God*” (Símbolo de Deus), Maryknoll, NY: Orbis, pág. 210.
- [60] *Ad Praxeus* 5.
- [61] *T.W. Manson*, “*On Paul and John*” (Sobre Pablo y João), SCM Press, 1967, pág. 156
- [62] Estou em dívida com *Anthony Buzzard* por estes exemplos, citados de Brown, Driver and Briggs Lexicon, Oxford: Clarendon Press, 1968, pág. 768, 86.
- [63] *Dunn*, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 243.
- [64] *Ibid.*, p. 219.
- [65] *Kuschel*, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 382.
- [66] *Edwards*, “*The Virgin Birth in History and Faith*” (O Nascimento Virgem na História e na Fé), pág. 129.
- [67] *Graeser et al*, “*One God and One Lord*” (Um Deus e um Senhor), pág. 63.
- [68] *Ibidem*, pág. 67.
- [69] *Kuschel*, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 290.
- [70] *Dunn*, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 235.
- [71] *E.G. Selwyn*, “*First Epistle of St. Peter*” (A Primeira Epístola de São Pedro), Baker Book House, 1983, pág. 124, ênfase acrescentada.
- [72] *Everett F. Harrison*, “*Romans, Expositor’s Bible Commentary*” (Romanos, Comentário Bíblico do Expositor), Zondervan, 1976, pág. 52, ênfasis añadido.
- [73] *Dunn*, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 235.
- [74] *Ibidem*, pág. 238.
- [75] *Ibidem*, pág. 238.
- [76] *William Barclay*, “*Jesus as They Saw Him*” (Jesus como O Viam eles), Ámsterdam: SCM Press, 1962, pág. 136.
- [77] *Dunn*, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), p. 178.
- [78] *Ibidem*, p. 56.
- [79] *Schonfield*, “*The Passover Plot*” (O Enredo da Páscoa), pág. 256.
- [80] *Barclay*, “*Jesus as They Saw Him*” (Jesus como O Viam eles), pág. 70.
- [81] *Ibidem*, pág. 71.
- [82] *Ibidem*, pág. 92.
- [83] *Buzzard and Hunting*, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), págs. 198-199.
- [84] A palavra “sobe” é encontrada em *Mateus 5:1; 14:23; 3:16; 13:7; Marcos 1:10; 4:7, 8, 32; Lucas 19:4*, etc.
- [85] *Ibidem*, pág. 201.
- [86] *Ibidem*, págs. 294-295.
- [87] *Henry Alford*, “*Greek New Testament*” (Novo Testamento Grego), London: Rivingtons and Deighton, Bell & Co., 1861, pág. 823, citado em “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 205.
- [88] *Graeser et al*, “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor), pág. 190.
- [89] *Ehrman*, “*The Orthodox Corruption of Scripture*” (A corrupção ortodoxa das Escrituras), pág. 80.
- [90] *Ibidem*, pág. 80.
- [91] *Ibidem*, págs. 81-82.
- [92] *Kuschel*, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 301.
- [93] *Ibidem*, pág. 302.
- [94] *Dunn*, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 45.
- [95] *Buzzard and Hunting*, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 269.
- [96] *Graeser et al*, “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor), pág. 363.
- [97] *David Burge*, em correspondência privada, 27-03-2005.
- [98] *Kuschel*, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 250.
- [99] *Ibidem*, pág. 251.
- [100] *Dunn*, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 114.
- [101] *Ibidem*, pág. 114.

- [102] *Ibidem*, pág. 115.
- [103] “*Expository Times*” (Tempos expositivos), vol. 70, nº 6, março de 1959, págs. 183-184.
- [104] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) págs. 251-252
- [105] *Ibidem*, pág. 252.
- [106] *Ibidem*, pág. 252.
- [107] Dunn, “*Cristology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 119.
- [108] Lloyd-Jones, “*God the Father, God the Son*” (Deus Pai, Deus Filho), pág. 275-276.
- [109] Lockhart, “*Jesus the Heretic*” (Jesus o Herege)
- [110] Lloyd-Jones, “*God the Father, God the Son*” (Deus Pai, Deus Filho), pág. 285.
- [111] W.E. Vine, “*Expository Dictionary of New Testament Words*” (Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento), Virginia: Macdonald Pub. Co., pags. 463-464.
- [112] Graeser et al, “*One God and One Lord*” (Um Deus e Um Senhor), págs. 504 y sig.
- [113] “*The Practical Use of the Greek New Testament*” (O Uso Prático do Novo Testamento Grego), Moody, 1982, pág. 84.
- [114] Veja o **Apêndice 3**: “*Divine Agency*” (Agente Divino).
- [115] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 251.
- [116] *Ibidem*, pág. 394.
- [117] *Ibidem*, pág. 259.
- [118] *Ibidem*, pág. 262
- [119] *Ibidem*, pág. 331.
- [120] G.E. Ladd, “*A Theology of the New Testament*” (Uma Teologia do Novo Testamento), Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974, pág. 323, ênfases original.
- [121] *Ibidem*, pág. 324.
- [122] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 333.
- [123] *Ibidem*, pág. 333.
- [124] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 104
- [125] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 335.
- [126] *Ibidem*, pág. 335.
- [127] William Wachtel, “*Colossians 1:15-20 – Preexistence or Preeminence?*” (*Colosenses 1:15-20: ¿Preexistência ou preeminência?*), comunicação apresentada na Conferência Teológica do Atlanta Bible College, abril de 2004, pág. 4.
- [128] J.H. Moulton, ed., “*Grammar of New Testament Greek*” (Gramática do Grego do Novo Testamento), T & T Clark, 1963.
- [129] Nicoll Robertson, “*The Expositor’s Greek Commentary*” (O Comentário Grego do Expositor), Grand Rapids: Eerdmans, 1967.
- [130] Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 191.
- [131] *Ibidem*, pág. 195.
- [132] *Ibidem*, pág. 191.
- [133] *Ibidem*, pág. 194.
- [134] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 356.
- [135] *Ibidem*, pág. 354.
- [136] *Ibidem*, pág. 355, ênfase acrescentada.
- [137] Buzzard and Hunting, “*The Doctrine of the Trinity*” (A Doutrina da Trindade), pág. 73.
- [138] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 356.
- [139] Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pág. 208, ênfase original.
- [140] Anthony Buzzard, “*Who Is Jesus? A Plea for a Return to Belief in Jesus, the Messiah*” (Quem é Jesus? Um apelo para crer em Jesus, o Messias novamente), Restoration Fellowship, pág. 24.
- [141] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 356.
- [142] “*Word Bible Commentary*” (Comentário bíblico de Word)
- [143] Anthony Buzzard, “*Who Is Jesus?*” (¿Quem é Jesus?) pág. 124.
- [144] Brown, Driver y Briggs, “*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*” (Léxico hebraico e inglês do Antigo Testamento), pág. 42.
- [145] “*Strong’s Hebrew Dictionary*” (Diccionario Hebreo Strong).
- [146] Brown, Driver, Briggs, “*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*” (Léxico Hebreu e inglês do Antigo Testamento).

- [147] “*Strong's Concordance*” (Concordância de Strong).
- [148] *Codex Alexandrinus*, traduzido por Sir Lancelot C.L. Brenton e tradução da Septuaginta por Archimandrite Ephrem Lash.
- [149] Veja também “*The New International Dictionary of New Testament Theology*” (O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), vol. 1, pág. 326.
- [150] Don Cupitt, “*The Myth of God Incarnate*” (O Mito do Deus Encarnado).
- [151] Kuschel, “*Born Before All Time?*” (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 39.
- [152] Hugh Schonfield, “*Those Incredible Christians*” (Aqueles Cristãos Incríveis), Nueva York: Bantam Books, 1968, pág. 50.
- [153] *Ibidem*, pág. 124.
- [154] *Ibidem*, pág. 124.
- [155] Freke y Gandy, “*The Jesus Mysteries: Was the Original Jesus a Pagan God?*” (Os Mistérios de Jesus: O Jesus Original era um Deus pagão?) págs. 27, 30.
- [156] *Ibidem*, pág. 35

Seis OUTRO ESPÍRITO

Quando as Testemunhas de Jeová costumavam bater-nos à porta, descobri que uma das melhores formas de as desafiar era não seguir o caminho gasto de Jesus ser/não Deus. Isso levá-los-ia por um caminho a que não estavam habituados, a saber, o que a Bíblia tinha a dizer sobre o Espírito Santo. Se eu lhes pudesse mostrar, a partir da Bíblia, que o Espírito Santo era de facto uma Pessoa, então a conclusão seria inevitável: o Espírito Santo era o próprio Deus e tínhamos demonstrado que existe uma Santíssima Trindade. E encontrei, pensei, uma prova irrefutável de que o Espírito de Deus era uma Pessoa porque “ele” tinha todas as qualidades de personalidade que as pessoas têm. Ele não tinha mente? (*Romanos 8:27* diz: “*E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos*”). O Espírito de Deus não tinha emoções, sentimentos, temperamento? (*Efésios 4:30* diz: “*E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção*”). O Espírito não tinha uma volição, uma vontade? (*Atos 16:6* afirma que os apóstolos “*foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia*”). Certamente que o Espírito Santo é mais do que um poder ou força como a mera eletricidade, porque possui os traços essenciais da personalidade: a mente, as emoções, certo? A juntar a estes traços de personalidade, são muitos os versículos que ensinam que o Espírito Santo fala, envia, ora, dirige, etc. E o Espírito Santo não é chamado “Ele” nas nossas Bíblias? Certamente, à luz destes factos, temos o direito de dizer que o Espírito Santo é uma Pessoa, logo Ele é Deus e, portanto, o terceiro membro da Trindade. Achei que tinha uma posição segura, que honrava a Deus. Agora, porém, percebo que estava simplesmente a ler a Bíblia com os olhos da minha herança ocidental, e não com os olhos hebreus.

Um dos maiores problemas para aqueles que sustentam que o Espírito Santo é o terceiro membro da Divindade é o próprio AT. Como dissemos no início da nossa caminhada, o AT é o fundamento das nossas Bíblias, aliás os primeiros 75%. E um facto incontestável é que a Bíblia Hebraica não apoia de forma alguma a ideia de que o Espírito de Deus seja um membro distinto da Divindade. Até trinitários empenhados como *George Eldon Ladd* admitem:

O “*ruach Yahweh*” (Espírito do Senhor) no AT não é uma entidade separada e distinta; É o poder de Deus: atividade pessoal na vontade de Deus para atingir um objetivo moral e religioso. O “*ruach*” de Deus é a fonte de tudo o que está vivo, de toda a vida física. O Espírito de Deus é o princípio ativo que procede de Deus e dá vida ao mundo físico (*Génese 2:7*). É também fonte de preocupações religiosas, que suscitam líderes carismáticos, sejam eles juizes, profetas ou reis. O “*ruach Yahweh*” (Espírito de Deus) é um termo para a ação histórica criadora do Deus único que, embora desafie a análise lógica, é sempre a ação de Deus. [1]

Este é, aliás, o consenso da grande maioria dos estudiosos, de um extremo ao outro do espectro teológico.

A continuidade de pensamento entre a compreensão hebraica e cristã do Espírito é geralmente reconhecida ... Não há dúvida de que desde os primeiros estágios do Judaísmo pré-cristão, “*espírito*” (*ruach*) denotava poder: a terrível e misteriosa força do vento (*ruach*), do sopro (*ruach*) da vida, da inspiração extática (induzida pelo divino “*ruach*”) ... Em particular, “Espírito de Deus” denota poder divino efetivo ... Por outras palavras, de acordo com este

entendimento, *o Espírito de Deus não é de modo algum distinto de Deus, mas é simplesmente o poder de Deus, o próprio Deus agindo poderosamente na natureza e sobre os homens.* [2]

Assim, por exemplo, a causa do triste estado do rei Saul pode ser descrita como “*E o Espírito do SENHOR se retirou de Saul*” (1 Samuel 16:14) ou “*porque o SENHOR era com ele e se tinha retirado de Saul*” (1 Samuel 18:12). E em Isaías 30:1 e 40:13 “O meu Espírito” e “o Espírito do Senhor” são sinônimos do “eu” divino. Especialmente notável em Ezequiel “o Espírito” é intercambiável com “a mão do Senhor” (Ezequiel 3:14; 8:1-3; 37:1). Por isso, devemos compreender que o Espírito de Deus é a Sua própria atividade operativa e poder dirigido ao Seu mundo. Faz uma grande diferença – pelo menos para a nossa mente ocidental – desde o início da Bíblia, se traduzimos “*e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas*” ou “*um vento [sopro] de Deus varreu a superfície das águas*” (Gênesis 1:2). A primeira possibilidade transmite às nossas mentes modernas a impressão de que o Espírito é um indivíduo “em seu” direito. Muitos trinitários leem desta forma. A segunda possibilidade sugere (corretamente neste caso) que a presença energética e criativa de Deus estava ativa. O tão amado Salmo 139 expressa de forma bela este paralelo hebraico: “*Para onde me irei do teu espírito, ou para onde fugirei da tua face?*” (versículo 7).

Portanto, o Espírito de Deus é sinônimo da presença pessoal de Deus conosco. “Espírito de Deus” significa Deus em relação efetiva com (e dentro) da Sua criação. Experimentar o Espírito de Deus é experimentar Deus como Espírito. [3] “O *ruach-adonai* [Espírito do Senhor] é a manifestação na experiência humana do poder vivificante e criador de energia de Deus”. E: “O Espírito do Senhor é o meio pelo qual Deus exerce o seu poder de controle”. [4]

Uma breve análise de mais alguns versículos do AT mostrarão este paralelo hebraico, onde o Espírito de Deus (hebraico, ruach) pode significar fôlego, vida, espírito, presença e, mais particularmente, uma palavra de Yahweh:

“*A quem proferiste [as suas] palavras, e de quem é o espírito [ou o sopro] que saiu de ti?*” (Jó 26:4).

“*enquanto em mim houver alento, [literalmente, sopro] e o sopro de Deus nas minhas narinas, Não falarão os meus lábios iniquidade*” (Jó 27:3, 4).

“*Na verdade, há um espírito no homem, e a inspiração do Todo-Poderoso o faz entendido*” (Jó 32:8).

“*O Espírito do SENHOR falou por mim, e a sua palavra está na minha boca*” (2 Samuel 23:2).

“*eis que vos derramarei abundantemente do meu espírito e vos farei saber as minhas palavras*” (Provérbios 1:23).

“*Seca-se a erva, e cai a flor, soprando nela o Espírito do SENHOR. Na verdade, o povo é erva. Seca-se a erva, e cai a flor, porém a palavra de nosso Deus subsiste eternamente*” (Isaías 40:7, 8).

É vital não se apressar a fazê-lo. Muitos outros exemplos do AT poderiam ser citados para mostrar que o espírito e a respiração são intercambiáveis. Os tradutores reconhecem também a ligação óbvia entre espírito/respiração e a palavra que vem dessa fonte. Existe uma ligação fundamental entre o espírito/palavra de Deus e a expressão dessa palavra no discurso. Esta ligação nunca se perde de vista nem no AT nem no NT, como veremos. De qualquer modo, já conhecemos

instintivamente esta ligação entre mente/espírito/palavra. Não me pode conhecer, quais são os meus pensamentos e sonhos, a não ser que eu os expresse para si, seja em conversa ou com palavras escritas. Não pode conhecer o meu espírito/mente até que eu lhe diga. As minhas palavras revelam-lhe quem eu sou. Da mesma forma, o Espírito de Deus (isto é, o mais íntimo da sua mente e do seu ser) só pode ser conhecido quando Ele fala. O Espírito de Deus é conhecido e expresso verbalmente pela palavra de Deus.

Cada vez que o Espírito de Deus descia sobre os profetas, estes falavam a palavra de Deus. “*os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo*” (2 Pedro 1:21). Zacarias queixava-se de que o povo “*fizeram os seus corações como pedra de diamante, para que não ouvissem a lei, nem as palavras que o SENHOR dos Exércitos enviara pelo seu Espírito por intermédio dos primeiros profetas*” (Zacarias 7:12). O Espírito de Deus vem através das palavras dos Seus profetas. “*Toda a Escritura é divinamente inspirada*” (2 Timóteo 3:16). Isto é, as palavras das Escrituras são a expressão da mente de Deus para nós. As Escrituras são o sopro de Deus, por assim dizer, alcançando-nos das profundezas do seu ser e da sua mente com um poder que muda as nossas vidas. O mesmo se aplica ao nosso Senhor Jesus, pois quando o Espírito do Senhor desceu sobre ele, pregou as palavras ungidas de Deus (Lucas 4:18, 19). O testemunho de Jesus sobre si mesmo foi que “*aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus; pois não lhe dá Deus o Espírito por medida*”. (João 3:34). O mesmo acontece com os seus apóstolos quando “*E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem*” (Atos 2:4).

Cada vez que a palavra de Deus é proclamada, o efeito é como uma espada afiada de dois gumes que penetra profundamente nas nossas mentes (Hebreus 4:12). Na verdade, “*a espada do Espírito, que é a palavra de Deus*” (Efésios 6:17). É por isso que não podemos “*nascer de novo*” (literalmente, “*nascer do alto*”, “*nascer do Espírito*”) sem ouvir a palavra do Evangelho (João 3:1-8). Receber esta palavra nas nossas almas é receber o Espírito de Deus (Lucas 8:11; 1 Pedro 1:23; Tiago 1:18). Ouvir “*a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação*” é ser “*selado nela com o Espírito Santo da promessa*” (Efésios 1:13). Receber “*o evangelho de Deus*” dos apóstolos é receber “*a palavra da mensagem de Deus*” e conhecer o poder de Deus a operar dentro da alma (1 Tessalonicenses 1:9, 13). Tudo isto prova que tanto no AT como no NT a forma de receber o Espírito de Deus é ouvir a(s) Sua(s) palavra(s) inspirada(s). Não há outra forma. Como já foi observado, esta chave encontra-se logo no início da Bíblia, porque quando “*o Espírito [sopro/vento] de Deus se moveu sobre a face das águas*”, foi então que Deus falou e disse: “*Haja...*” (Génesis 1:2, 3).

“O facto de ‘espírito’ e ‘respiração’ serem traduções das mesmas palavras hebraicas e gregas aponta para o significado fundamental do espírito como o poder criativo de Deus, a energia por detrás da Sua expressão”. [5] O Espírito é a mente e a energia que estão por detrás das palavras e das obras de Deus. O “*ruach*” do Senhor “é o meio pelo qual Deus exerce o Seu poder controlador”. O Espírito do Senhor “é a manifestação na experiência humana do poder vivificante e criador de energia de Deus”. [6] Estes factos evidentes explicam porque é que os trinitarianos empenhados reconhecem francamente que a doutrina da Pessoa individual do Espírito Santo não é uma doutrina que se encontra nas páginas do AT. O conhecido anglicano australiano *Leon Morris* admite-o abertamente quando escreve:

É preciso reconhecer que esta é uma revelação do NT, e que com nada mais do que o AT nas nossas mãos, nunca deveríamos ter subido a este conhecimento de Deus (como Triuno) ... Aqui

devemos confessar que não há nada que nos obrigue a considerar o Espírito de uma forma trinitária ... Judeus devotos e eruditos fazem um estudo muito cuidadoso do AT com uma aceitação reverente do que ele diz como a própria Palavra de Deus, mas não chegam a acreditar num Espírito de alguma forma, separado do Pai. O Espírito em oposição ao Pai é uma doutrina do NT. [7]

Outro anglicano de renome mundial, *J.I. Packer* (também um crente comprometido na Trindade) reconhece que a doutrina da “personalidade distintiva do Espírito Santo não é expressa pelos escritores do AT”. [8] Com que raciocínio concluem então estes eruditos comentadores que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Divindade? Admitem que ultrapassam os limites do AT. Querem que acreditemos que é uma doutrina revelada recentemente apenas no NT. A sua confissão que admitem vai para além da Bíblia Hebraica, que constituiu a própria base daquilo a que Jesus e os apóstolos aderiram estritamente. Sigamos o seu processo: Tendo declarado que “a *exegese histórica* assegura-nos que os seus escritores não pretendiam que as declarações do AT sobre o sopro todo-poderoso de Deus [o “*ruach Yahweh*”] implicassem distinções pessoais dentro da divindade”, *J.I. Packer* pode justificar a aparente mudança de opinião do NT (!?) dizendo: “A *interpretação teológica* cristã exige que sigamos o Senhor Jesus e os seus apóstolos no reconhecimento de que a terceira pessoa da Divindade estava ativa nos tempos do AT e que as declarações do AT sobre o sopro todo-poderoso de Deus, na verdade, refere-se à atividade do Espírito pessoal”. [9]

Este é um estratagema para justificar a sua tradição. Não vamos perder este truque de prestidigitação. *Packer* está preparado para se afastar do método sólido de interpretação bíblica conhecido como “exegese histórica” e adotar outro método. Isto deve fazer soar sinos de alerta nos nossos ouvidos e luzes âmbar a piscar diante dos nossos olhos. O método exegético histórico preocupa-se em determinar fielmente o que os escritores originais pretendiam que os seus leitores originais entendessem. Embora a mensagem que Deus está a comunicar através dos escritores seja eterna e imutável, e seja tão relevante para o século XXI como quando foi revelada pela primeira vez, o método exegético histórico postula que só podemos determinar esta palavra sendo fiéis aos padrões gramaticais e gramaticais. cultural. contexto. Contudo, para validar a sua crença na personalidade do Espírito, *J.I. Packer* está disposto a inviabilizar a “exegese histórica” por aquilo a que chama “interpretação teológica cristã”; por outras palavras, o que determinou a interpretação tradicional e “ortodoxa”. Podemos muito bem perguntar-nos: que corrente de “interpretação teológica” seguiremos? Niceno? Ariano? Sociniano? Mórmon?

Agora navegamos nos mares agitados da especulação humana. Os protestantes que deploram os católicos romanos ligados à tradição porque reverenciam a tradição da Igreja acima das Escrituras não conseguem ver que em algumas áreas estão igualmente ligados à tradição, isto é, a interpretações de longa data das Escrituras. A “interpretação teológica cristã” pode ser extremamente útil e esclarecedora, é certo. Mas as interpretações tradicionais não são necessariamente inspiradas. Só as Escrituras permanecem inspiradas. Devemos permanecer sempre livres para reexaminar o que as Escrituras dizem. E sobre a questão da Pessoa do Espírito, sustentamos que o NT permanece fiel aos seus fundamentos do AT, que o Espírito do Senhor é ainda equivalente ao poder criativo pessoal de Deus operante no mundo, e não pretende implicar distinções pessoais dentro da Divindade. Afirmamos que a “exegese histórica” não mudou, mas que a “interpretação teológica cristã” mudou e precisa de ser reexaminada; na verdade, precisa de ser religada às suas raízes hebraicas.

O NT não altera o conceito hebraico de “espírito” como veremos agora. O ilustre estudioso da Bíblia N.H. Snaith afirma que:

O NT “*pneuma*” (espírito) é utilizado de todas as formas que o hebraico “*ruach*” (respiração, vento, espírito) é utilizado. É utilizado para se referir ao vento (*João 3:8*), ao sopro humano, tanto normalmente (*2 Tessalonicenses 2:8*) como ao sopro que significa vida (*Apocalipse 11:11*). É utilizado para se referir ao princípio vital do homem (*Lucas 8:55*, etc.), em oposição à “carne”. [10]

Lucas escreve sobre o ministério de João Batista que: “*E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem-disposto*” (*Lucas 1:17*). A virgem Maria é informada de que “*Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra*” (*Lucas 1:35*). E quanto à promessa da vinda do Espírito Santo, o Jesus ressuscitado prediz que os discípulos esperarão em Jerusalém, onde, “*Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós*” (*Atos 1:8*).

Nestas três passagens de Lucas observamos a interação dos conceitos de “poder” e “espírito” precisamente tal como se encontram no AT. Não posso melhorar o comentário de Alan Richardson sobre este fenómeno, tal como citado em “*The Doctrine of the Trinity: Christianity’s Self-Inflicted Wound*” (A Doutrina da Trindade: A Ferida Autoinfligida do Cristianismo) de Buzzard e Hunting:

Perguntar se o espírito no NT é uma pessoa no sentido moderno da palavra seria como perguntar se o espírito de Elias é uma pessoa. O Espírito de Deus é, obviamente, pessoal; É o “*dunamis*” [poder] de Deus em ação. Mas o Espírito Santo não é uma pessoa que existe independentemente de Deus; É uma forma de falar da ação pessoal de Deus na história, ou da ação pessoal de Cristo Ressuscitado na vida e no testemunho da Igreja. O NT (e na verdade o pensamento patristico em geral) em parte alguma representa o Espírito, nem a sabedoria de Deus, como tendo uma personalidade independente. [11]

Este conceito hebraico é visto ainda numa famosa passagem onde o apóstolo Paulo irrompe em louvor a Deus. Fá-lo citando *Isaías 40:13*: “*Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!* [Agora a sua citação do AT] *Porque, quem compreendeu a mente do Senhor? ou quem foi seu conselheiro?*” (*Romanos 11:33, 34*).

Mas quando comparamos a sua fonte em *Isaías*, notamos que Paulo a alterou ligeiramente. De facto, *Isaías* escreveu: “*Quem dirigiu o Espírito do Senhor, ou como o seu conselheiro o informou?*” O que vemos aqui é um entendimento típico hebraico: ter a mente do Senhor é ser dirigido pelo Seu Espírito. Existem muitos exemplos no NT desta interação entre “mente” e “espírito”. Em *Filipenses 2*, Paulo quer que os cristãos “*sintais o mesmo*”, o que significa estar “*o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa*” (*versículo 2*). A nível pessoal, como posso saber que estou cheio do Espírito Santo? Resposta: quando tenho a mente de Deus, as atitudes que Ele tem, os valores que a Sua palavra abraça e acima de tudo a verdade que Ele ensina!

Outra passagem interessante a este respeito é *1 Coríntios 2*:

“*Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito*

de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus” (1 Coríntios 2:10-12)

Aqui “o espírito do homem, que nele está” tem um paralelo com “o Espírito de Deus” que vem de Deus. É bastante claro que o espírito de uma pessoa não é uma pessoa separada de si mesma, mas é a sua própria mente e pensamentos íntimos (tal como vimos anteriormente que “o espírito de Elias” não é outro Elias, mas o poder e o ministério de Elias). Da mesma forma, “o Espírito de Deus” refere-se ao centro pessoal e interior de Deus, à Sua mente e palavra, até mesmo à Sua autoconsciência.

Nesta passagem Paulo menciona um outro “espírito” que é “o espírito do mundo”. Mas nós, cristãos, não recebemos este espírito. Mostramos uma mentalidade diferente da que prevalece no mundo. Os nossos pensamentos e atitudes refletem agora os do próprio Deus. Novamente, se pudermos aplicar isto a nível pessoal, podemos perguntar-nos: Como posso saber se o Espírito de Deus habita em mim? Resposta: Tenho os Seus pensamentos, a Sua mente, a Sua verdade, o Seu Evangelho, as Suas atitudes manifestadas na minha vida. É isto que significa ser “guiado pelo Espírito”; É “não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Romanos 8:4). Isto é, “segundo o Espírito para as coisas do Espírito” (Romanos 8:5). Mais uma vez, estas passagens fazem a equação entre “espírito” e “mente”.

Em *Efésios 4*, Paulo deseja que todos os cristãos “renoveis no espírito da vossa mente” (versículo 23). A minha mente não é outro eu, sou eu! O Espírito de Deus não é mais um membro da Divindade, é Deus! Portanto, a única forma de ter acesso a Deus é recebendo a Sua mente, a Sua mensagem revelada, a Sua Palavra, que é o Seu Espírito dado através do Seu Filho Jesus. Quando a Bíblia diz “o Espírito diz” é exatamente o mesmo que dizer “Deus fala”. A nossa dificuldade ocidental é convertermos os atributos divinos em personalidade. O Espírito de Deus possui todas as qualidades de Deus, portanto, pode-se falar dele em termos pessoais, como o Seu Espírito bom, o Seu Espírito misericordioso, o Seu Espírito fiel ou o Seu Espírito de Verdade. No entanto, isto não prova uma personalidade separada, tal como dizer que a cidade que chora ou se regozija prova que Jerusalém é uma pessoa (por exemplo, *Jeremias 31:15; Isaías 65:18*). Juntando isto até aqui, vemos que:

Espírito = Poder = Mente = Presença = Respiração = Vento = Palavra

A falta de compreensão deste princípio tem induzido em erro os teólogos e os pregadores e, por conseguinte, as igrejas. Tomemos como exemplo o grande escritor e pregador Baptista *W.A. Criswell* como representante deste mal-entendido básico. *Criswell* faz esta afirmação:

Nunca houve um tempo em que os primeiros discípulos cristãos não confessassem a Divindade e a obra salvadora das três Pessoas da Divindade. As doxologias ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo eram utilizadas em todas as partes das igrejas primitivas. Isto vê-se claramente em 2 Coríntios 13:14: “graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós. Amém”. O nome da Trindade também é visto em *Apocalipse 1:4, 5*: “João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono; E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra”. [12]

Esta lógica é seriamente falha. O facto de Deus, Jesus e o Espírito Santo estarem na mesma frase não faz deles o mesmo ser essencial. Isto seria o mesmo que dizer que só porque Paulo menciona Jesus Cristo, Deus e Timóteo nas suas saudações à igreja de Colossos, Timóteo é subitamente incluído na Divindade (*Colossenses 1:1*). Exatamente o mesmo tipo de raciocínio! Mas pior do que uma lógica defeituosa é a má exposição da Bíblia. A expressão “comunhão do Espírito” encontra-se em *Filipenses 2* e Paulo diz-nos exatamente o que esta frase significa: “**PORTANTO, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor; se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões, Completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor; o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa**” (*versículos 1-2*).

A “comunhão do Espírito” é aqui definida como a igreja unida no afeto, no amor e na partilha do espírito e do propósito de Deus. A “comunhão do Espírito” ocorre quando os cristãos estão tão unidos numa bela e amorosa harmonia que experimentam a própria presença de Deus a trabalhar ativamente entre eles. “A comunhão do Espírito” ocorre quando a igreja concorda; Somos todos “da mesma opinião”. Não há aqui nada sobre o Espírito Santo ser a terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Que *2 Coríntios 13:14* é uma doxologia da Trindade, claramente não é verdade. O que Paulo deseja para os coríntios é que a igreja possa desfrutar do amor de Deus através da graça de Cristo numa comunidade comum e harmoniosa de pessoas com ideias semelhantes.

Outro versículo frequentemente utilizado no mesmo sentido é a fórmula batismal de Jesus em *Mateus 28*: “*Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*” (*versículo 19*). Aquele famoso “príncipe dos pregadores” do século XIX, *Charles Haddon Spurgeon*, disse um dia que não precisava de mais nenhum versículo bíblico para além deste para provar que Deus é uma Trindade. Estava convencido de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram, cada um, plenamente Deus, porque estavam todos agrupados sob um único nome (singular). *Spurgeon* salientou que o texto não diz que devemos ser batizados nos “nomes” do Pai, do Filho e do Espírito, mas sim em “nome”, demonstrando assim que Deus é um abençoado três em um. Quão poderosa é uma doutrina que está por um fio tão ténue! Para começar, o versículo não diz nada sobre Deus ser três em um. Ser batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito equivale a estar imerso na autoridade ou carácter (ou mesmo nos atributos e conhecimento) do Pai, do Filho e do Espírito.

E “o Espírito” aqui significa o corpo da verdade que traz os crentes para a comunidade da Igreja (*1 Coríntios 12:13*). Em *Efésios 4* Paulo diz a mesma coisa: “*Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação*” (*versículo 4*). Assim, podemos parafrasear o mandamento de Jesus desta forma: “*Ide ao mundo e introduzi-los no conhecimento e, portanto, na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo*”. Já vimos que “a comunhão do Espírito” equivale ao corpo da igreja viver na harmonia da doutrina e da mente do Evangelho de Deus. (Apenas por uma questão de interesse, existem preocupações consideráveis por parte dos críticos textuais sobre se este versículo é genuíno de acordo com a pena original de Mateus. Alguns críticos textuais acreditam que foi manipulado e há evidências que sugerem que têm razão. Por exemplo, *Eusébio*, no século III, cita o versículo como: “*Ide, pois, ensinais todas as nações, batizando-as em meu nome*”, isto é, em nome de Jesus, e isto concorda com a invariável fórmula batismal dos apóstolos. Em Atos, cada vez que um novo converso era batizado, ele ou ela era batizado “em nome de Jesus Cristo” (ver *Atos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5*). Por outras palavras, *Mateus 28:19* é o único versículo em todo o NT que tem a fórmula batismal única, “em nome do

Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. Isto não está em harmonia com o resto do NT e é algo suspeito). Contudo, mesmo se concluirmos que a fórmula batismal de Mateus é original (o que pode ser), o versículo de forma alguma prova que Deus é um Ser três em um.

Contigo em Espírito

Há um exemplo clássico desta mentalidade judaica num ambiente pastoral em relação à igreja de Corinto. Há um membro daquela igreja que tem dormido com a madrasta, situação que até quem está de fora acha repulsiva. No entanto, a igreja parece estar a tolerar tal mal. Paulo quer que o homem seja imediatamente afastado da comunhão. Escreve para dizer à igreja o que pensa, pois não pode estar presente pessoalmente e lidar com ele pessoalmente:

“Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou, Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 5:3, 4).

O Paulo não pode estar fisicamente presente para lidar com a disciplina necessária. Mas, da próxima vez que a igreja se reunir, ele estará “presente em espírito”. Isto é “como se estivesse presente”, o que é tão bom como a presença corporal de Paulo. Isto é, a igreja conhece agora a mente de Paulo, o seu julgamento. A assembleia já não tem desculpa para não agir de forma decisiva. A procrastinação da igreja de Corinto é agora imperdoável porque Ele lhes escreveu. Agora é como se o Paulo estivesse lá pessoalmente porque eles conhecem a sua opinião. (Além disso, ter a opinião de Paulo sobre o assunto é também ter em mente “o poder do nosso Senhor Jesus”). Mais uma vez, ter o espírito é ter a mente. O espírito de Paulo não é uma pessoa separada. E, precisamente assim, o Espírito de Deus não é uma Pessoa distinta. Significa a presença ativa de Deus e da Sua mente a trabalhar nas nossas vidas através da Sua palavra revelada.

Mentiste ao Espírito Santo

Uma das passagens que costumava usar para convencer as pessoas de que o Espírito Santo é o próprio Deus encontra-se em Atos 5. Esta história bem conhecida e gráfica é sobre um casal de marido e mulher, Ananias e Safira, que tentaram enganar a igreja. “Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que **mentisses ao Espírito Santo**, e retivesses parte do preço da herdade?... Por que formaste este desígnio em teu coração? Não **mentiste aos homens, mas a Deus**” (versículos 3, 4). Então, poderá perguntar, como pode mentir a uma força impessoal? Temos aqui um exemplo em que mentir ao Espírito Santo equivale a mentir a Deus. No entanto, se examinarmos mais de perto, a dificuldade desaparece:

O Espírito Santo aqui significa o poder e a autoridade investidos por Deus em Pedro. Diz-se, com razão, que aqueles que mentem aos Apóstolos falando em nome de Deus e pelo Seu Espírito mentem ao Espírito e a Deus. O ponto é confirmado por um comentário de Paulo: “Portanto, quem despreza isto não despreza ao homem, mas sim a Deus, que nos deu também o seu Espírito Santo” (1 Tessalonicenses 4:8). Há um paralelo notável no AT, quando os israelitas se revoltaram contra Moisés e Aarão. Moisés disse-lhes que a sua rebelião “*não era contra nós, mas contra Deus, de quem somos mensageiros*”. A “equiparação” de Moisés e Aarão a Deus, é claro, não os torna parte da Divindade (Êxodo 16:2, 8). No entanto, o Espírito de Deus residia em Moisés e pode ser que a rebelião israelita mencionada nos Salmos tenha

sido dirigida contra o “*espírito de Moisés*” (Salmo 106:33, AV, KJV, RSV), ou possivelmente contra o anjo da presença de Deus que foi investido com a autoridade e o poder de *Yahweh* (*Isaias 63:9-11*). [13]

Outro Consolador

Uma das séries de ensinamentos mais desafiantes sobre o Espírito Santo é o grupo de cinco ditos de Jesus que têm a ver com a vinda do Espírito Santo, chamado “consolador” (grego, *parakletos*). Estes encontram-se nos capítulos 14 a 16 do Evangelho de João. Até o significado essencial de “*paráclito*” tem sido objeto de aceso debate. Para alguns, sugere um poder para fortalecer e fortalecer. Mas a maioria dos estudiosos parece pensar que esta nuance vem mais do latim “*confortare*”, que apareceu nas primeiras traduções para o inglês e outras línguas. Existe um famoso mural onde as tropas do rei *Guilherme* marcham em ordem de batalha. O rei fica atrás das suas tropas, empurrando-as para a frente. O título diz: “Rei Guilherme conforta as suas tropas”. Ele está a fortalecê-los para o conflito que se avizinha, por isso não há muito do nosso entendimento moderno de conforto a este respeito! Seja como for, porém, não há certamente ambiguidade no significado grego do NT de “*parakletos*”. Tem um significado forense que significa “defensor”. Isto fica claro no único outro lugar em que a palavra aparece no NT, também da pena de João, em *1 João 2:1*: “*e se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo*”.

Aqui é o próprio Jesus que é o advogado (*parakletos*) perante o Pai no céu em nome dos seus discípulos na terra. Como veremos em breve, esta referência dá-nos a pista mais forte sobre o que João quer dizer no seu Evangelho quando diz: “*Mas aquele Consolador [parakletos], o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas, e vos lembrarei de tudo o que vos tenho dito*” (*João 14:26*). “*Mas quando vier o Consolador [parakletos], que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim*” (*João 15:26*). “*Mas, quando vier aquele, o Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir*” (*João 16:13*).

Quando Jesus falou pela primeira vez estas palavras aos seus discípulos no cenáculo, estava a encorajá-los, dizendo-lhes que não seriam deixados sozinhos depois de Ele os deixar. Jesus já tinha sido um “*paráclito*” para eles; agora “outro consolador” os instruiria e estaria com eles, mesmo vivendo dentro deles, para os ajudar e orientar.

Para preparar as nossas mentes para aceitar que o NT vai além da revelação do Espírito no AT como o próprio Deus em ação pessoal, muitos comentadores trinitários apontam que existem duas palavras gregas para “outro”. Uma palavra é “*allos*”, que significa “outra do mesmo tipo”. A segunda palavra grega para “outro” é “*heteros*”, que significa “outro de um tipo diferente”. Jesus prometeu “outro consolador [grego *allos*]” em vez de “outro consolador [*heteros*]”. Muitos trinitarianos que querem ver o ajudador como uma terceira Pessoa dentro da Divindade dão grande importância a isto, alegando que Jesus prometeu “outro consolador da mesma espécie”. Ou seja, Jesus prometeu que o Espírito vindouro seria outro como ele, ou seja, outra pessoa. No entanto, este é um ponto muito fraco. *Leon Morris*, que acredita no Espírito como uma terceira pessoa, concorda que não se trata de uma exegese forte: “O único problema no raciocínio é que nem todos os escritores gregos usaram estritamente as duas palavras para ‘outro’. Alguns sim; alguns não.

Não é inteiramente certo que Juan o tenha feito (usa “heteros” tão raramente que não podemos ter a certeza). [14]

Contudo, o Trinitarianismo tradicional entendeu que este “outro” ajudante é uma pessoa, o terceiro membro da Divindade, o Espírito Santo. Não é difícil perceber como se chega a esta conclusão, dados os séculos de dogmas enraizados que herdamos. *George Eldon Ladd* é representativo desta posição “ortodoxa” de que o Espírito aqui é realmente uma pessoa separada:

A linguagem que João utiliza sugere que o “Paráclito” é uma personalidade separada, e não o poder divino no pensamento do AT. A palavra para espírito, “*pneuma*”, é gramaticalmente neutra, e esperaríamos que os pronomes e adjetivos, seguindo as regras de concordância gramatical, estivessem no gênero neutro (portanto 14:17, 26; 15:26). Tal acordo correto não testemunha nem a favor nem contra a personalidade do Espírito Santo. Mas quando se encontram no masculino pronome que têm “*pneuma*” como antecedente imediato, só podemos concluir que se deve sugerir a personalidade do Espírito. “Mas o “Paráclito”, o Espírito Santo, que [ho] o Pai enviará em meu nome, ele [ekeinos] vos ensinará todas as coisas” (14:26). A mesma linguagem encontra-se em 15:26: “o Espírito da verdade que [ho] procede do Pai, ele [ekeinos] dará testemunho de mim”. A linguagem é ainda mais vívida em 16:13: “Quando vier o Espírito da verdade, ele [ekeinos] vos guiará para toda a verdade”. Aqui o neutro “*pneuma*” está em ligação direta com o pronome, mas a forma masculina é usada em vez do neutro “normal”. Desta evidência devemos concluir que o Espírito é visto como uma personalidade.

[15]

A explicação de *Ladd* de que “devemos” concluir que o Espírito é uma personalidade parece muito forte. *Leon Morris* concordaria com *Ladd* porque afirma que a palavra “*parakletos*” “era aplicada às pessoas... no primeiro século seria entendida como uma pessoa. Certamente que ninguém teria imaginado então que a palavra denotaria uma influência vaga, um poder que flui de Deus. O seu uso marca o Espírito como Pessoa”. [16] (Aliás, aplaudimos aqui a insistência de *Morris* no método da “exegese histórica”!) Mas vamos olhar mais de perto.

Em primeiro lugar, observemos no início como *Ladd*, na companhia de *Morris* e *Packer*, também prepara as nossas mentes para ir além da compreensão do Espírito de Deus no AT: “A linguagem que João usa sugere que o “Paráclito” é uma personalidade separada, em vez da personalidade divina. poder no pensamento do AT”. Por isso, *Ladd* também quer que acreditemos que Jesus está agora prestes a sair de todos os parâmetros dos profetas e das escrituras que veio cumprir. Esta é uma suposição comum, ou seja, que existe uma “revelação progressiva”, porque no AT temos o NT oculto, e no NT temos o AT revelado. Não negamos que o nosso Senhor Jesus veio trazer plenitude, luz ainda maior e algum “vinho novo em odres novos”, por assim dizer. Mas “a linguagem que João usa sugere que o “Paráclito” é uma personalidade separada” (um pensamento estranho à Bíblia Hebraica)? *Ladd* reconhece que o “Espírito do Senhor” do AT é uma metáfora para o poder e a palavra de Deus em ação. Mas deveríamos estar tão dispostos a afirmar que quando chegamos a Jesus e ao NT “o Espírito” significa algo essencialmente diferente e mais?

Talvez “a linguagem” seja apenas isso, uma forma particular de expressão chamada “personificação”. Afinal, a mente hebraica era muito boa na personificação. Muitas vezes lemos sobre as árvores a bater palmas, o sol a orbitar, as estrelas a louvar, os céus a falar, etc. no AT. Em *Provérbios 8:30*, “Sabedoria” é personificada como “um mestre-de-obras” e diz-se que ajudou Deus a criar o universo. Ninguém pensaria por um momento que esta é uma pessoa real chamada “Sabedoria”, exceto talvez as Testemunhas de Jeová que dizem que este é Jesus na sua existência

pré-humana. Um dia estava a falar com uma Testemunha de Jeová que disse acreditar que a “Sabedoria” era realmente Jesus com Deus no princípio do mundo. Mostrei-lhe então *Provérbios 8:12*: “*Eu, a sabedoria, hábito na prudência*”, e perguntei-lhe: “Se a Sabedoria é Jesus, quem é a Prudência?” Rápido como um raio e com um grande sorriso na cara disse: “Ah, o seu cão!”

Alguém pode ter problemas quando não compreende a propensão da mente hebraica para a personificação. Reconhecendo isto, deve reconhecer-se que, de facto, há casos em que o Espírito de Deus recebe características pessoais. Tomemos os casos em que o Espírito é chamado “mão” ou “dedo de Deus” (ver *Ezequiel 3:14*; *Lucas 11:20*). Assim como o que a mão do homem faz é feito pelo próprio homem, também o que o Espírito de Deus faz é feito pelo próprio Deus. Mas devemos perguntar: Jesus estava aqui a usar esta figura de linguagem hebraica comum chamada personificação quando se referiu ao Espírito vindouro como o consolador?

Parece-me e certamente a *Leon Morris, J.I. Packer, G. Ladd* et al que se usa mais do que mera linguagem metafórica quando Jesus pede ajuda ao Espírito vindouro. As fortes afirmações de *Ladd* de que os pronomes masculinos referentes ao Espírito neutro (*pneuma*) significam “só podemos concluir que a personalidade do Espírito Santo deve ser sugerida” parecem muito convincentes. E certamente na mente popular é considerado um argumento muito forte, porque cada vez que este tema surge na discussão é um dos primeiros textos de “prova” oferecidos: “Mas Jesus não disse que o Espírito Santo é uma pessoa que lhe liga?” ‘é’ um ‘ele’?

Creio que um exame mais detalhado esclarecerá este equívoco popular. Mais uma vez, devemos ter em mente o panorama geral. O contexto geral é crucial. Jesus acaba de dizer aos seus discípulos que os está a deixar. No entanto, Ele garante-lhes: “**voltarei para vós**” (*João 14:18*) sob a forma do Espírito que nos ajuda. Convém, então, traduzir corretamente o masculino (*ekeinos*) por “aquele”, o “aquele” que vem, quando se refere ao Espírito que é o ajudador: “*Quando vier o consolador... esse é o Espírito da Verdade. ...*” (*João 15:26*). Há uma troca evidente no discurso de Jesus entre Espírito e ajuda.

Se tivermos isto em mente e por um momento nos pudermos divorciar da longa tradição da igreja, não assumindo que este ajudante (também chamado “o espírito da verdade” por Jesus) é uma pessoa separada do Pai e de Jesus, então também poderá traduzir fielmente estes textos da seguinte forma:

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre [Nova Era]: O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece [eu neutro para aceitar com espírito]; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós... Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome [masculino “ekeinos” concorda com o sujeito masculino “parakletos”, mas só é traduzido por “ele” se o tradutor assumir que se refere a uma pessoa], esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (João 14:15-18, 26)

Os estudiosos trinitaristas admitem prontamente que aqui e “no texto grego de *João 16:13*, ao Espírito Santo (neutro) é atribuído um pronome masculino, possivelmente para enfatizar a realidade pessoal do Espírito ou a identificação do Espírito com o *Paráclito*”. [17] Vemos então que o Espírito pode ser considerado igualmente como uma influência, o Espírito da verdade (compare-se, “o espírito do erro” em *1 João 4:6* e “o espírito do mundo” em *1 Coríntios 2:12*), ou

como a realidade pessoal do próprio Jesus por detrás da influência. Daí a troca entre o Espírito e o consolador (ajudador).

Dado então o dilema que os tradutores enfrentam (dirão “isto” ou “ele” quando se referem ao ajudante [masculino], que é o Espírito [neutro] da verdade?), tudo se resume à preferência pessoal. Ou não? Talvez os tradutores fizessem bem em ter em conta o resto da evidência bíblica e não confiar apenas nesta secção do Evangelho de João. Parece que a expressão específica usada por Jesus aqui, ou seja, “o ajudador”, é uma personificação do espírito da verdade, e não uma pessoa em si, pelo que um contexto mais amplo deveria ser o fator decisivo. É instrutivo que a quinta e única ocorrência de “*parakletos*” o defina como o próprio Jesus (*1 João 2:1*)! Isto sugere que é o próprio Jesus, através do seu ministério do céu, que é projetado para nós no poder de Deus. O trinitarista *James Denny* reconhece claramente que isto é assim: “Em *1 João 2:1* é Jesus quem é o *Paráclito* [Consolador], mesmo depois do Pentecostes, e mesmo aqui (*João 14:18*), ele diz: ‘Eu irei para você. A presença do Espírito é a própria presença de Jesus no Espírito’. [18]

Este contexto bíblico mais amplo deve ser tido em conta ao determinar se “o consolador”, isto é, “o espírito da verdade” é uma pessoa separada ou uma personificação. A linguagem do resto da Bíblia não está de acordo com a noção tradicional do Espírito como terceira Pessoa. Diz-se que o Espírito é dado em diferentes quantidades ou quantidades. Jesus recebeu “*sem medida*” (*João 3:34*), mas os crentes individuais recebem um “suprimento” ou um “*pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo*” (*Filipenses 1:19*). Diz-se que Deus “*que vos dá o Espírito*” (*Gálatas 3:5*). Esta língua tem pedigree do AT. Certa vez, Deus tirou o Seu Espírito a Moisés e distribuiu-o: “*Então o SENHOR desceu na nuvem, e lhe falou; e, tirando do espírito, que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que, quando o espírito repousou sobre eles, profetizaram*” (*Números 11:17, 25*). Isto tem implicações e paralelos evidentes para a nossa interpretação dos acontecimentos de Pentecostes, aos quais nos iremos debruçar logo após analisarmos mais uma história do AT.

A história de Elias em *2 Reis* também fornece uma base para a compreensão do significado judaico do Pentecostes e da vinda do Espírito. Nas Escrituras Hebraicas, Elias ascendeu corporalmente num carro de fogo puxado por cavalos de fogo (*2 Reis 2:11*). O profeta prometeu conceder ao seu discípulo Eliseu uma “parte dupla” do seu enorme espírito. O teste para Eliseu seria se ele poderia realmente testemunhar a ascensão do seu mestre. A narrativa proclamava que esta “visão” tinha sido alcançada, pelo que Eliseu partiu daquela cena no espírito e poder de Elias. Os filhos dos profetas afirmaram-no, pois quando Eliseu voltou para junto deles proclamaram: “*o espírito de Elias repousa sobre Eliseu*” (*2 Reis 2:15*). Elias era conhecido pelo seu poder de invocar o fogo do céu. Fê-lo numa disputa com os profetas de Baal no Monte Carmelo (*1 Reis 18:20-39*). Orou também para que o fogo caísse sobre “*Então o rei lhe enviou um capitão de cinquenta com seus cinquenta*”, e um segundo capitão de cinquenta e os seus homens, que foram enviados para perguntar sobre a situação do primeiro grupo (*2 Reis 1:9-12*). No folclore de Israel, este poder ígneo pertencia exclusivamente a Elias.

O pano de fundo e os paralelos óbvios com a ascensão de Jesus e o derramamento pentecostal do Espírito no vento e no fogo são óbvios. No dia de Pentecostes, Deus Pai tomou o Espírito do Senhor Jesus ressuscitado e veio como um “*um vento veemente e impetuoso*” e apareceu como “*ínguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um*” dos discípulos (*Atos 2:2, 3*). Assim como os anciãos receberam o espírito de Moisés e profetizaram, e como Eliseu

recebeu uma “porção dobrada” do espírito de Elias e saiu no poder do seu mestre, assim, depois do Pentecostes, os discípulos pregaram e saíram no espírito e no poder de Moisés. seu Senhor ressuscitado para realizar a sua obra evangélica.

Assim, no pensamento judaico, Lucas está a dizer que o Senhor Jesus ressuscitado é maior do que Moisés e maior do que Elias. O centro da atividade de Deus está agora num novo Israel, o corpo dos crentes. O Espírito de Cristo repousa agora sobre os discípulos e estes profetizarão e seguirão com poder ao proclamarem “a palavra”. Na linguagem judaica, o Espírito Santo que Cristo envia não é aqui considerado o terceiro membro da Divindade, tal como o espírito que Deus tirou a Moisés, ou o espírito que Elias enviou a Eliseu, foi um terceiro membro da Divindade. Santíssima Trindade. Nesta mesma forma hebraica de entender, devemos saber que “*as a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil*” (1 Coríntios 12:7). O ajudador que é o Espírito Santo de Deus descreve a atividade combinada do Pai e do Filho através da sua presença pessoal operando em nosso benefício. Jesus não deixará os seus discípulos sozinhos e órfãos. Mas, embora estivessem habituados à sua presença pessoalmente, algo de novo está para acontecer. A presença e a atividade de Deus ser-lhe-ão transmitidas através do Jesus ressuscitado enquanto prega a sua palavra. Quando os apóstolos se dedicarem à pregação da palavra do Evangelho do Senhor Jesus, conhecerão a atividade e a presença de Deus a trabalhar com eles, ajudando-os. Na realidade, quando os apóstolos ministrarem a palavra de Cristo, será o próprio Cristo a ser mediado através dessa palavra-Evangelho para o mundo. Mais tarde, o apóstolo Paulo fará esta mesma identificação do “Espírito” com o Jesus ressuscitado: “*Ora, o Senhor é o Espírito... como pelo Espírito do Senhor*” (2 Coríntios 3:17, 18), e “*Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofreríeis*” (2 Coríntios 11:4). Estes versículos deixam bem claro que, no que diz respeito a Paulo, “o Espírito” descreve a presença e a atividade de Jesus ressuscitado, que é continuamente mediada pela palavra do Evangelho.

Poderíamos colocar a questão desta forma: o ensinamento de Jesus é apoiado por uma garantia de que estará continuamente ativo na vida daqueles que o compreendem, acreditam e agem de acordo com ele. As palavras de Jesus nunca passarão e são, por assim dizer, a garantia permanente do céu da presença de Deus e de Jesus conosco dia após dia. Jesus não se tornou inativo, mas já não está visivelmente entre nós na terra. No entanto, o Seu Espírito é uma extensão de Si mesmo para nós até que Ele regresse à terra, quando podemos literalmente vê-Lo.

Enchei-Vos Do Espírito = Deixai Que A Palavra De Cristo Habite Em Vós

Um dos lugares mais claros em que este paralelismo entre “espírito” e “palavra” é realçado é nas conhecidas passagens de *Efésios 5* e *Colossenses 3*. Na primeira, o apóstolo instrui os cristãos a:

“enchei-vos do Espírito; Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais; cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração; Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus. Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (Efésios 5:18-22).

As mesmas instruções e frases aparecem em *Colossenses 3*, exceto por uma exceção óbvia:

“A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração. E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai. Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor” (Colossenses 3:16-18).

É bem evidente que, na mente do apóstolo, estar cheio do espírito é precisamente o mesmo que deixar que a palavra (ensino, mensagem) de Cristo dirija as nossas vidas. Isto é simplesmente para dizer que em *João capítulos 14 a 16* “o Espírito” que virá para ajudar os apóstolos será a revelação pós-ressurreição da mensagem de Cristo dirigida pelo Cristo ressuscitado ao mundo através dos apóstolos. A sua função é proclamar a mensagem do evangelho de Cristo ressuscitado ao mundo inteiro (*João 16:8-11*). Tal como no AT, onde estar cheio do “*espírito de sabedoria*” equivale a estar cheio do “*Espírito de Deus*” (*Êxodo 31:3; 28:3*), assim no NT estar cheio do Espírito de Deus deve ter a mente ou a palavra de Cristo habitando em nós com “*toda a sabedoria*” (*Colossenses 3:18*).

Anteriormente neste mesmo Evangelho de João, Jesus já indicava que a obra do Espírito é idêntica às “palavras de Deus”: “*Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus; pois não lhe dá Deus o Espírito por medida*” (*João 3:34*). Novamente Jesus diz: “*O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida*” (*João 6:63*).

Comentando estes versículos, *Robert Hach* diz:

O Jesus do NT não vê dicotomia entre a obra do Espírito e a obra da linguagem... Tal como o Espírito (em grego, “*pneuma*”, que significa literalmente “sopro”) inspirou os profetas e os apóstolos a falar a palavra de Deus (*Efésios 3:5; 1 Tessalonicenses 5:19, 20; 1 Pedro 1:10-12; 2 Pedro 1:20; 1 João 4:1-6*), acreditar nas palavras dos profetas e dos apóstolos é receber o Espírito (*Gálatas 3:2*). O Espírito de Deus é, então, o evangelho em ação, o evangelho que ganha vida nas mentes e nos corações dos crentes (*2 Coríntios 3:2-3, 17, 18; Efésios 4:21-24*). A vida conduzida “*pelo Espírito*” (*Gálatas 5:18*) é uma vida governada pela persuasão. [19]

Estas palavras que aparecem anteriormente no Evangelho de João (*João 3:34 e 6:63*) são o pano de fundo e o contexto para o que Jesus diz sobre “*o consolador... que é o espírito da verdade*” pouco antes de partir para os discípulos. Receber as palavras do Senhor Jesus é receber o Espírito de Deus: “*Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos Anjos*” (*Marcos 8:38*). Receber e viver segundo as palavras de Jesus é receber o próprio Jesus. Muitas vezes é ensinado hoje que para se tornar cristão, tudo o que se deve fazer é “receber Jesus no coração” e será salvo. O teste decisivo para saber se tenho “Jesus no coração” é se tenho as *suas palavras* a informar e a fortalecer a minha vida. Se a sua palavra do Evangelho é o princípio motivador da minha vida, então tenho o Espírito de Deus a habitar em mim; na verdade, tenho o Pai e o Filho. Daí a forte advertência de Paulo de que se alguém não demonstra a presença das palavras de Cristo na sua vida, falta-lhe o entendimento (*1 Timóteo 6:3*).

Só temos de ler descrições posteriores do Espírito para verificar esta interpretação. Um bom exemplo encontra-se em *Romanos 8*. Aqui Paulo contrasta “*a lei do Espírito da vida*” com “*a lei do pecado e da morte*” (*versículo 2*). Andar (viver) “*segundo a carne*” é ter a “*mente*” voltada para a morte; mas ter a “*mente*” voltada para as “*coisas do Espírito*” é ter a paz de Deus (*versículos 5-6*). Se “*o Espírito de Deus*” habita em nós, então temos “*o Espírito de Cristo*” que é “*Cristo*” (Ele

mesmo) em nós (*versículos 9-10*). Assim temos a equação: o Espírito de Deus é o Espírito de Cristo, o próprio Cristo é a “mente” controlada pela “lei do Espírito da vida”. Quando Paulo afirma noutra lugar que “*Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação*”, está a falar de um estado de espírito (*2 Timóteo 1:7*). É exatamente disto que Jesus está a falar quando menciona o ajudador, que é o Espírito presente em nós. Quando “*guardamos a sua palavra*”, o Pai e Ele mesmo “*faremos nele morada*” (*João 14:23*). Todas estas são formas intercambiáveis de descrever a mesma condição que todos os crentes devem desfrutar, e certamente falam da atividade pessoal de Deus e de Cristo no crente, através da mensagem/palavra do Cristo ressuscitado.

Jesus diz aos discípulos: “*Quando, pois, vos conduzirem e vos entregarem, não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer, nem premediteis; mas, o que vos for dado naquela hora, isso falai, porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo*” (*Marcos 13:11*). A versão de Lucas deixa claro que o Espírito que fala nos discípulos é o próprio Cristo: “*Proponde, pois, em vossos corações não premeditar como haveis de responder; Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem*” (*Lucas 21:14, 15*). Na terceira passagem paralela de *Mateus 10:20*: “*Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós*”. É esclarecedor descobrir que “o Espírito Santo” de *Marcos 13:11* é “o espírito do vosso Pai” em *Mateus*, e em *Lucas* é o próprio Cristo a falar. Simplificando: [O] **Espírito Santo = “Eu” (Jesus) = o espírito do teu Pai.**

Este contexto mais amplo torna inequivocamente claro que, quando Jesus fala do Espírito Santo, está a falar do Pai e de Si mesmo em ação unida através da palavra. Isto ajusta-se exatamente às declarações de Jesus em *João capítulos 14-16*: “**o Pai que permanece em mim faz as suas obras... Quem crê em mim, as obras que eu faço, também as fará ... O Espírito da Verdade... permaneci convosco, e Eu estarei em vós... Eu vou até vocês... Naquele dia sabereis que eu estou em meu Pai, e tu em mim, e eu em ti**” (*João 14:10, 17, 18, 20*). Não deveriam estes versículos do Evangelho de João ser lidos no contexto mais vasto que estamos a considerar? Estou firmemente convencido de que se enquadram harmoniosamente com o resto do testemunho bíblico sobre o Espírito de Deus como o poder, a palavra e a mente de Deus em ação. Ou, para colocar a questão de forma ainda mais clara: “Deve a evidência clara para quase todas as partes das Escrituras ser perturbada por um punhado de versículos do Evangelho de João?” (conforme lido em desacordo com o resto das Escrituras). [20]

Em resumo, até agora não há razão para divorciar as afirmações de Jesus sobre “o consolador” do significado fundamental do Espírito Santo no AT. Todas as palavras e obras de Jesus foram realizadas pela unção do Espírito de Deus. Isto significa que os seus milagres foram realizados não porque ele era Deus, mas porque a sabedoria e a graça de Deus eram plenamente operativas através dele. Ninguém poderia argumentar que, pelo facto de Moisés ter realizado grandes sinais e prodígios, ele era “Deus encarnado”. Então, porque é que Jesus tem de ser Deus, uma vez que realiza milagres poderosos através da unção do Espírito de Deus? A predição do T é que o Espírito de Deus repousará poderosamente sobre o Messias: “*repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do SENHOR*” (*Isaías 11:2*).

Jesus, o Messias, andou nesta terra com toda a autoridade e poder delegado pelo Pai. O Espírito de Deus, a Sua Palavra, o Seu sopro, a Sua vida e a Sua presença foram mediados pelo Seu Filho

autorizado. Como é maravilhoso saber que em Jesus de Nazaré vemos um homem totalmente habitado pelo Espírito de Deus. Quanto mais agora que Ele é exaltado e glorificado no céu à direita do Pai, não deveríamos ver o Seu poder a atuar neste mundo onde quer que a Sua palavra seja proclamada? Neste mundo tenebroso, somos feitos “*participantes do Espírito Santo*” (*Hebreus 6:4, 5*) ao partilharmos a Sua palavra. Diz-se que tanto a palavra de Deus como o Espírito são a verdade (compare *João 17:17* com *1 João 5:6*). Assim, o ajudante que é o Espírito é o próprio Cristo que diz: “*voltarei para vós*” (*João 14:18*).

Conclusão

Uma séria dificuldade para aqueles que acreditam que o Espírito Santo é o terceiro membro da Trindade, coigual e coeterno com o Pai e o Filho, é que os primeiros pais da igreja post-apostólica não dizem nada sobre o Espírito como uma Pessoa distinta dentro da Divindade. Até mesmo os autores trinitarianos de “*Jesus: A Biblical Defense of His Deity*” (*Jesus: Uma Defesa Bíblica de Sua Divindade*) reconhecem que “o último parágrafo [do Credo Niceno] foi adicionado em 381 d.C. [21] (Este é o parágrafo que diz: “Creio ... no Espírito Santo, Senhor e doador da vida; que procede do Pai; que com o Pai e o Filho juntos é adorado e glorificado; que falou pelos profetas”). Então, porque é que a Igreja demorou tanto tempo a declarar formalmente que o Espírito Santo era a terceira Pessoa da Divindade?

Estes autores dão grande importância ao facto de os pais da igreja primitiva chamarem a Jesus “Deus” e, por isso, esta é a prova de que os cristãos sempre acreditaram na Divindade de Cristo. Incluem *Inácio* (falecido por volta de 110 d.C.), *Ireneu* (c. 125-200 d.C.), *Justino Mártir* (110-166 d.C.) e *Clemente* (falecido por volta de 101 d.C.) neste grupo. Dizem que o ónus da prova recai sobre aqueles que negam a plena Divindade de Cristo para demonstrar que tal testemunho não é um argumento revelador a favor da Trindade. Já abordei esta questão do silêncio anteriormente e observei que a “ortodoxia” trinitária posterior – em aliança com a maquinaria política do Império – perseguiu impiedosamente todos os “hereges” e apagou os seus escritos. Recordamos a história da biblioteca de *Nag Hammadi*. Se não fosse o desafio de uma alma corajosa, nunca teríamos conhecido a enorme variedade de posições dentro das igrejas cristãs dos primeiros séculos. Lembramos também que vários concílios eclesiásticos pós-Niceia que não apoiaram a linhagem que finalmente triunfou não são reconhecidos e muitas vezes não estão documentados. Todos conhecemos Niceia, mas e o concílio de Rimini-Selêucia em 359 d.C.? que revogou a votação anterior? A “Ortodoxia” teve tanto sucesso que apenas a história dos vencedores (a sua própria história “ortodoxa”) sobreviveu. Os próprios escritos de *Ário* não sobreviveram; temos apenas fragmentos citados pelos seus opositores daquilo que ele supostamente ensinou. Sim, existem fortes razões históricas pelas quais as declarações de outros nessa altura já não existem. Foram removidos do registo com sucesso.

Contudo, por enquanto, concordemos com os *McDowells e Larson et al* que querem que acreditemos na Divindade de Cristo porque os pais da igreja fazem declarações claras nesse sentido. De acordo com o seu próprio raciocínio, onde está a divindade pessoal do Espírito Santo? Procurarão em vão qualquer testemunho da pessoa e da plena divindade do Espírito Santo nos primeiros Padres. Estes mesmos padres da igreja não chamam o Espírito Santo de Deus. É uma prova contundente de que “nenhuma definição trinitária formal do Espírito Santo apareceu até 381 d.C.”. no Concílio de Constantinopla... Não existe... nenhuma tradição trinitária ininterrupta que

nos ligue aos escritos dos Apóstolos”. [22] A única resposta a este eloquente silêncio é afirmar que “os primeiros Padres não tiveram ocasião de debater, defender ou definir a divindade e a personalidade do Espírito Santo”. [23] Portanto, um silêncio surpreendente deveria convencer-nos de que todos eles acreditavam no Espírito Santo como terceiro membro da Divindade. Este argumento é circular. Propõe-se testar as suas próprias suposições, a saber: se apenas as afirmações positivas (na ausência de outras posições registadas) dos padres da igreja provam que eles sempre acreditaram que Jesus é Deus, porque é que (de acordo com o seu próprio raciocínio) ele não acredita? Será que os padres da igreja de que o Espírito Santo é Deus provam aos trinitarianos que ele não existe como terceiro membro da Divindade? Como *N.T. Wright* afirma corretamente:

Há muitas coisas que não sabemos na história antiga. Existem enormes lacunas nos nossos registos em todos os lugares. Só aqueles que imaginam que a história pode ser estudada consultando exemplares antigos do *London Times* ou do *Washington Post* numa biblioteca conveniente podem cometer o erro de argumentar a partir do silêncio sobre questões relacionadas com o primeiro século. [24]

A afirmação trinitária de que o Espírito Santo é o próprio Deus é certamente impossível de sustentar quando notamos que em *nenhum* lugar das Escrituras o Espírito Santo é orado ou adorado (como nas igrejas de hoje), em *nenhum* lugar o Espírito Santo é louvado com cânticos (como é típico hoje), em *nenhum* lugar se diz que o Espírito Santo envia as suas saudações pessoais com as do Pai e do Senhor Jesus às igrejas quando os apóstolos escrevem as suas cartas, e em *nenhum* lugar é dado ao Espírito Santo um nome pessoal.

No final do último livro da Bíblia, quando os santos redimidos estão na presença de Deus e de Jesus Cristo em glória, não é uma estranha omissão que o terceiro membro da Trindade não tenha assento de autoridade no trono final? Alguns podem apontar para os “*sete espíritos que estão diante do seu trono*” (*Apocalipse 1:4*). *Criswell* propõe isto como uma fórmula trinitária ou “doxologia”. [25] Mas um momento de reflexão dissolverá esta ideia. Apenas alguns versículos depois, as Escrituras definem os sete espíritos como “*e diante do trono ardiavam sete lâmpadas de fogo*” (*Apocalipse 4:5*), e novamente como os sete chifres e os sete olhos do Cordeiro que foi morto (*Apocalipse 5:6*). Por outras palavras, os sete espíritos não se referem de forma alguma ao Espírito Santo como um membro separado e de pleno direito da Divindade Trinitária. São descrições metafóricas das qualidades que o Senhor Jesus ressuscitado possui agora à direita do Pai. O fundo hebraico para isto mostra que o Senhor Jesus é o Messias ungido pelo Espírito que foi profetizado no AT. Em Isaías é profetizado que o Messias terá uma unção sétupla quando o Espírito do Senhor repousar sobre ele, produzindo sabedoria, entendimento, conselho, força, conhecimento, justiça e temor do Senhor (*Isaías 11:2*).

Quão estranho é que alguém que é supostamente o mesmo Deus Todo-Poderoso, um membro coigual e coeterno da “adorável Trindade”, não receba oração, seja adorado ou sequer receba um nome pessoal nas Escrituras do Novo Testamento ou nos escritos primitivos! pais da igreja! Omissões realmente graves. Alguns poderão responder que o ministério do Espírito não consiste em chamar a atenção sobre si “porque não falará por si mesmo”. Mesmo assumindo a personalidade do Espírito para efeitos de argumentação, este raciocínio é erróneo, pois Jesus também afirmou que o seu próprio ministério era para glorificar o seu Pai, e ainda assim isso não o impediu de falar de si mesmo. Além disso, Paulo diz que os apóstolos “*Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus*” (*2 Coríntios 4:5*), mas novamente este objetivo declarado de não proclamar a si mesmo,

mas só Jesus Cristo o fez. Isto não impede Paulo de fornecer muitas biografias pessoais ao longo dos seus escritos. Assim, mesmo assumindo, para efeitos de argumentação, que o Espírito é o próprio Deus, o terceiro membro da Divindade, tal omissão biográfica é bastante estranha.

É certamente muito melhor compreender a linguagem do Espírito como uma ajuda em termos de personificação, como foi sugerido neste capítulo. Quando Jesus diz que o Espírito não falará por si mesmo, Jesus está a usar a linguagem da personificação para transmitir a verdade de que qualquer outra mensagem, qualquer outra palavra ou espírito que alegue vir de Deus será imediatamente detetado como falso: todos os outros testemunhos de o evangelho. independente de Jesus e dos seus apóstolos não é autorizado por Deus. Na mesma linha, Paulo escreve que “ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor; senão pelo Espírito Santo” (1 Coríntios 12:3). João adverte sobre os “muitos falsos profetas” que “saíram pelo mundo” que “Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus” (1 João 4:2, 3). Tudo isto para dizer que a evidência de que o Espírito de Deus está a operar depois de Jesus ter ascendido ao Pai no céu será vista na lealdade dos cristãos à doutrina do Pai e do Filho (1 João 2:22, 23; 2 João 9). N. H. Snaith chega ao ponto de dizer que “o espírito da verdade” deveria ser traduzido por “espírito de fiabilidade, fé” ou ainda “espírito que cria fé”. “Isto envolve traduzir “*aletheia*” [verdade] no seu sentido da Septuaginta como equivalente a “*emeth*”, e não no seu sentido grego de verdade versus mentira, ou realidade versus aparência”. [26] Este “Espírito de Lealdade” é o espírito que é verdadeiro e fiel a Cristo e neste sentido diz-se “não falar de (isto é, independentemente de) si mesmo”. Isto não quer dizer que a Bíblia nunca contrasta a verdade com o erro. Muitas vezes acontece. Snaith sublinha que pode existir uma outra dimensão que ajuda à nossa compreensão do “espírito da verdade”: a ideia de que o Espírito de Deus como ajuda será sempre detetado naquele ensino/mensagem fiel ao Evangelho de Jesus.

Os séculos II e III mudaram o entendimento que Jesus e os apóstolos tinham do Espírito para “a terceira Pessoa da Divindade”. Essa doutrina foi uma nova e radical mudança de paradigma, afastando-se do monoteísmo bíblico. Agora é o momento para uma reavaliação radical e restauração do conceito bíblico do Espírito. Se os termos “Deus Filho” e “Deus-Homem” usados hoje para descrever nosso Senhor Jesus não são encontrados em nenhum versículo bíblico, da mesma forma o termo “Deus Espírito” representa uma paganização do ensino bíblico dos séculos III e IV sobre o Espírito de Deus. O nosso entendimento ocidental moderno do Espírito Santo como uma pessoa de direito próprio é um caso clássico da grande diferença entre a teologia da igreja e a teologia bíblica.

Quando me lembro dos dias em que argumentei que o Espírito é um terceiro membro da Divindade porque as Escrituras mostram que o Espírito tem qualidades pessoais como mente, emoções e vontade, sinto-me envergonhado. Se ao menos eu tivesse compreendido que a Bíblia é um livro hebraico, meus olhos não teriam ficado tão turvos. Temos de deixar de endeusar “o Espírito” como uma terceira pessoa, um Deus coigual e coeterno, e arrependermo-nos da nossa adoração de um falso deus. Essa doutrina nicena, não hebraica e extra bíblica do Espírito como “o Senhor e doador da vida; que... juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado” como o terceiro membro de um Deus triuno é uma distração na melhor das hipóteses, e um falso deus na pior.

Notas Finales

- [1] *GE Ladd, "A Theology of the New Testament" (Uma Teologia do Novo Testamento),* pág. 287.
- [2] *Dunn, "Christology in the Making" (Cristologia em Processo),* págs. 132-133.
- [3] *Ibid.,* pág. 133.
- [4] *N.H. Snaith, "The Distinctive Ideas of the Old Testament" (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento),* págs. 152-153.
- [5] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity" (A Doutrina da Trindade),* p. 217.
- [6] *Snaith, "The Distinctive Ideas of the Old Testament" (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento),* págs. 152-153.
- [7] *Leon Morris, "Spirit of the Living God: The Bible's Teaching on the Holy Spirit" (Espírito do Deus Vivo: O Ensino da Bíblia sobre o Espírito Santo),* Londres: Inter-Varsity Press, 1974, pág. 29.
- [8] *Jl Packer, "Keep in Step with the Spirit" (Manter-se a Par do Espírito),* Inter-Varsity Press, pág. 59.
- [9] *Ibid.,* pág. 60.
- [10] *Snaith, "The Distinctive Ideas of the Old Testament" (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento),* pág. 179.
- [11] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity" (La Doctrina de la Trinidad),* pág. 218.
- [12] *W.A. Criswell, "The Holy Spirit in Today's World" (El Espíritu Santo en el mundo actual),* Grand Rapids, MI: Zondervan, 1966, págs. 13-14.
- [13] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity" (A Doutrina da Trindade),* pág. 224.
- [14] *Leon Morris, "Spirit of the Living God" (Espírito do Deus vivo),* pág. 36.
- [15] *Ladd, "A Theology of the New Testament" (Uma Teologia do Novo Testamento),* pág. 295.
- [16] *Morris, "Spirit of the Living God" (Espírito do Deus vivo),* pág. 35.
- [17] *"This Is My Name Forever: The Trinity and Gender Language for God" (Este É Meu Nome Para Sempre: A Trindade e a Linguagem de Gênero para Deus),* ed. *Alvin Kimel Jr., Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001,* pág. 66.
- [18] *James Denny, "'Holy Spirit' Dictionary of Christ and the Gospels" (Espírito Santo, Dicionário de Cristo e dos Evangelhos),* Edimburgo, T & T Clark, 1917, pág. 742.
- [19] *R. Hach, "Possession and Persuasion" (Possessão e Persuasão),* pág. 111.
- [20] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity" (A Doutrina da Trindade),* pág. 222.
- [21] *McDowell y Larson, "Jesus: A Biblical Defense of His Deity" (Jesus: Uma Defesa Bíblica de Sua Divindade),* pág. 84.
- [22] *Buzzard and Hunting, "The Doctrine of the Trinity" (A Doutrina da Trindade),* pág. 227.
- [23] *Criswell, "The Holy Spirit in Today's World" (O Espírito Santo no Mundo de Hoje),* pág. 14.
- [24] *N.T. Wright, "Who Was Jesus" (Quem foi Jesus?)* pág. 89.
- [25] *Criswell, "The Holy Spirit in Today's World" (O Espírito Santo no Mundo de Hoje),* pág. 14.
- [26] *Snaith, "The Distinctive Ideas of the Old Testament" (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento),* pág. 181. A verdade como o oposto da falsidade é também uma parte muito importante do testemunho do Novo Testamento.

*Sete***OUTRA ESPERANÇA**

“E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gênesis 2:7).

Lembro-me claramente de um dia definitivo em que era um menino de apenas quatro anos. O meu pai era caixeiro-viajante na Chandlers-AWA e tinha acabado de sair para trabalhar. Tinha acabado de dar um beijo de despedida à minha mãe. Quando ele estava prestes a entrar no carro e a sair, gritei: “Pai!” Colocou a mão na porta do carro, virou-se para mim e disse: “O quê?” Eu disse: “Pai, não bata!” Lembro-me do seu grande sorriso e das suas palavras tranquilizadoras. “Não, Greg, não vou dormir”. Algumas semanas depois, o meu pai morreu num terrível acidente de viação. Só anos mais tarde é que soube por amigos da família que, pouco depois da morte do meu pai, eles vieram visitar a minha mãe, eu estava no jardim da frente, balançando-me na soleira da porta. A primeira coisa que disse a estes visitantes foi: “O meu pai está com Jesus no céu!”.

Muitas vezes diz-se às crianças que, na morte, a alma é como um balão cujo fio é cortado para que possa subir ao céu e estar com Deus. Quando tinha quatro anos, a minha teologia já estava alinhada com a ideia dominante de que os mortos estavam vivos no céu como “espíritos” desencarnados. A minha teologia já estava de acordo com *W.A. Criswell*, conhecido batista americano, que pergunta:

Qual deles é realmente? A casa de barro em que vive ou o espírito, a personalidade, que habita o seu corpo? Quando morre e olhamos para o seu rosto imóvel e silencioso no caixão, é para si que estamos a olhar? Você é pó? É um cadáver corrupto? Devemos enterrá-lo na cova aberta? Certamente que não; És mais do que pó, corrupção e decadência. Você é espírito, personalidade, vida que dá vida. [1]

É um ser humano que está numa jornada espiritual? Ou é um ser espiritual a ter uma experiência humana? De acordo com o consenso moderno, é o último. É comum ouvir familiares enlutados e com saudades dos seus entes queridos dizerem: “Fulano está no céu agora, a observar-nos e a beber uma cerveja”. No momento em que escrevo, o mundo acaba de testemunhar aquele que foi, supostamente, o maior funeral da história, o do falecido Papa João Paulo II. *O Cardeal Ratzinger*, oficiando, afirmou que, tal como fez em vida desde a janela do Vaticano, o Papa está agora junto à janela do céu e pronuncia a bênção sobre todos. Este comentário foi repetido inúmeras vezes nos nossos meios de comunicação social.

O autor de *“The Dying Experience y Learning How to Live”* (A experiência de Morrer e Aprender a Viver), *Mike Agostini*, conta as histórias de quem tem aquilo a que chamamos ADC – para a sua sigla em inglês – (comunicações pós-morte). Conta como a cantora e atriz australiana *Olivia Newton-John* pediu à mãe, antes de morrer, que lhe enviasse uma mensagem do além-túmulo para que soubesse que estava mesmo bem. “Faz as velas mexer ou piscar ou algo assim”, incentivou Olivia a mãe ainda viva. Olivia recorda como se sentou ao lado do corpo da mãe e sentiu “uma presença incrível” na sala. As velas começaram a mexer o suficiente para garantir que

a sua mãe estava ali a comunicar. Mas, de repente, Olivia foi chamada à sala onde estavam reunidos familiares e amigos. “Nunca vai acreditar no que aconteceu”, disseram. Uma vela naquela sala tinha acabado de explodir com um som borbulhante mesmo por baixo da fotografia da mãe de *Newton-John*. [2]

Numa entrevista televisiva, o mesmo autor contou a história de uma mãe cujo filho de 16 anos tinha cancro, mas que queria garantir à sua mãe que quando morresse ficaria bem e que lhe provaria isso comunicando-se com ela. Após o funeral, a mãe, ao entrar no quarto do filho, verificou que as luzes se acendiam e apagavam com frequência, e interpretou isso como um sinal de que o filho morto lhe estava a comunicar que estava vivo e bem. Descobriu que, passado um tempo, este fenómeno misterioso tornou-se menos frequente. Ela interpretou isso como um sinal de que o seu filho sabia que tinha recebido a sua mensagem de segurança e que ela agora não precisava de o visitar com tanta frequência porque ele estava ocupado com outras tarefas mais necessárias no seu mundo após a morte.

Como pastor, uma vez dirigi o funeral de um idoso adorado pela sua família. Tinha sido um personagem e tanto. Ele amava o seu futebol. Um dos seus netos, que é um cristão muito sincero, contou-me que agora imaginava o seu avô lá no céu a chutar uma bola de futebol quando era jovem. Fiquei a pensar como é que um ser espiritual pode chutar uma bola de futebol. Pelo menos a opinião dos outros jogadores não faria mal! Não há “passagens hospitalares” para lá chegar!

Quanto desta compreensão da natureza do homem e do que acontece na morte é bíblica e quanto é mítica, pura fantasia? Um dos grandes teólogos alemães do século passado foi *Rudolf Bultmann*. *Bultmann* descreve como a influência grega ou platónica se infiltrou na compreensão da Igreja primitiva sobre a natureza do homem e da morte. Ao resumir a forma como o helenismo e o cristianismo se uniram, *Bultmann* refere o mito do homem primitivo. Diz assim:

O homem primitivo, uma figura de luz celestial, caiu sob o poder de forças demoníacas no passado. Estes poderes finalmente despedaçaram-no e dividiram-no, dissolvendo-se em inúmeras faíscas de luz celestial. Ora, a alma humana era constituída por estas centelhas celestes de luz pré-existentes, que estavam aprisionadas nos corpos humanos. Ou seja, para os gnósticos a alma... era pré-existente, de origem divina. Mas os demónios aqui na terra monitorizavam zelosamente para que os seres humanos não se lembrassem desta origem divina. Os demónios esforçam-se por entorpecê-los e embriagá-los, adormecendo-os e fazendo-os esquecer o seu lar celestial. Por vezes a sua tentativa é bem-sucedida, mas noutros casos a consciência da sua origem celestial permanece desperta. Sabem que estão num mundo estranho e que este mundo é a sua prisão. Daí o seu desejo de libertação. [3]

É fácil ver então como os gregos (e outros como os egípcios) acreditavam que só morrendo o homem poderia ser livre, porque a morte devolve a centelha outrora pré-existente das almas dos homens ao seu eterno lar de luz. A maior parte da igreja dominante de hoje é muito simpática para esta visão. Pergunte aos crentes onde estão agora os seus entes queridos falecidos e eles dirão: “Com o Senhor no céu, porque ‘estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor’”. Mas será este o entendimento bíblico? Terá o mito gnóstico substituído a verdade bíblica na nossa compreensão do homem e do seu destino?

O Homem é Uma Alma

Para esclarecer a incerteza sobre se o homem tem uma “alma imortal”, recorreremos ao relato bíblico das nossas origens. O livro do Génesis apresenta a compreensão hebraica da criação original do homem, da sua natureza, da sua rebelião e do seu destino. Se o homem, por natureza, tem uma alma imortal que não pode ser destruída, mas deve escapar do corpo na morte para continuar a viver, seja em comunhão com Deus ou em eterna separação de Deus, então receberemos “o bom óleo” [4] aqui no início. Mas é aqui mesmo que encontramos um grande “inconveniente”. O facto teimoso é que não se encontra uma única passagem na Bíblia que ensine que o homem tem uma alma imortal. É certo que muitos acreditam que isto está implícito, e em breve examinaremos algumas das passagens utilizadas para formular esta impressão. Mas, desde o início, vamos ver o que a Bíblia Hebraica ensina sobre a natureza e a constituição do homem.

Dois versículos do Génesis descrevem a criação do homem. A primeira diz: “*E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*” (Génesis 1:27).

As palavras “imagem de Deus” aqui utilizadas para descrever o homem têm sido sujeitas a curiosas manipulações ao longo dos séculos. Vários significados foram importados para o texto. Por exemplo, alguns que acreditam que Deus é uma Trindade presumiram que o homem criado à imagem de Deus também deve ser um ser tripartido de corpo, alma e espírito (compare, *1 Tessalonicenses 5:23*, onde Paulo fala dos crentes que os cristãos são preservados “corpo, alma e espírito”). Outros comentadores acreditam que as palavras “imagem de Deus” devem significar que, uma vez que Deus é imortal, o homem que é à imagem de Deus também deve ser imortal. Outros ainda viram que “imagem de Deus” significa que, tal como o seu Criador inteligente, o homem tem a capacidade de raciocinar e possui valores morais e consciência. E outros desenvolvem este pensamento dizendo que “à imagem de Deus” significa que o homem tem um espírito eterno capaz de comunhão e comunhão com o seu Criador. Deveria ser óbvio que todas estas ideias, embora apelem às nossas mentes ocidentais, são suposições importadas, uma vez que o próprio texto não diz nada tão detalhado como estas propostas. Precisamos da luz de outras Escrituras para nos ajudar a compreender exatamente o que é o homem.

Felizmente, não precisamos de adivinhar por muito tempo, porque no capítulo seguinte lê-se: “*E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente* [hebraico, *nephesh*, alma]” (Génesis 2:7).

Eis a definição de Deus sobre o que é exatamente o homem. O homem tornou-se uma “alma vivente” quando Deus fez duas coisas. Em primeiro lugar, Ele formou (em hebraico, “*yatzar*”, significa formar, moldar, moldar ou moldar) o corpo físico do homem a partir do pó (em hebraico, “*aphar*” significa terra seca ou migalhas finas da terra) da terra. (Hebraico, “*adamah*” significa terra vermelha). Em segundo lugar, Deus insuflou o sopro de vida no corpo de Adão e o homem tornou-se uma alma vivente. Eis então a explicação da Bíblia Hebraica sobre o que faz de um homem uma “alma vivente”: **Corpo + sopro de vida = alma vivente**. Sendo este o primeiro versículo da Bíblia que contém a palavra “alma” aplicada ao homem, a sua importância não pode ser subestimada. Note-se que não diz que o homem tem alma. Além disso, não diz que Deus deu uma alma ao homem. Pelo contrário, diz: o homem é *uma* alma. *É a combinação única do corpo e do sopro de vida que faz do homem uma “alma vivente”*. Qualquer ideia de que o homem é composto de corpo e alma é afastada. Deus não colocou algo do Seu Ser imortal no homem para que este se tornasse divino. O homem não faz parte de Deus, não é divino por natureza. É um ser vivo porque Deus lhe colocou o sopro de vida nas narinas; é, Deus o encorajou. *Génesis 2:7* diz-

nos que o homem veio do solo vermelho da terra. É um ser terrestre, não um ser espiritual de uma estrela distante como ensinava *Platão*, nem uma faísca do fundo do lago como ensina a evolução. A sua força vital vem diretamente de Deus, um dom sagrado. O homem não é um ser espiritual que goza de uma experiência humana. O homem é um ser humano numa viagem espiritual.

Ora, os leitores das nossas traduções para português podem ficar surpreendidos ao saber que a palavra hebraica para “alma” (*nephesh*) em *Gênesis 2:7* já apareceu quatro vezes na Bíblia Hebraica antes deste versículo onde fala do homem:

“E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente [hebraico, “nephesh”]; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus.” (Gênesis 1:20).

“E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente [hebraico, “nephesh”] que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom” (Gênesis 1:21).

“E disse Deus: Produza a terra alma vivente [hebraico: “nephesh”] conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi” (Gênesis 1:24).

“E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente [hebraico, “nephesh”], toda a erva verde será para mantimento; e assim foi” (Gênesis 1:30).

Estes versículos dizem claramente que os peixes, as aves, os animais e os répteis são “almas” no que diz respeito ao uso hebraico da palavra. (Se o leitor estiver interessado em prosseguir um pouco mais com isto, então *Gênesis 2:19; 9:10, 12, 15, 16; Levítico 11:46; 24:18* confirmará esta importante conclusão. E em *Apocalipse 16:3* nós temos um paralelo exato no NT onde “*e morreu no mar toda a alma vivente [“psuche”, grego]”; isto é, toda a criatura que vivia no oceano pereceu*). No entanto, tão deliberadamente a palavra “alma” lhe foi aplicada os animais. escondido nas nossas traduções para o inglês que devemos perguntar-nos porquê. Porque é que, por exemplo, os tradutores da nossa Bíblia King James usaram a palavra “alma” quase exclusivamente para o homem e quase nunca para os animais? A resposta é certamente que todos estes tradutores acreditavam na imortalidade inerente do homem, que o homem tem uma alma imortal. Contudo, encontraram uma escolha desagradável em *Números 31:28*: “*Então para o SENHOR tomarás o tributo dos homens de guerra, que saíram a esta peleja, de cada quinhentos uma alma, dos homens [hebraico: “nephesh”], e dos bois, e dos jumentos e das ovelhas*”.

É evidente que os tradutores aqui foram apanhados num dilema. Podiam chamar ao homem “criatura” ou ao gado, aos burros e às ovelhas “almas”; eles optaram pelo último. Tudo isso quer dizer que a Bíblia Hebraica não faz essa distinção arbitrária, porque em cada caso uma “alma” é simplesmente um “ser que respira”, a combinação única do corpo físico e do sopro da vida, seja peixe, pássaro, animal ou homem.

Os tradutores das nossas versões inglesas não nos fizeram nenhum favor ao esconder este facto. Aparentemente, estavam tão apegados à noção de que a palavra “alma” devia significar “alma imortal”, propriedade exclusiva do homem, que não estavam dispostos a revelar que “alma” é o atributo comum tanto do homem como do animal. [5]

Então, porquê fazer tanto alarido com estes detalhes? Estabeleça o ponto crítico de que nem o homem nem os animais, de acordo com as nossas Bíblias Hebraicas, são criaturas bipartidas cuja

alma após a morte abandona o corpo (e continua a existir de forma independente). Este dualismo que considera que o homem tem um corpo físico que é mortal e uma alma imortal, um espírito, alojado naquela “concha” não é de modo algum um conceito hebraico. Exploraremos este ponto com mais detalhe em breve. Mas, por agora, estabeleçamos o ponto de que, após a morte, um indivíduo (seja animal ou humano) simplesmente deixa de existir. A definição bíblica da morte é esta: “*porquanto és pó e em pó te tornarás*” (Gênesis 3:19).

Não: “O ‘verdadeiro tu’ é imortal, e aos céus eternos ascenderás!” O testemunho consistente de todas as Escrituras é: “*Não confieis em príncipes, nem em filho de homem [hebraico “adam”] ... olta para a terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos*” (Salmos 146:3, 4). Note-se que é “ele”, a própria pessoa, que “regressa à terra”, e não apenas o corpo! Morrer na Bíblia é “*dormem no pó da terra*” (Daniel 12:2). Na verdade, na morte o homem perde a capacidade de se relacionar com Deus, porque “*Os mortos não louvam ao SENHOR*” (Salmo 115:17); em vez disso, “*descem ao silêncio*”. Porque: “*Porque na morte não há lembrança de ti [Deus] ; no sepulcro quem te louvará?*” (Salmo 6:5). Ao morrer, o ser humano desiste, ou Deus retira, o sopro ou espírito de vida e toda a pessoa se dissolve: “*se lhes tiras o fôlego [hebraico, “ruach”, sopro], , morrem, e voltam para o seu pó*” (Salmos 104:29). Note-se novamente que são “eles mesmos”, todo o povo, que “regressam ao pó”. De facto, no entendimento hebraico, quando uma pessoa morre, é a alma que está morta: “*a alma que pecar, essa morrerá*” (Ezequiel 18:4, 20). Para o hebraico então a “alma” é o indivíduo, quer esteja vivo ou morto. Será que Paulo leva este tipo de pensamento para o NT, onde escreve que haverá “*Tribulação e angústia sobre toda a alma do homem que faz o mal; primeiramente do judeu e também do grego; Glória, porém, e honra e paz a qualquer que pratica o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego;*” (Romanos 2:9, 10). Mais uma vez, a “alma” nada mais é nada mais nada menos do que a pessoa inteira. Em vez de regressar ao céu na morte, a “alma”, a própria pessoa, regressa ao pó da terra a partir da qual foi criada.

Permitam-me simplesmente reforçar este ponto citando três ilustres estudiosos da Bíblia modernos. *Emil Brunner*: “O meu corpo não morre; Eu morro”. *Karl Barth*: “A morte significa a negação radical da vida e, portanto, da existência humana”. *Helmut Thielicke*: “A pessoa total extingue-se com a morte”.

Quanto à imortalidade, o AT não tem uma palavra diferente para a descrever. No NT, três palavras gregas correspondentes ao conceito aparecem num total de 17 vezes: “*athanasia*”, “imortalidade”; “*afarsia*”, “incorruptibilidade”; “*afthartos*”, “incorruptível”. Na sua recente monografia sobre o tema, *Murray Harris* observa:

estas palavras nunca aparecem [na Bíblia] em conexão com “alma” ou “espírito” ... [Em todos os casos em que são aplicadas diretamente a humanos (Romanos 2:7; 1 Coríntios 15:42, 50, 52-54), a referência é a um estado futuro] ... O conceito de “imortalidade da alma” não concorda com o teor dos ensinamentos do NT e, por isso, a expressão não merece um lugar na terminologia cristã... Enquanto Platão via a imortalidade como a propriedade natural do Estado de todas as almas humanas, o NT considera-a uma posse condicional e futura. Segundo Paulo... são “os que pertencem a Cristo”, e não todos os que estão em Adão, que na vinda de Cristo serão vivificados por uma transformação de ressurreição que resulta na imortalidade (1 Coríntios 15:22, 23, 42, 52). [6]

Em completo contraste com as nossas noções populares, a Bíblia afirma inequivocamente que só Deus “tem imortalidade” (1 Timóteo 6:16). Em Romanos 1 temos um contraste entre “a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis” (versículo 23). Portanto, o homem não pertence à classe imortal de Deus. Em vez disso, o homem é colocado na mesma classe que os pássaros, os animais e as criaturas rastejantes que perecem! “Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais, e lhes sucede a mesma coisa; como morre um, assim morre o outro; e todos têm o mesmo fôlego, e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma” (Eclesiastes 3:19, 20). O Tentador queria que o homem acreditasse no contrário desde o início, claro. Ele disse: “Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gênesis 3:4, 5). O curioso é que, apesar de todas as evidências claras em contrário, o homem ainda assim escolhe acreditar nesta mentira satânica, agarrando-se à noção de que é imortal. A escolha clara é então acreditar na palavra de Deus: “Pois tu és pó e ao pó voltarás” ou acreditar na mentira do Diabo: “Não morrerás” porque és imortal como Deus. Apenas uma opção é verdadeira. A mensagem do NT é que a imortalidade não é uma herança que recebemos naturalmente de Adão, mas um dom legado – na Segunda Vinda – ao cristão através do segundo Adão, que é Cristo Jesus.

A importância crucial desta diferença não deve passar despercebida a nenhum crente atento da Bíblia. Houve uma mudança sutil, mas prejudicial, da ênfase da Bíblia na ressurreição dos mortos na Segunda Vinda de Cristo para o que acontece ao indivíduo no momento da morte: “Quando eu morrer, o que me acontece? O que encontrarei no “outro lado”? J.A.T. Robinson sublinha que esta mudança paradigmática no cristianismo popular nos colocou muito longe da mensagem do NT:

Pois no NT, o ponto em torno do qual giram a esperança e o interesse não é o momento da morte, mas o dia da “Parousia”, ou o aparecimento de Cristo na glória do seu Reino... O centro de interesse e a expectativa continuou, ao longo de todo o NT, centrando-se no dia do Filho do Homem e no triunfo do seu Reino numa terra renovada. Foi o reinado do Senhor Jesus com todos os seus santos que ocupou os pensamentos e as orações dos cristãos, e não a sua própria perspectiva para além do túmulo. A esperança era social e histórica. Mas já no século II d. C. iniciou uma mudança no centro de gravidade que levaria na Idade Média a uma doutrina muito diferente. Enquanto no pensamento cristão primitivo o momento da morte do indivíduo estava inteiramente subordinado ao grande dia do Senhor e ao juízo final, no pensamento posterior é a hora da morte que se torna decisiva. [7]

Do princípio ao fim, a esperança apostólica centrou-se na ressurreição corporativa dos mortos na Segunda Vinda de Cristo (a sua “Parousia”). Não havia crença de que um indivíduo após a morte iria imediatamente para a presença de Deus. A mensagem do AT é que os mortos não sabem absolutamente nada (Eclesiastes 9:5), e “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno” (Daniel 12:2). Jesus repetiu esta mensagem no NT: “Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação” (João 5:28, 29).

Onde estão todos os fiéis mortos agora? De acordo com a Bíblia, os grandes heróis de Deus, como Abraão, Moisés, David e outros, ainda estão na terra à espera do regresso da voz do Senhor Jesus para os chamar de volta à consciência: “todos estes morreram na fé... [e], sem terem recebido as promessas... para que eles [os crentes do NT] sem nós não fossem aperfeiçoados”. (Hebreus

11:13, 39, 40). “Homens irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura... Porque Davi não subiu aos céus” (Atos 2:29, 34). A “alma” de David não subiu ao céu, diz Pedro no dia de Pentecostes, depois de o próprio Jesus ter ascendido ao céu! “David”, a própria pessoa, ainda está morta!

Job compreendeu esta verdade básica: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus, Vê-lo-ei, por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros o contemplarão; e por isso os meus rins se consomem no meu interior” (Job 19:25-27).

Ao acreditar na promessa de Deus, Job sabe que no final desta era será ressuscitado corporalmente para contemplar a glória de Deus. Entretanto, na morte, não verá a glória de Deus. Job não anseia pela morte para poder ir imediatamente para o céu e ver o seu Redentor. Não, ele anseia pelo dia do fim dos tempos, quando será ressuscitado para esta nova e gloriosa consciência. Só assim ele “verá a Deus”. Job agora não vê Deus em glória porque ele próprio não tem consciência na terra.

Os heróis da fé não estão no céu. Todos juntos, tanto crentes do AT como do NT, seremos ressuscitados “na vinda de Cristo [grego, “*parousia*”]” (1 Coríntios 15:23). Com esta perspectiva apostólica, podemos ver quão seriamente a noção popular de “almas no céu” mina a esperança da ressurreição corporativa na Segunda Vinda de Cristo. Despojou a Igreja da sua poderosa esperança escatológica. (Escatologia é o estudo das últimas coisas, do fim dos tempos).

O momento importantíssimo da vinda de Cristo para estabelecer o seu Reino foi substituído pelo momento da morte do indivíduo. Portanto, o entendimento comum deste assunto não é reconhecidamente cristão pelos padrões do NT, e numa questão tão central para a fé! A história mostra, contudo, que em vez de admitir isto, persistimos na ilusão de que um compromisso satisfatório pode ser alcançado entre o Cristianismo original e a sua transformação posterior. Há uma relutância em romper com a tradição. [8]

O “Ladrão” Moribundo Na Cruz

Existem vários textos bíblicos que parecem ensinar a visão popular de que as “almas imortais” já estão no céu. Vamos dar uma vista de olhos àqueles versículos aos quais muitas vezes recorreremos. E o “ladrão” moribundo na cruz? Ele orou: “*Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso*” (Lucas 23:42, 43). À primeira vista, isto pode dar a impressão de que, quando este ladrão arrependido morresse, estaria “hoje” a desfrutar de comunhão consciente com Cristo no Paraíso, isto é, no céu. Mas se examinarmos mais de perto, há outra interpretação que harmoniza este versículo com o resto da Bíblia.

Em primeiro lugar, notemos que o criminoso nem sequer pergunta sobre a vida após a morte, tal como a entendemos. Ele está a pedir garantia de que será salvo quando Jesus regressar como Rei para *inaugurar o seu Reino prometido na terra*. “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino!” pergunta ele. Este moribundo expressa nos termos de fé mais fortes possíveis que, contrariamente a todas as aparências no momento da sua rejeição, Jesus é realmente o Messias de Deus. Na mente judaica, incluindo a de Jesus e dos seus apóstolos, o Reino do Messias foi sempre

um futuro dia de glória, quando o povo de Deus seria ressuscitado e entraria na vida da Era Vindouro.

No capítulo anterior, Lucas regista as próprias palavras de Jesus sobre isso. Ele prometeu aos seus discípulos: *“Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus”* (Lucas 22:18). E poucos versículos depois volta a dizer aos discípulos: *“E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel”* (Lucas 22:28-30). O Reino foi sempre um acontecimento futuro, nunca uma posse presente de santos mortos já no céu. A palavra *“Paraíso”* é uma expressão judaica clássica deste Reino vindouro. Refere-se à esperança de que tudo o que o homem perdeu no Jardim do Éden através do pecado de Adão será restaurado quando o Messias vier. Que magnífica fé este ladrão moribundo expressa a Jesus! O criminoso do outro lado de Jesus continua a insultar Jesus; a multidão em redor da cruz escarnece: *“Aos outros salvou, salve-se a si mesmo”*; os soldados debaixo da cruz jogam cruelmente pelos últimos bens de Jesus; Os líderes religiosos de Israel ao ouvirem Jesus clamar a Deus dizem: *“Vamos ver se Deus quer agora!”* e sobre a sua cabeça Pilatos escreveu uma inscrição trocista: *“Este é o Rei dos Judeus”*. Jesus está a morrer abandonado por todos. Mas nesta hora terrível, o ladrão arrependido é o único encorajamento de Jesus. Olhe em frente e veja Jesus como o Messias vindicado como Rei de Deus, o governante da prometida Nova Era!

Mas e a difícil palavra *“hoje”*? Jesus prometeu a este homem: *“Hoje estarás comigo no paraíso.”* Eis um ponto controverso no texto grego original. Como os textos gregos têm muito pouca pontuação, é uma questão de escolha pessoal onde os tradutores colocam vírgulas, pontos, quebras de parágrafo, etc. Por outras palavras, o texto diz: *“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso?”* Ou diz: *“Em verdade te digo hoje que estarás comigo no Paraíso?”* Embora o grego seja ambíguo, felizmente não temos de adivinhar quando temos em conta o restante testemunho bíblico. Segundo Jesus, não estaria no Paraíso quando morresse: *“Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra”* (Mateus 12:40) Entre a sua morte e ressurreição, Jesus coloca-se *“no seio da terra”*. Paulo diz-nos que Cristo, quando morreu, estava no *“abismo”* (Romanos 10:7), que não é o Paraíso no pensamento bíblico. E no dia de Pentecostes, Pedro afirma que Jesus esteve no *“hades”* e ter-se-ia decomposto completamente lá, não fosse Deus Pai que o ressuscitou ao terceiro dia (Atos 2:27, 31). *“Hades”* é o lugar dos mortos: *“túmulo”*. Mais uma vez, isto não é o Paraíso! Além disso, mesmo no dia da sua ressurreição, o testemunho firme de Jesus é que ainda não tinha ascendido ao Pai (João 20:17).

Como pode então pensar que Jesus poderia oferecer ao ladrão um lugar no Paraíso nesse mesmo dia antes da sua ressurreição? Podemos ter a certeza de que Jesus não quis dizer que foi ao Paraíso com o ladrão no mesmo dia em que ambos morreram. Na verdade, há vários momentos na Bíblia em que, para maior ênfase, o orador diz: *“Digo-te hoje...”*. Por exemplo, numa declaração solene, Moisés diz: *“Então eu vos declaro hoje que, certamente, perecereis”* (Deuteronomio 30:18). E Paulo, também para enfatizar a gravidade das suas palavras, diz: *“Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos”* (Atos 20:26). Dir-se-ia então que, para fazer a este ladrão moribundo a mais solene das promessas, Jesus disse: *“Em verdade te digo hoje estarás comigo no Paraíso”*.

Apesar de todas as evidências bíblicas em contrário, alguns propuseram que o Paraíso aqui estava, na verdade, no mundo espiritual dos falecidos. *Anthony Buzzard* observa sobre o paraíso:

Mas o paraíso das Escrituras não se encontra no coração da terra, mas no jardim restaurado do Éden, que contém a árvore da vida: “o que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus” (*Apocalipse 2:7; 22:2*). Ninguém proporia que a árvore da vida crescesse no reino dos mortos! [9]

Onde Estão Elias e Enoque Agora?

À primeira vista, pode parecer ao leitor casual que existem duas exceções históricas à regra de que todos os homens morreram e desceram diretamente à sepultura. Poderá perguntar-se: onde estão Elias e Enoque, se, como a Bíblia parece sugerir, foram diretamente ter com Deus no céu, sem ver a morte? Não foi Elias transportado vivo pela carruagem puxada por cavalos de fogo diretamente para o céu? E não foi Enoque elevado para não ver a morte? e não foi encontrado porque Deus o levou; Porque obteve o testemunho de que antes de ser levado agradou a Deus (*Hebreus 11:5*)?

A ideia comumente aceita de que Enoque está agora vivo no céu parece adequar-se à primeira e aparentemente natural leitura deste texto. Contudo, após uma reflexão mais profunda e uma leitura mais exaustiva do registo bíblico, ver-se-á que esta noção representa uma importação da filosofia platónica. [10]

Antes de examinarmos o texto em si, notamos primeiro que Enoque está incluído no “hall da fama”, que é uma lista de muitos heróis notáveis da fé. De seguida, o escritor afirma: “*Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas*” (*Hebreus 11:13*). Cada uma destas pessoas, incluindo Enoque, morreu. Quando se trata da questão da morte, o escritor de Hebreus não permite exceções: “**TODOS ESTES MORRERAM**”.

O autor continua enumerando outros homens e mulheres de fé. Resume mais uma vez a sua mensagem constante: “*E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo contando de Gideão, e de Baraque, e de Sansão, e de Jefté, e de Davi, e de Samuel e dos profetas... E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados*” (*Hebreus 11:32, 39, 40*).

Não há aqui qualquer indicação de que Enoque ou Elias, os profetas, sejam agora imortais no céu e estejam a desfrutar da sua recompensa “separados de nós”. Ambos os homens foram “removidos” sobrenaturalmente, mas é um salto injustificado sugerir que foram levados para o trono de Deus, como veremos agora.

Elias

O ano em que Elias foi sobrenaturalmente levantado e levado num turbilhão pelo carro de fogo de Deus pode ser fixado em 852 a.C. Este foi o ano em que Jorão, filho de Acabe, começou a reinar sobre o reino do Norte de Israel (*2 Reis 1:17; 3:1*). Ao ler estes versículos, irá reparar que havia outro rei, Jorão, que reinou com o seu pai, o rei Jeosafá, no reino do Sul de Judá. Sabemos que este Jorão se tornou o único rei de Judá em 848 a.C., após a morte de Jeosafá (*2 Reis 8:16*). Assim,

desde a época do desaparecimento de Elias em 852 até 841 a.C. Houve um Jorão em Judá e um Jorão em Israel. Na verdade, eram cunhados.

Jorão de Judá voltou-se para a idolatria (*2 Crônicas 21:11*). Agora leia isto com atenção: Em 842 a.C., um ano antes de morrer, e dez anos depois da partida de Elias, Jorão de Judá recebeu uma carta de Elias (*2 Crônicas 21:12-15*)! Elias ainda estava vivo na terra, ainda ativo para Deus dez anos depois de ter sido apanhado pelo turbilhão milagroso!

Em 852 a.C. Elias “*subiu ao céu num redemoinho*” (*2 Reis 2:11*). Os profetas pensaram que devia ter sido atirado para alguma montanha ou vale e cinquenta homens procuraram-no durante três dias sem sucesso (*2 Reis 2:17*). Claramente não pensavam que Elias estivesse próximo do trono de Deus no céu. Esperavam que ele tivesse sido transferido para algum outro lugar na terra. E acontece que Elias foi transportado pelo céu para algum outro lugar da terra.

Pode haver um paralelo no NT com o arrebatamento milagroso de Filipe ao eunuco (*Atos 8:39*). Nesta ocasião, Filipe “*se achou em Azoto*” (*versículo 40*). De modo similar, Elias foi depositado num lugar secreto, conhecido apenas por Deus, onde continuou a exercer uma preocupação vigilante e com oração pelos assuntos de Israel e Judá, conforme confirmado pela sua carta a Jorão. (Deus fez este tipo de coisas, recordam-se, com o corpo de Moisés.) Elias quebrou o silêncio após dez anos de segredo. Não nos dizem mais nada. A forma da sua morte, o local da sua morte, não somos informados. A próxima vez que “aparece” no registo bíblico é em *Mateus 17*, onde os três discípulos o veem sob a forma de uma visão com Moisés a falar com Jesus (*Mateus 17:9*). Mas, segundo o autor de Hebreus, Elias “morreu” na fé como todos os profetas como Moisés, e agora aguarda a ressurreição quando Cristo voltar. Independentemente disso, temos o ensino inequívoco de Jesus antes da sua própria ressurreição de que “ninguém subiu ao céu” (*João 3:13*).

Então, o que Aconteceu a Enoque?

O registo não diz que Enoque foi transfigurado (ou transferido) para estar com Deus no céu? Ele é uma exceção? Génesis diz: “*E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou*” (*Génesis 5:24*). O texto hebraico não tem verbo principal e diz simplesmente: “*e não, porque Deus o levou*”. O outro verbo “tomar” é um verbo hebraico comum (*laqah*) e significa “tomar, remover, tirar, transportar”. A sua utilização abrange “retirar” as compras de um mercado, uma mulher da casa do pai através do casamento ou a vida pela violência. Este último significado merece uma investigação mais aprofundada, uma vez que sempre que o objeto é a vida de uma pessoa (*nephesh*) em cada instância do AT, o significado é “tirar a vida, matar”. [11] Vamos ver.

Elias usa “*laqah*” para se referir aos planos de seus oponentes de buscar sua vida (*nephesh*) “**para tirá-la dele**”. (*1 Reis 19:10, 14*). O salmista diz: “E eles pretendem **tirar a minha vida**” (*Salmo 31:13*). Ezequiel diz que se uma espada vem e tira a vida de uma pessoa, “**este tal foi levado na sua iniquidade**” (*Ezequiel 33:6*). Jonas ora a Deus: “**Peço-te, pois, ó SENHOR, tira-me a vida**” (*Jonas 4:3*), e Elias também orou: “**toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais**” (*1 Reis 19:4*). Nestes dois últimos exemplos, pode ser Deus quem “tira” o ser ou a vida.

Contudo, o verbo “*laqah*” não carrega o sentido de matar ou destruição em todos os casos do seu uso. O próprio Deus diz que na Sua ira deu um rei e na Sua ira o tirou (*Oséias 13:11*; ver

também *Salmos 73:24; 49:15*). Vemos assim que “*laqah*” nem sempre significa destruído ou morto.

Ao reunirmos estas provas, reparamos que a frase “*Deus para si o tomou*” de *Gênesis 5:24* não é única. É uma expressão hebraica comum e por si só não sugeriria uma experiência única para Enoque. Um leitor hebreu do AT compreenderia que a frase “Deus levou-o” implica uma intervenção de Deus, provavelmente através da morte, mas não necessariamente. Seria necessário mais do que a própria frase para indicar que Enoque contornou a morte e foi levado por Deus para o Seu céu. O próprio AT não nos dá mais informações sobre o paradeiro de Enoque, exceto dizer que “*E foram todos os dias de Enoque trezentos e sessenta e cinco anos*” (*Gênesis 5:23*).

É a tradução grega do hebraico feita por volta de 250 a.C., chamada Septuaginta (LXX) que expande a leitura do Gênesis. A LXX lê *Gênesis 5:24* desta forma: “*Não foi encontrado porque Deus o removeu*”. O “não ele” do texto hebraico passou a ser “ele não foi encontrado” e o “Deus levou-o” foi qualificado para “Deus moveu-o”. Esta tradução vai além do original hebraico, mas não significa necessariamente mais, como veremos agora. A palavra grega traduzida por “transferido” (*metatithemi*) significa colocar ou posicionar de forma diferente, mudar de posição em relação às opiniões, realocar, realocar, transferir. É frequentemente utilizado para realocar os marcadores de fronteira, ou seja, transferir os marcos de um vizinho (ver *Deuteronômio 27:17; Provérbios 23:10; Oseias 5:10*, etc.). Pode ser usado para mudar lealdades (*1 Reis 21:25; 20:25*, LXX). Pode ser usado para realocar montanhas (*Salmo 45:3; Isaías 29:14*, LXX), ou para mover pessoas e realocá-las. No NT aparece assim: “*E Jacó desceu ao Egito, e morreu, ele e nossos pais; E foram transportados para Siquém*” (*Atos 7:15, 16*). Ou: “*Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho*” (*Gálatas 1:6*). Ou: “*Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei*” (*Hebreus 7:12*) E, claro, “*Pela fé Enoque foi trasladado... porque Deus o trasladara*” (*Hebreus 11:5*).

Portanto, o uso do verbo na LXX e no NT sugere fortemente que o entendemos em *Gênesis 5:24* (LXX) como o movimento de Enoque por Deus de um lugar para outro local ou lugar. NÃO é a palavra para transfiguração ou transformação e não fala de ser levado à imortalidade. Vimos que Elias foi transferido de um lugar terrestre para outro na Palestina. Enoque foi traduzido de forma semelhante?

Notamos que Hebreus introduz a sua citação com “*Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte*”. Todo o capítulo nos conta que feitos poderosos foram realizados pelos seus heróis da fé, e aqui somos informados de que Enoque realizou algo poderoso através da sua fé: foi trasladado para não ver a morte. NOTA, NÃO diz que ele foi transferido para Deus no céu. Diz claramente que o propósito da sua transferência foi para que “*não visse a morte*”. O que é que isto significa?

Existem algumas pistas. A mesma frase aparece em *Lucas 2:26*, onde o profeta Simeão viu o Messias menino como Deus lhe tinha prometido. Simeão segura a criança nos braços e declara agora que está pronto para “*ver a morte*”. Simeão ora a Deus para que esteja pronto para morrer em paz. Portanto, “*ver a morte*” é o oposto de “*ver a vida*”.

Jesus diz que aquele que não Lhe obedece “*não verá a vida*”, mas experimentará “*a ira de Deus sobre ele*” (*João 3:36*). Promete também que se alguém cumprir a sua palavra, “*nunca verá a morte*” e no versículo seguinte fala sobre “*nunca provará a morte*” (*João 8:51, 52*).

Podemos perguntar, então, em que sentido é que Enoque não viu, experimentou ou provou a morte? Foi um adiamento da morte natural como a de Simeão? Este não parece ser o sentido natural porque Enoque viveu apenas 365 anos numa geração em que era considerado muito jovem. Foi o ato de evitar experimentar a ira de Deus que trouxe a morte à geração contra a qual Enoque profetizou? (isto é, a morte eterna, a segunda morte de *João 8:51, 52* e *Apocalipse 20:14?*). Possivelmente.

Uma sugestão foi que Enoque enfrentou uma morte violenta às mãos da sua geração má e que Deus o resgatou de um destino tão terrível. Enoque parece ter sido um profeta corajoso que anunciou à sua geração o juízo vindouro (*Judas 14-15*). Talvez tenha sido transferido ou transferido de um lugar para outro (tal como Elias evidentemente tinha sido) para não ver uma morte violenta como mártir por parte daquele povo violento? Possivelmente.

Uma coisa, porém, é certa. Independentemente do que realmente aconteceu a Enoque, seja o que for que *Gênesis 5:24* e *Hebreus 11:5* signifiquem, a ascensão ao céu não é declarada a Enoque nem no AT nem no NT. Como podemos ter tanta certeza? Simplesmente porque o escritor de Hebreus nos diz que Enoque morreu com todos os outros heróis da fé. Enoque ainda não recebeu a sua recompensa. Agora está a dormir aguardando a ressurreição quando Cristo voltar.

Se Enoque é a exceção à regra, então diversas afirmações axiomáticas das Escrituras revelam-se falsas. Em primeiro lugar, a afirmação de Paulo de que por causa da transgressão de Adão “*assim também a morte passou a todos os homens*” e que, “*No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés*” é falsa (*Romanos 5:12, 14*). Paulo não abre exceções, apesar de Enoque: todos os homens morreram entre Adão e Moisés! Sabemos também que, no final do primeiro século apostólico, nenhum outro ser humano, para além de Jesus, o Messias, tinha sido ressuscitado da morte para a imortalidade. Antes da sua própria morte, a crença de Jesus era que “*Ninguém subiu ao céu*” (*João 3:13*). Cristo foi “*as primícias, depois os que são de Cristo*” (*1 Coríntios 15:23*). Jesus era “*o primogênito dentre os mortos*” (*Colossenses 1:18*). Só “depois” do seu regresso “na sua vinda” é que “*os que são de Cristo*” serão ressuscitados para a imortalidade e receberão a recompensa prometida (*1 Coríntios 15:23*). Entre a ressurreição de Cristo e a segunda vinda, todos os santos “*que em Jesus dormem*” (*1 Tessalonicenses 4:14*). Isto inclui todos os santos do AT, como ensina Hebreus. O próprio David “*não subiu ao céu*” e ainda está morto e sepultado, “*e a sua sepultura está conosco até hoje*” (*Atos 2:29*). O primeiro e até agora único ser humano que ascendeu corporalmente ao céu é o próprio Jesus. Isto está claro. Até axiomático.

Em segundo lugar, aqueles que morreram pereceram para sempre, a não ser que haja ressurreição (*1 Coríntios 15:18*). A imortalidade é um dom dado aos fiéis apenas quando Cristo regressar e os ressuscitar dentre os mortos (*1 Coríntios 15:51-54; 1 Tessalonicenses 4:13-17; João 5:29*, etc.). nossa única esperança de entrar no reino prometido de Deus. A ideia de que Enoque e Elias poderiam ter precedido Jesus Cristo na glória da ascensão é uma noção antibíblica e negadora de Cristo que deve ser abandonada. A ideia de que as almas humanas ainda hoje entram na glória de Deus no céu sem a ressurreição que inaugura o Reino do Messias é uma invenção platónica sem base bíblica. Elias e Enoque, segundo o registo bíblico, morreram, embora tenham experimentado uma transferência milagrosa realizada por Deus durante as suas vidas.

Moisés e Elias no Monte da Transfiguração

Para manter a crença de que as almas se tornam conscientes após a morte, alguns apelam à experiência que Pedro, Tiago e João tiveram com Jesus no Monte da Transfiguração. No cimo da montanha, Jesus “*E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele*” (Mateus 17:2, 3).

Lucas conta-nos mesmo o tema da conversa: “*falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém*” (Lucas 9:31).

Não prova isto que Moisés e Elias estão agora vivos com Deus no céu? A chave é encontrada enquanto os três discípulos descem a montanha. Jesus encarrega-os: “*A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja ressuscitado dentre os mortos*” (Mateus 17:9).

De acordo com a palavra de Jesus então, o que os discípulos tiveram foi uma visão. Uma visão não é a realidade. E tal como outras visões nas Escrituras, esta não deve ser interpretada literalmente como um evento histórico que ocorreu no primeiro século. As visões bíblicas representam normalmente esboços proféticos de acontecimentos futuros no programa de Deus para todos os tempos.

É exatamente assim que Pedro se recorda mais tarde desta visão na montanha. Pedro diz que, quando estavam no Monte da Transfiguração, viram “*a virtude e a vinda [em grego, *parousia*] de nosso Senhor Jesus Cristo*” (2 Pedro 1:16-18). Esta palavra “*parousia*” é a grande palavra do NT para a Segunda Vinda de Jesus Cristo, quando regressar à terra para estabelecer a Nova Era prometida por Deus. Todo o contexto de 2 Pedro 1 é um comentário sobre a incrível visão da transfiguração e promete com certeza que Jesus Cristo voltará para inaugurar o Reino de Deus (ver 2 Pedro 1:11: “*o reino eterno*” e versículo 19: “*que o dia amanheça*”). E no meio da discussão de Pedro, onde traz segurança e esperança aos cristãos perseguidos em relação à realidade do regresso do Rei Jesus, menciona o monte da transfiguração, a visão de Jesus a aparecer na sua glória. Foi, diz Pedro, uma visão na qual não só ouviram falar da morte iminente que Jesus enfrentaria em Jerusalém (Marcos 9:31), mas também experimentaram a glória da “*parousia*”.

De uma forma maravilhosa, neste monte da transfiguração, Deus permitiu que estes discípulos tivessem uma visão da gloriosa vinda do Reino de Cristo na terra. Nesse Reino, santos mortos como Moisés e Elias serão ressuscitados. O próprio Abraão estará lá, juntamente com Isaac e Jacob (Mateus 8:11). Na verdade, todos aqueles que têm esta esperança em Cristo estarão realmente lá e falarão com Jesus tal como Moisés e Elias fizeram nesta visão na montanha!

É certo que Moisés e Elias já não gozam conscientemente da glória de Deus, porque, como vimos, é um princípio axiomático que todos os heróis da fé do AT morreram “*sem terem recebido as promessas*” e “*para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados.*” (Hebreus 11:13, 40). Aqueles que já morreram na fé não recebem a imortalidade até à “*parousia*”. Não é aqui ensinado que Moisés e Elias desfrutaram de uma existência post-mortem no céu.

Saul e a Bruxa Adivinhadora de Endor

Para apoiar a ideia de que os profetas e santos do Antigo Testamento estão agora num estado de consciência desencarnada, é frequentemente citado o relato da bruxa de Endor que convocou o falecido “Samuel” para entregar uma mensagem de desespero ao Rei Saul. Os factos são

apresentados em *1 Samuel 28* e *1 Crônicas 10*. Mas os comentadores discordam quanto à interpretação destes factos: Terá sido realmente o “espírito” do falecido Samuel, ou terá sido um espírito demoníaco enganador, fingindo ser por Samuel aquele que apareceu?

Observamos o seguinte. Samuel estava realmente morto (*1 Samuel 28:3*). A não ser que se possa demonstrar que Samuel não se dissolveu no pó da terra como é o destino de todos os homens, temos de assumir que ele estava realmente morto e sepultado (*versículo 3*). Nas palavras do sul-americano: “Os *de-yad* são *de-yad!*” E os mortos nada sabem (*Eclesiastes 9:5*). Alguns comentadores sugerem que, quem quer que seja aqui evocado como “Samuel”, é significativo que o texto não utilize a palavra hebraica normal para “espírito dos mortos” (*’obh*). Em vez disso, é-nos dito que a bruxa vê “um deus” (*elohim*), ou como traduz a NASB, vê “*ejo deuses que sobem da terra*” (*versículo 13*). A bruxa descreve este ser como “*um homem ancião*” que “*está envolto numa capa*” (*versículo 14*). O rei Saul curva-se perante “Samuel” e dá-se uma conversa entre os dois, não é claro se através da bruxa ou sem a médium.

Então este “Samuel” é realmente o espírito do profeta morto ou é outra personagem a fazer-se passar por Samuel? *Warren Prestidge* (cujo livro citei com aprovação ao longo deste capítulo) acredita que este é realmente o Samuel morto que aparece. A aparição de Samuel “é apresentada como uma obra ‘única’ de Deus”. *Prestidge* cita *W. Beuken*, que diz que Samuel “não vem como um fantasma morto..., mas como um profeta do Deus vivo”. Para *Prestidge e Beuken*, o decisivo é que “Samuel” entregue realmente a verdadeira mensagem de Deus ao Rei Saul. *Prestidge* apressa-se a acrescentar que “a história não dá crédito ao espiritismo, nem diz nada sobre o estado da morte, a não ser que também aí Deus está no controlo”. [12] (Embora o texto não o diga, a explicação mais provável para a notável semelhança com Samuel [a sua aparência de homem velho e o seu “uso” de um manto de profeta] é que a bruxa tem uma visão. Afinal, aos discípulos do Monte da Transfiguração foi permitido “ver” Moisés e Elias e “ouvi-los” falar com Jesus. Certamente, não é incomum que os espiritualistas entrem em estado de transe e relatem todos os tipos de visões).

Tenho dificuldade com a conclusão de *Prestidge* aqui, embora reconheça a verdade de que Deus é soberano e poderia, se assim o desejasse, levar Samuel a falar com o rei Saul. O problema que tenho com isto vem de vários ângulos. Em primeiro lugar, é claro que o Rei Saul não pode realmente ver “Samuel”. Só a bruxa vê este “ser divino” através da sua feitiçaria. É evidente que “Samuel” não está fisicamente, isto é, num corpo. A Bíblia deixa claro que para se fazer passar por ser humano é preciso estar no corpo. Um ser humano não tem alma. Um ser humano é uma alma vivente. Na economia de Deus não existe o espírito humano desencarnado. Não existe nem pode existir independentemente do corpo. Isto é axiomático, como já foi discutido. Ter “Samuel” vivo sem ressurreição corporal é quebrar o modelo bíblico tanto do AT como do NT, como veremos em breve.

Em segundo lugar, Deus condena categoricamente a prática da necromancia e da consulta de “*espíritos familiares*” (ver *Levítico 19:31; 20:6; Deuteronómio 18:10, 11; Isaías 8:19, 20*, etc.). prática detestável apenas para satisfazer os caprichos de Saulo. Até este ponto, o Senhor recusou firmemente comunicar com Saulo por qualquer meio genuíno (*versículo 6*). Deus rejeitou Saul completamente. Na ausência do arrependimento de Saulo, não há razão para acreditar que Deus tenha mudado subitamente de ideias. Pelo contrário, Deus entregou Saul a um espírito de engano e de erro.

Concluo, assim, que todo o episódio é um caso de personificação demoníaca. A Bíblia indica que o mundo da bruxaria está cheio de perigos e enganoso. Mas não é um mundo de fantasia sem substância. Os poderes lá são reais. Personalidades demoníacas inteligentes que existem. Os “espíritos familiares” são anjos caídos que zelam e observam de perto o nosso comportamento. Conseguem imitar facilmente um humano morto. Através dos médiuns espíritas, podem transmitir informações pessoais surpreendentes a parentes enlutados, levando os vulneráveis a acreditar que este é realmente o seu ente querido falecido. Concluo então que a bruxa (profetisa) de Endor vê realmente “um deus”, “um ser divino”, um demônio. Como *Anthony Buzzard* observa na sua análise da história, “o comentário a *1 Crônicas 10:13*, lido no original [hebraico], sugere que o que Saulo consultou foi o próprio espírito familiar, em vez de, como ele pensava, o fantasma de Samuel”. [13]

As Almas Sob o Altar

Já que estamos no tema das visões, consideremos outra passagem das Escrituras que se acredita ensinar que após a morte, os cristãos vão imediatamente para o céu num estado desencarnado. Juan tem uma visão:

“E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram” (Apocalipse 6:9-11).

Já observámos que as visões são simbólicas. A visão de João destas almas sob o altar ocorre num livro de natureza visionária. Neste mesmo livro do Apocalipse vemos a igreja chamada candelabro (*1:20*); vemos uma espada a sair da boca de Jesus (*19:15*); Vemos uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e usando na cabeça uma coroa de doze estrelas (*12:1*), mas nenhum expositor deixa de ver as suas interpretações simbólicas. Isto deveria dar-nos motivos para proceder com cautela nesta visão das “almas debaixo do altar”, pois é um princípio de interpretação comumente aceite que uma passagem simbólica nunca deve ser usada para derrubar o que é claramente ensinado noutra lugar. Aqui, o “altar” e as “mantas” não têm necessariamente de ser interpretados literalmente. Os altos clamores das “almas” também não são necessariamente orações literais. Se insistirmos literalmente neste ponto, obteremos o ensino ridículo de que “almas” conscientes permanecem sob um móvel, o altar, durante séculos!

Mais uma vez, se colocarmos os nossos olhos hebreus, descobriremos a chave da interpretação. De acordo com Génesis 4, Deus diz a Caim, que acaba de assassinar o seu irmão Abel: “*A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra*” (*Génesis 4:10*). Assim, falando figurativamente, o sangue inocente de Abel está a pedir justiça a Deus.

Na verdade, existem vários textos bíblicos que descrevem os mortos na sepultura a falar e a demonstrar emoções. *Isaias 14* descreve “*sheol*”, a palavra hebraica para “sepultura”, antecipando ansiosamente a morte e a descida do malvado rei da Babilónia. Todos os líderes mortos da Terra e “espíritos dos mortos” se levantam em antecipação da morte do rei. Dizem: “*Você tornou-se como nós. A tua pompa e a música das tuas harpas foram levadas ao “sheol”; os vermes estão*

espalhados como a sua cama debaixo de si, e os vermes são a sua cobertura”. Vê-se até que “os ciprestes” e “os cedros” estão felizes com a notícia. São imagens claramente poéticas. “As imagens mitológicas do estado de morte são utilizadas para fins retóricos, não como elementos de doutrina”. [14]

De facto, se revermos mais alguns capítulos do livro do Apocalipse, somos claramente informados de que estas almas não estão conscientes; Não estão vivos, mas revivem no regresso de Cristo à terra: “*e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus... Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição*” (Apocalipse 20:4, 5).

Isto é consistente com o resto do testemunho bíblico. Os mortos só reviverão quando Cristo regressar como Rei a esta terra.

A parábola do homem rico e de Lázaro (*Lucas 16:19-31*) segue o mesmo molde metafórico hebraico: “*Havia um homem rico...*” As parábolas são representações simbólicas da verdade. Os vários detalhes da história não devem ser considerados pelo seu valor nominal. Nunca é boa ideia construir uma doutrina em linguagem figurada ou simbólica. Esta é uma parábola sobre um homem pobre que morre e os anjos levam-no para o “seio de Abraão”. O homem rico (simbolizando os fariseus) morre e é encontrado em tormento no “*hades*”.

Sabemos que a história não pretende ensinar nada sobre o estado dos mortos, por diversas razões. Em primeiro lugar, na parábola Abraão é visto consciente. Já vimos que se diz constantemente que os mortos estão inconscientes. Os heróis da fé do AT estão “silenciosos” no subsolo. Em segundo lugar, o resto das Escrituras ensina que os castigos e as recompensas não ocorrem ao morrer desencarnado, mas são recebidos na Segunda Vinda, na “*parousia*”, após o morto regressar à vida. (Quando o Senhor Jesus for revelado do céu, distribuirá a retribuição, 2 *Tessalonicenses 1:7-9*. Ver também *Atos 17:31; Romanos 2:16; 2 Timóteo 4:8; Apocalipse 20:13*) Jesus usa esta história estava provavelmente na moda e era familiar aos seus ouvintes pelo seu “efeito retórico”. Há uma certeza. Jesus não ensinou que os mortos já têm a sua recompensa. Apenas alguns capítulos antes, Jesus disse que os justos serão recompensados na “*ressurreição dos justos*” (*Lucas 14:14*).

A visão de João destas almas a clamar a Deus segue a mesma tradição hebraica. O seu sangue, derramado violentamente, clama figurativamente a Deus por vindicação: “*Simboliza graficamente a necessidade urgente da vinda do Reino final de Deus para vindicar o seu povo massacrado em seu nome, mas não nos diz nada de literal sobre o estado do estado morto. além disso, é, pelo menos para alguns, um estado de ‘descanso’ (Apocalipse 6:11; comparar, 14:13).*” [15]

O Deus dos Vivos, não dos Mortos.

É realmente incrível como as nossas mentes ligadas à tradição conseguem ler o que é flagrantemente óbvio para ensinar “verdades” que não estão no texto. Certamente, se há alguma passagem que ensina que os mortos estão conscientemente em comunhão com Deus neste momento, é *Mateus 22:23-33* (também *Marcos 12:18-27* e *Lucas 20:27-40*), onde Jesus diz que Deus “*Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para ele vivem todos*” (*Lucas 20:38*). Se olhar mais de perto, verá que Jesus estava a ensinar exatamente o contrário.

Em primeiro lugar, é de notar que Jesus diz estas palavras aos saduceus (que dizem que não há ressurreição, *Mateus 22:23*). O tema em discussão é a ressurreição dos mortos. Os saduceus tentam enredar Jesus propondo uma situação hipotética em que uma mulher perde o marido antes de ter a oportunidade de ter filhos com ele. O irmão do homem casa-se então com ela, de acordo com a prática judaica, para que a linhagem familiar possa continuar. Mas antes de terem filhos, este segundo irmão morre. A mulher casa então com o terceiro irmão, mas o mesmo destino se abate sobre ele. No final, a mulher casa com sete irmãos e morre finalmente. “*Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, visto que todos a possuíram?*” (*Mateus 22:28*). A questão é a ressurreição e não se os mortos sobrevivem aos seus corpos como espíritos desencarnados. Ora, a respeito da ressurreição, Jesus irrita-se um pouco [16] com os saduceus, dizendo:

“Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus. Porque na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu. E, acerca da ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos” (*Mateus 22:29-32*).

Todo o contexto é claramente a ressurreição dos mortos. Repetir: O tema da discussão não tem nada a ver com o facto de os mortos estarem agora em comunhão viva com Deus no céu. Jesus só tinha um ponto a salientar: terá de haver uma ressurreição; caso contrário, os patriarcas atualmente falecidos não estarão no Reino.

Jesus defende o facto da futura ressurreição dos mortos, precisamente porque os patriarcas Abraão, Isaac e Jacob estão mortos! Contudo, eles não podem permanecer mortos porque Deus deve cumprir a sua palavra de promessa de que eles viverão novamente na terra. Deus ressuscitá-los-á dos mortos nessa era vindoura, porque Ele se uniu para sempre a eles com a promessa de o fazer. Pode dizer-se que Abraão, Isaac e Jacob, embora agora mortos, estão “vivos”, em vista da promessa de Deus de os ressuscitar. Não é ele “o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob?” Precisamente porque Abraão, Isaac e Jacob estão para sempre associados a Deus na promessa da aliança de que serão ressuscitados para a vida. Mas se Jesus acreditasse que os patriarcas já gozavam a vida com Deus, o seu argumento a favor da ressurreição seria descartado, uma vez que, nesse cenário, a imortalidade viria sem ressurreição! Como *Robert Hach* observa corretamente, Jesus está aqui a usar uma forma muito hebraica de falar chamada “*prolepse*”. “*Prolepse*” é uma figura de retórica definida como “antecipar; especialmente, a descrição de um acontecimento como se tivesse ocorrido antes de poder ter ocorrido, o tratamento de um acontecimento futuro como se já tivesse acontecido”. [17]

É evidente que Jesus não acreditava que Abraão, Isaac e Jacob estivessem vivos, porque a única forma de eles viverem e desfrutarem de Deus é através da promessa de Deus nas Escrituras de que uma futura ressurreição dos mortos ocorreria pelo Seu poder. A palavra e o poder de Deus ainda serão vindicados através da ressurreição na Era Vinda. Abraão, Isaac, Jacob e todo o povo de Deus serão ressuscitados.

Ausente do Corpo e Estando em Casa com o Senhor

Talvez não haja “texto de prova” mais popular citado por aqueles que acreditam que a morte nos leva diretamente à presença de Deus do que *2 Coríntios 5:8* (como tantas vezes recitado, mas

logo veremos que é citado incorretamente): “*Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor*”.

Este é um daqueles casos em que “um texto fora do contexto é apenas um pretexto”. Como diz *E.W. Bullinger*:

É quase um crime alguém escolher certas palavras e transformá-las numa frase, não só sem ter em conta o âmbito e o contexto, mas ignorando as outras palavras do versículo e citando as palavras “*deixar este corpo, para habitar com o Senhor*” para dispensar a esperança da ressurreição (que é o tema de toda a passagem) como se fosse desnecessária; e como se o “presente com o Senhor” pudesse ser obtido sem ele. [18]

Antes de focar neste chamado “texto de prova”, é necessário estabelecer o contexto. Infelizmente, nossa tarefa não é fácil por causa da divisão antinatural em nossas Bíblias entre os capítulos quatro e cinco. Nos manuscritos gregos originais não há divisões de capítulos. E uma retrospectiva mostrará que o contexto dos comentários de Paulo no capítulo cinco é especificamente a esperança da ressurreição: “*Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco*” (2 Coríntios 4:14).

Paulo não espera tornar-se uma alma desencarnada quando morrer; está a aguardar a ressurreição no regresso de Cristo:

“*PORQUE sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida*” (2 Coríntios 5:1-4).

Ora é exatamente aqui que as nossas mentes platonicamente hipnotizadas regressam aos seus hábitos tradicionais. Assim que lemos “a tenda terrena que é a nossa casa”, tendemos a pensar em termos dualistas de um corpo que alberga uma alma. Quando lemos: “Enquanto estamos nesta tenda, gememos de cansaço”, caímos imediatamente nas ideias dominadas pelos gregos de que o corpo é uma concha que aprisiona as nossas almas imortais e que são mantidas afastadas do seu verdadeiro destino celestial.

Talvez a melhor forma de mostrar porque é que esta interpretação dualista não pode ser possível seja comparar e “contextualizar” esta passagem com o que Paulo escreveu às mesmas pessoas apenas um ano antes em *1 Coríntios* (15). É sempre uma boa ideia trabalhar desde o que é claro e inequívoco até ao que é mais obscuro. Em *1 Coríntios* 15 todo o tópico se refere à ressurreição:

“*Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé... E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos... Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem... Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda. Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força... Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?... Se há corpo natural, há também corpo espiritual*” (1 Coríntios 15:12-14, 17, 18, 20, 23, 24, 35, 44b).

Todo o capítulo trata da certeza da ressurreição dos mortos quando Cristo regressar no fim dos tempos. A importância de citar esta passagem é notar o quanto ela se assemelha à passagem de 2 Coríntios 5. Observemos os pontos de contacto:

Ambos têm o mesmo contexto:

1 Coríntios 15: O contexto é a esperança da ressurreição na Segunda Vinda de Cristo: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos... depois os que são de Cristo, na sua vinda”.

2 Coríntios 4, 5: O contexto é a esperança da ressurreição na Segunda Vinda de Cristo: “Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco” (4:14).

Ambos têm as mesmas metáforas:

1. Revestido de imortalidade.

1 Coríntios 15:54: “E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória”.

2 Coríntios 5:2, 4: “E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu... não porque queremos ser despidos, mas revestidos”.

2. Cristo chega do céu.

1 Coríntios 15:47: “O primeiro homem [Adão], da terra, é terreno; o segundo homem [Cristo], o Senhor [que vem], é do céu”

2 Coríntios 5:2: “desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu”.

3. Mortalidade suplantada pela imortalidade.

1 Coríntios 15:54: “E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória”.

2 Coríntios 5:4: “[Queremos estar vestidos] para que o mortal seja absorvido pela vida”.

À luz do facto de que em ambas as passagens o contexto é o mesmo (a esperança da glória da ressurreição na parusia de Cristo), e à luz do facto de que as metáforas são as mesmas, devemos concluir que o tema em ambas as passagens são idênticas. Portanto, a afirmação “estar ausente do corpo e estar em casa com o Senhor” não pode significar que os cristãos mortos vão imediatamente para o céu, porque na passagem de 1 Coríntios 15 a esperança dos cristãos é realizada na “parousia”. O tema trata dos mortos que ressuscitam no final desta era; Não se trata de almas que vão para o céu quando morrem.

Estes pontos de contacto, que envolvem o uso de linguagem idêntica, certamente excluem qualquer possibilidade de que Paulo tivesse em mente dois acontecimentos completamente diferentes, especialmente tendo em conta o facto de estar a escrever às mesmas pessoas, e num curto espaço de tempo. Tomar 2 Coríntios 5 como referência ao momento da morte, no sentido em que cada indivíduo recebe a imortalidade independentemente na morte é, como *J.A.T. Robinson*

diz: “leia a passagem em clara oposição a *1 Coríntios 15*”. [19] Chegou certamente o momento de deixar de fazer Paulo contradizer-se e de reconhecer a notável coerência e unidade que se estende ao longo dos seus escritos sobre esta questão central da vida após a morte. [20]

Como *Prestidge* comenta *2 Coríntios 5*:

A maioria dos estudiosos de hoje concordaria que os *versículos 1-5*, pelo menos, se referem à perspectiva de uma vida ressuscitada e reencarnada, e não a qualquer estado desencarnado. Na realidade, o caso é avassalador! A esperança no contexto é a ressurreição (*2 Coríntios 4:14*). A metáfora da roupa (*2 Coríntios 5:2-4*; “revestir-se de mais”) coincide com *1 Coríntios 15:53, 54* (“revestir-se da imortalidade”), onde se refere claramente à receção do corpo ressuscitado. Da mesma forma, a “devoração” do “mortal” pela “vida” em *2 Coríntios 5:4* ocorre na ressurreição, de acordo com *1 Coríntios 15:54*. A “glória” esperada (*2 Coríntios 4:17*) é a ressurreição como parte da nova criação de Deus, de acordo com *Romanos 8:18-23*, e é uma antecipação desta esperança, através do Espírito Santo (*2 Coríntios 5:5*; *Romanos 8:11, 23*), que “gememos” (*2 Coríntios 5:2*; *Romanos 8:22-23*) e “suspiramos” (*2 Coríntios 5:4*, RSV; *Romanos 8:26*). Os paralelos com *1 Coríntios 15* e *Romanos 8* são decisivos, pois “a nossa morada celestial” (*2 Coríntios 5:2*) é o nosso futuro estado de ressurreição. [21]

Com este pano de fundo, olhemos agora particularmente para a ideia de que “estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor” significa que após a morte a alma do cristão abandona o corpo e voa para um estado desencarnado antes da ressurreição. bênção. Vale a pena notar que a palavra “alma” é usada por Paulo nove vezes nas suas cartas, mas ele nunca diz que ela deixa o corpo na morte. Paulo também usa a palavra “espírito” 134 vezes, mas nenhuma vez diz que os nossos “espíritos” deixam os nossos corpos na morte. Isto mostra que qualquer discurso sobre uma “alma” ou “espírito” que se separa do corpo na morte usa uma linguagem muito diferente da de Paulo. É claro que isto por si só não é conclusivo, mas soa como um aviso de que devemos usar as palavras de Paulo tal como ele as usa.

Talvez iremos ainda mais longe. E aqui está o choque: qualquer pensamento sobre uma alma tão desencarnada faz, na verdade, Paul estremecer de horror. Diz que não quer ser “achado nu” (*2 Coríntios 5:3*)! Diz “**não** queremos estar nus” (*versículo 4*)! Estar “nu” e “despido” significa estar desencarnado. Paulo sabia que a cultura do seu tempo estava impregnada da crença platónica de que a alma escapa do corpo na morte. Mas ele evita tal pensamento.

Pela positiva, que condição anseia Paulo? Resposta: “*E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu*” (*versículo 2*). E: “*Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida*” (*versículo 4*). Se insiste que no *versículo 8* Paulo diz que prefere estar ausente do corpo e imediatamente na presença de Deus antes da ressurreição, Por que nos *versículos 3 e 4* ele simplesmente disse que essa é uma condição em que ele não quer estar? Seja o que for que este *versículo* diga, não pode significar que Paulo anseia pela morte para poder ir para o céu sem corpo, isto é, num estado “nu”! Isto torna Paulo intoleravelmente contraditório. Está a fazer com que Paulo se esqueça do que acabou de escrever nos *versículos 3 e 4*.

Não. O que ele deseja é o seu corpo ressuscitado. Não se queixa de perder o seu corpo. Ele anseia obter o corpo ressuscitado, porque isso significaria que Jesus já regressou e está agora aqui

conosco! *Paulo quer duas coisas ao mesmo tempo: “deixar este corpo, para habitar com o Senhor” (versículo 8).* Estas são exatamente as mesmas coisas que ele diz querer nos versículos 2 e 4: a ressurreição! Paulo quer estar ausente do corpo e, por isso, presente com o Senhor, mas isso não pode acontecer até ao dia da ressurreição, quando Cristo regressar ao planeta Terra. Enquanto estamos em casa neste corpo “estamos ausentes do Senhor” porque Jesus ainda não voltou. Entretanto, Pablo não quer ser encontrado nu e sem roupa; ou seja, tem um objetivo real que é ser revestido da ressurreição. Ele quer continuar a viver, sabendo que aqueles que não “dormirem” e sobreviverem até ao glorioso regresso de Cristo do céu serão instantaneamente transformados (ver *1 Coríntios 15:51, 52: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”*). Sim, Paulo quer estas duas coisas simultaneamente. É surpreendente quantos citam erradamente até mesmo este texto de prova. Não diz: “estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor”. Paulo diz: “*deixar este corpo, para habitar com o Senhor*”. Uma doutrina inteira está a ser promovida com base em algo que Paulo não escreveu e com base em meio versículo retirado de um longo contexto! Paulo diz que deseja estar ausente do corpo e estar presente com o Senhor. E a única forma pela qual os crentes podem esperar estar presentes com o Senhor é quando Ele estiver presente aqui na terra.

Se morresse, entretanto, antes do reaparecimento de Cristo do céu, Paulo simplesmente ignoraria o tempo intermédio do “sono” inconsciente.

E isto pode acontecer precisamente porque os mortos não experimentam conscientemente o estado intermédio. Após a morte, quando damos por nós, somos convocados por Cristo... Na consciência do crente falecido não há intervalo entre a dissolução [i.e. morte] e investidura [i.e. ressurreição], por mais longo que seja o intervalo no calendário da história humana terrestre. [22]

Esta interpretação ajusta-se ao ensinamento de Paulo: “**Quando** Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, **então** também vós vos manifestareis com ele em glória” (*Colossenses 3:4*).

“*Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas*” (*Filipenses 3:20, 21*).

“*Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares [desta forma e de nenhuma outra], e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras*” (*1 Tessalonicenses 4:16-18*)

Esta interpretação está em conformidade com o ensino dos outros apóstolos: “*Mas sabemos que, quando ele se manifestar, [então] seremos semelhantes a ele; porque [então] assim como é o veremos*” (*1 João 3:2*).

Esta interpretação corresponde à crença do próprio Jesus:

“*Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia*” (*João 6:40*).

“Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia (João 6:44).

“Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (João 14:2, 3).

Se Cristo não recebe os crentes até que regresse, então como poderá receber cada um deles individualmente quando morrerem? Porque é verdade que Jesus não disse: “Vou preparar um lugar para os vossos corpos, e se for, voltarei para recolher os vossos corpos, embora o ‘real’ já esteja comigo no céu há milênios”. “Isto é um absurdo. Se não aparecermos com Cristo no nosso estado glorificado e ressuscitado até que Ele regresse à terra no último dia desta era, como podemos dizer que, entretanto, iremos imediatamente ter com Ele na glória celestial após a nossa morte? Em todos os momentos, o próprio Senhor e os seus apóstolos ensinam que a ressurreição será uma experiência coletiva de quem a espera. Todos nós mudamos, ressuscitamos juntos. O NT não conhece nenhuma doutrina em que o indivíduo receba glória à parte e isolado de todo o corpo de crentes. Na verdade, toda a criação está a aguardar este acontecimento universal: *“Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus” (Romanos 8:19).*

Morrer e estar com Cristo é muito melhor

Um “texto de prova” semelhante, frequentemente citado pelos dualistas, é a afirmação de Paulo: *“Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho... Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei então o que deva escolher. Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne” (Filipenses 1:21-24).*

Aqui Paulo diz que tem “o desejo de partir e estar com Cristo, o que é muito melhor”. Melhor do que o quê? A opinião popular responderá: “Melhor do que viver na carne, porque na morte Paulo pode ir imediatamente para estar com Cristo, embora tenha de esperar pelo seu novo corpo na ressurreição”. Mas esta resposta cria um grande problema. Isto é, em *2 Coríntios 5:2-4* Paulo afirma categoricamente que este é o estado que ele não deseja. Aí diz que não quer estar “despido” e que não quer estar “despido”. Na verdade, se lhe for dada a opção, Paulo diz claramente que é melhor ter um corpo terreno do que não ter corpo nenhum. Ele não quer morrer antes do regresso de Cristo. No entanto, aparentemente aqui em *Filipenses 1*, na teoria popular, Paulo diz que tal condição desencarnada no céu é “muito melhor”. Evidentemente, esta interpretação popular cria um apóstolo esquizofrénico.

Onde está a solução? Se eu puder pegar no slogan publicitário do agente imobiliário, “posição, posição, posição” (nos Estados Unidos, “localização, localização, localização”), e aplicá-lo ao estudo bíblico, a solução está no contexto, contexto, contexto:

“E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho; De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares; E muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor. Verdade é que também alguns pregam a Cristo por inveja e porfia, mas outros de boa vontade; Uns, na verdade, anunciam a Cristo por contenção, não puramente, julgando acrescentar

aflição às minhas prisões. Mas outros, por amor, sabendo que fui posto para defesa do evangelho. Mas que importa? Contanto que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento ou em verdade, nisto me regozijo, e me regozijarei ainda. Porque sei que disto me resultará salvação, pela vossa oração e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo, Segundo a minha intensa expectativa e esperança, de que em nada serei confundido; antes, com toda a confiança, Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte. Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho. Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei então o que deva escolher. Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne” (Filipenses 1:12-24).

O contexto é claro. Se Paulo viverá ou morrerá (neste caso significa martírio porque está na prisão) não é importante para ele, desde que a causa de Cristo seja promovida. Seja na prisão ou na liberdade, quer Cristo seja pregado por motivos sinceros ou egoístas, seja na vida ou na morte, a ambição motriz de Paulo é o sucesso do Evangelho de Cristo. Se as suas cadeias ajudaram a espalhar o Evangelho “por toda a Guarda Pretoriana”, e se o seu tempo na prisão deu a outros a coragem para pregar a palavra com mais ousadia, então o que a sua morte como mártir poderia fazer pela causa? A principal motivação de Paulo é que “quer pela vida, quer pela morte” se possa exaltar o nome de Cristo. Uma coisa é certa: Paulo não procura escapar ao seu ministério através da morte apenas para obter algum *benefício pessoal* e egoísta. O contexto torna impossível acreditar que Paulo esteja a considerar morrer para ganho pessoal. Onde, em todos os seus escritos, Paulo procura benefício pessoal? Ele quer estar vivo quando Cristo voltar, sim, mas, de qualquer forma, vivo ou morto, Paulo quer que Cristo seja honrado.

Se Paulo está realmente a dizer (de acordo com a noção popular) que preferia estar morto para poder voar da terra para o céu para estar com Cristo, está a agir fora do carácter. Este cenário faria Paulo dizer que pregar o Evangelho não é mais importante do que conseguir o que deseja, que é escapar morrendo! É para confundir muito Paulo. Porque, embora esteja “amarrado entre a vida e a morte” e saiba que se viver será melhor para os cristãos filipenses, acaba por dizer que quer mesmo morrer! Que contradição! Que negação de todo o contexto é esta interpretação. Que negação do notável e altruísta apostolado de Paulo!

A noção popular de que Paulo deseja aqui morrer para poder ir como alma desencarnada à presença celestial de Cristo está também em desacordo com o que já escreveu no *versículo 6*, a saber, que o objetivo da vida cristã é “o dia do Messias Jesus.” Em todo o NT “o dia” refere-se à triunfante Segunda Vinda de Cristo para estabelecer o governo terreno de Deus. O objetivo pessoal de Paulo não seria diferente do resto da igreja. A noção popular de que Paulo não pode esperar para morrer e ir diretamente “para o céu” está também em desacordo com o que escreve algumas linhas depois: “*Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (Filipenses 3:20, 21).*

É evidente que a esperança e o desejo de Paulo estão firmemente fixados no regresso de Cristo do céu. Portanto, se tivermos em mente este tema constante da morte seguida pela ressurreição na “*Parousia*” de Cristo, *Filipenses 1:21-24* não pode ensinar a presença imediata no céu com Cristo no momento da morte.

Eis outra possibilidade que vale a pena considerar por um momento. Uma análise mais detalhada do versículo grego no *versículo 23* revela esta possibilidade instigante: “*Mas de ambos*

os lados estou em aperto, tendo desejo de partir [grego, analusai], e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor". A palavra das nossas Bíblias portuguesas "partir" (*anulusai*) aparece numa das parábolas de Jesus: "*E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar [grego, analusai] das bodas, para que, quando vier, e bater, logo possam abrir-lhe*" (Lucas 12:36).

O contexto desta parábola é o regresso de Cristo, a sua "*Parousia*", que em todo o NT ocorre no final desta era má. Como se verá, a palavra grega "*anulusai*" pode ser traduzida por "partir" ou "regressar". O tradutor deve decidir qual a ideia em português a utilizar. Existe uma razão convincente em *Filipenses 1:23* pela qual Paulo não poderia ter dito que o seu grande anseio era pelo regresso (de Cristo)? Além disso, no texto grego existe um artigo definido antes de "*anulusai*". Paulo escreveu sobre um acontecimento definido: ou "a partida" ou "o regresso". Este artigo definido não aparece nas nossas traduções para português. Colocamos a questão à reflexão: existem boas evidências de que Paulo se possa estar a referir ao *regresso* de Cristo e não à sua própria partida na morte? Nas nossas Bíblias parece que Paulo considera apenas duas opções: a vida ou a morte. Mas se entendermos que Paulo quer dizer que anseia pela segunda vinda de Cristo, ele está na verdade a dar três opções (vida, morte e ressurreição no regresso de Cristo).

É certo que a leitura natural parece fazer de Paulo o sujeito da frase. Paulo deseja partir e assim estar com Cristo. Do seu ponto de vista subjetivo, esta esperança pode parecer bastante razoável, porque ele sabe que o próximo momento de consciência para ele será na ressurreição, quando será ressuscitado para receber o seu novo corpo e assim estar para sempre com o Senhor Jesus. Muitos anos podem passar entre a morte de Paulo e o seu próximo momento de vigília, no regresso de Cristo, quando será ressuscitado. Sabe que parecerá apenas um momento entre fechar os olhos no sono da morte e o momento glorioso da nova consciência. Além disso, no final da sua vida, Paulo escreveu que "*o tempo da minha partida [anulusis] está próximo*" (2 *Timóteo 4:6*). Esta é uma clara referência à "partida", ou seja, à morte do indivíduo. Explicaremos este versículo com mais detalhe em breve, mas para os nossos propósitos neste ponto é suficiente notar que não é uma tradução incorreta ter Paulo a dizer em *Filipenses 1:23* que deseja a sua partida, isto é, a sua morte. Mas será a melhor tradução? Enquadra-se no contexto? Não estou convencido de que seja esse o caso.

Traduzir "*anulusai*" em *Filipenses 1:23* como "o regresso" tem um certo apelo para mim. Desta forma, ver-se-á imediatamente harmonizar-se perfeitamente com a esperança de Paulo em todo o resto do NT. A paixão avassaladora de Paulo é sempre o regresso de Cristo. Vamos comparar *Filipenses 1:23* com 2 *Coríntios 5* para ilustrar isto. Ambos os versículos nos dizem o que Paulo considera menos desejável: morrer antes do regresso de Cristo. (Em *Coríntios* evita ser encontrado "nu" e "despido" e em *Filipenses* está "em apuros", mas quer viver para o bem dos *Filipenses* porque isso é preferível a morrer e não os poder ajudar mais). Ambos os versículos nos dizem o que é, pelo menos, suportável: viver na situação atual (mesmo que isso signifique "estar sobrecarregado" atualmente). E ambos os versículos ensinam o que Paulo realmente almeja e almeja. (Em *Coríntios* é "revestir-se da nossa morada no céu", que é a nossa glória ressuscitada, e em *Filipenses* é um desejo de voltar a estar com Cristo, o que é "muito melhor"). Como foi referido acima, Paulo Esta esperança é expressa especificamente alguns versículos mais à frente em *Filipenses 3:20, 21*, onde diz que o regresso de Cristo do céu nos transformará numa posição de glória.

O que Paulo almeja positivamente é o regresso de Cristo, para que possa estar com Ele. Como esta esperança não se concretizou, está atualmente sob “pressões difíceis” entre o viver e o morrer. Seja qual for o resultado imediato, quer viva ou morra, Cristo será glorificado, quer no ministério contínuo, quer no dia do regresso de Cristo. Esta interpretação enquadra-se no contexto mais amplo em todos os lugares em que Paulo ensina que só entramos na presença de Cristo (se estivermos mortos pela ressurreição; se vivermos nesse momento de regresso sendo arrebatados ou elevados, para nos encontrarmos com o Senhor nos ares) quando ele retorna novamente. Esta interpretação ajusta-se também ao contexto imediato e é permitida no texto original grego. Ele remove todas as dificuldades que são desnecessariamente colocadas em *Filipenses 1*, ao ler nele um conceito de uma “alma imortal que parte”, onde tal noção não pertence realmente. Contudo, se ainda preferirmos a tradução que faz Paulo desejar a sua morte, em nenhum momento ele menciona que isso libertará a sua alma para voar em consciência em direção a Cristo no céu. Como já mostrámos, esta noção platónica não desempenhou qualquer papel na crença de Paulo. Como perguntámos anteriormente, onde mais no NT Paulo deseja e anseia pela morte como fuga aos atuais problemas pessoais? Isto não se enquadra no contexto aqui, onde ele deseja servir mais os Filipenses e beneficiá-los.

Cristo Pregando aos Espíritos Aprisionados

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; Os quais noutra tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água” (1 Pedro 3:18-20).

Certamente que esta é uma das passagens mais desafiantes das Escrituras, não só porque evoca imagens gráficas de Cristo a pregar a “espíritos aprisionados”, seja lá o que isso signifique, mas também porque foram oferecidas várias explicações. Alguns usaram a passagem para ensinar que Cristo tem realmente duas partes na sua pessoa: a “carne” ou a sua natureza humana e o “espírito” ou a sua natureza divina: *“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; [foi] mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito” (versículo 18)*. Portanto, segundo esta noção, embora Jesus tenha sido morto corporalmente, a sua natureza divina sobreviveu, ou seja, o seu “espírito” desceu ao “inferno” onde pregou o Evangelho a todos os mortos que já viveram nos dias de Noé. Aqui, no mundo inferior dos mortos (conscientes), Cristo declarou aos mortos justos que tinha derrotado o Diabo e vindo conduzir estes cativos à liberdade, e que agora iriam para o céu com ele. Também aqui, no “espírito”, Cristo trouxe más notícias aos mortos ímpios, a saber, que estavam agora condenados para sempre, sem esperança de escapar.

Outros ainda não veem aqui qualquer referência a Cristo a pregar às almas dos humanos mortos, mas sim que pregou aos anjos caídos, anunciando assim o seu destino. Uma coisa que todas estas interpretações têm em comum é que ensinam que Cristo esteve consciente enquanto esteve morto. Isso é mesmo possível?

Obviamente, devemos proceder com cuidado se quisermos desvendar esta passagem. Em primeiro lugar, a frase “morto na carne, mas vivificado no espírito” implica que Cristo era composto por duas naturezas, a humana e a divina, e que a natureza divina sobreviveu

conscientemente? Num capítulo anterior vimos que isto não pode ser assim. Jesus de Nazaré era um homem com a mesma natureza humana que Adão tinha. Adão não tinha duas naturezas, uma humana e outra divina; Adão também não tinha uma alma a viver num corpo. Adão era uma alma vivente “e morreu” (*Génesis 5:5*). Voltou à terra e virou pó. O mesmo aconteceu com todos os mortos desde então, com a notável exceção de Jesus de Nazaré, que esteve morto durante três dias e depois ressuscitou.

Onde estava Jesus quando o colocaram no túmulo? O dogma tradicional da igreja diz que ele estava consciente “no espírito” e a fazer um trabalho importante. Contudo, tal ideia não teria ocorrido aos escritores hebraicos do NT. Não abordaram a questão da morte com os pressupostos gregos sobre a natureza do homem que se tornaram tão profundamente enraizados na nossa teologia. O facto bíblico é que Jesus morreu. Ele, Jesus, estava no “*hades*”, o túmulo. Se não fosse a intervenção de Deus Pai, Jesus teria apodrecido para sempre na sepultura. Mas “*a sua alma não foi deixada no inferno [Hades – a sepultura], nem a sua carne viu a corrupção*” (*Atos 2:31*).

Em contraste com as ideias pagãs de um Jesus de duas naturezas, a expressão “na carne” pode ser mostrada como referindo-se à vida terrena de Cristo antes da sua crucificação e a frase “no espírito” refere-se à sua condição posterior à ressurreição:

Foi na sua ressurreição, como diz Paulo, que foi “*justificado no Espírito*” (*1 Timóteo 3:16*) e se tornou um “*espírito vivificante*” (*1 Coríntios 15:45* – CEB) Cranfield explica: “significa que, enquanto o corpo de Cristo que foi crucificado estava sujeito às fragilidades e limitações de um corpo humano comum, o corpo que foi ressuscitado... já não está sujeito a tais limitações”. Cristo, que outrora viveu e morreu sujeito a todas as limitações da existência humana, vive agora no plano do próprio Deus. [23]

Na sua existência ressuscitada, agora exaltado à direita de Deus nas alturas, o Senhor Jesus já não está sujeito à possibilidade da morte. Os homens maus já não podem tocar-lhe ou violá-lo porque ele já não está “em carne e osso”. Isto significa que desde a sua Ressurreição Cristo está num reino completamente diferente; agora está “no espírito”. Como Paulo disse noutra lugar: “*Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; [agora] mas, quanto a viver, vive para Deus*” (*Romanos 6:10*). Cristo, que outrora foi oferecido para levar os pecados de muitos, aparecerá uma segunda vez, não para levar os pecados, mas para trazer a salvação àqueles que o esperam ansiosamente (ver *Hebreus 9:28*). “Na carne” e “no espírito”, portanto, são termos que se referem às duas fases diferentes da vida de Jesus; “na carne” aos seus 33 anos como homem sujeito à fragilidade e à morte, e “no espírito” na sua atual glória ressuscitada. Estas expressões nada têm a ver com as supostas duas naturezas de Jesus.

Esclarecida esta frase, voltamos a *1 Pedro 3:19, 20a*, onde nos é dito que foi “no espírito” que Cristo “*No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; Os quais noutra tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca*”. É claro que se tomarmos a frase do versículo 18 “no espírito” para nos referirmos ao modo da ressurreição de Cristo, então é certo que Cristo “*pregou aos espíritos em prisão*” depois de ter saído do túmulo, e não enquanto estivesse morto. Afinal, enquanto esteve no túmulo não havia um Evangelho completo para pregar, porque a ressurreição é indispensável para a proclamação do Evangelho (ver *1 Coríntios 15:3, 4, 17; 1 Pedro 1:3*). Contudo, se de acordo com a interpretação tradicional, Cristo pregou o Evangelho aos espíritos dos mortos enquanto estava no túmulo durante

três dias, então que evangelho ele pregou? Ainda não havia derrotado a morte. Ele ainda não tinha ressuscitado. O caminho para o Reino ainda não estava garantido. *Ainda* não havia boas notícias.

Se compararmos uma passagem paralela em *1 Timóteo 3:16*, obtemos a chave interpretativa necessária. Este versículo diz: “*E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória*”.

Aqui somos informados de que Cristo apareceu aos anjos depois de ser “*justificado no espírito*”, isto é, após a sua ressurreição, embora antes de estar assentado na glória. Certamente que *1 Timóteo 3:16* e *1 Pedro 3:18-20* se referem ao mesmo acontecimento? As Escrituras não nos permitem ver muito aqui, mas temos uma sugestão tentadora de que, por alguma razão, o Senhor Jesus anunciou o seu triunfo aos anjos após a sua ressurreição. Mas quem ou o que são estes “espíritos presos” que ouviram a pregação do Evangelho de Cristo?

A primeira parte da resposta é que em parte alguma da Bíblia os homens são chamados “espíritos”, com a possível exceção de *Hebreus 12:22, 23*: “*Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos; À universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados*”.

Existem várias boas razões pelas quais estes “espíritos de homens justos” não podem ser as “almas” daqueles que morreram e foram para o céu. Em primeiro lugar, porque se diz que foram “aperfeiçoados” (do grego “*teleioo*”, que significa conduzir à sua plenitude). Mesmo aqueles que afirmam que as almas vão para o céu não acreditam que a desencarnação seja um estado de perfeição ou plenitude. Ainda acreditam que as almas desencarnadas aguardam os seus corpos ressuscitados. Tal perfeição só pode vir na “*Parousia*”, como já observámos (ver *1 Coríntios 15:52-54; Colossenses 3:4; 1 Tessalonicenses 4:16, 17*). Uma coisa é certa: o estatuto de “*espíritos dos justos*” aperfeiçoados mencionado em *Hebreus 12:23* só será possível depois da ressurreição. O autor de *Hebreus* expressa a sua absoluta convicção de que a glória prometida é certa. Paulo escreveu de forma semelhante em *Efésios* que os cristãos que estão unidos a Cristo pela fé já estão assentados com Cristo nos lugares celestiais em Cristo Jesus (*Efésios 2:5, 6*). O futuro prometido é tão certo no plano de Deus que se diz que já se cumpriu.

Na Bíblia, sempre que se usa “espírito” para se referir a um ser inteligente, refere-se a Deus (que é espírito, *João 4:24*), anjos (que são espíritos ministradores, *Hebreus 1:14*), demónios (que podem possuir e escravizar, *Marcos 1:23-27; 5:1-13*), ou um homem após a ressurreição (Jesus, o espírito que dá vida, *1 Coríntios 15:45*). “Onde quer que “*pneuma*” (‘espírito’) apareça na Bíblia sem alguma frase que mostre que o espírito pertence aos seres humanos, a palavra significa quase sempre um ser angélico sobrenatural ou demónio (*Mateus 8:16; 12:45; Marcos 1:23; Lucas 10:20; Hebreus 1:7, 14; etc.*) [24]

A nossa conclusão provisória é que os “espíritos aprisionados” a quem Jesus pregou não são homens, mas um tipo de anjo caído, porque estão aprisionados. Pedro dá-nos um pouco mais de informação quando diz que estes espíritos estavam associados à época do dilúvio de Noé: “*foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca*” (*1 Pedro 3:20*).

Mais informações podem ser obtidas comparando *2 Pedro 2*:

“Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno [“tártaros”, grego], os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo; E não perdoou ao mundo antigo, mas guardou a Noé..., o pregoeiro da justiça, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; E condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza, e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente...” (versículos 4-6).

Judas refere-se também a estes espíritos ímpios ou anjos que estão agora na prisão:

“E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia; assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregue à fornicção como aqueles, e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno” (Judas 6-7).

Juntando estas passagens, obtemos a informação de que, no tempo de Noé e no tempo anterior à destruição de Sodoma e Gomorra, anjos maus estavam envolvidos em algum tipo de atividade sexual grosseira com humanos que ultrajou tanto a Deus que Ele impôs algum tipo de punição especial sobre eles: Ele encerrou-os num lugar de *“escuridão, ficando reservados para o juízo”*, um lugar chamado *“tártaros”* (2 Pedro 2:4). (Na literatura grega, *“tártaros”* é um abismo no submundo, não para os humanos, mas para os anjos caídos.) O pecado específico parece ser que estes anjos maus cobiçaram *“as filhas dos homens”* (ver Génesis 6:2). O resultado da união profana de anjos pecadores e mulheres humanas foi uma espécie de vira-lata chamada *“os Nefilins”* (Génesis 6:4). Estas monstruosidades eram evidentemente de grande estatura e *“estes eram os valentes que houve na antiguidade, os homens de fama”* (Génesis 6:4).

Alguns eruditos bíblicos defendem o conceito de que os antigos mitos gregos sobre os deuses gerarem descendentes com os humanos baseiam-se nestes acontecimentos históricos reais. Talvez esta raça *“sobre-humana”* explique fenómenos misteriosos como as pirâmides e as incríveis estruturas de pedra que se encontram em locais como a América do Sul? O *best-seller “Digital Prints of the Gods”* (As Impressões Digitais dos Deuses), de *Graham Hancock*, especula de forma semelhante sobre estes fenómenos.

Quanto à razão pela qual estes *“filhos de Deus”* (uma expressão hebraica comum para os seres angélicos, como se vê em *Job 1:6; 2:1; 38:7; Daniel 3:25*) deveriam querer perverter a ordem natural dos humanos na terra, só podemos especular. Faz sentido acreditar que foi uma manobra deliberada de Satanás, que ouviu a sentença de Deus pronunciada sobre ele no jardim, de que a *“semente”* da mulher lhe esmagaria a cabeça (Génesis 3:15). Parece então que Satanás se propôs frustrar este propósito de Deus de o derrotar, contaminando o canal por onde viria o redentor dos homens. Se o redentor fosse um homem, de verdadeira linhagem humana, o *“descendente de uma mulher”*, então Satanás contaminaria a raça humana, evitando assim a sua própria perdição ao frustrar a promessa de salvação de Deus através de um homem.

O facto de, com exceção de uma família humana, *“toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra”* (Génesis 6:12), demonstra até que ponto Satanás teve sucesso neste plano audacioso. Noah e a sua família eram os únicos humanos de raça pura que restavam! Os descendentes desta escandalosa união entre os *“filhos de Deus”* e as *“filhas dos homens”*, como já observámos, foram os *“nefilins”*. Esta palavra significa *“os caídos”*, do hebraico *“naphal”* que significa cair.

Contra esta visão de que os “filhos de Deus” eram anjos maus e tinham relações sexuais com mulheres humanas, é frequente objetar-se que os anjos, sendo “espíritos”, não têm relações sexuais. *Mateus 22:30* é frequentemente citado em apoio desta objeção. Se Jesus tivesse dito: “*Porque na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu*” e se ficasse por aí, a objeção teria peso. Mas repare-se que Jesus acrescentou uma cláusula qualificativa sobre os anjos. Ele disse: “*mas serão como os anjos de Deus no céu*”. Estas duas últimas palavras fazem a diferença. No céu os santos Anjos não se casam. Mas os anjos referidos como “*filhos de Deus*” em *Gênesis 6* já não estavam no céu. *Judas 6* informa-nos que “*não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação*”. Os anjos que se rebelaram contra Deus e estavam sob o seu julgamento iminente vieram evidentemente à terra e tentaram desvirtuar a promessa divina de salvação através de Eva. Isto explica a absoluta necessidade do grande dilúvio. Para limpar a Terra desta raça mestiça contaminada, Deus deve agir com julgamento. Os “*Nephilim*” devem perecer.

O mesmo se aplica após o dilúvio, quando os “*Nephilim*” começaram a aparecer novamente. Lemos: “*E infamaram a terra que tinham espiado, dizendo aos filhos de Israel: A terra, pela qual passamos a espiá-la, é terra que consome os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes (Nephilim)*” (*Números 13:32, 33*).

Aqui começamos a compreender as ordens do Senhor para matar completamente todos os homens, mulheres e crianças que viviam naquela terra. Evidentemente, estavam a ocorrer mais relações entre os “*filhos de Deus*” e os humanos, porque os “*Nefilins*” estavam na Terra Prometida. Na verdade, esta raça híbrida de seres aparece muitas vezes no AT sob vários nomes, como “*anaquim, refaim e nefilins*”. É lamentável que as nossas Bíblias portuguesas nem sempre indiquem esta distinção, porque uma das verdades mais misteriosas está escondida da nossa atenção. Se tomarmos *Isaías 26* como exemplo, isto torna-se evidente: “*Os teus mortos [hebraico, muth] e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos [hebraico, Refaim]*” (*versículo 19*).

Repare nas duas palavras hebraicas diferentes neste versículo. A primeira palavra traduzida por “*teus mortos*” refere-se aos filhos de Israel. Eles levantar-se-ão novamente. Os seus cadáveres ressuscitarão. Eles regressarão do pó. Mas, em contraste, o segundo grupo, “*os espíritos dos defuntos*”, será expulso pela terra, ou melhor e mais literalmente, expulso pela terra. Os tradutores prestaram-nos um péssimo serviço ao traduzirem o nome próprio “*Refaim*” por “*os espíritos dos defuntos*”. Porque os “*Refaim*” são uma raça específica de gigantes, como os “*Nefilins*”. O ponto não deve ser aqui esquecido. *Isaías* aponta um contraste entre o modo como duas raças diferentes de seres serão tratadas na ressurreição vindoura. Os israelitas mortos serão ressuscitados para uma nova vida. Os “*Rephaim*” mortos serão rejeitados, expulsos.

Isto é confirmado no mesmo capítulo de *Isaías*: “*Ó SENHOR Deus nosso, já outros senhores têm tido domínio sobre nós; porém, por ti só, nos lembramos de teu nome. Morrendo eles [hebraico, muth], não tornarão a viver; falecendo [hebraico, Refaim], não ressuscitarão; por isso os visitaste e destruíste, e apagaste toda a sua memória*” (*Isaías 26:13, 14*).

Os “*outros mestres*” (*adonim*) que oprimiram a terra podem ser paralelos aos “*Refaim*”, a raça híbrida de anjos e homens. Aqui a imagem está completa. *Isaías* profetiza que os “*Refaim*” “*não ressuscitarão*” na ressurreição porque Deus “*apagou toda a sua memória*”. Estes seres, os

Nephilins, os “*Refaim*”, os “*Anakim*”, nunca mais serão ressuscitados na ressurreição. Esta raça não é a pura descendência genética de Adão, por quem Cristo morreu. O seu julgamento está completo. Deus já não se lembra deles. Em contraste, todos os homens, bons ou maus, serão ressuscitados dos seus túmulos para receberem o seu julgamento. Mas a terceira classe de seres, os anjos demoníacos responsáveis pela geração destes rafeiros, estão agora aprisionados por Deus. Estão reservados “nas prisões eternas, nas trevas, para o julgamento do grande dia” (*Judas 6*). Este lugar é chamado *Tártaro* (*2 Pedro 2:4*).

Chegámos ao ponto alto da nossa discussão. “Os espíritos aprisionados” a quem Jesus anunciou a vitória da sua ressurreição são estes anjos maus, que sob o comando de Satanás tiveram a ousadia de tentar frustrar o plano de Deus de enviar um Redentor para salvar a humanidade. Só podemos imaginar a nota de triunfo, o sentimento de alegria e de felicidade, quando o Filho de Deus anunciou a sua vitória através de Deus. A promessa eterna de Deus foi cumprida. A “descendência da mulher” esmagou a cabeça da Serpente! A vitória de Cristo sobre a morte através da sua ressurreição confirmou a estes espíritos demoníacos que a sua derrota estava selada. A partir de então, o Senhor Jesus estaria certamente “*à destra de Deus*” no céu, porque “*havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências*” (*1 Pedro 3:22*).

Tudo isto para dizer que *1 Pedro 3:18-20* não ensina que Cristo foi ao “*Hades*” sob uma forma desencarnada enquanto estava morto para pregar aos espíritos desencarnados dos homens mortos. *1 Pedro 3:18-20* fala antes do Cristo vindicado (compare, *1 Timóteo 3:16*) anunciando a sua vitória ressuscitada sobre o reino de Satanás, particularmente para aqueles anjos rebeldes associados à parte mais sombria da história humana nos tempos de Noé. e Sodoma. e Gomorra. Os “espíritos aprisionados” são mantidos em condenação, aguardando o julgamento final. Pedro escreve aos cristãos vivos que estão a ser perseguidos por um governo mau. Ele quer que estes cristãos perseguidos sejam corajosos, porque a vitória final está assegurada. Cristo venceu o pecado e a morte e o seu triunfo já foi proclamado do mais baixo ao mais alto de todo o universo de Deus. Nele temos garantida a salvação final.

Jesus Regressa Com Os Seus Santos

Outra passagem utilizada para justificar a crença de que as almas vão para o céu após a morte é *1 Tessalonicenses 4*:

“Dizemos-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (*1 Tessalonicenses 4:15-18*).

É surpreendente que a mesma passagem em que Paulo nos informa sobre a nossa esperança futura quando Jesus voltar seja usada para ensinar que as almas estão agora no céu com Jesus Cristo. A razão é que as almas daqueles que já morreram em Cristo serão trazidas consigo quando regressar à terra, para que se possam reunir com os seus corpos adormecidos, que surgirão da terra. É o que supostamente se vê na frase: “*Da mesma forma, Deus trará para Si aqueles que adormeceram em Jesus*”.

Para esclarecer o nosso pensamento, devemos ver o que Paulo está a apontar. A questão que responde é esta: Que esperança oferece o evangelho cristão àqueles cujos entes queridos já morreram? Esta primeira geração de cristãos esperava plenamente o regresso do Senhor Jesus do céu durante a sua própria vida. Vimos que o próprio Paulo esperava estar vivo quando o seu professor regressasse. No entanto, o tempo passou. Jesus estava a atrasar a sua vinda. Até àquele momento não tinha aparecido. E, entretanto, muitos cristãos morreram. Será que perderiam a glória vindoura do Reino de Deus na Terra? A sua dor não era diferente da dos pagãos que não procuravam Jesus? Para responder a esta preocupação, Paulo aplica a esperança do Evangelho.

Se os mortos já estão com o Senhor no céu, agora seria um bom momento para Paulo dizer isso. Basta dizer à igreja que “aqueles que adormeceram” já estão a desfrutar da presença de Deus! Paulo não diz nada disso. Pelo contrário, o consolo que oferece é que “*os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro*” quando Jesus “*descer do céu*” e “*assim [isto é, desta forma] estaremos sempre com o Senhor*”. Como noutros lugares, Paulo descreve os mortos como aqueles que estão a “dormir”. Ele diz que se vão levantar primeiro. No NT a morte é mencionada como um sonho 19 vezes. Esta imagem verbal dos mortos adormecidos pretende transmitir esperança, porque, tal como esperamos acordar de manhã depois de nos deitarmos, quando colocamos os nossos mortos no chão fá-lo-emos com plena consciência de que, fiéis à sua palavra, Jesus voltará e pos acordará.

Não devemos deixar de compreender que Paulo aqui diz que a única esperança para os que estão mortos é a ressurreição. E esta ressurreição ocorre quando Jesus regressa “*com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus*”. O padrão é sempre o mesmo: “*Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda*” (1 Coríntios 15:23).

Depois de a voz do Filho do Homem restaurar a vida ao seu povo, “*Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares*”. Os vivos encontram o Senhor ao mesmo tempo que os mortos encontram o Senhor; encontrámo-lo “juntos” numa grande festa. Se os mortos já estão com o Senhor no gozo celestial, então encontrarão Cristo antes dos vivos na terra. O programa de Deus é que toda a igreja encontre Cristo junta, como um corpo corporativo. Se Jesus recebe agora individualmente os mortos (conscientes) quando estes morrem, então esta “união” é uma mentira. Em contraste com a esperança individualista da “imortalidade da alma”, o ensino apostólico vê a esperança do indivíduo apenas no contexto geral de uma ressurreição coletiva de todos os que pertencem a Cristo. Os mortos e os vivos encontrarão juntos o Senhor que regressa.

Mas o que quer dizer Paulo quando afirma que “o tempo da minha partida está próximo”? Ele diz:

“Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2 Timóteo 4:6-8).

Esta é a última carta do NT que Paulo escreveu. Ele sabe que vai morrer. Sabe que não será um dos vivos quando Jesus voltar. Já não vemos a indiferença de que fala *Filipenses 1:23*, onde fica “atingido” entre a vida e a morte, sem saber qual escolher. Mas tem esperança de que a sua alma imortal partirá para estar imediatamente com Cristo no céu?

Não há aqui uma palavra sobre a alma deixar a consciência. Também nada é dito sobre ir para o céu. Paulo utiliza a metáfora de uma libação derramada. Em suma, Paulo está a morrer e sabe *que está a deixar esta vida*. E como acontece sempre que fala de esperança além-túmulo, aguarda com expectativa o “**aparecimento**” de Cristo no poder da ressurreição. Ele aguarda “**o futuro**”, quando estará diante do Senhor, o justo Juiz, “**naquele dia**”. Perante a morte iminente, Paulo nada diz sobre ir diretamente ao Senhor no céu. Isto deveria estabelecer de uma vez por todas que, após a morte, a esperança de Paulo está na ressurreição, quando Cristo regressar à terra. Isto também confirma o que encontramos anteriormente em *Filipenses 1:23*, onde ele afirma que o que ele deseja é encontrar Cristo no próximo segundo de consciência após adormecer na morte. Paulo espera o regresso de Cristo para poder estar com Ele, “*o que é muito melhor*”.

Confirmação dos Padres da Igreja

É uma questão de interesse histórico que, durante muito tempo depois dos apóstolos, a igreja em geral tenha mantido firme a posição bíblica sobre esta questão. Em meados do século II, *Ireneu* escreveu:

Alguns dos que estão entre os ortodoxos ultrapassam o plano pré-estabelecido para a exaltação dos justos... e albergam opiniões heréticas. Pois os hereges, não admitindo a salvação da sua carne, afirmam que imediatamente após a sua morte passarão pelos céus. Portanto, aquelas pessoas que rejeitam uma ressurreição que afeta todo o homem e fazem todos os possíveis para a eliminar do plano cristão, nada sabem sobre o plano da ressurreição. Pois não querem compreender que, se estas coisas são como dizem, o próprio Senhor, em quem professam acreditar, não ressuscitou ao terceiro dia, mas imediatamente após a Sua expiração partiu para o alto, deixando o Seu corpo na terra. Mas o facto é que, durante três dias, o Senhor habitou no lugar onde estavam os mortos, tal como Jonas permaneceu três dias e três noites no ventre da baleia (Mateus 12:40) ... Diz David, ao profetizar dele: “*Libertaste a minha alma do inferno mais profundo (túmulo)*”. E ao ressuscitar ao terceiro dia, disse a Maria: “*Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai*” (João 20:17) ...

Como não deveriam então ficar confusos estes homens que alegam... que o seu homem interior [isto é, alma] deixando aqui o corpo, ascende ao espaço supraceleste? Porque, assim como o Senhor... depois da ressurreição foi levado ao céu, assim é evidente que as almas dos seus discípulos... também irão para o lugar invisível... e aí permanecerão até à ressurreição, aguardando esse acontecimento. como o Senhor ressuscitou, chegará à presença de Deus. Assim como o nosso Mestre não voou imediatamente para o céu, mas esperou o tempo da sua ressurreição... assim também nós devemos esperar o tempo da nossa ressurreição. [25]

Ireneu condena assim a tradição moderna de que os cristãos vão diretamente para o céu como almas desencarnadas após a morte. Só no século seguinte é que esta “heresia” platónica (para usar as próprias palavras de *Ireneu*) inundou a Igreja. Outro escritor antigo, *Justinho Martyr*, protestou contra o que mais tarde se tornou uma ortodoxia aceite:

Aqueles que têm uma opinião errada... dizem que a alma é incorruptível, sendo parte de Deus e inspirada por Ele... Então que agradecimentos lhe são devidos, e que manifestação do Seu poder e bondade é ela, se propositadamente salvar o que é salvo pela natureza..., mas nenhum agradecimento é devido a quem salva o que é seu; pois isto é salvar-se... Como ressuscitou então Cristo os mortos? As suas almas ou os seus corpos? Manifestamente ambos. Se a ressurreição fosse apenas espiritual, era necessário que ele, ao ressuscitar os mortos, mostrasse

o corpo a viver à parte de si, e a alma a viver à parte de si. Mas agora não o fez, mas ressuscitou o corpo... Porque continuamos a suportar estes argumentos incrédulos e não vemos que estamos a recuar quando ouvimos um argumento como este?...: Que a alma é imortal, mas o corpo mortal é incapaz de o ser revivido? Sobre isto ouvíamos *Platão*, mesmo antes de aprendermos a verdade. Se então o Salvador disse isto e proclamou a salvação apenas para a alma, que novidade nos trouxe para além do que ouvimos de *Platão*? [26]

O padre da igreja latina, *Tertuliano*, também se opôs à crença de que a alma abandona o corpo na morte e vai para o céu:

Platão... envia imediatamente para o céu as almas que lhe agradam... À questão... para onde a alma se retira [ao morrer] damos agora uma resposta... Os estoicos... colocam apenas as suas próprias almas, isto é, isto é, as almas dos sábios, nas mansões acima. *Platão*, é certo, não permite este destino a todas as almas, indiscriminadamente, nem mesmo a todos os filósofos, mas apenas àqueles que cultivaram a sua filosofia por amor às crianças [isto é, aos homossexuais] ... No seu sistema, então, as almas dos sábios são elevadas ao éter... Todas as outras almas são lançadas no “*Hades*”. [27]

Martinho Lutero também acreditou no que aqui propomos: “Creio que não há lugar nas Escrituras de maior força para os mortos que adormeceram, do que *Eclesiastes 9:5* (“*mas os mortos não sabem coisa nenhuma*”), sem compreender nada do nosso estado e condição, contra a invocação dos santos e a ficção do Purgatório”.

Este mesmo reformador expressou-o de forma bastante pitoresca quando disse: “Todos dormiremos até que ele venha bater na nossa pequena sepultura, dizendo: ‘*Dr. Martin, levanta-te!*’ Então, levantar-me-ei num momento e serei eternamente feliz com ele”.

Tyndale perguntou: “Se as almas dos justos estão no céu, dizei-me porque é que não estão em tão boas condições como as dos anjos? E então qual é a causa e a razão da ressurreição?”

John Wesley observou: “Na verdade, é geralmente assumido que as almas dos homens de bem, assim que são libertadas do corpo, vão diretamente para o céu; mas esta opinião não tem o mínimo fundamento nos oráculos de Deus. Pelo contrário, Nosso Senhor diz a Maria, depois da ressurreição: *Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai*”. [28]

O *Dr. Paul Althaus* em “*The Theology of Martin Luther*” (A Teologia de *Martinho Lutero*) comenta a tomada de controlo que ocorreu no seio da igreja em relação à questão da vida após a morte:

A esperança da igreja primitiva centrava-se na ressurreição do Último Dia. É isto que primeiro chama os mortos para a vida eterna (*1 Coríntios 15; Filipenses 3:21*). Esta ressurreição acontece ao homem e não apenas ao corpo. Paulo fala da ressurreição não “da carne”, mas “dos mortos”. Esta compreensão da ressurreição compreende implicitamente que a morte também afeta o homem inteiro... Assim [na ortodoxia tradicional] os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do dualismo gnóstico helenístico. A ideia neotestamentária da ressurreição que afeta todo o homem teve de dar lugar à imortalidade da alma. O último dia também perde o seu sentido, porque muito antes as almas receberam tudo o que é decisivamente importante. A tensão escatológica já não está fortemente dirigida para o dia da vinda de Jesus. A diferença entre esta e a Esperança do NT é muito grande. [29]

Grandes Implicações

Se ao menos a Igreja tivesse aderido a todo o testemunho bíblico de que o homem é uma alma, e embora possa possuir uma alma, isto é, vida animada, não tem uma alma imortal. Se ao menos a Igreja tivesse ensinado que, quando ele der o último suspiro de morte, o homem não terá esperança de recuperar a consciência, a não ser através do plano de resgate de Deus revelado no Seu Filho Jesus Cristo, que disse: “*porque eu vivo, e vós vivereis*” (João 14:19). Dado que a Igreja trocou a esperança de vida do Evangelho através da ressurreição no regresso de Cristo pelas ideias pagãs e gregas de que o homem tem uma alma encerrada no seu corpo físico, as implicações são enormes.

Mais dois pontos são relevantes. Em primeiro lugar, ter uma visão bíblica do destino do homem não é mais do que uma batalha pela fé. Acreditaremos na palavra de Deus ou na de Satanás? Os mortos estão mortos? Ou ainda estão conscientes? É como me disse um colega de trabalho budista: “A morte faz parte do ciclo da vida”? Ou será que a morte nos dissolve no pó da terra, como diz a Bíblia? A morte acompanha-nos para cima ou para baixo? No princípio Deus disse: “*no dia em que dela comeres, certamente morrerás*” (Gênesis 2:17). A princípio, Satanás disse: “*Certamente não morrereis*” (Gênesis 3:4). Então, quem tem razão? Em quem acreditaremos? Como diz Warren Prestidge:

A ideia da imortalidade da alma diminui e distrai a fé em Deus. A realidade bíblica é que a nossa salvação vem apenas de Deus. Não é uma conquista nossa, nem inerente à nossa própria natureza. O engano mais perigoso é procurar a salvação dentro de nós mesmos ou do nosso mundo. Em vez disso, a Bíblia encaminha-nos para Deus e para a fé em Deus, “que ressuscita os mortos” (2 Coríntios 1:9; Romanos 4:16-22). Só ele tem imortalidade (1 Timóteo 6:16) e poder sobre a morte (João 5:21, 26; Apocalipse 1:17, 18). [30]

Se queremos viver de novo e possuir a “vida eterna”, que é a vida na Era Vinda, devemos cultivar um relacionamento saudável com Deus através do Seu Filho Jesus Cristo. Fora disso não há esperança. O nosso destino está em Deus e no Seu grande plano para nos conceder a imortalidade nos Seus próprios termos. A definição de fé é acreditar na Sua palavra e agir de acordo com ela.

Em segundo lugar, a Igreja em geral estragou a plataforma central da sua plataforma evangélica. Em vez de possuir a esperança segura e certa na vinda de Jesus do céu para estabelecer o prometido Reino de Deus, o que se tornou o momento mais importante é a morte do indivíduo. O desafio para os incrédulos passou a ser: “Se morresse hoje, tem 100% de certeza de que iria para o céu?” Esta é uma linguagem completamente estranha ao NT. O nosso foco mudou drasticamente do que é ensinado no NT. Consequentemente, a Igreja perdeu o seu poder de proclamar ao mundo que a sua única esperança é a vinda de Jesus Cristo para ressuscitar os mortos e inaugurar o Reino de Deus na terra.

A questão aqui não diz respeito nada mais nada menos do que à natureza do nosso Salvador. Será Ele um Salvador que nos pode salvar completamente e a toda a criação? Será a salvação que Cristo oferece simplesmente uma fuga do mundo e dos nossos problemas ou será nada mais nada menos do que a redenção completa de todo o homem e de todo o nosso mundo? Paulo esperava que o regresso de Cristo trouxesse uma terra renovada, com toda a natureza libertada do seu atual estado de futilidade e escravidão. Esta poderosa esperança baseada na perspectiva de que Deus interviria mais uma vez na história humana para regenerar a glória na Segunda Vinda de Cristo permitiu que Paulo e a igreja cristã primitiva vencessem os seus perseguidores:

“Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus... E não só ela, mas nós mesmos... também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:18-23).

Comentando esta perícopes, *Martyn Lloyd-Jones* diz (desta vez cito-o com aprovação!):

Há muitos hoje que se consideram cristãos e não acreditam na ressurreição e na glorificação do corpo. Acreditam que quando o cristão morrer estará com Cristo; e parecem pensar nele como um estado e condição espiritual vago, nebuloso e indefinido. Mas esse não é o ensino das Escrituras. As Escrituras ensinam a ressurreição do corpo como uma parte essencial da nossa salvação... Habitaremos nestes corpos glorificados na terra glorificada. Esta é uma das grandes doutrinas cristãs que foi quase completamente esquecida e ignorada. Infelizmente, a igreja cristã (falo de um modo geral) não acredita nisso e, por isso, não o ensina. Ele perdeu a esperança. [31]

O contraste entre estas duas visões do mundo é enorme. *Platão* (e também o Hinduísmo e o Budismo) diz que o que realmente importa é a alma, por isso fuja lá para cima. A Bíblia diz que todo o homem, o corpo, toda a natureza, toda a história humana será redimida. *Platão* diz que o corpo não conta; na verdade, é apenas uma casca, até mesmo maligna. A Bíblia diz que toda a criação, incluindo o nosso corpo, é *“muito bom”* (*Gênesis 1:31*) e Deus tem um plano mestre para o Seu cosmos. Ele recuperará decisivamente a Sua criação quando enviar o Seu Filho Jesus Cristo de volta a este mundo (*Hebreus 1:6*). Infelizmente, a defesa da Igreja primitiva contra esta invasão helenística cedeu passados alguns séculos. A parede rebentou. A igreja bebeu a venenosa bebida platônica de que só a “alma” é que realmente conta. O corpo pode até ser maltratado, menosprezado. Assim, a Igreja construiu os seus mosteiros, encheu-os de eremitas que faziam votos de silêncio e celibato, e fomentou a desconfiança nas mulheres e no bom sexo que Deus tinha inventado. Eles açoítaram os seus corpos. Ao beber o veneno do platonismo, a igreja cristã trocou a sólida esperança apostólica de uma renovação total de toda a criação por uma pálida imitação de “espíritos” sobrenaturais que deixaram o corpo. Não é nenhuma surpresa que os cristãos de hoje estejam abertos ao espiritismo e ao misticismo, um ponto que irei fundamentar em breve no resumo número quatro.

Em terceiro lugar, a igreja ensinou que as “almas imortais” sofrerão conscientemente para sempre no fogo do inferno. Esta doutrina, na qual confesso acreditar e ensinar com todas as minhas forças e determinação, trouxe muitos infortúnios à Igreja e ao Deus que queríamos que outros aceitassem. A noção medieval de prestar indulgências à Igreja para aliviar o sofrimento dos que estão no purgatório é uma consequência direta do espiritismo imortal. *Platão* dizia que a alma não pode ser destruída e nunca perece. [32] A Igreja adotou convenientemente esta filosofia para os seus próprios fins, tanto para encher os seus cofres como para evitar que os fiéis se desviassem. Orar aos santos (outra noção não bíblica) tem também origem na crença de que os mortos já estão vivos junto de Deus e podem, por isso, interceder e ajudar os vivos que ainda estão na terra. Esta prática que desonra a Deus nunca se teria desenvolvido se a Igreja tivesse cuspidado cedo o veneno do dualismo grego. Paulo alertou que a ideia de que os mortos já estão vivos seria um cancro fatal para a igreja (*2 Timóteo 2:18*).

É certo que o evangelicalismo moderno não promove o purgatório, as indulgências ou a oração aos santos, mas ainda assim adota o dualismo platónico para os seus próprios fins. Se não conseguirmos amar as pessoas para dentro do Reino, então vamos assustá-las com imagens de almas a arder para sempre. Ora, é claro, a Bíblia chama as pessoas ao arrependimento e à fé em Deus, para “fugir da ira vindoura”. O destino que espera cada ser humano é comparecer perante o tribunal de Cristo e responder pelas obras que realizamos nesta vida. Isto por si só deveria causar grande medo em qualquer pessoa pensante. Saber que Deus “Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou; e disse deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos” é certamente uma perspectiva aterradora (Atos 17:31).

Então de onde vêm as imagens do fogo eterno? Certamente da Bíblia? Ah, mas o problema mais uma vez, como vimos ao longo deste livro, é que lemos estas palavras com os nossos óculos gregos postos. O destino de todos aqueles cujas vidas não se encontram no “livro da vida” será “lançado no lago de fogo” (Apocalipse 20:15). De facto. E Jesus não disse a mesma coisa quando advertiu: “Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida coxo, ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno” (Mateus 18:8)? Sim, fez. E quando Jesus falou dos vermes que nunca morrem?: “E, se o teu olho te escandalizar, lança-o fora; melhor é para ti entrares no reino de Deus com um só olho do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno, Onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga” (Marcos 9:47, 48) E onde está? diz?: “E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome”? (Apocalipse 14:11). Certamente que estas passagens falam de pessoas como almas em tormento consciente para sempre?

Qualquer pessoa familiarizada com a Bíblia Hebraica saberá que cada uma destas imagens do destino dos ímpios foi retirada do AT. Assim, antes de tirarmos conclusões precipitadas, vamos olhar brevemente para estas imagens através dos nossos olhos hebreus. Na Bíblia Hebraica, o destino dos ímpios é chamado de “destruição”. E os contextos deixam claro que a aniquilação total está à vista:

“Consumo-os na tua indignação, consumo-os, [a margem diz Põe um fim], para que não existam” (Salmos 59:13).

“Desapareçam da terra os pecadores, e os ímpios não sejam mais” (Salmos 104:35).

“Porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei de sobre a face da terra toda a substância que fiz” (Gênesis 7:4).

“apagaste o seu nome para sempre e eternamente” (Salmos 9:5).

“E lançaram os seus deuses no fogo; porquanto não eram deuses, mas obra de mãos de homens, madeira e pedra; por isso os destruíram” (2 Reis 19:18).

Os ímpios “e serão como se nunca tivessem sido” (Obadias 16).

O pecador será “como a fumaça [a passar] da chaminé” (Oseias 13:3).

“Tu os farás como um forno de fogo no tempo da tua ira” (Salmos 21:9).

Os versículos poderiam ser multiplicados, mas a mensagem é a mesma. Os ímpios serão “destruídos” por Deus, isto é, “obliterados”, e desaparecerão completamente, e será “como se nunca tivessem existido”. O fogo os “consumirá” completamente (*Salmo 21:9; Isaías 33:10-14; 66:15-17*). Aniquilação! O AT nada sabe sobre o tormento eterno e consciente dos ímpios. E o NT afirma esta descrição do destino dos ímpios e confia diretamente nas suas imagens. Tomemos como exemplo a imagem de *Malaquias 4:1-3*:

“PORQUE eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e cura trará nas suas asas; e saireis e saltareis como bezerras da estrebaria. E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que estou preparando, diz o SENHOR dos Exércitos” (*Malaquias 4:1-3*)

O Senhor Jesus refere-se a esta imagem em *Mateus 13*, onde diz: “Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes” (*Mateus 13:40-42*).

Este fogo será “inextinguível” (por exemplo, *Marcos 9:43, 48*), não para sugerir que continue sem fim (não demora muito para a palha arder!), mas para enfatizar que o fogo não pode ser impedido de se completar. o seu trabalho. de destruição total. Mais uma vez, a frase vem diretamente do AT, onde a sua força é muito clara (por exemplo, *Isaías 1:31; Jeremias 4:4; 7:20; 17:27; Ezequiel 20:45-48; Amós 5:6*). [33]

Caso se objete aqui que o “pranto e ranger de dentes” aponta para o sofrimento eterno, deve-se realçar que isso significa ler na passagem o que ela não diz. Haverá sofrimento, mas não há aqui qualquer indicação de quanto tempo o “pranto e ranger de dentes” se vai manter. Além disso, esta frase, mais uma vez, baseia-se diretamente no precedente do AT e descreve uma reação, não tanto à punição contínua, mas à intervenção adversa de Deus enquanto tal. O “pranto” expressa uma antecipação temerosa, talvez arrependida, do juízo divino (*Sofonias 1:14; Tiago 5:1*) e o “ranger de dentes” expressa uma raiva impotente, frustrada, talvez arrependida contra Deus e os redimidos, antes de “se derreter” (*Salmo 112:10*). [34]

Se houver alguma dúvida de que “o castigo do fogo eterno” significa destruição e aniquilação total, então a Bíblia dá-nos um exemplo baseado na história para ilustrar o seu próprio significado. Mais uma vez, notamos como o NT remonta ao AT e nele se inspira: “Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregue à fornicção como aqueles, e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno” (*Judas 7*).

Ao longo da Bíblia Hebraica, Sodoma e Gomorra são citadas como exemplos históricos do julgamento de Deus sobre os pecadores. Sodoma e Gomorra são tipos que representam como será o julgamento futuro de Deus (ver *Lucas 17:28-30; 2 Pedro 2:6*). Note-se que foi o “fogo eterno” que se abateu sobre Sodoma e Gomorra. Não se pensa aqui que Sodoma e Gomorra ainda estejam a sofrer com o incêndio. Hoje são cinzas, completamente destruídas. Por outras palavras, o fogo não é eterno porque continua indefinidamente. Pelo contrário, é “eterno” porque os seus efeitos são permanentes e têm a ver com a era vindoura. O efeito do julgamento de fogo é eterno porque nunca será revertido.

O mesmo princípio se aplica quando Jesus refere que no inferno “o seu verme não morre”. Jesus baseia-se nas imagens do AT em *Isaiás 66*: “E sairão, e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror a toda a carne” (*versículo 24*).

Aqui *Isaiás* contempla os cadáveres que foram “mortos do SENHOR” (*versículo 16*). O “fogo” e o “verme” estão a demolir cadáveres, e não almas imortais no inferno. Nada impedirá que o fogo e o verme atinjam a aniquilação total. “Deve-se notar que de acordo com esta imagem são os vermes que nunca morrem e o fogo que é perpétuo ou eterno. Tudo e todos na “*Gehenna*” morrem, decaem e são destruídos. “*Gehenna*” é a imagem da destruição total, o extremo oposto da vida.” [35] O mesmo se aplica ao “*fumaça do seu tormento [que] sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite*” (*Apocalipse 14:11*). Não é o tormento que sobe para sempre, mas o seu fumo. Esta é uma imagem de destruição final que dura para sempre. Uma vez destruído, não há como voltar atrás ou revogar o decreto de Deus. Se for contestado que o *versículo 10* parece indicar o contrário (onde se diz que aqueles pecadores ímpios que adoraram a Besta “*será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos Anjos e diante do Cordeiro*”), *Prestidge* volta a salientar que:

Esta frase enfatiza a inevitabilidade do sofrimento enquanto dura. Esta frase também deriva do Testamento Hebraico: *Isaiás 34:8-18*, outra passagem da tradição de Sodoma e Gomorra, que também inclui referência ao fumo que sobe “*para sempre*”. Contudo, fica muito claro que, em *Isaiás 34*, o efeito pretendido do julgamento é a aniquilação: “*de geração em geração será assolada; pelos séculos dos séculos ninguém passará por ela ... Eles chamarão ao reino os seus nobres, mas nenhum haverá; e todos os seus príncipes*”. A referência ao fumo que sobe continuamente é uma forma gráfica de caracterizar o julgamento como um acontecimento terrível, completo e único que recorda para sempre a justiça de Deus contra o mal. [36]

Outros textos falam de os ímpios serem “lançados nas trevas exteriores”. Esta é outra figura de linguagem do AT relacionada com o dia do juízo (ver *Sofonias 1:14; Amós 5:16-20; 8:9, 10*) e a imagem é de exclusão das luzes brilhantes do banquete messiânico. quando Jesus voltar. “Juntos, as trevas e o fogo ‘consertam’ para nós as invariáveis implicações gêmeas da sentença adversa final de Deus: *rejeição e aniquilação*”. [37]

Se juntarmos tudo isto, verificamos que a noção popular e repulsiva de castigo eterno está a um mundo de distância da “destruição eterna” da Bíblia. “Destruição eterna” significa a destruição que pertence à Era futura. É irreversível. O destino do homem está selado para sempre. “*será réu do eterno juízo*” (*Marcos 3:29*) não significa um pecado cometido incessantemente, mas um pecado que traz consequências eternas das quais não há reversão, porque mantém alguém fora do Reino do Messias para sempre. Sofrer o “*eterno juízo*” (*Hebreus 6:2*) também não significa estar no processo de permanecer eternamente diante de Deus, mas sim sofrer as consequências de um julgamento que nunca será revertido. A “vida eterna”, por outro lado, é a vida da Era Vinda, ou seja, uma salvação com consequências eternas, porque concede a imortalidade.

Desviar-se da linguagem da Bíblia Hebraica para o julgamento de Deus resultou na promoção da Igreja de noções filosóficas gregas de almas imortais para sempre em tormento consciente. Este ensinamento é estranho a Jesus e também aos apóstolos do NT. Baseiam-se precisamente nas suas raízes hebraicas. Uma vez julgados, os pecadores serão consumidos, destruídos e aniquilados de toda a existência viva. Não há lugar na Bíblia para qualquer dualismo eterno, onde os malfeitores

sofrerão em algum canto remoto da nova era de Deus para todo o sempre. Nos novos céus de Deus e na nova terra de Deus não haverá “injustiça” (2 Pedro 3:10-13), nem gritos dos condenados que vivem numa miséria sem fim. Terão sofrido “destruição eterna” na presença do Senhor (2 Tessalonicenses 1:9). O mal não é eterno. “O propósito de Deus em Cristo é superar e eliminar o sofrimento e o mal, não os perpetuar”. [38] O verdadeiro problema não é então o evangélico moderno “Onde passarás a eternidade?” mas “Passarás a eternidade vivo ou morto?”

Em quarto lugar, ao ensinar que os humanos têm ou são “almas imortais”, a Igreja abriu, sem saber, a proverbial caixa de Pandora ao ocultismo. Isto parece incrível demais? De seguida, volte ao início deste capítulo. Recorde-se daqueles que afirmam ter tido EQM (experiências de quase-morte) e, em particular, CDM (comunicações pós-morte). Estas experiências não se limitam ao mundo secular. Estão difundidos dentro da igreja. São promovidos em livros “cristãos” populares que apoiam a ideia da sobrevivência dos mortos.

Recordo-me que, quando era jovem, entrei corajosamente numa “igreja espírita cristã” e perguntei a uma senhora porque estava ali, interessando-se pelo chamado “espiritismo cristão”. Era uma viúva que dizia manter comunicação semanal com o seu falecido marido. “E como é que sabe que está a comunicar com o seu marido morto?” Eu consultei. “Ele visita-me com frequência. “Vem à noite e senta-se ao pé da minha cama”, insistiu. Pressionei para obter mais informações. “E como é que sabe que ele se senta na ponta da cama?” Ela respondeu com convicção: “Porque vejo a marca que ele faz na ponta da cama quando vem e se senta ao meu lado”.

O notável historiador *Arnold Toynbee* estudou as civilizações de toda a história. *Toynbee* concluiu que a adoração de si mesmo era a religião suprema da humanidade, embora aparecesse sob várias formas. Ao aceitar a mentira satânica de que o homem é imortal, permitimos que ele acreditasse que é como Deus, isto é, de natureza divina. Esta crença não é mais do que auto adoração. *Ernest Holmes* fundou a Igreja da Ciência Religiosa (também conhecida como Ciência da Mente) com base no “Segredo Supremo” que os “Mestres da Sabedoria” terão revelado a *Napoleon Hill*. A Ciência da Mente ensina que o poder original e criativo do universo, a fonte da vida de todas as coisas, é um princípio da realidade cósmica que está presente em todo o universo e em cada ser humano. A Ciência da Mente ensina que o homem controla o curso da sua própria vida. Basta juntar o poder do pensamento positivo a esta lei universal e poderemos criar o nosso próprio mundo! O homem, ao pensar, pode trazer para a sua experiência tudo o que quiser. “O Poder do Pensamento Positivo” de *Norman Vincent Peale* e “Pensamento de Possibilidades” de *Robert Schuller* ensinam ainda que podemos transformar desejos em realidade quando acreditamos o suficiente. *Paul Yonggi Cho*, pastor da maior igreja do mundo em Seul, na Coreia, afirma: “Através da visualização e dos sonhos pode incubar o seu futuro e incubar os resultados”.

O que é que tudo isto tem a ver com a posição da Igreja de que o homem não morre? Simplesmente que, uma vez que aceitamos a mentira satânica de que o homem é de natureza divina, o Cavalo de Troia já passou pela porta da frente da igreja. O denominador comum é o eu, o desejo de nos tornarmos um “deus”, de determinar o nosso próprio destino. Foi a mentira que fisegou não só Eva, mas todos os seus descendentes. E na medida em que procuramos manipular Deus, satisfazendo os nossos próprios fins egoístas, negando a nossa própria mortalidade e corruptibilidade, e recusando aceitar o veredicto de Deus de que somos pó e mortais, nessa medida estamos a exaltar-nos à posição de deuses.

Tendo aceite o princípio platônico de que o homem é um corpo com um espírito eterno a habitar dentro dele, a Igreja abriu as suas portas a todo o tipo de práticas ocultas. No seu livro *“The Seduction of Christianity”* (A Sedução do Cristianismo), *Dave Hunt* e *T.A. McMahon* alerta-nos para os perigos das práticas de meditação, visualização ou “imaginação”:

Alguns cristãos têm mesmo experiências muito reais de se visualizarem na presença de Deus, embora a Bíblia declare que Ele *“habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver”* (1 Timóteo 6:16). *Richard Foster* escreve: “Na sua imaginação, deixe o seu corpo espiritual, a brilhar de luz, emergir do seu corpo físico. Olhe para trás para que se possa ver ... e assegure ao seu corpo que regressará momentaneamente.... Aprofunde-se cada vez mais no espaço exterior até que não reste nada para além da presença calorosa do Criador eterno. Descanse na presença dele. Ouça em silêncio... [para] quaisquer instruções dadas”.

[39]

Que engano perigoso é ensinar aos homens que têm almas imortais que, quando morrem, abandonam o corpo e vão imediatamente para a presença de Deus! Este é um ensino claramente gnóstico que não é ensinado nas Escrituras. É igualmente falso ensinar que o homem já é divino por natureza. O homem quer ser como Deus. Mas a realidade é que *“Uma voz diz: Clama; e alguém disse: Que hei de clamar? Toda a carne é erva e toda a sua beleza como a flor do campo. Seca-se a erva, e cai a flor; soprando nela o Espírito do SENHOR. Na verdade, o povo é erva. Seca-se a erva, e cai a flor; porém a palavra de nosso Deus subsiste eternamente”* (Isaías 40:6-8). O homem não é mais do que um mortal frágil. Ou, para usar outra metáfora bíblica, o homem é como uma nuvem de *“um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece”* (Tiago 4:14). Como observámos acima, por natureza não é diferente dos animais que morrem por morrer!

Deus impôs a morte para nos ensinar a nossa verdadeira natureza, como criaturas antes d’Ele, para negar a nossa divindade e autossuficiência, para que possamos aprender a descansar n’Ele. E, no entanto, hoje, contra todo o bom senso, a maioria das pessoas ainda se agarra a ele. E a Igreja Cristã, contrariamente às suas próprias Escrituras, tem ajudado e encorajado esta crença, proporcionando uma base para a crença na nossa própria divindade, minando o seu próprio Evangelho!

Para o cristão que está em relação com Deus através de Cristo, somos “eu e tu”. Para o espírito, o místico, a alma imortal, o budista, é “Eu sou Tu”, ou seja, a alma imortal dentro de mim liga-me para sempre ao Eterno e eu sou divino. O ensinamento de que o homem é de alguma forma divino e imortal colocou o dedo à porta da Igreja e, pronto, uma série de outros “demónios” irromperam para se sentarem nos bancos! Sim, as implicações de aceitar a “alma imortal” são verdadeiramente enormes.

A Bíblia diz que em Cristo o homem pode participar da natureza divina, que pode obter a imortalidade que atualmente lhe falta. Jesus ensinou que a imortalidade nos é concedida através do seu espírito e das suas palavras. O Evangelho que Jesus pregou em toda a parte trouxe à luz *“a vida e a incorrupção”* (2 Timóteo 1:10). A nossa maior e mais urgente necessidade é descobrir o que é o Evangelho e certificarmo-nos de que o acreditamos e o vivemos. Agora voltamos a nossa atenção para esta questão vital.

Notas Finales

- [1] *W.A. Criswell, "The Holy Spirit in Today's World"* (O Espírito Santo no mundo de hoje), pág. 61.
- [2] *Mike Agostini, "The Dying Experience and Learning How to Live"* (A experiência de morrer e aprender a viver), Vacluse Press.
- [3] Citado em *Kuschel, "Born Before All Time?"* (Nascido antes de todos os tempos?) pág. 137.
- [4] *"The good oil"* (O bom óleo): la verdad, con un atisbo de recibirlo en confianza.
- [5] *Anthony Buzzard, "What Happens When We Die?"* (O que acontece quando morremos?) Restoration Fellowship, 2002, pág. dieciséis.
- [6] *Murray Harris, "Raised Immortal"* (Criado imortal), citado em *Warren Prestidge, "Life, Death and Destiny"* (Vida, Morte e Destino), Auckland, Nueva Zelanda: Resurrection Publishing, pág. 13.
- [7] *J.A.T. Robinson, "In the End God"* (Ao final Deus), Londres: SCM Press, 1950.
- [8] Buzzard, *"What Happens When We Die?"* (O que acontece quando morremos?) pág. 40.
- [9] *Ibid.*, pág. 56.
- [10] Os leitores que pretendam aprofundar este interessante tema podem consultar Focus on the Kingdom, Volume 9, N.º 2 e 3, novembro e dezembro de 2006, em focusonthe kingdom.org. O que se segue representa um resumo desse excelente artigo.
- [11] *Robert Bratcher, "Bible Translator 34"* (Tradutor da Bíblia 34), no. 3, julio de 1983, pág. 337.
- [12] *Warren Prestidge, "Life, Death and Destiny"* (Vida, Morte e Destino), pág. 29.
- [13] Buzzard, *"What Happens When We Die?"* (O que acontece quando morremos?) pág. 58.
- [14] *Warren Prestidge, "Life, Death and Destiny"* (Vida, Morte e Destino), pág. 30.
- [15] *Ibid.*, pág. 23.
- [16] *"Cranky"* (Mal-humorado) - enojado.
- [17] *Hach, "Possession and Persuasion"* (Possessão e persuasão), pág. 131 citando o Dicionário Webster do Novo Mundo, 1962.
- [18] *EW Bullinger, "Companion Bible"* (Bíblia Companheira).
- [19] *"In the End God"* (Ao final Deus), p. 106.
- [20] Buzzard, *"What Happens When We Die"* (O que acontece quando morremos?) pag. 45.
- [21] *Warren Prestidge, "Life, Death and Destiny"* (Vida, Morte e Destino), pág. 45.
- [22] *Ibid.*, págs. 46-47.
- [23] *Ibid.*, pág. 19.
- [24] *Ibid.*, pág. 108.
- [25] *"Against Heresies, Book 5"* (Contra as heresias, Libro 5).
- [26] *"Dialogue with Trypho"* (Diálogo com Trifon), cap. 80.
- [27] *"A Treatise on the Soul"* (Tratado da Alma), cap. 51, 54.
- [28] *"The Rich Man and Lazarus"* ("O rico e Lázaro"), Sermón 112.
- [29] *Paul Althaus, "The Theology of Martin Luther"* (A teologia de Martín Lutero), Fortress Press, 1966, págs. 413, 414.
- [30] *Warren Prestidge, "Life, Death and Destiny"* (Vida, Morte e Destino), p. 53.
- [31] *M. Lloyd-Jones, "Romans: Exposition of Chapters 8:17-39, The Final Perseverance of the Saints"* (Romanos: Exposição dos capítulos 8:17-39, A Perseverança Final dos Santos), págs. 71-72.
- [32] *"Phaedo"* (Fédon) 14, 24, 36.
- [33] *Warren Prestidge, "Life, Death and Destiny"* (Vida, Morte e Destino), pág. 78.
- [34] *Ibid.*, pág. 79.
- [35] *Albert Nolan, "Jesus Before Christianity: The Gospel of Liberation"* (Jesus antes do cristianismo: o evangelho da libertação), Londres: Darton, Longman & Todd, 1986, pág. 89.
- [36] *Warren Prestidge, "Life, Death and Destiny"* (Vida, Morte e Destino), pág. 84.
- [37] *Ibid.*, pág. 79.
- [38] *Ibid.*, pág. 95.
- [39] *Dave Hunt y T.A. McMahon, "The Seduction of Christianity: Spiritual Discernment in the Last Days"* (A Sedução do Cristianismo: Discernimento Espiritual nos Últimos Dias), Oregon: Harvest House Publishers, 1986, p.164.

Oito OUTRO EVANGELHO

*“Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à
graça de Cristo para outro evangelho”
(Gálatas 1:6).*

No seu *“Honest to Jesus”* (Honesto com Jesus), *Robert Funk* conta a história de um homem que brinca à apanhada com o seu cão. De vez em quando finge que está a atirar a bola e depois, enquanto o cão está a desviar o olhar, atira-a mesmo. Como o cão não se apercebeu deste engano, senta-se pacientemente aos pés do dono e espera. O seu professor aponta na direção da bola. O cão, sem compreender o significado daquele gesto, ladra para o dedo que aponta. *Funk* aplica então a história à Igreja. Diz que os seguidores posteriores de Jesus são como aquele cão: Jesus aponta para algum horizonte nas suas parábolas, algum além fabuloso, algo a que chamou o estado (ou Reino) de Deus, que ele vê, mas para o qual o resto de nós está cego. Como cães, ladramos ao dedo que aponta, alheios à impressionante cena atrás de nós. Tudo o que precisamos de fazer é virar-nos e olhar para onde ele aponta. O movimento de Jesus, a Igreja do Novo Testamento (NT), cedo trocou a visão. Não conseguiram manter a visão resumida nas parábolas de Jesus e noutros veículos verbais, e perderam a história. Não sabiam celebrar a visão de Jesus sobre o Reino de Deus. [1]

Eu também era como aquele cão que ladrava na direção errada. Se alguém soubesse o que era pregar o Evangelho, acreditaria que eu sabia. Nascido e criado numa forte tradição evangélica das Igrejas de Cristo, aos 12 anos fui à frente de uma reunião da igreja e confessei Cristo como meu “Senhor e Salvador pessoal” e fui batizado por imersão total. Sentei-me sob a supervisão de vários evangelistas australianos e americanos importantes durante a minha adolescência e ouvi-os explicar o Evangelho aos “não salvos”. Depois fui para a Faculdade Bíblica em Sydney durante quatro anos e depois de me formar passei mais de uma década a pregar o Evangelho não só como pastor em igrejas locais, mas também como evangelista em toda a Austrália (exceto no estado da Austrália Ocidental). “Eu preguei o evangelho” em todos os tipos de reuniões e ambientes, desde pregações ao ar livre nas ruas até grandes cruzadas combinadas por toda a cidade, até visitas individuais à porta de casa, convenções de jovens, pequenos-almoços de empresários e reuniões das mulheres. pequenos-almoços, programas de rádio e até no estrangeiro. Ajudei centenas de pessoas a chegar à fé pessoal em Cristo ainda muito jovens. Sim, conhecia o Evangelho. Poderia apresentar as “Quatro Leis Espirituais”, e se quisesse tornar-se membro das Igrejas de Cristo, também conhecia a versão mais longa dos “Cinco Dedos”!

A seguinte citação de um tratado evangélico de *Billy Graham* era típica da minha abordagem bem praticada:

“Se ler as epístolas de Paulo, perceberá que a mensagem se centra em três coisas: morte, sepultura e morrer. A mensagem centra-se em três coisas: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. No que diz respeito a Paulo, Cristo Jesus veio fazer a obra de três dias: esta obra começou quando ele foi pregado na cruz e terminou quando Deus o ressuscitou dos mortos. Paulo nunca falou da vida terrena do nosso Senhor – o seu batismo, o seu batismo, a

sua tentação, os seus milagres, os seus ensinamentos ou mesmo os seus sofrimentos no jardim do Getsémani. Isto é consistente com o resto do Novo Testamento, pois devemos lembrar que Cristo não veio principalmente para pregar o Evangelho (embora tenha anunciado a libertação do prisioneiro), mas sim que haveria um Evangelho para pregar. Este evangelho foi conquistado e tornado realidade através do seu trabalho na cruz. Devemos recordar que Jesus Cristo viveu o Sermão da Montanha durante 30 anos antes de o pregar. Os seus ensinamentos e a sua vida sem pecado nunca mudaram uma vida ou libertaram uma pessoa da vida de pecado. Só a sua morte na cruz poderia fazer isso”. [2]

Sim, senhor. Eu teria dado o meu mais sincero “Ámen” a esta versão do Evangelho. Não nos disse o apóstolo Paulo que Jesus essencialmente “veio fazer três dias de trabalho”? Paulo não concordou que a mensagem do Evangelho “se centra em três coisas: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo”? Bem, escreva:

“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras...” (1 Coríntios 15:3, 4)

Um dia, porém, percebi que esta definição clássica do Evangelho não diz o que a maioria de nós aprendeu que diz. Literalmente, Paulo escreveu isto: “*Pois antes de mais vos ensinei o que também recebi*”. Embora a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus sejam cruciais e integrantes do Evangelho, não constituem todo o Evangelho. São verdades *entre outras (in protois)* que constituem o Evangelho. Naturalmente perguntamo-nos: quais são as outras coisas de importância primordial no Evangelho? Mais criticamente, devemos perguntar se é possível que o Evangelho que Paulo pregou tenha sido (sem o nosso conhecimento) trocado por “*um evangelho diferente*” (Gálatas 1:6, 7), um evangelho esgotado. Neste capítulo mostro que, tal como o cuco que atira os ovos legítimos para fora do ninho para os substituir pelos seus próprios – que se transformam num monstro muito maior do que os donos originais do ninho – o evangelho evangélico moderno é um impostor que tem substituído o Evangelho originalmente pregado por uma caricatura. Veremos que quando o “Cristianismo Ortodoxo” codificou as suas convicções nos seus primeiros credos, “as afirmações sobre o Cristo foram isoladas da informação sobre Jesus de Nazaré. O Credo dos Apóstolos dava a entender que não havia nada digno de nota entre a concepção milagrosa de Jesus e a sua morte na cruz. O credo deixou um espaço em branco onde Jesus deveria ter vindo”. [3] Observaremos mais uma vez como o helenismo reinterpreto o Evangelho de Jesus para servir o programa eclesiástico da Igreja.

Certamente, se quisermos compreender corretamente o Evangelho, um bom lugar para começar seria pelo próprio Senhor Jesus. É justamente chamado o pioneiro, o inaugurador da fé cristã (Hebreus 12:2). As Escrituras insistem que a nossa grande salvação “*começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram*” (Hebreus 2:3). Jesus foi o primeiro pregador do Evangelho (não Pedro ou Paulo, que mais tarde “confirmaram” a mensagem!), por isso, certamente, definirá o seu Evangelho para nós! E se queremos compreender corretamente Jesus de Nazaré e o seu Evangelho, devemos localizá-lo no mundo judaico da Palestina do primeiro século. Porque tudo o que eu disse e fiz tinha de fazer sentido (mesmo que fosse ou seja perturbador) dentro daquele contexto cultural. Costuma dizer-se que o Cristianismo se baseia numa pessoa: o Cristianismo é “Cristo em ti”; A sua essência é uma “relação pessoal” com o próprio Cristo. Isto é verdade. Mas é apenas uma meia verdade perigosa. Porque se queremos compreender

Jesus como pessoa e como missão, devemos perguntar-nos: *em que se fundou a pessoa?* O que é que Jesus viu e sentiu que era tão encantador, tão fascinante, tão desafiante que o deixou fascinado?

“A resposta é que foi fundada numa ideia, uma ideia estranha e comum entre os judeus do seu tempo, uma ideia estranha ao pensamento ocidental que muitos teólogos não judeus ainda consideram muito inconveniente: a ideia do messianismo. Foi o messianismo que fez da vida de Jesus aquilo que ela era e assim deu origem ao cristianismo”. [4] A convicção última sobre a qual assenta todo o edifício do Cristianismo é que em Jesus veio o Messias. Este ensinamento era o Evangelho subjacente a todos os evangelhos, a Boa Nova que o rei de Israel e o seu Reino estavam a ser anunciados. O Cristianismo defende da boca para fora o facto fundamental de que Jesus era este Messias, cujo advento cumpriu todas as antigas profecias, mas singularmente não se concentra em como compreender este Messias e o seu Evangelho e, portanto, como vir a conhecê-lo. O messianismo de Jesus é afirmado e depois rapidamente elidido para o revelar sob uma luz mais alinhada com os conceitos helénicos do que judaicos. [5] Ao divulgar o Evangelho do Reino que Jesus ensinou, não devemos cometer o mesmo erro. Começamos pelo início.

No início do seu ministério somos informados que: “*veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus, E dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho*” (Marcos 1:14, 15; também Mateus 4:17-23). Para alguns de nós de origem evangélica “tradicional”, é estranho pensar que Jesus pregou o Evangelho! Cremos que os apóstolos foram os primeiros pregadores do Evangelho depois do Pentecostes. Afinal, que evangelho havia para pregar antes da crucificação, sepultamento e ressurreição? Mas Marcos diz-nos que Jesus veio pregar “o Evangelho de Deus” no início do seu ministério na Galileia. Este foi o seu manifesto de abertura: “*Arrependei-vos e acreditai no Evangelho*”.

Do princípio ao fim, Jesus enfatizou constantemente um tema: o prometido Reino de Deus. Compreender o que Jesus quis dizer com “o Reino de Deus” é a chave para compreender a sua missão, o propósito dado por Deus, a sua *raison d’être*. Compreender o que Jesus quis dizer com Reino de Deus é compreender o verdadeiro Jesus. Perder o que Jesus quis dizer com Reino de Deus é perder Jesus completamente. Porque Jesus definiu o Evangelho como o Evangelho do Reino. Todos os outros quadros de referência na nossa compreensão da sua missão e mensagem surgem desta frase-chave: “o Reino de Deus”. Não devemos ignorar este *locus classicus*. Ignorar a pregação do Evangelho do Reino por parte de Jesus seria divorciar fatalmente Jesus da sua própria mensagem e contexto.

É axiomático que Jesus acreditava que o Deus de Israel, Jeová, era o seu Deus e Pai. Acreditava que era o Ungido de Deus e estava destinado a governar o Reino de Deus que se avizinhava. Que era filho de David e tinha sangue de reis nas veias. “Naquele Messias refere-se àquele que Deus unge, ou delega, para governar o reino de Deus (ver Salmo 2; Marcos 15:32), tudo o que Jesus faz desde o seu batismo está imerso na antecipação profética da vinda do Reino. de Deus.” [6] Ao anunciar o Evangelho do Reino, Jesus anuncia-se como o Messias designado. Acreditava-se que com ele tinha chegado o momento mais dramático de toda a história. Chegou a hora de as pessoas se prepararem urgentemente para a chegada deste Reino. Para as pessoas comuns daquela cultura isto só poderia significar uma coisa: Israel seria finalmente redimido, resgatado da opressão. *N.T. Wright* observa corretamente:

O “Reino” de Deus não era um estado de espírito ou uma sensação de paz interior. Foi concreto, histórico, real. Os cristãos ocidentais do século XX precisam de se livrar de algumas

ideias, agora mesmo. Quando as pessoas largaram as ferramentas por um tempo e subiram a encosta para ouvir Jesus falar, podemos ter a certeza de que não ouviriam alguém dizer-lhes para serem gentis uns com os outros; ou que se se comportassem bem (ou compreendessem o esquema teológico correto) haveria um futuro promissor à sua espera quando chegassem ao “céu”; ou que Deus finalmente decidiu fazer algo para os perdoar pelos seus pecados. Os judeus do século I sabiam que deviam ser bondosos uns com os outros. Na medida em que pensavam na vida após a morte, acreditavam que o seu Deus cuidaria deles e, eventualmente, lhes daria novos corpos físicos no seu mundo renovado. (A frase “Reino dos Céus”, que encontramos no Evangelho de Mateus, *não* significa um lugar no Reino chamado “céu”. É uma forma reverencial de dizer “o Reino de Deus”).

Não há sinal de que os judeus do primeiro século se estivessem a perguntar tristemente como os seus pecados seriam perdoados. Tinham o Templo e o sistema sacrificial, que tratava de tudo isto. Se Jesus tivesse dito apenas o que muitos cristãos ocidentais parecem pensar que disse, teria apenas bocejado. O que ele realmente disse foi tão revolucionário que acordou toda a gente. Foi tão dramático que Jesus parece ter adotado uma política deliberada de permanecer nas aldeias, movendo-se sempre rapidamente, nunca chegando às grandes cidades galileias como Séforis, logo acima da colina de Nazaré, ou Tiberíades, junto ao Mar da Galileia, logo a sul de Magdala. [7]

A Boa Nova – isto é, o Evangelho do Reino – que Israel esperava era que a libertação messiânica estava iminente. Dizer que “o Reino de Deus está próximo” era para este povo uma forma de dizer que César, o seu delegado Pôncio Pilatos e Herodes não deviam controlar o povo de Deus. Ele estava a anunciar que o próprio Deus interviria através dos seus delegados designados, o Messias com os seus santos. “Não há rei senão Deus” era o lema revolucionário da época. Portanto, a palavra “Evangelho” tinha um significado messiânico e político muito claro. Anunciar que o Reino estava “próximo” significava que o Rei de Israel estava aqui e o Reino estava a chegar. A nação de Israel ficou em bicos de pés em antecipação do que se acumulou ao longo de muitas gerações. A cada ano a esperança messiânica fazia-se sentir mais vivamente. De facto, todos os sábados, em todas as sinagogas do mundo judaico da geração de Jesus, faziam a oração: “*Em breve faz florescer a descendência de David, teu servo, e exalta o seu poder com a tua salvação, pois esperamos pela a tua salvação todos o dia inteiro. Bem-aventurado és Tu, Senhor, que fazes florescer o chifre da salvação*” (Bênção 15).

Como refugiado entre as nações do mundo, Israel seria libertado em breve. A palavra profética não podia deixar de se cumprir. A maioria dos israelitas do século I acreditava que era a décima primeira hora. E não era certamente um reino nas nuvens que eles desejavam. Foi o reinado de Deus sobre uma terra aperfeiçoada, num momento definido da história, sob o Senhor Messias.

Hugh Schonfield salienta que no ano 35 d.C. César fez uma proclamação pública em todo o império indicando o seu domínio sobre os seus súbditos; para todos os cidadãos do império, este foi o ano do “senhorio” aceitável para César. Mas, pelo contrário, Jesus proclama na sinagoga, nesse mesmo ano, que, por ser o Messias, é verdadeiramente “o ano aceitável do Senhor”. (Mesmo que discordemos da cronologia de *Schonfield*, o ponto continua a ser culturalmente válido.) O anúncio do Evangelho de Jesus foi uma medida sediciosa:

O messianismo representava a convicção de que a ordem mundial existente seria em breve derrubada. O império governado por César e pelas suas legiões desapareceria, e no seu lugar estaria o Reino de Deus governado pelo Messias e pelo seu povo. O Cristianismo identificou

o Messias com Jesus. Houve “outro rei”, outro imperador, para quem a lealdade foi transferida.

[8]

O facto de Jesus ter sido crucificado e sepultado não significava que César estivesse calmo. Ainda em 70 d.C., quando as legiões romanas finalmente romperam as muralhas de Jerusalém, Vespasiano ordenou que toda a família de David fosse caçada e executada para que ninguém permanecesse da linhagem real davídica. Eusébio refere ainda que os imperadores *Domiciano* (96 d.C.) e *Trajano* (120 d.C.) perseguiram impietosamente os judeus de ascendência davídica. [9]

Assim, para os ouvidos dos judeus, a expressão “o Reino de Deus” tinha uma enorme conotação (nacional). A sua Bíblia Hebraica continha o tema recorrente de que Deus enviaria o Messias como seu agente para provocar o fim do mundo tal como está atualmente e introduzir uma ordem mundial inteiramente nova. O governo daquela época estaria sobre os seus ombros (*Isaías 9:6*). Este Messias seria filho de David. (O título “filho de David” é usado para Jesus pelo menos 14 vezes nos evangelhos e significa que ele afirmava ser o legítimo rei de Israel.) Isso significava que se sentaria no trono de David numa nova Jerusalém. Os inimigos do povo de Deus seriam julgados. A verdade e a justiça cobririam a terra. Todas as nações da terra seriam abençoadas pelo elevado estatuto de Israel. Até a ordem natural seria completamente transformada, a tal ponto que os animais perigosos deixariam de caçar e destruir, e as crianças pequenas poderiam brincar com eles ilesas; o deserto floresceria (*Isaías 11:6-9*). Em síntese, a glória de Deus, através do Messias e do seu povo, cobriria a terra como as águas cobrem o mar:

A missão messiânica de Jesus visava preparar os homens para o futuro Reino de Deus. Jesus aguardava constantemente a vinda do Reino escatológico, quando o juízo final efetuar a separação dos homens, os justos entrariam na vida e nas bênçãos do Reino e os ímpios na condenação do castigo. [10]

Jesus de Nazaré via-se como o agente designado por Deus, o Messias. Ele conhecia o seu destino. Ele era o Filho de Deus que iria cumprir todas estas promessas que Deus tinha dado aos profetas. Como foi referido acima, tendemos a confundir um pouco as coisas chamando-lhe Jesus Cristo. Mas devemos recordar que Cristo não é um nome próprio, mas um título. É mais correto falar não de Jesus Cristo, mas de Jesus, o Cristo. Chamar Jesus Cristo é dar-lhe o título de Messias. Para um judeu, chamar a alguém Cristo, o Messias, era atribuir a essa pessoa um papel político e também teológico. Jesus pertencia a um mundo onde a teologia e a política andavam de mãos dadas. A teologia era a do monoteísmo judaico. Mas não qualquer monoteísmo abstrato sobre a existência de apenas um Deus. Os judeus acreditavam que o seu Deus *YHWH* (*Yahweh*/Jeová) era o único Deus, e que todos os outros “deuses” eram ídolos, quer fossem criações concretas de mãos humanas, quer fossem criações abstratas de mentes humanas. Jesus partilhou esta crença de que o Deus de Israel era o único Deus verdadeiro. Este Deus era o seu Pai. Assim, o monoteísmo judaico andava de mãos dadas com a doutrina da “eleição”. Acreditavam que eram o “povo eleito” deste único Deus verdadeiro, destinado sob o Messias de Deus a entrar no seu Reino quando este chegasse. Esta é e foi a essência do evangelho cristão.

Proclamar Jesus como o Messias do Senhor era o mesmo que proclamá-lo rei. Quando André encontra o seu irmão Simão, anuncia-lhe: “*Achamos o Messias... Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel*” (*João 1:41, 49*). Marta confessa: “*creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo*” (*João 11:27*). O sumo sacerdote questiona Jesus: “*Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-*

vos, porém, que vereis em breve **o Filho do homem** assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu” (Mateus 26:63, 64). Os soldados troçaram de Jesus: “Salve, Rei dos Judeus. E davam-lhe bofetadas... Responderam-lhe os judeus... Nós temos uma lei e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fez **Filho de Deus**” (João 19:3, 7). Quando Ele estava pendurado na cruz, a zombaria era: “**O Cristo, o Rei de Israel, desça agora da cruz, para que o vejamos e acreditemos**” (Marcos 15:32). Estes textos poderiam ser multiplicados muitas vezes. Todos eles provam que os termos Messias, Filho de Deus, filho do Homem e rei são sinónimos. Este uso está estritamente de acordo com o contexto do AT, especialmente lugares como o *Salmo 2*, que usa as descrições “**Meu Filho**”, “**Meu Rei**” e “**Messias**” alternadamente para o salvador prometido que está por vir: “Os reis da terra se levantam e os governos consultam juntamente contra o SENHOR e contra o seu ungiado [Messias]...” “*ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião*” ... “*u és meu Filho, eu hoje te gerei*” (*Salmo 2:2, 6, 7*). Pode-se observar que no NT os títulos para Jesus já existiam na Bíblia Hebraica:

Messias = o Filho de Deus = o Filho do Homem = o rei de Israel

É um facto incontestável que, durante os três séculos anteriores a Agostinho, o Reino era visto desta forma. Era um Reino totalmente *escatológico*. (Recorde-se que a palavra *escatológico* vem de uma palavra grega que significa o estudo do fim dos tempos.) O Reino foi visto como a irrupção de Deus através de Cristo no final desta era presente, quando os mortos “em Cristo” seriam ressuscitados. ... à vida de novo, e a Terra voltaria a experimentar as condições do Jardim do Éden. O Messias sentar-se-ia no trono de David e o seu assento seria numa nova Jerusalém. Há uma conversa famosa entre um tipo chamado *Trifão* e *Justino Mártir* que realça o aspeto político do Evangelho. Funciona assim:

Trifão: Admite mesmo que este lugar, Jerusalém, será reconstruído? E espera que o seu povo se reúna e se alegre com Cristo e com os patriarcas...?

Justino: Eu e muitos outros somos dessa opinião, e acreditamos que isso vai acontecer, como certamente sabe... Além disso, indiquei-lhe que alguns que se dizem cristãos, mas são ímpios, ímpios hereges, ensinam doutrinas que são em todos os sentidos blasfemos, ateus e insensatos... escolho seguir não os homens ou os seus ensinamentos, mas Deus e as doutrinas por Ele ensinadas. verdade da ressurreição... que dizem que não há ressurreição dos mortos, e que as suas almas quando morrem são levadas para o céu, não imaginam que são cristãos... Mas eu e outros que somos cristãos rectos em todos pontos são a certeza de que haverá uma ressurreição dos mortos, e mil anos em Jerusalém, que mais tarde será construída, adornada e ampliada, como declaram os profetas Ezequiel, Isaías e outros... Percebemos também que a expressão “o Dia do Senhor” está relacionada com este tema. E, além disso, estava connosco um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, o qual profetizou por revelação que lhe foi feita, que os que cressem em nosso Cristo habitariam em Jerusalém mil anos; e que depois se daria a ressurreição geral e eterna de todos os homens. [11]

Os primeiros cristãos acreditavam que o “Evangelho do Reino” se relacionava com este glorioso reinado futuro de Deus na terra, através do seu Messias designado. Os cristãos acreditavam que Deus os tinha destinado a “reinar sobre a terra” com o Messias (*Apocalipse 5:10*). Todos os que se unissem a Jesus em arrependimento e fé seriam a elite da ordem mundial final, com direito às mais altas honras por causa da sua lealdade a ele neste mundo atual. Para os

primeiros cristãos, o evangelho da “salvação” relacionava-se com a realidade do futuro prometido por Deus de uma terra renovada. “Ser salvo” significava ser preservado no dia do juízo messiânico e ter o direito de reinar com o Messias no seu reino terrestre (terrestre). Aos crentes gentios eram garantidos os mesmos privilégios que os crentes judeus e herdariam com eles as mesmas promessas originalmente feitas a Abraão e a Israel. Exploraremos este pensamento mais detalhadamente daqui a pouco. Por agora, basta dizer que os apóstolos e a primeira geração de cristãos esperavam firmemente que o Reino de Cristo fosse publicamente estabelecido durante a sua vida. Mas como o seu Senhor atrasou a Sua vinda, e como cada geração sucessiva não viu esta esperança materializada, a esperança do futuro Reino terrestre começou a desvanecer-se. A Igreja trocou a sua esperança futura no Reino de Deus que Jesus pregou no fim dos tempos pela crença de que a própria Igreja já era de facto o Reino de Deus na terra. O evangelho de Jesus do Reino escatológico de Deus foi substituído por um evangelho post-apostólico do reino eclesiástico de Deus. Para a corrente principal do cristianismo, a Igreja tornou-se o reino: a partir de Agostinho, tornou-se o dogma oficial da igreja a que o reino já tinha chegado! A salvação já não seria recebida quando Cristo regressasse. A salvação só pode ser encontrada no sacerdócio e nos programas da Igreja. O Reino já não existia; estava “dentro do coração”. A salvação já não estava ligada à redenção de Deus na história futura; era agora uma percepção espiritual interna, mantida sob custódia e administrada exclusivamente pela “Igreja”.

Uma dificuldade óbvia em defender a interpretação dominante de que o Reino é a Igreja e está limitado ao que está dentro (espiritual e pessoal) é que ela elimina os elementos apocalípticos e cósmicos na visão de Jesus do Reino vindouro. A esperança dos apóstolos de ressurreição da sepultura quando Cristo regressar, quando estabelecer o seu Reino através de uma intervenção espetacular, foi substituída pelo evangelho platónico do céu para a alma quando esta morrer. Esta interpretação não apocalíptica e não escatológica do Reino (o Reino é principalmente uma experiência religiosa pessoal da presença do Rei Jesus a governar no coração do indivíduo) omite dois elementos-chave no Evangelho de Jesus. Em primeiro lugar, como vimos, descarta o *contexto histórico hebraico em que Jesus deu todos os seus ensinamentos*. Os teólogos chamam-lhe *Sitz im Leben*, o cenário da vida real de Jesus. “É claro, novamente em *Josefo* e noutros lugares, que a ideia de Deus se tornar Rei não se tratava de algum conjunto interno de ideais, um ‘Reino’ invisível a olho nu, mas estava a transformar silenciosamente as motivações internas das pessoas. “Tratava-se da esperada mudança dramática na sorte de Israel”. [12]

Em segundo lugar, ignora completamente o *elemento apocalíptico* da pregação de Jesus sobre o Reino vindouro. Ignore o clímax cataclísmico e cósmico que porá fim à atual ordem mundial. Houve muitos comentadores que nos quiseram fazer acreditar que quando Jesus pregou o Evangelho do Reino estava simplesmente a dar-nos a casca. A mensagem “real” é o núcleo “espiritual” escondido no interior daquela concha hebraica. Para chegar à verdadeira mensagem de Jesus, temos de abrir aquela cápsula judaica inútil e ultrapassada antes de podermos engolir a vitamina saudável do Evangelho. Esta abordagem relega o anúncio do Reino por Jesus para uma “ética provisória”, relevante apenas naquele momento. Felizmente, alguns estudiosos contemporâneos foram além desta visão “espiritualizante” do Reino. Reconhecem corretamente que se arrancarmos o Jesus judeu do seu enquadramento histórico, corremos o risco de criar “outro Jesus” e apresentar “outro evangelho” (2 Coríntios 11:4). Alguns estudiosos recentes reconhecem felizmente que o Evangelho do Reino de Jesus não pode ser arrancado do seu solo original do primeiro século. Jesus nunca fez do seu Evangelho um assunto puramente interno e privado. Manteve-o alinhado com esta rica herança hebraica. Jesus não se desviou da esperança terrena

centrada num descendente de David a governar o mundo a partir de Jerusalém, supervisionando uma sociedade redimida da maldição de todo o mal. Os judeus do primeiro século que conheceram os profetas hebreus compreenderam-no muito bem. O cristianismo apostólico primitivo, fundado no Evangelho do Reino de Jesus, também o compreendeu. Mais tarde, o eclesiastismo, servindo os seus próprios fins, mudou-o convenientemente.

Há uma necessidade crítica de restaurar a fé que foi entregue de uma vez para sempre aos santos (Judas 3). O fracasso em restabelecer a mensagem do Evangelho no seu próprio ambiente hebraico nativo irá garantir a confusão permanente que tem existido desde que a Igreja perdeu a sua crença no Evangelho do Reino tal como Jesus o pregou. O apelo a “aceitar Jesus” como “Senhor e Salvador pessoal” não deve ser separado da crença na sua pregação do Evangelho do Reino. *Jesus fez da compreensão inteligente da sua mensagem do Reino a condição indispensável para a salvação.* Ele disse que “*Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatá o que foi semeado no seu coração*” (Mateus 13:19). Recusar-se a acreditar nesta mensagem do Reino e arrepender-se é perder as Suas Boas Novas, pois Ele anunciou que não ouvir e ver “o mistério do Reino de Deus” teria a consequência desastrosa de não ser perdoado (ver Marcos 4:11, 12). O arrependimento é, portanto, uma reorientação completa da visão do mundo de alguém. O arrependimento envolve uma compreensão da mensagem de Jesus com um compromisso sincero com o seu ideal do Reino. *Sem acreditar na sua mensagem e sem se comprometer com a sua visão do Reino, não pode haver perdão nem salvação.* “Receber Cristo” é acreditar que, através da sua morte, sepultamento e ressurreição, temos a garantia de entrada na vida da era messiânica vindoura. “Nascer de novo” é “ver o Reino de Deus”, isto é, primeiro compreender o plano do Reino e finalmente entrar na Vida da Era Vinda (João 3:3).

O fundamento do Evangelho de Jesus centra-se no anúncio do Reino messiânico. Um Evangelho sem o Reino é um Evangelho sem o Jesus da Bíblia, pois o Jesus autêntico equipara claramente a salvação à receção da sua palavra do Reino. É esta mensagem do Reino que transporta a energia vivificante de Deus, a semente, segundo o próprio Jesus (Mateus 13:19; Lucas 8:11). Acreditar na palavra do Reino é receber a sua semente nas nossas almas. Isto é “*nascer segundo o Espírito*”, que é nascer “*pela promessa*” (Gálatas 4:22, 23, 28, 29). Ouvir “*a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação*” é ser “*selado com o Espírito Santo prometido*” (Efésios 1:13). O apóstolo Pedro equipara a salvação a “nascer de novo” através da receção da “*palavra viva e permanente de Deus*”, que é “*a palavra do evangelho que vos foi pregada*” (1 Pedro 1:23-25). Quando juntamos estes versículos obtemos a equação:

O Evangelho do Reino = A Palavra de Deus = o espírito da Promessa = Salvação = (o agente do) Novo Nascimento.

Quando Paulo escreve aos Coríntios que a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus estão “entre as coisas de primeira importância”, deve-se ter em mente o ponto que está a ser debatido; Alguns cristãos coríntios começavam a questionar e a duvidar da ressurreição. “*como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?*” Paulo pergunta (1 Coríntios 15:12). Para responder a esta crise de fé, Paulo recorda aos seus leitores que a morte e a ressurreição de Jesus são absolutamente fundamentais para o evangelho cristão. *Sem a morte de Jesus, que dá a certeza do perdão, e sem a ressurreição de Jesus do túmulo, não haverá salvação no Reino de Deus que se avizinha.* Se Jesus não ressuscitou, então a esperança de salvação que é a chegada do Reino de Deus à terra é uma esperança perdida. Antes do Calvário e da Páscoa, Jesus e os apóstolos

pregaram o Evangelho durante anos sem incluir estes grandes atos redentores. Depois do Domingo de Páscoa, os apóstolos (como veremos em breve) ainda pregavam o Evangelho do futuro Reino, mas puderam então fornecer como informação vital para a garantia desse Reino, os factos da morte e ressurreição de Jesus. Por mais vitais e cruciais que sejam a morte e a ressurreição de Cristo, não são a pedra angular. Estão “*entre as primeiras coisas*” que Paulo pregou (1 Coríntios 15:3). Para Paulo, o clímax do Evangelho é quando o Messias de Deus “*quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai*” (1 Coríntios 15:24). Assim, Paulo está plenamente de acordo com o “Evangelho do Reino” de Jesus, pois existe um laço inquebrável entre a ressurreição dos mortos e a chegada do Reino.

Estamos a dizer que a grande razão pela qual a interpretação “ortodoxa” dominante de que Jesus veio fazer apenas três dias de trabalho não pode ser defendida biblicamente é porque ignora o cenário histórico da vida do ministério de Jesus. Historicamente, Jesus pregou primeiro aos judeus, e não à Igreja; Jesus fundou a sua Igreja com apóstolos e judeus convertidos, embora a sua mensagem tenha sido mais tarde oferecida às nações e, claro, tenha implicações intemporais. Jesus proclamou o seu Evangelho do Reino, de orientação muito hebraica, aos judeus do primeiro século, e mais tarde autorizou o mesmo Evangelho salvador para todos nós. “O facto de o Cristianismo não ter começado como uma nova religião, mas como um movimento de Judeus monoteístas que consideravam Jesus como o seu rei e libertador enviado por Deus, faz uma diferença na nossa compreensão do Cristianismo. “Eis, numa frase, o que é imperativo saber sobre as origens do Cristianismo”, diz *Schonfield*. [13] Para evitar a criação de um Jesus gentio (pagão!), o seu anúncio de que “o Reino de Deus está próximo” deve ser considerado no âmbito do Judaísmo. Jesus não era um “cristão” no nosso sentido moderno. Foi um profeta judeu do primeiro século. Teologia e política, piedade e revolução andavam de mãos dadas”. [14] Quando *Yahweh* se tornar rei, Israel será resgatado do domínio do mal, e o próprio Deus regressará a Sião; o Reino terá chegado. “Tratava-se da história de Israel a atingir o seu clímax, da história de Israel a avançar para o seu momento decisivo”. [15] O apelo de Jesus ao arrependimento e à crença neste anúncio do Evangelho tinha em mente muito mais do que as conotações modernas da salvação individual, mais do que “acredita em Jesus e quando morreres viverás para sempre no céu”. Jesus estava a convidar os seus ouvintes a aproveitar o momento e a assumir o papel que lhes cabe no drama que Deus estava a desenrolar. Se aceitassem Jesus como seu prometido Senhor Messiânico e o seguissem no seu novo caminho, então seriam o verdadeiro Israel, o verdadeiro povo de Deus, quando chegasse o dia do Reino de Deus.

Foi desprezado e rejeitado por todos

Devemos recordar que a Palestina no tempo de Cristo não era uma terra de contos de fadas. conto de fadas era um mundo real com pessoas reais. Quando Jesus nasceu Quando Jesus nasceu, a Palestina era governada por um rei inseguro e egoísta chamado Herodes, o Grande (37-34 a.C.). O seu reinado coincidiu com o de outras figuras seculares, como *Júlio César*, *Cleópatra*, *Marco António* e *Augusto*. O historiador judeu contemporâneo *Josefo* descreve *Herodes* como um megalómano que passou todo o seu reinado a ouvir os seus espiões falarem de conspirações em todo o mundo. Chegou mesmo a assassinar a esposa que amava por suspeitas de uma conspiração para o destronar. destroná-lo. Quando soube que estava a morrer, Herodes organizou o assassinato de muitos cidadãos proeminentes, para que em vez de celebrações pela sua morte houvesse verdadeiro luto em toda a Palestina. Herodes nem sequer podia afirmar ser judeu de nascimento.

Era natural da Iduméia, a região desértica não-judaica a sul da Palestina. A fim de ganhar legitimidade para o seu reinado, Herodes divorciou-se da sua primeira mulher e casou com uma judia conhecida. Tentou cair nas boas graças dos judeus reconstruindo o Templo de Jerusalém. Tais medidas não conseguiram conquistar o afeto dos judeus. Afeição judaica. Permaneceu sempre difamado e desconfiado. Na verdade, a nação judaica considerava Herodes um sinal do descontentamento de Deus pelos seus pecados nacionais. Para muitos judeus, Herodes foi um sinal de que Deus tinha abandonado o seu povo. Isto aumentou o seu desejo por um rei que restaurasse Israel à sua posição privilegiada. Este líder espiritual, quando aparecesse, seria o Messias Davídico, e ele seria o seu legítimo rei. Sancionado por Deus, ungido por Deus, este homem expulsaria os malditos gentios da Terra Prometida e introduziria um regime glorioso na tradição de David.

Herodes, claro, é famoso pelo seu Massacre dos Inocentes, conforme registado em *Mateus 2*. Assim que ouviu o rumor de que o que poderia ser o tão esperado Messias judeu estava prestes a nascer, Herodes ficou profundamente perturbado. Perguntou aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas onde iria nascer esse Cristo. O facto de Herodes se ter sentido ameaçado pelo menino Jesus deveu-se à poderosa expectativa pública da chegada de um governante messiânico legítimo. Os romanos tinham uma política de nomear homens locais para atuarem como reis em nome de César. Herodes terá raciocinado que, com um legítimo pretendente judeu ao trono de Israel, Roma poderia reconhecer a linhagem real do menino Jesus. Não era o filho de judeus pobres que este usurpador temia, mas alguém que, em virtude da sua inerente e régia qualificação genealógica, pudesse (quando crescesse) reunir o apoio popular. Herodes queimou também os registos das famílias judias, incluindo as descendentes de Rute e, portanto, de David, para não se sentir envergonhado pelas referências às suas próprias origens. Presumivelmente, Herodes estava mais interessado em genealogias que pudessem desafiar a sua própria posição como rei. O nosso objetivo é simplesmente sublinhar o ambiente nacional muito real em que Jesus chegou. A alcunha “Messias” estava carregada de pólvora política. Quando Jesus pregou que o Reino de Deus estava próximo, foi o tipo de discurso que significou que a intervenção de Deus estava próxima. o que significava que a intervenção de Deus estava próxima. Era equivalente a anunciar a sua realeza sancionada pelos céus.

O legado romano da época, Pôncio Pilatos, era implacavelmente leal a Roma. Provavelmente chegou a Cesareia durante a primavera de 26 d.C. *Josefo*, o historiador judeu que nasceu poucos anos depois da morte de Jesus, conta-nos que Pilatos, o procurador da Judeia:

Transferiu o exército de Cesareia para Jerusalém, para aí instalar quartéis de inverno, a fim de abolir as leis judaicas. Então trouxe as imagens de César, que estavam nos estandartes, e trouxe-as para a cidade... Pilatos foi o primeiro a levar estas imagens para Jerusalém e aí as colocou; o que foi feito sem o conhecimento do povo, porque já era noite. [16]

Eusébio diz-nos que a agenda de Pilatos era executar as políticas do seu mentor *Sejano*. Isto era para alcançar “a destruição de toda a raça judaica”. [17] O estabelecimento dos padrões militares ofensivos de Roma foi uma parte deliberada da campanha de Pilatos “para abolir as leis judaicas”. Estes estandartes mostravam retratos de César e de águias romanas, imagens esculpidas altamente provocatórias para os judeus. Talvez ainda pior, a Décima Legião de Pilatos ostentava a sua própria insígnia de um touro e de um javali. Para os judeus, o porco era um animal impuro, cuja carne estavam proibidos de comer ou mesmo de tocar. *Josefo* não nos diz onde foram colocadas estas

efigies, mas os historiadores conjecturam que deve ter sido na Fortaleza Antónia, que dava para os pátios do Templo. Ao amanhecer, a cidade estava em alvoroço.

Uma delegação judaica protestou junto do tribuno romano, mas Pilatos recusou-se a retirar as bandeiras “porque isso tenderia a prejudicar César”. Durante cinco dias a pressão continuou. Pilatos não cedeu. *Josefo* continua a história:

No sexto dia ordenou aos seus soldados que tomassem as armas secretamente, enquanto ele vinha e se sentava no seu pátio, que estava preparado num local aberto da cidade, que escondia o exército que estava pronto para os oprimir. e quando os judeus lhe perguntaram de novo, fez um sinal aos soldados que os rodeavam e ameaçou que o seu castigo não seria outro senão a morte imediata, a não ser que deixassem de o incomodar e regressassem às suas casas. Mas atiraram-se para o chão, descobriram o pescoço e disseram que morreriam de bom grado antes que a sabedoria das suas leis fosse transgredida.

Foi um momento tenso, com milhares de judeus prontos a terem a garganta cortada pela sua fé, e mil soldados romanos prontos com espadas desembainhadas, à espera do sinal de Pilatos. *Josefo* diz que Pilatos foi profundamente afetado “pela sua firme resolução de manter as suas leis invioláveis”. Talvez as repercussões de um massacre em tão grande escala preocupassem Pilatos, mas de qualquer modo ele retirou as efigies romanas de Jerusalém. Alguns comentadores sugerem que esta Ação teve um impacto imediato em Israel. O profeta Daniel tinha alertado para “a abominação da desolação”, quando um governante brutal desencadeou a sua fúria sobre a Santa Aliança: “*E braços serão colocados sobre ele, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o sacrifício contínuo, estabelecendo abominação desoladora*” (*Daniel 11:31*).

Embora Jesus mais tarde coloque esta “*abominação da desolação*” como ainda futura e próxima do fim dos tempos (ver *Mateus 24:15, 16*), é fácil perceber como a ação de Pilatos naquele dia teria causado agitação. Tinham acabado de testemunhar uma abominação. Foi um prenúncio do Reino vindouro. O fim dos tempos tinha certamente chegado. Se a profanação de Jerusalém por Pilatos fosse um cumprimento da profecia de Daniel, então o Messias estabeleceria em breve o Reino de Deus. Foi nesta altura que João Batista emergiu do deserto, convocando a nação a “*Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus*” e “*Preparai o caminho do Senhor*” (*Mateus 3:1-3*). Correndo o risco de repetição, entendamos que no primeiro século não se falava de um “conto chinês”. O Reino não seria estabelecido nas nuvens. Foi um governo do Reino de Deus através do Seu Messias na Judeia, com o controlo final sobre o mundo.

Mas se o anúncio do Reino de Deus feito por Jesus foi o equivalente a colocar dinamites políticas em torno da Palestina, desafiando Herodes e César, foi também o equivalente a colocar gelignite religiosa entre os seus próprios compatriotas. Onde quer que fosse, Jesus virava de pernas para o ar as convenções religiosas aceites. Como poderia Israel entrar no prometido Reino de Deus quando eles próprios eram uma sociedade cheia de injustiças sociais e económicas? Como puderam estas pessoas entrar no Reino com um sacerdócio do Templo tão opressivo e corrupto? Como puderam aqueles revolucionários que acreditavam que o Reino só viria através de meios violentos entrar naquela nova sociedade baseada no amor, no serviço e na igualdade? O povo de Deus deve primeiro arrepender-se. Deve tornar-se digno deste chamado elevado. Isto é, devem abdicar dos seus próprios planos e comprometer-se com o caminho de Jesus. “Isto não quer dizer que Jesus não tenha dado a este desafio aquilo a que chamaríamos uma dimensão religiosa e espiritual. É insistir que não podemos usar isto para descartar o desafio prático e político que as

palavras transmitiriam”. [18] Não aceitar a agenda evangélica de Jesus também os desqualificaria. Jesus chamou a estes judeus cegos e hipócritas “filhos do diabo” (*João 8:44*). Isto caiu como um balão de chumbo. Que escândalo. Que atrevimento chamar malditos aos filhos de Abraão! Eles pensavam que estavam a ser leais a Jeová. Mas, em vez da luz do mundo, Jesus chamou-lhe trevas. Eles não iriam entrar no Reino a não ser que se arrependessem e tomassem a sua cruz. Nem estavam preparados para aceitar o arriscado plano de Jesus de dar a outra face, percorrer a segunda milha, perder a vida no serviço amoroso, perdoar as dívidas e os pecados dos seus opressores e orar pelos seus inimigos. O Reino de Jesus estaria cheio de pessoas mansas, bondosas e gentis, pobres de espírito. Como *N.T. Wright* afirma corretamente no Sermão da Montanha:

não é simplesmente um grande novo código moral. É sobretudo o desafio do Reino: o apelo a Israel para ser verdadeiramente Israel no momento crítico da sua história, no momento em que, no anúncio do Reino de Jesus, o Deus vivo trabalha para reconstituir o seu povo e assim cumprir o seu mandato. intenções há muito acarinhadas para eles e para o mundo inteiro. [19]

Mas descobriu-se que a agenda de Jesus era demasiado arriscada, demasiado radical. O seu próprio povo “*não o recebeu*” (*João 1:11*).

A Purificação do Templo Anuncia a Messianidade de Jesus

O choque de Jesus com os símbolos seculares e sagrados estabelecidos da época atingiu o seu clímax na semana anterior à sua crucificação. O momento do destino de Israel tinha chegado. “Israel, o povo histórico do único Deus criador, nadava na corrente da história mesmo acima de uma cascata estrondosa. Se não tivesse cuidado, seria arrastada e cairia no seu destino”. [20] A nação aceitaria as suas credenciais e agenda messiânicas ou desperdiçaria o seu tempo? A nação estava profundamente dividida. Os fariseus eram duros e críticos com os seus irmãos judeus. Os essênios consideravam todos os outros judeus (incluindo os fariseus) dignos apenas dos anátemas de Deus. O sacerdócio do Templo era corrupto e opressivo. Jesus afirmou ser o caminho para cumprir todas as esperanças do Reino prometido a Israel de que Deus o vindicaria a ele e àqueles que confiaram na sua palavra. Afirmou cumprir a Lei e tudo o que os profetas tinham dito. Afirmou ser o Senhor do sábado. Afirmou ter autoridade para perdoar pecados, mas foi acusado de blasfemar, porque “*Quem pode perdoar pecados, senão Deus?*” (*Marcos 2:7*).

Mas estas várias escaramuças com os seus compatriotas atingiram o seu clímax quando Jesus entrou no recinto do templo, no final do seu ministério. O Templo tinha um enorme significado real. Na verdade, o templo e a realeza andavam de mãos dadas. David planeou o primeiro Templo. Salomão construiu-o. Dois grandes homens de Deus, Ezequias e Josias, restauraram-na. Os Macabeus purificaram o Templo. Herodes, tendo recebido o seu reinado de Roma, estava ansioso por melhorá-lo, reconstruindo-o. O Templo era o símbolo do lugar especial de Israel no plano de Deus para o mundo. (Mesmo muitos anos depois de Tito ter arrasado o Templo, o último grande pretendente messiânico, *Bar Kochba*, cunhou moedas representando a fachada do Templo, que, sem dúvida, planeava reconstruir.) Assim, quando Jesus entrou no recinto deste símbolo nacional e eles viraram a mesa e anunciaram: “Tirem essas coisas embora. Não faça da casa de meu Pai um covil de ladrões! Ele estava a representar uma parábola de julgamento. Calçou as sandálias reformadoras de Jeremias diante daquele que tinha insultado Israel:

Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel:

“Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e vos farei habitar neste lugar... Mas, se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras; se deveras praticardes o juízo entre um homem e o seu próximo; Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, Eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre. “Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam Porventura furtareis, e matareis, e adulterareis, e jurareis falsamente, e queimareis incenso a Baal, e andareis após outros deuses que não conhecestes...” (Jeremias 7:3-9). [21]

O juízo de Jesus sobre o Templo foi também uma clara referência à descrição que Zacarias fazia da era messiânica, quando *“E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos... E naquele dia não haverá mais cananeu na casa do SENHOR dos Exércitos” (Zacarias 14:16, 21).*

Eis talvez uma das indicações mais claras do que motivou a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e o seu ataque ao sistema corrupto do Templo. A profecia de Zacarias é uma previsão sobre o Reino Messiânico. Jesus está agora a demonstrar a realidade de que o velho está a ser eliminado. Esta não é apenas uma explosão de raiva justificada. O Reino está a ser anunciado numa parábola retratada. É um anúncio de autoridade: *“Com que autoridade fazes isto? e quem te deu tal autoridade?” (ver Mateus 21:23; Marcos 11:27, 28; Lucas 20:1, 2; João 2:18).* Na entrada triunfal e purificação do Templo, é difícil imaginar qualquer outra ação tão calculada para Jesus anunciar tão abertamente a sua Messianidade.

A mensagem era que agora, na hora suprema de Israel, e através de si mesmo como o Ungido de Deus, o Deus de Israel estava a mostrar a sua irada rejeição de todo o sistema corrupto. Esta era a casa do seu Pai, o lugar onde Israel e todas as nações deviam poder ver a luz do único Deus verdadeiro. Mas transformaram-no em “um covil de ladrões”. Já conhecemos esta palavra para “ladrões” (*Iestai*) e vimos que é regularmente utilizada para denotar bandidos e rebeldes, bem como vigaristas. O Templo tornou-se o ponto focal dos nacionalistas nos seus planos de rebelião contra Roma, bem como dos ricos e poderosos na sua opressão do resto da nação. Para Jesus, o sistema distorcido do Templo era um símbolo que agora estava terrivelmente errado. A sua ação nesta parábola simbólica de julgamento foi o mesmo que dizer que o Templo seria substituído de uma vez por todas. Jesus desafiou: *“Derribai este templo, e em três dias o levantarei” (João 2:19).* Ou seja, a comunidade messiânica estaria agora centrada no próprio Jesus. Isso foi demais. As aspirações de Jesus ao Reino eram demasiado controversas e conflituosas para a nação. Estes foram considerados pelo “sistema” como atos subversivos. “Seria como anunciar num país muçulmano que a vontade de Alá está a ser cumprida, ao mesmo tempo que aparentemente difama Maomé e queima uma cópia do Corão”. [22]

As curas de Jesus foram também muito simbólicas. São muitas vezes chamados de “sinais” e, por isso, apontam para o facto de que o Reino de Deus estava a chegar através da sua própria obra. (A cura e a restauração estão frequentemente ligadas na Bíblia Hebraica, por exemplo, em *Isaías 35*) Jesus tinha de ir. O seu anúncio evangélico do Reino de Deus não só confrontou os sistemas corruptos e opressivos do mundo de César, como foi uma faca de dois gumes que cortou o coração corrupto do Judaísmo. No final do seu ministério terreno, o veredicto oficial de Israel foi que a

afirmação de Jesus de ser o seu Messias tinha sido rejeitada. Não queriam que ele reinasse sobre eles como seu rei. “*Crucifique-o! Crucifica-o!*” foi a sua sentença.

No entanto, estando sob a jurisprudência da lei romana, o Sinédrio necessitava ainda da autorização de Pilatos antes de poder executar Jesus. Não há dúvida de que Jesus foi crucificado pelos romanos porque foi reconhecido como um revolucionário político. Na verdade, durante a maior parte do seu ministério, Jesus silenciou esta expectativa. Numa ocasião, as multidões quiseram coroar Jesus à força como seu Rei Messias, mas ele “*tornou a retirar-se, ele só, para o monte*” (João 6:15). Ele disse àqueles que curou vezes sem conta: “*Olha, não o digas a alguém*” (Mateus 8:4). Ordenou que os possuídos pelo demónio “*ficassem em silêncio*” quando anunciassem a sua verdadeira identidade (Marcos 1:25). Chegou mesmo a “*dar ordens*” aos seus próprios discípulos: “*ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos*” (Marcos 9:9). Jesus sabia quão politicamente explosivo era chamar-lhe abertamente Messias. A Palestina era um barril de pólvora à espera do Rei Ungido de Deus. Mas, no final, quando entrou em Jerusalém da forma mais aberta possível, com a multidão a cantar o cântico *Halel* do Salmo 118, “*Hossana [Salva-nos!] Bendito aquele que vem em nome do Senhor*”, a morte foi descaradamente lançada. Jesus aceitou a tão esperada honra de ser o Rei de Israel. Quando os fariseus se sentiram ofendidos e pediram a Jesus que silenciasse os seus admiradores, Jesus respondeu: “*Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão*” (Lucas 19:40). Jesus aceitou corajosamente a aclamação pública de que era de facto o seu líder legítimo. O problema é que este ato fez dele, simultaneamente, um traidor contra César. Isto é afirmado por Tácito, o cronista romano, e:

Constitui a única afirmação certa sobre Jesus que surge de uma fonte não bíblica, mas contemporânea. Não há dúvida de que os romanos viam Jesus como uma figura militar e política e tratavam-no estritamente de acordo com essa percepção. A crucificação era uma pena reservada às transgressões contra a lei romana, e *Roma não se teria dado ao trabalho de crucificar um homem que pregasse uma mensagem puramente espiritual ou uma mensagem de paz.* [23]

Portanto, se o verdadeiro Jesus for interpretado adequadamente, como *N.T. Wright* diz e afirma que deve estar enraizado no Judaísmo do primeiro século com o seu anseio escatológico, a vontade de ver num novo movimento a possibilidade de que esta possa ser a grande hora final e decisiva de Deus com Israel e o mundo. “Jesus pertence ao mundo das escatologias rivais do primeiro século, não ao mundo dos ‘padrões de religião’ do século XX”. [24] Nenhum outro cenário faz justiça ao seu contexto ou posição dentro do mesmo. Ao seguir este esboço histórico, *Wright* diz:

Descubro um Jesus que não foi simplesmente um exemplo, nem sequer o exemplo supremo, de uma pessoa mística ou espiritual, como se poderia encontrar, em princípio, noutras culturas. Encontro, antes... um profeta do primeiro século a anunciar e a inaugurar o reino de Deus, chamando outros a juntarem-se a ele, alertando para as consequências caso não o fizessem, fazendo tudo isto em ações simbólicas... e em ditos enigmáticos, *que acreditava que era o Messias de Israel, aquele através de quem o verdadeiro Deus cumpriria o seu propósito decisivo.* [25]

Por outras palavras, Jesus não abandonou a verdadeira e profética esperança de Israel. Veio reconstituir Israel sob o seu próprio messianismo. Assim, era um judeu de carne e osso do primeiro século, completamente credível, cuja mensagem do Reino mereceu a ira do grupo de poder religioso do seu próprio país e, pelo veredicto de Pilatos, a ira de Roma.

É claro que Pilatos sentiu uma grande simpatia por Jesus e preferiu libertá-lo. Pilatos anunciou: “*nenhuma culpa, das de que o acusais, acho neste homem*” (Lucas 23:14). Mas os judeus, liderados por Caifás, uivaram pela morte de Jesus: “Se libertares este, não és amigo de César. *“qualquer que se faz rei é contra César”*” (João 19:12). Sherwin-White, especialista em direito romano, vê aqui um pormenor técnico convincente. O termo “amigo de César” (*Caesaris amicus*) “recorda a frequente manipulação da lei da traição para fins políticos na vida pública romana” e é um termo político notável. Caifás venceu.

Mas note-se que ele venceu, não por razões espúrias de blasfémia supostamente introduzidas numa mudança de estratégia de última hora (João 19:7); Pilatos podia libertar um blasfemo e ainda assim ser amigo de César. “Caifás venceu com base no messianismo, que foi revelado neste julgamento... como uma questão política – uma questão que é suficientemente poderosa para ameaçar até o presidente da Câmara da Judeia”. [26]

Embora tenha sido objeto de acesos debates, as provas parecem sugerir que os judeus podiam apedrejar homens e mulheres até à morte por crimes contra a lei religiosa. [27] Os adúlteros podiam ser apedrejados até à morte (João 8:7-11). Na verdade, o primeiro mártir cristão, Estêvão, foi apedrejado até à morte (Atos 6:8-8:1). Josefo conta-nos que Tiago, irmão de Jesus, foi apedrejado até à morte pelo Sinédrio. [28] Estas ações foram obviamente permitidas por Roma. Mas quando se trata da execução de Jesus, Caifás e os sacerdotes procuram a crucificação por traição política: “*Havemos achado este pervertendo a nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei*” (Lucas 23:2). Consequentemente, Pilatos pergunta a Jesus: “*Tu és o rei dos judeus?*” Tal como Ian Jones contemporâneo, “a pergunta de Pilatos a Jesus é como um governador militar alemão da Segunda Guerra Mundial a perguntar a um cidadão de um país ocupado: ‘*És o líder da Resistência?*’” [29] “Sim... Jesus era um rei legítimo, então um [Pilatos] certamente afirmaria sua própria autoridade humilhando-o”. [30]

Os evangelhos são unânimes. Jesus foi acusado de um crime contra Roma. É verdade que o Sinédrio judaico queria Jesus fora do caminho por causa do seu desafio ao seu Templo. Então disseram a Pilatos que Jesus era um rei rebelde. Disseram ao povo que Jesus era um falso mestre, que ao afirmar ser o Messias era um blasfemador que os desencaminhava. Assim, Jesus foi levado à morte da forma mais brutal e sádica possível. A sua crucificação “proclamou, dentro deste universo simbólico, que César era o senhor do mundo e que os deuses das nações, incluindo Israel, eram impotentes perante ele”. [31] Nesse dia, Roma, e só Roma, foi autorizada a construir o reino e a governar os seus mini reinos. Naquela época não havia separação entre a Igreja e o Estado, e não havia forma de separar a religião e a política na construção do reino no primeiro século. De facto, do ponto de vista de César, por que razão alguém quereria opor-se à *Pax Romana*, à nova ordem mundial de reforma política e rearmamento espiritual, às suas estradas livres de bandidos e rotas marítimas sem piratas, às suas cidades unidas por uma cultura comum e prosperidade económica, e às suas legiões que guardavam as fronteiras atrás das quais os bárbaros rondavam?

Este facto histórico é muitas vezes perdido de vista nas discussões sobre a execução de Jesus. Jesus não morreu porque pregou “*o reino de Deus está entre vós*” (Lucas 17:21), ou seja, a paz de Deus governa nos vossos corações como uma realidade espiritual. Esta mensagem não era ofensiva naquela época e ainda não o é hoje. Muitas pessoas hoje em dia falam facilmente da sua “viagem espiritual” e da sua vida de “fé em Deus”. Ninguém pestaneja. Mas que um verdadeiro crente no Messias judeu anuncie que Cristo ainda governará os governos e as nações deste mundo a partir

de Jerusalém, e que todos os poderes e autoridades se curvarão diante dele e verão o tipo de reação que ele inevitavelmente engendra! Proclame o anúncio exclusivo do Evangelho de que só aqueles que amam este tipo de Senhor Jesus Messias serão co-governantes com ele, partilhando as posições executivas deste governo e, inversamente, que aqueles que não trabalham e anseiam por este tipo de novo governo mundial serão “maldito” e veja que tipo de resposta é evocada! Paulo diz: “*Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema [literalmente anátema]. Maranata [que significa: Ó nosso Senhor, vem!]*” (1 Coríntios 16:22). Os que não vivem para o Reino vindouro deste Senhor Cristo estão excluídos! Para colocar isto num contexto moderno, deixe um cristão dizer a um muçulmano: “O vosso profeta Maomé curvar-se-á diante do Rei Jesus e confessará que só ele é soberano” e verá a resposta hostil. A mensagem do Reino de Deus pregada por Jesus não perdeu nenhum dos seus estigmas. “Uma teocracia judaico-cristã não é aquilo que o mundo espera ou deseja”. [32] Eis um bom teste decisivo para saber qual o evangelho que é o verdadeiro Evangelho: aquele que a Igreja moderna prega hoje sobre “o Reino de Deus dentro de ti”, e “quando morreres irás para o céu” ou aquele que anuncia “*Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre*”. (Apocalipse 11:15).

A pregação apostólica que anunciou a vindicação de Jesus por Deus através da ressurreição deve também ser entendida nesta perspectiva. O perdão foi pregado não apenas nos termos atuais de culpa pessoal afastada com alívio de uma consciência culpada. Bastante:

Foi a dedução cristã primitiva, a partir da ressurreição de Jesus, que, afinal, a sua morte tinha sido eficaz, *como uma dobradiça sobre a qual a porta para o novo mundo de Deus tinha sido aberta. Dizer que o Messias morreu pelos pecados em cumprimento das Escrituras era fazer uma declaração, não tanto sobre uma teologia abstrata da expiação à qual os indivíduos podiam recorrer para salvar as suas consciências culpadas, mas sobre a situação atual de Israel e do mundo. Deus. calendário escatológico.* [33]

O Cristianismo primitivo continuou o ministério messiânico de Jesus depois da Páscoa. Ou seja, a mensagem da Igreja primitiva era continuar o anúncio de Jesus do Evangelho do Reino. Esta mensagem ainda ofendeu os senhores existentes no mundo, especialmente César. Os primeiros cristãos, após a ressurreição de Jesus, reconstruíram as suas agendas e objetivos com base na compreensão de que as promessas de Deus não tinham falhado e que, quando a corda puxou a cortina que revelava o futuro Reino de Deus, tiveram uma visão pela qual valia a pena morrer. Deus ressuscitou esse mesmo Jesus e justificou as suas reivindicações messiânicas. Portanto, a mensagem do Reino de Jesus não estava morta nem enterrada. Na verdade, o rei regressaria do céu para completar a agenda do seu Pai.

Num capítulo anterior notámos que o imperador *Constantino*, três séculos depois de Jesus, se via como o salvador e unificador do Império Romano. Esforçou-se por combinar no seu reinado os ideais messiânicos de governo militar e espiritual. Ao alinhar com *Constantino*, a Igreja comprometeu a sua independência e vendeu a sua alma ao secularismo, negando assim o Cristo em que acreditava. O Jesus da história foi realmente sepultado. A Igreja já não proclamava a vinda apocalíptica do Reino de Cristo como evangelho e corrompeu a mensagem sobre o Reino vindouro que Jesus e os apóstolos pregaram com uma nova mensagem do “evangelho”: “O reino chegou. Esse reino é a Igreja”. Todos os vestígios do cristianismo messiânico foram transformados e, para todos os efeitos, apagados:

Para se espalhar por todo o mundo romanizado, o Cristianismo transmutou-se e – no processo, reescreveu as circunstâncias históricas das quais emergiu. Não seria bom divinizar um rebelde contra Roma. Não seria bom exaltar uma figura executada pelos romanos por crimes contra o Império. Como resultado, a responsabilidade pela morte de Jesus foi transferida para os judeus – não apenas para o grupo de poder saduceu, que sem dúvida teve algo a ver com isso, mas para o povo da Terra Santa em geral, que estava entre os mais fervorosos. *E o próprio Jesus teve de ser divorciado do seu contexto histórico, transformado numa figura apolítica – um Messias espiritual sobrenatural que não representava qualquer desafio a César. Assim, todos os vestígios da atividade política de Jesus foram minimizados, diluídos ou eliminados. E, na medida do possível, todos os vestígios do seu judaísmo foram deliberadamente obscurecidos, ignorados ou tornados irrelevantes. [34]*

A Igreja Romana da Idade Média era ferozmente antissemita. Odiavam os “assassinos de Cristo” e procuravam destruir tudo o que era judeu. Basta recordar a pressão que foi exercida sobre *Mel Gibson* para editar (remover!) certas cenas que foram consideradas ofensivas pelos judeus no seu filme de sucesso “A Paixão de Cristo” para compreender os profundos sentimentos residuais que esta questão ainda suscita. Os judeus sofreram terrivelmente com as opiniões antissemitas promovidas pela Igreja pós-*Constantino*. A Igreja passou a ser apresentada como uma organização gentílica que supostamente não estava prevista no AT. A Era da Igreja foi o “mistério” que está agora a vir à luz. Contudo, o NT não diz aos judeus que eles devem tornar-se cristãos gentios para serem salvos. Em vez disso, os gentios são instruídos para se tornarem crentes no Messias (judeu). Somos nós, gentios, que já fomos “*separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo*” (*Efésios 2:12*). São os crentes gentios que estão incluídos ou “enxertados” nas bênçãos de Israel. É um Messias judeu a quem amamos e servimos. Mas a Igreja ensinou que se um judeu quiser tornar-se cristão, deve abandonar a sua herança profética hebraica. Isso está errado.

Naturalmente, argumentar-se-á que a agenda política de Jesus (política no sentido de proclamar um evangelho que prometia o reino literal de Deus através do Messias numa terra renovada sobre as nações) foi mal interpretada pelos seus contemporâneos. Afinal, não disse a Pilatos durante o julgamento: “*O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui*” (*João 18:36*). Examinaremos em breve o argumento que rejeita a natureza política da mensagem do Reino de Jesus. Por agora bastará observar que a única coisa que Jesus negou aqui foi que o tempo da sua coroação tinha chegado. Jesus não negou que era o Rei dos Judeus. Não negou o direito que Deus lhe deu ao trono de David e de herdar todas as promessas que Deus tinha decretado relacionadas com o controlo governamental do mundo (futuro). Tudo o que Jesus disse a Pilatos foi que o seu reino não pertencia a este sistema atual, não emergiu da atual ordem perversa dominada por valores satânicos. Qualquer pessoa que duvide que Jesus estava a aguardar a chegada do seu governo, precisa apenas de ver como as suas declarações nesse sentido inflamaram tanto os seus jurados. Sob juramento, Jesus disse ao sumo sacerdote: “*vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu*” (*Mateus 26:64*). Indignado, o sumo sacerdote rasgou o seu manto e disse indignado: “*Blasfemou!*”

O Mistério do Reino

O que foi que ofendeu tanto os judeus e os levou a rejeitar a pretensão de Jesus de ser o seu Rei e o cumprimento de todas as promessas de Deus? A blasfémia não foi Jesus afirmar ser Deus Todo-

Poderoso em carne humana. Esta é uma acusação incongruente e não faz sentido no contexto histórico e bíblico da época. Esta ideia é uma invenção posterior, importada e estrangeira. Como *Schonfield* afirma, com razão:

Ao admitir que era o Messias, o rei legítimo e preordenado de Israel, Jesus cometeu “blasfêmia”, não contra Deus na lei judaica, mas contra Tiberíades César na lei romana. Sustentavam que ele era culpado de *laesa maiestas*, violação da soberania do imperador, e por isso era apropriado que as autoridades escandalizadas, não como judeus, mas como súditos romanos, atuassem como informadores e denunciassem Jesus ao representante de César. Porque um tribunal judaico chegou a este veredicto, não devemos imaginar, como a Igreja teve mais tarde o cuidado de estabelecer, que Jesus tivesse declarado a sua Divindade e, conseqüentemente, do ponto de vista da Lei Mosaica, tivesse blasfemado o nome do Senhor. Neste caso a pena teria sido o apedrejamento e não a crucificação. Jesus nem sequer pronunciou o sagrado Nome de Deus e referiu-se a Si mesmo como o Filho do Homem. Os primeiros ensinamentos nazarenos nada sabiam sobre o Trinitarianismo. O Concílio não tinha razão nem interesse em condenar Jesus por razões religiosas, uma vez que o seu único objetivo era ficar bem com Roma e ao mesmo tempo desviar o ódio do povo judeu pelo que estavam a fazer contra Pôncio Pilatos. [35]

Sim. O escândalo foi que Jesus afirmou ser o ungido de Deus, o Messias, o legítimo herdeiro do trono de Israel de David. Mas Jesus não se enquadrava no modelo de herói divino que os judeus esperavam. Nem os malfeitores foram derrotados. Tudo parecia continuar como sempre. Era a imagem de um Messias que viria (imediatamente, nos seus próprios dias) assumir “*E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído*” (*Daniel 7:14*). Até os discípulos se sentiram ofendidos porque o Messias foi ignominiosamente assassinado (*Mateus 16:21-23*). Um Messias sofredor não tinha lugar nos planos dos discípulos nem na avaliação da nação de Israel. O Reino que Jesus anunciou não era como eles esperavam. *George Ladd* sugere que a resposta ao escândalo de Jesus reside no conceito deste “mistério”. Jesus disse aos seus discípulos: “*E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas, Para que, vendo, vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que não se convertam, e lhes sejam perdoados os pecados*” (*Marcos 4:11, 12*).

É bastante certo que Jesus acreditava que o Reino viria com poder apocalíptico. Como Messias, viria “*no fim dos tempos*” com os anjos de Deus e ressuscitaria os mortos. Ele viria com uma luz brilhante, testemunhada universalmente de uma ponta à outra do céu (*Lucas 17:24*). Após um breve e intenso período de grande tribulação, o sol escureceria, a lua ficaria vermelha como sangue e as estrelas cairiam (*Marcos 13:24, 25; Mateus 24:21, 29-31*). Uma “crise” cataclísmica ocorreria. Ele viria com tal poder que haveria “*choro e ranger de dentes*” de todos os ímpios que seriam expulsos do Seu Reino. Sim, ele acreditou nos profetas.

Mas o mistério tão inesperado para os contemporâneos de Jesus foi que o Reino que está para vir em tal convulsão cósmica entrou de facto no mundo de antemão, numa forma oculta, e já está a trabalhar secretamente dentro e entre os homens. O mistério do Reino é a chegada do Reino à história antes da sua manifestação apocalíptica. É, em suma, “cumprimento sem consumação [presente]”. Existe um aspeto do Reino de agora, mas não de agora. Existe uma tensão entre o

presente agora e o futuro esperado. O NT deve ser lido tanto com este aspecto presente como com o futuro do Reino em tensão.

Há “tanto uma presente manifestação preliminar do espírito e do poder do Reino como a sua futura inauguração e estabelecimento mundial na Segunda Vinda”. [36] Esta é a única verdade ilustrada pelas várias parábolas de *Marcos 4* e *Mateus 13*. [37] Uma ou duas ilustrações disto são adequadas. Tomemos a parábola do grão de mostarda: “*Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; O qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos.*”. (*Mateus 13:31, 32*).

Os judeus estavam familiarizados com a imagem de Israel como uma grande árvore (ver *Salmos 104:12; Ezequiel 17:23; 31:6*). Esperavam plenamente que, sob o Messias, ela seria a maior e a maior árvore de todas as nações. Então, como poderia este galileu insignificante ser o Messias? E o seu grupo de discípulos meio alfabetizados, como poderiam representar o Reino dos Céus? Os judeus não conseguiam compreender como se podia falar do Reino sem uma manifestação tão abrangente do governo de Deus. “Como poderia o glorioso Reino vindouro ter alguma coisa a ver com o pobre pequeno grupo de discípulos de Jesus? Rejeitado pelos líderes religiosos, abraçado pelos cobradores de impostos e pelos pecadores, Jesus parecia mais um sonhador iludido do que o portador do Reino de Deus”. [38] A resposta de Jesus é primeiro a pequena semente e depois, no final, a enorme árvore. A pequenez do seu ministério atual não exclui a futura invasão gloriosa do Reino de Deus. A parábola do grão de mostarda ilustra a verdade de que o Reino, que um dia será uma grande árvore, já está presente no mundo na pessoa de Jesus e dos seus seguidores, embora atualmente, pelos padrões do mundo, seja uma forma insignificante.

É certo que muitos comentadores veem nesta parábola uma previsão do crescimento da Igreja numa grande instituição – a chamada Igreja do Reino. Esta interpretação, porém, tem a fraqueza de não reconhecer adequadamente o contexto histórico da parábola. Afasta Jesus do seu meio social e do contexto da fé de Israel. Em suma, não tem qualquer fundamento exegético. Que a Igreja não é o Reino torna-se claro quando nos lembramos que é tarefa da Igreja pregar o Reino. Através da sua mensagem do Evangelho do Reino será decidido quem entrará no Reino no final desta era e quem será excluído. A Igreja não se prega a si própria! “*A Igreja é o povo do Reino, mas não se pode identificar com o Reino*”. [39] Por isso, “esta interpretação baseia-se na identificação do Reino e da Igreja, visão que consideramos insustentável”. [40]

A parábola do fermento apresenta a mesma verdade que a do grão de mostarda. Isto quer dizer que o Reino de Deus, que um dia governará todas as nações da terra, já entrou – na pregação de Jesus – no mundo numa forma quase impercetível para os judeus (e para o resto): “*Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado*” (*Mateus 13:33*).

Muitos comentadores viram aqui novamente a ideia de que através de um lento processo de penetração a Igreja acabará por penetrar em toda a sociedade e assim o mundo será transformado. Outros comentadores interpretam o fermento como uma doutrina maligna que permeou uma Igreja apóstata. Contudo, estas ideias eram estranhas à mente de Jesus e ao contexto judaico em que ensinava. A interpretação que melhor se adapta ao cenário histórico em que funcionou o ministério de Jesus é a de que o fermento representa o Reino agora oculto, que um dia tudo controlará.

Esta parábola só ganha significado quando interpretada no contexto da vida do ministério de Jesus. Todos os judeus compreenderam o carácter poderoso e irresistível do Reino escatológico. A vinda do Reino significaria uma mudança completa na ordem das coisas. A atual ordem maligna do mundo e da sociedade seria completamente substituída pelo Reino de Deus. O problema é que o ministério de Jesus não iniciou tal transformação. Pregou a presença do Reino de Deus, mas o mundo continuou como antes. Como poderia então este ser o Reino?

A resposta de Jesus é que quando se coloca um pouco de fermento na massa, não parece acontecer nada. Na verdade, o fermento parece bastante absorvido pela massa. Eventualmente algo acontece e o resultado é a transformação completa da massa. A ênfase não deve ser colocada na forma como a transformação é alcançada. A ideia de o Reino de Deus conquistar o mundo através da penetração gradual e da transformação interior era completamente estranha ao pensamento judaico. A ideia de gradualidade é contrariada pelas parábolas do joio e da rede que varre, onde o Reino chega através do julgamento apocalíptico e da destruição do mal, em vez de uma transformação gradual do mundo.

A ênfase da parábola está no contraste entre a vitória final e completa do Reino quando a nova ordem chegar, e a forma presente e oculta desse Reino tal como veio ao mundo. Nunca ninguém imaginaria que Jesus e o seu pequeno grupo de discípulos tivessem algo a ver com o futuro glorioso Reino de Deus. Este é o mistério, a nova verdade sobre o Reino. Como ou quando virá o futuro Reino não faz parte da parábola. [41]

Jesus utilizou muitas outras parábolas para ilustrar este mistério oculto do Reino de Deus. As parábolas da pérola preciosa e do tesouro escondido no campo (*Mateus 13:44-46*), da rede que varre (*Mateus 13:47-50*) e do homem que semeou a semente (*Marcos 4:26-29*). todos ilustram o ponto de que em Jesus, o Cristo, o Reino veio entre os homens de uma forma inesperada. Os judeus de toda a parte ansiavam pela plena manifestação do Reino de Deus. Mas ela veio de uma forma que eles não reconheciam, então eles a ignoraram e até a desprezaram, rejeitando Jesus como o Messias. Jesus simplesmente não se encaixava nos moldes históricos, religiosos e políticos esperados da época. Como observou outro:

Jesus não era um homem do grupo de poder religioso e político (um sacerdote ou um teólogo como os saduceus) nem um homem de revolução política violenta (um libertador político como os zelotes). Não era um homem que aderisse à emigração apolítica (não era um monge como o povo de Qumran) nem um homem de compromisso jurídico religioso (não era um observador piedoso da lei como os fariseus). Este perfil distinto de Jesus, a sua alteridade em comparação com outros grupos politicamente relevantes, foi a primeira razão para o conflito sobre Jesus. Jesus era diferente! [42]

Foi a diferença entre Jesus e o grupo heterogêneo de seguidores que ele atraiu e as suas palavras que foi tão desconcertante para aquilo a que na nossa sociedade chamaríamos a “maioria conservadora da classe média”. Como poderia ele ser o Rei de Israel? Como poderia anunciar que o Reino está “próximo”? Como poderia alguém que violou o sábado e as regras de pureza e se misturou com a companhia errada (prostitutas, cobradores de impostos, leprosos) ser o seu Rei prometido? Jesus acolheu os “pecadores”, os leprosos, os impuros, os cegos, os coxos, os surdos, os mudos, as prostitutas e os cobradores de impostos. Claro que afirmou cumprir todas as antigas esperanças e ideais de Israel, mas fê-lo de uma forma que parecia transcender todas as convenções

com uma agenda inteiramente nova. Nesta sociedade, os marginalizados foram excluídos da esperança messiânica. Mas:

Contrariamente a qualquer avaliação superficial, seguir Jesus significa participar no Reino de Deus. Presente na pessoa e obra de Jesus, sem exibição exterior ou glória visível, estava o próprio Reino de Deus... Historicamente, as parábolas respondem à pergunta sobre o estranho carácter dos seguidores de Jesus. Atraiu cobradores de impostos e pecadores. Na expectativa popular, a vinda do Reino significaria não só que o Messias “*destruiria as nações ímpias com as palavras da sua boca... e ... repreenderia os pecadores pelos pensamentos dos seus corações*”; Também iria “*reunir um povo santo a quem guiaria na justiça*” ... Jesus não reuniu um povo tão santo. Pelo contrário, Ele disse: “*eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores*” (Marcos 2:17) ... Como poderia o Reino de Deus ter alguma coisa a ver com uma comunhão tão estranha? A função do Reino não é, por definição, destruir todos os pecadores e criar uma comunidade sem pecado? A resposta de Jesus é que um dia o Reino criará uma comunidade tão perfeita. Mas antes deste acontecimento do fim dos tempos, ocorreu uma manifestação inesperada do Reino de Deus. [43]

Esta é a mesma linha de pensamento que ainda hoje faz com que os judeus rejeitem Jesus como Messias. Os judeus de hoje raciocinam que, uma vez que os profetas hebreus previram um Messias que venceria os governos malignos, e uma vez que Jesus não derrubou o Império Romano na Palestina nem trouxe o Reino de Deus, Jesus foi enganado e os seus discípulos foram enganados a acreditar que ele era o prometido Messias. Portanto (os judeus de hoje ainda argumentam), o NT é um documento falso.

Portanto, os judeus do passado e do presente não compreenderam que o Reino de Deus envolve dois grandes momentos: o cumprimento no ministério de Jesus de Nazaré e o clímax no fim dos tempos, introduzindo uma nova era na história, quando o Messias regressar em glória. Se o assunto ficasse por aqui, seria muito triste. Mas, infelizmente, até os cristãos perderam a fé na mensagem central de Jesus e dos apóstolos, isto é, o Evangelho do Reino. Pergunte a si mesmo: Quando ouviu o Evangelho proclamado hoje, ouviu alguma coisa sobre o Reino de Deus? Ou é simplesmente convidado a “convidar Jesus a entrar no seu coração”?

Substituímos a forte ênfase no fim dos tempos por coisas do céu para as almas desencarnadas quando morrerem. (Para muitos, a ideia de ser uma alma desencarnada no céu sugere um tédio eterno. Um dos meus colegas de trabalho disse-me recentemente que quer ir para o inferno, onde será a verdadeira festa.) Transformámos o plano mestre de Deus para a redenção dos mundos e da sociedade numa patética caricatura subjetiva. Nenhum hebraico baseado na Bíblia teria considerado um conceito tão nebuloso. Onde aparece esta forma de convite evangélico no NT? Pelo contrário, como *Anthony Buzzard* afirma de forma tão poderosa:

O Evangelho pregado por Jesus convida-o também a passar o resto da sua vida a preparar-se para participar na supervisão deste futuro Reino numa terra renovada. Está convidado a ser co-herdeiro do Reino com o Messias. Em suma, o Jesus da história, o “teocrata” original, continua o seu trabalho de recrutamento de membros da sua casa real, o partido teocrático, que são instados a preparar-se com a ajuda divina para participarem no governo do Messias no futuro. Esta será a primeira e única administração que governará o mundo com sucesso. [44]

Infelizmente, não ouvimos hoje esta ênfase escatológica. Há uma antipatia pelo Evangelho do Reino tal como Jesus o pregou. Nem sempre foi assim. “Para os cristãos dos primeiros três séculos, o Reino era totalmente escatológico. Uma oração do início do século II diz: *Lembra-te, Senhor,*

da tua Igreja, de ... a reunir na sua santidade desde os quatro ventos para o teu reino que preparaste para ela”. [45]

Como ocorreu este afastamento do Evangelho do Reino? O raciocínio é este: uma vez que Jesus afirmou ser o Messias, e uma vez que não destruiu o domínio romano na Palestina nem trouxe uma era de glória a Israel, estabelecendo o Reino terreno de Deus, Jesus não pretendia, obviamente, este significado literal do seu ensino evangélico. Tais interpretações políticas e terrenas são demasiado literalistas. São ideais judaicos errados. O que Jesus veio realmente trazer foi um reino “espiritual”, isto é, um reino do governo e da soberania de Deus dentro dos corações dos homens. Não disse ele: “*porque eis que o reino de Deus está entre vós*” (Lucas 17:21)? Foi Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) quem popularizou esta posição.

Parte deste mal-entendido vem da própria frase “Reino dos Céus”. Para os ouvidos ocidentais, o “céu” está lá fora, no espaço etéreo, para além da percepção humana. Para os ouvidos modernos, “céu” é o lugar para onde vamos quando morremos. Na nossa opinião, “céu” é místico. Mas não para a mente hebraica. “Em contraste, o céu bíblico é uma metáfora que significa o futuro prometido por Deus, a era vindoura, o Reino de Deus (que também é chamado ‘o Reino dos Céus’). Que melhor metáfora para representar o futuro prometido por Deus do que os céus, o céu acima, para o qual é natural olhar quando imaginamos o futuro? [46] Ou seja, o que existe “no céu” para o hebreu existe no futuro prometido por Deus. Céu, então, é uma figura de linguagem hebraica, sinónimo da vida futura da era vindoura que virá à Terra quando Jesus Cristo regressar em glória real para estabelecer o reinado de Deus sobre o mundo, de acordo com todas as promessas de Deus.

Assim, o céu representa o lar eterno onde Deus e o seu povo desfrutarão de uma comunhão sem fim, mas em vez de um lar invisível no céu para onde vão quando morrem, é um lar visível que emergirá do céu, isto é, do futuro, por assim dizer, na segunda vinda do Messias para renovar a terra; É o Reino de Deus vindouro. [47]

A única forma de interiorizar esta esperança e torná-la uma posse espiritual presente (dizendo que “Jesus vive e reina agora no meu coração”) é compreender que, ao comprometer-me com este Evangelho do Reino vindouro, estou a identificar-me a mim e a todos dos meus sonhos e aspirações futuras com este futuro prometido de renovação mundial quando Jesus Cristo regressar à terra. Não se trata simplesmente de rezar como um papagaio: “*Venha o teu Reino*”. É “*arrepender-se e acreditar no Evangelho*” sobre o Reino. Foi adotando os valores do Reino de amor e não-violência que Jesus abraçou. Jesus é o protótipo do Novo Homem que Deus trará para a era vindoura. Jesus rejeitou todas as abordagens mundanas de dominação e intimidação sobre os outros. Vim para servir. Ele partilhará o seu Reino com aqueles que vivem neste tempo com estes, os seus valores. Jesus “*vive no meu coração*” somente quando estou tão persuadido por este Evangelho do Reino vindouro que a sua palavra é a força motivadora na minha vida diária: *E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro*”. (1 João 3:3).

Lembro-me de uma vez estar sentado num culto na igreja, quando a pessoa que liderava o culto de comunhão, a Ceia do Senhor (nos círculos da Igreja de Cristo chamamos a esta pessoa “o presidente” porque ele preside à mesa), convidou qualquer pessoa da congregação a partilhar publicamente o que a comunhão significava para si. Um deles levantou-se para dizer que isso significava que os seus pecados tinham sido perdoados pelo sangue de Jesus. Outro levantou-se para dizer que isso significava que poderia renovar a sua proximidade com Deus durante a próxima semana. Outro levantou-se e partilhou que ao comer o pão e ao beber o cálice se sentia como se

pertencesse ao corpo de Cristo. Provavelmente oito pessoas testemunharam neste sentido pessoal. Foi significativo que nenhuma pessoa tenha partilhado que isso significava para eles o que significava para Jesus. Pois foi à sombra da cruz, ao instituir a Ceia do Senhor, que Jesus disse aos seus seguidores:

“E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus. E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós; Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus”. (Lucas 22:15-18).

Para Jesus, comer o pão e beber o cálice com os seus seguidores significava uma promessa. Isto significava que comeria e beberia com eles no Reino de Deus que se avizinhava: *“E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel” (Lucas 22:29, 30).* Jesus acreditava firmemente que sentados à volta daquela mesa estariam os patriarcas ressuscitados de Israel, Abraão, Isaac e Jacob, juntamente com *“muitos virão do oriente e do ocidente” (Mateus 8:11).* O apóstolo Paulo disse ainda à igreja que *“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha” (1 Coríntios 11:26).* Foi esta esperança do futuro prometido da era vindoura que foi a força primária e unificadora na vida e fé do próprio Jesus. Só quando se tornar nosso poderemos dizer verdadeiramente *“Pois o reino de Deus está no meio de vós”.*

O evangelho que Jesus pregou dizia respeito antes de mais a este futuro Reino de Deus. Jesus comparou *“o Reino de Deus”* com *“a era vindoura, a vida eterna”*. Ele disse aos seus discípulos:

“Na verdade, vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus, Que não haja de receber muito mais neste mundo, e na idade vindoura a vida eterna” (Lucas 18:29, 30).

Jesus disse que *“nascer de novo”* – o grande lema do evangelicalismo moderno – é a condição necessária para entrar no Reino quando ele chegar:

“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo [ou nascer do alto], não pode ver o reino de Deus” (João 3:3).

Depois observe como a frase muda ligeiramente:

“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (João 3:5).

Alguns versículos depois, o Senhor Jesus explica o que é *“ver”* ou *“entrar”* no reino de Deus. Diz que acreditar nele significa *“ter vida eterna”* (literalmente, vida na era futura, *João 3:15, 16*).

Os discípulos também equipararam *“salvação”* a *“entrar no reino de Deus”*. Quando Jesus lhes diz que é difícil um rico entrar no **reino de Deus**, e que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus, eles perguntam espantados: *“Quem poderá, pois, salvar-se?” (Mateus 19:24, 25).*

Somando tudo isto obtemos a equação:

O Reino de Deus = a vida do século vindouro = vida eterna = salvação

É um facto notável, então, que os discípulos de Jesus pregaram este Evangelho do Reino muito antes de compreenderem que Jesus seria crucificado e ressuscitado. Um Dia Jesus chamou os doze à parte e disse-lhes:

“E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; Pois há de ser entregue aos gentios, e escarnecido, injuriado e cuspido; E, havendo-o açoitado, o matarão; e ao terceiro dia ressuscitará. E eles nada disto entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia”. (Lucas 18:31-34).

Pelo menos quatro vezes depois de Pedro ter confessado Jesus como o Cristo em Cesareia de Filipe, Jesus predisse que seria morto e ressuscitado, embora os discípulos de todas as vezes não conseguissem compreender isso (*Marcos 8:31*, comparar os versículos 34-37; 9:9, 31; 10:33, 34) Repito: os discípulos estavam a pregar o Evangelho da salvação, o Evangelho do Reino, o Evangelho da vida eterna, antes de terem qualquer compreensão da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus!

Claramente o Reino de Deus foi o primeiro tema da agenda nas apresentações apostólicas do Evangelho. Isto não é surpreendente, pois Jesus sempre proclamou o Evangelho do Reino, e isto foi muito antes de se dizer algo sobre a sua morte pelos nossos pecados, algo que os discípulos não compreenderam! (*Lucas 18:31-34*). É imensamente instrutivo notar que o tema do Reino não pode ter incluído originalmente a morte e ressurreição de Jesus. **[48]**

É certo que só com base na obra consumada de Cristo na cruz e na sua ressurreição podemos entrar no Reino de Deus que se avizinha. Mas Jesus não abandonou nem por um momento a esperança terrena que herdou da sua herança hebraica. Acontece que ele sabia que o Reino Messiânico não viria da primeira vez. Ele deve morrer primeiro e ressuscitar para nos abrir o caminho. Não haverá colheita, a não ser que primeiro o grão de trigo caia por terra e morra (*João 12:24*). Toda a sua energia e concentração estavam focadas na preparação dos seus seguidores para este grande evento universal. O facto fundamental é que Jesus afirmou ser o Messias destinado não só a morrer pelos nossos pecados, mas também a governar este mundo numa comunidade futura que será estabelecida na sua Segunda Vinda. Qualquer teologia que não viva e respire nesta atmosfera perdeu o contacto com o Jesus da Bíblia. É neste contexto que iremos agora aprofundar um pouco mais.

Promessas aos Pais

Poucos leitores da Bíblia de hoje parecem perceber que o Evangelho tem a ver com o cumprimento de certas promessas juramentadas que Deus fez a Abraão e depois estendeu a David. A rubrica do NT é *Mateus 1:1*: “*LIVRO da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão*”. A conclusão do NT é a confissão de Jesus ressuscitado: “*Eu sou a raiz e a geração de Davi*” (*Apocalipse 22:16*). Tudo o que está entre estes “suportes para livros” pretende mostrar como Jesus atende aos critérios do “filho de David”. Estas promessas “aos pais” constituem a base de todo o ministério do Reino de Jesus e da mensagem do Evangelho. Podemos resumir a história destas promessas fundamentais desta forma: Deus prometeu a Eva que um dos seus descendentes reverteria a maldição que entrou no mundo no Éden. Este descendente (mais tarde delineado como o Messias) emergiria da família de Abraão e obteria a posse da terra da Palestina e do mundo para sempre. O próprio Abraão, mesmo que, entretanto, morra, é informado de que também desfrutará

para sempre desta herança prometida. No entanto, uma herança eterna só fará sentido se Abraão voltar à vida. Eis os primeiros sinais de que no plano de Deus haverá uma ressurreição dos mortos.

Entretanto, gerações da linhagem de descendentes de Abraão vão e vêm. Embora este povo chamado Israel entre na Terra Prometida sob o comando de Josué, a promessa feita a Abraão ainda não foi cumprida. Abraão ainda dorme no pó da terra. Mas a promessa não falhou. Na verdade, Deus esclarece ainda que este prometido descendente de Abraão será um rei poderoso, também descendente de David (*2 Samuel 7:12-16*). Assim, a promessa ganha especificidade e é ampliada. O Rei e o seu Reino tornam-se a esperança de cada verdadeiro filho de Abraão. “Nestes poderosos temas de segurança permanente, monarquia e território, assenta toda a estrutura da história bíblica. É preciso notar cuidadosamente que a Mensagem nunca é meramente “religiosa”. É nacional e universal e está relacionado com o futuro da Terra”. [49] *São estas promessas do AT a Abraão de terra e trono que constituem a própria base do anúncio do Evangelho do Reino por Jesus! Se me permitem mais uma vez tomar de empréstimo uma das afirmações de Anthony Buzzard: “Não será um exagero dizer que a falta de compreensão dos termos dos arranjos de Deus com Abraão é a raiz da enorme confusão que existe agora na mente dos paroquianos. propósito total da fé cristã.* [50]

Os apóstolos anunciaram que estavam a pregar “*que a promessa que foi feita aos pais*” (*Atos 13:32*). Repetidas vezes o NT declara uma ligação entre a missão de Cristo e as promessas que Deus fez através dos profetas da antiguidade: “*Digo, pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais*”. (*Romanos 15:8*).

De alguma forma, a honra de Deus, “a verdade de Deus”, está ligada à necessidade de Cristo cumprir “as promessas feitas aos pais”. Quaisquer que sejam estas promessas, têm evidentemente a ver com os judeus, pois anteriormente Paulo declarou: “*por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto, e as promessas*” (*Romanos 9:3, 4*). Mais definitivamente ainda, Paulo diz: “*Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo... E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão [literalmente, ‘descendência’, e herdeiros conforme a promessa*” (*Gálatas 3:16, 29*).

Obviamente, se quisermos saber que promessas tem Paulo em mente, devemos referir-nos à história de Abraão, porque foi daí que ele obteve a sua informação. A maioria de nós está familiarizada com o esboço da história de Abraão. Sabemos que Deus o chamou para deixar a sua casa na Caldeia e tornar-se morador de tendas, um “peregrino” na terra de Canaã. Sabemos que Deus prometeu a Abraão que um dia o Salvador do mundo viria da sua linhagem e que através da pregação do Evangelho todas as nações da terra seriam abençoadas através dele. Mas não nos apercebemos que a promessa feita a Abraão tem mais relevância. Afinal, “Pai Abraão” é significativo e aplicável à história passada dos judeus, mas que relevância têm para o cristão de hoje as promessas que lhe foram feitas há mais de 3000 anos?

Esta atitude desdenhosa é um triste reflexo do quanto o Cristianismo moderno se desviou da própria essência do Evangelho do Novo Testamento. Há uma série de canções e hinos antigos da escola dominical que falam sobre a travessia do rio Jordão quando morrermos e ascendermos ao céu: “Onde está agora o profeta Daniel? Seguro na Terra Prometida.” É difundida a ideia de que a Terra Prometida é o céu e que todos os fiéis mortos, incluindo Abraão, Daniel e os “pais”, já estão

na glória. Estes sentimentos modernos dão a impressão de que, para a maioria, as promessas feitas aos pais já foram cumpridas e, por isso, não têm relevância atual. Mas isto está muito longe do ensino do NT, que vê as promessas feitas aos pais como a base do Evangelho salvador e ainda a aguardar o cumprimento futuro. Depois do Pentecostes, Estêvão disse que Abraão ainda não tinha herdado Canaã. Até àquele dia, Deus não tinha dado a Abraão “nenhuma herança” “*para esta terra em que habitais [os judeus] agora... nem ainda o espaço de um pé*” (Atos 7:4, 5). Estêvão acreditava que a promessa de Deus a Abraão ainda estava à espera de ser cumprida.

Já tivemos ocasião de observar *Hebreus 11*: “*Todos estes [pais] morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque, os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma pátria*” (versículos 13-14).

Então Abraão, Isaac e Jacob, Daniel e os profetas morreram sem receberem o que Deus lhes tinha prometido: uma pátria própria! Os pais ainda não estão em segurança na Terra Prometida. Este sentimento é ecoado no final de *Hebreus 11*: “*E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós [cristãos do NT] não fossem aperfeiçoados*” (versículos 39-40).

Portanto, no momento em que escrevemos o NT, as promessas que Deus tinha feito a Abraão e aos pais de Israel ainda não tinham sido cumpridas. Evidentemente, os cristãos também têm interesse nestas promessas feitas aos pais. Somos “*herdeiros da promessa*”; Somos descendentes de Abraão porque temos fé no mesmo Deus que fez as promessas (*Gálatas 3:16, 29*). Quando foi julgado pela sua fé, o apóstolo Paulo testemunhou que a salvação oferecida através de Cristo foi um cumprimento das promessas feitas aos pais: “*E agora pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais estou aqui e sou julgado. A qual as nossas doze tribos esperam chegar,*” (Atos 26:6, 7).

Esta fé estava na boa tradição hebraica, tal como foi expressa por muitos. Maria, a mãe de Jesus, também compreendeu que Jesus deve cumprir as promessas feitas aos pais de Israel: “*Auxiliou a Israel seu servo, Recordando-se da sua misericórdia; Como falou a nossos pais, Para com Abraão e a sua posteridade, para sempre*” (Lucas 1:54, 55).

O pai de João Batista também elogiou Deus por se lembrar das Suas promessas a Abraão e a David:

“Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo, E nos levantou uma salvação poderosa Na casa de Davi seu servo. Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo; para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para manifestar misericórdia a nossos pais, E lembrar-se da sua santa aliança, E do juramento que jurou a Abraão nosso pai” (Lucas 1:68-73).

O facto de Cristo Jesus ter ressuscitado dos mortos e estar agora no céu aguardando a sua Segunda Vinda é, segundo Pedro, prova de que as promessas aos pais ainda aguardam cumprimento futuro. Pedro ordena aos seus ouvintes que se arrependam e creiam para que Deus “*E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio*” (Atos 3:20, 21).

Estes versículos mostram que as promessas feitas aos pais ainda não tinham sido cumpridas nem mesmo no primeiro século d.C., ainda não tinham sido cumpridas depois da ascensão de Cristo ao céu, ainda não tinham sido cumpridas milhares de anos depois de Deus as ter feito originalmente. ainda não tinha sido cumprida depois de a igreja do NT ter sido destruída. começou, mesmo não cumprido quando o NT foi escrito! Estamos agora em condições de perguntar o que implicam as promessas aos pais e porque é que estas promessas são a chave para desvendar o significado de todo o Evangelho que o próprio Jesus pregou.

Quando Deus disse a Abraão para deixar para trás a sua terra natal e os seus laços familiares, Ele prometeu levá-lo *“E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra”* (Génesis 12:2, 3). Os dois pilares centrais da promessa de Deus a Abraão eram dar-lhe a Terra Prometida e fazer dos seus descendentes uma nação poderosa. Esta promessa foi repetida inúmeras vezes:

“E disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente. Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei” (Génesis 13:14-17).

O leitor atento notará que a terra de Canaã está prometida ao próprio Abraão, pessoalmente, bem como aos seus descendentes. O texto diz: *“Eu te darei”*. Além disso, note-se que Deus não disse a Abraão: *“Eu dar-te-ei a terra através dos teus descendentes para sempre”*. Em vez disso, Deus prometeu: *“Darei a terra a ti e aos teus descendentes”*. É claro que esta promessa ainda não foi cumprida. Deve ser central no plano de Deus para este mundo, porque Deus reitera os mesmos dois elementos essenciais da Sua promessa: a Terra Prometida a Abraão e um grande número de descendentes que preencherão aquele país (ver também *Génesis 12:7; 15:8-18; 17:8*); Deus liga a Sua honra e a Sua palavra a esta aliança abraâmica vezes sem conta com o divino *“eu farei”*. Novamente, depois de Abraão não ter impedido que o seu único filho, Isaac, fosse sacrificado, Deus sublinha ainda mais a promessa:

“E disse: Por mim mesmo jurei, diz o SENHOR: Porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único filho, Que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos; E em tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz” (Génesis 22:16-18).

Isaac e Jacob são chamados *“co-herdeiros da mesma promessa”* (Hebreus 11:9). Para eles foi repetida a promessa da terra e de muitos descendentes:

*“E apareceu-lhe o SENHOR [a Isaac], e disse: Não desças ao Egito; habita **na terra** que eu te disser; Peregrina nesta terra, e serei contigo, e te abençoarei; porque **a ti e à tua descendência darei todas estas terras**, e confirmarei o juramento que tenho jurado a Abraão teu pai”* (Génesis 26:2-4).

*“E Deus Todo-Poderoso te abençoe [Jacó] e ... te dê a bênção de Abraão... para que em herança possuas a terra de tuas peregrinações, que Deus deu a Abraão... Eu sou o SENHOR Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque; esta terra, em que estás deitado, darei **a ti e à***

tua descendência. E a tua descendência será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra”. (Gênesis 28:3, 4, 13, 14).

Já observámos que Jesus interpretou estas promessas literalmente, porque acreditava que os indivíduos Abraão, Isaac e Jacob seriam pessoalmente levantados por Deus para viverem na Terra Prometida na era messiânica vindoura (*Mateus 22:23-33*). É por isso que Jesus defendeu a ressurreição dos mortos: Abraão, Isaac e Jacob morreram sem terem recebido a promessa que Deus lhes tinha feito, e era impossível que a palavra de Deus não se cumprisse.

1. Uma nação grande e poderosa

Não admira que os hebreus fossem apaixonados pelas “promessas aos pais”. Dois elementos-chave se destacam. Em primeiro lugar, os descendentes de Abraão tornar-se-iam uma nação poderosa através da qual a terra seria abençoada. Infelizmente, os judeus rejeitaram sempre os profetas de Deus e provaram ser indignos deste elevado privilégio e destino. No final, até mataram o Filho de Deus, Jesus, o Cristo. O Israel natural, “*Israel segundo a carne*”, foi “separado” do caule e da raiz. E assim os gentios que aceitam que Jesus é o Messias e acreditam no seu Evangelho do Reino são “enxertados” na oliveira e assim passam a fazer parte do verdadeiro Israel de Deus, ou seja, aqueles que acreditam nas promessas (ver *Romanos 11*). A grande nação que tem mais estrelas do que as estrelas do céu que foi prometida a Abraão, é agora composta por pessoas de todas as raças, sejam judeus ou gentios, que pela sua fé no Cristo de Deus mostram que têm a mesma fé que Abraão. Para:

“Não que a palavra de Deus [a Sua promessa do Reino] haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas [físicos] Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos, mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência” (Romanos 9:6-8).

O Evangelho em que os cristãos do NT devem acreditar é o mesmo Evangelho em que Abraão acreditou. É “o Evangelho do Reino” em que o próprio Jesus acreditou. Devemos ser fiéis à fé de Jesus. Em Romanos 3 Paulo diz que Deus justificará o crente “que tem fé em Jesus” (versículo 26). No entanto, como a tradução da NASB diz corretamente na margem, esta frase traduzida literalmente é que Deus justificará aquele “que crê em Jesus”. Devemos ter a fé de Jesus, a fé pela qual viveu. Não pode haver fé em Jesus se não tivermos a fé de Jesus, a fé pela qual viveu, a fé que modelou, a fé que ensinou. Esta frase encontra-se no capítulo seguinte, onde Paulo fala da “fé de Abraão” (Romanos 4:16). É a mesma construção grega. Não há razão (para além da necessidade teológica!) para traduzir um caso como “a fé de Abraão” e o outro como “fé em Jesus”. Jesus tinha a fé de Abraão, ou seja, fé nas mesmas promessas de Deus.

O Evangelho em que os cristãos do NT devem acreditar é o mesmo Evangelho em que Abraão acreditou. É “o Evangelho do Reino” em que o próprio Jesus acreditou. Devemos ser fiéis à fé de Jesus. Em Romanos 3 Paulo diz que Deus justificará o crente “que tem fé em Jesus” (versículo 26). No entanto, como a tradução da NASB diz corretamente na margem, esta frase traduzida literalmente é que Deus justificará aquele “que crê em Jesus”. Devemos ter a fé de Jesus, a fé pela qual viveu. Não pode haver fé em Jesus se não tivermos a fé de Jesus, a fé pela qual viveu, a fé que modelou, a fé que ensinou. Esta frase encontra-se no capítulo seguinte, onde Paulo fala da “fé de Abraão” (Romanos 4:16). É a mesma construção grega. Não há razão (para além da necessidade

teológica!) para traduzir um caso como “*a fé de Abraão*” e o outro como “fé em Jesus”. Jesus tinha a fé de Abraão, ou seja, fé nas mesmas promessas de Deus.

Esta frase, “*a fé de Jesus*”, é muitas vezes obscurecida nas nossas Bíblias em português, embora seja assim que o texto grego a expressa. *Romanos 3:22* traduz: “*a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo [é] para todos e sobre todos os que crêem*”. No entanto, não há preposição antes das palavras “Jesus Cristo” e a última frase está no caso genitivo. Traduz-se com mais precisão: “*a justiça de Deus através da fé em Jesus Cristo*” (é assim que a KJV traduz). O mesmo é verdade em *Filipenses 3:9*. Aqui Paulo está disposto a considerar todas as coisas como “lixo” para ter um relacionamento correto com Deus através de Jesus, “*não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo*, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé”. Mais uma vez, não há aqui preposição, e “Cristo” está no caso genitivo, que a KJV traduz naturalmente como “*aquilo que é pela fé em Cristo*”. O mesmo se aplica em *Gálatas 2*, onde lemos: “*Sabendo, porém, que ninguém é justificado por obras da lei, senão pela fé em Jesus Cristo, também nós temos crido em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não por obras da lei. Porque pelas obras da lei ninguém será justificado*” (versículo 16). Na verdade, diz: “*o homem é justificado pela fé no Messias*”. Apenas alguns versículos depois, Paulo diz: “*Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim*” (*Gálatas 2:20*). Novamente temos um “genitivo subjetivo”, pelo que a tradução exata é “*a fé do Filho de Deus*”.

A implicação prática é significativa. Qual é a fé que traz a justiça perante Deus Pai? É a fé do Messias Jesus. Com que fé viveu Jesus? Fé na promessa do Pai feita a Abraão (e confirmada no juramento davídico), de que Deus ressuscitaria os justos mortos e os traria para um Reino de glória através do Seu Rei Ungido. Ou seja, a fé no anúncio prometido do Reino escatológico. Esta é a “fé de Jesus”. O que é a firmeza do verdadeiro crente senão “guardar os mandamentos” de Deus e guardar “*a fé de Jesus*” (*Apocalipse 14:12*)? Não há outra maneira de ter fé em Jesus senão acreditar no que Jesus acreditou. Acreditar em Jesus é acreditar na Sua palavra ou proclamação do evangelho. Tudo isso significa que a única maneira de expressar a verdadeira fé em Jesus, o Cristo, é viver de acordo com a fé pela qual ele andou e foi motivado. A fé de Jesus na palavra de promessa de Deus torna-se a nossa fé na mesma promessa do Evangelho. O Evangelho de Paulo era a sua pregação da fé de Jesus, a proclamação do Evangelho de Jesus sobre o Reino de Deus, explicada à luz dos factos da morte e ressurreição de Jesus. A única forma de sermos justos perante o Pai é honrar a fé do seu Filho, ou seja, acreditar na Boa Nova do Reino de Deus que está a chegar e na qual ele acreditou. Isso é crer em Jesus. Isto é ser da fé de Abraão, ser um verdadeiro filho/filha de Deus. É ter a fé de Abraão que Paulo recomendou.

Os verdadeiros descendentes de Abraão, Isaac e Jacob são aqueles que agradam a Deus acreditando na Sua palavra de promessa. Os descendentes de carne e osso de Abraão, os judeus, até hoje na sua maioria não mostram que são da fé de Abraão, porque rejeitam o Messias que Abraão esperava. Foi a queixa de Jesus que, embora “*Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se*”, mas os seus contemporâneos não (*João 8:56*). A raça prometida dos descendentes de Abraão hoje vem do resto do mundo. Deus “*para tomar deles um povo para o seu nome*” (*Atos 15:14*). O Mistério do NT “*O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens... como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas... [é] que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho*” (*Efésios 3:3-6*). Aqueles “*daqueles que não somente são da circuncisão, mas que*

também andam nas pisadas daquela fé que teve nosso pai Abraão” são os herdeiros das promessas feitas (Romanos 4:12). Hoje então, a promessa vem pela fé pela graça (e não segundo a Lei antiga) “*Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade... que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós*” (Romanos 4:16). Quando um novo crente é batizado em Cristo, torna-se “*descendência de Abraão, [um] e herdeiros conforme a promessa*” (Gálatas 3:29). A missão de Cristo não era redimir “*E não somente pela nação [de Israel], mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos*” (João 11:52).

Falando sobre o dia futuro em que esta grande multidão se reunirá, Jesus prometeu:

“Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaac, e Jacó, no reino dos céus” (Mateus 8:11).

Quando Cristo regressar à terra, Abraão verá no seu corpo ressuscitado o cumprimento literal da promessa que Deus lhe fez há muito tempo. Verá os seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu ou a poeira da terra. Os mortos de todas as gerações que são da sua fé estarão nesse Reino. “*Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas*” (Apocalipse 7:9). Os descendentes reais de Abraão herdarão finalmente o prometido Reino de Deus.

Que Jesus será o rei deste Reino é também uma parte fundamental desta promessa. Pois a promessa de Deus a Abraão recebeu ainda mais refinamento quando Deus profetizou a David que um dos seus descendentes se sentaria no seu trono para sempre. David teria um herdeiro real para que a sua dinastia nunca acabasse. Que Jesus é o herdeiro prometido do trono davídico é claro. O anjo Gabriel anunciou à virgem Maria:

“E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim” (Lucas 1:31-33).

O anjo Gabriel é muito preciso na escolha das palavras aqui. Não diz que Cristo reinará sobre “Israel”, mas sobre “Jacó”, isto é, sobre os descendentes literais de carne e sangue de Abraão, a mesma raça sobre a qual David reinou. Se nos tivessem dito que Cristo reinaria sobre a casa de “Israel”, muitos teriam ficado ainda mais inclinados a dizer que isso significava um reinado “espiritual” no coração de um Israel “espiritual”. Mas o anjo anuncia que o Reino de Cristo será um Reino Judaico literal sobre a casa de Jacob, no trono literal de David. A força disto é realçada quando comparamos com 1 Reis 2: “*E Salomão se assentou no trono de Davi, seu pai, e o seu reino se fortificou sobremaneira*” (versículo 12).

Se a Bíblia significa que Salomão se sentou no trono literal do seu pai David, porque não há de significar uma realeza literal para Cristo, que também se sentará “*no trono de David, seu pai*” em Lucas 1:32? Este baseou-se num acordo de aliança que Deus fez com o Rei David:

“Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estaberecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre... Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre” (2 Samuel 7:12-16; ver também 1 Crônicas 17:11-14).

É claro que o trono de Israel era sinónimo do Reino de Deus. Cada rei de Israel e de Judá sabia que o seu trono lhe tinha sido dado por designação divina. Ele governou em nome de Deus. Resistir ao rei era opor-se a Deus:

“Porventura não vos convém saber que o SENHOR Deus de Israel deu para sempre a Davi a soberania sobre Israel, a ele e a seus filhos, por uma aliança de sal?... E agora julgais que podeis resistir ao reino do SENHOR, que está na mão dos filhos de Davi” (2 Crônicas 13:5, 8).

Quando a rainha de Sabá viu a glória do reino de Salomão, alegrou-se:

“Bendito seja o SENHOR teu Deus, que se agradou de ti para te colocar no seu trono como rei para o SENHOR teu Deus; porque teu Deus ama a Israel, para estabelecê-lo perpetuamente; por isso te constituiu rei sobre eles para fazeres juízo e justiça” (2 Crônicas 9:8).

“Assim Salomão se assentou no trono do SENHOR, como rei, em lugar de Davi seu pai” (1 Crônicas 29:23).

O Reino de Deus, então, é um império governado pelo rei de Israel entronizado em Jerusalém. Esta definição lançará muita luz sobre o que Jesus quis dizer com a Boa Nova sobre o Reino de Deus. O termo hebraico “reino do Senhor” reaparece em Apocalipse 11:15 onde, ao soar da sétima trombeta, o poder dos atuais estados políticos será transferido porque *“Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo”*. [51]

Portanto, quando falamos das *“promessas aos pais”*, devemos entender que a Bíblia Hebraica está repleta da crença persistente dos profetas de que num dia glorioso no futuro Deus estabelecerá o Seu Reino na terra para ser administrado sob uma forma simples. Messias. Quando Jesus veio *“veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do reino de Deus, E dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho” (Marcos 1:14, 15)*, estes eram os seus termos de referência. E podemos compreender que todo o judeu pensaria imediatamente que as promessas a Abraão e a David estavam prestes a ser cumpridas. O limiar do futuro glorioso prometido para Israel tinha chegado!

2. A Terra Prometida

O segundo elemento-chave da promessa feita aos pais judeus tem a ver com a terra da Palestina. Foi prometido a Abraão *“toda a terra de Canaã”* em que andou (*Génesis 17:8*). Que Abraão nunca possuiu esta Terra Prometida é claro porque teve de comprar terras até para enterrar os seus mortos (*Génesis 23:4*). Abraão era apenas um “estrangeiro” na terra prometida: *“Pela fé habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó” (Hebreus 11:9)*. Estêvão diz: Deus, *“E não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé; mas prometeu que lhe daria a posse dela, e depois dele, à sua descendência, não tendo ele ainda filho” (Atos 7:5)*. Percebe-se, então, que Abraão nunca gozou da Terra Prometida. Para Abraão esta promessa ainda não foi cumprida. Certamente Abraão teve todas as oportunidades de regressar ao seu país natal, Ur dos Caldeus. Todas as aparências estavam contra ele. Podia ter voltado dizendo: “Sou responsável por toda esta deambulação”. “Estou farto de todas as moscas e pó nestas tendas”. Quando se tornou claro que a promessa de Deus ainda estava no futuro, a tentação de desistir por desgosto deve ter sido grande por vezes. Mas estes pais *“morreram na fé, sem terem recebido as*

promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13). E sim, todos morreram sem receber as promessas.

Mas segundo o Evangelho de Jesus, eles vão recebê-los, porque “*e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos [Abraão, Isaac, Jacob e outros foram todos profetas], e aos santos [crentes de todos os tempos], e aos que temem o teu nome” (Apocalipse 11:18). Este será o momento em que, como indica o contexto, “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (versículo 15). É o momento em que o Messias Jesus voltará “que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino” (2 Timóteo 4:1). Daí a promessa de Jesus aos fariseus incrédulos:*

“Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora. E virão do oriente, e do ocidente, e do norte, e do sul, e assentar-se-ão à mesa no reino de Deus” (Lucas 13:28, 29).

Se houver alguma dúvida de que isso acontecerá na Terra Prometida, nesta mesma terra, leia novamente:

*“Então o SENHOR herdará a Judá como sua porção **na terra santa**, e ainda escolherá a **Jerusalém**” (Zacarias 2:12).*

*“Naquele dia, diz o SENHOR, congregarei a que coxeava, e recolherei a que tinha sido expulsa... [e farei delas] uma nação poderosa; e o SENHOR reinará sobre eles no **monte Sião**, desde agora e para sempre” (Miqueias 4:6, 7).*

*“Também eu me lembrarei da minha aliança com Jacó, e também da minha aliança com Isaque, e também da minha aliança com Abraão me lembrarei, e **da terra** me lembrarei” (Levítico 26:42).*

*“Porque o SENHOR consolará a **Sião**; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do SENHOR; gozo e alegria se achará nela, ação de graças, e voz de melodia” (Isaías 51:3).*

Uma rápida análise de alguns dos muitos versículos que poderiam ser citados mostra que o NT diz que estas promessas só serão cumpridas quando Cristo regressar do céu e ressuscitar os fiéis mortos para viverem para sempre na terra prometida de Deus, sob o seu Messias ungido. O NT afirma que estas promessas ainda não foram cumpridas, embora Cristo já tenha vindo pela primeira vez. Ele “*aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação” (Hebreus 9:28)*. Desta forma, todas as nações da terra serão abençoadas, de acordo com as promessas feitas aos “pais”. Ao separar Jesus das “*promessas feitas aos pais*”, arrancamos o próprio coração do Evangelho do Reino pelo qual pregou e pelo qual morreu. No processo, privamo-nos de qualquer interesse pessoal nestas promessas. Estas promessas feitas aos pais são o fundamento do ministério de Jesus e da salvação que Ele agora oferece. A missão de Cristo era “*confirmar as promessas feitas aos patriarcas*”. A honra de Deus, a sua própria verdade, está em causa, como ensina *Romanos 15:8*.

Adoro a forma como *John R. Rice* ilustra esta verdade. Lamenta que, em criança, na Escola Dominical, tenha aprendido que na Segunda Vinda de Cristo, este planeta Terra seria queimado, destruído e desapareceria. Ensinaram-lhe que após um julgamento geral de toda a humanidade, os não salvos seriam enviados para o inferno eterno e os redimidos flutuariam, cantariam e tocariam

as suas harpas numa cidade dourada suspensa no espaço na “Bela Ilha algures”! Lamenta também que mais tarde, quando foi para o seminário teológico, esta noção só se tenha fortalecido. Se os mansos alguma vez herdassem a terra, teriam de o fazer nesta vida. Porque todas as promessas a Israel significavam realmente a Igreja, e as promessas a Jerusalém e ao Monte Sião significavam realmente o céu! Foi-lhe ensinado que a idade de ouro será quando as espadas serão transformadas em relhas de arado e as lanças em foices (*Isaiás 2:4; Miqueias 4:3*) e quando a terra estará cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar. (*Isaiás 11:9*), seria alcançado quando a Igreja pregasse o Evangelho e estabelecesse uma nova sociedade através dos seus próprios esforços. Mas *Rice* diz que, quando começou a estudar os escritos proféticos da Bíblia, “ele aprendeu que Deus tinha prometido trazer os israelitas de volta à sua terra para a possuir para sempre, que o céu, então, deveria estar nesta terra”. Continua no seu “O Reino Vindouro de Cristo” com uma secção intitulada “Se Deus Se Decidiu Destruir Este Mundo”. Ilustra a total impossibilidade de Deus esquecer as suas promessas a Abraão desta forma:

Imaginemos que para agradar a todos aqueles... que ignoraram em grande parte as porções proféticas da Bíblia, o Senhor deveria preparar-se para queimar e destruir completamente este planeta ou a Terra. Suponhamos que, como muitos dizem, as profecias são altamente figurativas de qualquer modo e que estudá-las, ensiná-las ou pregá-las é em grande parte especulação, e assim o Senhor prepara-se para acender o fósforo ou dizer a palavra que destruirá completamente todo este planeta. Que multidão se reúne, imaginemos, para contemplar este grande acontecimento! Mas espere! Vejo um velho que anda como um rei e se adianta para interromper a cerimónia. O seu rosto tem uma expressão de autoridade e a sua voz é ousada quando clama: “Espera, Senhor; Não pode destruir a minha propriedade!

“Imagino que o Senhor poderia dizer: “Este homem é meu amigo; Vamos ouvir o que ele tem para dizer. Fale, amigo, conte ao povo. Qual o seu nome? A que posse se está a referir? Que título tem da propriedade?

“O meu nome”, diz o venerável patriarca, “é Abraão! De Ur dos Caldeus vim por tua ordem. Vim para Canaã e para a terra que me deste, ensinando-me pela fé a saber que mais tarde a herdaria. Fizeste as mesmas promessas a Isaac e a Jacob, e durante todos os nossos dias, embora ricos em ouro e prata, gado e servos, vivemos como estrangeiros e peregrinos em tendas, esperando pacientemente até herdarmos e possuímos para sempre a nossa própria terra. Este livro que tenho nas minhas mãos, ó Senhor Deus, é uma escritura escrita para a terra de Canaã, chamada pelo nome e assinada por Ti mesmo. É uma escritura de segurança que me garante a mim e aos meus filhos fiéis depois de mim – os filhos da promessa – a posse da terra para sempre. Pode queimar ervas daninhas, espinhos e cardos, se quiser. Destrua, se quiser, todos os germes de doenças e pragas de insetos que aumentaram a maldição na terra devido ao pecado do homem ao longo dos séculos. Oh, Senhor, podeis abalar e queimar as cidades, pois procuro outra cidade que tenha alicerces, cujo construtor e construtor é Deus. Os elementos podem derreter com o calor ardente, mas a terra é minha; deste-mo com a promessa de que o herdaria com a minha semente. “O Juiz de toda a terra não fará o que é justo?”

Se Deus quisesse agradar aos ignorantes e aos escarnecedores em relação às suas profecias, como confrontaria Abraão?

O escrito que Abraão possui é a Bíblia. [52]

John Rice descreve a questão aqui em jogo com uma linguagem bela e comovente. Prossegue dizendo que as Escrituras ensinam que “*no qual os céus passarão com grande estrondo, e os*

elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão” (2 Pedro 3:10). Mas o mesmo capítulo explica que este será um julgamento como o dilúvio. 2 Pedro 3:6, 7 diz:

“Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio, mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios” (2 Pedro 3:6, 7).

O mundo uma vez “pereceu” no dilúvio. A terra ainda estará “nua” no próximo dia do juízo final. Mas, assim como a terra reapareceu das águas do dilúvio, para ser repovoada, repovoada e replantada, assim também de uma forma muito maior este planeta, limpo das pragas, das doenças e das marcas do pecado pelo fogo literal da ira de Deus, é será novamente plantado como Jardim do Éden. Este planeta nunca será completamente eliminado; nunca pode deixar de o ser. O fogo do juízo purificará esta terra, mas ela não deixará de existir. Continuará a ser a casa do povo de Deus por toda a eternidade. Canaã será de facto propriedade de Abraão e dos seus descendentes, e nesse tempo eles a possuirão para sempre! [53] Ou, se me permitem pedir emprestadas as palavras de outro: “Se o trono de David não reaparecesse em Israel, com o Messias como Rei, toda a revelação do AT se dissolveria numa lenda piedosa, se não numa fraude”. [54]

Podemos considerar positivamente, então, que existe uma doutrina bem definida no AT e no NT de que um grande descendente de David deve aparecer e reinará no trono de David em Jerusalém, e a monarquia de David na Palestina será restaurada. novamente num Reino eterno na terra. *Jorge Ladd* disse:

A esperança profética verdadeiramente hebraica espera que o Reino surja da história e seja governado por um descendente de David num ambiente terreno... Implica sempre uma irrupção de Deus na história... O Reino é sempre uma esperança terrena, ainda que uma terra redimida da maldição do mal... “O Reino de Deus” é um termo integrante para tudo o que inclui a salvação messiânica. [55]

Ou, como diz *John Rice*:

Todas as promessas e profecias não cumpridas da Bíblia se concentram em uma terra, uma raça e um trono. Estes três, o trono de Davi, sobre o povo de Israel, na terra de Canaã; formam o tríplice centro de toda profecia. Quem entende a aliança de Deus com Abraão sobre a terra de Canaã, sua aliança com Israel sobre sua restauração e conversão, e a aliança com Davi sobre seu trono, tem o coração e o centro das profecias. Quase tão proeminente nas profecias como estas três é a cidade de Jerusalém. [56]

Começamos esta subsecção por dizer que a rubrica do NT é que Jesus é “*filho de David, filho de Abraão*” (*Mateus 1:1*). Notamos também que a última confissão de Jesus sobre a sua identidade no NT é que ele é “*a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã*” (*Apocalipse 22:16*). Entretanto, mostramos que todo o ministério e mensagem de Jesus pretendia confirmar as promessas feitas aos “país”. É apropriado, antes de passar para a secção seguinte, fazer um momento de reflexão e adoração ao nosso Senhor. Tudo se resume nesta última confissão de *Apocalipse 22*. Estas são as palavras do nosso exaltado Senhor Jesus. Diz duas coisas sobre si próprio. Primeiro, é descendente de David e, segundo, é simbolizado pela estrela da manhã.

Como descendente de David, Jesus é o herdeiro de todas as promessas que Deus fez a David. É da linhagem real davídica, o Messias. À direita de Deus, continua a ser filho de David, “a descendência de David”. Ele é um ser humano. Sim, ocorreu uma ressurreição/glorificação, uma

coroação. Mas não uma transmutação. Ele não foi mudado de uma natureza para outra, da humanidade para a Divindade. Como filho de David, está destinado a sentar-se no trono do seu pai David (*Lucas 1:32; Apocalipse 3:21*). Pedro recordou aos seus ouvintes que Deus determinou “*com juramento que do fruto de seus lombos, [de David] segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono*” (*Atos 2:30*). Entretanto, o Senhor Messias de David está sentado “*à minha mão direita [Javé], até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés*” (*Salmos 110:1; Atos 2:34, 35*).

A segunda descrição de Jesus aqui no final do NT é “a estrela resplandecente da manhã”. É ele que anuncia o amanhecer do novo dia, da nova era. Como “estrela” cumpre a profecia: “Uma estrela sairá de Jacob” (Números 24:17). Como uma estrela “brilhante”, ele virá em grande e brilhante glória, trazendo uma nova era de glorificação para todos os que procuram a sua luz, pois “*seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos*” (*1 João 3:2; Daniel 12:3*). Finalmente, como estrela da “manhã”, é a introdutora da aurora, a aurora do Reino de Deus. Como ungido de Deus, ele e só ele está qualificado para trazer este mundo para a Nova Era. Que resumo adequado da mensagem do Evangelho do NT: Jesus, o filho de David, o filho de Abraão, a nossa “brilhante estrela da manhã”. Bendito seja o seu nome para sempre.

Iminência

Uma das dificuldades que a nossa mente ocidental enfrenta é a linguagem que Jesus utilizou quando falou da vinda do Reino. Jesus iniciou o seu ministério com o anúncio de que o Reino estava “próximo”. A impressão que se dá é que o Reino iria aparecer a qualquer momento. Certa vez, Jesus até disse aos seus discípulos: “*Cuando pois vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do homem*” (*Mateus 10:23*). Aos nossos ouvidos isto soa como se Jesus esperasse realmente voltar para trazer o Reino de Deus antes que a primeira geração de cristãos morresse.

Isto tem levado muitos comentadores a acreditar que Jesus estava enganado na sua esperança de um Reino literal de Deus na terra, ou que a sua mensagem deveria ser interpretada num sentido espiritual, isto é, que depois do dia de Pentecostes ele traria o Reino para terra. Os corações dos homens enviando o Espírito Santo. Afinal, talvez Agostinho tivesse razão ao acreditar que o Reino é a Igreja, governada pelo Espírito de Deus? Caso contrário, o Reino não poderia estar “próximo”, porque já passaram mais de 2000 anos desde então e Jesus ainda não apareceu. Temos o aparente absurdo de Jesus acreditar que os discípulos ainda deveriam estar a vaguear pela terra de Israel até hoje e a pregar o Evangelho. Se, por outro lado, sustentamos que o Reino de Deus que Jesus proclamou é a irrupção escatológica de Deus no fim deste mundo, em que sentido estava “próximo” quando Jesus falou? Perante estas aparentes dificuldades, a Igreja alterou radicalmente a mensagem do Evangelho do Reino ensinada por Jesus e pelos seus apóstolos. De acordo com esta teoria revista, o Reino não pode ser uma futura restauração de Israel numa terra renovada governada pelo Messias e pelos seus conservos.

A solução reside na compreensão do conceito judaico de “iminência”. Já observámos aquele estilo de falar muito hebraico chamado “passado profético”. Isto é, quando Deus decreta que algo aconteça, os judeus podem falar sobre isso como se já tivesse acontecido. Aquelas coisas que ainda não estão na história, Deus chama-as como se já existissem (*Romanos 4:17*). O conceito de imediatismo está aliado a esta forma de pensar. O imediatismo é um recurso da profecia do AT

através do qual um evento previsto que certamente ocorrerá é considerado iminente. É bastante claro que o próprio Jesus não sabia quando é que o Reino chegaria realmente. Disse claramente que não sabia o dia nem a hora. Só o seu Pai celestial conhecia este pormenor (ver Marcos 13:32). Embora Jesus não soubesse o dia nem a hora, e embora os apóstolos também não o soubessem, o que eles sabem é *que o Reino de Deus virá; É uma certeza absoluta*. É por isso que podem falar sobre isso como se estivesse no horizonte.

Mas isto ainda não resolve a nossa dificuldade relativamente às instruções de Jesus aos discípulos para continuarem a mover-se pelas vilas e cidades da Palestina “*até que o Filho do Homem venha*” em seu poder. Mais uma vez, o problema resolve-se quando entendemos que:

No típico estilo hebraico, dirige-se aos Apóstolos como representantes de uma pregação do Evangelho do Reino dos últimos tempos nas cidades de Israel. Falando aos onze apóstolos após a sua ressurreição, Jesus prometeu: “*estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*” (Mateus 28:20). A promessa incorpora todos aqueles “descendentes” dos Apóstolos, isto é, discípulos de Jesus que empreendem a obra de pregar o Reino até ao fim dos tempos, o regresso de Jesus. [57]

Simplesmente não servirá, então, para erradicar a pregação de Jesus sobre o Reino de Deus como um reinado ainda futuro do Messias na Terra, no final desta era presente. Devemos compreender a forma hebraica como ele falava e ensinava. É um facto simples que “as referências ao Reino como futuro superam em cerca de 20 para 1 o pequeno número de declarações em que se diz que o Reino está, num sentido diferente, presente”. [58]

Uma pergunta errada?

Um certo professor de uma faculdade bíblica acabara de pregar um sermão inteiro sobre *Atos 1*. Todos na congregação pareciam muito impressionados e satisfeitos com a abordagem moderna e contemporânea que este estudioso tinha adotado. Mas fiquei ali sentado com a sensação de ter gostado dos legumes, mas queria um bife para acompanhar. Onde estava a carne, a substância, a proteína? Decidi abordar o orador da faculdade bíblica e fazer-lhe, educadamente, a pergunta que tinha em mente. Depois de o felicitar (sempre uma forma educada de começar), disse: “Omitiu o versículo 6 no seu sermão. Os discípulos perguntaram a Jesus: “*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*” O que acha da pergunta dele? A resposta que me deram não me surpreendeu. Foi o que aprendi no Instituto Bíblico. É o que diz a maioria dos expositores e comentadores. A sua resposta foi: “Os discípulos ainda não compreendem, não é verdade? As suas mentes ainda estavam presas à velha ideia judaica de que Jesus veio para derrotar os inimigos de Israel e estabelecer um império político onde Israel, através do seu Messias, governaria o mundo. A pergunta dos discípulos mostra quão desajeitados e lentos eram. Foi a pergunta errada. Isso deve ter frustrado muito Jesus”.

Talvez não haja outro versículo no NT que tenha sido mais mal compreendido do que *Atos 1:6*. Vamos preparar o cenário. O Senhor Jesus ressuscitou dos mortos. “*Com muitas provas convincentes*” mostrou aos discípulos que está realmente vivo. Mas em breve ele os deixará para sempre. Ele será levado para o céu. Sem dúvida que estes quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus foram muito valiosos para os discípulos. Lucas resume o tema final do diálogo entre os discípulos e o Senhor Jesus. Se li isto corretamente, houve realmente apenas um item

principal na agenda de Jesus durante todo aquele período pós-ressurreição. Jesus estava a falar “do reino de Deus” (versículo 3). Este é precisamente o mesmo fardo e tema que ocupou todo o seu ministério pré-crucificação!

É de perguntar: uma vez que Jesus estava sempre a “falar das coisas relativas ao reino de Deus” – mesmo depois da sua ressurreição – porque persistiu a crença de que os discípulos eram desajeitados e lentos a fazer a pergunta do versículo 6? O reformador *João Calvino* é típico de uma exposição inepta do Evangelho. Surpreendentemente *Calvino* disse que esta pergunta dos discípulos contém mais erros do que palavras! *Calvino* afirmou que a sua cegueira era notável, que depois de uma instrução cuidadosa durante três anos, revelaram não menos ignorância do que se nunca tivessem ouvido uma palavra! *William Barclay* concorda com este sentimento:

Durante todo o seu ministério, Jesus trabalhou sob grande desvantagem. O centro da sua mensagem era o Reino de Deus (*Marcos 1:14*). Mas o problema é que ele queria dizer uma coisa com o Reino e aqueles que o ouviam queriam dizer outra completamente diferente ... interpretaram isso como significando que estavam inevitavelmente destinados a honras e privilégios especiais e ao domínio mundial Procuravam um dia em que isso através da intervenção divina, a soberania mundial com que sonharam seria deles. Conceberam o Reino em termos políticos. Como é que Jesus concebeu isso? [*Barclay* dará agora o seu próprio entendimento com base na petição do Pai Nosso: “Venha o teu reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”]. Vemos que, por Reino, Jesus estava a referir-se a uma sociedade na terra onde a vontade de Deus seria feita tão perfeitamente como no céu. [59]

Aqui *Barclay* disse uma verdade parcial. O Reino será certamente uma sociedade na Terra, mas será igualmente uma sociedade iniciada pelo regresso de Jesus para governar o mundo com o seu povo de todas as idades. *Barclay* comete o erro clássico de equiparar o Reino à Igreja. Noutro lugar, *Barclay* declara inequivocamente: “O único trono que ele [Jesus] podia ocupar era um trono no coração dos homens”. [60] Este é o pensamento tradicional típico. A ideia de que o Reino de Deus é meramente “espiritual” e que onde quer que o povo de Deus esteja “a trabalhar na causa da fraternidade humana, do amor e da compaixão, aí está entronizado o Rei dos Judeus” é generalizada e destrutiva do Evangelho dos Judeus. [61] O comentário de *Mathew Henry* também segue este padrão tradicional. Segundo *Henrique*, os discípulos “pensavam que Cristo restauraria o reino a Israel, enquanto Cristo (na realidade) veio para estabelecer o seu próprio reino, e que um reino dos céus, não para restaurar o reino a Israel, um reino terreno”. [62]

Muitos comentadores e cristãos foram enganados durante séculos sobre a natureza do Reino de Deus pela conhecida tradução errada de *Lucas 17:21* (tradução VKJ): “o Reino de Deus está dentro de vós”. Hoje, todos os estudiosos e tradutores sérios concordam que o texto deveria ser: “O reino de Deus está entre vós ou no meio de vós”. A palavra grega “entos” pode significar “dentro” ou “entre”, mas no contexto atual traduzi-la “entre” significaria que, em resposta à pergunta dos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus (*Lucas 17:20*), Jesus disse-lhes que o Reino de Deus estava no meio deles! Isto contradiria tudo o que Jesus disse sobre o Reino ou os fariseus. Além disso, uma vez que qualquer outra referência ao Reino pressupõe que ele ainda está por vir e uma vez que o verbo em todas as outras orações da passagem (*Lucas 17:20-37*) está no futuro, este versículo deve ser entendido como significando que alguém dia descobrirão que o Reino de Deus está súbita e inesperadamente entre eles. [63]

Esta falsa conceção de que o Reino de Deus era o reino de Deus “dentro do coração do crente” surgiu historicamente do facto de a Igreja ter tido que enfrentar desde o início o grave problema

do adiamento das suas expectativas terrenas. Claramente, o Reino de Deus através do Seu Messias não veio à Terra na sua forma final. Será que então Jesus se tinha enganado na sua esperança messiânica? Talvez tudo o que Jesus pretendesse fazer fosse estabelecer o seu trono no coração dos homens? De uma forma bastante pouco convincente e pouco convincente, a Igreja “espiritualizou” o seu Jesus e a sua mensagem foi despojada do seu conteúdo messiânico. No entanto, a suposição de que os discípulos ensinados pessoalmente por Jesus não sabiam o que significava o Reino de Deus baseia-se numa incapacidade de compreender o messianismo do Evangelho de Jesus e numa exegese pobre de *Atos 1*. Aponta para a rejeição e incapacidade do Igreja para compreender a mensagem de todos os profetas de Israel. Também distorce a mensagem constantemente pregada pelos apóstolos ao longo do livro dos Atos, como mostrarei agora.

Em primeiro lugar, fixemos firmemente nas nossas mentes que *Atos 1:6* regista a última pergunta dos discípulos a Jesus antes de Ele lhes ser tirado. Já não há tempo para conversas tranquilas à beira-mar. Quando alguém que amamos muito está prestes a deixar-nos para sempre, não há conversa de circunstância. Todo o programa de Jesus está aqui em jogo, com este grupo restrito de homens que estiveram com ele desde o início. O tema em discussão (apenas para voltar a enfatizar o contexto) é “*concernentes ao reino de Deus*” (*versículo 3*). Ao mesmo tempo (note-se a conjunção “e” no *versículo 4*) Jesus ordena aos discípulos que esperem pelo Espírito Santo prometido. Para a mente hebraica, a menção da vinda do Espírito estava associada à vinda da glória messiânica profetizada no AT. Muitas passagens da Bíblia Hebraica previram que, quando o Messias estabelecer o seu Reino terreno, essa Era será uma era do Espírito do Senhor. Esta Era gloriosa será marcada por um derramamento sem precedentes do Espírito, do conhecimento e do poder do Senhor. Esta era do Reino do Espírito será marcada pela renovação de toda a natureza e pela bênção de Israel (por exemplo, *Isaías 11:1-9*). Na mente judaica, o Reino de Deus era sinónimo do poder renovador do Espírito. Então, quando os discípulos ouvem que o Espírito está prestes a vir, as suas antenas levantam-se imediatamente! Fazem a sua pergunta lógica: “*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*” (*versículo 6*).

Não vamos perder de vista o ponto agora. Jesus faz uma advertência, mas é uma advertência apenas sobre o tempo daquela restauração esperada, não sobre o facto da restauração: “*E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra*”. (*Atos 1:7, 8*). Temos aqui em mente dois acontecimentos distintos: a vinda do Espírito “*não muito depois destes dias*” (*versículos 5*) e a vinda do Reino num tempo desconhecido no futuro (*versículos 6-7*). Capacitação para o ministério através da vinda do Espírito (daqui a apenas alguns dias) e da vinda do Reino para a renovação de todas as coisas na terra, num momento conhecido apenas pelo Pai. Portanto, temos aqui em mente dois tempos e acontecimentos distintos, provando, sem sombra de dúvida, que o Reino não veio no dia de Pentecostes. A vinda do Espírito no dia de Pentecostes foi o depósito, o sinal, “*o penhor da nossa herança*” (*Efésios 1:14*) para esse Reino futuro. A vinda do Espírito permite-nos viver como testemunhas de Cristo até que a esperança do Reino restaurado para Israel se torne realidade. Entretanto, a Igreja deve anunciar “*o testemunho de Jesus*”, o Evangelho do Reino, e assim falar profeticamente com “*o espírito de profecia*” (*Apocalipse 19:10*).

A pergunta dos discípulos de que Jesus iria agora restaurar o Reino a Israel representa o clímax da vida e do ministério de Jesus. Longe de serem idiotas, apenas provam o quão “densa” é a

teologia posterior quando interpreta o Reino como sendo a atual era da Igreja! Equiparar a vinda do Espírito no dia de Pentecostes com o (ainda futuro) Reino de Deus arrancou o coração do Evangelho do Reino de Jesus. Privou o povo de uma esperança brilhante para o futuro.

Na área médica, existe informação anedótica de que, ocasionalmente, após um transplante cardíaco completo, a personalidade de uma pessoa pode mudar. Ouvi isso de vez em quando no meu trabalho como paramédico. Agora que o coração de outra pessoa bate no peito do doente, os familiares ficam por vezes surpreendidos com as alterações de personalidade. Num paralelo alegórico, a Igreja, sem o saber, colocou-se na mesa de operações e aceitou um transplante de coração que alterou toda a sua personalidade, por assim dizer. Em vez de um coração hebreu a bater com a esperança pulsante do Reino de Deus vindouro sob o Senhor Messias designado por Deus, encontramos agora num estado enfraquecido e insípido, drogados por um transplante de coração de um dador substituto (gentio) que mostra toda a os sinais de ser rejeitado. para o seu corpo. Ou, para usar a ilustração que utilizei no início deste capítulo, um evangelho do cuco – “outro evangelho” – fixou residência no ninho!

Se forem necessárias mais provas de que os discípulos acertaram na pergunta, só precisamos de ler o resto do livro dos Atos para ver quão proeminente foi o lugar que o vindouro Reino de Deus desempenhou na pregação e no testemunho dos apóstolos. Em *Atos 3*, os apóstolos Pedro e João curaram milagrosamente um homem coxo. O homem que nasceu coxo, agora anda, salta e grita louvores a Deus. Isto cria um grande rebuliço. Uma multidão de curiosos junta-se e Pedro começa a pregar-lhes. Diz à multidão que o homem foi curado em nome de Jesus, o Jesus que eles foram responsáveis por crucificar. Pedro explica à multidão que Jesus foi ressuscitado dentre os mortos por Deus e levado ao céu, e está aguardando o tempo determinado para regressar à terra, exatamente como “*que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado*” (*Atos 3:18*). Pedro acrescenta que, porque o Messias Jesus está agora no céu, as promessas de Deus para o Reino estão garantidas. Na verdade, Pedro usa uma linguagem quase idêntica à pergunta que os discípulos fizeram antes da ascensão de Jesus em *Atos 1:6*:

*“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os **tempos do refrigério** pela presença do Senhor; E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até **aos tempos da restauração de tudo**, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio”* (*Atos 3:19-21*).

O leitor atento notará a estreita ligação entre estes versículos e a pergunta que os discípulos fizeram a Jesus sobre a restauração do trono davídico. Lucas, que escreveu o Evangelho de Lucas e o livro dos Atos, é muito consistente neste ponto. O anjo Gabriel anunciou a Maria antes de dar à Luz Jesus que “*Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim*” (*Lucas 1:32, 33*).

É claro que para o Dr. Lucas, a restauração de Israel sob o Messias que aparece do céu é sinónimo da restauração do trono de David e da vinda do Reino de Deus. Anthony Buzzard chama a nossa atenção para as “frases intercambiáveis” de Lucas com este resumo:

A chegada do Reino apocalíptico (*Lucas 21:31*) = a redenção dos discípulos (*Lucas 21:28*) = a redenção em Jerusalém (*Lucas 2:38*) = a redenção de Israel (*Lucas 24:21*).

O Reino futuro esperado (*Lucas 23:51*) = o conforto esperado de Israel (*Lucas 2:25*).

A restauração do Reino a Israel (*Atos 1:6*) = os tempos da restauração de tudo o que foi prometido pela boca dos profetas (*Atos 3:21*) = a restauração da casa de David conforme prometido pela boca dos profetas (*Lucas 1:70*) = a entronização de Jesus no trono de David de que é herdeiro (*Lucas 1:32, 33*). [64]

Se o leitor dedicar algum tempo a comparar estas referências, verá claramente que os grandes acontecimentos de que fala Lucas a respeito do trono de David e da esperada consolação de Israel não se cumpriram quando o Espírito foi derramado no Pentecostes e, portanto, não se cumpriram. A ausência de Jesus no céu é um interlúdio temporário enquanto se aguarda o fim da presente era. “O anúncio inicial de Gabriel sobre a restauração do trono de David (*Lucas 1:32*) e a pergunta final dos discípulos sobre a restauração de Israel (*Atos 1:6*) abrangem todo o relato de Lucas sobre a fé cristã” [65]

Um exame do conteúdo do Evangelho pregado no livro dos Atos demonstra também que os discípulos compreenderam que Jesus voltaria para cumprir tudo o que as Escrituras Hebraicas tinham predito sobre o Reino, Israel e a dinastia davídica do Senhor Messias. Em Atos 8, Filipe estava a conduzir uma campanha evangelística de muito sucesso em Samaria. Lemos que “*Ihes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo*” (*versículo 12*). Os apóstolos “*ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus*” (*versículo 14*). Aqui observamos novamente os termos sinónimos de Lucas. “*O Reino de Deus*” é equivalente à “*palavra de Deus*”. Sempre que lemos que os apóstolos pregaram “a palavra” ou proclamaram “o evangelho” ou pregaram “o nome de Jesus Messias” (como mais tarde nos *versículos 25 e 35*) devemos entender que Lucas quer dizer que eles pregaram “*o Reino de Deus*”, com todo o seu conteúdo hebraico. Esta troca de termos está também registada em *Atos 14*:

“E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio e Antioquia ... Confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus... E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atalia” (Atos 14:21, 22, 25).

De novo:

“E, entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, disputando e persuadindo-os acerca do reino de Deus ... E durou isto por espaço de dois anos; de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos” (Atos 19:8, 10).

Quando o apóstolo Paulo descreve o ministério de pregação que recebeu do Senhor Jesus “para testificar solenemente *do evangelho da graça de Deus*”, define imediatamente este evangelho da graça como “*pregar o reino*” (*Atos 20:24, 25*). E até ao fim da sua vida, conforme registado nos últimos capítulos de Atos, Paulo recorda ao seu público que sempre testemunhou o Evangelho do “reino de Deus” e tentou persuadi-los sobre Jesus como o centro do plano de Deus. e como o Messias se conformou com tudo o que “a Lei de Moisés” e “os Profetas” tinham predito (*Atos 28:23*). Na verdade, esta ênfase no Reino de Deus é sublinhada no último versículo de Lucas: Paulo acolheu todos os que se aproximavam dele, “*regando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo*”, o Messias (*Atos 28:31*). Como comenta *George Ladd*: “É de grande interesse que Lucas resuma o conteúdo da pregação de Paulo aos gentios com a frase não helenística ‘*o reino de Deus*’”. [66]

Muitos tentaram promover a ideia de que Paulo pregou o Evangelho do Reino aos Judeus e não falou do Reino aos Gentios. Esta falácia é facilmente eliminada. Já notámos como ele aplicou as promessas abraâmicas a todos os cristãos, quer judeus, quer gentios (por exemplo, *Gálatas 3:14, 29*). Paulo adverte que todos os que não vivem na fé, pureza e poder daquele Reino vindouro “*não herdarão o reino de Deus*” (*Gálatas 5:21*). Um dos grandes apelos de Paulo à igreja de Corinto, que comparecia perante os tribunais civis, era perguntar retoricamente: “*Não sabeis que os santos [verdadeiros crentes] devem governar o mundo? Se o mundo estiver sob a sua jurisdição, é incompetente para decidir sobre ninharias?*” (*1 Coríntios 6:2, 3*, Moffat). Paulo repetiu o ensino de Jesus de que nos estamos a preparar para posições de autoridade e gestão (compare-se, “*co-herdeiros de Cristo*”, *Romanos 8:17*) no Reino vindouro. Quão inadequado é então, diz Paulo, que estes cristãos deixem de demonstrar que estavam aptos para este futuro cargo real no Reino de Deus, tratando-se mal uns aos outros. Nem devemos ignorar a ligação que o escritor de Hebreus (muitos acreditam ser Paulo) faz entre a prometida “*grande salvação*” e a esperança de supervisionar a vindoura “*o mundo futuro, de que falamos*” (*Hebreus 2:3, 5*). Não importa que provações e sacrifícios o crente possa suportar neste presente mundo mau, a esperança apostólica sempre foi que “*Se sofrermos, s [agora], também com ele reinaremos [então]*” (*2 Timóteo 2:12*). E, “*Porque a nossa leve e momentânea tribulação [agora] produz para nós um peso eterno de glória mui excelente [então]*” (*2 Coríntios 4:17*).

O testemunho unido de toda a pregação do Evangelho do NT são as boas novas anunciadas a todos, judeus e gentios, homens e mulheres, sobre o Reino de Deus que se avizinha. É sobre como Jesus é o Senhor Messias prometido que tornará realidade todas as promessas de Deus aos “pais”. É sobre como o Homem designado por Deus virá para destruir o controlo de Satanás sobre este mundo (*Atos 17:31*), e como a Era Messiânica vindoura será o tempo em que o Espírito do Senhor trará o prometido refrigério e restauração de todas as coisas. na terra de que os profetas falaram. Assim, para Lucas, a pergunta dos discípulos em *Atos 1:6* era a pergunta certa. A vinda do Espírito no Pentecostes iria capacitá-los a proclamar o Reino vindouro, quando Jesus, o Messias, se sentará no trono davídico de Israel, e todas as nações da terra estarão sob o seu reinado de justiça e paz eterna.

Quando a nuvem de confusão sobre o Reino de Deus se dissipar e quando os comentadores acreditarem no que o NT diz sobre o futuro, ficará claro que *Atos 1:6* é um texto que julga a nossa falta de fé nos profetas e em Jesus. e a nossa relutância em aceitar que os Apóstolos sabiam melhor do que nós o que Jesus queria dizer com Reino de Deus. [67]

Seguir Jesus significa acreditar naquilo em que acreditou, que julgará as nações e estabelecerá o seu palácio real em Jerusalém. Crer no Jesus do NT é estar persuadido e comprometido com o Reino a que Ele vai presidir. Que Deus nos dê a graça de partilhar a mesma esperança apostólica de que “*Porque nós pelo Espírito da fé aguardamos a esperança da justiça*” (*Gálatas 5:5*) e de que não estamos entre aqueles que “*não herdarão o reino de Deus*”. (*Gálatas 5:21*). A fidelidade ao seu Evangelho do Reino nesta vida prepara-nos para posições de governo conjunto com o Rei Jesus (*Lucas 19:17*). Os apóstolos acreditaram na palavra do Evangelho: “*E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel*” (*Lucas 22:29, 30*). Devemos acreditar na palavra do Evangelho de Jesus entregue por ele e mais tarde pelos seus apóstolos comissionados, para que quando Jesus, o Messias, regressar, nós também, se formos leais a ele, possamos ajudar a gerir os seus assuntos numa terra renovada. Pelo Seu poder de ressurreição entraremos no gozo da nossa

cidadania como filhos do Reino em novos corpos que nunca morrem e nunca ficam doentes (*Filipenses 3:20, 21; Romanos 8:23*), com todas as lágrimas enxugadas (*Apocalipse 21:4*).

O Evangelho cristão diz-nos que o que a humanidade perdeu através de Adão será recuperado no Reino do Messias. O Evangelho chama-nos a cogovernar com Cristo o novo Paraíso na terra. Isto por si só responde àquele sentimento profundo dentro da alma do homem de que lhe falta algo para o qual foi inicialmente criado. A glória perdida será a glória restaurada. Originalmente criado para ter dignidade sob Deus, originalmente criado para “subjugar” a terra e governar este mundo com uma gestão de amor e cuidado, o homem perdeu tragicamente o seu direito à realeza. O Evangelho do Reino de Deus anuncia que será totalmente restaurado. O grande plano de Deus prometido a Eva, Abraão e David avança em direção a este grande objetivo. Finalmente será cumprido através do nosso Senhor Jesus Messias. A história está a ir para algum lado. Quando chegar a plenitude dos tempos, Deus Pai, o único Deus verdadeiro de Jesus, resumirá todas as coisas em Cristo, quer estejam no céu ou na terra (*Efésios 1:10*). A honra e a glória suprema de Deus dependem deste Evangelho do Reino. Na vinda de Cristo, todo o governo e poder hostil serão abolidos sob a liderança de Jesus, o Messias. Passados mil anos, o nosso bendito Senhor e Salvador entregará o Reino ao seu Pai, “*para que Deus seja tudo em todos*” (*1 Coríntios 15:24-28*). Se esta esperança de uma Terra renovada sob o Rei universal de Deus, Jesus, não se concretizar, então a grande aliança de Deus com Abraão e David terá falhado redondamente. O Evangelho do Reino ter-se-á revelado um grande engano. Os “pais” e os profetas e os apóstolos terão sido insensatos enganados. Terão morrido em vão. Eles desencaminharam-nos. Deus é um mentiroso. Cristo é escuridão. O diabo e o mal vencem. Não há justiça. Não há boas notícias.

Mas não estamos entre aqueles que não têm esperança. Não estamos entre aqueles que recuam na descrença. Cristo está vivo! Cristo está vivo! “*Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele*” (*Apocalipse 1:7*). Mesmo agora podemos saborear os poderes dessa era vindoura (*Hebreus 6:5*). Nós, com todos os fiéis de todas as gerações, procuramos aquele Reino “*que não pode ser abalado*” (*Hebreus 12:28*). Aguardamos com expectativa o dia em que será dito do céu: “*Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo*” e quando “*o acusador dos nossos irmãos*” (*Apocalipse 12:10*), que agora engana o mundo inteiro, será preso “*não mais engane as nações*” (*Apocalipse 20:3*).

Que privilégio estar entre aqueles a quem “*foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus*” (*Mateus 13:11*). Que Deus nos conceda a todos receber e comprometer-nos de forma inteligente com esta “*palavra do Reino*” para que o Diabo não roube a esperança que Deus nos deu através do Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (*Mateus 13:19*).

Posso repetir o retumbante desafio de *Anthony Buzzard* anteriormente citado neste capítulo? Isto capta maravilhosamente o convite do Evangelho:

O Evangelho pregado por Jesus convida-o também a passar o resto da sua vida a preparar-se para participar na supervisão deste futuro Reino numa terra renovada. Está convidado a ser co-herdeiro do Reino com o Messias. Em suma, o Jesus da história, o “teocrata” original, continua o seu trabalho de recrutamento de membros da sua casa real, o partido teocrático, que são instados a preparar-se com a ajuda divina para participarem no governo do Messias no futuro. Esta será a primeira e única administração que governará o mundo com sucesso. [68]

O desafio é claro. Como cristãos, devemos recuar ao início e procurar de novo, no contexto da visão judaica, abandonada pela Igreja, os mistérios do Reino de Deus. Como *Schonfield* contesta:

Lendo toneladas de teologia cristã moderna, é difícil encontrar qualquer consciência de que o messianismo que deu o nome ao cristianismo, o messianismo na sua expressão judaica nativa, poderia conter o segredo que poderia dar à Igreja a vida dentre os mortos. Devemos dizer que ou o messianismo era a essência do Evangelho, ou que o Cristianismo desde o seu início foi uma fraude. Tudo o resto pode desaparecer, mas aqui está a rocha sobre a qual o Reino de Deus deveria ser fundado. [69]

Notas Finales

- [1] Robert Funk, *“Honest To Jesus: Jesus for a New Millennium”* (Honesto para Jesus: Jesus para um Novo Milênio), pág. 10.
- [2] Roy Gustafson, *“What Is the Gospel?”* (O que é o Evangelho?) Billy Graham Evangelical Association, 1980.
- [3] Robert Funk, *“Honest To Jesus”* (Honesto para Jesus), Pág 303
- [4] Hugh Schonfield, *“The Passover Plot”* (O Enredo da Páscoa), págs. 22-23.
- [5] *Ibid.*, pág. 39.
- [6] Robert Hach, *“Possession and Persuasion”* (Possessão e persuasão), pág. 127.
- [7] N.T. Wright, *“Who Was Jesus?”* (Quem foi Jesus?) págs. 97-98.
- [8] Hugh Schonfield, *“The Passover Plot”* (O Enredo da Páscoa), pág. 226
- [9] Eccl. Hist. III, xii, xix-xx, xxxii, 3-4.
- [10] G.E. Ladd, *“A Theology of the New Testament”* (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 181.
- [11] *“Dialogue with Trypho”* (Diálogo com Trypho).
- [12] N.T. Wright, *“Who Was Jesus?”* (Quem foi Jesus?) pág. 56.
- [13] Hugh Schonfield, *“The Passover Plot”* (O Enredo da Páscoa), pág. 22
- [14] N.T. Wright, *“The Meaning of Jesus”* (O significado de Jesus), Harper San Francisco, 1999, pág. 33.
- [15] *Ibid.*, pág. 35
- [16] *“Antiquities”* (Antiguidades), 18, 3, 1, a cursiva é minha.
- [17] Eusebio, *“Proof”* (Prova), 11, 5.
- [18] N.T. Wright, *“The Meaning of Jesus”* (O significado de Jesus), pág. 38.
- [19] *Ibid.*, pág. 39.
- [20] N.T. Wright, *“Who Was Jesus?”* (Quem foi Jesus?) pág. 101.
- [21] Reconheço livremente a minha dívida para com N.T. Wright por grande parte deste material, e encorajo o leitor a rever o seu capítulo intitulado *“The Mission and Message of Jesus”* (A Missão e a Mensagem de Jesus) em *“The Meaning of Jesus”* (O significado de Jesus).
- [22] N.T. Wright, *“Who Was Jesus?”* (Quem foi Jesus?) pág. 99.
- [23] Baigent et al, *“The Messianic Legacy”* (O legado messiânico), pág. 73, ênfase acrescentada.
- [24] N.T. Wright, *“The Meaning of Jesus”* (O significado de Jesus), pág. 49.
- [25] *Ibid.*, pág. 50.
- [26] Ian Jones, *“Joshua: The Man They Called Jesus”* (Joshua: O Homem a Quem Chamaram Jesus), Melbourne: Griffin Press, pág. 238.
- [27] Josefo, *“Against Apion”* (Contra Apion) 25, 31.
- [28] Josefo, *“Antiquities”* (antiguidades) 20, 9, 1.
- [29] *Ibid.*, pág. 233.
- [30] Baigent et al, *“The Messianic Legacy”* (O legado messiânico), pág. 45.
- [31] N.T. Wright, *“The Meaning of Jesus”* (O significado de Jesus), pág. 102.
- [32] Anthony Buzzard, *“Our Fathers Who Aren't in Heaven”* (Nossos pais que não estão no céu), Restoration Fellowship, 1995, pág. 122.
- [33] N.T. Wright, *“The Meaning of Jesus”* (O significado de Jesus), p. 103, ênfase acrescentada.
- [34] *Ibid.*, pág. 107, ênfase acrescentada.

- [35] *Schonfield, "The Passover Plot"* (O Enredo da Páscoa), pág. 170.
- [36] *Anthony Buzzard, "The Coming Kingdom of the Messiah"* (O Reino Vindouro do Messias), Restoration Fellowship, 2002, pág. 28.
- [37] *G.E. Ladd, "A Theology of the New Testament"* (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 94.
- [38] *Ibid.*, pág. 98.
- [39] *Ibid.*, pág. 58, ênfase acrescentada.
- [40] *Ibid.*, pág. 97.
- [41] *Ibid.*, págs. 99-100.
- [42] *Kuschel, "Born Before All Time?"* (Nascidos Antes de Todos os Tempos?) pág. 461.
- [43] *G.E. Ladd, "A Theology of the New Testament"* (Uma Teologia do Novo Testamento), págs. 100-101.
- [44] *Anthony Buzzard, "The Coming Kingdom of the Messiah"* (O Reino Vindouro do Messias), pág. 7.
- [45] *G.E. Ladd, "A Theology of the New Testament"* (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 105.
- [46] *R. Hach, "Possession and Persuasion"* (Possessão e persuasão), pág. 138.
- [47] *Ibid.*, pág. 139.
- [48] *Anthony Buzzard, "The Coming Kingdom of the Messiah"* (O Reino Vindouro do Messias), pág. 72
- [49] *Anthony Buzzard, "Our Fathers Who Aren't in Heaven"* (Nossos pais que não estão no céu), pág. 26.
- [50] *Ibid.*, pág. 22.
- [51] *Ibid.*, pág. 54.
- [52] *John R. Rice, "The Coming Kingdom of Christ"* (O Reino Vindouro de Cristo), Murfreesboro, TN: "Sword of the Lord" (Espada do Senhor), 1945, págs. 28-30.
- [53] *Ibid.*, pág. 30.
- [54] *Anthony Buzzard, "The Coming Kingdom of the Messiah"* (O Reino Vindouro do Messias), pág. 21.
- [55] *G.E. Ladd, "A Theology of the New Testament"* (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 61.
- [56] *J.R. Rice, "The Coming Kingdom of Christ"* (O Reino Vindouro de Cristo), pág. 60
- [57] *Anthony Buzzard, "Focus on the Kingdom"* (Focado no Reino), vol. 7, no. 5, pág. 4.
- [58] *Ibid.*, pág. 6.
- [59] *William Barclay, "The Acts of the Apostles"* (Os Atos dos Apóstolos), Edimburgo: Saint Andrew Press, 1953, págs. 3-4.
- [60] *William Barclay, "Jesus as They Saw Him"* (Jesus como o viam), pág. 243.
- [61] *Schonfield, "The Passover Plot"* (O Enredo da Páscoa), pág. 206.
- [62] *Matthew Henry, "Commentary on the Whole Bible, Genesis to Revelation"* (Comentários sobre toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse), Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1960, pág. 435, ênfase original.
- [63] *Albert Nolan, "Jesus Before Christianity"* (Jesus antes do cristianismo), págs. 46-47.
- [64] *Anthony Buzzard, "Our Fathers Who Aren't in Heaven"* (Nossos pais que não estão no céu) pág. 189.
- [65] *Ibid.*, pág. 190.
- [66] *G.E. Ladd, "A Theology of the New Testament"* (Uma Teologia do Novo Testamento), pág. 333.
- [67] *Anthony Buzzard, "Our Fathers Who Aren't in Heaven"* (Nossos pais que não estão no céu), pág. 196.
- [68] *Anthony Buzzard, "The Coming Kingdom of the Messiah"* (O Reino Vindouro do Messias), pág. 7.
- [69] *Hugh Schonfield, "Those Incredible Christians"* (Aqueles Cristãos Incríveis), pág. 239.

Epílogo

De acordo com os três evangelhos sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas, em Cesareia de Filipe, Jesus perguntou aos seus homens: “Quem dizem os homens ser o Filho do homem?” e ‘*Quem dizem os homens que eu sou?*’ (Mateus 16:13; Marcos 8:27; Lucas 9:18). Duas coisas se destacam.

Em primeiro lugar, vemos tanto a visão brilhante de Pedro como a sua confusão. Confesse que Jesus é verdadeiramente “o Messias de Deus”. Jesus elogia-o: “*Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus*” (Mateus 16:17). É-nos dito: “*Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia*” (Mateus 16:21; Marcos 8:31; Lucas 9:22). Assim que Jesus lhes falou da sua iminente morte violenta e subsequente regresso à vida, o próprio Pedro repreendeu Jesus estridentemente por este plano: “*Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso*” (Mateus 16:22; Marcos 8:32). (Lucas omite a repreensão de Pedro.)

O choque de Pedro foi causado pela ideia de que “o Filho do Homem” poderia sofrer uma morte ignominiosa. De acordo com a expectativa popular judaica, “o Filho do Homem” era o Messias prometido que conduziria a nação de Israel ao triunfo na gloriosa Nova Era. O que tem a glória majestosa e divina do Filho do Homem a ver com a humilhação e a rejeição? O que é que o poder irresistível e o triunfo do Filho do Homem têm a ver com a morte de um criminoso na cruz? Para Pedro, a declaração de Jesus não foi apenas pessoalmente dolorosa; Foi completamente inacreditável e absolutamente impossível. Nesse momento, Pedro deparou-se com um ensinamento que todo o seu condicionamento judaico o tornou incapaz de compreender. Isso explica a sua veemente descrença.

A segunda parte deste episódio que se destaca é a reação inesperadamente feroz de Jesus à repreensão de Pedro: “*Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens*” (Mateus 16:23; Marcos 8:33). Nas palavras de Pedro, o Diabo estava novamente a falar com Jesus. Jesus conhecia a ideia popular de que o Filho do Homem cavalgaria triunfalmente por toda a terra. O ponto principal da tentação no deserto que sofreu no início do seu ministério, logo após o seu batismo, foi que foi tentado a ser aquele Messias popular sem sofrimento. O Diabo tentou-o a seguir o caminho do poder e da força para obter o Reino. Não era este o sonho que todo o Israel acalentava? Não era esta a “fé” tradicional e ortodoxa? Mas, naquela tentação no deserto, Jesus virou as costas às sugestões do Diabo e mostrou que o plano de Deus passava pelo amor sacrificial. Neste momento crucial de Cesareia de Filipe, Pedro repetia a mesma tentação que Satanás tinha apresentado a Jesus no deserto. Na devoção atordoada de Pedro, no horror de Pedro, totalmente desconhecido para Pedro, o próprio Diabo estava a falar com Jesus. Nesse momento Jesus foi novamente tentado a assumir o papel do Messias popular e não do servo sofredor que o seu Pai tinha planeado para ele.

É claro que a partir daquele momento Jesus começou repetidamente a instruir os seus discípulos que deveria subir a Jerusalém para sofrer uma morte horrível: “*Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia*” (Mateus 16:21; Marcos 8:31; Lucas 9:22). A grande questão, então, é: porque é que os discípulos estavam

tão impreparados para a morte de Jesus quando ela finalmente chegou? Porque é que a morte de Jesus desintegrou o mundo inteiro? É importante notar que Jesus nunca falou da sua morte sem lhes falar também da sua ressurreição. Então, novamente nos perguntamos: porque é que a sua ressurreição foi tão surpreendente? Todos os três escritores sinópticos indicam que Jesus previu claramente estes acontecimentos e, no entanto, os discípulos foram apanhados completamente desprevenidos. Porque?

Talvez a resposta esteja na forma como a nossa mente humana funciona (ou não funciona). No final de contas, os discípulos não conseguiram fazer qualquer ligação entre as noções populares com que foram criados sobre um Messias gloriosamente triunfante e a ideia de um Messias sofredor, rejeitado, humilhado e morto que Jesus predisse. A mente humana é conhecida por ser incapaz de aceitar dados questionáveis e estranhos a ela. A mente humana tem a incrível capacidade de excluir dados que não consegue calcular emocional ou racionalmente. Qualquer ideia tão nova, tão revolucionária, tão inesperada, tão contraditória com tudo aquilo em que acreditamos e amamos, tem muito poucas probabilidades de ser recebida.

Foi o que aconteceu a Pedro e aos discípulos. Relacionavam Jesus apenas com uma ideia convencional e, apesar do claro ensino de Jesus em contrário, não viam para além dessa ideia. Não lidaram bem com isso. Ficaram chocados com a cruz. Explica também porque é que inicialmente não conseguiram compreender a realidade da ressurreição de Jesus.

Ao longo deste livro apresentei ideias não convencionais e não tradicionais que muitas pessoas irão, sem dúvida, considerar chocantes. Talvez as nossas mentes tenham reagido como a de Peter. Lembro-me da noite em que recebi aquele “passe de hospital” que me deixou sem fôlego no chão. Para usar outra imagem australiana, fiquei cerca de dois anos como uma “tainha atordoada”. A tainha é um peixe. Quando um pescador puxa o seu peixe, muitas vezes bate-lhe na cabeça com um pedaço de madeira. O peixe fica atordoado. Uma descrição adequada quando a mente é surpreendida pelo inesperado.

A ideia de que talvez depois de lermos a Bíblia durante tanto tempo não tenhamos conseguido compreender a sua mensagem central, de que tenhamos ficado cegos por séculos de tradição, é certamente chocante. Mas essa é a tese de Nunca me disseram isso na igreja! Esta é também a posição de sólidos estudiosos da Bíblia:

Ao longo dos séculos, a Bíblia foi interpretada num contexto grego, e até o NT foi interpretado com base em Platão e Aristóteles. Isto pode ser justificável, mas sustentamos que aqueles que adotam este método de interpretação devem perceber o que estão a fazer e devem parar de sustentar que estão a basear a sua teologia na Bíblia. [1]

Palavras realmente fortes. Lemos a Bíblia como se fosse um livro greco-ocidental e não um livro hebraico. Não temos em conta uma das noções judaicas mais básicas e fundamentais, nomeadamente, o princípio da agência judaica, segundo o qual um agente é como o próprio principal. Jesus, como Senhor Messias, é o Filho de Deus Pai, o seu rei totalmente autorizado e divinamente capacitado. Não compreendemos o princípio fundamental do monoteísmo judaico: que Deus é um e não três. Não compreendemos o versículo importante do AT mais frequentemente citado por Jesus e pelos seus apóstolos no NT, o *Salmo 110:1*, que fala de dois Senhores, dos quais apenas um é Deus. Não compreendemos a doutrina hebraica da alma e por isso abrimos as comportas ao espiritismo e ao espiritismo. Não conseguimos compreender que no pensamento

hebraico o Espírito é a presença, a mente e a energia do próprio Deus, e não uma terceira hipóstase. Nós “espiritualizamos” o Evangelho de Jesus sobre o ainda futuro Reino de Deus na terra, e o substituímos por uma estranha e pálida quimera. E o poder alucinatório do pensamento grego fascina até hoje.

O estudioso judeu *Hugh Schonfield* alerta que:

o cristão deve tornar-se judeu em compreensão, simpatia e espírito antes de estar habilitado a tratar de assuntos cristãos. A erudição não basta, porque não implica necessariamente o compromisso e a identificação com a alma judaica. Embora permaneça alguma sensação de que o que é judaico é estranho e, pior ainda, hostil ou oposto, não há a mínima possibilidade de colocar o cristianismo na perspectiva correta. [2]

A história da Igreja Cristã é um triste comentário sobre o nosso fracasso em seguir esta abordagem básica e de bom senso. Se continuarmos a ignorar este conselho, será para nossa eterna vergonha. No entanto, uma coisa é certa. Logo na primeira metade do século II d.C., o Cristianismo afastou-se decisivamente do Judaísmo, da esperança do Reino de Deus na terra, de qualquer identificação real com o Jesus da história, e tornou-se, em consequência, a religião com que estamos familiarizados. [3] Por outras palavras, o Cristianismo afastou-se radicalmente daquilo que Jesus e os seus apóstolos ensinaram e a Igreja assumiu uma perspectiva cada vez mais gentílica. O resultado foi que “pouco mais de um século após a morte de Jesus, o Cristianismo, apesar de todas as suas relíquias de origem judaica... apresentou-se claramente sob o disfarce de uma religião do mundo gentílico”. [4] Em termos diretos, o Cristianismo acomodou o paganismo.

O estudioso gentio *Snaitth* concorda. Escreve que a reinterpretação do cristianismo apostólico “em termos das ideias dos filósofos gregos tem sido amplamente difundida ao longo dos séculos e por toda a parte destrutiva para a essência da fé cristã”. [5] Os nutricionistas dizem-nos que somos o que comemos. Durante séculos temos sido alimentados com a dieta errada da filosofia grega, misturada com pílulas suplementares extraídas de vestígios bíblicos. O resultado é que a Igreja, o corpo de Cristo, está emaciada, dividida e subnutrida.

Tal como Daniel e os seus companheiros Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, somos agora deportados para uma Babilónia estrangeira, por assim dizer. Chegou a altura de apresentarmos o desafio que o Daniel apresentou ao tribunal. Não nos alimente mais com as delícias do rei. Não nos contamine mais! Ponha-o à prova. Dai-nos a dieta simples de Israel, a nossa pátria. Após um curto período verá como estamos fortes e saudáveis. Estou convencido de que mesmo passado um curto período de tempo veríamos o mesmo tipo de resultados que os Babilónios viram, quando observaram que a dieta simples, mas pura, tornava as crianças hebreias “mais atraentes” e “*e eles estavam mais gordos de carne do que todos os jovens que comiam das iguarias do rei*” (*Daniel 1:15*). Se o juízo deste livro estiver correto (e deixaremos para o leitor avaliar):

Portanto, nem a teologia católica nem a protestante se baseiam na teologia bíblica. Em cada caso temos um domínio da teologia cristã pelo pensamento grego... Afirmamos que não pode haver resposta correta até que tenhamos chegado a uma visão clara das ideias distintivas tanto do AT como do NT e a sua diferença em relação às ideias pagãs que dominaram largamente o pensamento “cristão”. [6]

Tem sido dito, com razão, que quando um homem que está sinceramente errado ouve a verdade, ou deixa de estar errado ou deixa de ser honesto. Esta é agora a escolha que todos enfrentamos.

Notas Finales

- [1] *NH Snaith, "The Distinctive Ideas of the Old Testament"* (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento), p. 185.
- [2] *Hugh Schonfield, "Those Incredible Christians"* (Aqueles Cristãos Incríveis), pág. 51.
- [3] *Ibid.*, pág. 211.
- [4] *Ibid.*, pág. 222.
- [5] *Hugh Schonfield, "Those Incredible Christians"* (Aqueles Cristãos Incríveis), pág. **187**.
- [6] *Ibid.*, pág. 188.

Apêndice 1

“*Adonai*” y “*Adoni*”: Os Dois Senhores Hebreus

Para os leitores que desejam aprofundar esta distinção pouco reconhecida entre os dois Senhores nas Escrituras Hebraicas, o texto que se segue proporcionará um bom trampolim para uma reflexão cuidadosa. Existem muitos exemplos espalhados por todo o AT. Um ou dois exemplos de concentração bastante elevada devem ser suficientes.

O primeiro exemplo interessante diz respeito ao momento em que Abigail implora misericórdia a David por causa da estupidez do seu marido Nabal. Cito a NASB que faz a distinção correta entre Deus e o homem. O texto hebraico tem, na verdade, o Tetragrama – YHWH – que é o nome pessoal de Deus, *Yahweh* (ou Jeová), mas é geralmente traduzido para português como “*Adonai*” como “o SENHOR”. O senhor humano (neste caso o homem David) aparece em letras minúsculas como, “*meu senhor*”:

“Vendo, pois, Abigail a Davi, apressou-se, e desceu do jumento, e prostrou-se sobre o seu rosto diante de Davi, e se inclinou à terra. E lançou-se a seus pés, e disse: Ah, **senhor meu**, minha seja a transgressão; deixa, pois, falar a tua serva aos teus ouvidos, e ouve as palavras da tua serva. **Meu senhor**, agora não faça este homem vil, a saber, Nabal, impressão no seu coração, porque tal é ele qual é o seu nome. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele, e eu, tua serva, não vi os moços de meu senhor, que enviaste. Agora, pois, **meu senhor**, vive o SENHOR, e vive a tua alma, que o SENHOR te impediu de vires com sangue, e de que a tua mão te salvasse; e, agora, tais quais Nabal sejam os teus inimigos e os que procuram mal contra o **meu senhor**. E agora este é o presente que trouxe a tua serva a **meu senhor**; seja dado aos moços que seguem ao **meu senhor**. Perdoa, pois, à tua serva esta transgressão, porque certamente fará o SENHOR casa firme a **meu senhor**, porque **meu senhor** guerreia as guerras do SENHOR, e não se tem achado mal em ti por todos os teus dias, E, levantando-se algum homem para te perseguir, e para procurar a tua morte, contudo a vida de meu senhor será atada no feixe dos que vivem com o SENHOR teu Deus; porém a vida de teus inimigos ele arrojará ao longe, como do meio do côncavo de uma funda. E há de ser que, usando o SENHOR com o **meu senhor** conforme a todo o bem que já tem falado de ti, e te houver estabelecido príncipe sobre Israel, então, **meu senhor**, não te será por tropeço, nem por pesar no coração, o sangue que sem causa derramaste, nem tampouco por ter se vingado, o **meu senhor**, a si mesmo; e quando o SENHOR fizer bem a **meu senhor**, lembra-te então da tua serva.” (1 Samuel 25:23-31).

Encorajamos o leitor a pegar num marcador e a continuar pelo resto do capítulo 25 e até ao capítulo 26. Certamente terá algumas surpresas. Note-se particularmente os versículos 15 a 19 de 1 Samuel 26, onde o Rei Saul é chamado “o teu senhor, o rei” e, “o meu senhor, o rei” e ainda (de acordo com o Salmo 110:1) “o teu senhor, o ungido do Senhor” (isto é, o Messias/Cristo de Jeová), o que é significativo quando chegamos ao NT com a sua designação de Jesus como “nosso Senhor o Messias/Cristo/rei”. O leitor astuto deve também notar a correlação entre esta forma hebraica de designar um superior humano e a afirmação de Tomé de que o Jesus ressuscitado é “o meu Senhor e o meu Deus”. Pode muito bem ser que o segundo título “Meu Deus” mostre Tomé a compreender finalmente que ver Jesus significa ver Deus nele (ver João 14:5-11).

Se o leitor ainda precisar de mais provas para os dois Senhores Hebreus, poderá tentar 2 Samuel 14 ou mesmo 2 Samuel 19. O marcador funcionará perfeitamente!

Apêndice 2

Jesus e Miguel

Desde a primeira edição de “*They Never Told Me This in Church!*” (Nunca me disseram isto na igreja!) Não foram poucos os leitores que expressaram o desejo de que eu expanda a questão de por que Jesus não poderia ter preexistido pessoalmente seu nascimento humano como um anjo e, em particular, como ensinam as Testemunhas de Jeová, o Arcanjo Miguel. Segue-se um excerto de uma resposta a um desses leitores das Testemunhas de Jeová:

No que diz respeito à nossa discussão sobre a identidade do Arcanjo Miguel versus Jesus, suponho que este é um tema bastante abrangente. Em primeiro lugar, porém, aprecio a sua concordância de que a posição das Testemunhas de Jeová é pura inferência (embora alegue uma inferência razoável), isto é, não é um ensino claramente estabelecido nas Escrituras. (A doutrina da Trindade é também uma inferência, uma vez que não há nenhuma declaração definitiva na Bíblia de que Deus é três em um, ou que Jesus tem duas naturezas – uma divina e outra humana – na sua pessoa, ou que o Espírito Santo é o terceiro membro da Divindade, etc.) Compreenderá, portanto, a minha hesitação em aceitar o seu entusiástico endosso à doutrina de que o Arcanjo Miguel é Jesus baseado na inferência, considerando que uma vez acreditei noutra doutrina da inferência e descobri que estava completamente enganado. Estou disposto a discordar respeitosamente da sua ousada afirmação de infalibilidade (a inferência está correta, escreve você) neste caso.

Antes de entrarmos nesta área, posso colocar uma questão? Cita “*Insight on Scripture*” (Reflexão sobre as Escrituras) pág. 393 no sentido de que o nome Miguel é aplicado ao Filho de Deus antes de este deixar o céu para se tornar Jesus Cristo. Não me consigo lembrar de nenhuma passagem bíblica que declare isto como um facto: em lado algum Miguel é descrito como “o Filho de Deus”. Certamente estaria incluído no termo “filhos de Deus”, que, naturalmente, inclui todos os anjos de Deus, mas em parte alguma Miguel é chamado “o Filho de Deus”. E em parte alguma das Escrituras se diz que Miguel deixou o céu para se tornar o Filho de Deus. Nem há qualquer afirmação, como sugere, de que, quando regressou ao céu como ser espiritual, o Filho de Deus tenha voltado a assumir o alter ego de Miguel. Isto não quer dizer que tudo isto não seja assim, mas simplesmente que não o encontro claramente anunciado desta forma (apenas interferência das Testemunhas de Jeová (TJ), ao que parece?).

Cita *1 Tessalonicenses 4:16* para inferir que quando o próprio Senhor Jesus desce do céu “*com a voz de um arcanjo*”, isso deve *ipso facto* provar que Jesus é Miguel. Sei que mantém este ensinamento com toda a sinceridade. Talvez não menos sinceramente do que outrora acreditei que Jesus é o Deus Todo-Poderoso. Mas não consigo aceder a esse ID por vários motivos. Para começar, a suposição que referiu de que Miguel é o único arcanjo é apenas isso: suposição. No AT, Miguel é chamado “*um dos primeiros príncipes*” (*Daniel 10:13*). Isto significa claramente que existem outros “príncipes principais” para além de Miguel. (Estou bem ciente de que a descrição “arcanjo” não aparece no AT, e é puramente uma descrição do NT. No AT existem “querubins” que cobrem os anjos, o que pode ou não ser uma referência à autoridade arquitetónica.) De facto, esta categoria pode ser o equivalente no AT do arcanjo, mas não posso dizê-lo definitivamente, nem

ninguém a pode descartar definitivamente. Portanto, se um “príncipe principal” é ou não o equivalente no AT do arcanjo do NT também não o é. certa questão. Pelo menos Miguel é apenas um de uma hierarquia particular... isto é, é apenas um dos principais príncipes.

Até mesmo *1 Tessalonicenses 4:16* diz que Jesus desce do céu com (a) “voz de arcanjo”, não havendo, infelizmente, nenhum artigo definido em grego que chegue às nossas traduções para inglês. Além disso, quando o NT fala de “principados”, a palavra é “*arche*”, que reconhecerá como o prefixo da palavra “arcanjo” (ver *Efésios 1:21*; *Colossenses 1:16*; *Romanos 8:38*). Isto (por inferência!) também sugere que existem vários arcanjos. Isto é razoável quando sabemos que existem muitas categorias ou ordens e hierarquias dentro das hostes angélicas de Deus. Infirmo que possivelmente existem muitos arcanjos a partir destas Escrituras, mas não serei dogmático neste ponto, pois é apenas uma inferência fundamentada.

Um arcanjo, no entanto, embora exerça uma posição elevada (ou de cobertura?), não deixa de ser apenas um anjo, o que leva à minha dificuldade seguinte com a sua proposta. As Escrituras colocam claramente Jesus numa posição completamente fora dos anjos. Tenho a certeza que conhece aqui a posição do escritor de Hebreus. O Filho pertence a uma classe completamente diferente da dos anjos. Quando o Filho se sentou à direita da Majestade nas alturas, foi porque “se tornou superior aos anjos” e herdou “*mais excelente nome do que eles*” (*Hebreus 1:4*). Se Miguel era o único arcanjo antes de assumir a sua existência terrena como Jesus, então ele já tinha esta elevada autoridade antes da sua ressurreição e exaltação de volta ao céu. Mas o texto afirma que Jesus foi recompensado com o que antes não possuía, ou seja, “*mais excelente nome do que eles*” e tornou-se superior aos anjos. Jesus distingue-se aqui claramente dos anjos. Ele não é um deles. A menos que ignoremos todas as regras gramaticais e de bom senso, no final do dia, um arcanjo não deixa de ser um anjo. (Estou ciente de que poderia raciocinar que um arcanjo não é um anjo, mas uma criatura diferente, mas esta ideia não se encontra em lado nenhum da Bíblia, apenas em alguns escritos extra bíblicos. Se assim posso dizer, a abelha rainha ainda é uma abelha e um arcanjo ainda é um anjo).

Os seguintes versículos em *Hebreus 1* distinguem claramente Jesus de todos os anjos: “*Porque, a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, Hoje te gerei?...*” (versículo 5). Deus nunca disse a nenhum anjo: “*Tu és meu Filho, Hoje te gerei*” No entanto, disse-o a Jesus. Se Jesus é o “Arcanjo Miguel”, este versículo não faz sentido. E depois lê-se: “**E dos anjos diz... Mas do Filho diz...**” Uma clara distinção entre ambos, entre os anjos e o Filho. E o versículo 13 afirma claramente que nunca nenhum anjo foi convidado a sentar-se à direita de Jeová nas alturas. Deus nunca disse a um anjo: “*Senta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés*”. Se isto foi dito ao Messias, então o Messias não pode ser um anjo.

E em *Hebreus 2:5* é-nos claramente dito que Deus “*Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos*”. O Arcanjo Miguel está claramente excluído do senhorio na nova era ou no Reino de Deus que se avizinha. A nova era que se avizinha deve estar sujeita ao “Filho do Homem”, porque Deus colocou todas as coisas debaixo dos seus pés. Aqui há uma clara referência ao Messias, o Filho do Homem, e a todo o seu povo redimido. Jesus, o Filho de Deus, o Filho do Homem, a quem o Pai submeteu a nova era que há de vir, não é, pois, um anjo. Miguel não será Senhor ou cabeça da nova era de acordo com esta declaração clara e definitiva, porque Deus não sujeitou este mundo/era aos anjos!

Sim, a minha preocupação original mantém-se: se Jesus, o Messias, o Filho de Deus, não é um homem exatamente no mesmo sentido que o primeiro homem, Adão, o foi, então não pode ser o nosso redentor. Se ele pré-existiu à sua própria concepção e foi um anjo antes de se tornar um homem de carne e osso como o resto dos humanos, então está desqualificado da humanidade. É axiomático: não se pode ser pré-humano e humano. Um ser humano não pode preexistir à sua própria geração e concepção. Caso contrário, entramos na heresia gnóstica do Mito Redentor. Havia muitos sistemas de crenças no mundo antigo que falavam de seres espirituais pré-existentes que vieram à Terra entre os homens. Deus não se tornaria homem para nos salvar (Trinitário). Um anjo (um filho de Deus) não se tornaria homem para nos redimir (Arianismo). Os deuses não se tornariam homens (mitos gregos). No entanto, a crença judaica destacou-se por si só. Jeová levantaria um “*um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu*” (Moisés, *Deuterónimo 18:15*). Será um homem. Caso contrário, onde está a Escritura que nos diz que o Salvador será um anjo que se tornará homem? O silêncio total reina aqui. A inferência deve curvar-se a afirmações claras.

Afirma que está teoricamente aberto à possibilidade metafísica de que Jesus era um ser divino/celestial/espiritual que se poderia ter tornado um ser humano real ao abandonar o seu estatuto divino. Na minha opinião, tal possibilidade levanta uma série de questões incómodas: será que esta condição humana despojada ainda conservaria toda a memória da sua glória pre-encarnada? (Se assim foi, então ele tinha uma vantagem injusta sobre o resto de nós, filhos de Adão, porque tal memória teria sido uma motivação extremamente poderosa para a vitória sobre a tentação. Na verdade, poder-se-ia argumentar que tal memória significaria que havia pouca necessidade de viver pela fé porque agora podia viver pela vista, por assim dizer).

É extremamente difícil, se não impossível, para mim classificar uma pessoa tão bem como qualquer coisa que se assemelhe a um ser humano real. Modifica também definitivamente o significado bíblico de “gerar”, que tanto em hebraico como em grego conota claramente a criação (início, geração, nascimento). Como vimos, a definição precisa de Gabriel do Filho de Deus é que ele é alguém que foi milagrosamente gerado no ventre de Maria pela energia criativa de Deus. Ele é o Filho de Deus cuja existência começou na história em Maria. Jesus não era o Filho de Deus antes do seu nascimento em Maria, de acordo com *Lucas 1:35*. Ele não foi transmutado de outra existência para uma existência humana.

Além disso, agora que sugere que ele é exaltado de volta ao lugar onde estava antes, permanecerá para sempre “um verdadeiro ser humano” ou regressará ao que era antes – um anjo – algo que, claro, nunca poderá ser realmente? Se ele ainda mantém a condição humana, deve obviamente ter uma natureza dual, possibilidade que sugere fortemente um dualismo doutrinário, certo? Pior ainda, tal possibilidade desqualificaria agora Jesus como o nosso grande sumo sacerdote, que por definição deve ser escolhido entre os homens para ser designado em nome dos homens nas coisas que pertencem a Deus (ver *Hebreus 5:1*).

Estas são algumas das minhas preocupações iniciais em relação à sua abertura a um Filho de Deus pré-existente. Gosto da sua insistência em que a sua linha de pensamento pode não ser necessariamente a interpretação correta dos dados bíblicos. Contudo, a sua admissão de que um Filho pré-existente é lógica ou metafisicamente possível é o mesmo tipo de investigação minuciosa que causou todo o desastre da Trindade em primeiro lugar. É claro que os hebreus não pensavam nestas categorias metafísicas. Os gregos fizeram isso. Isto sugerir-me-ia que toda esta linha de investigação é estranha à revelação bíblica e está repleta de sinais de alerta.

Como disseste, este é um ótimo tópico. Há muito, muito mais. Mas terminarei referindo-me novamente a *1 Tessalonicenses 4:16*. A inferência de que, porque Jesus vem com a voz de um arcanjo, deve ser que Miguel está fraco. O texto diz que o regresso de Jesus será acompanhado por uma ordem, pela voz de um arcanjo assistente e pela trombeta de Deus. Estar acompanhado por um arcanjo não significa que alguém seja um arcanjo, tal como o som de uma trombeta quando Jesus regressa não significa que seja uma trombeta!

Apêndice 3

Divina Comissão

O princípio da comissão divina na Bíblia é omnipresente. Para o leitor atento, o que se segue é apenas uma amostra de outros textos bíblicos para melhor ilustrar o entendimento hebraico de que “o mediador (ou mensageiro) de uma pessoa é considerado a própria pessoa”.

Em Deuteronômio 25:19, Deus ordena solenemente aos israelitas que eles próprios deviam “apagar a memória” das amalecitas de debaixo do céu, porque tinham atacado os retardatários e os fracos dos israelitas que marchavam para tomar posse da terra: “*destruirás Amaleque*”. As amalecitas não demonstraram reverência a Deus, pelo que o Senhor ordenou a sua aniquilação pelos exércitos de Israel. No entanto, no versículo paralelo de *Êxodo 17:14*, Deus diz: “*eu totalmente hei de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus*”. Portanto, é claro que Israel agiu como agente de Deus na destruição de Amaleque. Os israelitas lutaram, mas para a mente hebraica foi o próprio Deus que exterminou Amaleque. O ensinamento é: És tu, mas sou eu!

Outro exemplo notável deste princípio encontra-se em *Juízes 2*. O anjo de Jeová sobe de Gilgal e fala na primeira pessoa: “*Do Egito vos fiz subir; e vos trouxe à terra que a vossos pais tinha jurado e disse: Nunca invalidarei a minha aliança convosco ..., mas vós não obedecestes à minha voz*” (*Juízes 2:1, 2*). Ao desobedecer às palavras do anjo, o povo foi culpado de desobediência ao próprio Deus. “*E sucedeu que, falando o anjo do SENHOR estas palavras a todos os filhos de Israel, o povo levantou a sua voz e chorou*” (2:4). O princípio é: o anjo enviado ou comissionado é considerado o próprio Deus.

Noutra ocasião, o rei Saul e os seus exércitos travaram uma dura batalha contra os filisteus. O filho de Saul “*E Jônatas feriu a guarnição dos filisteus, que estava em Gibeá*” (*1 Samuel 13:3*). No entanto, as Escrituras registam o resultado desta forma: “*Saul feriu a guarnição dos filisteus*” (*versículo 4*). A solução é que no pensamento hebraico a personalidade de um rei se estendia a toda a sua família, de modo que o representante-mensageiro era concebido como sendo pessoalmente – e nas suas próprias palavras e ações – a presença do remetente.

Outro exemplo clássico do princípio da agência divina (mediação) encontra-se em *2 Crônicas 4*. O mobiliário do templo de Salomão é atribuído à obra de Hiram: “*Também Hirão fez as caldeiras, as pás e as bacias. Assim acabou Hirão de fazer a obra, que fazia para o rei Salomão, na casa de Deus*” (*2 Crônicas 4:11*). Contudo, alguns versículos depois lemos: “*E fez Salomão todos estes objetos em grande abundância, que não se podia averiguar o peso do cobre. Fez também Salomão todos os objetos que eram para a casa de Deus, como também o altar de ouro, e as mesas, sobre as quais estavam os pães da proposição. E os castiçais com as suas lâmpadas de ouro finíssimo, para as acenderem segundo o costume, perante o oráculo*” (*2 Crônicas 4:18-20*). Quem fez isto? Para a mente hebraica não há aqui qualquer confusão. O próprio Salomão agiu pessoalmente através do seu agente comissionado, Hirão.

Outras passagens que vale a pena espreitar incluem *Josué 5:13-6:2*; *Juízes 2:1-4*; *1 Samuel 12:5-8* juntamente com o *Salmo 77:20*; *2 Reis 14:27*; *1 Crônicas 10:13, 14*.

Bibliografia

- Agostini, Mike.** *“The Dying Experience and Learning How to Live”* (A experiência de morrer e aprender a viver). Vaucluse Press, 2004.
- Althaus, Paul.** *“The Theology of Martin Luther”* (A Teologia de Martinho Lutero). Fortress Press, 1966.
- Armstrong, Karen.** *“The Battle for God: Fundamentalism in Judaism, Christianity and Islam”* (A Batalha por Deus: Fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e Islã). London: Harper Collins, 2000.
- Armstrong, Karen.** *“A History of God”* (Uma História de Deus). London: Mandarin, 1993.
- Baigent, Michael, Leigh, Richard and Lincoln, Henry.** *“The Messianic Legacy”* (O legado messiânico). N.S.W., Australia: Transworld Publishers, 1987.
- Bainton, Roland H.** *“The Reformation of the Sixteenth Century”* (A Reforma do século XVI). Boston: Beacon Press, 1952.
- Bainton, Roland H.** *“The Travail of Religious Liberty: Nine Biographical Studies”* (Os Desejos da Liberdade Religiosa: Nove Estudos Biográficos). Philadelphia: Westminster Press, 1951.
- Barclay, William.** *“The Acts of the Apostles”* (Los Hechos de los Apóstoles). Edinburgh: Saint Andrew Press, 1953.
- Barclay, William.** *“Jesus as They Saw Him”* (Jesus como o viam). Amsterdam: SCM Press, 1962.
- Brown, Dan.** *“The Da Vinci Code”* (O Código Da Vinci). Australia: Random House.
- Brown, Raymond.** *“The Birth of the Messiah: A Commentary on the Infancy Narratives in the Gospels of Matthew and Luke”* (O Nascimento do Messias: Comentário sobre os Relatos da Infância dos Evangelhos de Mateus e Lucas). New York: Doubleday, 1993.
- Brown, Raymond.** *“An Introduction to New Testament Christology”* (Uma Introdução à Cristologia do Novo Testamento). New York: Paulist Press, 1994.
- Brunner, Emil.** *“The Christian Doctrine of God, Dogmatics”* (Doutrina Cristã de Deus, Dogmática). Philadelphia: Westminster Press, 1949.
- Buswell, J.O.** *“A Systematic Theology of the Christian Religion”* (Teologia Sistemática da Religião Cristã). Zondervan, 1962.
- Buzzard, Anthony.** *“The Coming Kingdom of the Messiah: A Solution to the Riddle of the New Testament”* (O Reino Vindouro do Messias: Uma Solução para o Enigma do Novo Testamento). Restoration Fellowship, 2002.
- Buzzard, Anthony.** *“Jesus Was Not a Trinitarian”* (Jesus não era trinitário), Restoration Fellowship, 2007.
- Buzzard, Anthony.** *“Our Fathers Who Aren't in Heaven: The Forgotten Christianity of Jesus the Jew”* (Nossos pais que não estão no céu: o cristianismo esquecido de Jesus, o judeu). Restoration Fellowship, 1999.
- Buzzard, Anthony.** *“Who Is Jesus?: A Plea for a Return to Belief in Jesus, the Messiah”* (Quem é Jesus?: Um Apelo para Crer em Jesus, o Messias Novamente). Restoration Fellowship.
- Buzzard, Anthony and Hunting, Charles.** *“The Doctrine of the Trinity: Christianity's Self-Inflicted Wound”* (A Doutrina da Trindade: A Ferida Autoinfligida do Cristianismo). Lanham, MD: International Scholars Publications, 1998.
- Chang, Eric H.H.** *“The Only True God: A Study of Biblical Monotheism”* (O Único Deus Verdadeiro: Um Estudo do Monoteísmo Bíblico). Xlibris, 2009.

Criswell, W.A. “*The Holy Spirit in Today’s World*” (O Espírito Santo no mundo de hoje). Grand Rapids, MI: Zondervan, 1966.

Dunn, James D.G. “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo). London: SCM Press, 1989.

Duran, Will. “*The Story of Civilization from Wycliff to Calvin: 1300-1564*” (A História da Civilização de Wycliff a Calvino: 1300-1564). New York: Simon & Schuster, 1957.

Edwards, Douglas. “*The Virgin Birth in History and Faith*” (O Nascimento da Virgem na História e na Fé). London: Faber & Faber, 1941.

Ehrman, Bart D. “The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament” (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras: O Efeito das Controvérsias Cristológicas Iniciais no Texto do Novo Testamento). Oxford University Press, 1993.

Erickson, Millard J. “*God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity*” (Deus em Três Pessoas: Uma Interpretação Contemporânea da Trindade). Grand Rapids: Baker Books, 1995.

Freke, Timothy and Gandy, Peter. “*The Jesus Mysteries: Was the Original Jesus a Pagan God?*” (Os Mistérios de Jesus: O Jesus Original era um Deus pagão?) London: Harper Collins, 1999.

Funk, Robert W. “*Honest to Jesus: Jesus for a New Millennium*” (Honesto com Jesus: Jesus para um Novo Milênio). Sydney, Australia: Hodder & Stroughton, 1996.

Gade, Richard E. “*A Historical Survey of Anti-Semitism*” (Uma revisão histórica do antissemitismo). Grand Rapids: Baker Book House, 1981.

Gibbon, E. “*The Decline and Fall of the Roman Empire*” (Declínio e queda do Império Romano). Penguin Classics, 1976.

Goldstone, Lawrence and Nancy. “*Out of the Flames: The Remarkable Story of a Fearless Scholar, A Fatal Heresy, and One of the Rarest Books in the World*” (Out of the Flames: A extraordinária história de um erudito destemido, uma heresia fatal e um dos livros mais estranhos do mundo). New York: Broadway Books, 2002.

Graeser, Mark H., Lynn, John A., and Schoenheit, John W. “*One God and One Lord: Reconsidering the Cornerstone of the Christian Faith*” (Um Deus e Um Senhor: Reconsiderando a Pedra Angular da Fé Cristã). Indianapolis: Christian Educational Services, 2003.

Hach, Robert. “*Possession and Persuasion: The Rhetoric of Christian Faith*” (Possessão e persuasão: a retórica da fé cristã), Xlibris, 2001.

Haight, Roger. “*Jesus: Symbol of God*” (Jesus: Símbolo de Deus). Maryknoll, NY: Orbis Books.

Harrison, Everett F. “*Romans, Expositor’s Bible Commentary*” (Romanos, Comentário Bíblico do Expositor). Zondervan, 1976.

Henry, Matthew. “*Commentary on the Whole Bible, Genesis to Revelation*” (Comentários sobre toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse). London: Marshall, Morgan & Scott, 1960.

Herrin, Judith. “*The Formation of Christianity*” (A Formação do Cristianismo). London: Fontana Press, 1987.

Hopkins, Richard R. “*How Greek Philosophy Corrupted the Christian Concept of God*” (Como a filosofia grega corrompeu o conceito cristão de Deus). Horizon Publishers, 2005.

Hunt, Dave and McMahon, T.A. “*The Seduction of Christianity: Spiritual Discernment in the Last Days*” (A Sedução do Cristianismo: Discernimento Espiritual nos Últimos Dias). Oregon: Harvest House Publishers, 1986.

Jones, Ian. “*Joshua, The Man They Called Jesus*” (Joshua, o homem a quem chamavam Jesus). Melbourne, Australia: Griffin Press.

- Kahl, Joachim.** *“The Misery of Christianity: A Plea for Humanity Without God”* (A miséria do cristianismo: um apelo pela humanidade sem Deus). Pelican Books, 1971.
- Kimel Jr., Alvin,** ed. *“This Is My Name Forever: The Trinity and Gender Language for God”* (Este É Meu Nome Para Sempre: A Trindade e a Linguagem de Gênero para Deus). Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001.
- Kuschel, Karl-Josef.** *“Born Before All Time? The Dispute over Christ's Origin”* (Nasceu antes de todos os tempos? A disputa sobre a origem de Cristo). New York: Crossroad, 1992.
- Ladd, G.E.** *“A Theology of the New Testament”* (Uma Teologia do Novo Testamento). Grand Rapids: Eerdmans, 1974.
- Lewis, C.S.** *“Mere Christianity”* (Mero Cristianismo), New York: Macmillan, 1943.
- Lloyd-Jones, Martyn.** *“God the Father, God the Son: Great Doctrines Series”* (Deus Pai, Deus Filho: Série Grandes Doutrinas). London: Hodder & Stoughton, 1996.
- Lloyd-Jones, Martyn.** *“Romans: Exposition of Chapter 10, Saving Faith”* (Romanos: Exposição do Capítulo 10, Fé Salvador). Edinburgh: Banner of Truth, 1997.
- Lockhart, Douglas.** *“Jesus the Heretic: Freedom and Bondage in a Religious World”* (Jesus, o Herege: Liberdade e Escravidão num Mundo Religioso). Melbourne, Australia: Element, 1997.
- Manson, T.W.** *“On Paul and John”* (Sobre Paulo e João). SCM Press, 1967.
- Mathes, James.** *“Address to the Christian Churches: Works of Elder B.W”* (Discurso às Igrejas Cristãs: Obras do Élder B.W). Stone. 2nd edition.
- McCready, Douglas.** *“He Came Down From Heaven: The Preexistence of Christ and the Christian Faith”* (Ele Desceu do Céu: A Pré-Existência de Cristo e a Fé Cristã), Intervarsity Press, 2005.
- McDowell, Josh and Larson, Bart.** *“Jesus: A Biblical Defense of His Deity”* (Jesus: Uma Defesa Bíblica de Sua Divindade). San Bernadino, CA: Here's Life Publishers, 1983.
- McGrath, Alister E.** *“A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture”* (A Vida de João Calvino: Um Estudo na Formação da Cultura Ocidental), Oxford: Blackwell, 1993.
- Morgridge, Charles.** *“The True Believer's Defence Against Charges Preferred by Trinitarians for Not Believing in the Deity of Christ”* (A Defesa do Verdadeiro Crente Contra as Acusações Favoritas dos Trinitários de Não Acreditar na Divindade de Cristo). Boston: B. Green, 1837.
- Morris, Leon.** *“Spirit of the Living God: The Bible's Teaching on the Holy Spirit”* (Espírito do Deus Vivo: O Ensino da Bíblia sobre o Espírito Santo). London: InterVarsity Press, 1974.
- Moulton, J.H.** ed. *“Grammar of New Testament Greek”* (Gramática do Grego do Novo Testamento). T & T Clark, 1963.
- Nolan, Albert.** *“Jesus Before Christianity: The Gospel of Liberation”* (Jesus Antes do Cristianismo: O Evangelho da Libertação). London: Darton, Longman & Todd, 1986.
- Packer, J.I.** *“Keep in Step with the Spirit”* (Acompanhar o ritmo do Espírito). InterVarsity Press, 1984.
- Packer, J.I.** *“Knowing God”* (Conhecendo a Deus). London: Hodder & Stoughton, 1973.
- Pagels, Elaine.** *“Beyond Belief: The Secret Gospel of Thomas”* (Para lá da Crença: O Evangelho Secreto de Tomé). New York: Random House, 2003.
- Prestidge, Warren.** *“Life, Death and Destiny”* (Vida, morte e destino). Auckland, New Zealand: Resurrection Publishing, 1998.

- Rice, John R.**, *“The Coming Kingdom of Christ”* (O vindouro Reino de Cristo). Murfreesboro, TN: Sword of the Lord Publishers, 1945.
- Robertson, Nicoll.** *“The Expositor's Greek Commentary”* (O Comentário Grego do Expositor). Grand Rapids: Eerdmans, 1967.
- Robinson, J.A.T.** *“In the End God”* (Ao final Deus). London: SCM Press, 1950.
- Rubenstein, Richard E.** *“When Jesus Became God: The Epic Fight over Christ's Divinity in the Last Days of the Rome”* (Quando Jesus Se Tornou Deus: A Luta Épica pela Divindade de Cristo nos Últimos Dias de Roma). New York: Harcourt Brace & Co., 1999.
- Schonfield, Hugh.** *“Those Incredible Christians”* (Aqueles cristãos incríveis). New York: Bantam Books, 1968.
- Selwyn, E.G.** *“First Epistle of St. Peter”* (Primeira Epístola de São Pedro). Baker Book House, 1983.
- Snaith, N.H.** *“The Distinctive Ideas of the Old Testament”* (As Ideias Distintivas do Antigo Testamento). Epworth Press, 1944.
- Spong, John Shelby.** *“Born of a Woman: A Bishop Rethinks the Birth of Jesus”* (Nascido de uma mulher: Um bispo reconsidera o nascimento de Jesus). San Francisco: Harper, 1992.
- Torrey, R.A.** *“The God of the Bible”* (O Deus de La Bíblia). New York: George Doran Co., 1923.
- Vermes, Geza.** *“Jesus the Jew”* (Jesús O Judío). London: SCM Press, 1994.
- Walker, Benjamin.** *“Gnosticism: Its History and Influence”* (Gnosticismo: sua história e influência). Crucible, 1989.
- Werblowsky, R.J.Z. and Wigoder, Geoffrey,** New York: Adama Books, 1986.
- Wright, N.T.** *““The Mission and Message of Jesus” in The Meaning of Jesus: Two Visions”* (“A Missão e a Mensagem de Jesus” em O Significado de Jesus: Duas Visões). HarperSanFrancisco, 1999.
- Wright, N.T.** *“Who Was Jesus?”* (Quem Foi Jesus?) London: SP